

AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

ANNE RICE

SANGUE E OURO

Rocco

ANNE RICE

SANGUE E OURO

CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME VIII

Tradução de Waldéa Barcellos

Digitalização de Yuna (Toca Digital)

Formatação de LeYtor



Em mais um episódio das Crônicas Vampirescas, Anne Rice, a mestra do terror gótico moderno, brinda seus leitores com um romance que transcende épocas, mitos e a própria morte, narrando a trajetória de um de seus mais fascinantes e enigmáticos personagens.

Marius, um dos mais antigos Filhos das Trevas, aquele que carrega consigo os mais mórbidos segredos, foi durante séculos o fiel guardião de Akasha e Enkil, os criadores de todos os vampiros, em seus sonos catatônicos, sendo, assim, responsável pela sobrevivência de toda a sua espécie. Exercendo um papel decisivo nos fatos narrados com maestria por Anne Rice, no hoje já clássico *A rainha dos condenados,* Marius foi um dos poucos vampiros capazes de aplacar a fúria da Mãe, desperta por mais uma das peripécias do célebre vampiro Lestat e, assim, salvar os Filhos das Trevas da extinção definitiva.

Após os horrores presenciados nesse episódio, Marius passa anos recluso em uma gélida cidade nórdica até receber a visita de Thorne, um bebedor de sangue criado por Maharet, uma vampira tão antiga e poderosa quanto o próprio Marius e que, como ele, possuiu um papel decisivo na destruição de Akasha e de seus planos malévolos. Apaixonado por sua criadora, Thorne conta com a ajuda de Marius para reencontrá-la. Este, acaba por lhe narrar sua própria história, que se inicia na Roma de Augusto, passando por cenários belos e exóticos como o Egito, Constantinopla e a Itália renascentista, onde conheceu figuras ilustres como Botticelli, tendo como ponto culminante o confronto final com Akasha.

Sangue e ouro é um romance sombrio, violento e fascinante, assim como as criaturas que descreve. A autora narra a saga dos bebedores de sangue desde os séculos mais remotos até os dias de hoje, revelando que o dom da vida eterna pode se transformar no mais horrível dos fardos.

Título original
BLOOD AND GOLD
The Vampire Chronicles

Copyright © 2001 *by* Anne O'Brien Rice

Todos os direitos reservados incluindo os de
reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar
20011-040 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: 2507-2000 – Fax: 2507-2244
e-mail: rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
RYTA VINAGRE

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R381s Rice, Anne, 1941–
Sangue e ouro: as crônicas vampirescas / Anne Rice; tradução de Waldéa Barcellos. – Rio de Janeiro: Rocco, 2002

Tradução de: Blood and gold: the vampire chronicles
ISBN 85-325-1353-7

1. Ficção norte-americana. I. Barcellos, Waldéa. II. Título.

CDD – 813
02-1164 CDU – 820(73)-3

Dedicado ao meu querido marido, Stan Rice,
e à minha querida irmã Karen O’Brien

CAPÍTULO 1



O OUVINTE

SEU NOME ERA THORNE. No antigo idioma das runas, era mais comprido — Thomevald. Mas, quando se tornou um bebedor de sangue, o nome fora mudado para Thorne. E Thorne ele continuava sendo agora, séculos depois, ali deitado na sua caverna no gelo, em sonhos.

Quando chegou pela primeira vez à terra congelada, sua esperança tinha sido a de dormir para sempre. No entanto, de vez em quando a sede de sangue o despertava; e, usando o Dom da Nuvem, ele alçava vôo e saía em busca dos Caçadores da Neve.

Alimentava-se deles, com cuidado para nunca tirar sangue demais, de tal modo que ninguém morresse por sua causa. E, quando precisava de peles e botas, também as apanhava antes de voltar para seu esconderijo.

Esses Caçadores da Neve não eram da sua gente. Tinham a pele morena e os olhos oblíquos, e falavam uma língua diferente, mas ele os havia conhecido nos tempos de outrora, quando viajara com o tio pelas terras do Oriente como mercador. Não gostara do comércio. Preferia a guerra. Mas havia aprendido muito naquelas aventuras.

Em seu sono no norte, ele sonhava. Não tinha como evitar. O Dom da Mente fazia com que ouvisse a voz dos outros bebedores de sangue.

A contragosto, via através dos olhos deles e contemplava o mundo como eles o contemplavam. Às vezes não se importava. Até gostava. Objetos modernos o divertiam. Escutava a música elétrica ao longe. Com o Dom da Mente, compreendia coisas como locomotivas a vapor e estradas de ferro. Chegava mesmo a entender computadores e automóveis. Sentia que conhecia as cidades que deixara para trás, muito embora já se houvessem passado séculos desde que as abandonara.

Começara a ter consciência de que não iria morrer. A solidão em si não conseguiria destruí-lo. O desamparo não seria suficiente. E por isso dormia.

Aconteceu então uma coisa estranha. Uma catástrofe abateu-se sobre o mundo dos bebedores de sangue.

Surgira um jovem cantor de sagas. Chamava-se Lestat, e, em sua música elétrica, Lestat retransmitia antigos segredos, segredos que Thorne jamais conhecera.

Erguera-se então uma Rainha, ser nefasto e ambicioso. Alegava ter dentro de si o Cerne Sagrado de todos os bebedores de sangue, de tal modo que, se ela morresse, toda a espécie pereceria com ela.

Thorne ficara pasmo.

Nunca tinha ouvido esse tipo de mito a respeito da sua própria gente. Não sabia se acreditava naquilo.

No entanto, enquanto dormia, enquanto sonhava, essa Rainha começou, com o Dom do Fogo, a destruir os bebedores de sangue por toda parte no mundo inteiro. Thorne ouvia seus gritos quando tentavam fugir. Via sua morte quando outros a estavam presenciando.

Enquanto vagava pela terra, essa Rainha aproximou-se de Thorne, mas o ignorou. Ele estava mudo, oculto na sua caverna. Talvez ela não houvesse sentido sua presença. Mas ele havia percebido a dela, e nunca na vida encontrara tamanha idade ou força a não ser na bebedora que lhe dera o Sangue.

E ele se descobria pensando nela, na Criadora, a bruxa ruiva de olhos sangrentos.

A catástrofe entre sua gente piorou. Um número maior foi abatido; e dos esconderijos surgiram bebedores de sangue tão velhos quanto a própria Rainha; e Thorne viu esses seres.

Afinal, apareceu a ruiva que o criara. Ele a viu quando outros a viram. E de início não pôde acreditar que ainda estivesse viva. Fazia tanto tempo desde que a deixara no Extremo Sul que não ousava ter esperança de que ainda vivesse. Os olhos e ouvidos de outros bebedores de sangue deram-lhe a comprovação infalível. E, quando olhava para ela em sonho, era dominado por um sentimento de ternura e por uma fúria.

Estava muito bem, essa criatura que lhe dera o Sangue, desprezava a Rainha do Mal e queria impedi-la de prosseguir. O ódio que tinham uma pela outra remontava a muitos milênios.

Afinal, houve uma reunião desses seres — os antigos da Primeira Leva de bebedores de sangue, e outros que Lestat amava e que a Rainha do Mal não quis destruir.

Com pouca nitidez, deitado imóvel no gelo, Thorne ouviu sua conversa estranha, ali sentados à mesa, como um monte de Cavaleiros poderosos, só que nesse conselho as mulheres eram iguais aos homens.

Com a Rainha, eles procuraram argumentar, no esforço de persuadi-la a encerrar seu reino de violência, a abandonar seus desígnios malévolos.

Ele ouvia, mas no fundo não conseguia entender tudo o que era dito entre esses bebedores de sangue. Sabia apenas que era preciso deter a Rainha.

A Rainha amava o bebedor de sangue Lestat. Mas nem mesmo ele conseguia afastá-la do mal, tão temerária era sua intenção, tão depravada sua mente.

Teria mesmo a Rainha o Cerne Sagrado de todos os bebedores de sangue dentro de si? Se fosse assim, como seria possível destruí-la?

Thorne desejou que o Dom da Mente nele fosse mais forte, ou que o houvesse usado com maior freqüência. Durante

seus longos séculos de sono, sua força havia crescido, mas agora ele sentia a distância e percebia que estava fraco.

No entanto, enquanto observava, de olhos abertos, como se isso pudesse ajudá-lo a enxergar, entrou na sua visão outra ruiva, a irmã gêmea da mulher que o amara tanto tempo atrás. Ela o espantou, como somente os gêmeos conseguem espantar.

E Thorne compreendeu que a Criadora que ele tanto amara havia perdido sua irmã gêmea milhares de anos antes.

A Rainha do Mal era a responsável por essa tragédia. Ela desprezava as gêmeas ruivas. Ela as separara. E a gêmea perdida agora vinha cumprir uma antiga maldição que lançara sobre a Rainha do Mal.

Enquanto se aproximava cada vez mais da Rainha, a gêmea perdida pensava apenas em destruição. Não se sentou à mesa do conselho. Não quis saber de razão nem de moderação.

— Nós todos vamos morrer — murmurou Thorne, adormecido, entorpecido na neve e no gelo, com a eterna noite ártica a envolvê-lo, gelada. Não se mexeu para unir-se a seus companheiros imortais. Mas vigiava. Escutava. Era o que faria até o instante final. Não podia agir de outro modo.

Finalmente, a gêmea perdida alcançou seu destino. Investiu contra a Rainha. Os outros bebedores de sangue em volta assistiam horrorizados. Enquanto os dois seres femininos lutavam, enquanto combatiam como dois guerreiros no campo de batalha, uma estranha visão de repente dominou por inteiro a mente de Thorne, como se estivesse deitado na neve, olhando para o firmamento.

O que viu foi uma enorme teia intricada que se estendia em todas as direções e captava em si muitos pontos pulsantes de luz. No exato centro dessa teia havia uma única chama vibrante. Ele sabia que a chama era a Rainha; e sabia que os outros pontos de luz eram todos os outros bebedores de sangue. Ele próprio era um daqueles minúsculos pontos de luz. A história do Cerne Sagrado era verdadeira. Estava vendo com seus próprios olhos. E agora chegara o momento de todos se entregarem às trevas e ao silêncio. Agora era o final.

A teia vasta e complexa tornou-se brilhante e luminosa. O cerne pareceu explodir. E então tudo ficou em penumbra por um bom tempo, período durante o qual ele sentiu uma agradável vibração nos membros, como costumava sentir no puro sono, e pensou consigo mesmo: Ah, quer dizer que agora estamos morrendo. E sem nenhuma dor.

Foi, porém, semelhante a Ragnarok para seus antigos deuses, quando o grande deus, Heimdall, o Iluminador do Mundo, tocava sua trompa convocando os deuses de Aesir para a batalha final.

— E terminamos com uma guerra também — murmurou Thorne na caverna. Mas os pensamentos não terminaram.

Parecia-lhe que o melhor era que não vivesse mais, até que pensou nela, na ruiva, sua Criadora. Tinha tanta vontade de vê-la mais uma vez.

Por que ela nada lhe contara sobre a irmã gêmea perdida? Por que nunca lhe confiara os mitos sobre os quais o bebedor de sangue Lestat cantava? Sem dúvida, ela conhecia o segredo da Rainha do Mal com seu Cerne Sagrado.

Ele mudou de posição; mexeu-se ainda dormindo. A enorme teia espraiada desaparecera da sua visão. Mas, com uma clareza inusitada, ele podia ver as duas gêmeas ruivas, mulheres espetaculares.

Estavam em pé uma ao lado da outra, essas belas criaturas, uma em farrapos, a outra em trajes esplêndidos. E, através dos olhos dos outros bebedores de sangue, ele veio a saber que a gêmea desconhecida tinha matado a Rainha e tomado o Cerne Sagrado dentro de si.

— Vejam, a Rainha dos Condenados — disse a gêmea, sua Criadora, quando apresentou aos outros a irmã perdida havia tanto tempo. Thorne a compreendia. Thorne via o sofrimento no seu rosto. Mas o rosto da gêmea desconhecida, a Rainha dos Condenados, estava impassível.

Nas noites que se seguiram, os sobreviventes da catástrofe permaneceram juntos. Contavam suas histórias uns aos outros. E suas histórias enchiam o ar como nada mais que

canções dos bardos de outrora, entoadas nos salões onde se reuniam os cavaleiros. E Lestat, deixando que seus instrumentos elétricos fossem apenas música, tornou-se mais uma vez o narrador, com a criação de um relato da batalha que ele passaria sem esforço para o mundo mortal.

Logo as irmãs ruivas se afastaram, em busca de um esconderijo onde o olho distante de Thorne não as conseguia encontrar.

Tranqüilize-se, disse ele para si mesmo. Esqueça tudo o que viu. Não há motivo algum para você se erguer do gelo, nada a mais do que sempre existiu. O sono é seu amigo. Os sonhos são seus convidados inconvenientes.

Permaneça imóvel e, em pouco tempo, voltará à paz mais uma vez. Seja como o deus Heimdall antes do toque para a batalha, tão imóvel que conseguia ouvir a lã crescendo no dorso dos carneiros, e o capim crescendo ao longe nas terras em que a neve derrete.

Ocorreram-lhe porém mais visões.

O bebedor de sangue Lestat produziu mais um tumulto novo e atordoante no mundo mortal. Era um segredo maravilhoso dos primórdios cristãos que ele trazia, algo que havia confiado a uma moça mortal.

Nunca haveria paz para esse que se chamava Lestat. Ele era como alguém do povo de Thorne, como um dos guerreiros da época de Thorne.

Thorne observou quando mais uma vez a ruiva apareceu, sua linda Criadora, com os olhos vermelhos do sangue mortal como sempre, com belos trajes, e cheia de autoridade e poder. E dessa vez viera prender em correntes o infeliz Lestat.

Correntes que conseguiam segurar alguém tão poderoso?

Thorne refletiu sobre isso. Que tipo de corrente poderia realizar esse feito, era o que se perguntava. Pareceu-lhe que precisava descobrir a resposta para essa pergunta. E ele viu sua ruiva sentada ali, paciente, enquanto o vampiro Lestat, acorrentado e indefeso, lutava e vociferava, mas não conseguia se soltar.

De que eram feitos esses elos aparentemente macios que prendiam um ser daqueles? A pergunta atormentava Thorne. E por que sua ruiva Criadora amava Lestat e permitia que continuasse vivo? Por que se mantinha tão calada enquanto o jovem berrava? Como era estar preso pelas suas correntes e próximo dela?

Lembranças voltaram a Thorne: visões perturbadoras da sua Criadora quando ele, um guerreiro mortal, deparara com ela pela primeira vez numa caverna na terra ao norte que havia sido sua pátria. Era noite, e ele a vira com a roca, o fuso e os olhos sangrentos.

Da longa cabeleira ruiva ela tirava um fio após o outro e os fiava em silenciosa velocidade enquanto ele se aproximava dela.

O inverno havia sido implacável, e o fogo por trás dela parecia mágico em seu fulgor para ele ali parado na neve, a observá-la fiar como havia visto centenas de mulheres mortais fiarem.

— Uma bruxa — disse ele em voz alta.

Expulsou da mente essa recordação.

E agora ele a via enquanto vigiava Lestat, que se tornara forte como a Criadora. Via as estranhas correntes que prendiam Lestat, que não mais lutava.

Afinal, Lestat tinha sido libertado.

Recolhendo as correntes mágicas, sua ruiva Criadora o abandonara, bem como a seus companheiros.

Os outros eram visíveis, mas ela saíra de seu campo visual; e, ao sair de seu campo visual, também desapareceu da visão de Thorne.

Mais uma vez ele se propôs a continuar o sono. Abriu a mente para ele. Mas as noites passavam uma a uma na caverna gelada. O ruído do mundo era ensurdecedor e amorfo.

E, à medida que o tempo passava, ele não conseguia se esquecer da visão daquela que havia perdido no passado tão remoto. Não conseguia se esquecer de que ela continuava tão

cheia de vitalidade e beleza como sempre; e antigos pensamentos voltaram a perturbá-lo com uma intensidade penetrante.

Por que haviam brigado? Ela realmente lhe havia virado as costas um dia? Por que ele detestava tanto seus outros companheiros? Por que se ressentia dos outros bebedores de sangue errantes que, quando descobriam a ela e a sua companhia, a adoravam enquanto todos conversavam sobre suas viagens no Sangue?

E os mitos — o da Rainha e o do Cerne Sagrado — teriam tido importância para ele? Ele não sabia. Não tivera nenhuma sede de mitos. Isso o confundia. E não conseguia expulsar da cabeça a imagem de Lestat preso por aquelas correntes misteriosas.

As recordações não queriam deixá-lo em paz.

Foi no meio do inverno, quando o sol não brilha de modo algum sobre o gelo, que ele se deu conta de que o sono o havia abandonado. E que nunca mais teria paz.

E assim, ergueu-se da caverna e começou sua longa caminhada para o sul através da neve, sem se apressar, enquanto escutava as vozes elétricas do mundo lá embaixo, sem ter certeza se queria voltar a entrar nele.

O vento soprava sua basta cabeleira ruiva. Ele levantou a gola forrada de pele para cobrir a boca e limpou o gelo das sobrancelhas. Logo suas botas estavam molhadas, e por isso ele estendeu bem os braços, invocando sem palavras o Dom da Nuvem, e começou a subir para poder viajar em vôo rasante acima da terra, procurando ouvir outros da sua espécie, na esperança de encontrar alguém antigo como ele, alguém que o acolhesse bem.

Cansado do Dom da Mente e de suas mensagens aleatórias, ele queria ouvir palavras pronunciadas

CAPÍTULO 2



VIAJOU ALGUMAS NOITES e alguns dias sem sol no meio do inverno. Mas não demorou muito para ouvir o grito de outro. Era um bebedor de sangue mais velho que ele, e numa cidade que Thorne havia conhecido séculos antes.

Em seu sono noturno, nunca chegara a se esquecer dessa cidade. Ela havia sido um grande centro comercial com uma bela catedral. Mas, na longa viagem para o norte tantos anos antes, ele a encontrara vítima da temida peste, e não havia acreditado que perduraria.

Na realidade, aquela terrível peste havia sido tão medonha, tão impiedosa que parecia a Thorne que todos os povos do mundo seriam extintos.

Mais uma vez, recordações nítidas o atormentaram.

Sentiu o cheiro e viu a época da peste quando as crianças vagavam a esmo sem pais, e os corpos jaziam empilhados. O cheiro de carne em decomposição estava por toda parte. Como poderia explicar a alguém a profunda tristeza que sentia pela humanidade por uma calamidade daquelas ter se abatido sobre os homens?

Não queria ver o fim das cidades e lugarejos, mesmo que ele próprio não fizesse parte deles. Quando se alimentava dos infectados, ele não se infectava. Mas não tinha como curar ninguém. Havia ido para o norte, talvez considerando que todas as maravilhas realizadas pela humanidade seriam

cobertas pela neve, por trepadeiras ou pela própria terra macia num esquecimento definitivo.

Mas nem tudo havia morrido, como na época ele temia. Na realidade, as pessoas da própria cidadezinha haviam sobrevivido, e seus descendentes ainda moravam nas estreitas ruas medievais de pedras arredondadas pelas quais ele caminhava, mais tranqüilizado pela limpeza ali do que jamais sonhara que poderia se sentir.

E, era bom estar naquele lugar organizado e cheio de vida.

Como eram sólidas e esmeradas as antigas casas de madeira! E no entanto máquinas modernas zumbiam e estalavam no seu interior. Ele podia sentir e ver os milagres que havia apenas vislumbrado através do Dom da Mente. As televisões estavam repletas de sonhos coloridos. E as pessoas conheciam uma proteção contra a neve e o gelo que sua época jamais dera a ninguém.

Queria conhecer outras dessas maravilhas, e isso o surpreendeu. Queria ver trens e navios. Queria ver aviões e automóveis. Queria ver computadores e telefones sem fio.

Talvez pudesse fazer isso. Talvez pudesse aproveitar seu tempo. Não voltara à vida com nenhuma intenção semelhante, mas também quem disse que deveria cumprir sua missão às pressas? Ninguém sabia da sua existência, a não ser talvez esse bebedor de sangue que chamava por ele, essa criatura que abria a própria mente com tanta facilidade.

Onde estava esse bebedor de sangue — o que ouvira apenas algumas horas atrás? Emitiu um chamado longo e mudo, sem revelar seu nome, mas garantindo apenas que oferecia amizade.

Veio rápida a resposta. Com o Dom da Mente, viu um desconhecido de cabelo louro. A criatura estava sentada numa sala dos fundos de uma taberna especial, um lugar onde os bebedores de sangue costumavam se reunir.

Venha ter comigo.

A instrução era clara, e Thorne se apressou para chegar lá. Ao longo do último século, tinha ouvido as vozes de bebedores de sangue falar de abrigos daquele tipo. Tabernas de vampiros, bares de bebedores de sangue, clubes de bebedores de sangue. Eles compunham a Conexão Vampiro. Incrível! Isso fez com que sorrisse.

Com o olhar mental, viu mais uma vez a alucinação luminosa e perturbadora da enorme teia retendo tantas luzinhas pulsantes. Essa visão tinha sido de todos os bebedores de sangue interligados ao Cerne Sagrado da Rainha do Mal. Mas essa Conexão Vampiro era uma reverberação de uma teia daquelas, e isso o fascinava.

Será que eles chamavam uns aos outros em computadores, esses bebedores de sangue modernos, abandonando por completo o Dom da Mente? Jurou que nada deveria assustá-lo.

E no entanto sentia tremores em todo o corpo quando se lembrava dos vagos sonhos sobre a calamidade.

Rezava e esperava que seu amigo recém-encontrado confirmasse aquilo que havia visto. Rezava e esperava que o bebedor de sangue fosse realmente velho, não jovem, fraco e desajeitado.

Rezava pedindo que esse bebedor de sangue tivesse o dom da palavra. Pois, acima de tudo, queria ouvir palavras. Ele próprio raramente encontrava as palavras certas. E agora, acima de tudo, queria escutar.

Tinha quase chegado à parte mais baixa da ladeira, com a neve caindo leve à sua volta, quando viu a placa da taberna: O Lobisomem.

Deu-lhe vontade de rir.

Quer dizer que esses bebedores de sangue se divertem com suas brincadeiras imprudentes, refletiu. Na sua época, tudo era muito diferente. Quem no seu próprio povo não acreditava que um homem pudesse se transformar num lobo? Quem no seu próprio povo não teria feito qualquer coisa para impedir que esse mesmo mal se abatesse sobre ele?

Mas ali estava a brincadeira, o conceito, com a placa pintada balançando nas dobradiças com o vento gelado, e as janelas muito iluminadas providas de grades, abaixo da placa.

Puxou a maçaneta da porta pesada e de imediato se encontrou numa sala apinhada de gente, aquecida e impregnada do cheiro de vinho, cerveja e sangue humano.

O calor em si já era irresistível. Na verdade, ele nunca havia sentido nada que pudesse se assemelhar. O calor estava por toda parte. Era uniforme e fantástico. E passou pela sua cabeça que nem um único mortal ali presente se dava conta de como aquele calor era de fato maravilhoso.

Pois, nos tempos de outrora, um calor semelhante teria sido impossível; e o inverno implacável era a maldição comum a todos.

Não havia, porém, tempo para esse tipo de pensamento. Não se surpreenda, relembrou-se.

No entanto, a tagarelice transbordante dos mortais o paralisava. O sangue à sua volta o paralisava. Por um instante, a sede o assoberbou. Nessa multidão barulhenta e indiferente, sentiu que poderia se descontrolar, agarrando um aqui e outro ali, só para ser descoberto, o monstro em meio ao povo que então o perseguiria até destruí-lo.

Encontrou um lugar na parede e se encostou ali, de olhos fechados.

Lembrou-se daqueles do seu clã correndo montanha acima, em busca da bruxa de cabelos ruivos que jamais encontrariam. Somente Thorne a vira. Thorne a vira arrancar os olhos do guerreiro morto para enfiá-los nas suas próprias órbitas. Thorne a vira voltar através da neve fraca até a caverna onde erguera sua roca. Thorne a vira enrolar o fio de um vermelho dourado no fuso. E o clã havia querido destruí-la; e, brandindo o machado, ele se encontrava entre eles.

Como tudo parecia tolice agora, porque era vontade dela que Thorne a visse. Viera ao norte em busca de um guerreiro como Thorne. Escolhera Thorne e amava sua juventude, sua força e sua pura coragem.

Ele abriu os olhos.

Os mortais naquele lugar não lhe prestavam nenhuma atenção, muito embora seus trajes estivessem terrivelmente gastos. Quanto tempo ele poderia passar sem ser visto? Não tinha moedas nos bolsos para pagar seu lugar a uma mesa, ou mesmo uma caneca de vinho.

Mas veio-lhe de novo a voz do bebedor de sangue, a persuadi-lo, a tranqüilizá-lo.

Você precisa ignorar as pessoas. Elas não sabem nada sobre nós nem sobre os motivos pelos quais mantemos este lugar. São peões. Venha até aporta dos fundos. Empurre-a com toda a força, e ela se abrirá para você.

Parecia impossível que pudesse atravessar a sala, que esses mortais não saberiam que ele era ou o que era.

Mas ele precisava superar esse medo. Precisava chegar ao bebedor de sangue que o estava convocando.

Abaixou a cabeça, subindo a gola para encobrir a boca, e abriu caminho entre os corpos macios, procurando não encarar os olhos dos que o olhavam de relance. E, quando viu a porta sem maçaneta, empurrou-a de imediato, como ele o havia instruído.

Ela dava para um aposento espaçoso em penumbra, com velas grossas dispostas em cada uma das mesas de madeira que ali estavam espalhadas. O calor era tão concreto e agradável quanto o da sala exterior.

E o bebedor de sangue estava só.

Era uma criatura alta e loura, cujo cabelo amarelo era quase branco. Tinha olhos azuis, inflexíveis, e um rosto delicado, coberto com uma fina camada de sangue e cinza para proporcionar uma aparência mais humana aos olhos mortais. Usava uma capa de um vermelho vivo, com capuz, que estava jogado para trás, e o cabelo era comprido e muito bem penteado.

Pareceu belíssimo a Thorne, bem-educado, e mais parecido com uma criatura de livros que um homem da

espada. Tinha mãos grandes, mas elas eram longas, e os dedos, elegantes.

Ocorreu a Thorne que havia visto esse ser com o Dom da Mente, sentado à mesa do conselho com os outros bebedores de sangue antes da derrocada da Rainha do Mal.

É, ele havia visto esse mesmo. Era esse que tinha se esforçado tanto para convencer a Rainha, muito embora no íntimo ocultasse uma raiva apavorante e um ódio irracional.

É, Thorne havia visto esse mesmo lutando com palavras, palavras muito bem escolhidas, para salvar a todos.

O bebedor de sangue fez um gesto para que se sentasse à direita, encostado na parede.

Aceitou o convite e se descobriu numa longa almofada de couro, com a chama da vela dançando maliciosa diante de si, lançando a luz travessa no interior dos olhos do outro vampiro. Ele agora sentia o cheiro de sangue no outro. Percebia que o rosto do outro estava aquecido com ele, da mesma forma que suas mãos longas e afiladas.

É, já cacei hoje, mas me disponho a caçar de novo com você. Você precisa.

— É — disse Thorne. — Faz tanto tempo que você não pode imaginar. Sofrer na neve e no gelo foi simples. Mas agora elas estão em toda a minha volta, essas criaturas tenras.

— Entendo — disse o outro bebedor de sangue. — Eu sei. Aquelas eram as primeiras palavras que Thorne proferia em voz alta para alguém em anos e anos, e ele fechou os olhos para poder apreciar o momento. A memória era uma maldição, é claro, pensou ele, mas era também a maior das dádivas. Porque, se você perder a memória, perdeu tudo.

Voltou a lhe ocorrer um pouco da sua antiga religião — a história de que, pela memória, Odin dera um olho e ficara nove dias pendurado na árvore sagrada. Mas era mais complexo que isso. Não foi somente a memória que Odin conquistou; foi o hidromel que lhe possibilitava cantar poesia.

Uma vez, anos atrás, Thorne havia bebido o hidromel do poeta, que lhe deram os sacerdotes do bosque sagrado, e se

postara no meio da casa do pai, entoando poemas sobre ela, a ruiva, a bebedora de sangue, que ele havia visto com os próprios olhos.

E os que estavam ao seu redor haviam rido e zombado dele. Quando, no entanto, ela começou a matar os membros do clã, eles pararam de zombar. Uma vez que viram os corpos lívidos com os olhos arrancados, fizeram de Thorne seu herói.

Ele se sacudiu por inteiro. A neve caiu-lhe do cabelo e dos ombros. Descontraído, limpou com a mão os pedacinhos de gelo das sobrancelhas. Viu o gelo derreter nos dedos. Esfregou com força o gelo grudado no rosto.

Não havia fogo naquela sala? Ele olhou ao redor. O calor entrava feito mágica por pequenas janelas. Mas como era gostoso, como o prazer o consumia. Teve vontade de tirar a roupa de repente e se deixar banhar pelo calor.

Tenho lareira na minha casa. Posso levá-lo até lá.

Ele despertou como que de um transe para olhar para o bebedor de sangue desconhecido. Praguejou contra si mesmo por ficar ali sentado, mudo e desajeitado.

O bebedor de sangue falou em voz alta.

— É de se esperar. Você entende a língua que eu falo?

— É a língua do Dom da Mente — respondeu Thorne. — Homens no mundo inteiro falam essa língua. — Olhou fixamente para o vampiro mais uma vez. — Meu nome é Thorne. Thor era o meu deus. — Enfiou a mão apressado no casaco de couro puído e extraiu do forro de pele o amuleto de ouro que usava numa corrente. — O tempo não consegue enferrujar um objeto desses. É o martelo de Thor. O bebedor de sangue fez que sim.

— E seus deuses? — perguntou Thorne. — Quais eram? Entenda bem, não estou falando de crença. Estou falando do que perdemos, você e eu. Entende o que estou querendo dizer?

— Os deuses da Roma antiga, foram esses os deuses que perdi — disse o desconhecido. — Eu me chamo Marius.

Thorne fez que sim. Era maravilhoso demais falar em voz alta e ouvir a voz de outro. Naquele momento, ele se esqueceu do sangue pelo qual sentia uma sede louca e desejou apenas uma enxurrada de palavras.

— Fale comigo, Marius. Conte-me histórias fantásticas. Conte-me tudo o que quer que eu saiba. — Tentou conter-se, mas não conseguiu.

— Um dia fiquei parado falando com o vento, contando ao vento tudo o que estava na minha cabeça e no meu coração. Mesmo assim, quando fui para o norte, para o gelo, eu não tinha idioma algum. — Ele se interrompeu, encarando Marius direto nos olhos. — Minha alma está muito ferida. Não tenho pensamentos de verdade.

— Estou entendendo — disse Marius. — Venha comigo até minha casa. Use minha banheira à vontade e apanhe as roupas de que precisar. Depois vamos caçar, e você terá as forças restauradas. Então virá a conversa. Posso lhe contar histórias sem fim. Posso lhe contar todas as histórias da minha vida que tenho vontade de compartilhar com alguém.

Um longo suspiro escapou dos lábios de Thorne. Ele não conseguiu deixar de sorrir com gratidão, de olhos úmidos e mãos trêmulas. Examinou o rosto do desconhecido. Não conseguiu encontrar nenhum sinal de desonestidade ou astúcia. O desconhecido parecia sábio e simples.

— Meu amigo — disse Thorne, e então inclinou-se para a frente para oferecer o beijo de saudação. Mordendo fundo a língua, ele encheu a boca de sangue e abriu os lábios sobre os de Marius.

O beijo não surpreendeu Marius. Era também costume seu. Recebeu o sangue e o saboreou obviamente.

— Agora não podemos brigar por qualquer motivo sem importância — disse Thorne. De repente, encostou-se na parede em enorme perplexidade. Não estava só. Receou que pudesse se entregar às lágrimas. Receou não ter a força necessária para sair de volta ao frio extremo e acompanhar esse ser até sua casa. E no entanto era isso o que tinha terrível necessidade de fazer.

— Venha — disse Marius. — Vou ajudá-lo. Os dois levantaram-se juntos da mesa.

Dessa vez a agonia de passar pelo meio da multidão de mortais foi ainda maior. Foram muitos os olhos brilhantes que se cravaram nele, embora só por um instante.

E então estavam novamente na rua estreita, na neve que rodopiava delicada, e Marius o enlaçava com firmeza.

Thorne respirava ofegante porque seu coração estava disparado. Flagrou-se abocanhando a neve que lhe atingia o rosto em rajadas. Precisou parar por um instante e fazer um gesto para que seu novo amigo tivesse paciência.

— Vi tanta coisa com o Dom da Mente — disse ele. — E não as compreendi.

— Talvez eu possa explicar — disse Marius. — Posso explicar tudo o que sei, e depois você faz com esse conhecimento o que quiser. O conhecimento não tem sido minha salvação ultimamente. Sinto-me só.

— Eu fico com você — disse Thorne. Essa terna camaradagem lhe tocava o coração.

Caminharam muito tempo, com Thorne recuperando as forças, esquecendo-se do calor da taberna, como se tivesse sido uma ilusão.

Afinal, chegaram a uma bela casa, de telhado alto e pontudo, e com muitas janelas. Marius levou a chave à porta, e os dois deixaram para trás os sopros de neve, entrando num amplo saguão.

Uma luz delicada vinha dos aposentos mais adiante. As paredes e o teto eram de madeira primorosamente impregnada de óleo, assim como o assoalho, com todos os cantos encaixados com perfeição.

— Um gênio do mundo moderno construiu esta casa para mim — esclareceu Marius. — Já morei em muitas casas, de muitos estilos. Este é só um jeito de morar. Vamos entrando.

A sala principal da casa tinha uma lareira retangular de pedra embutida na parede de madeira. E ali a lenha estava arrumada, esperando que o fogo fosse aceso. Através de paredes de vidro de um tamanho extraordinário, Thorne via as luzes da cidade. Percebeu que estavam na encosta de um morro, e que um vale se estendia lá embaixo.

— Venha — disse Marius —, preciso apresentá-lo ao outro que mora aqui comigo.

Isso deixou Thorne espantado, porque ele não havia detectado a presença de mais ninguém, mas acompanhou Marius passando por um portal que saía da sala principal e dava para outro aposento à esquerda. E ali viu algo estranho que o desorientou.

Muitas mesas enchiam a sala, ou talvez fosse apenas uma mesa muito larga. Mas ela estava toda coberta com uma pequena paisagem de montes e vales, lugarejos e cidades. Estava coberta de pequenas árvores e até mesmo pequenos arbustos. E aqui e ali havia neve, como se uma cidadezinha estivesse no inverno e outra, na primavera ou verão.

A paisagem estava apinhada de casas sem conta, muitas com luzes tremeluzentes, e havia lagos cintilantes feitos de alguma substância dura que imitava o brilho da água. Havia túneis que cortavam as montanhas. E em trilhos curvos passavam por esse pequeno território minúsculos trens, aparentemente feitos de ferro, como os do mundo moderno real.

Comandava esse mundinho um bebedor de sangue que não se deu ao trabalho de erguer o olhar quando Thorne entrou. Ele havia sido um rapaz jovem quando fora criado. Era alto, mas de compleição franzina, com os dedos muito delicados. O cabelo era do louro desbotado mais comum entre os ingleses do que entre os nórdicos.

Estava sentado perto da mesa, onde à sua frente havia um espaço dedicado aos pincéis e a diversos frascos de tinta, enquanto com as mãos pintava a casca de uma pequena árvore, como que pronto para inseri-la no mundo que se espalhava pela sala inteira, cercando-o e quase o encerrando.

Uma onda de prazer passou por Thorne enquanto examinava esse mundinho. Ocorreu-lhe de repente que poderia ter passado uma hora a inspecionar todas as minúsculas construções. Não se tratava do duro mundo de verdade lá fora, mas de algo precioso e protegido, até mesmo ligeiramente encantador.

Havia mais de um trenzinho negro passando pelos trilhos sinuosos, e um zumbido fraco vinha desses trens como de abelhas numa colméia. Os trens tinham luz por dentro das janelinhas.

Todos os infinitos detalhes deste pequeno país das maravilhas pareciam corretos.

— Nesta sala eu me sinto como o gigante do gelo — murmurou Thorne, com reverência.

Era uma oferta de amizade ao rapaz que continuava a aplicar a tinta marrom à casca da árvore diminuta que segurava com tanta delicadeza entre os dedos da mão esquerda. No entanto, o jovem bebedor de sangue não respondeu.

— Esses lugarejos e cidades em miniatura estão cheios de uma bela mágica — disse Thorne, com a voz um pouco mais tímida.

O rapaz parecia não ter ouvidos.

— Daniel? — disse Marius com delicadeza. — Você não quer cumprimentar Thorne, que é nosso hóspede hoje?

— Seja bem-vindo, Thorne — disse Daniel, sem levantar os olhos. E então, como se nem Marius nem Thorne estivessem ali, Daniel parou de pintar a árvore. E, mergulhando outro pincel em outro frasco, criou um ponto umedecido para a árvore naquele mundo enorme à sua frente. Fixou a árvore com força no local, e ela ficou firme, como que enraizada.

— Esta casa está cheia de salas como esta — disse Marius, em tom neutro, olhando mansamente para Thorne. — Veja aqui embaixo. Podem-se comprar milhares de árvores pequeninas e milhares de casas pequeninas. — Ele apontou para pilhas e mais pilhas de pequenas caixas no assoalho

abaixo da mesa. — Daniel é muito bom na montagem das casas. Está vendo como são complexas? E só isso o que Daniel faz agora.

Thorne percebeu uma censura na voz de Marius, mas era muito leve; e o jovem bebedor de sangue não estava prestando atenção. Tinha apanhado outra árvore pequena e estava examinando a densa porção verde que compunha sua copa frondosa. Ali ele logo aplicou seu pequeno pincel.

— Você alguma vez na vida viu alguém da nossa espécie dominado por uma fascinação dessas? — perguntou Marius.

Thorne abanou a cabeça. Não, nunca tinha visto. Mas entendia como algo semelhante poderia acontecer.

— Ocorre às vezes — disse Marius. — O bebedor de sangue fica fascinado. Lembro-me de ter ouvido há séculos a história de uma bebedora de sangue numa terra do sul cuja única paixão era encontrar belas conchas ao longo da praia; e isso ela fazia a noite inteira, até quase amanhecer. É claro que caçava e bebia sangue, mas era só para voltar às conchas; e, uma vez que tivesse olhado para cada uma, ela a descartava e continuava a procurar. Ninguém conseguia afastá-la daquilo.

"Daniel está obcecado da mesma forma. Ele constrói essas pequenas cidades. Não quer fazer mais nada. É como se as pequenas cidades o houvessem fisgado. Pode-se dizer que eu cuido dele."

Thorne estava mudo, de respeito. Não saberia dizer se as palavras de Marius afetavam ou não o bebedor de sangue que continuava a trabalhar no seu mundo. Thorne sentiu uma perplexidade momentânea.

Então veio do jovem bebedor de sangue uma risada grave, simpática.

— Daniel ficará assim algum tempo — disse Marius — e depois suas antigas faculdades lhe voltarão.

— As idéias que você tem, Marius — disse Daniel, com mais uma risada descontraída. Era pouco mais que um murmúrio. Daniel voltou a mergulhar o pincel na pasta que faria sua pequena árvore grudar na grama verde e apertou a

árvore no lugar com a força adequada. Depois, de uma caixa que estava ao lado, tirou mais uma.

O tempo todo, os trenzinhos continuavam rodando, seguindo seu percurso barulhento por montes e vales, passando por casas e igrejas cobertas de neve. Ora, aquele mundinho minúsculo continha até mesmo pessoinhas cheias de detalhes!

— Permite que eu me ajoelhe para olhar? — perguntou Thorne, respeitoso.

— É, faça isso mesmo — disse Marius. — Isso dará prazer a Daniel. Thorne pôs-se de joelhos e se ajeitou na altura da pequena aldeia com seu agrupamento de pequenas construções. Viu cartazes delicados nelas, mas não conhecia seu significado.

Não tinha palavras para descrever seu assombro — pelo fato de, ao se erguer para encarar o grande mundo lá fora, ele acabar chegando ali para deparar com esse universo em miniatura.

Um trenzinho de confecção esmerada, com o motor roncando, os vagões meio frouxos, passou matraqueando pelos trilhos. Ele achou que avistou figuras pequeninas no seu interior.

Por um segundo, esqueceu tudo o mais. Imaginou que aquele mundo feito à mão fosse real e entendeu a fascinação, muito embora ela o assustasse.

— Lindo — disse ele, em tom de agradecimento. E se levantou. O jovem não se mexeu nem falou em resposta.

— Já caçou, Daniel? — perguntou Marius.

— Hoje não, Marius — respondeu o rapaz sem erguer os olhos, mas de repente relanceou o olhar sobre Thorne, e Thorne ficou surpreso com sua cor violeta.

— Nórdico — disse Daniel com um leve toque de agradável surpresa. — Ruivo como as gêmeas. — Riu, um risinho contido de alguém meio louco. — Criado por Maharet. Forte.

Essas palavras apanharam Thorne totalmente desprevenido. Ele cambaleou, mal conseguindo manter o equilíbrio.

Sentiu vontade de atingir o jovem imprudente. Quase levantou o punho. Mas Marius segurou seu braço com firmeza.

Imagens invadiram a cabeça de Thorne. As gêmeas — sua amada Criadora e a irmã perdida. Ele as viu nitidamente. *A Rainha dos Condenados.* Mais uma vez, viu o vampiro Lestat indefeso, enrolado em correntes. Correntes de metal não poderiam jamais tê-lo prendido. De que material sua ruiva Criadora teria feito aquelas correntes?

Tentou banir esses pensamentos e se ancorar somente no momento.

Marius segurava firme seu braço, e continuava a falar com o vampiro Daniel.

— Deixe-me guiá-lo se você quiser caçar.

— Não tenho nenhuma necessidade — respondeu Daniel. Tinha voltado ao trabalho. Tirou debaixo da mesa um volume grande e o levantou para que Marius o visse. Na embalagem estava pintada ou impressa, Thorne não saberia dizer, a imagem de uma casa com três andares e muitas janelas.

— Quero montar essa casa. É mais difícil do que qualquer outra coisa que vocês estão vendo aqui, mas com meu sangue vampiresco será simples.

— Vamos deixá-lo agora — disse Marius —, mas não tente sair daqui sem mim.

— Isso eu nunca faria — respondeu Daniel. Já estava rasgando a embalagem transparente. Dentro havia um emaranhado de pecinhas de madeira. — Vou caçar com você amanhã à noite, e então você poderá me tratar como se eu fosse uma criança, que é o que adora fazer.

Marius continuava a segurar o braço de Thorne, como um amigo. Saiu com ele da sala e fechou a porta.

— Quando ele perambula sozinho — disse Marius —, costuma se meter em encrencas. Ou ele se perde, ou fica com tanta sede que não tem mais condições de caçar sozinho. Eu preciso ir à sua procura. Como homem, ele era assim antes de ser transformado em bebedor de sangue. O sangue não mudou seu jeito a não ser por um curto período. E agora está escravizado por esses universos minúsculos que cria. Tudo o que exige é espaço para eles e para as embalagens de construções, árvores e semelhantes, que adquire por computador.

— Ah, você tem esses estranhos engenhos da mente — disse Thorne.

— Tenho. Debaixo deste teto há computadores excelentes. Tenho tudo o que me é necessário — disse Marius. — Mas você está cansado. Suas roupas são velhas. Precisa refazer-se. Vamos conversar sobre tudo isso mais tarde.

Conduziu Thorne por uma curta escada de madeira, cheia de ecos, que dava num espaçoso quarto de dormir. Ali, toda a madeira das paredes e das portas estava pintada em tons de verde e amarelo. E a própria cama era embutida num imenso armário entalhado com apenas um lado aberto. Sua impressão foi a de um lugar seguro e curioso, sem uma superfície sequer que não fosse tocada por mãos humanas. Até mesmo o assoalho de madeira havia sido polido.

Por uma porta larga, entraram num banheiro imenso com lambris de madeira rugosa e piso de pedra, além de muitas velas para a iluminação. A cor da madeira era belíssima à luz suave, e Thorne sentiu que estava ficando zonzo.

Mas foi a banheira em si que o deixou pasmo. Ali, diante de mais uma parede envidraçada havia uma enorme banheira de madeira com água quente fumegante. Construída como uma pipa imensa, a banheira tinha tamanho suficiente para algumas pessoas tomarem banho juntas, com facilidade. Num banquinho ao lado, havia uma pilha do que pareciam ser toalhas. Em outros banquinhos, cumbucas de ervas e flores secas cujo cheiro Thorne sentiu com seu aguçado olfato de bebedor de sangue. Havia também frascos de óleo e potes do

que poderiam ter sido ungüentos. Que ele fosse se lavar ali parecia a Thorne um milagre.

— Tire essas roupas enxovalhadas — disse Marius. — Deixe-me jogá-las fora. O que mais você tem que gostaria de manter além do cordão?

— Nada — disse Thorne. — Como vou poder um dia lhe retribuir tudo isso?

— Mas isso você já fez — respondeu Marius. Ele próprio tirou o casaco de couro e despiu o blusão de lã. Não havia pêlos em seu peito nu. Era lívido como todos os bebedores de sangue. E seu corpo era forte e de uma beleza natural. Fora transformado no apogeu da vida, isso estava claro. Mas sua verdadeira idade, fosse na vida mortal muito tempo atrás, fosse seu tempo como bebedor de sangue até agora, Thorne não conseguia adivinhar.

Marius tirou as botas de couro e a calça comprida de lã; e, sem esperar por Thorne — apenas fazendo um gesto para que Thorne o acompanhasse —, entrou na enorme banheira de água quente.

Thorne arrancou o casaco forrado de pele. Rasgou-o com a pressa. Os dedos tremiam enquanto ele despia as calças que estavam quase em farrapos. Num instante, estava tão nu quanto o outro e constrangido juntou apressado seus molambos numa trouxinha. Olhou ao redor.

— Não se preocupe com esse tipo de coisa — disse Marius. O vapor subia em toda a sua volta. — Entre na banheira comigo. Venha se aquecer por enquanto.

Thorne obedeceu, primeiro entrando em pé na banheira para depois afundar na água quente de joelhos. Sentou-se finalmente de modo que a água lhe chegasse à altura do pescoço. O choque do calor foi avassalador e uma perfeita bênção. Ele fez uma pequena oração de agradecimento, algo antigo e curto que tinha aprendido a dizer quando criança, quando acontecia alguma coisa simplesmente boa.

Marius enfiou a mão na tigela de ervas e flores secas e, colhendo um bom punhado dessa mistura, soltou-o na água

quente.

Era um perfume forte e agradável do campo no verão.

Thorne fechou os olhos. Que tivesse despertado, que tivesse chegado tão longe, que tivesse encontrado esse banho puro e voluptuoso, tudo isso lhe parecia quase impossível. Ele logo acordaria, vítima do Dom da Mente, de volta na sua caverna sem esperanças, cativo do seu próprio exílio, somente sonhando com outros.

Devagar ele abaixou a cabeça e levantou com as mãos uma boa quantidade da água purificadora até o rosto. Ia levantando cada vez mais água, e então, afinal, como se isso exigisse coragem, mergulhou a cabeça totalmente na banheira.

Quando voltou a se erguer, estava aquecido como se nunca tivesse sentido frio, e a vista das luzes do outro lado da vidraça o surpreendeu. Mesmo através do vapor, ele conseguia ver a neve caindo lá fora, e tinha a deliciosa consciência de estar tão perto e tão longe dela.

De repente desejou não ter se levantado por um objetivo tão sinistro.

Por que não podia servir apenas ao que era bom? Por que não podia viver para o que lhe desse prazer? Mas esse nunca havia sido seu estilo.

Não importava, o crucial era guardar consigo esse segredo por enquanto. Por que perturbar o amigo com pensamentos soturnos? Por que se perturbar com confissões cheias de culpa?

Olhou para o companheiro.

Marius estava encostado na lateral da banheira de madeira de braços abertos, pousados na borda. O cabelo estava molhado e grudado ao pescoço e aos ombros. Ele não olhava fixamente para Thorne, mas estava obviamente consciente da sua presença.

Thorne mergulhou a cabeça mais uma vez. Avançou e se deitou na água, levantando-se de repente para se virar, deixando que a água escorresse do seu corpo. Deu um risinho de prazer. Passou os dedos pelos pêlos no peito. Mergulhou a

cabeça para trás até a água lhe lamber o rosto. Rolou muitas vezes para lavar todo o cabelo antes de se levantar e sentar satisfeito.

Adotou a mesma postura de Marius, e os dois se olharam.

— E é assim que você vive — disse Thorne —, no meio dos mortais, e está seguro, protegido contra eles?

— Agora eles não acreditam em nós — disse Marius. — Não importa o que vejam, não acreditam. E o dinheiro compra tudo. — Seus olhos azuis pareciam sérios, e sua expressão era calma como se ele não tivesse nenhum segredo malévolo no íntimo, como se não sentisse ódio por ninguém. Mas sentia.

— São mortais os que limpam esta casa — prosseguiu. — Os mortais recebem o dinheiro que lhes dou para tudo o que for necessário aqui. Você entende o suficiente do mundo moderno para captar como um lugar desses é aquecido, refrigerado e mantido a salvo de invasores?

— Entendo — disse Thorne. — Mas nunca estamos seguros como imaginamos, não é?

Um sorriso amargo cobriu o rosto de Marius.

— Nunca fui ferido por mortais — disse.

— Você está falando da Rainha do Mal e de todos os que ela matou, não é?

— É, estou falando desse e de outros horrores — respondeu Marius. Devagar, sem palavras, Marius usou o Dom da Mente para informar a Thorne que ele próprio caçava somente o Malfeitor.

— Essa *é* minha paz com o mundo — disse ele. — É assim que consigo prosseguir. Uso o Dom da Mente para caçar aqueles mortais que matam. Nas grandes cidades, posso sempre encontrá-los.

— E a minha é o Pequeno Gole — disse Thorne. — Fique tranqüilo. Não preciso de nenhum banquete voraz. Tiro de muitos para que ninguém morra. Há séculos vivo assim entre o Povo da Neve. Quando fui criado, não dispunha dessa

técnica. Bebia rápido demais e com excesso de imprudência. Mas então aprendi. Nenhuma alma específica me pertence. E eu poderia ir como as abelhas de flor em flor. Era meu hábito entrar em tabernas apinhadas de gente e colher de um após o outro.

Marius fez que sim.

— É um bom estilo — disse com um sorriso discreto. — Para um filho de Thor, você é misericordioso. — Alargou o sorriso. — É realmente misericordioso.

— Você despreza meu deus? — perguntou Thorne, em tom educado.

— Acho que não — disse Marius. — Eu lhe disse que perdi os deuses de Roma, mas na realidade eles nunca foram meus. Meu temperamento era muito frio para eu ter deuses. E, como não tive nenhum deus de verdade que fosse meu, falo de todos os deuses como se fossem poesia. A poesia de Thor era uma poesia da guerra, não é mesmo? Uma poesia de combates sem fim e de barulho nos Céus?

Isso deixou Thorne deliciado. Não conseguia esconder seu prazer. O Dom da Mente nunca lhe proporcionava esse tipo de comunicação aguçada com outro, e as palavras que Marius pronunciava não o estavam apenas impressionando, também o estavam deixando ligeiramente confuso, o que era maravilhoso.

— É, essa era a poesia de Thor — disse ele —, mas nada era mais claro e certo que o som do trovão nas montanhas quando ele brandia seu martelo. E sozinho à noite, quando eu saía da casa de meu pai para o meio da chuva e do vento, quando escalava sem medo a montanha para ouvir o trovão, eu sabia que o deus estava ali, e eu estava bem longe da poesia. — Parou de falar. Viu sua terra natal em pensamento. Viu sua juventude. — Eu também ouvia outros deuses — disse, baixinho. Não olhava para Marius. — Era Odin à frente da Caçada Selvagem pelos céus que causava o maior estrondo. E eu via e ouvia a passagem desses espíritos. Nunca me esqueci deles.

— Você ainda os vê agora? — perguntou Marius. Não era uma provocação. Era só curiosidade. No fundo, havia um pouco de respeito ali.

— Espero que veja — apressou-se a acrescentar, como se pudesse haver alguma dúvida quanto à interpretação.

— Não sei — disse Thorne. — Isso foi há tanto tempo. Nunca imaginei que pudesse recuperar essas coisas.

Mas agora elas estavam nítidas na sua mente. Embora estivesse sentado na banheira aquecida, com o sangue apaziguado, com todo o frio cruel expulso dos seus membros, ele conseguia ver o vale no inverno. Ouvia a tempestade e via os espectros voando lá no alto, todos aqueles perdidos pela morte acompanhando o deus Odin pelo firmamento afora.

"Venham", dissera Thorne a seus companheiros, os jovens, que tinham saído às escondidas do salão com ele. "Vamos ao bosque, vamos ficar parados no próprio bosque enquanto roncam os trovões." Eles sentiam medo do terreno sagrado, mas não podiam demonstrar.

— Você foi uma criança viking — disse Marius, baixinho.

— Ah, era assim que os bretões nos chamavam — disse Thorne. — Acho que não usávamos esse nome para nós mesmos. Aprendemos o termo com nossos inimigos. Eu me lembro dos seus gritos quando escalávamos suas muralhas, quando roubávamos o ouro dos altares das igrejas. — Ele fez uma pausa. Pousou os olhos com calma sobre Marius por um instante. — Como você é tolerante. Você realmente quer escutar.

Marius fez que sim.

— Estou escutando com toda a minha alma. — Ele deu um pequeno suspiro e olhou lá para fora através da vidraça enorme. — Estou cansado de me sentir só, meu amigo. Não consigo tolerar a companhia dos que conheço com maior intimidade. E eles não conseguem tolerar a minha em razão de coisas que fiz.

Thorne ficou surpreso com essa súbita confissão. Pensou no bebedor de sangue Lestat e suas canções. Pensou em todos aqueles reunidos no conselho quando a Rainha do Mal se manifestara. Sabia que todos haviam sobrevivido. E sabia que esse ser louro, Marius, tinha argumentado com razão, com maior veemência que qualquer outro.

— Prossiga com sua história — disse Marius. — Eu não pretendia interrompê-lo. Você queria deixar claro algum ponto.

— Era só que matei muitos homens antes de um dia me tornar bebedor de sangue. Brandi o martelo de Thor bem como minha espada e meu machado. Lutei quando menino ao lado do meu pai. Lutei depois de enterrá-lo. E ele não teve uma morte tranqüila, isso posso lhe garantir, mas foi com a espada na mão, como queria. — Thorne fez uma pausa. — E você, meu amigo? Você foi soldado?

Marius abanou a cabeça.

— Fui senador, criador de leis, uma espécie de filósofo. Fui guerrear, sim, por algum tempo porque minha família assim desejava. E eu tinha uma posição elevada numa das legiões, mas não fiquei muito tempo e voltei para minha casa e minha biblioteca. Eu adorava livros. Ainda adoro. Há salas nesta casa repletas de livros; e eu tenho casas em outros lugares que estão cheias deles. Na realidade jamais conheci o combate.

Marius parou. Inclinou-se para a frente, levou a água ao rosto como Thorne fizera antes e deixou que a água lhe escorresse pelas pálpebras.

— Venha — disse ele. — Vamos encerrar este prazer e procurar outro. Vamos caçar. Consigo sentir sua fome. Tenho roupas novas para você aqui. Tenho tudo de que precisa. Ou você prefere ficar mais um pouco na água morna?

— Não, estou pronto — disse Thorne. Fazia tanto tempo que não se alimentava que tinha vergonha de admitir. Mais uma vez, enxaguou o rosto e o cabelo. Mergulhou a cabeça na água e se levantou, afastando da testa o cabelo molhado.

Marius já havia saído da banheira e oferecia a Thorne uma grande toalha branca.

Era espessa, felpuda e perfeita para enxugar a água da pele vampiresca que nunca absorve nada. O ar do aposento pareceu gelado por um instante, quando se pôs de pé no piso de pedra, mas logo se sentia aquecido de novo, esfregando com força o cabelo para forçar a saída das últimas gotículas.

Marius tinha terminado essa tarefa e agora apanhava uma toalha nova da pilha para começar a esfregar as costas e os ombros de Thorne. Essa familiaridade provocou arrepios nos braços de Thorne. Marius esfregou com vigor a cabeça dele e depois começou a desembaraçar com um pente o cabelo úmido.

— Por que não há uma barba ruiva, meu amigo? — perguntou Marius, quando os dois se encararam. — Lembro-me dos escandinavos com suas barbas. Lembro-me de quando chegaram a Bizâncio. Esse nome tem algum significado para você?

— Ah, tem — disse Thorne. — Fiquei comovido ao ver aquela cidade fantástica. — Virou-se e aceitou a toalha das mãos de Marius. — Minha barba era densa e comprida, mesmo quando eu era muito novo, posso lhe garantir, mas foi raspada na noite em que me tornei bebedor de sangue. Fui preparado para o sangue mágico. Era a vontade da criatura que me fez.

Marius fez que sim. Mas era cortês demais para pronunciar seu nome, muito embora o outro mais jovem o tivesse mencionado com atrevimento.

— Você sabe que foi Maharet — disse Thorne. — Não precisava ouvir do rapaz seu amigo. Captou direto do meu pensamento, não foi? — Parou e então prosseguiu. — Você sabe que foi a visão dela que me tirou do gelo e da neve. Ela enfrentou a Rainha do Mal. E prendeu o vampiro, Lestat, em correntes. Mas falar dela agora simplesmente me deixa sem fôlego. Quando vou conseguir falar a seu respeito? Por enquanto ainda não sei. Vamos caçar, e depois poderemos conversar de verdade.

Sua atitude era solene, segurando a toalha contra o peito. Do fundo do coração, procurava sentir amor por aquela que o criara. Procurava extrair dos séculos uma sabedoria que sufocasse a raiva. Mas não conseguia. Não podia fazer mais nada além de se calar e ir caçar com Marius agora.

CAPÍTULO 3



NUM ESPAÇOSO QUARTO de madeira pintada, com muitos armários e cômodas, Marius ofereceu as roupas — boas jaquetas de couro com pequenos botões de osso, muitos forrados de pele prateada, e calças justas de lã tão macia que Thorne não conseguia ver a trama.

Somente as botas eram um pouco apertadas, mas Thorne achou que conseguiria suportar. Como uma coisa dessas poderia ter importância? Não satisfeito, Marius continuou a procurar até encontrar um par maior, e esse par serviu perfeitamente.

Quanto aos trajes da época, eles não eram tão diferentes das antigas vestes de Thorne — linho para a camisa fina junto à pele, lã e couro para as peças externas. Os botõezinhos na camisa deixaram Thorne curioso; e, embora ele soubesse que a costura tinha sido feita à máquina e fosse comum, mesmo assim ela o encantava.

Thorne começava a perceber quanto prazer o aguardava. A missão sinistra que ficasse de lado.

Enquanto se vestia, Marius escolheu vermelho mais uma vez para a jaqueta e para a capa com capuz. Isso deixou Thorne cismado, embora tivesse visto trajes semelhantes em Marius na taberna dos vampiros. Mesmo assim, as cores pareciam fortes para a caça.

— Ê hábito meu usar o vermelho — respondeu Marius ao interesse mudo de Thorne. — Vista-se como quiser. Lestat,

meu antigo discípulo, também adora essa cor, o que me irrita profundamente, mas eu tolero. Acho que parecemos ser o Mestre e o Aprendiz quando o matiz de vermelho que ele usa é tão semelhante ao meu.

— Quer dizer que você o ama também? — disse Thorne. Marius não respondeu. Fez um gesto para indicar as roupas.

Para Thorne, era couro marrom-escuro, mais discreto, porém sedoso ao tato; e seus pés entraram sem meias nas botas forradas de pele em razão do seu tamanho. Não precisava de capa. Achava que ela só o atrapalharia.

De um prato de prata num armário, Marius apanhou cinzas com a ponta dos dedos e, misturando-as com sangue da própria boca, preparou uma pasta fina para cobrir todo o rosto. Isso escureceu sua cor. Fez com que as antigas rugas da sua expressão aparecessem. Conferiu um aspecto de esculpido aos seus olhos. Na realidade, a pasta aos olhos de Thorne, tornava-o muito mais visível ao mesmo tempo em que sem dúvida o disfarçava para os mortais.

Marius indicou que Thorne poderia agir da mesma forma, mas algo impediu Thorne de aceitar. Talvez fosse apenas por nunca ter feito aquilo.

Marius ofereceu-lhe luvas, e essas ele também recusou. Não gostava da sensação das coisas através de luvas. Depois de tanto tempo no gelo, queria tocar em tudo.

— Eu gosto de luvas — disse Marius. — Nunca ando sem elas. Nossas mãos assustam os mortais quando eles se detêm para olhar. E as luvas têm uma temperatura agradável que nós mesmos nunca temos.

Marius encheu os bolsos de dinheiro. Ofereceu maços a Thorne, mas Thorne recusou, considerando ganância aceitar isso do anfitrião.

— Tudo bem — disse Marius. — Eu cuido de você. Mas se de algum modo acabarmos separados, basta que volte para cá. Dê a volta pelos fundos da casa, e encontrará a porta aberta.

Separados? Como isso poderia acontecer? Thorne estava atordoado com tudo o que estava acontecendo. Os mínimos aspectos das coisas davam-lhe prazer.

Estavam quase prontos para sair quando o jovem Daniel entrou e ficou olhando para os dois.

— Quer vir conosco? — perguntou Marius. Estava calçando as luvas bem apertadas, de modo que as próprias articulações dos dedos apareciam.

Daniel não respondeu. Parecia estar escutando, mas não disse nada. Seu rosto juvenil era dissimulado, mas os olhos de cor violeta eram realmente maravilhosos.

— Você sabe que pode vir — disse Marius.

O mais jovem virou-se e voltou, supostamente para seu pequeno reino.

Em minutos, eles estavam a caminho na neve que caía, Marius com o braço enlaçando Thorne, como se Thorne precisasse dessa confirmação de segurança.

E em breve beberei.

Quando afinal chegaram a uma grande estalagem, entraram numa adega no subsolo onde havia centenas de mortais. De fato, o tamanho do salão deixou Thorne perplexo.

Os mortais barulhentos e cintilantes não só comiam e bebiam naquele lugar, em dezenas de pequenos grupos, eles também dançavam ao som da música de alguns instrumentistas persistentes. Em grandes mesas verdes com roletas, jogavam jogos de azar com gritos estridentes e exagerados, e riso fácil. A música era elétrica e alta; as luzes lampejantes, horrendas; o cheiro de alimento e sangue, irresistível.

Os dois bebedores de sangue passaram totalmente despercebidos, à exceção da garçonete da taberna que os acompanhou sem perguntas até uma mesinha bem no meio da agitação. Dali podiam ver os dançarinos que se contorciam, parecendo cada um dançar sozinho em vez de estar com qualquer outra pessoa, cada um movimentando-se ao som da

música num estilo primitivo como se estivesse inebriado por ela.

A música feria Thorne. Ele não a considerava bonita. Era uma confusão só. E o lampejar das luzes era feio.

Marius debruçou-se para murmurar algo no ouvido de Thorne.

— Essas luzes são nossas amigas, Thorne. Elas tornam difícil que vejam o que somos. Procure suportá-las.

Marius pediu bebidas quentes. A pequena garçonete dirigiu os olhos sedutores para Thorne. Fez algum rápido comentário sobre o seu cabelo ruivo, e ele sorriu para ela. Não beberia dela, nem que todos os mortais do mundo secassem e estivessem fora do seu alcance.

Passou os olhos pelo salão, tentando ignorar a algazarra que lhe atingia os ouvidos e os cheiros fortíssimos que quase lhe davam náuseas.

— Está vendo as mulheres perto daquela parede lá longe? — perguntou Marius. — Elas querem dançar. É por isso que estão aqui. Esperam que as convidem. Você vai conseguir se alimentar enquanto dança?

— Vou — respondeu Thorne, em tom quase solene, como se quisesse dizer: "Por que me faz essa pergunta?" — Mas como é que se dança? — indagou, observando os casais que apinhavam a pista indicada. Riu pela primeira vez desde que fora na direção norte. Riu, e na barulheira mal pôde ouvir o próprio riso. — Posso beber, sim, sem que nenhum mortal jamais venha a saber, nem mesmo minha vítima, mas como é que vou dançar desse jeito estranho?

Viu Marius dar um largo sorriso. Marius tinha tirado a capa, deixando-a cair nas costas da cadeira. Parecia tão calmo em meio àquela mistura horrível e insuportável de música e iluminação.

— O que eles fazem além de se movimentar juntos, todos desajeitados? — perguntou Thorne.

— Aja da mesma forma — disse Marius. — Faça movimentos lentos enquanto estiver bebendo. Deixe que a

música e o sangue falem.

Thorne riu mais uma vez. De repente, com um atrevimento insensato, levantou-se e abriu caminho pelas bordas da pista de dança apinhada até as mulheres que já estavam olhando para ele ansiosas. Das três, escolheu a de cabelo escuro, porque as mulheres de olhos e cabelos escuros sempre o fascinaram. Além disso, ela era a mais velha e era menos provável que fosse escolhida por um homem; e ele não pretendia lhe causar nenhum mal com seu interesse.

Ela se levantou de uma vez, e ele segurou suas mãos pequenas e dóceis enquanto a conduzia até a pista encerada, com a música sem trégua sugerindo nada além de um ritmo fácil e sem sentido, ao qual ela se entregou de imediato, desajeitada, com os sapatos finos e delicados estalando na madeira.

— Ai, como suas mãos estão frias! — disse ela.

— Desculpe! — disse ele, com veemência. — Você precisa me perdoar. É que fiquei muito tempo na neve.

E, pelos deuses, ele precisava ter cuidado para não feri-la. Que criatura simples e confiante ela era, com os olhos e os lábios pintados de qualquer maneira, com o ruge aplicado nas maçãs do rosto, os seios empurrados para a frente e fixados por tiras apertadas por baixo do vestido negro de seda.

Afoita, ela se encostou nele. E ele, enlaçando-a com a delicadeza possível, curvou-se para afundar as presas minúsculas no seu pescoço do modo mais furtivo. *Sonhe, minha cara, sonhe com coisas lindas. Proíbo-lhe de ter medo ou de se lembrar.*

Ai, o sangue. Depois de tanto tempo, ele veio, o sangue bombeado pelo seu coraçãozinho apressado, seu coraçãozinho indefeso! Ele perdeu a meada do desmaio da mulher e entrou no seu próprio. Viu sua ruiva Criadora. E com um gemido abafado, chegou a falar em voz alta para a mulher que abraçava. *Dê-me tudo.* Mas isso não estava certo, e ele sabia.

Afastou-se rápido, só para descobrir que Marius estava ao seu lado com a mão no seu ombro.

Quando soltou a mulher, ela olhou para ele com olhos vidrados, sonolentos; e ele a fez dar uma volta rápida, rindo de novo, ignorando o jorro do sangue nas suas veias, ignorando a fraqueza por mais sangue que o dominou. E continuaram dançando mais e mais, tão desajeitados quanto os outros casais. Mas ele sentia tanta sede por mais.

Afinal, ela quis voltar para sua mesinha. Estava com sono. Não conseguia imaginar por que motivo. Era preciso que ele lhe perdoasse. Ele se curvou e fez que sim. Depois beijou-lhe a mão, inocente.

Restava somente uma mulher do trio. Marius estava agora dançando com a outra. Thorne ofereceu sua mão àquela última das três mulheres e jurou a si mesmo que desta vez não precisaria de guardião.

Ela era mais forte que a amiga. Os olhos estavam delineados em preto como os de uma egípcia; usava um vermelho mais escuro nos lábios; e seu cabelo louro estava cheio de tons prateados.

— Você é o homem dos meus sonhos? — perguntou ela, levantando a voz atrevida mais alto que a música. Ela o teria levado lá para o andar superior da estalagem naquele momento.

— Talvez seja — disse ele —, se você me deixar lhe dar um beijo. — E com carinho, num abraço apertado, fincou veloz os dentes no seu pescoço, bebendo rápido e com força, para depois soltá-la, observando-a afastar-se e sorrir, astuciosa, porém doce, sem se dar conta do que lhe havia acontecido.

Não havia como tirar muito sangue dessas três. Eram muito meigas. Fez com que ela dançasse girando sem parar, no desejo desesperado de roubar mais um gole, mas sem se atrever.

Sentia o sangue pulsando forte dentro de si, mas pedindo mais sangue. Suas mãos e pés doíam de tanto frio.

Viu que Marius estava de novo à mesa, conversando com um mortal grandalhão, com roupas pesadas, que estava

sentado ao seu lado. Marius estava com o braço sobre o ombro da criatura.

Finalmente, Thorne levou a mulher bonitinha de volta ao seu lugar. Como foi terno o olhar que ela lhe deu.

— Já precisa ir? Não pode ficar mais comigo? — perguntou ela.

— Não, minha querida. — Thorne sentiu o monstro dentro de si enquanto olhava para ela. E, recuando, ele se voltou para abrir caminho até onde Marius estava.

A música o fazia cambalear. Como era monótona, como era persistente.

Marius estava bebendo o sangue do homem que se debruçara mais para perto dele como se estivesse escutando segredos ao pé do ouvido. Finalmente, Marius soltou-o e o endireitou na cadeira.

— Aqui vai ser preciso gente demais — disse Thorne.

Suas palavras eram inaudíveis na algazarra da música elétrica, mas ele sabia que Marius podia ouvi-lo. Marius concordou.

— Vamos, então, procurar o Malfeitor, meu amigo, e nos banquetear — disse Marius. Estava imóvel enquanto passava os olhos pelo recinto, como se escutasse cada uma daquelas mentes.

Thorne agiu da mesma forma, sondando firme com o Dom da Mente, mas só conseguia ouvir a balbúrdia elétrica dos músicos e a necessidade desesperada da mulher bonitinha que ainda estava olhando para ele. Como ele a queria. Mas não poderia tomar uma criatura tão inocente, e seu amigo o abandonaria se o fizesse. E isso talvez fosse mais importante que sua própria consciência.

— Venha — disse Marius. — Vamos a outro lugar.

Voltaram a sair pela noite. Foram só alguns passos para chegarem a um grande antro de jogo, este repleto de mesas verdes nas quais homens jogavam dados e giravam as roletas para os importantíssimos números vencedores.

— Ali, está vendo? — disse Marius, apontando com o dedo enluvado um rapaz alto, ossudo, de cabelo preto, que havia se retirado do jogo e segurava um copo gelado de cerveja forte, só observando. — Leve-o até um canto. Há muitos lugares ao longo da parede.

Thorne investiu de imediato. Com uma das mãos no ombro do rapaz, ele o encarou nos olhos. Agora devia ser capaz de usar o antigo Dom do Encantamento que faltava a tantos vampiros.

— Venha comigo — disse. — Você está esperando por mim. — Isso fez com que se lembrasse de antigas caçadas e antigos combates.

Viu a névoa encobrir os olhos do rapaz; viu a memória desaparecer. O rapaz foi com ele até o banco ao longo da parede, e ali eles se sentaram. Thorne massageou o pescoço com o polegar e os dedos antes de beber, pensando em silêncio: Agora sua vida será minha, e então cravou fundo os dentes, bebendo sem esforço e devagar com todo o poder que tinha.

O jorro inundou-lhe a alma. Viu as imagens sórdidas do crime desenfreado, de outras vidas extintas pela sua vítima sem nenhuma noção de julgamento ou punição. *Dê-me apenas seu sangue.* Sentiu o coração explodir dentro do homem. E soltou o corpo, deixando-o encostado na parede. Beijou o ferimento, deixando que um pouco do seu próprio sangue o curasse.

Despertando do sonho do banquete, ele passeou os olhos pela penumbra do salão enfumaçado, lotado de desconhecidos. Como os humanos lhe pareciam estranhos, e como era desesperadora sua condição. Por mais amaldiçoado que fosse, Thorne não tinha como morrer; mas a morte espreitava a todos eles.

Onde estava seu Marius? Não conseguia encontrá-lo! Levantou-se do banco, ansioso por afastar-se do corpo sujo e conspurcado da vítima, e tentou voltar a entrar na multidão, tropeçando de cara com um homem de expressão dura e cruel

que encarou o encontrão como uma oportunidade para uma briga.

— Cara, você está me empurrando? — disse o mortal com olhos espremidos e cheios de ódio enquanto encarava Thorne.

— Ora — disse Thorne, sondando-lhe a mente —, você já matou alguém só por um empurrão?

— Matei — respondeu o outro, com um sorriso de zombaria cruel. — E mato você também se não sair da minha frente.

— Mas deixe-me dar-lhe meu beijo — disse Thorne e, agarrando o homem pelos ombros, curvou-se para fincar os dentes enquanto os outros ao redor, em total desconhecimento das presas secretas, riam desse gesto íntimo e enigmático. Tomou um bom gole e depois lambeu o lugar com esmero.

O odioso desconhecido estava perplexo e enfraquecido, quase sem se agüentar em pé. Os amigos continuavam a rir.

Thorne saiu depressa dali pela neve adentro e, lá fora, encontrou Marius à sua espera. O vento estava mais forte que antes, mas a neve em si tinha parado de cair.

— A sede está tão forte agora — disse Thorne. — Quando dormia no gelo, eu a mantinha acorrentada, mas agora ela me domina. Uma vez que eu comece, não consigo parar. Até mesmo agora, ainda quero mais.

— E mais você vai ter. Mas não pode matar. Nem mesmo numa cidade grande como esta. Venha comigo.

Thorne fez que sim. Já havia matado. Olhou para Marius, confessando em silêncio seu crime. Marius deu de ombros. E então enlaçou Thorne enquanto seguiam em frente.

— Temos muitos lugares a visitar.

Estava quase amanhecendo quando voltaram para a casa.

Desceram até o porão revestido de madeira, e ali Marius mostrou a Thorne um aposento talhado na rocha. As paredes eram frias, mas uma cama grande e suntuosa havia sido instalada ali dentro, adornada com cortinas de linho de cores

claras e coberta com colchas trabalhadas. O colchão parecia espesso, assim como os numerosos travesseiros.

Para Thorne era espantoso que não houvesse nenhuma cripta, nenhum esconderijo de verdade. Qualquer um poderia encontrá-lo ali. Parecia simples como a caverna no norte, mas era muito mais convidativo e luxuoso. Sentia tamanho cansaço em todos os membros que mal conseguia falar. Estava, porém, ansioso.

— Quem nos perturbaria aqui? — perguntou Marius. — Outros bebedores de sangue descansam nessa estranha escuridão, exatamente como nós. E não há mortal algum que consiga entrar aqui. No entanto, se você tiver medo, vou entender se precisarmos procurar algum outro abrigo para você.

— Você dorme assim, indefeso? — perguntou Thorne.

— Ainda mais que isso, no quarto lá em cima, como um mortal, à vontade no meu colchão na cama de alcova em meio aos meus confortos. O único inimigo que conseguiu me fazer mal foi um enxame de bebedores de sangue. Chegaram quando eu estava desperto e consciente, como não podia deixar de ser. Se você quiser, posso lhe contar essa história horrível.

O rosto de Marius tornou-se sombrio, como se a mera menção dessa desgraça lhe evocasse uma dor terrível.

E de repente Thorne entendeu algo. Que Marius queria contar essa história. Marius precisava falar numa longa torrente de palavras tanto quanto Thorne precisava escutá-las. Marius e Thorne haviam deparado um com o outro no momento exato.

Mas isso aconteceria na noite seguinte. Esta noite estava terminada.

Marius controlou-se e continuou a tranqüilizar Thorne.

— A luz não pode entrar, como você sabe, e ninguém o perturbará aqui. Durma e sonhe o quanto precisar. E nos falaremos amanhã. Agora, deixe-me ir. Daniel, meu amigo, é jovem. Ele cai no chão junto ao seu pequeno império. Preciso

fazer com que se recolha a um local confortável, embora eu me pergunte se isso realmente faz diferença.

— Você me diria uma coisa antes de ir? — perguntou Thorne.

— Se eu puder — respondeu Marius, amável, apesar de parecer de repente dominado por uma hesitação. Era como se conhecesse segredos graves que deveria contar e mesmo assim temesse fazê-lo.

— A bebedora de sangue que caminhava na praia — disse Thorne —, examinando as conchas bonitas, uma a uma, o que aconteceu com ela?

Marius sentiu alívio. Ficou um bom tempo olhando para Thorne e então respondeu, com palavras cuidadosas.

— Disseram que ela se entregou ao sol. Não era muito velha. Foi encontrada uma noite ao luar. Havia traçado um grande círculo de conchas ao redor de si, para que soubessem que sua morte era proposital. Havia somente cinzas lá e, de fato, algumas já tinham sido espalhadas pelo vento. Os que a amavam ficaram por perto a observar enquanto o vento levava o que lhe restava. Antes do amanhecer, estava tudo terminado.

— Ai, que horror — disse Thorne. — Ela não sentia nenhum prazer em ser um de nós?

Marius pareceu chocado com as palavras de Thorne.

— E você — perguntou em tom delicado. — Você sente algum prazer em ser um de nós?

— Acho… acho que estou sentindo de novo — respondeu Thorne, hesitante.

CAPÍTULO 4



FOI DESPERTADO PELO PERFUME agradável de um fogo de lenha de carvalho. Virou-se na cama macia, sem saber onde estava por um instante, mas totalmente sem medo. Esperava o gelo e a solidão. Mas estava em algum lugar confortável, e alguém esperava por ele. Só precisava pôr-se de pé, subir a escada.

De repente, tudo ficou claro. Estava com Marius, esse amigo estranho e hospitaleiro. Estavam numa nova cidade bela e promissora, construída sobre as ruínas da antiga. E uma boa conversa o aguardava.

Levantou-se, esticando os braços no calor reconfortante do quarto, e olhou em volta, dando-se conta de que a iluminação vinha de dois antigos lampiões de vidro. Como aquele lugar parecia seguro. Como era bonita a madeira pintada das paredes.

Na cadeira havia uma camisa limpa de linho para ele. Ele a vestiu, tendo muita dificuldade com os botõezinhos. Não havia necessidade de trocar as calças. Estava de meias de lã, mas sem sapatos. O assoalho era liso, encerado e nem um pouco frio.

Deixou que suas pisadas o anunciassem quando subiu a escada. Parecia a atitude correta nessa casa, permitir que Marius soubesse que ele estava vindo, e não ser acusado de atrevimento ou de agir de modo furtivo.

Ao se aproximar da porta do aposento em que Daniel fazia suas fantásticas cidades e povoados, parou, com muito retraimento olhou para dentro e viu Daniel, o rapaz quase menino de cabelo louro, trabalhando como se nunca tivesse chegado a se recolher para passar o dia. Daniel levantou os olhos e, de modo totalmente inesperado, deu um sorriso franco para Thorne ao cumprimentá-lo.

— Thorne, nosso hóspede — disse ele. Havia um ligeiro tom de arremedo, mas Thorne percebeu que se tratava de uma emoção menor.

— Daniel, meu amigo — disse Thorne, voltando a contemplar as minúsculas montanhas e vales, os trenzinhos velozes com suas janelas iluminadas, as densas florestas que pareciam ser a obsessão atual de Daniel.

Daniel voltou a olhar para o trabalho como se não tivessem se falado. Agora era tinta verde que ele aplicava na pequena árvore.

Em silêncio, Thorne fez menção de ir embora, mas Daniel dirigiu-se a ele.

— Marius diz que o que eu faço é artesanato, não é arte. — Ele exibiu a árvore diminuta.

Thorne não sabia o que dizer.

— As montanhas eu faço com minhas próprias mãos. Marius acha que eu deveria fazer as casas também.

Novamente, Thorne descobriu-se incapaz de dar uma resposta. Daniel continuou a falar.

— Eu gosto das casas que vêm nas embalagens. São difíceis de montar, até mesmo para mim. Além do mais, eu nunca ia imaginar tantos tipos diferentes de casa. Não sei por que Marius precisa fazer comentários tão desdenhosos.

Thorne estava perplexo. Afinal, disse simplesmente:

— Não tenho resposta para isso. Daniel calou-se.

Thorne esperou um pouco numa demonstração de respeito e se dirigiu ao salão maior.

O fogo estava aceso na lareira enegrecida, emoldurada por um retângulo de pedras pesadas, e Marius estava sentado ao lado, jogado na sua grande poltrona de couro, com a postura mais de um menino que de um homem, acenando para que Thorne se acomodasse num espaçoso sofá de couro em frente.

— Sente-se lá, se quiser, ou aqui, se preferir — disse Marius, simpático. — Se você se importar com o fogo, posso apagá-lo.

— E por que eu me importaria, meu amigo? — perguntou Thorne, ao sentar. As almofadas eram espessas e macias.

Enquanto seus olhos passavam pela sala, viu que quase todos os lambris eram pintados em ouro ou azul, e que havia entalhes nas vigas do teto, bem como nas vergas dos portais. Esses entalhes faziam com que se lembrasse da sua própria época. Mas era tudo novo — como Marius dissera, tudo fora feito por um homem dos tempos modernos, mas feito com esmero, com muita ponderação e cuidado.

— Às vezes, há bebedores de sangue que temem o fogo — disse Marius, contemplando as chamas, com o rosto sereno e branco refletindo a luz e a sombra. — Nunca se sabe. Eu sempre gostei, mesmo tendo no passado sofrido terrivelmente em razão do fogo, mas a verdade é que você conhece essa história.

— Acho que não a conheço — disse Thorne. — Não, eu nunca a ouvi. Se você quiser contá-la, vou querer ouvir.

— Mas primeiro há algumas perguntas para as quais você quer uma resposta — disse Marius. — Você quer saber se o que viu com o Dom da Mente era totalmente real.

— É — disse Thorne. Lembrou-se da rede, dos pontos de luz, do Cerne Sagrado. Pensou na Rainha do Mal. O que havia formado suas visões dela? Os pensamentos dos bebedores de sangue reunidos em torno da mesa do conselho dela.

Deu-se conta de que estava olhando Marius nos olhos e que Marius conhecia todos os seus pensamentos.

Marius desviou o olhar para o fogo e então disse em tom neutro:

— Pode pôr os pés em cima da mesa. Aqui o que interessa é o conforto. Marius fez o mesmo com os próprios pés, e Thorne estendeu as pernas, cruzando-as na altura do tornozelo.

— Fale à vontade — disse Marius. — Diga-me o que sabe, se quiser. Diga-me o que gostaria de saber. — Parecia haver na sua voz um toque de raiva, mas não era dirigida a Thorne. — Não tenho segredos — prosseguiu. Examinou pensativo o rosto de Thorne e continuou: — Existem outros… os que você viu à mesa do conselho, e até mesmo mais outros, espalhados por todos os cantos do mundo.

Ele deu um pequeno suspiro e abanou a cabeça, para então continuar a falar.

— Mas agora estou só. Quero estar com aqueles que amo, mas não posso. — Ele olhou para o fogo. — Posso me reunir a eles por um curto período e então vou embora…

"… Aceitei que Daniel ficasse comigo porque ele precisava de mim. Abriguei Daniel porque me é insuportável estar totalmente só. Procurei os países do norte por estar cansado das belas terras do sul, cansado até mesmo da Itália, onde nasci. Antes eu pensava que nenhum mortal nem bebedor de sangue algum poderia um dia se cansar da generosa Itália, mas agora estou farto e quero contemplar a pura brancura da neve."

— Entendo — disse Thorne. O silêncio o convidava a prosseguir. — Depois que me transformaram em bebedor de sangue, fui levado ao sul, que me parecia um valhala. Em Roma, eu morava num palácio e contemplava as sete colinas todas as noites. Era um sonho de brisas delicadas e árvores frutíferas. Eu me postava a uma janela lá no alto, acima do mar, e observava seu estrondo nos rochedos. Descia até o mar, e a água era morna.

Marius deu um sorriso realmente amável e cheio de confiança. E fez que sim.

— A Itália, minha Itália — disse, baixinho.

Thorne considerou a expressão no seu rosto simplesmente fantástica e quis que Marius mantivesse o sorriso, mas ele sumiu com grande rapidez.

Marius agora estava sério, com o olhar perdido nas chamas de novo, como se estivesse imerso na própria tristeza. À luz do fogo, seu cabelo estava quase totalmente branco.

— Fale comigo, Marius — disse Thorne. — Minhas perguntas podem esperar. Quero o som da sua voz. Quero suas palavras. — Ele hesitou. — Sei que você tem muito a contar.

Marius olhou para ele como que espantado, e até certo ponto interessado. Então falou.

— Sou velho, meu amigo — disse ele. — Sou um verdadeiro Filho dos Milênios. Foi no tempo de César Augusto que me tornei bebedor de sangue. Foi um druida que me deu esta morte singular, uma criatura que se chamava Mael, mortal na época em que me vitimou, mas bebedor de sangue pouco depois, alguém que ainda vive, muito embora tenha tentado há não muito tempo sacrificar a própria vida num novo fervor religioso. Que pateta.

"O tempo nos tornou companheiros mais de uma vez. Como isso é estranho. É mentira que eu o tenha em alta estima. Minha vida é cheia de mentiras semelhantes. Não sei se cheguei a lhe perdoar o que me fez: fazer-me prisioneiro, arrastar-me da vida mortal até um bosque distante na Gália, onde um antigo bebedor de sangue, terrivelmente queimado, e ainda assim se imaginando um deus do Bosque Sagrado, me deu o Sangue Negro."

Marius fez uma pausa.

— Está me acompanhando?

— Estou — disse Thorne. — Eu me lembro desses bosques e dos rumores entre nós sobre os deuses que neles habitavam. Você está dizendo que um bebedor de sangue morava no interior do Carvalho Sagrado.

Marius fez que sim e prosseguiu.

— "Vá ao Egito", exortou-me esse deus gravemente queimado, esse deus ferido, "e encontre a Mãe. Descubra a razão para o terrível fogo que veio dela, a nos queimar onde quer que estivéssemos."

— E essa Mãe — disse Thorne. — Essa era a Rainha do Mal que trazia dentro de si o Cerne Sagrado.

— Isso mesmo — disse Marius, com os olhos azuis firmes pousados com delicadeza em Thorne. — Ela era a Rainha do Mal, meu amigo, sem a menor dúvida…

"…Mas naquela época, há dois mil anos, ela estava muda e imóvel; e parecia a mais desesperançada das vítimas. Estavam com quatro mil anos, os dois, ela e o consorte Enkil. E é verdade que ela possuía o Cerne Sagrado, sobre isso não havia dúvida, pois o fogo terrível chegara a todos os bebedores de sangue na manhã em que um vampiro ancião exausto havia abandonado o Rei e a Rainha ao forte sol do deserto.

"Vampiros do mundo inteiro — deuses, criaturas da noite, lâmias —, não importava como se chamassem, sofreram enorme agonia, alguns sendo eliminados por chamas terríveis, outros meramente escurecidos e deixados a sofrer com uma dor fraca. Os mais antigos de todos sofreram pouco; os mais novos foram reduzidos a cinzas.

"Quanto aos Pais Sagrados, e imagino que esse seja o termo a ser usado para designá-los, o que eles fizeram quando o sol nasceu? Nada. O Ancião, gravemente queimado em razão de todos os seus esforços para fazer com que acordassem, falassem ou corressem para se abrigar, encontrou-os como os deixara, impossíveis de se mover, indiferentes; e, portanto, temendo maiores sofrimentos para si mesmo, ele os devolvera a um aposento escuro, que não passava de uma mísera cela subterrânea de prisão."

Marius parou. Sua pausa foi tão completa que deu a impressão de que as lembranças eram dolorosas demais para ele. Estava contemplando as chamas, como os seres humanos costumam fazer, e as chamas dançavam sua dança eterna e confiável.

— Conte-me, por favor — disse Thorne. — Foi você quem a encontrou, essa Rainha, você a viu com seus próprios olhos tanto tempo atrás?

— Ê, fui eu quem a encontrou — respondeu Marius, baixinho. Com a voz séria, mas sem rancor. — Tornei-me seu guardião. "Leve-nos do Egito, Marius", foi o que ela me disse com a voz silenciosa, o que você, Thorne, chama de Dom da Mente, sem nunca mexer os lábios.

"E eu a levei, com seu amor Enkil, e os abriguei por dois mil anos, em que permaneceram imóveis e mudos como estátuas.

"Eu os mantinha ocultos num santuário consagrado. Era a minha vida, meu compromisso solene.

"Flores e incenso eu dispunha diante deles. Cuidava de seus trajes. Tirava o pó dos rostos imóveis. Era minha obrigação sagrada fazer isso; e o tempo todo manter o segredo protegido de bebedores de sangue errantes que pudessem procurar seu sangue poderosíssimo, ou até mesmo tentar mantê-los em cativeiro."

Seus olhos permaneciam fixos no fogo, mas os músculos do seu pescoço se retesaram, e Thorne pôde por um instante ver as veias em contraste com suas têmporas lisas.

— Todo esse tempo — prosseguiu Marius — eu a amei, essa divindade aparente que você chama tão acertadamente de Rainha do Mal. Talvez essa seja a maior mentira que já vivi. Eu a amava.

— Como seria possível não amar uma criatura dessas? — perguntou Thorne. — Até mesmo no meu sono, eu via seu rosto. Sentia seu mistério. A Rainha do Mal. Sentia seu encantamento. E ela dispunha do silêncio a precedê-la. Quando voltou à vida, deve ter parecido que uma maldição foi rompida, e que ela afinal foi libertada.

Essas palavras pareciam exercer um efeito bastante forte sobre Marius. Seus olhos passaram por Thorne com um pouco de frieza, e então ele voltou a contemplar o fogo.

— Se eu disse algo indevido, peço desculpas — disse Thorne. — Estava só tentando entender.

— É, ela era como uma deusa — retomou Marius. — Era o que eu pensava e o que eu sonhava, embora dissesse o contrário a mim mesmo e a todos os outros. Fazia parte da minha mentira rebuscada.

— E precisamos confessar nossos amores a todo o mundo? — perguntou Thorne, baixinho. — Será que não podemos guardar alguns segredos? — Com uma dor avassaladora, pensou na sua Criadora. Não fez nenhum esforço para disfarçar seus pensamentos. Voltou a vê-la sentada na caverna com o fogo ardendo ao fundo. Viu que ela tirava cabelos da própria cabeça para fiá-los com a roca e o fuso. Viu seus olhos debruados de sangue, e então se afastou dessas lembranças. Empurrou-as para as profundezas do coração.

Olhou para Marius.

Marius não havia respondido à pergunta de Thorne. O silêncio deixou Thorne ansioso. Sentiu que deveria se calar e deixar que Marius prosseguisse. No entanto, não conseguiu conter a pergunta.

— Como a desgraça veio a ocorrer? — perguntou. — Por que a Rainha do Mal se ergueu do trono? Foi o Vampiro Lestat com sua música elétrica quem a acordou? Eu o vi disfarçado de humano, dançando para humanos, como se fosse um deles. No meu sono, sorri, enquanto via o mundo moderno envolvê-lo, incrédulo, achando graça e dançando no compasso dos seus ritmos.

— Foi o que aconteceu, meu amigo — disse Marius —, pelo menos com o mundo moderno. Quanto a ela? E ao fato de ter se levantado do trono? Sua música teve muito a ver com isso.

“Pois temos de nos lembrar de que por milhares de anos ela havia existido em silêncio. Flores e incenso, sim, isso eu lhe dava em abundância, mas música? Nunca. Só quando o mundo moderno tornou uma coisa dessas possível, e então a música de Lestat entrou na própria câmara em que ela se

encontrava sentada, tremeluzente em suas vestes. E não a acordou apenas uma vez, mas duas.

"O choque da primeira vez foi tão forte para mim quanto o da desgraça posterior, embora a situação fosse corrigida bem a tempo. Foi há duzentos anos, numa ilha no mar Egeu, que tive essa pequena surpresa, e deveria ter aprendido uma dura lição com ela, mas isso eu, no meu orgulho, não fiz."

— E o que aconteceu?

— Lestat era um vampiro recente; e, tendo ouvido falar de mim, saiu à minha procura, com sinceridade no coração. Ele queria saber o que eu tinha a revelar. Pelo mundo inteiro, ele me procurou, e então chegou uma época em que ele se encontrava fraco e alquebrado pelo próprio dom da imortalidade, sua época de enfurnar-se na terra como você se enterrou no gelo no extremo norte.

"Eu o atraí para mim. Conversei com ele como estou conversando agora com você. Mas com ele aconteceu algo interessante que me pegou totalmente desprevenido. Senti um súbito impulso de pura devoção por ele, e a isso se associou uma confiança extraordinária.

"Ele era jovem, mas não era inocente. E, quando eu falava, ele era o ouvinte perfeito. Quando eu bancava o professor, não havia discussão. Senti vontade de lhe contar meus segredos mais antigos. Quis lhe revelar o segredo do Rei e da Rainha.

"Já fazia muito, muito tempo desde a última vez que eu revelara aquele segredo. Eu estava sozinho entre mortais havia um século. E Lestat, tão absoluto em sua devoção por mim, parecia totalmente digno da minha confiança.

"Levei-o até o santuário subterrâneo. Abri a porta diante das duas figuras sentadas.

"Nos primeiros instantes, ele acreditou que os Pais Sagrados eram estátuas, mas de repente percebeu que os dois estavam vivos. Deu-se conta, sim, de que eram bebedores de sangue, tinham idade avançadíssima e neles podia ver seu destino, se sobrevivesse por tantos milênios.

“É uma percepção aterrorizante. Mesmo para os jovens que me contemplam, é difícil para eles compreender que podem se tornar tão lívidos e duros quanto eu. Com a Mãe e o Pai, era horrendo; e Lestat foi dominado pelo medo.

“Entretanto, ele conseguiu refrear o medo, aproximar-se da Rainha e até mesmo beijar seus lábios. Foi muita coragem; mas, enquanto eu o observava, dei-me conta de que aquilo era perfeitamente natural para ele. E, quando se afastou dela, confessou-me que sabia seu nome.

“Akasha. Era como se ela o tivesse pronunciado. E eu não podia negar que ela lhe fornecera o nome através da mente. Dos seus séculos de silêncio, sua voz viera mais uma vez, com sua confissão sedutora.

“Entenda o quanto ele era jovem. Transformado aos vinte anos de idade, talvez tivesse sido vampiro havia uns dez anos, não mais que isso.

“Como eu poderia interpretar esse beijo e essa revelação secreta?

“Neguei totalmente meu amor e meu ciúme. Neguei minha decepção esmagadora. Disse a mim mesmo: ‘Você é sábio demais para isso. Aprenda com o que aconteceu. Talvez esse jovem faça com que ela produza algo magnífico. Ela não é uma deusa?’

“Levei Lestat a meu salão, um aposento tão confortável quanto este, embora em outro estilo, e ali conversamos até de madrugada. Contei-lhe a história da minha criação, minha viagem ao Egito. Fiz-me de mestre com enorme afinco e generosidade; e um toque de pura satisfação do eu. Era por Lestat ou por mim que eu queria que ele soubesse de tudo? Não sei. Mas aquelas horas foram esplêndidas para mim, isso eu sei.

“Na noite seguinte, porém, enquanto eu estava dando atenção aos mortais que moravam na minha ilha e que me acreditavam seu senhor, Lestat fez algo apavorante.

“Tirando da sua própria bagagem um violino que para ele era inestimável, um instrumento musical de poder

perturbador, ele desceu e entrou no santuário.

"Agora está claro para mim, como já estava naquela ocasião, que ele não poderia ter conseguido isso sem o auxílio da Rainha, que, com o Dom da Mente, abriu para ele as muitas portas que se interpunham entre eles.

"Como de fato Lestat relata, é mesmo possível que a Rainha tenha plantado na sua cabeça a própria idéia de tocar o instrumento. Acho que não. Acho que ela abriu as portas e o convocou, mas foi ele quem levou o violino.

"Calculando que o instrumento produziria um som totalmente desconhecido e perfeitamente maravilhoso para ela, Lestat passou a imitar as pessoas que havia visto tocando o instrumento, porque a verdade era que não sabia tocá-lo.

"Em instantes, minha bela Rainha se levantara do trono para vir na sua direção. E ele, apavorado, deixou cair o violino, que ela esmagou com o pé. Não fazia diferença. Ela o abraçou. Ofereceu-lhe seu sangue; e então ocorreu algo tão extraordinário que para mim é doloroso fazer essa revelação. Ela não só permitiu que ele bebesse dela; *ela também bebeu dele.*

"Parece simples, mas não é. Pois em todos os séculos em que vim a ela, em que tomei do seu sangue, jamais senti a força dos seus dentes em mim.

"Para ser franco, não sei de nenhum suplicante cujo sangue ela jamais tenha bebido. Uma vez houve um sacrifício, e, é verdade, ela bebeu daquela vítima, e essa vítima foi destruída. Mas dos seus suplicantes? Nunca. Ela era a fonte, a doadora, a que curava os deuses do sangue e os filhos queimados, mas não bebia deles.

"E, no entanto, de Lestat ela bebeu.

"O que teria visto naqueles instantes? Não posso imaginar, mas deve ter sido um apanhado dos anos que transcorriam. Deve ter sido um relance da alma de Lestat. Não importa o que tenha sido, foi momentâneo, pois seu consorte Enkil logo se levantou e investiu para dar um fim naquilo. E àquela altura eu chegara e estava tentando desesperadamente e

com sucesso impedir a destruição de Lestat por Enkil, que parecia não ter nenhum outro objetivo.

"O Rei e a Rainha voltaram ao trono, conspurcados, ensangüentados e afinal em silêncio. Durante o resto da noite, porém, Enkil ficou desassossegado e destruiu os jarros e braseiros do santuário.

"Foi uma demonstração de força apavorante. E percebi que para a segurança de Lestat, na realidade, até mesmo para a minha própria, eu devia me despedir dele de imediato, o que me causou uma dor excruciante, e assim nos separamos na noite seguinte."

Marius voltou a calar-se, e Thorne esperou, paciente. Marius então recomeçou a falar.

— Não sei o que me causou a dor pior: a perda de Lestat ou meu ciúme de que ela *dera a ele e dele tomara.* Não consigo saber o que eu próprio penso. Você compreende que minha impressão era a de que eu a possuía. Para mim, ela era minha Rainha. — Sua voz baixou até não passar de um murmúrio. — Quando eu a revelei a Lestat, estava exibindo um bem meu! Está vendo como eu mentia? — perguntou ele. — E depois ter de perdê-lo, perder esse jovem com quem eu me sentia em perfeita comunhão! Ah, essa foi uma dor tão forte. Muito parecida com a música do violino, creio eu, com uma coloração exatamente tão intensa, uma dor tão terrível.

— O que eu posso fazer para aliviar sua tristeza? —- perguntou Thorne. — Porque você a tem consigo como se ela ainda estivesse aqui.

Marius olhou para cima, e de repente uma expressão de pura surpresa iluminou seu rosto.

— Você está com a razão — disse ele. — Eu trago comigo essa obrigação, como se ela ainda estivesse comigo, como se mesmo agora eu ainda tivesse de ir passar minhas horas no santuário.

— Você não consegue se alegrar por tudo estar acabado? — perguntou Thorne. — Quando eu estava na minha caverna de gelo, quando via esses acontecimentos em sonho, o que me

parecia era que havia outros que se sentiram em paz quando tudo terminou. Até mesmo as gêmeas ruivas que vi paradas diante de todos pareciam ter uma noção de que tudo estava acabado.

Marius fez que sim.

— Todos eles têm essa mesma impressão — disse Marius —, à exceção de Lestat. — Ele olhou para Thorne, assombrado.

— Conte-me então como ela acabou despertando — disse Thorne. — Como se tornou assassina dos próprios filhos. Senti que passou por mim, muito perto e a esquadrinhar com o olhar, mas não sei bem como não fui encontrado.

— Outros também escaparam dela — disse Marius —, embora ninguém saiba quantos. Ela se cansou da carnificina e veio a nós. Acho que imaginou que tinha tempo para terminar. Mas seu fim veio bem rápido.

"Quanto à segunda ressurreição, foi Lestat mais uma vez, mas eu tenho tanta culpa quanto ele.

"É o seguinte o que acho que aconteceu. Levei as invenções do mundo moderno à Rainha como oferendas. De início, as máquinas que tocavam música, e então vieram as que exibiam filmes. Afinal, levei a mais poderosa de todas, a televisão, que funcionaria o tempo todo. Instalei-a no santuário como se fosse um sacrifício."

— E ela se alimentou desse objeto — disse Thorne —, como os deuses costumam fazer quando descem aos seus altares.

— E, ela se alimentou. Ela consumiu sua terrível violência elétrica. Cores gritantes lampejavam sobre seu rosto, e imagens a assediavam. Ela poderia ter sido acordada pelo mero clamor. E eu às vezes me pergunto se a interminável fala pública do mundo sem fronteiras não poderia por si só ter inspirado nela o simulacro de uma mente.

— O simulacro de uma mente?

— Ela despertou com um propósito simples e censurável. Queria dominar o mundo.

Marius abanou a cabeça. Sua atitude era de profunda tristeza.

— Ela superaria em inteligência as melhores cabeças humanas — disse ele, entristecido. — Destruiria a grande maioria das crianças de sexo masculino deste mundo. Num paraíso feminino, criaria e defenderia a paz. Era uma bobagem: um conceito embebido em violência e sangue.

"E aqueles de nós que tentavam dissuadi-la precisavam ter enorme cuidado com as palavras para não insultá-la. Onde ela poderia ter colhido idéias semelhantes, a não ser nos fragmentos de sonhos elétricos que via na tela gigante que eu lhe fornecera? Ficções de todos os tipos e o que o mundo chama de 'Notícias', tudo isso a inundara. Eu havia propiciado a enxurrada."

O olhar de Marius passou rápido sobre Thorne, e ele continuou:

— É claro que ela via as fulgurantes canções em vídeo do Vampiro Lestat. — Marius voltou a sorrir, mas era um sorriso triste, e iluminou seu rosto como canções tristes iluminam um rosto. — E Lestat apresentou nos seus vídeos a própria imagem dela no trono, como ele a havia visto séculos atrás. Faltando com a palavra comigo, ele revelou os segredos que eu lhe confiara.

— Por que você não o destruiu por isso?! — disse Thorne antes que pudesse se conter. — É o que eu teria feito.

Marius apenas abanou a cabeça.

— Acho que preferi me destruir — respondeu. — Preferi deixar que meu coração se partisse dentro de mim.

— Por quê? Peço que me explique.

— Não consigo, não consigo explicar para mim mesmo — disse Marius. — Talvez eu conheça Lestat até bem demais. Ele não pôde resistir ao voto de silêncio que me fez. Não neste mundo que você está vendo ao redor, com todos os seus assombros. Ele se sentiu impelido a revelar nossa história. — A forte emoção dançava no rosto de Marius. Seus dedos se agarravam aos braços da poltrona com apenas um pouco de

inquietação. — Lestat desfez todos os laços que nos uniam — disse ele. — Entre amigo e amigo, mestre e discípulo, velho e jovem, entre o que observa e o que procura.

— Foi uma afronta — disse Thorne. — O que mais você poderia sentir a não ser fúria?

— E, no fundo do coração, foi o que senti. Mas, veja só, eu menti para eles, para os outros bebedores de sangue, nossos irmãos e irmãs. Porque, uma vez que a Rainha despertara, eles precisavam de mim…

— É, eu vi — disse Thorne.

— Eles precisavam do sábio para argumentar com ela, para desviá-la do seu intento. Não havia tempo para brigas. As canções de Lestat tinham feito surgir um monstro. Eu disse aos outros que não havia nenhuma ferida. Recebi Lestat num abraço. Quanto à minha Rainha, ah, a minha Rainha, como neguei que um dia a tivesse amado. E tudo isso pela companhia de um pequeno bando de imortais. E veja que estou lhe dizendo a verdade.

— E você se sente bem por dizer a verdade?

— Ah, sinto-me bem, sim — respondeu Marius.

— Como ela foi destruída?

— Há milhares de anos ela foi alvo de uma maldição lançada por alguém que ela havia tratado com crueldade, e foi essa outra que veio acertar as contas. Um único golpe decapitou nossa bela Rainha; e então, do seu corpo, o Cerne Sagrado dos bebedores de sangue foi retirado rapidamente, fosse do cérebro, fosse do coração, não sei de qual, e incorporado ao corpo da vingadora. Não sei, porque durante aqueles momentos fatídicos, eu estava tão cego quanto os outros.

"Só sei que aquela que matou a Rainha agora traz em si o Cerne Sagrado; e para onde foi ou como chegou lá, não tenho como dizer."

— Eu vi as gêmeas ruivas — disse Thorne. — Estavam paradas ao lado do corpo. "A Rainha dos Condenados", disse

minha Maharet. Ouvi essas palavras. Vi Maharet com um braço enlaçando a irmã.

Marius não disse nada.

Mais uma vez, Thorne sentiu que ficava perturbado. Percebeu o início de uma dor por dentro. Na lembrança, viu sua Criadora aproximando-se dele na neve. Que medo sentia na época ele, um guerreiro mortal, enfrentando uma bruxa solitária, que ele poderia destruir com a espada ou o machado? Como ela lhe parecera bela e frágil, uma criatura alta num vestido roxo-escuro de lã, com os braços abertos como se lhe estivesse dando boas-vindas.

Mas fui eu que vim procurá-lo. É por você que me demoro.

Ele não queria ceder ao encantamento. Ninguém encontraria seu corpo na neve, com os olhos arrancados, como haviam encontrado tantos outros.

Quis afastar a lembrança. Falou:

— Foi ela quem me criou, a ruiva. Maharet, a irmã da que tomou para si o Cerne Sagrado.

Fez uma pausa. Mal conseguia respirar de tanta dor. Marius o observava atentamente.

— Ela viera para o norte à procura de um amante entre nossa gente — disse Thorne. Parou, com a convicção abalada. Mas então prosseguiu: — Caçava no nosso clã e nos outros que habitavam o mesmo vale. Roubava os olhos dos que matava.

— Os olhos e o sangue — disse-lhe Marius, baixinho. — E, quando ela o transformou em bebedor de sangue, você soube por que ela precisava dos olhos.

— Soube, mas não a história verdadeira, não a história de quem lhe tirara os olhos mortais. E da irmã gêmea eu não fazia a menor idéia. Meu amor era total. Eu fazia poucas perguntas. Não conseguia compartilhar sua presença com outros. Isso me deixava furioso.

— Foi a Rainha do Mal que lhe arrancou os olhos — disse Marius —, quando ela ainda era humana; e da irmã gêmea, a língua. Foi de uma injustiça cruel, esse ato. E alguém que também possuía o Sangue não pôde suportar aquilo, ele transformou as duas em bebedoras de sangue, antes que a Rainha do Mal as separasse e mandasse cada irmã para um canto diferente do mundo.

Thorne arfou ao imaginar isso. Tentou sentir amor no íntimo. Viu novamente sua Criadora, na caverna bem iluminada com o fuso e o fio. Viu os longos cabelos ruivos.

— E assim terminou a catástrofe que presenciei enquanto dormia no gelo. A Rainha do Mal desapareceu, castigada para sempre, e as gêmeas tomaram o Cerne Sagrado, sim. Mas, quando procuro pelo mundo afora as vozes e as visões da nossa espécie, não consigo encontrar as gêmeas. Nada escuto delas, embora queira saber onde estão.

— Elas se recolheram — disse Marius. — Sabem que devem se esconder. Sabem que alguém pode tentar tirar delas o Cerne Sagrado. Sabem que alguém, rancoroso e farto do mundo, pode procurar destruir a todos nós.

— É mesmo — disse Thorne. Sentiu um calafrio percorrer os membros. Desejou de repente que tivesse mais sangue nas veias. Que pudesse sair para caçar, mas na realidade não queria deixar o calor agradável desse lugar e essas palavras fluentes, não por enquanto. Era cedo demais.

Sentiu-se culpado por não ter contado toda a verdade do seu sofrimento e do seu objetivo a Marius. Não sabia se conseguiria, e agora lhe parecia terrível estar sob seu teto. No entanto, permanecia ali.

— Conheço sua verdade — disse Marius, mansamente. — Você saiu do retiro com um propósito, e esse é encontrar Maharet e feri-la.

Thorne encolheu-se como se tivesse sido atingido com força no peito. Não deu resposta.

— Um feito desses é impossível — disse Marius. — Você tinha conhecimento disso quando a deixou há séculos

para ir dormir no gelo. Os poderes dela estão fora do alcance da nossa imaginação. E eu posso lhe garantir, sem sombra de dúvida, que a irmã nunca sai do seu lado.

Thorne não conseguia encontrar palavras para responder. Afinal, falou, num murmúrio tenso.

— Por que eu a odeio tanto pelo tipo de vida que me deu, se nunca odiei meu pai e minha mãe mortais?

Marius assentiu e sorriu com ironia.

— Sábia pergunta — comentou. — Abandone sua esperança de causar-lhe mal. Pare de sonhar com essas correntes com as quais ela um dia prendeu Lestat, a menos que realmente queira que ela o acorrente com elas.

Foi a vez de Thorne fazer que sim.

— Mas do que eram essas correntes? — perguntou, com a voz tensa e amargurada, como antes. — E por que eu quero ser seu prisioneiro cheio de ódio? Para que ela saiba da minha ira todas as noites enquanto me mantiver por perto?

— Correntes feitas do cabelo ruivo? — sugeriu Marius, com um leve dar de ombros. — Unidas pelo aço e pelo seu sangue? — cogitou. — Unidas por aço, pelo seu sangue e por ouro, talvez. Eu nunca as vi. Só soube que existiam, e que mantiveram Lestat indefeso em toda a sua cólera.

— Quero saber o que elas eram — disse Thorne. — Quero encontrá-la.

— Desista desse objetivo, Thorne. Não posso levá-lo até ela. E se ela acenasse, chamando-o, como fez tanto tempo atrás, e depois o destruísse quando descobrisse seu ódio?

— Ela sabia do ódio quando eu a deixei — respondeu Thorne.

— E por que você foi embora? — perguntou Marius. — Foi apenas o ciúme dos outros, que seus pensamentos me revelam?

— Ela os acolhia sob sua proteção, um de cada vez. Eu não conseguia tolerar. Você fala de um druida que se tornou bebedor de sangue. Conheço um desses. Chamava-se Mael, o

mesmo nome que você mencionou. Ela o trouxe até seu círculo mais íntimo, um amante bem-vindo. Ele era antigo no Sangue e tinha histórias a contar; e por essas ela ansiava mais que por qualquer outra coisa. Afastei-me dela então. Creio que dificilmente tenha visto minha retirada. Creio que mal sentiu meu ódio.

Marius escutava com toda a atenção.

— Mael — disse ele, então, com palavras mansas e pacientes. — Alto e esguio, sempre, com um nariz aquilino, os olhos azuis fundos e o cabelo louro comprido, do seu tempo de servidão no Bosque Sagrado. Foi esse o Mael que seduziu sua doce Maharet, afastando-a de você?

— Foi — disse Thorne, sentindo a dor no seu peito se abrandar. — E ela era doce, isso não posso negar. E nunca me desprezou. Fui eu que saí vagando, na direção das terras ao norte. Fui eu que o odiei por suas bajulações e suas histórias interessantes.

— Não tente brigar com ela — disse Marius. — Fique aqui comigo; e com o tempo ela poderá vir a saber da sua presença aqui. E poderá lhe transmitir suas boas-vindas. Então, seja prudente, eu lhe imploro.

Thorne voltou a concordar. Era como se a terrível batalha tivesse terminado. Ele confessara sua ira, e ela desaparecera. E ele permanecia ali sentado, tranqüilo e simples junto ao fogo, não mais um guerreiro. Tamanha é a magia das palavras, pensou.

E então voltaram-lhe lembranças. Seiscentos anos antes. Ele estava na caverna, e via o bruxuleio da luz do fogo. Estava amarrado e não conseguia se mexer. Ela estava deitada ao seu lado, espiando nos seus olhos e falando com ele aos sussurros. Ele não conseguia se lembrar das palavras, porque faziam parte de algo maior e mais terrível, algo forte como os fios que o prendiam.

Agora ele podia romper aqueles fios. Podia cortar o vínculo da memória e se instalar com firmeza naquela sala. Podia olhar para Marius.

Deu um suspiro longo e lento.

— Mas volte ao seu relato, se quiser — disse, então. — Depois da destruição da Rainha e depois que as gêmeas se foram, por que você não revelou sua fúria ao bebedor de sangue Lestat? Por que não se vingou? Você fora traído! E as conseqüências haviam sido desastrosas.

— Porque eu ainda queria amá-lo — disse Marius, como se soubesse a resposta havia muito tempo. — E eu queria ser amado. E não poderia desistir de meu lugar como o sábio e o paciente, como já disse. A raiva é muito dolorosa para mim. A raiva é de dar pena. Não consigo suportá-la. Não consigo agir sob seu comando.

— Espere aí — disse Thorne. — Diga isso de novo.

— A raiva é de dar pena — repetiu Marius. — Ela sempre está em enorme desvantagem. Não consigo agir sob seu comando. Não consigo me identificar com ela.

Thorne fez um gesto pedindo silêncio. Recostou-se pensativo, e parecia que um ar gelado pousara sobre ele apesar do fogo.

— A raiva é fraca — murmurou Thorne. Isso era para ele uma idéia nova. Na sua cabeça, a raiva e a ira haviam sempre sido assemelhadas. E a ira parecera de algum modo semelhante à fúria de Wodin. Invocava-se a ira antes de entrar em combate. Acolhia-se a ira no coração. E, na caverna de gelo, ele havia permitido que uma antiga ira o despertasse.

— A raiva é tão fraca quanto o medo — disse Marius. — Será que qualquer um de nós dois consegue suportar o medo?

— Não — disse Thorne. — Mas você está falando de algo no seu íntimo que é forte e cheio de energia.

— Existe em mim algo brutal e ferido, e eu perambulo solitário, recusando a taça da raiva, preferindo o silêncio a palavras raivosas. E deparo com você na terra do norte, você é para mim um desconhecido, e para você eu posso abrir o peito.

— É, isso você pode fazer — disse Thorne. — Pela hospitalidade que me ofereceu, você pode me contar qualquer

coisa. Nunca decepcionarei sua confiança, isso eu prometo. Nenhuma canção ou palavra comum jamais sairá de mim. Nada poderá fazer com que aconteça algo semelhante. — Sentiu que sua voz ia ficando mais forte à medida que falava. Era porque estava sendo honesto no que dizia. — O que houve com Lestat? Por que está calado agora? Não ouço mais canções nem sagas dele.

— Sagas, ah, é mesmo, era o que ele escrevia, sagas sobre nossa espécie — disse Marius, e mais uma vez deu um sorriso, quase luminoso. — Ele sofre seus próprios ferimentos terríveis. Esteve com anjos, ou com aqueles seres que alegam ser anjos, e esses o levaram ao Inferno e ao Céu.

— Você acredita nessas coisas?

— Não sei. Posso lhe dizer que ele não estava nesta Terra no período em que essas criaturas alegam ter estado com ele. E ele trouxe de volta um Véu sangrento com o Rosto de Cristo nele gravado de modo belíssimo.

— Ah, e isso você viu?

— Vi — respondeu Marius —, como vi outras relíquias. Foi para ver esse Véu e ir expor-se ao sol para morrer que nosso druida Mael quase se foi deste mundo.

— Por que Mael não morreu? — perguntou Thorne. Não conseguia ocultar sua emoção ao pronunciar esse nome.

— Era velho demais para que isso acontecesse — disse Marius. — Ficou muito queimado e se sentiu humilhado, como pode ocorrer com aqueles de nós que são muito velhos; e, depois de um dia ao sol, não teve a coragem de enfrentar mais sofrimento. Voltou aos seus companheiros e com eles permanece.

— E você? Quer me contar agora do fundo do coração, você realmente o despreza pelo que ele lhe fez? Ou será que é sua repugnância pela raiva que o faz evitar isso?

— Não sei. Há ocasiões em que não consigo contemplar o rosto de Mael. Há outras em que tenho vontade de estar na sua presença. Há épocas em que não consigo procurar nenhum deles. Vim para cá sozinho com Daniel. Daniel sempre precisa

de alguém que cuide dele. Ter Daniel por perto me convém. Daniel não precisa falar. É suficiente que ele esteja aqui.

— Entendo — disse Thorne.

— Entenda também o seguinte — disse Marius. — Eu quero continuar. Não sou daqueles que querem se expor ao sol ou procurar alguma outra forma de extinção. Se você realmente saiu do gelo para destruir Maharet, para irritar sua irmã gêmea…

Thorne levantou a mão direita, num gesto em que pedia paciência e silêncio. Então, falou:

— Não saí. Esses eram sonhos. E eles morreram aqui, neste mesmo lugar. Vai demorar mais para que as lembranças morram…

— Então, lembre-se da beleza e do poder dela — disse Marius. — Uma vez eu perguntei a ela por que nunca havia retirado os olhos de um bebedor de sangue para serem seus. Por que sempre os olhos sangrentos e fracos de uma vítima mortal? Ela me disse que nunca tinha deparado com um bebedor de sangue que ela quisesse destruir ou sequer ferir, à exceção da Rainha do Mal. E os olhos da Rainha ela não poderia retirar. O puro ódio a impedia.

Thorne pensou nisso por um bom tempo antes de responder.

— Sempre olhos mortais — murmurou ele.

— E com cada par, enquanto eles durarem, ela vê mais que você e eu — disse Marius.

— É — disse Thorne. — Estou entendendo.

— Quero forças para envelhecer — disse Marius. — Quero descobrir maravilhas ao meu redor, como sempre descobri. Se isso não ocorrer, perderei a energia para prosseguir, e é isso o que me corrói agora. A morte pôs a mão no meu ombro. A morte veio na forma de decepção e medo do desprezo.

— Ah, isso eu entendo, quase perfeitamente — disse Thorne. — Quando subi para o meio da neve, queria fugir

disso tudo. Queria morrer e não morrer, como tantos mortais querem. Acho que eu não imaginava que sobreviveria no gelo ou na neve. Achava que seria devorado, congelado como pedra, como aconteceria a um mortal. Mas nada disso aconteceu. E, quanto à dor do frio, habituei-me a ela, como se fosse meu quinhão diário, como se eu não tivesse direito a mais nada. Mas foi a dor que me levou até lá; e por isso eu o entendo. Você preferiria enfrentar a dor a recuar.

— É, eu preferiria — disse Marius. — Quando a Rainha se ergueu de seu santuário subterrâneo, ela me deixou enterrado no gelo e na indiferença. Outros vieram me socorrer e me trazer até a mesa do conselho, onde procuramos ponderar com ela. Antes que isso acontecesse, eu não poderia ter imaginado semelhante desprezo ou ofensa. Eu não poderia ter imaginado minha própria paciência e aparente capacidade para perdoar.

"Mas àquela mesa do conselho, Akasha acabou sendo destruída. O insulto a mim foi vingado de modo totalmente irrevogável. Essa criatura que eu havia protegido por dois mil anos desapareceu da minha vida. Minha Rainha, desaparecida…

"E assim posso agora ver a história maior da minha vida, da qual minha bela Rainha foi apenas uma parte, mesmo na sua crueldade para comigo. Vejo todas as histórias da minha vida. Posso escolher uma entre muitas."

— Deixe-me ouvir essas histórias — disse Thorne. — Suas palavras me envolvem como água morna. Elas me trazem conforto. Anseio por suas imagens. Tenho sede de tudo o que você possa dizer.

Marius meditou sobre isso.

— Vou tentar contar-lhe minhas histórias — disse ele. — Que minhas histórias façam o que as histórias sempre fazem. Que elas possam afastá-lo dos seus sonhos mais sinistros e da sua jornada mais sombria. Que elas o mantenham aqui.

Thorne sorriu.

— É — disse ele. — Confio em você. Prossiga.

CAPÍTULO 5



A HISTÓRIA

COMO JÁ LHE DISSE, nasci na Roma antiga, no período de Augusto, quando o Império Romano era imenso e poderoso, embora as tribos de bárbaros do norte que acabariam por derrubá-lo já viessem lutando em suas fronteiras setentrionais havia muito tempo.

A Europa era um mundo de cidades grandes e poderosas exatamente como é agora.

Quanto a mim, como disse, eu era dado a livros; e foi minha triste sorte ser arrancado do meu mundo, levado a ambientes que pertenciam aos druidas para ali ser entregue a um bebedor de sangue que acreditava ser um sagrado Deus do Bosque e que não me deu nada além de superstição junto com o Sangue Negro.

Minha viagem ao Egito para encontrar a Mãe foi para mim mesmo. E se esse fogo descrito pelo deus sofredor e calcinado surgisse de novo?

Bem, encontrei o Casal Divino e os roubei dos que havia muito eram seus guardiães. Fiz isso não só para possuir o Cerne Sagrado da Rainha Divina, mas em razão de meu amor por Akasha, minha convicção de que ela falara comigo e me ordenara a salvá-la, além do fato de ela me haver dado o Sangue Precioso.

Entenda que não existia nada mais forte que aquela fonte primeva. O sangue tornou-me um aterrador bebedor de sangue que conseguia rechaçar qualquer um dos antigos deuses queimados que vieram atrás de mim no porvir.

Mas você precisa entender também que nenhum impulso religioso me norteava. Eu havia considerado o "deus" dos bosques dos druidas um monstro. E compreendia que, a seu próprio modo, Akasha era um monstro. Eu também era um. Não tinha nenhuma intenção de criar uma devoção por ela. Ela era um segredo. E, desde o momento em que passou às minhas mãos, ela e seu consorte foram do modo mais verdadeiro Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Isso não me impediu de adorá-la no meu coração, e de criar um santuário suntuosíssimo para ela, com o sonho de que ela, tendo um dia falado comigo através do Dom da Mente, falaria novamente.

A primeira cidade à qual levei o casal misterioso foi Antioquia, lugar extremamente interessante e maravilhoso. Ficava no Oriente, como dizíamos naquela época. No entanto, era uma cidade romana e havia sido moldada pela tremenda influência do helenismo — as idéias e a filosofia dos gregos. Era uma cidade de construções romanas novas e esplêndidas; de grandes bibliotecas e escolas de filosofia. E, embora eu a assombrasse à noite, espectro do meu eu anterior, havia homens de brilho a espiar e coisas fantásticas a ouvir.

Mesmo assim, meus primeiros anos como guardião da Mãe e do Pai foram de amarga solidão; e o silêncio dos Pais Divinos costumava me parecer especialmente cruel. Era lamentável minha ignorância a respeito da minha própria natureza, e eu vivia ensimesmado com meu destino eterno.

O silêncio de Akasha era para mim aterrador e desconcertante. Afinal, por que me foi solicitado por Akasha que a tirasse do Egito, se ela pretendia apenas ficar sentada no trono imóvel para sempre? Às vezes parecia que a autodestruição era preferível à existência que eu tinha de suportar.

Então chegou a meu meio a belíssima Pandora, uma mulher que eu havia conhecido desde sua infância em Roma. Na realidade, eu uma vez procurara seu pai para pedir sua mão em casamento quando ela era apenas uma criança precoce. E aqui estava ela em Antioquia, linda no apogeu da vida como havia sido na juventude, inundando meus pensamentos com um desejo impossível.

Nossas vidas se entrelaçaram de um modo fatal. De fato, a velocidade e a violência com que Pandora foi transformada em bebedora de sangue deixaram-me debilitado pela culpa e confusão. No entanto, Pandora acreditava que Akasha havia determinado nossa união; Akasha havia escutado minha solidão; Akasha atraíra Pandora para mim.

Se você viu nossa mesa do conselho, em torno da qual nos sentamos quando Akasha se ergueu, então viu Pandora, a bela mulher alta, de pele branca, com a cabeleira castanha e ondulante, que é característica sua, ela que agora é uma poderosa Filha dos Milênios, da mesma forma que você e eu somos.

Por que não estou agora com ela, você talvez pergunte. O que há em mim que não quer reconhecer minha admiração por sua mente, sua beleza, sua requintada compreensão de tudo?

Por que não posso ir procurá-la?

Não sei. Só sei que uma dor e raiva terrível nos separa agora exatamente como nos separou tantos anos atrás. Não posso admitir até que ponto eu a prejudiquei. Não posso admitir o quanto menti sobre meu amor por ela, bem como sobre minha necessidade dela. E essa necessidade, talvez seja essa necessidade o motivo para eu me manter a certa distância, onde me sinto seguro, protegido do escrutínio dos seus olhos castanhos doces e sábios.

É também verdade que ela me julga com excesso de rigor por atos que cometi recentemente. Mas isso é muito difícil de explicar.

Naquela época remota, quando mal fazia dois séculos que vivíamos juntos, fui eu que destruí nossa união de modo

irrefletido e medonho. Havíamos passado quase todas as noites da nossa vida em brigas, e eu não conseguia admitir suas vantagens e suas vitórias. E foi em conseqüência da minha fraqueza que a deixei naquela ocasião, numa atitude tola e impetuosa.

Esse foi meu pior erro em todos os meus longos anos.

Mas deixe-me contar rapidamente a breve história de como acabamos separados por meu rancor e meu orgulho.

Ora, enquanto preservávamos a Mãe e o Pai, os antigos deuses dos bosques escuros do norte foram se extinguindo. Mesmo assim, um ou outro bebedor de sangue nos descobria e vinha insistir conosco em busca do sangue d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Na maioria das vezes, um monstro desses era despachado com facilidade e violência no auge da irritação, e nós voltávamos à nossa vida civilizada.

Uma noite, porém, apareceu em nossa vila nas cercanias de Antioquia um bando de bebedores de sangue recém-transformados, uns cinco, creio eu, todos trajados em túnicas singelas.

Logo fiquei pasmo ao descobrir que eles se consideravam servos de Satã inseridos num Plano Divino que sustentava ser o Demônio igual em poder ao Deus Cristão.

Eles não tinham conhecimento da Mãe e do Pai. E, veja bem, o santuário ficava na própria casa, lá embaixo, no subsolo. E, no entanto, eles não ouviam nenhuma pista dos Pais Divinos. Eram jovens demais e inocentes demais. Na realidade, seu fervor e sua sinceridade eram de cortar o coração.

Entretanto, apesar de profundamente comovido pela sua miscelânea de idéias cristãs e persas, suas convicções ensandecidas, e pela sua curiosa aparência de inocência, eu também me sentia horrorizado com o fato de que essa era uma nova religião entre os bebedores de sangue, e eles falavam em outros adeptos. Falavam de uma seita.

O ser humano em mim revoltou-se. E o romano racional ficou mais confuso e alarmado do que eu consigo expressar.

Foi Pandora quem rapidamente me fez recobrar o juízo e logo deu a entender que devíamos eliminar o bando inteiro. Caso os deixássemos partir, outros viriam nos procurar, e em pouco tempo a Mãe e o Pai poderiam cair nas mãos desses desconhecidos.

Eu, que tinha matado com facilidade antigos bebedores de sangue pagãos, parecia de algum modo incapaz de obedecer-lhe, talvez por me dar conta pela primeira vez de que, se permanecêssemos em Antioquia, se mantivéssemos nossa residência e nossa vida, um número cada vez maior de bebedores de sangue viria, e nunca teria fim a missão de matá-los a fim de proteger nosso belo segredo. E minha alma de repente não conseguia suportar essa possibilidade. De fato, cheguei a pensar mais uma vez na morte para mim mesmo e até para Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Trucidamos os fanáticos. Foi simples porque eles eram muito jovens. Demorou alguns momentos apenas com archotes e com nossas espadas. Nós os reduzimos a cinzas e depois as espalhamos, como tenho certeza de que você sabe que deve ser feito.

Mas, depois de tudo terminado, caí num terrível silêncio e me recusei a sair do santuário por meses. Abandonei Pandora pelo meu próprio sofrimento. Não podia explicar a ela que havia previsto um futuro sombrio; e, quando ela saía para caçar pela cidade ou fazer não importa o que a divertisse, eu ia até Akasha.

Procurava minha Rainha. Ajoelhava-me diante dela e perguntava o que ela queria que eu fizesse.

— Afinal de contas — dizia eu — esses são seus filhos, não são? Chegam em novos batalhões e nem sabem seu nome. Compararam suas presas às das serpentes. Falaram do profeta hebreu Moisés, que exibia nas mãos o cajado da serpente no deserto. Falaram de outros que poderiam vir.

Não vinha resposta alguma de Akasha. Durante dois mil anos, nenhuma resposta de verdade viria de Akasha.

Mas naquela época eu apenas estava começando minha terrível jornada. E naqueles momentos de ansiedade eu só sabia que precisava ocultar de Pandora minhas preces, que eu não podia permitir que ela visse a mim — Marius, o filósofo — de joelhos. Continuei com minhas orações. Continuei com minha adoração fervorosa. E, como sempre acontece quando se reza diante de um objeto imóvel, a luz dançava sobre o rosto de Akasha, a luz conferia alguma aparência de vida.

Enquanto isso, Pandora, tão amargurada com meu silêncio quanto eu com o de Akasha, perdeu totalmente o equilíbrio.

E uma noite ela lançou contra mim um simples insulto doméstico.

— Quem dera que eu me livrasse deles e de você.

Saiu da casa e não voltou na noite seguinte, nem na outra.

Como se pode ver, ela estava apenas fazendo comigo o mesmo que eu havia feito com ela. Pandora recusava-se a testemunhar minha insensibilidade. Mas ela não conseguia entender como era desesperada a necessidade que eu tinha da sua presença e até mesmo dos seus apelos em vão.

Ah, sinto vergonha de como fui egoísta. Foi uma desgraça tão desnecessária; mas profundamente irritado com ela, dei o passo irrevogável de organizar minha partida de Antioquia durante o dia.

Na realidade, à luz fraca da lâmpada, para não alertar meus agentes mortais, dei ordens para que eu e Aqueles Que Devem Ser Preservados fôssemos transportados em três imensos sarcófagos a Roma por mar. Abandonei minha Pandora. Levei comigo tudo o que era meu e lhe deixei apenas a vila vazia, com seus pertences espalhados de modo descuidado e ofensivo por todos os cantos. Deixei a única criatura no mundo que poderia ter paciência comigo, que poderia me dar compreensão e que já tinha feito isso, por mais que nossas brigas fossem freqüentes ou acirradas.

Deixei o único ser que sabia o que eu era!

É claro que eu ignorava quais seriam as conseqüências. Não me dava conta de que só encontraria Pandora depois de centenas de anos. Não sabia que ela se tornaria uma deusa na minha cabeça, um ser tão poderoso na minha memória quanto Akasha era para mim noite após noite.

Veja bem, era mais uma mentira, semelhante à mentira que lhe contei a respeito de Akasha. Eu amava Pandora e precisava dela. Mas no nosso combate verbal, por mais emocional que fosse, eu sempre fazia o papel da mente superior que não tinha nenhuma necessidade do seu discurso aparentemente irracional e da sua afeição sempre evidente. Lembro-me de como Pandora havia discutido comigo na própria noite em que lhe dei o Sangue Negro.

— Não faça da razão e da lógica uma religião — disse ela. — Porque, com a passagem do tempo, a razão pode lhe falhar; e, quando isso ocorrer, você poderá se descobrir procurando refúgio na loucura. — Fiquei extremamente ofendido com essas palavras pronunciadas pela boca dessa bela mulher, cujos olhos me fascinavam tanto que eu mal acompanhava seu raciocínio.

Entretanto, nesses meses de silêncio, depois que trucidamos os Novos Crentes, foi exatamente isso o que aconteceu. Eu me entregara a uma forma de loucura e me recusava a dizer uma palavra que fosse.

E somente agora consigo admitir a plena insensatez daquilo tudo, que minha própria fraqueza me era intolerável e que eu não conseguia suportar tê-la como testemunha da melancolia que envolvia minha alma.

Mesmo agora, não posso tê-la como testemunha do meu sofrimento. Moro aqui sozinho, com Daniel. Falo com você porque você é um amigo recente e pode receber de mim impressões novas e sugestões novas. Você não me encara com conhecimento e temor antigos.

Mas vou continuar com minha história.

Nossa embarcação chegou ao porto de Óstia como esperado; e, uma vez que tínhamos sido transportados nos três sarcófagos para a cidade de Roma, levantei-me da minha

“tumba”, tomei as providências para comprar uma vila caríssima do lado de fora das muralhas da cidade e consegui para Aqueles Que Devem Ser Preservados um santuário subterrâneo nas colinas bem longe da casa.

Uma grande culpa me acabrunhava por tê-los instalado a uma distância tão grande do local em que eu morava, lia meus livros e me abrigava na cripta à noite. Afinal, em Antioquia, eles permaneciam no interior da minha própria casa, embora em segurança no subsolo, e agora estavam a alguns quilômetros dali.

Mas eu queria morar perto da grande cidade, e na realidade, dentro de poucos anos, as muralhas de Roma foram mudadas mais para fora e em torno da minha casa, de tal modo que Roma passou a cercá-la. Eu tinha uma casa de campo dentro da cidade.

Não era um local seguro para Aqueles Que Devem Ser Preservados. E acabou se revelando de enorme prudência eu ter criado seu santuário bem longe da cidade em expansão; e, tendo me instalado na minha vila, eu fazia o papel do “cavalheiro romano” aos que me cercavam, senhor amoroso de alguns escravos simplórios e crédulos.

Agora, lembre-se de que passei mais de duzentos anos longe de Roma.

Enquanto me regozijava com a riqueza cultural de Antioquia, uma cidade romana, sim, mas uma cidade oriental, enquanto escutava seus poetas e mestres no Fórum, enquanto perambulava pelas bibliotecas à luz de archotes, eu me horrorizava com descrições dos imperadores romanos mais recentes que haviam conspurcado totalmente o título com suas palhaçadas, tendo sido inevitavelmente assassinados pelos guarda-costas ou soldados.

Mas eu estava muito enganado ao pensar que a Cidade Eterna tinha caído em degradação. Entre os grandes imperadores dos séculos anteriores estavam Adriano, Marco Aurélio e Sétimo Severo. E uma enorme quantidade de construções monumentais havia sido acrescentada à capital, lado a lado com um grande aumento da população. Nem

mesmo um bebedor de sangue como eu poderia ter examinado todos os templos, anfiteatros e termas de Roma.

Na realidade, era mais que provável que Roma fosse a cidade maior e mais impressionante do mundo. A população era composta de cerca de dois milhões de pessoas; e muitos da plebe, como eram chamados os pobres, recebiam uma ração diária de cereal e vinho.

Entreguei-me ao fascínio da cidade de imediato. E, sem dar atenção aos horrores das brigas imperiais e à guerra contínua ao longo das fronteiras, eu me distraía estudando os trabalhos intelectuais e estéticos da humanidade, como sempre fiz.

É claro que logo fui fazer o papel de fantasma rondando as casas dos meus descendentes, pois tinha conseguido manter-me informado sobre eles, apesar de nunca admitir isso a Pandora; e descobri que eram bons membros da antiga classe senatorial, em luta desesperada para manter alguma ordem no governo, enquanto o exército alçava ao poder um imperador após outro, num esforço encarniçado para assegurar o poder, para essa ou aquela facção nesse ou naquele lugar remoto.

No fundo, foi de partir o coração ver esses rapazes e moças que eu sabia serem descendentes dos meus tios e tias, dos meus sobrinhos e sobrinhas; e foi durante esse período que interrompi para sempre meu registro deles, embora não saiba dizer precisamente por que motivo.

Foi para mim uma época de rompimento com todos os vínculos. Eu havia abandonado Pandora. Havia instalado Aqueles Que Devem Ser Preservados a alguma distância de mim, e então cheguei em casa uma noite, depois de ter espiado uma ceia na casa de um dos meus muitos descendentes, tirei de uma arca de madeira todos os pergaminhos em que havia escrito os nomes desses jovens, colhidos de cartas a vários agentes, e os queimei, sentindo-me bastante sábio na minha monstruosidade, como se isso fosse me evitar mais vaidade e dor.

Passei então a assombrar as moradas de desconhecidos para adquirir conhecimento. Com destreza vampiresca, eu

entrava sorrateiro em jardins sombreados e escutava junto aos portais abertos das vilas mal iluminadas, enquanto os que se encontravam lá dentro falavam baixo durante um jantar, ou escutavam a música delicada de um menino que se acompanhava de uma lira.

Considerei muito comoventes os velhos romanos conservadores; e, embora as bibliotecas aqui não fossem tão boas quanto tinham se tornado em Antioquia, encontrei muita coisa para ler. E claro que havia as escolas de filosofia de Roma; e, se bem que não fossem tão impressionantes quanto as de Antioquia, eu estava interessado em escutar o que fosse possível.

Mas, entenda bem, não cheguei realmente a entrar no mundo mortal. Não fiz amizade com mortais. Não conversava com eles. Somente os observava, como sempre tinha feito em Antioquia. Eu não acreditava que pudesse ter o menor êxito se penetrasse nos seus domínios naturais.

Quanto à minha sede de sangue, eu caçava com fúria em Roma. Sempre me ative ao Malfeitor, o que era simples, posso lhe garantir, mas alimentava minha fome muito mais do que era necessário. Expunha minhas presas com crueldade àqueles a quem ia matar. A imensa população nunca me deixava faminto. Fui mais bebedor de sangue do que nunca na minha existência até então.

Para mim, era um desafio agir da forma correta, fincar os dentes apenas uma vez e com asseio, sem derramar uma gota, à medida que colhia a morte junto com o sangue.

Num lugar como a Roma daquela época, não havia necessidade de esconder os corpos por temor de que fossem descobertos. Às vezes eu os jogava no Tibre. Às vezes não fazia nada além de largá-los na rua. Adorava especialmente matar em tabernas, algo que me agrada fazer até mesmo agora, como você sabe.

Não há nada que se assemelhe à longa passagem pela noite escura e úmida e depois a súbita abertura da porta da taberna, dando para todo um pequeno universo de luz, calor,

risadas e cantorias de humanos. Considero as tabernas realmente muito sedutoras.

É claro que toda essa voracidade, essa matança interminável — tudo derivava da minha dor por ter perdido Pandora, e do fato de eu estar só. Quem estava por perto para me conter? Quem haveria de me superar? Absolutamente ninguém.

E entenda bem, durante os primeiros meses, eu poderia ter escrito para ela! Sem dúvida havia alguma probabilidade de ela ter ficado em Antioquia, na nossa casa, aguardando que eu voltasse a mim, mas não fiz nada disso.

Uma raiva feroz, a própria raiva que combato agora, crescia dentro de mim e me tornava fraco, como já lhe disse. Eu não podia fazer o que precisava fazer — trazê-la de volta para mim. E às vezes minha solidão me levava a fazer três e quatro vítimas numa noite, até eu derramar sangue que não conseguia beber.

Às vezes, nas primeiras horas da madrugada, minha cólera se abrandava e eu voltava aos meus escritos históricos, algo que começara a fazer em Antioquia e que nunca revelei a criatura alguma.

Eu descrevia o que estava vendo em Roma de progresso ou fracasso. Descrevia as construções com detalhes meticulosos. Depois vinham noites em que pensava que tudo que havia escrito era inútil. Afinal, qual era a finalidade? Eu não poderia transmitir essas descrições, esses comentários, esses poemas, esses ensaios ao mundo mortal!

Eram textos contaminados por serem obra de um bebedor de sangue, um monstro que matava humanos para sua própria sobrevivência. Não havia lugar para a poesia ou a história que vinha do coração e da mente de um predador.

E assim comecei a destruir não só meus primeiros escritos, mas até mesmo os antigos ensaios que produzira em Antioquia no passado. Tirei os pergaminhos das arcas um a um e os queimei, como havia queimado os registros da minha família. Ou podia ser que apenas os guardasse, trancados com

segurança, longe dos meus olhos, para que nada que eu tivesse escrito pudesse inspirar em mim algo de novo.

Foi uma tremenda crise da alma.

E então aconteceu algo totalmente imprevisto.

Deparei com outro bebedor de sangue — na realidade, dei com dois deles em ruas escuras tarde da noite na cidade, quando estava descendo uma colina.

A lua tinha entrado atrás das nuvens por um instante, mas é claro que eu conseguia ver perfeitamente com meus olhos sobrenaturais.

As duas criaturas estavam se aproximando rapidamente sem nenhuma noção de que eu estivesse ali encostado no muro, tentando não obstruir seu caminho.

Finalmente, o primeiro dos dois ergueu a cabeça, e eu reconheci o rosto de imediato. Eu conhecia o nariz aquilino e os olhos fundos. Conhecia as faces macilentas. De fato, reconhecia tudo nele, a inclinação dos ombros, o cabelo louro e comprido, até mesmo a mão que segurava a capa junto ao pescoço.

Era Mael, o druida que tanto tempo atrás me havia capturado e aprisionado, para me entregar vivo ao Deus do Bosque, queimado e moribundo. Era Mael que me mantivera em cativeiro durante meses enquanto me preparava para a Magia das Trevas. Era Mael, o puro de coração, o destemido, que eu viera a conhecer tão bem.

Quem fizera de Mael um bebedor de sangue? Em que bosque Mael fora consagrado à sua antiga religião? Por que ele não estava preso em algum carvalho na Gália, para ali presidir os festejos dos druidas seus companheiros?

Nossos olhos se encontraram, mas não tive nenhuma sensação de alarme. De fato, avaliei sua força e a considerei precária. Era tão velho quanto eu, é, isso estava claro, mas não havia bebido de Akasha, como eu. Eu era, de longe, o mais forte de nós dois. Nada havia que ele pudesse fazer contra mim.

E assim, naquele momento, desviei o olhar para o outro bebedor de sangue, que era muito mais alto e infinitamente mais forte; e cuja pele tinha um tom marrom-escuro, sem dúvida por ter sido queimado no Fogo Terrível.

Esse tinha um rosto grande, de feições bastante agradáveis e francas, com grandes olhos negros questionadores, os lábios cheios e de belas proporções, e a cabeça com cabelos castanhos, ondulados.

Voltei a olhar para o louro, o que havia tirado minha vida mortal com tanta convicção religiosa.

Ocorreu-me que poderia destruí-lo, arrancando-lhe a cabeça do corpo, e guardando essa cabeça para depois colocá-la em algum lugar no meu jardim onde o sol acabaria inevitavelmente por encontrá-la e queimá-la até ficar negra. Ocorreu-me que eu deveria fazer isso, que essa criatura não merecia nada melhor que isso. No entanto, outros pensamentos se agitavam dentro de mim.

Eu queria conversar com esse ser. Queria conhecê-lo. Queria conhecer a outra criatura que estava com ele, essa de pele morena que olhava fixamente para mim com uma mistura de inocência e carinho. Esse bebedor de sangue era muito mais velho. Não era semelhante a nenhum ser que jamais me procurara em Antioquia, clamando pelo Pai e pela Mãe. Esse ser era totalmente diferente.

Foi nesse momento que entendi talvez pela primeira vez que a raiva era fraqueza. A raiva me roubara Pandora por uma frase com menos de vinte palavras. A raiva me roubaria Mael se eu o destruísse. Além disso, pensei, sempre posso deixar o assassinato para depois. Posso conversar com Mael agora. Posso deixar que minha mente tenha a companhia pela qual anseia e sempre vou poder matá-lo depois.

Mas tenho certeza de que você sabe que esse raciocínio é falho; porque, uma vez que se comece a amar uma pessoa, não é provável que desejemos sua morte.

Enquanto esses pensamentos passavam velozes por minha mente, de repente palavras jorraram da minha boca.

— Sou Marius, não se lembra de mim? Você me levou até o Bosque do Velho Deus, você me deu a ele, e eu fugi. — Fiquei espantado com a hostilidade com a qual tinha falado.

Ele encobriu totalmente seus pensamentos, e eu não pude saber se ele me reconhecera pela aparência ou não. Falou rápido em latim.

— É, você abandonou o bosque. Abandonou todos os que o adoravam. Levou o poder que lhe foi concedido, e o que deixou para os Fiéis na Floresta? O que deu em troca?

— E você, meu caro druida — disse eu —, você serve a seus antigos deuses? Foi isso o que o trouxe a Roma? — Minha voz tremia de raiva, e eu sentia sua fraqueza. Lutei para recuperar a clareza e a força. — Quando eu o conheci, você era puro de coração. Raramente cheguei a ver alguma criatura mais iludida, mais dada aos consolos e ilusões da religião do que você. — Parei. Eu precisava me refrear, e foi o que fiz.

— A antiga religião desapareceu — disse ele, furioso. — Os romanos conquistaram até mesmo nossos locais mais secretos. As cidades deles estão por toda parte. E bárbaros ladrões investem sobre nós vindo da outra margem do Danúbio. E os cristãos, os cristãos chegam a lugares onde os romanos não estão. Não há como deter os cristãos.

Sua voz foi ficando mais alta, muito embora tivesse adotado o tom de um murmúrio.

— Mas foi você, Marius, você, quem me corrompeu. Foi você, Marius, quem me envenenou. Foi você quem me separou dos Fiéis da Floresta; você me deu sonhos de coisas maiores!

Ele estava com tanta raiva quanto eu. Tremia. E, como costuma acontecer com duas pessoas que estão brigando, essa raiva produziu uma boa calma em mim. Consegui esconder minha inimizade bem fundo em mim com esta pequena resolução: você sempre pode matá-lo mais tarde. E assim prossegui.

A outra criatura estava totalmente surpresa com tudo aquilo e fascinada, com uma expressão quase infantil no rosto.

— O que você está dizendo não faz sentido — respondi. — Eu deveria destruí-lo. Para mim isso seria fácil.

— Pois bem, então tente — respondeu ele.

O outro que estava mais atrás estendeu a mão e segurou a de Mael.

— Não! Prestem atenção, vocês dois — disse ele, com uma voz amiga, bastante grave. — Não continuem com essa briga. Não importa como tenhamos chegado ao Sangue Negro, por meio de mentiras ou pela violência, ele nos tornou imortais. Será que devemos ser tão ingratos?

— Não sou ingrato — disse eu —, mas minha dívida é com o destino, não com Mael. Mesmo assim, anseio por sua companhia. Essa é a verdade. Venham à minha casa. Eu nunca farei mal a alguém que esteja sob meu teto como convidado.

Minha surpresa foi total com esse meu pequeno discurso, mas era a verdade.

— Você tem uma casa nesta cidade? — perguntou Mael. — O que você quer dizer com casa?

— Tenho uma casa, uma casa confortável. Peço-lhes que venham conversar comigo. Tenho um jardim encantador com fontes lindas. Tenho escravos. Gente simplória. A luz é agradável. O jardim é cheio de flores que abrem à noite. Venham.

O de cabelos negros demonstrava abertamente sua surpresa como havia demonstrado antes.

— Eu quero ir — disse ele, olhando de relance para Mael, embora ainda estivesse atrás dele. Sua voz tinha certa autoridade, uma força pura, embora fosse terna.

Mael estava rígido e indefeso em sua raiva. Com o nariz aquilino e os olhos assustados, ele me lembrava uma ave selvagem, como sempre ocorre com homens com esse tipo de nariz. Mas na realidade possuía uma beleza bastante incomum. Sua testa era alta e límpida, e a boca era forte.

Mas, para continuar com minha história, só naquele momento eu percebi que os dois homens estavam esfarrapados

como mendigos. Estavam descalços; e, embora os bebedores de sangue nunca se sujem realmente, pois nenhuma sujeira adere a eles, aqueles dois demonstravam falta de asseio.

Bem, isso eu poderia corrigir logo, se eles permitissem. Eu tinha arcas cheias de vestimentas, como sempre. Quer saísse a caçar, quer fosse examinar algum afresco numa casa abandonada, eu era um romano bem vestido, e costumava portar adaga e espada.

Afinal, eles concordaram em ir; e, com um enorme ato da vontade, segui em frente, dando-lhes as costas para conduzi-los, usando o Dom da Mente com a intensidade máxima, para descobrir se um dos dois tentaria investir contra mim.

É claro que eu sentia uma profunda gratidão por Aqueles Que Devem Ser Preservados não estarem na casa, onde qualquer um desses dois poderia ter detectado seus fortes batimentos do coração, mas eu não podia me permitir visualizar aqueles seres. Continuamos a caminhar.

Finalmente, eles entraram na minha casa, olhando ao redor como se estivessem cercados por milagres, quando tudo o que eu possuía eram os simples pertences de um homem rico. Contemplaram famintos as lâmpadas de bronze que enchiam com uma luz brilhante os aposentos de piso de mármore; e os divãs e cadeiras eles hesitavam em tocar.

Não sei lhe dizer quantas vezes já me aconteceu ao longo dos séculos de algum bebedor de sangue nômade, desprovido de todo e qualquer laço com humanos, entrar na minha casa e se assombrar com coisas simples.

Por isso eu tinha uma cama para você quando você chegou. Por isso eu tinha roupas.

— Sentem-se — disse eu a eles. — Não há nada aqui que não possa ser limpo ou jogado fora. Insisto que fiquem à vontade. Quem dera tivéssemos algum gesto que eu pudesse fazer, como os mortais fazem quando oferecem aos convidados um copo de vinho.

O homem mais alto e maior foi o primeiro a se acomodar numa cadeira, em vez de num divã. Imitei-o, ocupando também uma cadeira e pedindo a Mael que se sentasse por gentileza à minha direita.

Eu agora podia ver com clareza que o bebedor de sangue maior tinha um poder infinitamente superior ao de Mael. Na realidade, ele era muito mais velho. Era mais velho que eu. Era por isso que havia se curado depois do Fogo Terrível, embora isso tivesse ocorrido duzentos anos antes, devo admitir. No entanto, eu não sentia nenhuma ameaça que partisse dessa criatura; e então, de modo totalmente inesperado, na realidade, em silêncio, ele me deu seu nome.

— Avicus.

Mael olhou para mim com a mais venenosa das expressões. Não se recostou como poderia ter feito, mas se manteve rispidamente empertigado e alerta, como que pronto para uma briga.

Tentei ler seus pensamentos, mas foi inútil.

Quanto a mim, eu me considerava o consumado senhor do meu ódio e da minha cólera; mas, quando vi o ar ansioso no rosto de Avicus, pensei que talvez estivesse enganado.

De repente, Avicus falou.

— Ponham de lado o ódio, cada um pelo outro — disse em latim, embora falasse com sotaque —, e talvez uma batalha de palavras acabe acertando tudo.

Mael não esperou que eu concordasse com esse plano. Começou a falar baixo, com irritação.

— Nós o levamos para o bosque — disse-me ele — porque nosso deus nos disse que devíamos agir assim. Ele estava queimado e à morte, mas não queria nos contar o motivo. Queria que você fosse ao Egito, mas se recusou a nos dizer por que razão. Disse que precisava haver um novo deus, mas não nos disse por quê.

— Acalme-se — disse Avicus, baixinho —, para que suas palavras falem realmente do fundo do coração. — Mesmo

maltrapilho, ele parecia bastante majestoso e curioso quanto ao que seria dito.

Mael agarrou com força os braços da cadeira e olhou com raiva para mim, com os longos cabelos louros caídos sobre o rosto.

— Recebemos ordens de trazer um humano perfeito para a magia do velho deus. E isso nossas lendas nos diziam ser verdade. Quando um velho deus enfraquece, é preciso que haja um novo. E somente um homem perfeito pode ser entregue ao deus moribundo para sua magia no carvalho.

— E por isso vocês descobriram um romano — disse eu — no apogeu da vida, rico e feliz; e o arrastaram a contragosto. Será que entre vocês não havia nenhum homem em forma e adequado para sua própria religião? Por que vieram me procurar com suas crenças desgraçadas?

Mael não se abrandou nem um pouco. Prosseguiu de imediato.

— "Tragam-me um que esteja em boa forma física", disse o deus, "um que conheça os idiomas de todos os reinos!" Foi essa sua recomendação. Você tem idéia de quanto tempo precisamos procurar para encontrar um homem como você?

— E eu é que devo ter pena de vocês? — perguntei com aspereza e falta de discernimento.

Ele continuou.

— Nós o trouxemos ao carvalho como nos fora ordenado. E então, quando você saiu do carvalho para presidir ao nosso grande sacrifício, vimos que você tinha sido transformado num deus fulgurante de cabelos cintilantes e olhos que nos assustavam.

"E, sem uma palavra de protesto, você ergueu os braços para que começasse a Grande Festa de Sanhaim. Você tomou o sangue das vítimas que lhe foi dado. Nós o vimos beber! A magia foi restaurada em você. Sentimos que prosperaríamos, e que estava na hora de queimar o velho deus, como nossas lendas nos diziam que fizéssemos.

“Foi então que você fugiu.” Ele se recostou na cadeira como se essa longa fala lhe houvesse tirado as forças. “Você não voltou”, disse, com repulsa. “Você conhecia nossos segredos. Mas não voltou.”

Caiu um silêncio.

Eles não tinham conhecimento da Mãe e do Pai. Não sabiam nada das antigas tradições egípcias. Por um bom tempo senti-me aliviado demais para dizer o que quer que fosse. Sentia-me mais calmo e controlado do que nunca. Na realidade, parecia bastante absurdo que estivéssemos tendo essa discussão pois, como dissera Avicus, nós éramos imortais.

Só que ainda éramos humanos, cada um a seu modo.

Percebi afinal que Mael olhava para mim, e que seus olhos estavam carregados de cólera como antes. Estava pálido, faminto, tresloucado, como já disse.

Essas duas criaturas estavam, porém, esperando que eu falasse ou que fizesse alguma coisa. E realmente parecia que essa responsabilidade cabia a mim. Tomei finalmente uma decisão que me pareceu ser sua própria forma de vingança e sua própria forma de triunfo.

— Não, não voltei — respondi direto a Mael. — Eu não queria ser o Deus do Bosque. Não dava a mínima para os Fiéis da Floresta. Fiz minha escolha de perambular pelo tempo afora. Não tenho nenhuma crença nos seus deuses ou nos seus sacrifícios. O que você esperava de mim?

— Você levou junto a magia do nosso deus.

— Eu não tinha escolha — respondi. — Se tivesse deixado o velho deus queimado sem levar sua magia, vocês teriam me destruído, e eu não queria morrer. Por que eu deveria ter morrido? É verdade, aceitei a magia que ele me deu. É verdade, presidi aos seus sacrifícios e depois fugi, como qualquer um que tivesse minha índole fugiria.

Ele olhou para mim por um bom tempo, como se estivesse tentando descobrir se eu queria continuar a discussão.

— E o que eu estou vendo agora em você? — indaguei. — Você não fugiu dos Fiéis da Floresta? Por que eu dou com você aqui em Roma?

Ele esperou muito tempo.

— Nosso deus — disse ele —, nosso velho deus queimado. Ele falava do Egito. Recomendava que lhe trouxéssemos um que pudesse ir até o Egito. Você foi ao Egito? Você procurou por lá a Boa Mãe?

Encobri meus pensamentos o quanto pude. Tornei meu rosto severo e tentei calcular até onde eu deveria revelar e por que razão.

— É, fui ao Egito. Fui procurar a causa do fogo que tinha queimado os deuses por todos os cantos das terras do norte.

— E o que encontrou? — quis ele saber.

Passei meu olhar dele para Avicus e percebi que ele também estava aguardando uma resposta minha.

— Não encontrei nada — respondi. — Nada a não ser outros queimados que refletiam sobre o mesmo mistério. A antiga lenda da Boa Mãe. Nada além disso. Caso encerrado. Não há mais nada a dizer.

Será que acreditavam em mim? Eu não tinha como saber. Os dois pareciam abrigar seus próprios segredos, suas próprias decisões tomadas muito tempo atrás.

Avicus pareceu ligeiramente alarmado por seu companheiro.

Mael ergueu os olhos devagar e falou, cheio de raiva.

— Quem dera que eu nunca tivesse posto os olhos em você. Seu romano depravado, seu romano rico com todo esse seu esplendor e suas belas palavras. — Ele olhava para a casa ao redor, os afrescos, os divãs e mesas, os pisos de mármore.

— Por que está dizendo isso? — perguntei.

Procurei não desprezá-lo, mas vê-lo e entendê-lo. No entanto, meu ódio era demasiado.

— Quando o capturei, quando tentei lhe ensinar nossa poesia e nossas canções, você se lembra de como tentou me subornar? Falou da sua bela vila na baía de Nápoles. Disse que me levaria até lá se eu o ajudasse a fugir. Você se lembra dessas coisas horríveis?

— Lembro-me, sim — disse eu, com frieza. — Eu era seu prisioneiro! Você me havia levado para o meio da floresta contra minha vontade. O que esperava de mim? E, se você me houvesse deixado fugir, eu o teria levado até minha casa na baía de Nápoles. Eu teria pago meu próprio resgate. Minha família o teria pago. Ah, é tolice tocar nesse assunto.

Abanei a cabeça. Eu estava ficando muito agitado. Minha antiga solidão me atraía. Eu queria o silêncio de volta a esses aposentos. Que necessidade eu tinha desses dois?

Mas o que se chamava Avicus fez-me um apelo mudo, com sua expressão. E eu me perguntei quem ele poderia ser.

— Por favor, controle-se — disse Avicus. — Eu sou a causa do sofrimento de Mael.

— Não — contestou Mael, rápido, olhando de relance para o companheiro. — Isso não pode ser.

— Ah, mas é a verdade — retrucou Avicus — e sempre foi, desde o momento em que lhe dei o Sangue Negro. Ganhe forças para ficar comigo ou para me deixar. As coisas não podem continuar como estão.

Ele estendeu a mão e tocou no braço do companheiro.

— Você encontrou esse ser estranho, Marius, e você falou a Marius sobre os últimos anos da sua forte crença. Você reviveu aquela horrível aflição. Mas não seja tolo ao ponto de odiá-lo pelo que aconteceu. Foi certo ele procurar sua liberdade. Quanto a nós, a antiga fé morreu. O Fogo Terrível a destruiu, e não havia nada mais que pudesse ser feito.

Mael parecia mais abatido que qualquer outra criatura que eu tivesse visto um dia.

Enquanto isso, meu coração estava se apressando para acertar o passo com a mente. Eu estava pensando: aqui estão dois imortais, mas não conseguimos ser um consolo uns para

os outros. Não podemos ter amizade. Só podemos nos despedir depois de trocar palavras de rancor. E depois volto à minha solidão. Volto a ser o orgulhoso Marius que abandonou Pandora. Terei minha bela casa e todos os meus objetos requintados só para mim.

Dei-me conta de que Avicus olhava fixamente para mim, procurando sondar meus pensamentos, mas sem conseguir, apesar de seu Dom da Mente ter um poder tremendo.

— Por que vocês vivem como vagabundos? — perguntei.

— Não sabemos viver de nenhuma outra forma — disse Avicus. — Nunca tentamos. Dos mortais nós nos afastamos intimidados, a não ser quando estamos caçando. Temos medo de sermos descobertos. Temos medo do fogo.

Fiz que sim.

— O que vocês procuram além de sangue?

Uma expressão de infelicidade passou pelo seu rosto. Estava sentindo dor. Procurava esconder isso. Ou talvez estivesse tentando fazer a dor desaparecer.

— Não tenho certeza se procuramos alguma coisa — disse ele. — Não sabemos procurar.

— Querem ficar comigo para aprender? — perguntei.

Percebi a audácia, a presunção dessa pergunta, mas as palavras já tinham sido ditas.

— Posso lhes mostrar os Templos de Roma, posso lhes mostrar os grandes palácios, as casas que fazem essa vila parecer realmente humilde. Posso ensiná-los a fazer uso das sombras de modo que os mortais nunca os vejam; a escalar muros com rapidez e em silêncio; a caminhar pelos telhados à noite pela cidade inteira, sem jamais tocar no solo.

Avicus estava perplexo. Olhou para Mael. Mael estava sentado, relaxado, sem dizer nada. Depois, endireitou-se. Com a voz fraca, ele continuou sua repreensão.

— Eu teria sido mais forte se você não tivesse me falado de todas aquelas maravilhas — disse ele. — E agora você

pergunta se queremos gozar dos mesmos prazeres, os prazeres de um romano.

— Ê o que tenho a oferecer — disse eu. — Façam o que quiserem. Mael abanou a cabeça. Começou a falar de novo, em proveito de quem, não sei.

— Quando ficou claro que você não voltaria, eles me escolheram. Era eu que me transformaria no deus. Mas, para que isso acontecesse, tínhamos de encontrar um Deus do Bosque que não tivesse sido morto pelo Fogo Terrível. Afinal de contas, tínhamos destruído nosso deus manso em vão! Uma criatura que tinha a magia para fazer de você um deus.

Fiz um gesto como se dissesse: Foi mesmo uma pena.

— Mandamos recados por toda parte — disse ele. — Afinal, chegou uma resposta da Bretanha. Havia lá um deus que sobrevivia, um deus que era antiqüíssimo e poderosíssimo.

Dirigi o olhar a Avicus, mas sua expressão não se alterara.

— Fomos, porém, aconselhados a não recorrer a ele. Disseram-nos que talvez aquilo não fosse algo que devêssemos fazer. Ficamos desnorteados com essas mensagens, e afinal partimos, porque achávamos que devíamos tentar.

— E como você se sentiu — perguntei, com crueldade —, agora que havia sido escolhido e sabia que seria encarcerado no carvalho, para nunca mais ver o sol e somente sorver sangue durante os grandes festejos e durante a lua cheia?

Ele olhou direto para a frente como se não pudesse me dar uma resposta razoável, e então respondeu.

— Você me havia corrompido, como eu lhe disse.

— Ah, quer dizer que sentiu medo. Os Fiéis da Floresta não conseguiram tranqüilizá-lo. E a culpa era minha.

— Nenhum medo — disse, furioso, trincando os dentes. — Eu havia sido corrompido, como disse. — Ele faiscou sobre mim os olhos pequenos e fundos. — Você sabe o que significa

não acreditar em absolutamente nada, não ter nenhum deus, nenhuma verdade?

— E claro que sei — respondi. — Eu não acredito em nada. Considero sábia essa atitude. Não acreditava em nada quando eu era mortal. E não acredito em nada agora.

Acho que vi Avicus se retrair.

Eu poderia ter dito coisas mais brutais, mas vi que Mael pretendia continuar.

Olhando para a frente, da mesma maneira, ele contou sua história.

— Fizemos a viagem. Atravessamos o mar estreito até a Bretanha e seguimos na direção norte até uma terra de florestas verdes. Lá deparamos com um grupo de sacerdotes que cantava nossos hinos e conhecia nossa poesia e nossa lei. Eram druidas, como nós éramos. Eram Fiéis da Floresta, como nós éramos. Jogamo-nos nos braços uns dos outros.

Avicus observava Mael atentamente. Meus olhos estavam mais pacientes e frios, eu tinha certeza. No entanto, devo confessar que a narrativa singela me atraía.

— Entrei no bosque — disse Mael. — Como as árvores eram enormes. Como eram antigas. Qualquer uma delas poderia ter sido a Grande Árvore. Afinal, fui conduzido a ela. E vi a porta com suas numerosas trancas de ferro. Sabia que o deus estava ali dentro.

De repente, Mael relanceou o olhar ansioso sobre Avicus, mas Avicus fez um gesto para que prosseguisse.

— Conte a Marius — disse ele, com delicadeza. — E, enquanto conta a Marius, conte a mim.

Tinha um som tão suave, essa fala. Senti um estremecimento na superfície da minha pele, da minha pele perfeita e solitária.

— Mas esses sacerdotes — disse Mael —, eles me alertaram. “Mael, se houver em você alguma mentira ou imperfeição, o deus vai saber. Ele simplesmente o matará, e você será um sacrifício e nada mais que isso. Pense bem,

porque o deus vê longe. O deus é forte, mas prefere ser temido a ser adorado; e, quando instigado, tira sua desforra com enorme prazer.” Essas palavras me abalaram. Será que eu estava mesmo preparado para que esse estranho milagre se abatesse sobre mim?

Ele me lançou um olhar feroz.

— Meditei sobre tudo aquilo. Suas imagens em palavras me voltaram à mente! A linda vila na baía de Nápoles. Como você havia descrito os aposentos suntuosos. Como você havia descrito as brisas agradáveis e o som da água contra a costa rochosa. Como você descrevera os jardins. Você havia falado de jardins. Ah, será que eu poderia suportar as trevas do carvalho, pensei, beber o sangue, passar fome entre os sacrifícios, para que eu faria tudo isso?

Parou como se não pudesse continuar. Mais uma vez, olhou de relance para Avicus.

— Continue — disse Avicus, calmamente, com a voz grave. Mael continuou.

— Então um daqueles sacerdotes me abordou e me afastou dali um pouco para me dizer: “Mael, esse é um deus furioso. É um deus que implora por sangue quando não deveria querer mais. Você tem a força para se oferecer a ele?”

“Não tive oportunidade de responder. O sol acabara de se pôr. O bosque estava repleto de archotes acesos. Os Fiéis da Floresta estavam reunidos. Todos os sacerdotes que tinham vindo comigo me cercaram. Estavam me empurrando na direção do carvalho.

“Quando o alcancei, insisti que me soltassem. Pus as mãos na casca e fechei os olhos. Com a voz do silêncio, como quando fazia as preces no bosque na minha terra, rezei para esse deus. ‘Pertenço aos Fiéis da Floresta. Você está disposto a me dar o Sangue Sagrado para eu poder voltar para casa e fazer o que meu povo quer que eu faça?”‘

Mais uma vez, ele parou de falar. Era como se estivesse encarando algo tremendo que eu não conseguia ver.

Avicus manifestou-se novamente.

— Prossiga — disse. Mael deu um suspiro.

— De dentro do carvalho, veio uma risada muda, uma risada muda e uma voz irada! Ela penetrou na minha cabeça e me deixou abalado. E o deus me disse: "Traga-me primeiro um sacrifício de sangue. Então, e só então, terei forças para transformá-lo num deus."

Mais uma vez, Mael parou de falar, para então prosseguir.

— Sem dúvida, Marius, você sabe como nosso deus era manso. Quando ele o criou, quando falou com você, não havia nele nada de raiva ou ódio, mas aquele deus ali estava cheio de ira.

Fiz que sim.

— Transmiti aos sacerdotes o que o deus me dissera. Eles recuaram todos juntos, cheios de temor e reprovação.

"'Não', disseram eles, 'ele vem pedindo demais por sangue. Não é correto que receba esse sangue. Deve passar fome agora, como sempre, entre uma lua cheia e outra, e até os rituais anuais, para que saia do carvalho magro e esfaimado, como os campos sem vida, pronto para sorver o sangue do sacrifício e engordar com ele, como a abundância da primavera que chega.'

"O que eu poderia dizer?", perguntou Mael. "Acabei tentando argumentar com alguns deles. 'Para criar um deus, ele sem dúvida precisa de força', expliquei. 'E ele próprio foi queimado pelo Fogo Terrível; e pode ser que o sangue o ajude e o cure. Por que não lhe dar um sacrifício? Vocês certamente têm algum condenado numa das aldeias ou povoados que possam trazer ao carvalho.'

"Eles recuaram em conjunto, com os olhos fixos na árvore e nas trancas. E percebi que estavam com medo.

"Então ocorreu algo apavorante, que me alterou por inteiro. Veio do carvalho uma onda de hostilidade que pude sentir como se alguém cheio de rancor estivesse olhando fixo para mim!

“Eu a sentia como se a criatura estivesse me observando com toda a cólera, com a espada em riste para me destruir. É claro que era o poder do deus, que estava usando sua mente para inundar a minha com seu ódio. Mas aquilo era tão intenso que eu não conseguia pensar no que era, ou no que eu poderia fazer.

“Os outros sacerdotes fugiram. Eles também tinham sentido sua raiva e seu ódio. Eu não consegui correr. Não conseguia me mexer. Tinha os olhos fixos no carvalho. Creio que a velha magia me apanhara. Deus, poemas, canções, sacrifício — tudo aquilo de repente não tinha importância para mim. Mas eu sabia que uma criatura poderosa estava no interior do carvalho. E, naquele momento, nasceu minha alma nefasta e calculista!”

Mael deu mais um suspiro muito dramático. Calou-se, com os olhos fixos em mim.

— Como assim? — perguntei. — O que você maquinou? Através da mente, você falava com o manso deus do seu próprio bosque. Durante a lua cheia, você o havia visto aceitar o sacrifício, tanto antes quanto depois do Fogo Terrível. Você me viu quando fui transformado. Acabou de dizer isso. O que lhe causou tamanha impressão nesse deus?

Por um instante, ele pareceu não ter palavras.

Finalmente, olhando para a frente como se fosse obrigado a isso, continuou.

— Esse deus estava mais do que irado, Marius. Esse deus pretendia fazer valer sua força!

— Então, por que não teve medo?

Um silêncio encheu a sala. Realmente eu estava um pouco perplexo.

Olhei para Avicus. Queria uma confirmação. Avicus era aquele deus, não? Mas fazer uma pergunta dessas era uma grosseria. Antes já havia sido dito que Avicus dera o Sangue Negro a Mael. Esperei, como era correto que fizesse.

Afinal, Mael olhou para mim com uma atitude extremamente estranha e irônica.

Baixou a voz e deu um sorriso venenoso.

— O deus queria sair do carvalho — disse ele, chispando os olhos na minha direção. — E eu sabia que, se o ajudasse, ele me daria o Sangue Mágico!

— Quer dizer — disse eu, sorrindo, porque não consegui me conter — que ele queria escapar do carvalho. Mas é natural.

— Lembrei-me de você quando fugiu — disse Mael. — O poderoso Marius, reluzente do sacrifício de sangue, correndo de nós com tanta velocidade! Pois bem, eu correria como você! Isso mesmo! E, enquanto pensava nisso, enquanto maquinava e imaginava, ouvi mais uma vez a voz proveniente do carvalho, dirigindo-se baixa e em segredo só para mim.

‘“Chegue mais perto’, ordenou-me a voz; e, quando encostei a testa na árvore, disse: ‘Fale-me desse Marius, fale-me da sua fuga. Conte-me, e eu lhe darei o Sangue Negro. E fugiremos juntos deste lugar, você e eu.’“

Mael tremia. Avicus, porém, parecia resignado a essas verdades como se tivesse refletido sobre elas muitas vezes.

— Ficou realmente mais claro — disse eu.

— Não há nada que não esteja relacionado a você — disse Mael. E me ameaçou com um punho, o que me lembrou uma criança.

— E foi você mesmo quem fez tudo — disse eu. — Desde o momento em que me raptou da taberna na Gália. Foi você quem nos reuniu. Lembre-se disso. Você me manteve em cativeiro. Mas o desenrolar da sua história o tranqüiliza. Você precisa nos contar. Conte mais.

Por um momento, pareceu que ele ia investir contra mim, desesperado na sua raiva, mas então ocorreu nele uma mudança. E, abanando a cabeça um pouco, ele se acalmou, com a expressão carrancuda, e prosseguiu.

— Quando veio essa confirmação da própria mente do deus, isso me lançou inevitavelmente na trajetória traçada. Disse aos outros sacerdotes imediatamente que deveriam trazer um sacrifício. Não tínhamos tempo para brigas, e eu me

encarregaria de que o condenado fosse entregue ao deus. Eu deveria entrar na árvore com o condenado. Não sentia nenhum medo disso. E eles deveriam apressar tudo, pois o deus e eu poderíamos precisar da noite inteira para que a magia se completasse.

"Pareceu que se passou uma hora até eles encontrarem o desgraçado que deveria morrer na árvore; mas afinal o trouxeram, amarrado e chorando. E, com muito medo, abriram a porta fortíssima.

"Dava para eu sentir a raiva cada vez maior do deus lá dentro. Dava para eu sentir sua fome. E, empurrando o pobre coitado à minha frente, entrei, de archote na mão, para me postar no interior oco da árvore."

Fiz que sim, com um sorriso discreto, para indicar que só eu sabia.

Enquanto isso, os olhos de Mael tinham se desviado para Avicus.

— Ali estava Avicus, como você o vê agora — disse Mael, ainda olhando para o companheiro. — E de imediato ele se abateu sobre o condenado. Bebeu o sangue dessa vítima desgraçada com uma velocidade misericordiosa, e largou o corpo de lado.

"Avicus então me atacou, tirando o archote da minha mão, pendurando-o na parede de um modo que dava a impressão de estar perigosamente perto da madeira e agarrando-me firme pelos ombros.

'"Fale-me desse Marius, conte-me como ele escapou do Carvalho Sagrado. Conte-me a história ou você morre agora.'"

Avicus ouvia tudo isso com uma expressão calma. Concordou com um gesto de cabeça, como se dissesse, foi assim que aconteceu.

Mael voltou-se para o outro lado e olhou para a frente novamente.

— Ele estava me machucando. Se eu não tivesse dito alguma coisa depressa, teria quebrado meu ombro. Por isso, falei, sabendo que ele poderia ler meus pensamentos

perfeitamente, e disse: “Dê-me o Sangue Negro, e nós dois fugiremos juntos como você prometeu. Não há nenhum enorme segredo no que eu sei. É uma questão de força e velocidade. Nós alcançamos os galhos das árvores, o que aqueles que nos seguem não conseguem fazer com tanta facilidade, e então nos movimentamos através das árvores.”

“‘Mas você conhece o mundo’, disse-me ele. ‘Eu não conheço nada. Estou preso há séculos. Apenas me lembro vagamente do Egito. Apenas me lembro vagamente da Grande Mãe. Você precisa me orientar. E por isso vou lhe dar a magia, e dá-la direito.’

“Ele cumpriu a promessa. Fui criado forte desde o início. E então, juntos, escutamos com a mente e os ouvidos os Fiéis da Floresta e os druidas ali reunidos. Considerando-os totalmente despreparados para nossa partida, arrombamos a porta com nossa força reunida.

“Subimos velozes para o alto das árvores, como você havia feito, Marius. Deixamos nossos perseguidores muito para trás e, antes do amanhecer, já estávamos caçando num povoado a muitos e muitos quilômetros de distância.”

Ele se recostou como se estivesse exausto da confissão.

E enquanto eu estava ali, ainda paciente e orgulhoso demais para destruí-lo, vi como Mael tinha me enredado em toda a história e fiquei perplexo. Voltei-me para Avicus, o deus que tinha vivido tanto tempo na árvore.

Avicus me encarava com tranqüilidade.

— Estamos juntos desde aquela época — disse Mael, num tom mais moderado. — Caçamos nas grandes cidades porque é mais simples para nós, e o que pensamos dos romanos que chegaram como conquistadores? Caçamos em Roma porque é a maior cidade de todas.

Eu não disse nada.

— Às vezes, deparamos com outros — prosseguiu Mael. De repente, seus olhos chisparam na minha direção. — E às vezes somos forçados a lutar com eles, porque eles não querem nos deixar em paz.

— Como assim? — perguntei.

— São Deuses do Bosque, como Avicus, e estão gravemente queimados e fracos; e querem nosso sangue forte. Você sem dúvida já os viu. Devem tê-lo descoberto. Você não pode ter conseguido se esconder todos esses anos.

Não respondi.

— Mas nós podemos nos defender — continuou ele. — Temos nossos esconderijos; e, com os mortais, nos divertimos, brincamos. O que mais tenho a dizer?

Ele realmente tinha terminado.

Pensei na minha existência, na minha vida ocupada com tanta leitura, tantas perambulações e tantas perguntas; e senti uma pena absoluta dele, aliada ao desdém.

Enquanto isso, a expressão no rosto de Avicus me comovia.

Avicus parecia pensativo e cheio de compaixão enquanto olhava para Mael; mas então seus olhos se voltaram para mim e seu rosto se animou.

— E como lhe parece o mundo, Avicus? — perguntei.

De imediato, Mael disparou um olhar na minha direção, levantou-se da cadeira e veio até mim, curvando-se com a mão estendida como se quisesse me dar um tapa.

— E isso o que você tem a dizer diante da minha história? — perguntou. — Você pergunta *a ele* como lhe parece o mundo?

Não respondi. Percebi minha grosseria e tive de admitir para mim mesmo que não era proposital. Mas eu queria mesmo feri-lo, disso não tinha dúvida. E isso eu tinha feito.

Avicus punha-se agora de pé.

Ele veio até Mael e o levou de volta, para longe de mim.

— Calma, meu querido — disse ele, com delicadeza, a Mael, enquanto o levava de volta à cadeira. — Vamos conversar um pouco mais antes de nos despedirmos de Marius. Temos tempo até o amanhecer. Por favor, acalme-se.

Percebi então o que havia enfurecido Mael a tal ponto. Não era a idéia de que eu o ignorara. Nisso ele não acreditava. Era o ciúme. Ele imaginava que eu estava tentando seduzir seu amigo para afastá-los.

Assim que Mael estava novamente acomodado na cadeira, Avicus olhou para mim quase com carinho.

— O mundo é maravilhoso, Marius — disse placidamente. — Chego a ele como um cego depois de um milagre. Não me lembro de nada da minha vida mortal, além do fato de ter sido no Egito. E de que eu mesmo não era do Egito. Agora tenho medo de ir lá. Tenho medo dos antigos deuses que ainda estão por lá. Viajamos pelas cidades do Império, menos pelas cidades do Egito. E temos muita coisa para ver.

Mael ainda estava cheio de suspeita. Recolheu sua capa esfarrapada e imunda junto ao corpo como se a qualquer instante fosse partir.

Quanto a Avicus, ele parecia mais à vontade que nunca, se bem que estivesse descalço e tão sujo quanto Mael.

— Sempre que topamos com bebedores de sangue — disse Avicus —, o que não é freqüente, sinto medo deles, medo de que eles reconheçam em mim um deus desertor.

Disse isso com uma confiança e veemência considerável, de tal modo que me surpreendeu.

— Mas isso nunca ocorreu — prosseguiu ele. — E às vezes eles falam da Boa Mãe e dos antigos cultos em que os deuses bebiam o sangue do Malfeitor, mas disso eles sabem menos que eu.

— E o que é que *você* sabe, Avicus? — perguntei, com atrevimento. Ele meditou, como se não soubesse ao certo se queria me responder com franqueza. Falou, então:

— Acho que fui levado à presença dela — disse, com os olhos escuros muito abertos e sinceros.

Mael voltou-se para ele com irritação, como se pretendesse atacá-lo por sua franqueza, mas Avicus prosseguiu:

— Ela era linda. Mas meus olhos estavam baixos. Não pude vê-la de fato. E estavam pronunciando palavras, e a cantilena me era assustadora. Eu era homem adulto, até aí eu sei, e eles me humilharam. Falaram de honras que eram maldições. Pode ser que eu tenha sonhado o resto.

— Já ficamos bastante tempo aqui — disse Mael, de repente. — Quero ir embora.

Levantou-se; e com muita relutância Avicus o acompanhou.

Algo mudo e secreto passou entre mim e Avicus, algo que Mael não pôde interromper. Creio que Mael soube e conteve sua fúria, mas não teve como impedir. Já havia acontecido.

— Obrigado por sua hospitalidade — disse Avicus, estendendo a mão para a minha. Por um instante, pareceu quase alegre. — Às vezes eu me lembro de pequenos costumes mortais. Lembro-me do toque de mãos desse jeito.

Mael estava lívido de raiva.

E claro que havia muito mais que eu queria dizer a Avicus, mas eu sabia agora que isso era simplesmente impossível.

— Lembrem-se — disse eu aos dois — que vivo como um homem mortal vive, com os mesmos confortos. E tenho sempre meus estudos, meus livros aqui, estão vendo? Posso acabar viajando pelo Império, mas por enquanto Roma, minha cidade natal, é meu lar. O que aprendo é o que tem importância para mim. O que vejo com estes olhos.

Olhei de um para o outro.

— Vocês podem viver assim se quiserem — disse eu. — Sem dúvida, devem aceitar que eu lhes dê roupas limpas. Para mim é tão fácil fornecê-las. E boas sandálias para os pés. Se preferirem ter uma casa, uma boa residência na qual possam aproveitar suas horas de lazer, posso ajudá-los a obtê-la. Por favor, aceitem isso de mim.

Os olhos de Mael faiscavam de ódio.

— Ah, é mesmo — murmurou entre dentes, furioso demais para falar em voz alta. — E por que não nos oferece sua vila na baía de Nápoles, com balaustradas de mármore voltadas para o mar azul!

Avicus olhou direto para mim. Parecia tranqüilo no coração e verdadeiramente comovido com minhas palavras.

Mas de que adiantava?

Eu não disse mais nada.

Minha calma altiva de repente foi destruída. A raiva voltou, acompanhada da sua fraqueza. Lembrei-me dos hinos no bosque, e quis investir contra Mael, por repulsivo que fosse, quis simplesmente esquartejá-lo.

Será que Avicus teria interferido para salvá-lo? Era provável. Mas e se não o fizesse? E se eu me revelasse mais forte que os dois juntos, eu que havia sorvido o sangue da Rainha?

Olhei para Mael. Ele não estava com medo de mim, o que me pareceu interessante.

E meu orgulho retornou. Eu não poderia me rebaixar a uma luta física normal, especialmente uma luta que poderia se tornar horrenda em sua estranheza e feiúra, uma luta que eu talvez não conseguisse vencer.

Não, eu era sábio demais para isso. Era bom demais. Eu era Marius, o que matava o Malfeitor, e esse ali era Mael, um tonto.

Fizeram menção de ir embora através do jardim, e eu não pude encontrar palavras para lhes dirigir, mas Avicus voltou-se para mim e falou rapidamente.

— Adeus, Marius. Eu lhe agradeço e me lembrarei de você. E descobri que essas palavras me causavam impacto.

— Adeus, Avicus — respondi. E fiquei escutando enquanto eles desapareciam noite adentro.

Fiquei ali sentado, presa de uma solidão esmagadora.

Olhei para minhas inúmeras estantes e para minha escrivaninha. Olhei para o tinteiro. Para as pinturas nas paredes.

Eu deveria ter tentado fazer as pazes com Mael, sem dúvida, para ter Avicus como amigo.

Deveria ir atrás deles dois. Deveria implorar que ficassem comigo. Tínhamos tantas outras coisas a dizer uns aos outros. Eu precisava deles como eles precisavam um do outro. Como eu precisava de Pandora.

Mas vivi a mentira. E a vivi em razão da raiva. É isso o que estou tentando lhe dizer. Vivi mentiras. Fiz isso repetidamente. Vivo mentiras porque não consigo suportar a fraqueza da raiva, e não consigo admitir a irracionalidade do amor.

Ah, as mentiras que contei a mim mesmo e aos outros. Eu sabia e no entanto não sabia.

CAPÍTULO 6



DURANTE UM MÊS INTEIRO, não ousei ir ao santuário d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Sabia que Mael e Avicus ainda caçavam em Roma. Vi vislumbres deles com o Dom da Mente, e cheguei mesmo a tentar ler seus pensamentos. Às vezes, ouvia seus passos.

Na realidade, o que me parecia era que Mael estava no fundo me atormentando com sua presença, tentando estragar minha estada na grande cidade, e isso me exasperava. Cogitei tentar expulsar a ele e a seu companheiro.

Também sofria uma considerável obsessão por Avicus, cujo rosto eu não conseguia esquecer. Qual era a índole desse ser estranho, pensava eu. O que significaria para ele ser meu companheiro? Eu temia nunca vir a saber.

Enquanto isso, outros bebedores de sangue de vez em quando caçavam na cidade. Eu sentia a presença deles de imediato, e não tive nenhuma dúvida numa noite específica em que ocorreu uma escaramuça entre um vampiro poderoso e hostil de um lado, e Avicus e Mael do outro. Com o Dom da Mente, eu soube tudo o que aconteceu. Avicus e Mael assustaram tanto o visitante que ele se foi antes do amanhecer, já tendo dado a palavra, em voz contida, de que nunca voltaria a Roma.

Isso me pôs a ponderar. Será que Avicus e Mael manteriam a cidade limpa de outros enquanto me deixavam em paz?

À medida que os meses passavam, parecia ser esse o caso.

Um pequeno bando de bebedores de sangue cristãos tentou infestar nosso território de caça. Eles provinham de fato da mesma tribo de adoradores de serpentes que tinha me procurado em Antioquia, com afirmações insistentes de que eu possuía antigas verdades. Com o Dom da Mente, eu os vi instalar fervorosos o templo em que pretendiam sacrificar mortais. Senti profunda repulsa.

No entanto, uma vez mais, Avicus e Mael fizeram com que debandassem, aparentemente sem serem contaminados por suas extravagantes idéias quanto a servirmos a Satã — personagem que para Mael e Avicus não teria nenhuma utilidade, já que eram pagãos. E a cidade voltou a ser nossa.

Ao observar de longe essas atividades, percebi, porém, que nem Mael nem Avicus pareciam conhecer sua própria força. Podem ter escapado dos druidas da Bretanha usando seus talentos sobrenaturais, mas não se davam conta de um segredo que eu já tinha aprendido — o de que seus poderes cresciam com o tempo.

Como havia sorvido o sangue da Mãe, eu me imaginava muito mais forte que qualquer um dos dois por esse motivo. Mas, independentemente disso, minha força tinha aumentado com os séculos. Eu agora conseguia alcançar com relativa facilidade o alto de uma construção de quatro andares, das quais havia muitas em Roma. E nenhuma turma de soldados mortais jamais conseguiria me deter. Eu era veloz demais para isso.

Na verdade, quando fazia minhas vítimas, já enfrentava o problema dos antigos, o de conter minhas mãos poderosas para que não esmagassem a vida que bombeava o sangue para dentro da minha boca. E como ainda sentia sede por esse sangue!

No entanto, enquanto espiava essas várias atividades — a expulsão dos vampiros satânicos —, fiquei muito tempo afastado do santuário de Akasha e Enkil.

Finalmente, no início de uma noite, fazendo uso de todos os meus recursos mais poderosos para ocultar minha presença, saí pelas colinas e fui ao santuário.

Sentia que precisava fazer essa visita. Nunca havia deixado o Sublime Casal sozinho por um período tão longo; e não sabia se esse abandono geraria conseqüências ou não.

Agora percebo que meu medo era totalmente ridículo. Com a passagem do tempo, eu poderia deixar o santuário abandonado por séculos. Não tinha absolutamente nenhuma importância. Mas a verdade é que naquela época eu só estava começando a aprender.

E assim cheguei à capela nova e árida. Trazia comigo as indispensáveis flores e incenso, bem como alguns frascos de perfume para borrifar sobre os trajes de Akasha. E, uma vez que tinha acendido as lâmpadas e posto o incenso a queimar, uma vez que as flores já se encontravam nos jarros, senti uma fraqueza geral e caí de joelhos.

Permita-me relembrar-lhe que, durante os anos que vivi com Pandora, quase nunca fiz preces dessa maneira. Mas agora Akasha pertencia somente a mim.

Ergui os olhos até o casal inalterado, com suas longas tranças negras, os dois sentados no trono como eu os havia deixado, os dois trajando roupas egípcias novas de fino linho: Akasha numa túnica pregueada; o Rei, de saiote. Os olhos de Akasha ainda exibiam a tinta preta indelével que

Pandora havia aplicado com tanto esmero. E, em torno da cabeça de Akasha, estava o reluzente diadema de ouro com rubis que Pandora ali havia colocado com mãos amorosas. Até mesmo os braceletes de ouro em forma de serpente nos seus braços graciosos haviam sido presentes de Pandora. E nos pés dos dois havia sandálias que Pandora amarrara com cuidado.

À luz abundante, parecia que eles haviam empalidecido na tez; e agora sei, séculos depois, que eu tinha razão. Os dois estavam se curando rapidamente do Fogo Terrível.

Nessa visita específica, também prestei muita atenção à expressão de Enkil. Eu tinha plena consciência de que ele não

me inspirava nem nunca me havia inspirado devoção; e acreditava que isso não era prudente.

No Egito, quando cheguei para encontrá-los pela primeira vez — bebedor de sangue, recém-criado, instigado pelo apelo de Akasha para que os tirasse do Egito —, Enkil moveu-se para impedir meu acesso à Rainha.

Foi só com dificuldade que ele foi forçado a voltar à sua postura de Rei sentado. Akasha cooperou naquele momento importantíssimo, mas os movimentos dos dois eram lentos, espectrais e de aparência medonha.

Isso havia ocorrido trezentos anos antes, e o único gesto de qualquer um dos dois desde aquela época fora o braço aberto de Akasha para acolher Pandora junto a si.

Ah, como Pandora havia sido abençoada nesse gesto de Akasha! Em todos os meus longos anos, eu jamais me esqueceria dele.

E em que pensava Enkil, eu me perguntava. Será que ele chegava a sentir ciúme por eu dirigir minhas preces a Akasha? Será que sequer sabia?

Fosse qual fosse o caso, disse-lhe com uma voz muda que eu era seu devoto, que eu sempre protegeria a ele e a sua Rainha.

Afinal, a razão me faltou enquanto eu os contemplava.

Informei a Akasha o quanto eu a adorava e como havia sido perigosa minha vinda ali. Somente por cautela eu me mantivera afastado. Por minha própria vontade, nunca teria deixado o santuário abandonado. Na realidade, eu deveria ter estado ali, usando meus talentos vampirescos para criar pinturas para as paredes ou fazer mosaicos para elas pois, embora nunca tivesse imaginado possuir qualquer talento nesse sentido, eu havia usado meus poderes para criar decorações razoáveis para o santuário em Antioquia, de fato decorações muito boas, enquanto ajudava a passar as horas solitárias da noite.

Mas aqui as paredes eram simplesmente caiadas, e a abundante quantidade de flores que eu trouxera parecia mesmo

um oportuno acréscimo de cor.

— Minha Rainha, ajude-me — implorei. E então, quando estava a ponto de começar a explicar como estava aflito com a proximidade desses dois bebedores de sangue como eu, um pensamento óbvio e terrível passou pela minha cabeça.

Eu nunca poderia ter Avicus como companheiro. Não poderia nunca ter ninguém. Pois qualquer bebedor de sangue, de capacidade sofrível que fosse, poderia captar na minha mente o segredo d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Tinha sido tolo e inútil eu oferecer roupas e abrigo a Avicus e Mael. Eu estava condenado a viver só.

Senti-me debilitado e frio na minha aflição. Ergui os olhos até a Rainha e não consegui formar nenhuma prece com palavras.

E então, em total desamparo, implorei.

— Traga Pandora de volta para mim. Se um dia você a trouxe a mim pela primeira vez, traga-a de novo. Eu lhe imploro. Nunca mais brigarei com ela. Nunca mais a ofenderei. É insuportável essa solidão. Preciso ouvir o som da sua voz. Preciso vê-la.

E não parei de repetir isso até que de repente percebi, alarmado, que Avicus e Mael poderiam estar por perto. Pus-me então de pé, endireitei meus trajes e fiz menção de me despedir.

— Eu volto — disse à Mãe e ao Pai. — Vou deixar este santuário tão belo quanto o de Antioquia. Vamos só esperar até que eles tenham ido embora.

Estava prestes a sair quando me ocorreu de súbito a idéia: eu precisava de mais um pouco do poderoso sangue de Akasha. Precisava dele para ser mais forte que meus inimigos. Precisava dele para suportar o que tinha de suportar.

Agora, entenda bem, desde a primeira noite em que bebera de Akasha, eu nunca mais tomara do seu sangue. Aquela primeira noite havia sido no Egito, quando ela me dissera por meio do Dom da Mente que a levasse daquela

terra. Naquela época e só naquela época, eu havia experimentado o sangue.

Mesmo quando Pandora foi transformada em bebedora de sangue e bebeu de Akasha, não ousei me aproximar da Mãe. Na realidade, eu sabia muito bem como a Mãe poderia arrasar os que vinham lhe roubar o sangue sagrado, pois havia presenciado o malogro de um crime desses.

Agora, enquanto eu estava ali parado diante do pequeno tablado onde estavam sentados os membros da realeza, a idéia me obcecava. Eu precisava mais uma vez receber o sangue da Mãe.

Em silêncio, pedi permissão. Queria um sinal. Quando Pandora foi criada, Akasha ergueu o braço para chamá-la. Eu vira o gesto e me assombrara. Queria que algo semelhante acontecesse agora.

Não houve, porém, nenhum sinal desse tipo; e mesmo assim a obsessão me dominou desenfreada até eu avançar, com total determinação de beber o Sangue Divino ou morrer. De repente, descobri-me abraçando minha linda e gélida Akasha com um braço por trás dela e o outro erguido de modo que minha mão segurasse sua cabeça.

Cheguei cada vez mais perto do seu pescoço.

Afinal, meus lábios encostaram na carne fria e indiferente, e ela não havia feito nenhum movimento para me destruir. Não senti nenhum agarrão fatal na minha nuca. Calada como sempre, ela continuava nos meus braços.

Por fim, meus dentes romperam a superfície da sua pele, e o sangue espesso, um sangue diferente do sangue de qualquer outro de nós, entrou na minha boca. De imediato, vi-me sonhador, à deriva, num paraíso impossível de sol, grama verde e árvores floridas. Como isso me confortava! Que alívio me dava! Parecia um jardim de antigos mitos romanos, que de algum modo me era familiar, eternamente protegido do inverno e cheio de flores celestiais.

Isso mesmo, familiar e eternamente seguro, aquele lugar verdejante.

O sangue me devastava, e eu podia sentir que ele me reforçava, como havia feito na primeira vez que penetrara nas minhas veias. O sol do jardim familiar brilhava cada vez mais forte até que as árvores floridas começaram a desaparecer na luz. Parte de mim, uma parte muito pequena e fraca, sentia medo dele, desse sol, mas a maior parte se deleitava com ele, apreciava o calor que estava passando por dentro de mim, e o conforto do que eu estava contemplando. E então, de repente, com a mesma rapidez com que havia começado, o sonho terminou.

Eu jazia no piso frio e duro do santuário, a alguns metros de distância da base do tablado. Estava caído de costas.

Por um instante, não tive certeza do que havia acontecido. Eu estava ferido? Será que me estaria reservada alguma terrível retaliação? Dentro de segundos, porém, percebi que estava são e firme como sempre, e que o sangue me conferira um vigor tremendo, exatamente como eu havia suposto.

Levantei-me de joelhos e me certifiquei, com olhares rápidos, de que o Casal Real continuava como antes. Por que eu havia sido atirado para longe de Akasha com tanta violência? Nada estava alterado.

E então, por um bom tempo, apresentei meus agradecimentos mudos pelo que havia ocorrido. Só quando tive certeza de que não ia acontecer mais nada, fiquei em pé e, garantindo que voltaria em breve para iniciar minha decoração do santuário, fui embora.

Enquanto voltava para casa, minha empolgação era enorme. Era mais que oportuno o aumento da minha agilidade e agudeza mental. Determinado a me testar, apanhei minha adaga, enfiei-a de um lado a outro da mão esquerda para depois retirá-la e observar o ferimento que se curava prontamente.

De imediato, estendi um rolo do pergaminho mais fino e comecei a escrever, no meu código particular que ninguém mais conseguia decifrar, a respeito do que havia ocorrido. Eu

não sabia por que, depois de receber o Sangue Sagrado, eu me havia encontrado no piso da capela.

"A Rainha permitiu que eu bebesse mais uma vez do seu sangue; e, se isso acontecer com freqüência, se eu puder me nutrir da nossa misteriosa majestade, conseguirei atingir uma força enorme. Até mesmo o bebedor de sangue Avicus não será adversário à minha altura, embora pudesse ter sido antes desta noite."

Na realidade, revelou-se que eu tinha total razão a respeito das implicações desse incidente; e, durante todos os séculos no porvir, voltei repetidamente a abordar Akasha.

Fiz isso não só quando estava gravemente ferido — uma história que pretendo lhe contar —, mas também, às vezes, quando a vontade me dominava, como se ela houvesse posto a idéia na minha cabeça. Mas nunca, jamais, como já confessei amargurado, ela chegou a levar os dentes ao meu pescoço para tirar de mim meu próprio sangue.

Não, essa distinção coube ao Vampiro Lestat, como eu já disse.

Nos meses que se seguiram, esse novo sangue foi providencial. Descobri que o Dom da Mente estava mais forte em mim. Eu conseguia detectar a presença de Mael e Avicus quando eles estavam bem distantes; e, embora esse tipo de espionagem abra por assim dizer uma passagem mental pela qual eles poderiam me enxergar como seu observador, depois de vê-los eu conseguia me isolar rapidamente.

Também conseguia saber com perfeita facilidade quando eles estavam em busca da minha presença. E, é claro, eu ouvia, decididamente, seus passos quando estavam no recinto da minha casa.

Além disso, abri minha casa a seres humanos!

A decisão ocorreu-me numa noite, quando estava deitado na grama no meu próprio jardim, a sonhar. Eu daria banquetes com regularidade. Convidaria os de má reputação e os difamados. Ofereceria música e iluminação discreta.

Ponderei a questão de todas as perspectivas! Eu sabia que poderia providenciar tudo aquilo. Sabia que poderia enganar os mortais quanto à minha própria natureza. E como sua companhia seria um bálsamo para meu coração solitário! Eu não fazia meu repouso diário em casa, mas num esconderijo distante dela. Portanto, que perigo poderia haver nessa nova decisão? Absolutamente nenhum!

Poderia ser bem fácil.

E claro que eu nunca me alimentaria desses convidados. Eles gozariam de total segurança e hospitalidade sob meu teto, sempre. Eu iria caçar em locais distantes e sob a proteção da escuridão. Mas minha casa, minha casa estaria cheia de calor, música e vida.

Bem, pus mãos à obra, e acabou sendo muito mais simples do que eu jamais imaginara.

Depois de fazer com que meus escravos dóceis e de boa índole preparassem mesas repletas de alimentos e bebidas, trouxe os filósofos de má fama para passar a noite conversando comigo; e dei ouvidos às suas divagações, da mesma forma que escutei os soldados velhos e abandonados que tinham histórias da guerra a contar, histórias que seus próprios filhos não queriam ouvir.

Ah, aquilo era um milagre, a admissão de mortais aos meus próprios aposentos, mortais que me consideravam vivo enquanto eu fazia que sim e os convencia a contar suas histórias regadas a vinho. Isso me enternecia, e eu desejei que Pandora estivesse ali comigo para apreciar a situação, pois aquele era exatamente o tipo de coisa que ela teria querido que nós fizéssemos.

Logo minha casa nunca estava vazia; e eu fiz a espantosa descoberta de que, se eu me entediasse no meio daquela turma acalorada e embriagada, bastava simplesmente que me levantasse e entrasse na biblioteca para começar a escrever, pois todos os convidados bêbados simplesmente continuavam uns com os outros, praticamente sem perceber o que eu fazia, somente se levantando para me cumprimentar quando eu retornava.

Entenda bem, não me tornei amigo de nenhuma dessas criaturas desrespeitadas ou em desgraça. Eu era somente um anfitrião e espectador cordial que ouvia sem fazer críticas e nunca — até o amanhecer — fechava as portas a ninguém.

No entanto, aquilo era muito diferente da minha antiga solidão e, sem o revigorante sangue de Akasha, e talvez sem minha briga com Avicus e Mael, eu nunca teria dado esse passo.

E assim minha casa tornou-se barulhenta e apinhada de gente; os vendedores de vinho me procuravam para me oferecer suas novas safras, e jovens rapazes vinham a mim, implorando que eu ouvisse suas canções.

Até mesmo alguns filósofos da moda apareciam à minha porta de tempos em tempos; e mais raramente um grande mestre. E esses eu apreciava imensamente, certificando-me de que as lâmpadas estivessem bem fracas e que os aposentos estivessem na maior parte na penumbra, tamanho era meu pavor de que os de mente aguçada descobrissem que eu não era o que fingia ser.

Quanto a minhas idas ao santuário e a Aqueles Que Devem Ser Preservados, eu sabia que estava me locomovendo em segredo total, pois minha mente estava ainda mais protegida que antes.

E em certas noites — quando o banquete na minha casa podia prosseguir muito bem sem mim — e eu me considerava totalmente seguro quanto a qualquer intromissão, ia ao santuário e executava o trabalho que supunha fosse confortar meus pobres Akasha e Enkil.

Durante esses anos, em vez de me empenhar em mosaicos que se haviam revelado muito difíceis para mim em Antioquia, muito embora eu tivesse conseguido, fiz nas paredes murais do tipo comum, vistos em tantas casas romanas, com deusas e deuses brincalhões em jardins de eterna primavera, em meio a uma abundância de flores e frutos.

Uma noite, eu estava trabalhando com afinco, cantarolando comigo mesmo, feliz entre todos os potes de

tinta, quando de repente me dei conta de que o jardim que estava representando com tanta fidelidade era o mesmo jardim que tinha visto quando sorvi o sangue de Akasha.

Parei, sentei-me no chão do santuário como se fosse uma criança, com as pernas cruzadas, e olhei para os Pais veneráveis. Era para ser assim?

Eu não fazia a menor idéia. O jardim me parecia ligeiramente familiar. Será que eu tinha visto um jardim semelhante muito antes de sorver o sangue de Akasha? Não me lembrava. E eu, Marius, me orgulhava da minha memória. Continuei meu trabalho. Cobri toda uma parede e comecei tudo de novo para tornar a imagem mais perfeita. Fiz árvores e arbustos melhores. Pintei a luz do sol e seu efeito sobre as folhas verdes.

Quando minha inspiração acabava, eu recorria à minha sutileza de bebedor de sangue para entrar sorrateiro em alguma vila da moda, fora das muralhas da cidade enorme e em constante expansão. E, com um mínimo de luz, examinava os murais inevitavelmente opulentos em busca de novas figuras, novas danças, novas atitudes e sorrisos.

E claro que eu conseguia fazer isso facilmente sem acordar ninguém na casa; e às vezes não precisava nem me preocupar em acordar alguém, já que não havia ninguém por ali.

Roma era imensa, movimentada como sempre; mas, com todas as guerras, com todas as mudanças de política, as maquinações de intrigas e os imperadores temporários, era habitual que as pessoas fossem banidas e chamadas de volta. E com freqüência casas importantes estavam vazias para que eu pudesse perambular em silêncio por elas e apreciá-las.

Enquanto isso, na minha casa, meus banquetes tinham se tornado tão famosos que meus salões estavam sempre lotados. E não importava qual fosse meu objetivo para qualquer noite, eu sempre começava em meio à calorosa companhia de gente embriagada que já estava se banqueteando e brigando antes da minha chegada.

— Ah, Marius, seja bem-vindo! — gritavam quando eu entrava.

Como eu sorria para eles, meus preciosos companheiros.

Nunca ninguém suspeitou de nada, e eu cheguei a amar algumas dessas criaturas encantadoras, mas sempre me lembrava de que eu era um predador dos homens e, portanto, não poderia ser amado por eles. Por esse motivo, mantinha meu coração protegido, por assim dizer.

E assim, com esse consolo mortal, os anos passaram enquanto eu me mantinha ocupado com a energia de um louco, fosse escrevendo nos meus diários para queimá-los em seguida, fosse pintando nas paredes do santuário.

Nesse meio tempo, voltaram os desgraçados bebedores de sangue que adoravam serpentes, procurando estabelecer seu templo absurdo no interior de uma das catacumbas abandonadas, onde os cristãos mortais não mais se reuniam; e, mais uma vez, Avicus e Mael os expulsaram.

Tudo isso eu observava, com um imenso alívio por não ter sido convocado a fazer nada, e com a lembrança dolorosa de quando eu havia exterminado um bando semelhante em Antioquia para em seguida cair numa lamentável loucura que me custara o amor de Pandora, aparentemente para todo o sempre.

Mas não, não para a eternidade. Sem dúvida, ela voltaria para mim, pensei. E escrevia sobre isso nos meus diários.

Larguei a pena. Fechei os olhos. Eu ansiava por ela. Pedia em preces que ela me procurasse. Eu a imaginava com os ondulantes cabelos castanhos e o melancólico rosto oval. Tentei me lembrar com exatidão da forma e da bela cor dos seus olhos escuros.

Como Pandora discutia comigo. Como conhecia os poetas e os filósofos. Como sabia argumentar. E eu, eu infelizmente havia zombado demais dela.

Não sei lhe dizer quantos anos passei dessa maneira.

Eu tinha consciência de que mesmo que não nos falássemos, ou sequer nos encarássemos na rua, Avicus e Mael

tinham se tornado meus companheiros por sua simples presença. E, quanto ao fato de eles manterem outros bebedores de sangue fora de Roma, eu lhes era grato.

Agora, eu não prestava muita atenção ao que estava acontecendo com o governo do Império, como imagino que você possa ter deduzido de tudo o que disse.

No fundo, porém, eu me importava apaixonadamente com o destino do Império. Pois o Império era para mim o mundo civilizado. E, apesar de à noite eu ser um caçador furtivo, um desprezível assassino de seres humanos, mesmo assim, eu era um romano, e levava sob todos os aspectos uma vida civilizada.

Imagino que, como muitos outros antigos senadores da época, eu partisse do pressuposto de que mais cedo ou mais tarde as intermináveis batalhas dos imperadores acabariam se resolvendo. Um grande homem, com a força de um Otaviano, se ergueria para unir o mundo inteiro mais uma vez.

Enquanto isso, os exércitos patrulhavam as fronteiras, na luta interminável para rechaçar a ameaça dos bárbaros; e, se inúmeras vezes cabia aos exércitos a responsabilidade de escolher um imperador, tanto fazia, desde que o Império permanecesse intacto.

Quanto aos cristãos que se encontravam por toda parte, eu não entendia de modo algum a que vinham. Era para mim um enorme mistério que essa pequena seita, que havia começado, quem diria, em Jerusalém, pudesse ter atingido dimensões tão tremendas.

Antes de sair de Antioquia, eu já me espantava com o sucesso do cristianismo, de como estava se tornando organizado e de como parecia se nutrir da divisão e da discórdia.

Só que Antioquia era o Oriente, como já disse. Que Roma estivesse capitulando aos cristãos estava fora do alcance das minhas divagações mais absurdas. Os escravos por toda parte se converteram à nova religião, mas o mesmo havia acontecido com homens e mulheres de alta posição. E as perseguições não surtiam absolutamente nenhum efeito.

Antes que eu continue, porém, deixe-me salientar o que outros historiadores também salientaram, que antes do cristianismo todo o mundo antigo vivia numa espécie de harmonia religiosa. Ninguém perseguia ninguém pela religião.

Até mesmo os judeus, que não se misturavam a mais ninguém, foram facilmente acolhidos pelos gregos e pelos romanos, sendo-lhes permitido praticar suas crenças extremamente anti-sociais. Foram eles que se rebelaram contra Roma, não Roma que os procurou escravizar. E assim, a harmonia era geral.

É claro que tudo isso me levou a acreditar, quando ouvi pela primeira vez a pregação cristã, que não havia a menor probabilidade de que essa religião ganhasse terreno. Ela atribuía aos novos membros um excesso de responsabilidade para evitar todo e qualquer contato com os deuses venerados da Grécia e de Roma, e por isso achei que a seita logo se extinguiria.

Além disso, havia a luta constante entre os cristãos quanto a quais seriam suas verdadeiras crenças. Sem dúvida, acabariam se destruindo uns aos outros, pensei; e todo o conjunto de idéias, ou como quer que aquilo fosse chamado, se dissolveria.

Mas não aconteceu nada de semelhante. E a Roma em que vivi no século IV estava apinhada de cristãos, como já disse. Para suas cerimônias aparentemente mágicas, eles se reuniam nas catacumbas e também em residências particulares.

Agora, enquanto eu seguia em frente, observando tudo isso e ao mesmo tempo não fazendo caso de nada, ocorreram dois ou três acontecimentos que me despertaram assustado dos meus devaneios.

Deixe-me explicar.

Como eu disse, os imperadores de Roma estavam constantemente em guerra. Mal o antigo Senado romano havia ratificado a indicação de um, e ele era assassinado por outro. E as tropas estavam sempre marchando pelas províncias remotas do Império para estabelecer um novo César onde outro havia sido posto para correr.

No ano de 305, houve dois desses soberanos conhecidos como Augusto, e dois conhecidos como César, e eu mesmo não sabia exatamente o que esses títulos significavam. Ou eu deveria dizer que menosprezava demais todos os envolvidos para saber o que significavam.

De fato, esses chamados "imperadores" com freqüência maior do que era do meu agrado estavam invadindo a Itália, e um cujo nome era Severo chegara no ano de 307 até os próprios portões de Roma.

Ora, eu, com pouco mais que a grandiosidade de Roma a me fazer companhia, não queria ver minha cidade natal saqueada!

Quando comecei a prestar atenção, logo ficou claro para mim que toda a Itália, assim como a Sicília, a Córsega, a Sardenha e o norte da África estavam todos sob o comando do "imperador" Maxênico, e que era ele quem havia rechaçado Severo e agora repelia mais um invasor, Galério, que derrotou e escorraçou.

Esse Maxênico, que morava a apenas uns dez quilômetros das muralhas da cidade, era ele próprio um boçal. Numa ocasião extremamente infeliz, ele permitiu que os pretorianos, ou seja, sua guarda pessoal, massacrassem o povo de Roma. E era também muito contrário aos cristãos, a quem perseguia desnecessariamente e com crueldade. E corriam boatos de que desrespeitava as esposas de cidadãos importantes, com isso causando uma ofensa ainda maior. Na realidade, os senadores sofreram muita violência nas suas mãos, enquanto ele permitia que seus soldados fizessem o que quisessem em Roma.

Nada disso representava grande coisa para mim, porém, até eu ter notícia de que um dos outros imperadores — Constantino — estava marchando para invadir Roma. Nos anos recentes, essa era a terceira ameaça à minha cidade amada. E fiquei muito aliviado quando Maxênico saiu para lutar a importante batalha a uma distância enorme e segura das muralhas. Ê claro que fez isso por saber que os romanos não o apoiariam.

Mas quem poderia saber que essa acabaria sendo uma das batalhas mais decisivas da história do mundo ocidental?

Naturalmente, a batalha ocorreu durante o dia, de modo que eu não soube de nada até despertar com o pôr-do-sol. De imediato, subi correndo a escada do meu esconderijo subterrâneo e, chegando à minha casa, encontrei embriagados todos os meus habituais convidados filósofos. Saí então para as ruas para saber dos cidadãos o que fosse possível sobre o que havia ocorrido.

A vitória de Constantino havia sido total. Havia massacrado as tropas de Maxênico, e este último caíra no Tibre e se afogara. No entanto, o que era mais significativo para as pessoas que estavam se reunindo por toda parte era o rumor de que, antes de Constantino travar o combate, ele vira no céu um sinal que tinha vindo de Jesus Cristo.

Na realidade, o sinal manifestou-se logo após o meio-dia, quando Constantino olhou para o alto e avistou, logo acima do sol que começava a descer, o sinal-da-cruz com a inscrição “Com este sinal vencerás”.

Minha reação foi de incredulidade. Seria realmente possível que um imperador romano tivesse tido uma visão cristã? Voltei apressado à minha escrivaninha, anotei todos esses detalhes no meu parco diário de acontecimentos e esperei para ver o que a história revelaria.

Quanto aos convidados no meu salão de banquetes, eles agora estavam todos despertos, discutindo sobre toda aquela questão. Nenhum de nós acreditava naquilo. Constantino, cristão? Ora, mais vinho, por favor.

Logo, para o espanto de todos, mas sem nenhuma dúvida, Constantino revelou-se cristão mesmo.

Em vez de fazer doações a templos para celebrar sua grande vitória, como era o costume, ele fez doações a igrejas cristãs, e fez ver aos seus governadores que eles deveriam agir de modo semelhante ao seu.

Presenteou então o papa dos cristãos com um palácio na colina chamada Célio. E, permita-me salientar, esse palácio

deveria ficar nas mãos dos papas de Roma por mil anos. Eu havia conhecido no passado as pessoas que moravam ali, e eu mesmo fui ver o Vigário de Cristo ali instalado. E me perguntava o que tudo isso significaria.

Logo foram aprovadas leis que proibiam a crucificação como forma de execução, e também proibiam os populares jogos gladiatórios. O domingo passou a ser feriado. E o imperador estendeu outros benefícios aos cristãos. E logo ouvimos dizer que os cristãos estavam lhe pedindo oficialmente que se envolvesse nas suas disputas doutrinárias!

E, de fato, suas discussões sobre questões de doutrina tornaram-se tão sérias em cidades da África que deflagravam tumultos, nos quais os cristãos se matavam uns aos outros. O povo queria que o imperador interviesse!

Creio que é muito importante esse aspecto a respeito do cristianismo. Desde os seus primórdios, pareceu tratar-se de uma religião de grandes brigas e guerras; e seduziu o poder das autoridades temporais, tornando-as parte de si mesmas, na esperança de resolver pela mera força suas numerosas discórdias.

Tudo isso eu via, com olhos pasmos. É claro que meus convidados tinham discussões ferozes a esse respeito. Parecia que alguns que jantavam à minha mesa eram cristãos e tinham sido o tempo todo. Agora, o segredo estava revelado; mesmo assim, o vinho jorrava e a música prosseguia.

Entenda bem, eu não tinha nenhum medo de verdade nem repulsa inata pelo cristianismo. Como disse, testemunhava seu crescimento com espanto.

E agora que dez anos ou mais tinham passado durante os quais Constantino dividiu o Império com algum constrangimento com Lacínio, eu presenciava mudanças que não acreditava que um dia pudessem ocorrer. Obviamente as antigas perseguições tinham sido um fracasso total. O cristianismo era um sucesso assombroso.

A mim parecia haver uma fusão do pensamento romano com as idéias cristãs. Talvez devêssemos dizer uma fusão de estilos e de modos de encarar o mundo.

Finalmente, quando Lacínio se foi, Constantino tornou-se o único governante do Império, e vimos todas as províncias unidas mais uma vez. Constantino tornou-se obviamente mais preocupado com a desunião dos cristãos, e em Roma ouvíamos falar de enormes concílios cristãos no Oriente. O primeiro foi em Antioquia, onde eu havia morado com Pandora e que ainda era uma grande cidade, talvez sob muitos aspectos mais animada e interessante que Roma naquela época.

A heresia ariana foi a causa do desagrado de Constantino. E toda a história estava relacionada com algum detalhe infinitesimal nas Escrituras, que aos olhos de Constantino dificilmente parecia justificar a disputa. Mesmo assim, certos bispos foram excomungados da Igreja em crescimento; e, apenas dois meses mais tarde, mais um importante Concílio se realizou em Nicéia, novamente sob o comando de Constantino.

Ali foi adotado o Credo Niceno, que *é* recitado pelos cristãos até mesmo na atualidade. Os bispos que firmaram esse credo voltaram a de fato condenar e excomungar o teórico e escritor cristão Ário por heresia, tendo sido determinado que seus escritos fossem incinerados. Ele próprio deveria ser proibido de entrar na sua cidade natal, Alexandria. A sentença era irrecorrível.

Vale porém observar, e isso eu fiz, que Ário continuou sua luta por reconhecimento, muito embora tivesse sido expulso pelo Concílio.

A outra questão importante desse Concílio, um tema que ainda é bastante confuso no cristianismo, era a da verdadeira data da Páscoa, ou do aniversário da ressurreição de Cristo. Foi determinado como essa data seria calculada, com base num sistema do Ocidente. E então o concilio se encerrou.

Ora, os bispos que tinham vindo ao concilio foram convidados a permanecer e ajudar o imperador a celebrar seus vinte anos no trono. E é claro que aceitaram o convite, pois como poderiam recusá-lo?

No entanto, assim que chegaram a Roma notícias dessas festividades requintadas, houve muito ciúme e descontentamento. Roma sentiu-se ignorada em todas essas atividades. E assim foram consideráveis o alívio e a felicidade quando, em janeiro de 326, o imperador novamente se dirigiu para nossa cidade.

Antes de sua chegada, entretanto, feitos terríveis foram associados ao nome de Constantino. Por motivos que ninguém conseguiu descobrir, ele parou no caminho para matar tanto seu filho Crispo quanto seu enteado Liciniano, além da própria esposa, a imperatriz Fausta. Os historiadores poderão especular para sempre sobre as razões pelas quais tudo isso aconteceu. A verdade é que ninguém sabe por que Constantino cometeu esses atos. Pode ter havido um complô contra ele. Talvez não.

Permita-me dizer que isso tirou o brilho de sua chegada entre os romanos. E que, quando afinal chegou, não foi grande o consolo para a antiga classe dominante, porque praticamente estava trajado no extravagante estilo oriental, com seda e damasco, e não quis participar da importante procissão ao templo de Júpiter, como o povo esperava que fizesse.

É claro que os cristãos o adoravam. Ricos e pobres acorriam para vê-lo com suas vestes e pedras preciosas orientais. Ficavam perplexos com sua generosidade à medida que ele estipulava o local para mais igrejas.

E, embora quase não passasse mais tempo em Roma, ao longo dos anos havia permitido que fosse completada a construção de prédios seculares iniciados por Maxênico, e construiu amplas termas públicas às quais deu seu próprio nome.

E então surgiram rumores aterrorizantes. Constantino fazia planos para uma cidade totalmente nova. Constantino considerava Roma velha, decadente e inadequada como capital. Constantino pretendia criar uma nova cidade para o Império. Queria que fosse no Oriente, e que honrasse seu nome!

Imagine tudo isso, se puder.

Naturalmente, os imperadores do século anterior tinham percorrido todas as províncias do Império. Tinham lutado entre si, dividindo-se em pares e tetrarquias, para fazer reuniões aqui e assassinarem uns aos outros mais adiante.

Mas renunciar a Roma como capital? Criar mais uma grande cidade para ser o centro do Império?

Para mim, isso era impensável.

Eu ruminava tudo isso com ódio. Experimentei o desespero.

Todos os meus convidados noturnos compartilhavam da minha infelicidade. Os soldados mais velhos ficaram abalados com a notícia, e um dos filósofos chorou compungido. Outra cidade para ser a capital do Império Romano? Os mais jovens estavam enfurecidos, mas não conseguiam esconder sua curiosidade rancorosa nem seus palpites relutantes quanto à provável localização dessa outra cidade.

Eu não podia ousar chorar como sentia vontade, pois minhas lágrimas teriam saído cheias de sangue.

Pedi aos músicos que tocassem canções antigas, canções que precisei lhes ensinar porque eles nunca as tinham ouvido. E houve um estranho momento em que cantamos juntos — meus hóspedes mortais e eu — uma canção lenta e chorosa sobre a glória empanada de Roma, que nunca esqueceríamos.

O ar estava fresco naquela noite. Saí para o jardim e baixei o olhar pelas encostas da colina. Eu via aqui e ali luzes na escuridão. Ouvia o riso e a conversa em outras casas.

— É isso que é Roma! — murmurei.

Como poderia Constantino abandonar a cidade que havia sido a capital do Império por mil anos de lutas, vitórias, derrotas, glória? Será que alguém não poderia tentar convencê-lo? Aquilo simplesmente não podia vir a ocorrer.

No entanto, quanto mais eu perambulava pela cidade, mais escutava conversas por toda parte; quanto mais eu vagava fora das muralhas e me embrenhava nas cidadezinhas da periferia, passei a perceber o que havia motivado o imperador.

Constantino queria começar seu império cristão numa localização incrivelmente vantajosa; e não poderia se recolher na península italiana quando uma proporção tão grande da cultura do seu povo ficava no Oriente. Além disso, precisava defender suas fronteiras orientais. O império persa do Oriente sempre era uma ameaça. E Roma não era um local adequado para a residência de um homem dotado de poder supremo.

Assim, Constantino escolhera a remota cidade grega de Bizâncio para ser o local de Constantinopla, seu novo lar.

E eu deveria ver meu lar, minha cidade sagrada, ser agora repudiada por um homem que eu, como romano, não conseguia entender.

Havia rumores sobre a velocidade incrível, se não milagrosa, com que Constantinopla havia sido projetada, e com a qual a construção estava sendo executada.

De imediato, muitos romanos acompanharam Constantino à nova cidade em crescimento acelerado. Talvez a convite dele ou talvez simplesmente por um impulso pessoal, senadores levantaram acampamento com a família e a fortuna para ir morar nesse lugar novo e esplêndido, um assunto que estava na boca de todos.

Logo, ouvi dizer que senadores de todas as cidades do Império estavam sendo atraídos a Constantinopla; e de fato foram construídos na nova capital termas, salões de reuniões e anfiteatros; belas estátuas foram pilhadas de cidades de toda a Grécia e da Ásia, para ornamentar as novas obras arquitetônicas.

Roma, a minha Roma, o que será de ti, pensava eu.

E claro que meus banquetes noturnos na realidade não foram profundamente afetados. Os que vinham jantar com Marius eram professores e historiadores pobres que não tinham nenhuma condição de se mudar para Constantinopla, ou jovens curiosos e imprudentes que ainda não tinham feito a opção mais esperta.

Como sempre, eu tinha bastante companhia de mortais; e ainda havia herdado alguns filósofos gregos muito atilados que

haviam sido deixados para trás por famílias que partiram para Constantinopla, onde sem dúvida encontrariam homens mais brilhantes para instruir seus filhos.

Mas esse ponto, para os convidados na minha casa, não tinha grande importância.

Na realidade, à medida que os anos passaram, minha alma ficou arrasada.

E mais do que nunca antes percebi como era horrendo eu não ter nenhum companheiro imortal que pudesse entender como eu me sentia. Eu me perguntava se Mael e Avicus tinham alguma condição de compreender o que estava acontecendo. Sabia que os dois ainda assombravam as mesmas ruas que eu. Eu os ouvia.

E minha necessidade de Pandora tornou-se tão terrível que eu não conseguia mais vê-la com a imaginação, nem pensar nela.

Mesmo assim, pensava eu em desespero, se esse homem, esse Constantino, puder preservar o Império, se o cristianismo puder uni-lo e impedir sua fragmentação, se suas províncias diferentes puderem ser unidas, se Constantino conseguir rechaçar os bárbaros que não param de pilhar sem construir nem conservar nada, quem sou eu para julgá-lo, eu, que vivo fora da vida?

Voltei a escrever todas as noites quando minha cabeça fervia. E, naquelas em que tinha certeza de que Mael e Avicus não se encontravam de modo algum por perto, eu saía para o campo para ir visitar o santuário.

Meu trabalho nas paredes do santuário não parava. Assim que terminava de pintar as paredes da capela inteira, cobria uma das paredes e começava a pintar de novo. Não conseguia fazer ninfas e deusas que satisfizessem meus critérios. Suas figuras não eram esbeltas o bastante para mim, e os braços não eram suficientemente graciosos. O cabelo não estava certo. E, quanto aos jardins que eu procurava representar, não havia uma variedade suficiente de flores para eu incluir.

Sempre havia aquela sensação de familiaridade — de que eu já havia visto esse jardim, que eu o conhecera muito antes que Akasha me permitisse sorver seu sangue. Eu havia visto os bancos de pedra nele, havia visto as fontes.

Era tão forte a sensação de estar nele enquanto pintava que eu não conseguia ignorá-la. Não sei ao certo se isso me auxiliou no trabalho. Talvez tenha prejudicado.

No entanto, à medida que eu adquiria destreza como pintor, e de fato adquiri destreza, outros aspectos da obra me perturbavam.

Eu estava convencido de que havia algo de artificial nele, algo de essencialmente medonho no meu jeito de desenhar figuras humanas com tanta perfeição, algo de artificial no meu jeito de criar cores tão extraordinariamente intensas e de acrescentar uma quantidade tão apavorante de pequenos detalhes. Em especial, eu sentia repulsa por minha queda por detalhes decorativos.

Por mais que me sentisse atraído por esse trabalho, eu o detestava. Compunha jardins inteiros com lindas criaturas míticas só para apagá-los.

Às vezes pintava com tanta velocidade que me sentia exausto e caía no chão do santuário, passando ali o sono paralisado do dia inteiro, indefeso, em vez de ir até meu local de descanso secreto — meu caixão — que ficava escondido não longe da minha casa.

Nós somos monstros, era o que eu pensava sempre que pintava ou contemplava minha própria pintura, e é o que penso agora. Não importa o fato de eu querer continuar a existir. Nós não somos naturais. Somos testemunhas providas tanto de excesso quanto de falta de sentimento. E enquanto pensava nisso tudo, tinha diante de mim as testemunhas mudas, Akasha e Enkil.

Que diferença fazia para eles o que eu fizesse?

Talvez duas vezes por ano eu mudasse seus trajes primorosos, arrumando o vestido de Akasha com um cuidado meticuloso. Eu comprava com maior freqüência braceletes

novos para ela; e esses eu punha nos seus braços frios e apáticos, com movimentos lentos e ternos para não ofendê-la com o que estava fazendo. Eu me esmerava com o ouro nas tranças dos cabelos negros dos dois Pais. E arrumava um belo colar em torno dos ombros nus do Rei.

Nunca me dirigi a nenhum dos dois em vão. Eram imponentes demais para isso. Dirigia-me a eles apenas em preces.

Mantinha-me em silêncio no santuário enquanto trabalhava com meus pincéis e potes de tinta. Mantinha-me em silêncio quando ficava ali sentado contemplando com franca repulsa o que havia feito.

E então, uma noite, depois de muitos anos de trabalho diligente no santuário, dei um passo atrás e tentei ver o todo como nunca antes. Minha cabeça girava. Fui até a entrada para adotar a perspectiva de um homem que chegasse ali pela primeira vez e, esquecendo-me totalmente do Casal Divino, apenas olhei para as paredes.

Uma verdade surgiu diante de mim com dolorosa clareza. Eu havia pintado Pandora. Eu a havia pintado por toda parte. Cada ninfa, cada deusa, era Pandora. Por que eu não havia percebido?

Fiquei perplexo e arrasado. Meus olhos estão me pregando peças, pensei. Eu os enxuguei, realmente enxuguei para poder ver melhor, como um mortal faria, e olhei de novo. Não. Era mesmo Pandora, lindíssima para onde quer que eu olhasse. Mudavam os trajes e o estilo do penteado, sim, além de outros adornos, mas essas criaturas eram todas Pandora, e isso eu ainda não havia percebido até aquele momento.

E claro que o jardim interminável parecia familiar. Isso não tinha importância. Pandora tinha pouquíssimo ou nada a ver com aqueles sentimentos. Pandora era inevitável e vinha de algum manancial diferente de sensações. Pandora nunca me deixaria. Essa era a maldição.

Ocultei minhas tintas e pincéis atrás dos Pais Divinos como sempre fazia — teria sido um insulto ao Pai e à Mãe deixá-los por ali — e voltei a Roma.

Tinha diante de mim algumas horas antes do amanhecer, nas quais poderia sofrer, nas quais poderia pensar em Pandora como nunca antes.

A festa regada a álcool estava perdendo um pouco o ânimo, como sempre ocorria de madrugada, com alguns convidados dormindo na grama lá fora, e outros cantando juntos num pequeno grupo; e ninguém prestou nenhuma atenção em mim, quando entrei na biblioteca e me sentei à escrivaninha.

Pelas portas abertas, olhei para as árvores escuras lá fora e desejei que minha vida terminasse.

Parecia que me faltava coragem para seguir com a existência que havia criado para mim mesmo; e então eu me voltei e decidi — por simples desespero — examinar as pinturas nas paredes da sala. E claro que eu havia aprovado essas pinturas, tendo pago muitas vezes para que fossem renovadas e modificadas.

Mas agora eu as avaliava do ponto de vista não de Marius, como o homem rico que pode ter tudo o que desejar, mas como Marius, o pintor monstro que havia executado a imagem de Pandora vinte e uma vezes nas quatro paredes do santuário de Akasha.

De repente vi como essas pinturas eram de qualidade inferior, como eram rígidas e pálidas as deusas e ninfas que habitavam esse universo do meu estúdio, e logo acordei meus escravos diurnos e lhes disse que deveriam mandar cobrir tudo com tinta fresca no dia seguinte. Além disso, todo um estoque das melhores tintas deveria ser adquirido e trazido para a casa. Não fazia diferença como as paredes deveriam ser redecoradas. Que deixassem isso por minha conta. Que tapassem tudo o que estava ali.

Eles estavam acostumados às minhas excentricidades e, depois de se certificarem de que me entendiam perfeitamente, voltaram ao sono.

Eu não sabia o que pretendia fazer; só sabia que sentia o impulso de criar imagens e sentia que, se conseguisse me

agarrar àquilo, se conseguisse fazer aquilo, conseguiria continuar.

Minha aflição se aprofundava.

Estendi o pergaminho para escrever no meu diário primitivo e comecei a descrever a experiência de descobrir minha amada por toda parte ao meu redor e de como aquilo parecia conter um elemento de feitiçaria, quando de repente ouvi um som inconfundível.

Avicus estava junto ao meu portão. Estava de fato me perguntando com uma forte corrente do Dom da Mente se podia ou não pular o muro e entrar para uma visita.

Desconfiava dos mortais no meu salão de banquetes e no meu jardim. Mas poderia entrar?

De imediato enviei minha resposta muda com a permissão.

Havia anos desde a última vez em que o vira sequer de relance nas ruas secundárias, e não me foi uma total surpresa vê-lo trajado como soldado romano, e perceber que ele adotara o hábito de portar uma adaga e uma espada.

Ele olhou preocupado para a porta do salão de banquetes, mas com um gesto eu lhe disse que não prestasse nenhuma atenção aos convidados.

Seu cabelo escuro, denso e ondulado estava bem penteado e limpo; e toda a sua atitude era de prosperidade e bem-estar, só que suas roupas estavam terrivelmente manchadas de sangue. Não era sangue humano. Eu teria sentido o cheiro de sangue humano. Ele logo me deu a entender, pela expressão no seu rosto, que estava passando por uma situação apavorante.

— O que foi? O que posso fazer por você? — perguntei, tentando ocultar minha pura solidão, minha pura necessidade de tocar sua mão.

Você *é* uma criatura como eu, tive vontade de dizer. Nós somos monstros e podemos nos abraçar. O que são eles, meus convidados, além de seres tenros? Mas não disse nada.

Foi Avicus quem falou.

— Aconteceu uma coisa horrível. Não sei como remediá-la, nem mesmo sei se pode ser remediada. Peço-lhe que venha comigo.

— Aonde, diga-me — disse eu, solidário.

— É Mael. Está gravemente ferido, e eu não sei se o mal pode ser sanado.

Saímos de imediato.

Acompanhei-o até um bairro muito populoso de Roma, onde as construções mais recentes tinham suas fachadas a pouco mais de meio metro umas das outras. Afinal, chegamos a uma sólida casa nova na periferia, uma morada de ricos, com pesado portão, e ele me conduziu pelo portal, até o átrio ou pátio belo e amplo, no interior da casa.

Permita-me aqui fazer a observação de que ele não estava usando toda a sua força durante esse curto trajeto, mas eu não quis salientar esse ponto para ele e, assim, o acompanhei seguindo seu ritmo.

Agora, depois de atravessar o átrio, entramos na sala principal da casa, o aposento em que os mortais teriam jantado; e ali, à luz de uma lâmpada, vi Mael deitado aparentemente indefeso no piso de cerâmica.

A luz cintilava nos seus olhos.

Ajoelhei-me de imediato ao seu lado.

Sua cabeça estava torcida para um lado de modo estranho; e um dos braços estava virado como se o ombro tivesse sido deslocado. Seu corpo inteiro era medonho de tão emaciado, e sua pele era de uma lividez horrenda. E no entanto seus olhos estavam fixos em mim sem rancor nem súplica.

As roupas, muito parecidas com as de Avicus, caíam soltas sobre o esqueleto esfaimado e estavam muito manchadas de sangue. Quanto aos longos cabelos louros, também eles estavam grudados com sangue; e os lábios tremiam como se ele estivesse tentando falar sem conseguir.

Avicus fez um gesto de desamparo, com as duas mãos.

Debrucei-me mais perto para examinar Mael melhor, enquanto Avicus trazia a lâmpada de azeite mais para perto e a segurava de um modo que a fazia lançar uma luz forte e agradável.

Mael emitiu um som grave, rouco; e aos poucos eu vi que havia horrendos ferimentos vermelhos no seu pescoço e no ombro nu, onde o tecido da sua túnica havia sido arrancado do lugar. Decididamente, seu braço estava num ângulo errado com o corpo; e o pescoço havia sido torcido de forma horrível, tanto que a cabeça não estava na posição certa.

Num momento de horror indescritível, dei-me conta de que essas partes dele — a cabeça e o braço — haviam sido deslocadas do seu lugar natural.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntei, erguendo o olhar até Avicus. — Você sabe?

— Cortaram-lhe a cabeça e o braço fora — disse Avicus. — Foi um bando de soldados, bêbados e à caça de encrenca. Nossa intenção era desviar deles, mas eles se voltaram contra nós. Deveríamos ter subido para os telhados. Tivemos um excesso de confiança em nós mesmos. Consideramos que éramos tão superiores, tão fortes e invencíveis.

— Entendo — respondi. Segurei firme a mão do braço bom de Mael. Imediatamente, ele retribuiu, apertando minha mão. Na realidade, eu estava profundamente chocado. Mas não podia deixar que nenhum deles percebesse isso, pois só teria feito com que sentissem ainda mais medo.

Muitas vezes eu me havia perguntado se poderíamos ser destruídos por esquartejamento. E agora a medonha verdade estava clara para mim. O esquartejamento em si não bastava para liberar nossa alma deste mundo.

— Eles o cercaram antes que eu pudesse pensar no que fazer — disse Avicus. — Rechacei os que tentaram me ferir, mas olhe o que fizeram com ele.

— E você o trouxe para cá — disse eu — e tentou colocar no lugar tanto a cabeça quanto o braço.

— Ele ainda estava vivo! — disse Avicus. — Os canalhas tinham fugido correndo, bêbados, cambaleantes. E eu logo vi que ele ainda estava vivo. Ali na rua, mesmo com o sangue jorrando do seu corpo, ele estava olhando para mim! Ora, com o braço bom, ele estava tentando alcançar a própria cabeça.

Avicus olhou para mim como se estivesse me implorando que o compreendesse ou talvez que lhe perdoasse.

— Estava vivo — repetiu. — O sangue escorria do seu pescoço e escorria da sua cabeça. Na rua, pus a cabeça no pescoço. Foi só aqui que juntei o braço ao ombro. E veja só o que fiz.

Os dedos de Mael apertaram minha mão com mais força.

— Você tem como me responder? — perguntei a Mael. — Basta um som se não conseguir.

Veio novamente aquele som áspero, mas dessa vez imaginei ouvir a sílaba “Sim”.

— Você quer continuar vivo? — perguntei.

— Ah, não lhe faça uma pergunta dessas — implorou Avicus. — Neste momento, pode lhe faltar coragem. É só me ajudar se souber o que fazer. — Ajoelhou-se ao lado de Mael, debruçou-se, segurando com cuidado a lâmpada meio afastada, e colou os lábios na testa de Mael.

De Mael veio mais uma vez a mesma resposta: Sim.

— Providencie mais luz — disse eu a Avicus —, mas antes quero que entenda bem. Não possuo nenhum poder mágico extraordinário nessa questão. Acho que sei o que aconteceu e que sei como desfazê-lo. Mas só isso.

De imediato, Avicus recolheu da casa inteira uma quantidade de lâmpadas de azeite, acendeu-as e as dispôs em volta de Mael na forma de um oval. Lembrava estranhamente a obra de um feiticeiro para delimitar um local para sua magia, mas não permiti que meus pensamentos fossem perturbados por esse fato irritante. E, quando afinal consegui ter a melhor visão possível, ajoelhei-me, examinei todos os ferimentos e olhei para a figura esquelética, exangue, encovada de Mael.

Sentei-me finalmente sobre os calcanhares. Olhei para Avicus, que estava sentado diante de mim do outro lado do amigo.

— Conte-me exatamente como conseguiu fazer isso — disse eu.

— Prendi a cabeça no pescoço da melhor forma que pude, mas não acertei, você está vendo? Alguma coisa eu fiz errado. Como se pode saber fazer certo? — perguntou. — Você sabe?

— E o braço? Ele também está desconjuntado.

— O que vamos fazer?

— Você forçou a união? — indaguei. Ele refletiu antes de responder.

— É, acho que forcei. Entendo o que você quer dizer. Juntei com força. Queria que essas partes se grudassem mais uma vez. Usei força demais.

— Ah, bem, creio que temos uma chance de reparar isso, mas entenda mais uma vez que não possuo nenhum conhecimento secreto. O que me inspira é o fato de que ele continua vivo. Acho que precisamos arrancar tanto a cabeça quanto o braço para ver se essas partes, quando colocadas à distância correta do corpo, não se unirão nos ângulos certos como deveriam.

Sua expressão animou-se apenas à medida que ele foi compreendendo lentamente o que eu dissera.

— É — concordou ele. — Talvez elas se unam como deveriam ser unidas! Se conseguem se unir de modo tão precário, poderão unir-se de uma forma perfeita e certa.

— É — disse eu —, mas você terá de fazer isso. E em você que ele confia. Ele baixou o olhar até o amigo, e eu pude ver que essa tarefa não ia ser nada fácil. Então, devagar, olhou de novo para mim.

— Precisamos dar-lhe nosso sangue antes para fortalecê-lo — disse ele.

— Não, depois que estiver terminado, ele vai precisar do sangue para a cicatrização. E nessa hora que vamos lhe dar o sangue. — Não gostei de empenhar minha palavra nessa questão, mas de modo bastante abrupto eu me dei conta de que não queria ver Mael morrer. Na realidade, era tamanha minha vontade de não ver sua morte que pensei que talvez eu devesse me encarregar de toda aquela operação sozinho.

Mas não podia me intrometer. Cabia a Avicus decidir como a história prosseguiria.

De repente, ele pôs a mão esquerda com firmeza no ombro de Mael e puxou com toda a força o braço desconjuntado de Mael. No mesmo instante, o braço soltou-se do corpo com ligamentos de sangue saindo trêmulos dele como as raízes de uma árvore.

— Agora, leve o braço para perto do corpo, aí, assim, e veja se ele não procura seu próprio lugar.

Avicus me obedeceu, mas minha mão estava estendida para guiar o braço rapidamente, não deixando que se aproximasse demais, mas esperando que começasse a se mexer por sua própria vontade. De súbito senti o espasmo no braço e o soltei. Vi então que ele logo se unia ao ombro, com os ligamentos velozes movendo-se para dentro do corpo como uma quantidade de pequenas serpentes, até que não se viu mais a ruptura.

Infelizmente, eu estava correto nas minhas suspeitas. O corpo seguia suas próprias regras sobrenaturais.

De imediato, rasguei meu pulso com os dentes e deixei que meu sangue se derramasse sobre o ferimento. Vi que cicatrizava diante dos meus olhos.

Avicus pareceu bastante surpreso com esse simples expediente, embora decerto tivesse conhecimento dele, pois essa restrita propriedade curativa do nosso sangue é conhecida quase universalmente entre os da nossa espécie.

Num momento, eu já tinha dado tudo o que queria, e o ferimento praticamente desaparecera.

Endireitei as costas e vi os olhos de Mael fixos em mim, como antes. A cabeça parecia grotesca, de dar pena, naquele seu ângulo errado. E a expressão era horrenda de tão vazia.

Toquei de novo na sua mão, e ele retribuiu a pressão.

— Você está preparado? — perguntei a Avicus.

— Segure-o firme pelos ombros — respondeu Avicus. — Pelo amor de Deus, use toda a sua força.

Estendi as mãos e prendi Mael com a maior firmeza possível. Eu teria posto os joelhos no seu peito, mas ele estava debilitado demais para um peso desses. Por isso, me mantive de lado.

Finalmente, com um gemido forte, Avicus deu um puxão na cabeça de Mael com as duas mãos.

O jorro de sangue foi assustador, e eu podia jurar que ouvi o som da carne sobrenatural sendo rasgada. Avicus caiu para trás com o golpe e tombou de lado, segurando a cabeça indefesa.

— Rápido! Ponha a cabeça perto do corpo! — gritei. Eu mantinha os ombros imóveis, embora o corpo de repente tivesse dado uma terrível guinada. Na realidade, os braços se lançaram para o alto como se estivessem à procura da cabeça.

Avicus pôs a cabeça no meio do sangue que jorrava, empurrando-a até bem perto do pescoço escancarado, até que de repente a cabeça pareceu movimentar-se por vontade própria, com os ligamentos mais uma vez semelhantes a uma enorme quantidade de pequenas serpentes enquanto se esforçavam para se unir aos do tronco. Então o corpo inteiro deu mais uma guinada, e a cabeça estava firme no lugar, como deveria estar.

Vi que os olhos de Mael piscavam sem parar, que a boca se abria e ele exclamava:

— Avicus — com toda a força.

Avicus debruçou-se sobre ele, rasgando o pulso com os dentes como eu tinha feito antes, só que dessa vez era para deixar o sangue escorrer para dentro da boca de Mael.

Mael estendeu a mão até o braço acima dele e o trouxe para perto de si, bebendo feroz, enquanto suas costas se arqueavam e suas pernas magras e deploráveis estremeciam e se endireitavam.

Afastei-me dos dois, saindo do círculo de luz. Fiquei um bom tempo sentado imóvel nas sombras, com os olhos fixos neles; e então, quando vi que Avicus estava exausto, que seu coração estava cansado de dar tanto sangue, cheguei de mansinho até eles e perguntei se eu também poderia dar sangue para Mael beber.

Ai, como minha alma se revoltou contra esse gesto. Por que cheguei a me sentir levado àquilo? Não sei responder. Não sei agora, da mesma forma que não sabia na ocasião.

Mael conseguiu sentar-se ali no chão. Sua compleição estava mais robusta, mas a expressão no seu rosto era horrenda demais de se ver. O sangue no piso estava seco e cintilante como sempre acontece com nosso sangue. Teria de ser raspado e depois queimado.

Mael inclinou-se para a frente, abraçou-me com uma intimidade apavorante e me beijou no pescoço. Não ousou fincar os dentes.

— Pois bem, vá em frente — disse eu, embora sentisse uma terrível hesitação. E pus na minha mente imagens de Roma para ele ver enquanto sorvia o sangue, imagens de templos novos e belos, o espantoso arco do triunfo de Constantino e todas as igrejas maravilhosas que agora estavam sendo construídas por toda parte. Pensei nos cristãos e nas suas cerimônias mágicas. Pensei em qualquer coisa para disfarçar e eliminar os segredos da minha vida inteira.

Uma repulsa desagradável persistia em mim enquanto eu sentia a força da sua fome e da sua necessidade. Não quis ver nada da sua alma com o Dom da Mente, e acho que meus olhos encontraram os de Avicus num momento; e que fiquei impressionado com a expressão grave e complexa no seu rosto.

Afinal, tudo terminou. Eu não podia dar mais nada. Estava quase amanhecendo, e precisava da força que ainda me

restava para seguir rápido até meu esconderijo. Pus-me de pé.

Avicus manifestou-se.

— Não podemos ser amigos agora? — perguntou. — Somos inimigos há tantos, tantos anos.

Mael ainda estava agoniado com a desgraça que lhe ocorrera; e não estava em condições de dar sua posição a respeito do assunto, fosse num sentido, fosse no outro, mas olhou para mim, com aqueles seus olhos acusadores.

— No Egito, você viu a Grande Mãe. Eu a vi no seu coração quando bebi seu sangue.

Enrijeci de choque e fúria.

Pensei que deveria matá-lo. Ele só servira para o aprendizado — como montar de novo bebedores de sangue que tenham sido esquartejados — e agora estava na hora de terminar o que os bêbados somente haviam começado mais cedo naquela mesma noite. Mas não disse nem fiz nada.

Ah, como meu coração estava gelado.

Avicus estava terrivelmente decepcionado e não aprovou de modo algum a atitude de Mael.

— Marius, eu lhe agradeço — disse, triste e exausto, enquanto me acompanhava até o portão. — O que eu poderia ter feito se você tivesse se recusado a vir a nós? Tenho para com você uma imensa dívida de gratidão.

— Não há Boa Mãe nenhuma — disse-lhe eu. — Que passem bem. Enquanto seguia veloz pelos telhados de Roma, na direção da minha própria casa, concluí no fundo da minha alma que lhes dissera a verdade.

CAPÍTULO 7



NA NOITE SEGUINTE FIQUEI muito surpreso ao encontrar as paredes da minha biblioteca totalmente cobertas com tinta. Havia me esquecido de ter dado uma ordem dessas aos meus escravos. Assim que vi todos os potes de tinta fresca em enorme variedade de cores, lembrei-me do que lhes dissera que fizessem.

Na realidade, eu não conseguia pensar em nada a não ser em Mael e Avicus; e devo confessar que estava mais que fascinado pela associação de comportamento civilizado e tranqüila dignidade que encontrava em Avicus, e de modo algum em Mael.

Mael seria sempre para mim um bárbaro, iletrado, sem refinamento e, acima de tudo, um fanático, pois foi em decorrência da sua crença fanática nos Deuses do Bosque que ele me havia tirado a vida.

E, dando-me conta de que meu único jeito de fugir dos meus pensamentos sobre a dupla era pintar as paredes recém-preparadas, passei imediatamente ao trabalho.

Não prestei nenhuma atenção aos meus convidados, que naturalmente já estavam jantando, nem àqueles que iam e vinham, passando pelo jardim e pelo portão aberto.

Queria entender que àquela altura eu não precisava sair à caça de sangue com tanta freqüência; e, embora continuasse sendo o rematado selvagem sob esse aspecto, muitas vezes

deixava isso para bem tarde na noite ou para o início da madrugada; ou ainda nem chegava a caçar.

Portanto, voltei-me para a pintura. Não dei um passo atrás para avaliar o que pretendia fazer. Preferi atacar ferozmente, cobrindo toda a parede com grandes pinceladas fortes, criando o habitual jardim que era minha obsessão, e as ninfas e deusas cujas formas eram tão familiares na minha imaginação.

Essas criaturas não tinham nome para mim. Elas poderiam ter saído de qualquer estrofe de Ovídio, dos escritos de Lucrécio ou até mesmo do poeta cego, Homero. Não fazia diferença. Eu me perdia no esforço de representar braços erguidos, pescoços graciosos, rostos ovais e trajes que ondulavam delicados com a brisa.

Uma parede dividi com colunas pintadas e em torno delas pintei trepadeiras. Outra, trabalhei com bordaduras rígidas de folhagens estilizadas. E a terceira parede reparti em pequenos painéis, nos quais representaria vários deuses.

Enquanto isso, a casa vivia cheia com a festa sempre ruidosa; e alguns dos meus bêbados preferidos acabavam inevitavelmente entrando na biblioteca para me observar em atividade.

Eu era bastante prudente para desacelerar meu ritmo um pouco, para não assustá-los com minha velocidade sobrenatural. Mas fora isso não lhes dava nenhuma atenção; e, somente quando um dos tocadores de lira entrava para cantar para mim, eu percebia como a loucura deveria parecer reinar na casa.

Pois havia pessoas jantando e bebendo por toda parte agora, e o dono da casa, na sua túnica longa, pintava uma parede, trabalho adequado para artesãos ou artistas, não para patrícios, você me entende, e parecia não haver nenhum limite razoável de qualquer espécie.

Comecei a rir daquele absurdo.

Um dos jovens convidados estava assombrado com meu talento.

— Marius, você nunca nos disse. Nunca imaginamos.

— Nem eu imaginava — respondi, sem emoção, continuando com meu trabalho, vendo a tinta branca desaparecer sob meu pincel.

Por meses a fio continuei com minha pintura, até mesmo passando para o salão de banquetes, onde os convidados me incentivavam enquanto eu trabalhava. Não importava o que eu conseguisse fazer, nada me agradava, e isso decerto não os surpreendia.

Consideravam divertido e excêntrico que um homem rico decorasse as paredes da própria casa. E todos os conselhos embriagados que recebi não tinham grande importância. Os eruditos conheciam os relatos míticos que eu retratava e apreciavam a pintura, e os rapazes tentavam me atrair para discussões, às quais eu me recusava.

Acima de tudo, era o jardim espaçoso que eu adorava pintar, sem nenhuma moldura para isolá-lo do nosso mundo com suas figuras dançantes e loureiros arqueados. Era o jardim conhecido. Pois eu imaginava poder escapar para dentro dele na minha imaginação.

E durante aquele período não me arrisquei a freqüentar a capela. Em vez disso, pintei todos os aposentos da minha casa.

Nesse meio tempo, os antigos deuses que eu pintava estavam desaparecendo velozes dos Templos de Roma.

Em alguma ocasião, Constantino havia tornado o cristianismo a religião oficial do Império, e agora eram os pagãos que não podiam seguir seu culto como desejavam.

Não creio que o próprio Constantino fosse jamais favorável ao uso da força contra qualquer pessoa por questões religiosas. Mas era isso o que acabara acontecendo.

E assim eu pintava o coitado do velho Baco, deus do vinho, com seu séquito animado; e o refulgente Apoio perseguindo a linda e desesperada Daphne, que preferiu se transformar num loureiro a permitir o estupro divino.

Eu não parava de trabalhar, feliz na companhia dos mortais, pedindo em pensamento a Mael e Avicus que por

favor não invadissem minha mente em busca de segredos.

Mas na realidade, todo esse tempo, eu os ouvia muito perto de mim. Meus banquetes mortais os deixavam perplexos e assustados. Eu os ouvia aproximando-se da casa para depois ir embora, todas as noites.

Finalmente, chegou a noite inevitável.

Os dois estavam parados diante do meu portão.

Mael era favorável a que entrassem sem pedir permissão, e Avicus o detinha, implorando-me com o Dom da Mente que os recebesse mais uma vez.

Eu estava na biblioteca, pintando-a por inteiro pela terceira vez, e naquela noite, graças aos deuses, o jantar não tinha se espalhado até ali.

Larguei o pincel. Fiquei olhando para a obra por terminar. Parecia que mais uma Pandora emergia na Daphne inacabada, e meu coração sentiu a nota trágica de que Daphne havia conseguido escapar ao amante. Como eu havia sido tolo de fugir de Pandora.

Porém, por um longo momento de satisfação própria, fiquei olhando para o que havia pintado — essa criatura sobrenatural com seu ondulante cabelo castanho.

Você compreendia minha alma, pensei, e agora outros chegam só para saquear todas as riquezas do meu coração. O que devo fazer? Nós discutíamos, sim, você e eu, mas era com um respeito carinhoso, não era? Não agüento viver sem você. Por favor, volte para mim, de onde quer que esteja.

Mas não havia tempo para minha solidão. De repente, ela me parecia muito preciosa, por mais que eu a tivesse experimentado nos anos anteriores.

Isolei da biblioteca meus felizes convidados humanos e então, em silêncio, disse aos bebedores de sangue que podiam entrar.

Os dois estavam trajados como ricos, e suas espadas e adagas eram cravejadas de pedras preciosas. Seus mantos eram presos à altura do ombro com fivelas caras, e até mesmo suas

sandálias eram enfeitadas. Poderiam estar se preparando para ir ao encontro dos cidadãos opulentos da nova capital, Constantinopla, onde grandes sonhos ainda estavam se tornando realidade, muito embora Constantino já tivesse morrido.

Foi com sentimentos conflitantes que fiz um gesto para que eles se sentassem.

Por mais que desejasse ter permitido que Mael morresse, eu me sentia atraído por Avicus — por sua expressão alerta e pelo seu jeito simpático de me olhar. Agora eu tinha tempo para observar que sua pele estava de um marrom mais claro que antes; e que seu tom escuro conferia um aspecto escultural às suas feições fortes, especialmente à boca. Quanto aos olhos, eles eram claros e não guardavam astúcia nem mentira.

Os dois continuavam em pé. Olharam ansiosos na direção do salão de banquetes para mortais. Mais uma vez, insisti em que se sentassem.

Mael continuou em pé, olhando rigorosamente do alto do nariz aquilino para mim, mas Avicus aceitou a cadeira.

Mael ainda estava fraco; e seu corpo, emaciado. Era totalmente óbvio que seria necessário beber de suas vítimas muitas noites até que o mal que lhe fora feito se curasse por inteiro.

— Como vão as coisas com vocês? — perguntei por cortesia.

E então, com desespero no íntimo, deixei minha mente visualizar Pandora. Deixei minha mente evocá-la em todos os detalhes esplêndidos. Esperava com isso enviar a mensagem sobre ela aos dois para que ela, não importava onde estivesse, pudesse de algum modo receber essa mensagem, uma mensagem que eu, em razão do sangue que lhe dera ao criá-la, não podia enviar por mim mesmo.

Não sei se um ou outro recebeu qualquer impressão do meu amor perdido.

Avicus respondeu à minha pergunta com gentileza, mas Mael não disse palavra.

— Para nós as coisas vão melhorando — disse Avicus. — Mael está se recuperando bem.

— Quero lhes falar — comecei, sem perguntar se eles queriam ou não receber semelhante conhecimento. — Pelo que aconteceu, acredito que nenhum de vocês dois conheça a própria força. A partir da minha própria experiência, sei que o poder aumenta com a idade, já que sou agora mais ágil e forte do que era quando fui criado. Vocês também são fortíssimos, e esse incidente com os mortais embriagados não precisava jamais ter acontecido. Vocês poderiam ter subido pelo muro quando foram cercados.

— Ora, não enche! — disse Mael, de repente.

Fiquei abismado com a grosseria. Apenas dei de ombros.

— Eu vi coisas — disse Mael, em voz baixa e dura, como se o modo confidencial de falar tornasse suas palavras ainda mais importantes. — Quando bebi de você, vi coisas que você não pôde me impedir de ver. Vi uma Rainha num trono.

Dei um suspiro.

Seu tom não era tão cheio de veneno quanto havia sido antes. Ele queria a verdade e sabia que não a conseguiria por meios hostis.

Quanto a mim, eu estava tão receoso que não ousava me mexer nem falar. Naturalmente, fiquei arrasado com essa informação dele, terrivelmente derrotado, e não sabia que chance eu tinha de impedir que tudo se tornasse conhecido. Olhei fixamente para minhas pinturas. Desejei ter pintado um jardim melhor. Eu poderia ter me transportado mentalmente para um jardim. Cheguei a pensar vagamente: Mas você tem um lindo jardim logo ali, do lado de fora das portas.

— Você não se dispõe a me contar o que encontrou no Egito? — perguntou Mael. — Sei que foi até lá. Sei que o Deus do Bosque queria mandá-lo para lá. Será que você não vai ter a misericórdia suficiente para me dizer o que encontrou?

— E por que eu teria misericórdia? — perguntei, com educação. — Mesmo que eu tivesse encontrado milagres ou

mistérios no Egito, por que iria lhe contar? Você se recusa até mesmo a se sentar como convidado sob meu teto. O que existe entre nós? Ódio e milagres? — Parei de falar. Eu tinha ficado muito acalorado. Era a raiva. Era a fraqueza. Você sabe do que estou falando.

Com isso, Mael ocupou uma cadeira ao lado de Avicus, olhando direto para a frente como havia feito naquela noite em que me contou como havia sido criado.

Agora que eu olhava para ele com mais atenção, via que seu pescoço ainda mostrava sinais dos ferimentos. Quanto ao ombro, o manto o cobria, mas imaginei que estivesse com a mesma aparência.

Passei a olhar para Avicus, e fiquei surpreso de ver suas sobrancelhas se unirem numa estranha expressão.

De repente, ele olhou para Mael e falou:

— A verdade é que Marius não pode lhe contar o que descobriu — disse, com a voz calma. — E não devemos voltar a lhe perguntar. Marius está sob o peso de uma carga terrível. Marius tem um segredo que está relacionado a todos nós e a quanto tempo poderemos sobreviver.

Fiquei profundamente indignado. Eu não tinha conseguido manter ocultos meus pensamentos, e eles haviam descoberto praticamente tudo. Eu tinha poucas esperanças de impedir que penetrassem no próprio local sagrado.

E não sabia exatamente o que fazer. Não conseguia nem mesmo ponderar a situação na presença deles. Era perigoso demais. E, por mais perigoso que fosse, senti um impulso de lhes contar tudo.

Mael sentiu-se alarmado e empolgado com o que Avicus dissera.

— Você tem certeza disso? — perguntou a Avicus.

— Tenho — respondeu Avicus. — Ao longo dos anos, minha mente foi se fortalecendo. Inspirado pelo que vi Marius fazer, testei meus poderes. Penetro no pensamento de Marius, mesmo quando não quero. E, na noite em que Marius veio nos ajudar, enquanto ele estava ao seu lado e via que você se

curava dos ferimentos ao sorver meu sangue, Marius pensou em muitos mistérios e segredos. E, embora eu lhe estivesse dando o sangue, li o pensamento de Marius.

Fiquei entristecido demais com tudo isso para dar uma resposta a qualquer coisa que qualquer um deles tivesse dito. Meus olhos voltaram-se para o jardim lá fora. Tentei escutar o som da fonte. Recostei-me depois na cadeira e olhei para os diversos rolos do meu diário que estavam jogados de qualquer jeito na escrivaninha para qualquer um se apropriar e ler. Ora, mas eu tinha escrito tudo em código, pensei. E na realidade, um bebedor de sangue esperto poderia decifrá-lo. Que diferença faz agora?

De repente, senti um forte impulso de tentar ponderar com Mael.

Mais uma vez, eu percebia a fraqueza da raiva. Tive de pôr de lado a raiva e o desdém; e lhe implorar que compreendesse.

— É verdade — disse eu. — No Egito, encontrei coisas, sim. Mas você deve acreditar em mim quando digo que nada que encontrei tem importância. Se existe uma Rainha, uma Mãe como você a chama, e preste atenção, não estou dizendo que ela existe, imagine por enquanto que é antiqüíssima e indiferente; e que não pode dar mais nada aos filhos. Que tantos séculos se passaram desde nossos primórdios obscuros que ninguém, com um mínimo de razão, os compreende; e a questão está literalmente enterrada pois não tem a mais ínfima importância.

Eu havia admitido muito mais do que pretendia e olhei de um para o outro em busca de compreensão e aceitação do que dissera.

Mael estava com a expressão espantada de um inocente. Mas a expressão no rosto de Avicus era muito diferente.

Ele me examinava como se sentisse uma vontade desesperada de me contar muitas coisas. Na realidade, seus olhos falavam em silêncio, muito embora sua mente não me entregasse nada. E então falou.

— Há muitos séculos, antes que eu fosse enviado para a Bretanha para cumprir minha missão no carvalho como o deus, fui levado à presença dela. Você se lembra de eu lhe ter contado isso.

— Estou lembrado.

— Eu a vi! — Ele fez uma pausa. Parecia dolorosíssimo para ele reviver esse momento. — Fui humilhado diante dela, fizeram com que me ajoelhasse, que recitasse meus votos. Lembro-me de ter odiado os que estavam ao meu redor. Quanto a ela, achei que era uma estátua, mas agora entendo as palavras estranhas que pronunciavam. E então, quando me deram o Sangue Mágico, entreguei-me ao milagre. Beijei-lhe os pés.

— Por que você nunca me contou isso?! — perguntou Mael. Parecia mais ferido e perturbado que zangado ou indignado.

— Contei em parte — disse Avicus. — É só agora que percebo tudo. Minha existência era uma desgraça, será que você não entende? — Ele olhou para mim e depois para Mael, e seu tom tornou-se um pouco mais razoável e terno. — Mael, você não está vendo? — perguntou. — Marius está tentando lhe dizer. Esse caminho no passado é um caminho de dor!

— Mas quem é ela e o que ela é? — indagou Mael.

Naquele instante fatal, tomei uma decisão. A raiva me impeliu, talvez na direção errada.

— Ela é a primeira de nós — disse eu, numa fúria contida. — Essa é a lenda. São os Pais Divinos, ela e seu consorte ou Rei. Nada mais que isso.

— E você os viu — disse Mael, como se nada pudesse fazer com que ele parasse seu questionamento implacável.

— Eles existem. Estão em segurança — disse eu. — Preste atenção ao que Avicus lhe disser. O que contaram a Avicus?

Avicus estava desesperado, tentando lembrar-se. Estava procurando em época tão remota que descobriu a própria

idade. Afinal, falou com a mesma voz respeitosa e educada de antes.

— Os dois contêm a semente da qual todos nós nos originamos! — respondeu ele. — Em razão disso, não podem ser destruídos porque, se o fossem, nós morreríamos com eles. Ah, você não está entendendo? — Ele olhou para Mael. — Agora sei a causa do Fogo Terrível. Alguém que procurava nos destruir queimou-os ou os expôs ao sol.

Fiquei totalmente arrasado. Ele havia revelado um dos segredos mais preciosos. Será que conhecia o outro? Permaneci em silêncio, aborrecido.

Avicus levantou-se da cadeira e começou a andar pela sala, inflamado pelas recordações.

— Quanto tempo permaneceram no fogo? Ou teria sido apenas a passagem de um dia na areia do deserto? — Voltou-se para mim. — Eles eram brancos como o mármore quando os vi. "Essa é a Mãe Divina", foi o que me disseram. Meus lábios tocaram no seu pé. O sacerdote pressionou minha nuca com o calcanhar. Quando o Fogo Terrível aconteceu, eu já estava no carvalho havia tanto tempo que não me lembrava de nada. Havia eliminado minha memória deliberadamente. Havia destruído todo sentido de tempo. Vivia para o sacrifício sangrento mensal e para o Sanhaim anual. Passava fome e sonhava como me haviam ordenado. Minha vida consistia em me erguer na época do Sanhaim para julgar os malfeitores, penetrar no coração dos que eram acusados e determinar sua culpa ou inocência.

"Mas agora eu me lembro. Lembro-me da imagem deles, da Mãe e do Pai, pois enxerguei os dois antes que forçassem minha boca a encostar nos pés dela. Como era fria. Como tudo era medonho. E contra a minha vontade. Eu estava tomado de raiva e medo. *E era o medo de um bravo."*

Estremeci com suas últimas palavras. Sabia do que ele estava falando. Como deve se sentir um corajoso general quando sabe que a batalha está perdida e não lhe resta nada a não ser a morte?

Mael olhou para Avicus com uma expressão cheia de tristeza e solidariedade.

Mas Avicus não tinha terminado. Continuou a andar de um lado para o outro, não vendo nada diante de si além da memória, com os cabelos negros e densos caídos para a frente quando abaixava a cabeça sob o peso das lembranças que carregava.

Os olhos negros refulgiam à luz das numerosas lâmpadas. Mas sua expressão era seu melhor traço. Prosseguiu:

— Teria sido o sol, ou teria sido um Fogo Terrível? — perguntou. — Será que alguém tentou queimá-los? Alguém acreditou que uma coisa semelhante pudesse ser feita? Ai, é tão simples. Eu deveria ter me lembrado. Mas a memória fica desesperada para nos deixar. A memória sabe que não conseguimos tolerar sua companhia. A memória nos reduziria a tolos. Ah, prestem atenção aos mortais velhos quando não têm mais nada além de lembranças da infância. Como insistem em confundir os que estão à sua volta com pessoas mortas há muito tempo, e ninguém os escuta. Quantas vezes procurei ouvir às escondidas o que diziam em sua aflição. Quantas vezes me admirei com suas longas conversas ininterruptas com fantasmas em aposentos vazios.

E eu continuava sem nada dizer.

Mas ele olhou para mim afinal, e me perguntou:

— Você os viu, o Rei e a Rainha. Sabe onde estão?

Esperei um bom tempo antes de responder. Quando respondi, falei com simplicidade.

— Eu os vi, sim. E vocês precisam confiar em mim quanto a eles estarem em segurança. E devem acreditar que não querem saber onde eles estão. — Examinei os dois. — Se vocês soubessem, talvez uma noite qualquer, outros bebedores de sangue poderiam capturá-los e extrair de vocês a verdade. E poderiam tentar reivindicar a posse do Rei e da Rainha. Mael me examinou por muito tempo antes de responder.

— Nós lutamos com outros que tentam tirar Roma de nós. Você sabe que fazemos isso. Nós os forçamos a ir embora.

— Sei que forçam — disse eu. — Mas os vampiros cristãos continuam a vir; e vêm numerosos. E esses números aumentam o tempo todo. Têm devoção pelo seu Demônio, sua Serpente, seu Satã. Eles voltarão. Haverá uma quantidade cada vez maior deles.

— Não representam nada para nós — disse Mael, com repugnância.

— Por que iriam querer esse Casal Sagrado?

Por um instante, eu não disse nada. E então a verdade partiu de mim, cheia de ódio, como se eu não pudesse protegê-los dela, nem proteger a mim mesmo.

— Pois bem, já que vocês dois sabem tanto, deixem-me explicar o seguinte: muitos bebedores de sangue querem a Mãe e o Pai. Há aqueles que vêm do Extremo Oriente e têm conhecimento deles. *Querem o Sangue Primevo. Acreditam na sua força. Ele é mais forte que qualquer outro sangue.* Mas a Mãe e o Pai podem mover-se para se defender. Mesmo assim, sempre haverá ladrões à procura deles, prontos para destruir quem quer que os mantenha ocultos. E esses ladrões no passado vieram me procurar.

Nenhum dos dois falou. Eu continuei:

— Vocês não precisam, nenhum de vocês dois, saber mais nada a respeito da Mãe e do Pai. Não querem que vagabundos perigosos se abatam sobre vocês e tentem dominá-los pelo seu conhecimento. Não querem que segredos lhes sejam arrancados do coração.

Lancei um olhar feroz para Mael ao proferir essas últimas palavras. E então voltei a falar.

— Ter conhecimento da Mãe e do Pai é uma maldição.

Caiu sobre nós um silêncio, mas eu pude perceber que Mael não permitiria que ele se estendesse muito. Uma luz inundou seu rosto e ele falou, com a voz trêmula.

— Você bebeu desse Sangue Primevo? — Ele aos poucos se enraivecia.

— Você bebeu desse sangue, não bebeu?

— Cale-se, Mael — disse Avicus. Mas de nada adiantou.

— Você bebeu dele — disse Mael, furioso. — E sabe onde a Mãe e o Pai estão escondidos.

Levantou-se da cadeira e investiu contra mim, fechando de repente as mãos sobre meus ombros.

Ora, por natureza, não sou dado a combates físicos, mas encolerizado afastei-o de mim com tanta força que ele foi jogado atravessando o piso até bater na parede.

— Como você ousa? — perguntei, feroz. Fazia enorme esforço para manter minha voz baixa para não alarmar os mortais na sala de banquetes. — Eu deveria matá-lo. Quanta paz de espírito eu teria se soubesse que você estava morto. Eu poderia cortá-lo em tantos pedaços que nenhum feiticeiro conseguiria voltar a montar. Vá para o inferno!

Eu tremia com essa ira atípica e humilhante.

Ele olhou para mim, com o pensamento inalterado, a determinação apenas levemente moderada; e então declarou com uma veemência extraordinária.

— Você está com a Mãe e o Pai. Você bebeu do sangue da Mãe. Vejo isso em você. Não pode mais esconder de mim. Como vai conseguir continuar a esconder de qualquer outra pessoa?

Levantei-me da minha cadeira.

— Então, você tem de morrer, não é mesmo? — disse eu. — Pois você sabe e não pode jamais contar a ninguém. — Fiz menção de avançar contra ele.

Mas Avicus, que estivera assistindo a tudo isso em choque e horror, ergueu-se rápido e se postou entre nós. Quanto a Mael, ele havia sacado a adaga. E parecia perfeitamente preparado para a briga.

— Não, Marius, por favor — disse Avicus. — Precisamos fazer as pazes. Não podemos continuar com essa desavença. Não lute com Mael. Qual seria o resultado, a não ser duas criaturas feridas detestando-se mutuamente ainda mais do que agora?

Mael estava em pé. A adaga, a postos. Parecia desajeitado. Creio que não conhecia armas. Quanto aos poderes sobrenaturais, eu achava que nenhum dos dois tinha plena noção do que conseguiria fazer. Tudo isso, naturalmente, era meu cálculo defensivo. Eu não queria esse combate da mesma forma que Avicus não o queria. Mesmo assim, olhei para Avicus e disse com frieza:

— Posso matar Mael agora. Saia da frente.

— Mas essa é a questão — respondeu Avicus. — Não posso sair. E assim você vai ter de lutar contra nós dois. E uma luta dessas você não tem como vencer.

Olhei fixamente para ele por um bom tempo durante o qual absolutamente nenhuma palavra me ocorreu. Voltei-me para Mael, com sua adaga em riste. E então, num momento de desespero absoluto, fui até a escrivaninha, sentei-me, pousei os cotovelos na mesa e afundei a cabeça nas mãos.

Pensei na noite na remota cidade de Antioquia, quando Pandora e eu tínhamos chacinado aquela turma de vampiros cristãos que viera à nossa casa de modo tão irrefletido, falando de Moisés no deserto a erguer a Serpente, de segredos do Egito, e de todas essas coisas aparentemente maravilhosas. Pensei em todo aquele sangue e na incineração posterior.

Pensei também em como essas duas criaturas, apesar de não nos falarmos nem nos vermos, haviam sido meus únicos companheiros todos esses anos em Roma. Talvez tenha pensado em tudo que importava. Minha mente procurava organizar-se em torno de Mael e Avicus; olhei de um para o outro e depois voltei a contemplar o jardim.

— Estou pronto para lutar com você — disse Mael, com sua impaciência característica.

— E o que vai conseguir com isso? Acha que pode arrancar do meu coração o segredo da Mãe e do Pai?

Avicus veio até minha escrivaninha. Sentou-se na cadeira mais próxima diante de mim e olhou para mim como se fosse meu cliente ou amigo.

— Marius, eles estão perto de Roma. Eu sei. Sei disso há bastante tempo. Muitas noites você saiu pelas colinas adentro para visitar algum lugar estranho e solitário. E, com o Dom da Mente, eu o segui, perguntando-me o que poderia levá-lo a um local tão distante. Agora acredito que você vá visitar a Mãe e o Pai. Creio que os tirou do Egito. Você pode confiar esse segredo a mim. Pode também contar com meu silêncio, se desejar.

— Não — disse Mael, adiantando-se imediatamente. — Fale, ou eu o destruirei, Marius. E Avicus e eu iremos ao próprio local e veremos a Mãe e o Pai com nossos próprios olhos.

— Nunca — disse Avicus, irritando-se pela primeira vez. Ele abanou a cabeça. — Não sem Marius. Você está sendo tolo — disse ele a Mael.

— Eles sabem se defender — disse eu, com frieza. — Já os avisei. Já presenciei isso. Eles podem permitir que vocês bebam do Sangue Divino. E podem recusar-lhes permissão. Se recusarem, vocês serão destruídos. — Fiz uma pausa para salientar o que dizia e depois prossegui:

— Uma vez um forte deus do Oriente entrou na minha casa em Antioquia — disse eu. — Ele abriu caminho à força para chegar à presença da Mãe e do Pai. E tentou beber da Mãe. E, quando ele ia lhe fincar as presas no pescoço, ela esmagou sua cabeça e fez com que as lâmpadas do aposento queimassem seu corpo trespassado de dor até não restar nada. Não estou mentindo a respeito desses fatos. — Dei um forte suspiro. Estava cansado da minha própria raiva. — Tendo dito isso, disponho-me a levá-los até lá, se assim quiserem.

— Mas você bebeu do seu sangue — insistiu Mael.

— Você é tão precipitado — respondi. — Não está entendendo o que eu disse? Ela pode destruí-lo. Não posso dizer o que ela fará. E há ainda a questão do Rei. Qual é a vontade dele? Não sei. Eu os levo até lá, como já disse.

Eu podia ver que Mael queria ir. Nada o impediria. Quanto a Avicus, ele estava com muito medo e muita vergonha do próprio medo.

— Preciso ir — disse Mael. — Fui seu sacerdote um dia. Servia seu deus no carvalho. Não tenho escolha a não ser ir. — Seus olhos estavam brilhantes de empolgação. — Preciso vê-la — disse ele. — Não posso aceitar suas advertências. Preciso ser levado a esse local.

Concordei e fiz um gesto para que esperassem. Fui às portas do salão de banquetes e as abri. Meus convidados estavam felizes. Que assim fosse. Um par deles reconheceu com prazer minha súbita presença, mas logo se esqueceu de mim. O escravo sonolento servia o vinho perfumado.

Dei meia-volta e retornei até Avicus e Mael.

Saímos pela noite, nós três. E, enquanto nos encaminhávamos ao santuário, percebi de imediato que nem Mael nem Avicus se movimentavam à velocidade que sua força permitia. Disse aos dois que andassem mais rápido, especialmente quando não houvesse mortais observando. E logo os dois estavam em mudo enlevo por dominarem melhor seus verdadeiros dons.

Quando chegamos à porta de granito do santuário, mostrei-lhes como era totalmente impossível que uma equipe de mortais a abrisse, e então acendi o archote para conduzi-los pela escada de pedra abaixo.

— Agora, isto aqui é um Lugar Santo — comentei antes de abrir as portas de bronze. — Não se fala com irreverência nem em vão; e não se fala sobre eles como se eles não pudessem escutar.

Os dois estavam fascinados.

Abri a porta, acendi o archote dali de dentro e então permiti que entrassem e se postassem diante do tablado. Eu

segurava o archote no alto.

Tudo estava perfeito como eu havia suposto. A Rainha estava sentada como sempre com as mãos sobre as coxas. Enkil apresentava a mesma postura. Seus rostos, lindamente emoldurados pelo cabelo negro trançado, eram belos e isentos de pensamento ou mágoa.

Ao vê-los assim, quem poderia ter imaginado que a vida pulsava dentro deles?

— Mãe e Pai — disse eu, com voz nítida —, trouxe-lhes dois visitantes que imploraram para vê-los. Chamam-se Mael e Avicus. Estão aqui cheios de reverência e respeito.

Mael caiu de joelhos. Fez isso com a mesma naturalidade de um cristão. Estendeu os braços. Começou a rezar na língua dos sacerdotes druidas. Disse à Rainha que ela era belíssima. Contou histórias dos antigos deuses do carvalho. E então implorou por seu sangue.

Avicus estremeceu, e imagino que eu tenha feito o mesmo.

Mas tive certeza de que algo se agitou em Akasha. Mas de repente talvez não.

Todos nós esperamos numa imobilidade inquieta.

Mael levantou-se e caminhou na direção do tablado.

— Minha Rainha — disse eu, tranqüilo. — Mael pergunta, com todo o respeito e toda a humildade, se pode beber da fonte primeva.

Ele subiu, debruçou-se com carinho e audácia sobre a Rainha e curvou-se mais para beber do seu pescoço.

Parecia que nada aconteceria. Ela permitiria. Seus olhos vidrados olhavam fixos para a frente como se aquilo não tivesse nenhuma importância. As mãos permaneciam sobre as coxas.

De repente, porém, com uma velocidade monstruosa, Enkil, dos ossos pesados, virou-se de lado, como se fosse uma máquina de madeira acionada por rodas e engrenagens, e esticou a mão direita.

Saltei para a frente, enlacei Mael e o puxei para trás, mal escapando do braço que descia, e o arrastei até a parede oposta. Atirei-o num canto.

— Fique aí! — murmurei.

Endireitei-me. Enkil continuava virado, os olhos sem expressão, como se não conseguisse encontrar o objeto da sua fúria, a mão ainda parada no ar. Quantas vezes, quando os vestia ou os limpava, eu não havia visto neles a mesma atitude de apática falta de atenção?

Reprimindo meu pavor, subi no tablado. Falei com Enkil em tom conciliatório.

— Meu Rei, por favor, já terminou — disse eu. Pus as mãos trêmulas no seu braço e o fiz voltar delicadamente para o lugar correto. A falta de expressão no seu rosto era horrenda. Então coloquei minhas mãos nos seus ombros e o girei até que ele estivesse olhando direto para a frente como antes. Arrumei com delicadeza seu pesado colar dourado. Ajeitei seus dedos com cuidado. Alisei seu saiote pesado.

Quanto à Rainha, ela permanecia imperturbável. Era como se nada daquilo tivesse ocorrido, ou foi o que pensei, até que vi as gotinhas de sangue no ombro da sua túnica de linho. Seria preciso trocá-la, quando possível.

Mas aquilo era um sinal de que ela havia permitido o beijo, e de que ele o proibira. Ora, isso era interessantíssimo pois agora eu sabia que, da última vez em que bebi o sangue dela, fora Enkil quem me atirara para trás no chão da capela.

Não havia tempo para refletir sobre isso. Eu tinha de retirar Avicus e Mael do santuário.

Só quando estávamos de volta aos limites do meu estúdio, sob forte iluminação, foi que direcionei minha fúria contra Mael.

— Duas vezes já salvei sua vida desgraçada — disse eu. — E vou pagar por isso, tenho certeza. Pois, por tudo o que é direito, eu deveria tê-lo deixado morrer na noite em que Avicus procurou minha ajuda para você. E deveria ter deixado que o Rei o esmagasse como ele teria feito hoje. Eu o

menosprezo, entenda bem. Por mais tempo que se passe, isso não irá mudar. Você é precipitado, voluntarioso e enlouquecido pelos próprios desejos.

Avicus sentou-se com a cabeça baixa, fazendo que sim como se quisesse demonstrar que estava de acordo.

Quanto a Mael, ele estava parado num canto, com a mão na adaga, encarando-me com um silêncio rancoroso.

— Saia da minha casa — disse eu, afinal. — E se estiver com vontade de acabar com a vida, perturbe a paz da Mãe e do Pai. Pois, por antigos e mudos que eles sejam, irão esmagá-lo, como você mesmo viu. Você sabe onde fica o santuário.

— Você sequer tem noção da gravidade do seu crime — respondeu Mael. — Guardar um segredo desses. Como teve a audácia?!

— Cale-se, por favor — disse Avicus.

— Não, não quero me calar — disse Mael. — Você, Marius, você rouba a Rainha dos Céus e a guarda como se fosse só sua? Você a tranca numa capela pintada como se ela fosse uma deusa romana feita de madeira? Como ousou fazer uma coisa dessas?

— Idiota! — respondi eu. — O que você ia querer que eu fizesse com ela? Você está cuspindo mentiras em cima de mim. O que você queria é o que todos querem. Queria o sangue dela. E o que você faria agora que sabe onde ela está? Pretende libertá-la? Para quem, como e quando?

— Silêncio, por favor — disse Avicus, mais uma vez. — Mael, eu lhe imploro. Vamos deixar Marius em paz.

— E os adoradores de serpentes que tiverem ouvido rumores de mim e do meu segredo, o que eles fariam? — indaguei, agora totalmente perdido na minha fúria. — E se eles conseguissem se apossar dela e receber o sangue dela, tornando-se um exército muito mais forte que nós? Nessas circunstâncias, como a espécie humana se rebelaria contra nossa espécie, com leis e perseguições para nos exterminar? Ora, você não tem condições de começar a conceber todos os males que se abateriam sobre este mundo, se a existência dela

fosse divulgada a todos da nossa espécie, seu sonhador arrogante, louco, pateta!

Avicus estava postado diante de mim, implorando-me com as mãos erguidas, a expressão tão triste.

Eu me recusava a ser forçado a parar. Afastei-me para um lado e encarei a fúria de Mael.

— Imagine alguém que desejasse expor os dois ao sol novamente — sugeri — e acabasse por trazer a todos nós o fogo que no passado causou sofrimento a Avicus! Você ia querer terminar a jornada da sua vida em tamanha agonia, e pelas mãos de terceiros?

— Por favor, Marius — disse Avicus. — Deixe-me levá-lo embora comigo. Vamos agora. Eu lhe prometo, de nós não virão mais problemas.

Dei-lhes as costas. Ouvi a saída de Mael, mas Avicus se demorava. E de repente senti seu braço me enlaçar e seus lábios tocarem meu rosto.

— Vá — disse eu, baixinho —, antes que seu amigo impetuoso tente me apunhalar pelas costas com um ciúme abjeto.

— O que você revelou foi um milagre grandioso — murmurou Avicus. — Deixe que ele reflita até reduzir essa grandiosidade a um tamanho adequado para sua mente.

Dei um sorriso.

— Quanto a mim, nunca mais quero ver essa cena. É triste demais. Fiz que sim.

— Mas permita que eu venha à noite, em silêncio — sussurrou. — Permita que eu observe calado das janelas do jardim enquanto você pinta as paredes.

CAPÍTULO 8



OS ANOS PASSARAM rápido demais.

A grande cidade de Constantinopla no Oriente era o assunto do dia em Roma. Um número cada vez maior de respeitados patrícios era atraído para lá por sua magia. Enquanto isso, depois de Constantino, o Grande, veio uma infinidade de imperadores belicosos. E a pressão exercida sobre as fronteiras do Império continuou a ser intolerável, exigindo a total dedicação de qualquer um alçado ao trono.

Juliano, mais tarde conhecido como o Apóstata, revelou-se uma personagem interessantíssima que tentou restaurar o paganismo e fracassou redondamente. Quaisquer que fossem suas ilusões religiosas, ele foi um soldado capaz e morreu numa campanha contra os indomáveis persas a muitos quilômetros da terra natal.

O Império continuava a ser invadido pelos godos, visigodos, germanos e persas por todos os lados. Suas ricas e belas cidades, com seus ginásios, teatros, pórticos e templos, eram invadidas por tribos de povos que não se importavam de modo algum com a filosofia ou as maneiras, com a poesia ou com os antigos valores da vida civilizada.

Até mesmo Antioquia, meu antigo lar com Pandora, fora saqueada por bárbaros — um espetáculo totalmente inimaginável para mim e que eu não podia ignorar.

Somente a cidade de Roma parecia imune a um horror desses; e na realidade, creio que as famílias tradicionais,

mesmo quando as casas estavam desmoronando ao redor, ainda acreditavam que a Cidade Eterna jamais poderia passar por um destino desses.

Quanto a mim, eu prosseguia com meus banquetes para os difamados e menosprezados, e escrevia o tempo todo nos meus diários, além de pintar minhas paredes.

Quando meus convidados habituais inevitavelmente morriam, eu passava por um terrível sofrimento. E por isso eu me certificava de que o grupo fosse sempre muito numeroso.

Eu prosseguia com meus potes de tinta, não importava quem bebesse ou vomitasse no jardim. Assim, a casa parecia uma loucura com todas as suas lâmpadas, o dono preenchendo paredes com suas ilusões; com os convidados rindo dele e lhe fazendo brindes, e a música que prosseguia pela madrugada adentro.

De início, pensei que seria uma perturbação que Avicus me espiasse, mas logo me acostumei a ouvi-lo pular sorrateiro o muro e entrar no jardim. Habituei-me à proximidade de alguém que compartilhava aqueles momentos comigo como somente ele poderia.

Continuei a pintar minhas deusas — Vênus, Ariadne, Hera — e aos poucos resignei-me a que a fantasia de Pandora dominasse tudo o que eu fizesse naquele sentido, mas eu também trabalhava nos deuses. Apoio, acima de tudo, me fascinava. Mas a realidade era que eu tinha tempo para pintar outras figuras do mito, como por exemplo Teseu, Enéias e Hércules; e às vezes eu me voltava para a leitura de Ovídio, Homero ou Lucrécio diretamente em busca de inspiração. Outras vezes, eu criava meus próprios temas.

No entanto, os jardins pintados sempre eram um conforto para mim porque eu sentia que no meu íntimo vivia dentro deles.

Repetidas vezes cobri todos os aposentos da casa; e, como era construída como uma vila, não uma casa fechada com um átrio, Avicus podia perambular por todo o jardim ao seu redor, vendo tudo o que eu via, e eu não podia deixar de

me perguntar se meu trabalho era influenciado pelo que ele via.

O que me comovia mais do que qualquer outra coisa talvez fosse o fato de ele se deixar ficar por ali com tanta fidelidade. E de se manter em silêncio com tanto respeito. Era raro que uma semana se passasse sem que ele viesse e ficasse ali quase a noite inteira. Com freqüência, estava presente quatro ou cinco noites seguidas. E às vezes mais do que isso.

É claro que nunca nos falávamos. Havia uma elegância no nosso silêncio. E embora meus escravos uma vez se dessem conta da sua presença e me incomodassem com sua preocupação, eu logo fiz com que parassem.

Nas noites em que eu saía até Aqueles Que Devem Ser Preservados, Avicus não me seguia. E devo confessar que sentia uma espécie de liberdade quando pintava sozinho no santuário. Mas a melancolia também se abatia sobre mim, mais forte que em qualquer outro momento no passado.

Tendo encontrado um local atrás do tablado e do Par Precioso, eu costumava me sentar, abatido, no canto, e dormir o dia inteiro e até mesmo a noite seguinte, sem sair. Minha cabeça estava vazia. Era inimaginável que me consolasse. Os pensamentos sobre o Império e o que poderia acontecer a ele eram execráveis.

E então, eu me lembrava de Avicus, e me levantava, livrando-me da minha letargia, para voltar a entrar na cidade e recomeçar a pintura das paredes dos meus aposentos.

Quantos anos se passaram desse modo, não consigo calcular.

É muito mais importante salientar que mais uma vez um bando de bebedores de sangue satânicos se instalou numa catacumba abandonada e começou a se banquetear com os inocentes, como era seu costume, agindo com uma irresponsabilidade desesperada, assustando os humanos e causando a disseminação de rumores apavorantes.

Minha esperança era que Mael e Avicus destruíssem esse bando, já que eram todos muito fracos e inábeis, e essa missão

não teria sido nem um pouco difícil.

No entanto, Avicus veio me procurar com a verdade a respeito da questão, verdade que eu deveria ter visto muito antes.

— Esses adoradores de Satã são sempre jovens — disse-me ele. — E nunca vem nenhum que esteja a mais de trinta ou quarenta anos da sua vida mortal. É sempre do Oriente que eles vêm, e falam de como o Diabo é seu Senhor e de como, por servir a ele, servem a Cristo.

— Conheço essa velha história — disse eu, sem parar com minha pintura, como se Avicus não estivesse ali, isso não por grosseria minha, mas por já estar farto dos adoradores de Satã, que me haviam custado Pandora tantos anos antes.

— Mas veja só, Marius, alguém realmente muito velho sem dúvida deve estar mandando esses pequenos emissários mortíferos até nós, e é o velho que precisamos destruir.

— E como vai fazer isso? — perguntei.

— Pretendemos atraí-lo a Roma — disse Avicus — e viemos pedir-lhe que se junte a nós. Desça conosco até as catacumbas hoje à noite para dizer a esses jovens que você é amigo.

— Ah, não! Você perdeu a cabeça se está sugerindo isso! Será que não percebe que eles têm conhecimento da Mãe e do Pai? Não se lembra de tudo o que eu lhe contei?

— Pretendemos destruí-los todos — disse Mael, que estava atrás de mim. — Mas para encerrar mesmo o assunto, precisamos atrair o velho até aqui antes do extermínio.

— Ora, Marius — disse Avicus —, precisamos de você e de sua eloqüência. Precisamos convencê-los de que você concorda com a idéia. Que eles tragam seu líder aqui, e então, e só então, você permitirá que fiquem. Mael e eu não conseguimos impressioná-los tanto quanto você. Esse não é um elogio fútil, tenha certeza.

Por um bom tempo, fiquei ali com o pincel na mão, o olhar parado, pensativo. Será que eu deveria fazer aquilo, e então finalmente admiti que não poderia.

— Não me peçam uma coisa dessas — disse eu a Avicus. — Atraiam a criatura sozinhos. E, quando ele vier, passem-me a informação. Nessa ocasião, prometo que irei.

Na noite seguinte, Avicus voltou a falar comigo.

— São tão infantis, essas criaturas satânicas — disse ele. — Falaram do seu líder sem nenhuma relutância, admitindo que ele reside num local no deserto no norte do Egito. Ele foi queimado no Fogo Terrível, sem a menor dúvida, e lhes ensinou tudo sobre a Grande Mãe. Será uma tristeza destruí-los, mas eles atacam a cidade, desenfreados, procurando por vítimas entre os mortais mais ternos, e isso não se pode tolerar.

— Eu sei — disse eu, baixinho. Sentia vergonha por ter sempre permitido que Mael e Avicus expulsassem essas criaturas de Roma sozinhos. — Mas você conseguiu fazer com que o líder saia do esconderijo? Como se poderia conseguir isso?

— Nós lhes demos grande quantidade de dinheiro — disse Avicus — para que possam trazer seu líder até aqui. Prometemos dar a ele nosso sangue forte em retribuição por sua vinda, e ele tem extrema necessidade de criar mais sacerdotes e sacerdotisas para sua causa satânica.

— Ah, seu sangue forte, é claro — disse eu. — Por que não pensei nisso? Em relação à Mãe e ao Pai, penso, sim, mas nunca em relação a nós.

— Não posso dizer que pensei nisso eu mesmo — disse Avicus. — Foi uma das crianças satânicas que fez a sugestão, pois o líder está tão fraco que nunca se levanta da cama; e sobrevive apenas para receber vítimas e criar seguidores. E claro que Mael e eu imediatamente prometemos o sangue. Pois o que nós representamos para essas crianças com nossos séculos de idade?

Não ouvi mais nada sobre o assunto durante alguns meses, embora soubesse pelo Dom da Mente que Avicus eliminara diversos adoradores de Satã por seus crimes públicos, que ele considerava tão perigosos. E numa agradável noite de verão, quando eu estava no jardim contemplando a cidade lá embaixo, ouvi meio ao longe Mael discutindo com

Avicus para decidir se deveriam ou não exterminar todos os restantes.

Afinal, o bando foi exterminado, e a catacumba ficou vazia e inundada de sangue. Mael e Avicus apareceram na minha casa e me pediram que fosse com eles, pois os que retornavam do Egito deveriam estar chegando a qualquer momento, e nós deveríamos ser velozes no ataque.

Deixei meu quarto aquecido e feliz, portando minhas melhores armas, e fui com eles, como prometera.

A catacumba era tão pequena e apertada que eu mal conseguia ficar em pé. E eu soube de imediato que ela era o local de sepultamento de cristãos mortais, tendo sido o lugar onde eles às vezes se reuniam nos primeiros anos da seita.

Percorremos uns vinte ou trinta metros dentro dela até chegar a um local subterrâneo, e ali encontramos o velho bebedor de sangue egípcio no seu ataúde, com um olhar de ódio para nós, seus jovens companheiros horrorizados de encontrar a morada vazia e cheia das cinzas dos seus mortos.

A velha criatura havia sofrido muito. Calvo, magro e negro por conta do Grande Incêndio, ele se entregara totalmente à criação dos filhos satânicos. Por isso, nunca se havia curado como poderia ter acontecido com outro bebedor de sangue. E agora ele reconhecia ter caído numa cilada. Os que havia mandado a Roma tinham desaparecido para sempre, e nós nos postávamos diante dele, olhando do alto, com censura, bebedores de sangue de poder inimaginável que não sentiam nenhuma pena dele nem de sua causa.

Avicus foi o primeiro a erguer a espada, mas deteve-se quando a velha criatura exclamou:

— Não servimos a Deus?

— Isso você vai saber antes de mim — respondeu Avicus, decapitando-o com a espada.

O bando que restou recusou-se a fugir correndo de nós. Caíram de joelhos e receberam nossos golpes em silêncio.

E o mesmo aconteceu com o fogo que os envolveu por inteiro.

Na noite seguinte e na posterior, voltamos ali, os três, para reunir os restos e queimá-los ainda mais uma vez, até estar tudo terminado e nós acreditarmos que tínhamos acabado de uma vez com os adoradores de Satã.

Quem dera!

Não posso dizer que esse terrível capítulo na nossa vida me aproximou de Avicus e Mael. Foi horrendo demais, excessivamente contrário à minha natureza e contundente demais para mim.

Voltei para casa e retomei com prazer minha pintura.

Eu apreciava bastante que nenhum dos meus convidados jamais se perguntasse qual era minha verdadeira idade, ou por que eu não envelhecia ou morria. Creio que a resposta esteja no fato de haver tanta gente ali reunida que ninguém conseguia prestar atenção a um detalhe por muito tempo.

Fosse como fosse, depois do extermínio das crianças satânicas, eu queria mais música do que antes. Pintava com vigor mais incessante e com maior criatividade e planejamento.

Enquanto isso, o estado do Império era lamentável. Ele agora estava totalmente dividido entre Oriente e Ocidente. No Ocidente, que incluía Roma, naturalmente, o idioma era o latim; ao passo que no Oriente a língua comum era o grego. Também os cristãos sentiam essa divisão acentuada e continuavam a brigar por suas crenças.

Finalmente, a situação da minha cidade amada tornou-se intolerável.

O soberano visigodo Alarico havia conquistado o porto de Óstia nas suas proximidades e ameaçava a própria Roma. O Senado parecia impotente para tomar qualquer atitude quanto à iminente invasão, e na cidade inteira havia rumores de que os escravos tomariam o partido dos invasores, com isso provocando a derrota de todos nós.

Afinal, à meia-noite, abriu-se a Porta Salariana da cidade. Ouviu-se o som aterrador de uma trompa dos godos. E

entraram as hordas vorazes dos godos e citas para saquear a própria Roma.

Saí apressado para as ruas para ver a carnificina em toda a minha volta.

De imediato, Avicus estava ao meu lado.

Percorrendo velozes os telhados, vimos que por toda parte os escravos se haviam rebelado contra seus senhores. Casas eram arrombadas, jóias e ouro eram oferecidos por vítimas agoniadas, que mesmo assim eram assassinadas, belas estátuas eram amontoadas em carroças naquelas ruas largas o suficiente para isso, e logo havia corpos por todos os cantos enquanto o sangue escorria nas sarjetas e as inevitáveis labaredas começavam a consumir tudo o que podiam.

Os jovens e os saudáveis eram arrebanhados para serem vendidos como escravos, mas a carnificina com freqüência era aleatória; e eu logo me dei conta de que não poderia fazer nada para ajudar nenhum mortal que eu visse.

Ao voltar para casa, descobri com horror que ela já estava em chamas. Meus convidados tinham sido levados como prisioneiros ou tinham fugido. Meus livros estavam sendo queimados! Todos os meus volumes de Virgílio, Petrônio, Apuleio, Cícero, Lucrécio, Homero, Plínio, jaziam indefesos no meio das labaredas. Minhas pinturas estavam ficando enegrecidas e se desintegravam. Uma fumaça insuportável sufocava meus pulmões.

Mal tive tempo para agarrar alguns rolos importantes. Em desespero, procurei por Ovídio, que Pandora adorava tanto, bem como pelos grandes trágicos da Grécia. Avicus estendeu os braços para me ajudar. Apanhei mais, procurando salvar meus próprios diários, mas naquele instante fatal soldados godos invadiram meu jardim com gritos fortes e armas em riste.

Saquei de uma vez minha espada e comecei a decapitá-los com uma velocidade feroz, gritando como eles gritavam, deixando que minha voz sobrenatural os ensurdecesse e os confundisse, enquanto eu decepava membros a esmo.

Avicus revelou-se ainda mais feroz que eu, talvez por estar mais acostumado a esse tipo de batalha, e logo o bando jazia morto aos nossos pés.

Àquela altura, porém, minha casa estava totalmente envolta em chamas. Os poucos rolos que havíamos tentado salvar estavam ardendo. Não restava mais nada a fazer. Eu só podia desejar que meus escravos tivessem procurado algum tipo de refúgio pois, se não tivessem feito isso, logo seriam levados como butim.

— À Capela d'Aqueles Que Devem Ser Preservados — disse eu. — A que outro lugar podemos ir?

Subimos depressa aos telhados mais uma vez, ziguezagueando para escapar das labaredas que por toda parte iluminavam o céu noturno. Roma estava em pranto; Roma clamava por piedade; Roma estava morrendo. Roma não existia mais.

Alcançamos o santuário em segurança, se bem que as tropas de Alarico estivessem também saqueando a zona rural.

Descendo para o fresco interior da capela, acendi as lâmpadas rapidamente e me ajoelhei diante de Akasha, sem me importar com o que Avicus pudesse pensar de um gesto semelhante. Em sussurros, derramei para ela a natureza dessa tragédia que havia atingido minha pátria mortal.

— Você viu a morte do Egito — disse eu, com reverência. — Você o viu transformar-se em província romana. Pois bem, agora é a vez de Roma morrer. Roma durou onze séculos e agora não existe mais. Como o mundo poderá sobreviver? Quem irá cuidar dos milhares de estradas e pontes que unem homens e mulheres por toda parte? Quem irá manter as cidades fabulosas nas quais homens e mulheres prosperam em casas seguras, educando a juventude para ler, escrever e adorar os deuses e deusas com cerimônia? Quem irá rechaçar essas criaturas amaldiçoadas que não sabem lavrar a terra que queimaram e vivem apenas para a destruição?!

É claro que não veio nenhuma resposta dos Pais Abençoados.

Mas eu me atirei para a frente, com a mão estendida para tocar no pé de Akasha. Dei um suspiro profundo.

E finalmente, ignorando toda a formalidade, esgueirei-me para o canto e fiquei ali sentado como um menino exausto.

Avicus veio sentar-se ao meu lado. E segurou minha mão.

— E Mael? — perguntei, baixinho.

— Mael é esperto — disse Avicus. — Mael adora brigar. Já destruiu muitos bebedores de sangue. Mael nunca mais se permitirá ser ferido como foi naquela noite tanto tempo atrás. E Mael sabe esconder-se quando tudo está perdido.

Permanecemos seis noites na capela.

Ouvíamos os gritos, os berros, enquanto os saques e pilhagens prosseguiam. Mas então Alarico deixou Roma em marcha para devastar a região mais ao sul.

Afinal, a necessidade de sangue fez com que nós dois voltássemos ao mundo lá em cima.

Avicus despediu-se de mim e foi em busca de Mael, enquanto eu me encontrei na rua perto da minha casa, diante de um soldado que estava à morte com uma lança atravessada no peito. Já não estava consciente. Retirei a lança, o que fez com que ele gemesse, no sono; e, erguendo-o, abri a boca sobre o jorro do ferimento.

O sangue estava cheio de cenas da batalha e logo eu já havia bebido o suficiente. Deixei-o de lado, arrumando com esmero seus braços e pernas. E então descobri que ainda estava com fome.

Dessa vez, um moribundo não serviria. Continuei andando, pisando em corpos fedorentos, em decomposição, e passando pelas ruínas das casas consumidas pelo fogo, até que encontrei um soldado sozinho com um saco de objetos pilhados nas costas. Ele fez menção de sacar a espada, mas eu logo o dominei e mordi seu pescoço. Morreu rápido demais para mim. Mas eu estava satisfeito. Deixei-o cair aos meus pés.

E então deparei com minha casa totalmente destruída.

Que visão terrível era meu jardim, onde os soldados mortos jaziam inchados e pútridos.

Nem um único livro sobrara sem queimar.

E enquanto me lamuriava, percebi com um choque cruel que todos os rolos egípcios que eu possuía — todas as histórias remotas da Mãe e do Pai — haviam desaparecido no incêndio.

Tratavam-se dos rolos que eu havia retirado do antigo templo em Alexandria na mesma noite em que tirei do Egito a Mãe e o Pai. Eram rolos que contavam a antiga história de como um espírito perverso havia entrado no sangue de Akasha e Enkil, fazendo com isso surgir a espécie dos bebedores de sangue.

Agora tudo isso se fora. Tudo isso não passava de cinzas. Tudo isso estava perdido para mim junto com meus poetas e historiadores gregos e romanos. Tudo sumira junto com cada palavra que eu mesmo escrevera.

Parecia-me absolutamente impossível que uma coisa dessas tivesse acontecido, e eu me culpei por não ter copiado as antigas lendas egípcias, por não tê-las posto a salvo no santuário. Afinal de contas, em algum mercado estrangeiro, eu poderia encontrar Cícero e Virgílio, Xenofonte e Homero.

Mas as lendas egípcias? Eu jamais recuperaria.

E me perguntava: será que minha bela Rainha se importaria com o fato de terem perecido as histórias escritas a seu respeito? Ela se incomodaria de saber que somente eu carregava essas histórias na cabeça e no coração?

Entrei nas ruínas dos meus aposentos e examinei o pouco que ainda era visível das pinturas nas paredes de alvenaria enegrecida. Olhei para as vigas negras que poderiam a qualquer instante desabar sobre mim. Pisei em pilhas de madeira queimada.

Afinal, deixei o lugar onde havia morado tanto tempo. E enquanto perambulava a esmo, pude ver que a cidade já estava se erguendo daquela devastação. Nem tudo tinha sido

incendiado. Roma era imensa demais, com uma quantidade excessiva de construções de pedra.

E o que significava para mim essa visão lastimável de cristãos apressando-se a socorrer seus irmãos, e de crianças nuas chorando por pais que não mais viviam? Quer dizer que Roma não havia sido totalmente arrasada. Não fazia diferença. Haveria outras invasões. Essas pessoas que permaneciam na cidade, lutando para reconstruí-la, iam suportar uma humilhação que eu não tinha como suportar.

Voltei novamente à capela. E, descendo a escada para entrar no santuário, deitei-me no canto, saciado e exausto, e fechei os olhos.

Esse viria a ser meu primeiro longo sono.

Sempre na minha vida de imortal, eu me levantara todas as noites para passar o tempo que me era concedido pela escuridão, fosse para caçar, fosse para apreciar quaisquer distrações ou prazeres possíveis.

Mas agora eu não prestava nenhuma atenção ao pôr-do-sol. Tornei-me como você na sua caverna de gelo.

Eu dormia. Sabia que estava em segurança. Sabia que Aqueles Que Devem Ser Preservados estavam em segurança. E eu ouvia demasiado as aflições de Roma. Por isso, resolvi que iria dormir.

Talvez eu tenha sido inspirado pela história dos Deuses do Bosque, que podiam passar fome no carvalho por um mês inteiro, e ainda se erguer para receber o sacrifício. Não tenho certeza.

Sei que rezava para Akasha. Eu pedia: “Conceda-me o sono. Conceda-me a tranqüilidade. Conceda-me a imobilidade. Conceda-me o silêncio dessas vozes que escuto tão fortes. Conceda-me a paz.”

Quanto tempo durou meu sono? Muitos meses. E comecei a sentir a fome terrível e a sonhar com sangue. Mesmo assim, teimoso, eu me mantinha deitado no chão do santuário, com os olhos fechados durante a noite quando

poderia ter saído a passear, surdo a qualquer informação do mundo lá fora.

Eu não podia suportar ver de novo minha cidade amada. Não conseguia pensar em nenhum lugar para ir.

Houve então um estranho momento. Em sonho, pareceu-me que Mael e Avicus estavam ali, insistindo comigo para que me levantasse, oferecendo-me seu sangue para eu me fortalecer.

— Você está faminto, está fraco — disse Avicus. Como estava triste. E como era delicado. — Roma ainda está no lugar — sustentava ele. — E daí que tenha sido invadida por godos e visigodos? Os velhos senadores continuam como sempre. Eles não contrariam os bárbaros grosseiros. Os cristãos chamam os pobres para junto de si e lhes dão pão. Na realidade, nada pode matar sua cidade. Alarico morreu, como se tivesse sucumbido a uma maldição pelo que fez; e seu exército já há muito se foi.

E eu me sentia consolado com isso? Não sei. Eu não podia me permitir acordar. Não podia abrir os olhos. Queria só ficar deitado onde estava e ficar sozinho.

Eles foram embora. Não havia mais nada que pudessem fazer. E então pareceu que eles vieram em outras ocasiões, que eu os via à luz de uma lâmpada e que eles conversavam comigo, mas era como um sonho e não tinha absolutamente nenhuma importância.

Sem dúvida, passaram-se meses, e depois anos. Eu sentia uma leveza em todos os membros, e somente o Dom da Mente parecia ter força.

Uma visão me dominava. Eu me via deitado nos braços de uma mulher, uma bela mulher egípcia, de cabelos negros. Era Akasha essa mulher, e ela me reconfortava. Dizia-me que dormisse, que nada conseguiria me ferir, nem mesmo a sede, porque eu havia bebido do seu sangue. Eu não era como outros bebedores de sangue. Eu podia passar fome e me erguer de novo. Meu enfraquecimento não chegaria a ser fatal.

Estávamos num esplêndido aposento com tapeçarias de seda. Estávamos numa cama guarnecida com seda tão fina que eu conseguia ver através dela. Eu via colunas douradas com folhas de lótus no capitei. Sentia as almofadas macias sob meu corpo. Mas acima de tudo eu podia sentir aquela que me confortava, me segurava com firmeza e carinho, e me dizia que dormisse.

Depois de muito tempo, levantei-me e saí para o jardim. E vi que, sim, era o jardim que eu havia pintado, só que havia sido aperfeiçoado, e dei meia-volta, procurando ver as ninfas dançantes, só que elas eram velozes demais para mim. Sumiram antes que eu pudesse vê-las, e àquela distância seu canto era delicado demais para eu poder ouvir.

Sonhei com cores. Queria os potes de tinta diante de mim, as cores puras para poder conferir vida ao jardim.

E, o sono.

Afinal, abateu-se sobre minha mente uma escuridão divina que absolutamente nenhum pensamento conseguia penetrar. Eu sabia que Akasha ainda me abraçava porque sentia seus braços em torno de mim e sentia seus lábios no meu rosto. Isso era tudo o que eu sabia.

E os anos iam passando.

Os anos passavam.

De repente, meus olhos se abriram.

Fui dominado por uma enorme sensação de alarme que me dava a saber que eu era um ser vivo, dotado de cabeça, braços e pernas. Não me mexi, mas fiquei olhando fixamente para as trevas. Depois ouvi o som de pegadas fortes, e uma luz me ofuscou por um instante.

Uma voz falou. Era Avicus.

— Marius, venha conosco — disse ele.

Tentei me levantar do piso de pedra mas não consegui. Nem conseguia erguer os braços.

Acalme-se, disse a mim mesmo, e pense sobre essa questão. Pense sobre o que aconteceu.

Vi Avicus em pé diante de mim mais uma vez segurando a lâmpada de bronze pequena e tremeluzente. Estava usando uma rica túnica dupla e um dólmã, no estilo de um soldado, e as calças dos godos.

Mael estava ao seu lado, finamente trajado com roupas semelhantes, o cabelo louro puxado para trás e bem penteado. E toda a malevolência havia desaparecido do seu rosto.

— Estamos indo embora, Marius — disse Mael, com os olhos bem abertos e generosos. — Venha conosco. Pare com esse sono dos mortos e venha.

Avicus abaixou-se, apoiando-se num joelho, e pôs a luz atrás de mim para que ela não me ferisse mais os olhos.

— Marius, estamos indo para Constantinopla. Temos nosso próprio navio para essa viagem, nossos próprios escravos de galé para remá-lo, nosso próprio piloto, e ajudantes bem pagos que não irão questionar nossos hábitos noturnos. Você precisa vir conosco. Não há motivo para ficar.

— Precisamos ir — disse Mael. — Você sabe quanto tempo ficou deitado aqui?

— Meio século — disse eu, murmurando baixinho —, e nesse período Roma foi devastada mais uma vez.

Avicus abanou a cabeça.

— Muito mais que isso, meu amigo — disse ele. — Não sei lhe dizer quantas vezes tentamos acordá-lo. Marius, o Império Ocidental na realidade não existe mais.

— Venha conosco para Constantinopla — disse Mael. — E a cidade mais rica do mundo.

— Aceite meu sangue — disse Avicus e fez menção de morder o pulso para que eu bebesse. — Não podemos deixá-lo para trás.

— Não — respondi. — Deixem-me levantar com minhas próprias forças. — Eu me perguntava se eles conseguiam ouvir minhas palavras, já que as pronunciava muito baixo. Fui me levantando devagar, apoiado nos

cotovelos, e logo percebi que estava sentado. Em seguida, consegui me ajoelhar e ficar em pé.

Eu estava atordoado.

Minha deslumbrante Akasha, tão empertigada no trono, olhava por cima de mim sem me ver. Meu Rei estava inalterado. No entanto, os dois estavam cobertos com uma camada de pó, e parecia um crime inimaginável que estivessem em tal estado de abandono. As flores murchas não pareciam mais do que feno nos vasos esturricados. Mas quem poderia ser culpado por tudo isso?

Hesitante, aproximei-me do tablado. E então fechei os olhos. Senti que Avicus me segurava no instante em que era óbvio que eu ia cair.

— Deixem-me, por favor — disse eu, baixinho. — Só um pouco. Preciso fazer minhas orações por todo o conforto que recebi enquanto dormia. Logo estarei com vocês. — E, com o firme propósito de não perder o equilíbrio, voltei a fechar os olhos.

De imediato, veio à minha cabeça a visão de mim mesmo no leito opulento no interior do palácio fantástico e de Akasha, minha Rainha, a me abraçar.

Vi as cortinas de seda ondulando com a brisa. A visão não era minha. Quero dizer, ela não provinha de mim. Havia, sim, sido concedida; e eu sabia que só poderia ter vindo dela.

Abri os olhos novamente e olhei fixo para seu rosto duro e perfeito. Sem dúvida, uma mulher menos bela jamais poderia ter resistido tanto tempo. Nenhum bebedor de sangue tivera a coragem para realmente destruí-la. Nenhum bebedor de sangue jamais o faria.

Mas de repente meus pensamentos se confundiram. Avicus e Mael ainda estavam por ali.

— Vou com vocês — disse-lhes. — Mas por enquanto vocês precisam me deixar aqui. Precisam esperar por mim lá em cima.

Afinal, eles obedeceram. Ouvi seus passos enquanto seguiam pela escada.

Então subi os degraus do tablado, debrucei-me mais uma vez sobre minha Rainha sentada, com a mesma reverência de sempre, com a mesma coragem de sempre, e lhe dei o beijo que logo poderia causar minha morte.

Não houve nenhum movimento no santuário. O Casal Abençoado permaneceu imóvel. Enkil não ergueu o braço para golpear. Eu não senti nenhuma movimentação no corpo de Akasha.

Finquei veloz os dentes. Sorvi grandes goles do sangue espesso com a maior rapidez possível, e veio de novo a visão do jardim ensolarado, lindo, cheio de rosas e árvores floridas, algo criado para um palácio, onde cada planta fazia parte de um projeto imperial. Vi o quarto de dormir. Vi as colunas douradas. Pareceu-me ouvir um sussurro: Marius.

Minha alma expandiu-se.

Ouvi meu nome novamente como se estivesse ecoando pelo palácio adornado de sedas. A luz no jardim ficou mais forte.

E então, com um espasmo violento, dei-me conta de que não agüentaria mais. Afastei-me. Vi os pequenos orifícios do ferimento contraírem-se e desaparecerem. Toquei-os com meus lábios e deixei o beijo durar um bom tempo.

De joelhos, agradeci-lhe do fundo do coração. Eu não tinha a menor dúvida de que ela me havia protegido durante o sono. Eu sabia que sim. Sabia também que ela havia feito com que eu acordasse. Avicus e Mael jamais teriam conseguido sem sua intervenção divina. Ela me pertencia ainda mais do que quando saíramos do Egito. Era minha Rainha.

Afastei-me então, poderoso, com a visão clara e pronto para a longa viagem marítima até Bizâncio. Afinal de contas, eu tinha Mael e Avicus para me ajudar com os Pais Divinos, que precisavam ser guardados em segurança em sarcófagos de pedra. E teríamos pela frente muitas noites longas no mar durante as quais eu poderia prantear minha bela Itália, minha Itália que estava perdida.

CAPÍTULO 9



NAS NOITES QUE SE SEGUIRAM, não pude resistir à tentação de visitar Roma, apesar de Avicus e Mael me aconselharem a não fazê-lo. Eles temiam que eu não soubesse quanto tempo passara dormindo, mas eu sabia. Haviam se passado quase cem anos.

Descobri os majestosos prédios do apogeu imperial em ruínas, ocupados por animais e sendo usados como pedreiras pelos que vinham apanhar as pedras. Estátuas enormes estavam derrubadas e jogadas no meio do mato. Minha antiga rua estava irreconhecível.

E a população reduzira-se a não mais que alguns milhares.

Mesmo assim, os cristãos cuidavam da sua própria gente, e sua virtude era extremamente inspiradora. E, como os invasores em alguns casos eram cristãos, muitas das igrejas haviam ficado incólumes. O bispo de Roma procurava defendê-las dos suseranos e mantinha fortes laços com Constantinopla, a cidade que governava tanto o Oriente quanto o Ocidente.

No entanto, para as poucas velhas famílias que restavam, havia somente humilhação enquanto elas procuravam servir aos seus novos senhores bárbaros e dizer a si mesmas que de algum modo os primitivos godos e vândalos poderiam adquirir um verniz e desenvolver um amor pela literatura além de dar algum valor ao direito romano.

Mais uma vez, eu me assombrava com a pura capacidade de resistência do cristianismo, com o fato de ele parecer nutrir-se da catástrofe da mesma forma que se havia nutrido da perseguição, e da mesma forma que prosperava durante intervalos de paz.

Também me assombrava com a capacidade de recuperação dos velhos patrícios, que, como eu disse, não se afastaram da vida pública, mas lutavam para inculcar os antigos valores na medida do possível.

Por toda parte viam-se bárbaros de bigodes, usando calças grosseiras, com o cabelo desgrenhado e gorduroso. Muitos eram cristãos arianos, que realizavam cerimônias diferentes do catolicismo "ortodoxo" de seus irmãos e irmãs. E o que eles eram? Godos, visigodos, germanos, hunos? Vários eu não conseguia reconhecer de modo algum. E o governante daquele imenso estado morava não em Roma, mas em Ravena, no norte.

Eu também viria a descobrir que mais um ninho de vampiros satânicos se havia instalado numa catacumba esquecida da cidade, onde realizavam cerimônias ao seu Demônio Serpente antes de sair para afligir inocentes e culpados indiferentemente.

Avicus e Mael, intrigados com as origens desses novos fanáticos, e absolutamente fartos deles, resolveram deixá-los em paz.

Enquanto eu caminhava por ruas em ruínas e casas vazias, essas criaturas fanáticas me espionavam. Eu as odiava. Mas não chegava a considerá-las um perigo. Na minha privação de alimento, eu me fortalecera. O sangue de Akasha me corria nas veias.

Mas como eu estava equivocado na minha avaliação dos vampiros satânicos! Ai, como eu estava mesmo enganado. Mas chegarei a essa parte na devida hora.

Voltemos àquelas noites em que eu perambulava pelos fragmentos destroçados da civilização clássica.

Aquilo não me amargurou tanto quanto se poderia imaginar. Na realidade, o sangue de Akasha não só havia me dado um poder físico renovado e imenso, mas também havia aumentado minha clareza mental, minha capacidade de concentração, de aceitar o que eu valorizava e descartar o que não tinha mais valor para mim.

Mesmo assim, o estado de Roma era desmoralizante, e só tinha probabilidade de piorar. Eu tinha esperança de que Constantinopla preservasse o que eu chamava de civilização, e me sentia com perfeita disposição para a viagem que teríamos pela frente.

Chegou então a hora de ajudar Avicus e Mael com os últimos preparativos. E eles me auxiliaram a embrulhar como múmias o Par Divino, com toda a reverência, e a dispô-los em sarcófagos de granito que nenhuma turma de homens conseguiria abrir, como havia sido feito no passado por mim, e como seria feito no futuro todas as vezes que os Pais Divinos tivessem de ser movimentados.

Foi muito assustador para Avicus e Mael — ver a dupla transportada e depois coberta totalmente com as faixas brancas de linho. Eles não tinham nenhum conhecimento das antigas orações em egípcio que recitei, que eram encantamentos pela segurança da viagem, recolhidos nos meus anos de leitura, e acho que isso não os reconfortou. Mas o Casal Divino era minha responsabilidade.

Quando fui envolver os olhos de Akasha, ela os fechou; e com Enkil ocorreu o mesmo. Como foi estranha e momentânea essa indicação de consciência. Ela fez com que um arrepio percorresse meu corpo inteiro. E mesmo assim continuei a cumprir meu dever como se fosse um antigo egípcio envolvendo o corpo de um faraó na Sagrada Casa dos Mortos.

Finalmente, Mael e Avicus me acompanharam até Óstia, o porto do qual partiríamos, e embarcamos, fazendo com que os Pais Divinos fossem colocados abaixo do convés.

Quanto aos escravos que Avicus e Mael haviam adquirido, fiquei impressionado com eles, todos excelentes e

escolhidos a dedo, até mesmo os das galés, que sabiam que estavam trabalhando pela futura liberdade no Oriente e por ricas recompensas.

Iria viajar conosco um forte grupo de soldados, cada um com armas pesadas, muito competentes e perfeitamente convictos da mesma promessa. E quem me impressionou especialmente foi o comandante da embarcação, um romano cristão que se chamava Clemente, homem inteligente e espirituoso, que manteria a fé dos outros nas recompensas finais durante a longa viagem.

A embarcação em si era a maior galé que eu havia visto um dia, com uma vela enorme e colorida; e possuía uma cabine imensa e inexpugnável com três arcas feitas modestamente de bronze e ferro, nas quais Mael, Avicus e eu dormiríamos durante o dia. Era impossível que mortais abrissem sem enorme dificuldade essas arcas, assim como os sarcófagos, e além disso elas eram pesadas demais até mesmo para uma turma de homens erguer.

Finalmente, tudo estava pronto; e, armados até os dentes contra piratas, partimos à noite, conduzindo o navio com nossa visão sobrenatural para que não encalhasse em nenhum rochedo enquanto seguíamos céleres ao longo do litoral.

Isso deixou até certo ponto apavoradas nossa tripulação e nossa guarda, como se pode imaginar, pois naquela época os navios quase invariavelmente zarpavam à luz do dia. Era perigoso demais agir de outra forma, pois eles não conseguiam ver o litoral nem as ilhas rochosas que pudessem encontrar; e, muito embora tivessem bons mapas e navegadores competentes, ainda havia o perigo de que algum terrível acidente ocorresse na escuridão.

Nós invertemos essa sabedoria de longa tradição; e, à luz do dia, nosso navio estava num porto, de tal modo que os que nos serviam pudessem aproveitar o que cada cidade tivesse a oferecer; o que tornava nossos escravos e soldados ainda mais satisfeitos e ainda mais dedicados, enquanto o comandante mantinha um pulso firme, permitindo que apenas alguns desembarcassem em determinadas horas, e insistindo em que

vários permanecessem a bordo e ficassem de guarda ou dormissem.

Sempre que acordávamos e saíamos da nossa cabine, encontrávamos os criados em excelente humor, com músicos tocando para os soldados ao luar, e Clemente, o comandante, agradavelmente embriagado. Não havia entre eles nenhuma suspeita de que fôssemos algo além de três seres humanos extremamente excêntricos, donos de enorme fortuna. Na realidade, às vezes eu ouvia às escondidas suas teorias sobre nós — de que nós éramos Magos do Extremo Oriente semelhantes aos Três Reis que tinham vindo trazer presentes para dispor diante do Menino Jesus, e isso me divertia muito.

Nosso único problema de verdade era absurdo. Precisávamos pedir que nos trouxessem refeições, para depois nos livrarmos da comida, lançando-a direto ao mar pelas janelas da nossa cabine.

Isso nos dava acessos de riso, mas eu considerava a atitude deprimente.

Vez por outra passávamos uma noite em terra firme para podermos nos alimentar. Nossa idade nos dera enorme habilidade sob esse aspecto. E poderíamos até mesmo ter passado a viagem inteira sem nos alimentar, mas preferimos não fazê-lo.

Quanto à camaradagem a bordo, era para mim extremamente interessante.

Mais do que nunca antes eu estava vivendo em intimidade com mortais. Conversava horas a fio com nosso comandante e nossos soldados. E descobri que estava aproveitando tremendamente tudo aquilo. Também sentia grande alívio por ser tudo tão fácil, apesar da extrema palidez da minha pele.

Descobri que estava perdidamente atraído por nosso comandante Clemente. Eu apreciava as histórias da sua juventude passada em navios mercantes por todo o Mediterrâneo, e ele me divertia com descrições dos portos que visitara, alguns dos quais eu havia conhecido séculos antes; e outros eram totalmente novos.

Minha tristeza se dissipava quando eu escutava o que Clemente dizia. Eu via o mundo através dos seus olhos, e conhecia sua esperança. Vivia na expectativa de uma casa animada em Constantinopla, onde ele poderia me visitar como amigo.

Outra importante mudança havia ocorrido. Eu agora era decididamente um companheiro íntimo tanto de Avicus quanto de Mael.

Muitas noites passamos sozinhos na cabine, com as taças de vinho cheias diante de nós, conversando sobre tudo o que havia ocorrido na Itália, bem como sobre outros assuntos.

Avicus tinha a inteligência aguçada, como eu sempre imaginara que tivesse, e era ávido por aprender e pela leitura, tendo ao longo dos séculos aprendido sozinho tanto o latim quanto o grego. Havia, porém, muitos aspectos que ele não entendia sobre meu mundo e sua antiga religiosidade.

Trazia consigo histórias de Tácito e Lívio, além da *História verídica* de Luciano, bem como as biografias escritas em grego por Plutarco, mas não conseguia entender essa obra.

Passei muitas horas felizes lendo em voz alta enquanto ele me acompanhava, explicando-lhe como o texto poderia ser interpretado. E vi nele uma enorme absorção de informações. Avicus queria conhecer o mundo.

Mael não compartilhava dessa disposição, mas já não se demonstrava contrário a ela como ocorria muito tempo atrás. Ele prestava atenção a tudo o que debatíamos, e talvez tirasse algum proveito daquilo. Estava claro para mim que os dois, Avicus e Mael, sobreviviam como bebedores de sangue um em razão do outro. Mas Mael não me encarava mais com medo.

Quanto a mim, eu apreciava bastante o papel de mestre, e sentia um novo prazer em discutir com Plutarco como se ele estivesse ali comigo e em fazer comentários sobre Tácito como se ele também estivesse presente.

Tanto Avicus quanto Mael haviam empalidecido e se tornado mais fortes com o tempo. Cada um confessou ter em determinado momento sentido a ameaça do desespero.

— Foi o quadro de você dormindo no santuário — disse Mael, sem inimizade — que me impediu de descer para alguma adega e me resignar ao mesmo sono. Achei que não despertaria nunca. E Avicus, meu companheiro Avicus, não permitiu que eu fosse.

Quando Avicus se sentiu farto do mundo e incapaz de prosseguir, tinha sido Mael que o afastara do sono fatal.

Os dois tinham passado por uma angústia extrema em virtude do meu estado; e, durante as longas décadas em que estive ali insensível aos seus apelos, eles sentiam medo demais dos Nobres Pais para dispor flores à sua frente, para queimar incenso ou tomar qualquer providência para cuidar do santuário.

— Receávamos que eles investissem contra nós — disse Avicus. — Até mesmo olhar para o rosto deles nos enchia de pavor.

Eu concordava com tudo isso.

— Os Pais Divinos jamais demonstraram precisar dessas coisas — disse eu. — Sou eu o autor dessas devoções. A escuridão pode ser tanto do seu agrado quanto as lâmpadas de azeite. Vejam como eles dormem tranqüilos agora, envoltos nas faixas, dentro dos caixões, lado a lado, abaixo do convés.

Para dizer essas palavras, eu me sentia encorajado pelas visões que tinha tido, embora nunca tivesse falado sobre essas visões nem me vangloriado de ter sorvido o Sangue Sagrado.

Todo o tempo em que navegamos, pairava sobre a cabeça de nós três a perspectiva de um enorme horror — o de que nossa embarcação fosse atacada à luz do dia ou à noite, e que os Pais Divinos pudessem afundar no mar. Era horrível demais para mencionar, e talvez tenha sido por isso que não mencionávamos essa possibilidade. E, sempre que refletia sobre isso, eu concluía que deveríamos ter seguido pelo trajeto mais seguro, por terra.

E então, de madrugada, uma terrível verdade manifestou-se a mim: a de que, se realmente enfrentássemos uma catástrofe, eu talvez emergisse do mar, e Aqueles Que

Devem Ser Preservados talvez não conseguissem. No misterioso fundo do grande oceano, o que seria desses Pais? Minha agonia mental aumentava descontroladamente.

Deixei de lado minha angústia. Continuei a conversa agradável com meus companheiros. Saí para o convés, contemplei o mar prateado e mandei meu amor para Pandora.

Enquanto isso, eu não compartilhava do entusiasmo de Mael e Avicus por Bizâncio. Havia morado em Antioquia muito tempo atrás, e Antioquia era uma cidade oriental com enorme influência do Ocidente. E eu a deixara para voltar a Roma, pois era filho do Ocidente.

Agora estávamos nos dirigindo para uma capital que eu considerava estritamente oriental; e receava que na sua enorme vitalidade eu só encontrasse o que não teria condição de abraçar.

É preciso entender. Do ponto de vista romano, o Oriente, ou seja, as terras da Ásia Menor e da Pérsia, sempre haviam sido suspeitas, pela ênfase dada ao luxo e por sua lassidão geral. Era crença minha e de muitos romanos que a Pérsia teria afrouxado Alexandre, o Grande, com isso afrouxando a cultura grega. E então a cultura grega, com sua influência persa, teria afrouxado Roma.

É claro que uma imensidão de cultura e arte tinha acompanhado essa lassidão. Os romanos adotaram o conhecimento grego de todas as naturezas.

Mesmo assim, eu sentia no fundo da alma essa suspeita antiqüíssima com relação ao Oriente.

Era natural que eu nada dissesse a Avicus nem a Mael. Seu entusiasmo por essa poderosa sede do imperador do Oriente era algo que não deveria ser estragado.

Afinal, depois da longa viagem, chegamos no início de um anoitecer ao cintilante mar de Mármara e contemplamos as altas muralhas de Constantinopla com sua infinidade de archotes; e, pela primeira vez, captei o esplendor da península que Constantino havia escolhido tanto tempo antes.

Nosso navio entrou devagar no magnífico porto. E eu fui escolhido para ser o que usaria sua "magia" sobre as autoridades portuárias para organizar nossa chegada e nos dar tempo dentro do porto para encontrar acomodações adequadas, antes de remover a carga sagrada que transportavamos, os sarcófagos de antepassados veneráveis trazidos de volta para serem enterrados na sua terra natal. E claro que tínhamos perguntas prosaicas a respeito de onde poderíamos encontrar um representante que nos ajudasse com as acomodações, e mais de um mortal foi chamado para nos aconselhar.

Era uma questão de ouro e do Dom do Encantamento; e não tive nenhuma dificuldade. Logo estávamos em terra firme e prontos para explorar esse local mítico onde Deus instruíra Constantino a criar a maior cidade do mundo.

Não posso dizer que me decepcionei naquela noite.

Nossa primeira surpresa extraordinária foi a exigência feita aos comerciantes de Constantinopla de que instalassem archotes diante de suas lojas, de modo que as ruas apresentassem uma bela iluminação. E de imediato percebemos que havia uma infinidade de grandes igrejas a serem visitadas.

A cidade tinha cerca de um milhão de habitantes, e eu logo senti um vigor imenso que se havia esvaído de Roma.

Levando comigo meus dois companheiros de bom grado, segui de imediato para a imensa praça aberta chamada de Augusteum, onde pude contemplar a fachada de Santa Sofia — a Igreja da Santa Sabedoria — e outras construções imensas e majestosas, entre elas as esplêndidas termas públicas de Zeuxipo, que haviam sido decoradas com estátuas pagãs de bela execução, retiradas de várias cidades do mundo.

Eu sentia vontade de ir em todas as direções ao mesmo tempo. Pois aqui estava o admirável Hipódromo, no qual durante o dia milhares de pessoas assistiam a corridas de bigas, que eram a paixão do populacho; e ali o palácio real indescritivelmente complexo e imenso, no qual poderíamos facilmente entrar sem sermos vistos.

Uma grande rua saía para o oeste a partir dessa praça e consistia na via principal da cidade, na medida em que havia outras praças que se abriam a partir dela, bem como outras ruas, às quais afluíam, naturalmente, inúmeras vielas.

Mael e Avicus continuavam a me acompanhar, educados, enquanto eu os levava de um lado para o outro e entrava em Santa Sofia para me postar entre suas paredes magníficas, abaixo da sua cúpula imensa.

Fiquei arrebatado com a beleza da igreja, com sua miríade de arcos e os altos mosaicos detalhados e elaborados de Justiniano e Teodora, que eram incrivelmente esplêndidos e cintilantes à luz de inúmeras lâmpadas.

Nas noites que viriam, haveria um sem-fim de aventuras deslumbrantes. Meus companheiros poderiam cansar-se daquilo, mas eu não. Muito em breve eu penetraria na Corte Imperial, recorrendo à minha velocidade e esperteza para percorrer o palácio. E, quaisquer que fossem as conseqüências, eu estava numa cidade exuberante onde conheceria o conforto da proximidade de muitas, muitas criaturas humanas.

Nas semanas que se seguiram, adquirimos uma casa magnífica, perfeitamente fortificada, com o jardim totalmente fechado, e ali fizemos uma cripta secreta e segura para nós sob o piso de mosaico.

Quanto aos Pais Divinos, eu era irredutível da opinião de que eles deveriam ser escondidos a alguma distância da cidade. Já tinha ouvido falar o suficiente sobre os tumultos em Constantinopla e queria que a capela fosse segura.

No entanto, não consegui encontrar galerias subterrâneas nem túmulos no campo como o antigo túmulo etrusco que havia usado nos arredores de Roma. E finalmente não tive escolha a não ser mandar uma turma de escravos construir um santuário por baixo da nossa casa.

Isso me deixava nervoso. Em Antioquia e em Roma, eu havia criado as capelas. Agora, eu precisava confiar em terceiros. Afinal, empenhei-me num plano complexo.

Projetei uma série de corredores superpostos que levavam muito fundo até uma ampla câmara que exigiria que qualquer pessoa que fosse lá primeiro virasse à direita, depois à esquerda, depois à direita e novamente à esquerda, com um efeito extremamente atordoante. Instalei então pares de espessas portas de bronze a determinados intervalos, cada par com uma pesada tranca.

A grossa pedra que fechava a entrada para esse corredor sinuoso e cheio de esquinas não só estava disfarçada como fazia parte do piso de mosaico da casa, mas, como repito tantas vezes ao descrever esse tipo de coisa, era pesada demais até mesmo para uma equipe de mortais erguer. Até as alças de ferro eram tão numerosas e de projeto tão elaborado que pareciam fazer parte da ornamentação geral do piso.

Mael e Avicus acharam que tudo isso era um total exagero, mas não disseram nada.

Aprovaram, porém, quando mandei revestir as paredes da capela com mosaico dourado do mesmo tipo que eu via em todas as igrejas magníficas; e o piso mandei fazer com o mármore mais belo. Um trono largo e maravilhoso de ouro batido foi criado para o Casal Real. E lâmpadas foram suspensas do teto em correntes.

Como todo esse trabalho foi feito, você poderia perguntar, sem pôr em risco o segredo da câmara subterrânea? Eu teria assassinado todos os que participaram da criação dessa capela?

Não. Tudo foi feito por meio do Dom do Encantamento, para confundir os que eram trazidos ao trabalho, e às vezes pelo uso de simples vendas, das quais os escravos e até mesmo os artistas não poderiam se queixar. Dourar a pílula dizendo que era para “amantes e noivas” acabava com quaisquer objeções dos mortais. E o dinheiro fazia o resto.

Finalmente chegou a noite em que eu deveria levar os Pais Reais para a capela. Avicus e Mael confessaram educadamente que achavam que eu ia querer fazer essa parte sozinho.

Eu não tinha nada contra. Como um poderoso Anjo da Morte dos cristãos, carreguei primeiro um sarcófago e depois o outro até a bela capela, e os dispus um ao lado do outro.

Retirei as faixas de linho primeiro de Akasha, segurando-a nos braços, ajoelhado no chão. Seus olhos estavam fechados. E então, de repente, ela os abriu, olhando para o nada, com a mesma expressão simples e vazia de antes.

Acho que senti uma decepção curiosa e desalentadora. Mas murmurei preces a ela para ocultar meu sentimento enquanto retirava o linho e a levantava; e a carreguei, minha noiva muda, para sentá-la no trono. Ali ela ficou, os trajes amarfanhados e incompletos, cega como sempre, enquanto eu tirava as faixas de Enkil.

Ocorreu então o mesmo momento estranho, quando também os olhos dele se abriram.

Não ousei dizer nada em voz alta para ele. Levantei-o, achei-o mais dócil, até mesmo quase leve, e o coloquei no trono ao lado da sua rainha.

Passaram-se algumas noites antes que eu pudesse completar sua indumentária, mas ela precisava ser perfeita em comparação com as lembranças que eu ainda tinha dos trajes egípcios; e então procurei localizar para eles jóias novas e interessantes. Constantinopla era repleta de luxos dessa natureza, e de artesãos que trabalhavam com eles. Tudo isso realizei sozinho e sem nenhuma dificuldade, fazendo o tempo todo orações em tom respeitosíssimo.

Finalmente a capela estava ainda mais linda que a primeira que eu havia construído em Antioquia e muitíssimo mais bonita que a instalada nos arredores de Roma. Arrumei no lugar os habituais braseiros em que eu queimaria incenso, e enchi as muitas lâmpadas suspensas com azeite perfumado.

Somente quando tudo isso estava terminado, voltei-me para a questão da nova cidade e de como seria viver nela; e ainda se Akasha e Enkil estavam realmente em segurança ou não.

Eu estava muito inquieto. Percebi que sequer conhecia a cidade. Estava preocupado. Queria continuar a visitar as igrejas e ame deliciar com a beleza da cidade, mas não sabia se éramos os únicos vampiros ali ou não.

Isso me parecia extremamente duvidoso. Afinal, existiam outros bebedores de sangue. Por que eles não viriam para a mais bela cidade do mundo?

Quanto à personalidade grega de Constantinopla, eu não a apreciava. Sinto-me bastante embaraçado ao dizer isso, mas era a verdade.

Não me agradava que o povo falasse grego em vez de latim, muito embora eu soubesse falar grego muito bem, é claro. E eu não gostava de todos os mosteiros cristãos nos quais havia um profundo misticismo que era mais oriental que ocidental.

A arte que eu encontrava por toda parte era impressionante, sim, mas estava perdendo todos os laços com a arte clássica da Grécia e de Roma.

As estátuas recentes representavam homens primitivos e atarracados, com a cabeça muito redonda. Os olhos eram salientes; o rosto, sem expressão. E os ícones ou imagens sagradas que se haviam tornado tão comuns eram altamente estilizados, com o rosto carrancudo.

Até mesmo os esplêndidos mosaicos de Justiniano e Teodora — as figuras em seus longos trajes como que pairando encostadas nas paredes da igreja — eram rígidos e oníricos mais que clássicos, ou belos de acordo com critérios que eu não havia aprendido.

Tratava-se de um lugar magnífico, mas não era o meu lugar.

Havia para mim algo inerentemente repugnante no gigantesco palácio real com seus eunucos e escravos. Quando entrava e perambulava sorrateiro por lá, visitando suas salas do trono, salões de audiência, capelas fantásticas, imenso salão de banquetes e inúmeros quartos de dormir, eu via a

licenciosidade da Pérsia; e, embora não pudesse atribuir a culpa a ninguém, aquilo me deixava constrangido.

E era possível que a população, embora fosse numerosíssima e cheia de vitalidade, brigasse nas ruas por causa do resultado das corridas de bigas no Hipódromo, ou fizesse tumulto nas próprias igrejas, matando-se uns aos outros, também por motivos religiosos. Na realidade, as infindáveis lutas religiosas chegavam às raias da pura loucura. E diferenças doutrinárias mantinham o Império inteiro em convulsão a maior parte do tempo.

Quanto aos problemas das fronteiras do Império, eles eram tão constantes quanto na época dos Césares. Era perpétua a ameaça dos persas pelo leste, e simplesmente era infindável a invasão dos bárbaros que se derramavam Império adentro a partir do oeste.

Tendo identificado minha própria alma, havia muito tempo, com a salvação do Império, eu não sentia nenhum consolo nessa cidade. Sentia suspeita e uma profunda repulsa.

No entanto, passeei muitas vezes por Santa Sofia para me assombrar com a cúpula enorme que parecia flutuar lá no alto sem nenhuma sustentação. Algo de inefável que havia sido capturado naquele templo majestoso conseguia infundir humildade nos espíritos mais orgulhosos.

Avicus e Mael estavam bastante felizes na nova cidade. E os dois pareciam absolutamente determinados a me reconhecer como seu líder. E, quando eu saía a comprar livros na praça do mercado à noite, Avicus me acompanhava com entusiasmo, e ficava ansioso para que eu lesse para ele o que havia encontrado.

Enquanto isso, mobiliei nossa casa com conforto e contratei artesãos para pintar as paredes. Não queria voltar a me perder nos meus jardins pintados; e, quando pensava na minha Pandora, agora perdida, minha angústia era mais forte que nunca.

Eu na realidade procurava por Pandora. Contei a Avicus e Mael algumas pequenas histórias, inócuas e sem importância, das minhas noites com ela, mas principalmente

relatei como eu a amava, de modo que essas imagens dela pudessem se instalar na cabeça dos dois, desde que tivessem o poder para manter vivas essas imagens.

Se Pandora percorresse essas ruas, se ela deparasse com meus companheiros, talvez extraísse deles a informação de que eu estava aqui e que estava louco de vontade de me reunir a ela.

Logo comecei a adquirir uma biblioteca, comprando baús inteiros de pergaminhos e os examinando sem compromisso. Instalei uma bela escrivaninha e comecei a redigir um diário bastante neutro e impessoal sobre minhas aventuras, no antigo código que eu havia criado.

Estávamos em Constantinopla havia menos de seis meses quando se tornou claro que outros bebedores de sangue estavam se aproximando da nossa casa.

Nós os ouvíamos de madrugada. Eles vinham, aparentemente para ouvir de nós o que conseguissem com o Dom da Mente, e depois iam embora apressados.

— Por que demoraram tanto? — perguntei. — Estiveram nos observando e nos estudando.

— E talvez eles sejam o motivo — disse Avicus — pelo qual não encontramos nenhum adorador do Diabo aqui.

Talvez fosse verdade, pois aqueles que nos espreitavam não eram adoradores do Diabo. Isso nós sabíamos pelos fragmentos de imagens mentais que conseguíamos recolher da sua mente.

Afinal, chegaram num início de noite, e era inconfundível seu cortês convite para que os acompanhássemos e fôssemos visitar sua senhora.

Saí de casa para cumprimentá-los e descobri que eram dois, e eram meninos pálidos e bonitos.

Não poderiam ter tido mais de treze anos quando foram criados e tinham olhos escuros muito límpidos e cabelos negros, curtos e encaracolados. Trajavam longas túnicas orientais de finíssimo tecido decorado, com uma franja de acabamento em vermelho e dourado. As túnicas por baixo

eram de seda, e eles usavam sapatilhas enfeitadas e muitos anéis com pedras preciosas.

Dois mortais carregavam archotes para eles e pareciam ser escravos persas, simples e de alto preço.

Um dos radiantes meninos vampiros pôs nas minhas mãos um pequeno rolo, que abri imediatamente para ler o grego escrito com esmero.

"É costume pedir minha permissão antes de caçar na minha cidade", dizia. "Venham por favor ao meu palácio." Estava assinado: "Eudoxia."

Não me agradou o estilo desse texto da mesma forma que o estilo de qualquer outra coisa em Constantinopla. E não posso dizer que eu tenha ficado surpreso, mas ali estava uma oportunidade de falar com outros bebedores de sangue que não eram os fanáticos adoradores da Serpente, e *essa oportunidade nunca havia surgido antes.*

Permita-me também salientar que, em todos os meus anos como bebedor de sangue, eu nunca havia visto nenhum outro par que fosse tão refinado, elegante e bonito quanto esses meninos.

Sem dúvida, os grupos de adoradores de Satã continham bebedores de sangue semelhantes, com belos traços e olhos inocentes, mas na maioria das vezes, como já descrevi, Avicus e Mael os exterminavam ou conseguiam sobrepujá-los, não eu. Além disso, eles sempre eram prejudicados pelo fanatismo.

Aqui a história era outra.

Esses meninos pareciam infinitamente mais interessantes em virtude de sua dignidade e de seus adornos, bem como da coragem com que olhavam para mim. Quanto ao nome, Eudoxia, no fundo eu estava mais curioso que temeroso.

— Permitam-me acompanhá-los — disse eu de imediato. Mas os meninos indicaram com gestos que Avicus e Mael deveriam vir também.

— E por que isso? — perguntei, com atitude protetora. Mais de uma vez meus companheiros me fizeram saber que também queriam ir.

— Vocês são quantos? — perguntei aos meninos.

— Eudoxia dará resposta às suas perguntas — disse o menino que me entregara o rolo. — Por favor, venham conosco sem mais conversa. Eudoxia ouve falar de vocês já há algum tempo.

Fomos acompanhados por uma boa distância pelas ruas, até que finalmente chegamos a um bairro da cidade ainda mais rico que o bairro em que morávamos, e a uma casa muito maior que a nossa. Tinha a costumeira fachada bruta de pedra, encerrando sem dúvida um jardim interno e aposentos opulentos.

Durante o percurso, os meninos bebedores de sangue ocultaram muito bem seus pensamentos, mas eu pude adivinhar, talvez porque fosse essa a vontade deles, que se chamavam Asphar e Rashid.

Fomos recebidos na casa por outro par de escravos mortais, que nos conduziu até um amplo aposento totalmente decorado com ouro.

Havia archotes acesos em toda a nossa volta, e no centro da sala, sobre um divã dourado com almofadas de seda púrpura, estava recostada uma deslumbrante bebedora de sangue, com bastos cachos negros não diferentes do cabelo dos meninos que haviam nos procurado, embora ela os usasse longos e ornados com pérolas. Sua túnica era adamascada e o vestido que usava por baixo, de seda, mais refinados que qualquer coisa que eu tivesse visto em Constantinopla até o momento.

Seu rosto era pequeno, oval e mais perfeito que qualquer coisa que eu pudesse já ter contemplado, muito embora ela não tivesse nenhuma semelhança com Pandora, que era para mim a própria perfeição.

Os olhos eram redondos e extremamente grandes. Os lábios estavam meticulosamente pintados, e dela emanava um perfume que sem dúvida algum mago da Pérsia criara para nos enlouquecer.

Havia inúmeras cadeiras e divãs espalhados sobre o piso de mosaico onde Saltitantes deuses e deusas gregos estavam representados com o mesmo bom gosto com que poderiam ter sido representados quinhentos anos antes. Vi imagens semelhantes nas paredes à nossa volta, embora as colunas ligeiramente primitivas porém enfeitadas parecessem ser de projeto mais recente.

Quanto à pele da mulher-vampiro, ela era de uma brancura perfeita; e tão totalmente desprovida de um toque sequer de humanidade que senti um calafrio me percorrer. Mas sua expressão, que se manifestava quase inteiramente por um sorriso, era cordial e curiosa ao extremo.

Ainda reclinada no cotovelo, com o braço coberto de braceletes, ela ergueu os olhos para mim.

— Marius — disse num latim culto e perfeito, com a voz tão adorável quanto o rosto —, você lê minhas paredes e piso como se fossem um livro.

— Perdoe-me — disse eu. — Mas, quando um aposento é decorado com tanto esmero, parece a atitude educada a tomar.

— E você anseia pela antiga Roma — disse ela —, ou por Atenas, ou até mesmo por Antioquia, onde viveu no passado.

Era uma bebedora de sangue intimidante. Ela havia colhido esse conhecimento das minhas lembranças mais profundas. Fechei minha mente. Mas não meu coração.

— Eu me chamo Eudoxia — disse ela. — Gostaria de poder dizer que lhes dou as boas-vindas a Constantinopla, mas a cidade é minha, e no fundo não estou satisfeita com sua presença por aqui.

— Não podemos chegar a algum entendimento com você? — perguntei. — Fizemos uma viagem longa e árdua. A cidade é enorme. — Ela fez algum gesto discreto, e os escravos mortais se afastaram. Somente Asphar e Rashid permaneceram, como se esperassem por ordens dela.

Procurei descobrir se havia outros bebedores de sangue na casa, mas isso eu não poderia fazer sem que ela soubesse o que eu estava fazendo, e assim minha tentativa foi bastante precária.

— Sentem-se todos, por favor — disse ela. E, ao ouvir esse convite, os dois lindos meninos, Asphar e Rashid, fizeram menção de aproximar mais os divãs para que pudéssemos nos reunir de uma forma natural.

De imediato perguntei se poderia usar uma cadeira. E Avicus e Mael, num sussurro inseguro, repetiram o mesmo pedido. Fomos atendidos. Todos nos sentamos.

— Um romano às antigas — disse ela, com um repentino sorriso luminoso. — Você desdenha um divã e prefere uma cadeira.

Dei um risinho cortês.

Mas então algo totalmente invisível, porém forte, fez com que eu olhasse de relance para Avicus e visse que ele estava olhando para essa esplêndida bebedora de sangue como se Cupido tivesse acabado de flechá-lo direto no coração.

Quanto a Mael, ele olhava furioso para ela do mesmo jeito com que havia olhado para mim em Roma muitos séculos antes.

— Não se preocupe com seus amigos — disse Eudoxia de repente, dando-me um susto total. — Eles lhe são leais, e o acompanharão não importa o que você diga. Você e eu é que precisamos conversar agora. Entenda que, embora esta cidade seja imensa e haja sangue suficiente para muitos, bebedores de sangue renegados costumam vir aqui e precisam ser expulsos.

— E nós somos renegados? — perguntei, com delicadeza.

Não pude deixar de examinar suas feições, o queixo arredondado com uma covinha única e as bochechas pequenas. Parecia tão jovem na idade mortal quanto os dois meninos. Quanto aos olhos, eram negros como azeviche, com uma borda de cílios tal que levava à suspeita de que houvesse

pintura egípcia no seu rosto, quando na realidade não havia nenhuma.

Essa observação de repente fez com que eu me lembrasse de Akasha, e senti um pânico enquanto tentava limpar minha mente. O que eu havia feito trazendo para ali Aqueles Que Devem Ser Preservados? Deveria ter ficado nas ruínas de Roma. Mas na realidade não podia pensar naquele assunto no momento.

Olhei direto para Eudoxia, um pouco ofuscado pela infinidade de pedras preciosas na sua túnica e pela visão de suas unhas cintilantes, muito mais brilhantes que quaisquer outras unhas que eu tivesse visto, à exceção das de Akasha, e reuni minhas forças novamente para tentar penetrar no seu pensamento.

Ela sorriu para mim com ternura.

— Marius, sou antiga demais no Sangue para o que você está querendo fazer, mas posso lhe contar qualquer coisa que você queira saber.

— Posso chamá-la pelo nome que você nos deu? — perguntei.

— Essa era minha intenção — retrucou ela — ao lhes dizer o nome. Mas ouçam o que lhes digo, espero honestidade de vocês. Se não for assim, não os tolerarei no meu território.

Senti de repente uma onda de raiva emanar de Mael. Lancei-lhe um rápido olhar de advertência e mais uma vez vi aquela expressão de total enlevo no rosto de Avicus.

De repente, dei-me conta de que Avicus provavelmente nunca tinha visto uma bebedora de sangue como essa. As jovens bebedoras de sangue entre os adoradores de Satã andavam sujas e desmazeladas de propósito, e aqui, reclinada no seu magnífico divã, estava uma mulher que parecia ser a imperatriz que reinava sobre Bizâncio.

De fato, talvez fosse essa a percepção que aquela criatura tinha de si mesma.

Ela sorriu como se todos esses pensamentos lhe fossem transparentes; e então, com um pequeno movimento da mão,

ordenou aos meninos bebedores de sangue, Asphar e Rashid, que se retirassem.

Passou então os olhos com muita calma e vagar por meus dois companheiros, como se estivesse extraindo cada pensamento coerente que um dia tivesse passado pela cabeça deles.

Continuei a examiná-la, as pérolas nos cabelos, os colares de pérolas no pescoço e as pedras preciosas que lhe adornavam os dedos dos pés e das mãos.

Afinal, ela olhou para mim, e um sorriso se espalhou mais uma vez por suas feições, iluminando todo o seu semblante.

— Se eu lhes conceder permissão para ficar, e não tenho certeza se pretendo fazer isso ou não, vocês deverão demonstrar lealdade quando outros vierem destruir a paz que compartilhamos. Não deverão jamais se alinhar com eles contra mim. Deverão manter Constantinopla somente para nós.

— E exatamente o que você se dispõe a fazer se não demonstrarmos lealdade? — perguntou Mael, com sua antiga raiva.

Ela continuou com os olhos fixos em mim por um bom tempo, como se quisesse insultá-lo, e então, como se estivesse despertando de um encantamento, olhou para Mael.

— O que eu posso fazer — perguntou ela a Mael — para silenciá-lo antes que você diga mais uma bobagem? — Seus olhos então voltaram-se para mim. — Vou deixar claro para vocês todos. Sei que estão de posse da Mãe e do Pai. Sei que vocês os trouxeram para cá por segurança e que estão numa capela funda por baixo da sua casa.

Meu espanto foi brutal.

Senti uma onda de pesar. Mais uma vez, eu não havia conseguido guardar o segredo. Mesmo em Antioquia, muito tempo atrás, eu não havia conseguido guardar o segredo. Será que eu sempre fracassaria nessa tentativa? Será que não era esse meu destino? O que havia a ser feito?

— Não se apresse em se afastar de mim, Marius — disse Eudoxia. — Bebi da Mãe no Egito, séculos antes de você levá-la embora.

Essa declaração espantou-me ainda mais. No entanto, ela continha alguma estranha promessa. E lançava uma pequena luz na minha alma.

De repente, senti uma empolgação maravilhosa.

Aqui estava alguém que compreendia tudo sobre os antigos mistérios, exatamente como Pandora compreendera. Essa criatura, de fala e rosto delicado, estava a anos-luz de Avicus ou Mael, e como parecia ser doce e razoável.

— Eu lhe conto minha história se você quiser, Marius — disse ela. — Sempre fui uma bebedora de sangue apegada ao mundo material, jamais me dediquei à antiga religião dos Deuses de Sangue do Egito. Já estava havia trezentos anos no Sangue antes que você nascesse. Mas posso lhe dizer tudo o que quer saber. É evidente que você passa pelo mundo por meio de perguntas.

— É — disse eu. — Eu realmente passo pelo mundo por meio de perguntas; e com excessiva freqüência fiz essas perguntas em completo silêncio, ou há muitos e muitos séculos a pessoas que me davam como resposta fragmentos que eu precisava reunir como se fossem pedacinhos de papiros antigos. Tenho sede de conhecimento. Tenho sede do que você pretende me contar.

Ela fez que sim, e isso pareceu lhe dar um prazer extraordinário.

— Alguns de nós não exigem uma compreensão do íntimo — disse ela. — Você a exige, Marius? Consigo ler muito nos seus pensamentos, mas esse é um enigma. Você tem necessidade de ser compreendido?

Fiquei desconcertado.

— Se eu preciso ser compreendido — disse eu, repensando, o mais secretamente possível. Será que Avicus ou Mael me compreendiam? Não, não me compreendiam. Mas, uma vez no passado muito remoto, a Mãe me compreendera.

Ou será que não? Era bem possível que, quando me apaixonei por ela, era eu que a compreendia.

— Não tenho uma resposta a lhe dar — disse eu, baixinho. — Acho que acabei apreciando minha solidão. Acho que, quando era mortal, eu adorava a solidão. Era o viajante sem destino. Mas por que está me fazendo essa pergunta?

— Porque eu não preciso que me compreendam — disse ela, e pela primeira vez surgiu na sua voz um tom frio. — Mas, se você quiser, eu lhe falo sobre minha vida.

— Tenho tanta vontade de ouvir sua história — respondi. Eu estava encantado. Pensei mais uma vez na minha linda Pandora. Aqui estava uma mulher incomparável que parecia ter as mesmas qualidades. Eu queria tanto escutá-la, e era mais que essencial para nossa segurança que eu a escutasse. Mas como poderíamos lidar com a inquietação de Mael e a óbvia obsessão de Avicus?

Ela captou meu pensamento de imediato, olhando para Avicus com doçura e depois voltando a atenção com sobriedade, por um bom tempo, para o enfurecido Mael.

— Você foi sacerdote na Gália — disse-lhe ela, em tom calmo. — No entanto tem a atitude de um guerreiro dedicado. Você gostaria de me destruir. Por quê?

— Não respeito sua autoridade aqui — respondeu Mael, tentando imitar seu tom calmo. — Quem é você para mim? Você diz que nunca respeitou a antiga religião. Pois bem, eu a respeitava. E Avicus a respeitava. Disso temos orgulho.

— Todos nós queremos a mesma coisa — respondeu ela. Sorriu, revelando as presas. — Queremos um território para caça que não esteja superlotado. Queremos que os bebedores de sangue satânicos fiquem de fora, porque eles se multiplicam irracionalmente e procuram fomentar tumultos no mundo mortal. Minha autoridade deriva dos meus triunfos passados. Não é nada mais que hábito. Se pudermos criar um tipo de paz… — Ela parou de falar e, num estilo masculino, deu de ombros e abriu as mãos.

De repente, Avicus intrometeu-se.

— Marius fala por nós — disse ele. — Marius, entre em acordo com Eudoxia, por favor.

— Nós lhe damos nossa lealdade — disse eu —, visto que sem dúvida desejamos as mesmas coisas, como você descreveu. Mas quero muito falar com você. Quero saber quantos bebedores de sangue estão aqui, agora. Quanto à sua história, permita-me dizer novamente que quero ouvi-la. Algo que podemos dar um ao outro é nossa história. É, eu quero conhecer a sua.

Ela levantou-se do divã, muito graciosa, revelando-se um pouco mais alta do que eu havia imaginado. Tinha ombros bastante largos para uma mulher e caminhava muito ereta, sem que os pés descalços fizessem o menor ruído.

— Venham à biblioteca — disse ela, levando-nos a um aposento ao lado da sala principal. — Acho que é melhor para conversar. — O cabelo lhe caía comprido pelas costas, uma pesada massa de cachos negros; e seus movimentos eram elegantes, apesar do peso de suas túnicas decoradas e bordadas com contas.

A biblioteca era imensa, com prateleiras para rolos e códices, volumes encadernados como os que temos atualmente. Havia cadeiras aqui e ali, e algumas reunidas no centro; bem como dois divãs e mesas para escrever. As lâmpadas douradas pareciam persas por seu pesado desenho trabalhado, mas não pude ter certeza.

Os tapetes dispostos aleatoriamente eram decididamente persas, isso eu sabia.

É claro que, no instante em que vi os livros, fui dominado pelo prazer. Isso sempre acontece comigo. Lembrei-me da biblioteca no antigo Egito na qual eu havia encontrado o Ancião que expusera a Mãe e o Pai ao sol. Costumo me sentir tolamente seguro com livros, o que pode ser um erro.

Pensei em todos os que eu havia perdido no primeiro sítio a Roma. Não pude deixar de me perguntar que autores gregos e romanos estavam ali preservados. Pois, embora os cristãos fossem mais generosos com os antigos do que as

pessoas acreditam atualmente, eles nem sempre poupavam as obras antigas.

— Seus olhos estão famintos — disse ela —, mesmo que sua mente esteja fechada. Sei que você quer ler aqui. Fique à vontade. Mande seus escribas copiar o que você quiser. Mas estou me adiantando, não é mesmo? Precisamos conversar. Precisamos ver se podemos chegar a um acordo. Não sei se será possível.

Ela voltou os olhos para Avicus.

— E você, você que é antigo, você que recebeu o Sangue no Egito, só agora está aprendendo a amar as letras. Como é estranho que tenha demorado tanto.

Eu podia sentir a imensa empolgação e a terna confusão de Avicus.

— Estou aprendendo — disse ele. — Marius está me ensinando. — E então um rubor subiu ao seu rosto.

Quanto a Mael, não pude deixar de observar sua fúria muda, e me ocorreu que havia muito tempo ele próprio vinha sendo o autor da sua infelicidade, mas agora algo estava acontecendo de verdade, algo que poderia ser uma causa legítima para sua dor.

Naturalmente, eu estava terrivelmente consternado por nenhum dos dois conseguir manter seu pensamento oculto. Muito tempo atrás, em Roma, quando eu procurava encontrá-los, eles haviam sido mais competentes.

— Vamos nos sentar — disse Eudoxia —, e eu vou lhes contar quem eu sou.

Ocupamos as cadeiras, o que nos aproximou ainda mais, e ela começou a contar sua história num tom baixo.

CAPÍTULO 10



— MINHA VIDA MORTAL não é muito importante — disse ela —, mas vou descrevê-la rapidamente. Eu pertencia a uma boa família grega, da primeira onda de colonizadores a vir de Atenas para Alexandria a fim de torná-la a grande cidade que Alexandre desejava, quando a fundou trezentos anos antes do nascimento de Cristo.

"Fui criada como qualquer menina em qualquer casa de família grega, extremamente protegida e sem nunca sair de casa. Aprendi, porém, a ler e escrever porque meu pai queria que eu pudesse lhe escrever cartas depois que me casasse e ele também achava que eu poderia ler poesia para meus filhos mais tarde.

"Eu o adorava por esse motivo, embora ninguém mais gostasse, e me dediquei à minha instrução com paixão, negligenciando todos os outros aspectos.

"Arranjaram cedo um casamento para mim. Eu ainda não tinha quinze anos quando me disseram, e francamente fiquei bastante feliz com a idéia porque tinha visto o homem e o considerava interessante, e de certo modo estranho. Eu me perguntava se o casamento com ele não me traria uma nova existência, algo mais interessante do que o que eu tinha em casa. Minha mãe verdadeira tinha morrido e eu não gostava da minha madrasta. Eu queria estar fora da casa dela."

Ela parou por um instante e eu naturalmente estava fazendo cálculos. Era muitos anos mais velha que eu, estava

deixando isso claro para mim pela segunda vez, e era por isso que parecia tão rematadamente perfeita. O tempo havia feito seu trabalho nas linhas do seu rosto, como estava agindo no meu.

Ela me observou e hesitou um instante, mas depois prosseguiu:

— Um mês antes das bodas, fui raptada de minha própria cama à noite e levada por cima dos muros da minha casa para um lugar escuro e imundo onde fui atirada num canto, para ficar ali encolhida no piso de pedra enquanto alguns homens discutiam com violência para decidir quem receberia quanto por ter me roubado.

"Pensei que seria assassinada. Também soube que minha madrasta estava por trás da minha desgraça.

"Mas, então, entrou naquele lugar um homem alto e magro, com cabelos negros desgrenhados, e o rosto e as mãos brancos como a lua, que matou todos aqueles homens, jogando-os para um lado como se não pesassem nada, e segurando o último junto à boca muito tempo, como se estivesse sorvendo o sangue do corpo, ou comendo parte dele.

"Achei que eu estava a ponto de enlouquecer.

"Quando deixou o corpo cair, o ser de rosto branco percebeu que eu estava olhando fixamente para ele. Eu não estava usando nada além de uma camisola suja e rasgada para me cobrir. Mas fiquei em pé para encará-lo com coragem.

"'Uma mulher', disse ele. Jamais me esquecerei. 'Uma mulher', como se isso fosse assim tão extraordinário."

— Às vezes é — disse eu.

Ela me deu um sorriso bastante tolerante. E prosseguiu com a história.

— Depois desse comentário, ele deu um risinho estranho e investiu contra mim.

"Mais uma vez, pensei que fosse ser assassinada. Mas ele me tornou uma bebedora de sangue. Não houve nenhuma

cerimônia, nenhuma palavra, nada. Simplesmente me transformou naquela hora e naquele lugar.

"E então, arrancando a túnica e as sandálias de um dos homens, ele me vestiu toscamente como menino e caçamos nas ruas juntos durante o resto da noite. Enquanto seguíamos, ele me tratava com brutalidade, fazendo com que me virasse para um lado ou para o outro, me empurrando, me ensinando tanto com safanões quanto com palavras grosseiras.

"Antes do amanhecer, ele me levou até sua estranha morada. Não ficava no bairro grego da elite, onde eu havia sido criada. Mas isso eu não sabia naquela época. Por sinal, eu nunca havia saído da casa de meu pai. Minha primeira experiência das ruas da cidade havia sido francamente emocionante.

"Agora lá estava eu sendo carregada para o alto da muralha de uma casa de três andares e depois sendo levada para o pátio árido lá embaixo.

"O lugar era um depósito de tesouros enorme e desorganizado. Em todos os aposentos havia fortunas inimagináveis.

"'Está vendo tudo isso?!', disse-me o bebedor de sangue, orgulhoso.

"Era um caos por toda parte. Havia cortinas de seda em pilhas e belas almofadas; e essas ele reuniu para fazer uma espécie de ninho para nós. Ele pôs em mim colares pesados e disse: 'Esses vão atrair suas vítimas. E então você poderá dominá-las rapidamente.'

"Eu estava fascinada e temerosa.

"Ele então sacou a adaga, agarrou-me pelo cabelo e o cortou, quase todo; e isso me fez berrar como nunca antes. Eu havia matado. Eu havia bebido sangue. Havia corrido meio enlouquecida pelas ruas. Nada disso me deu vontade de chorar aos berros, mas o corte do meu cabelo foi demais.

"Ele não pareceu nem um pouco perturbado com meu choro, mas de repente me agarrou, jogou-me num grande caixão sobre uma dura camada de pedras preciosas e correntes

de ouro e fechou a tampa por cima. Eu não fazia idéia de que o sol estava nascendo. Mais uma vez, achei que fosse morrer.

"Mas quando abri os olhos ele estava ali, sorridente; e com uma voz áspera, sem nenhum espírito ou talento de verdade para se expressar melhor, ele explicou que precisávamos dormir o dia inteiro, protegidos do sol. Era nossa natureza. E precisávamos beber bastante sangue. O sangue era a única coisa que tinha importância para nós.

"Talvez para você, pensei, mas não ousei contrariá-lo.

"E é claro que meu cabelo tinha crescido de novo até o comprimento certo como aconteceria todos os dias para todo o sempre; e ele mais uma vez o cortou de qualquer jeito. Algumas noites depois, para alívio meu, ele comprou uma tesoura caríssima para facilitar essa operação; mas, não importava o que tivéssemos de fazer, ele jamais tolerou meu cabelo comprido.

"Passei alguns anos com ele.

"Ele nunca foi educado nem gentil, mas também nunca foi terrivelmente cruel. Eu nunca estava longe dos seus olhos. Quando lhe perguntei se poderíamos comprar roupas melhores para mim, ele concordou, embora estivesse óbvio que isso não era muito do seu agrado. Quanto a si mesmo, ele usava uma longa túnica e um manto, trocando-os apenas quando ficavam gastos, e para isso roubava a roupa nova de uma de suas vítimas.

"Ele costumava me afagar a cabeça, mas não tinha palavras que demonstrassem amor e não possuía nenhuma imaginação. Quando eu trouxe livros da feira para ler poesia, ele riu de mim; se é que se pode chamar de riso o ruído inexpressivo que emitia. Mesmo assim, eu lia a poesia para ele, e a maior parte do tempo, depois do riso inicial, ele simplesmente olhava fixo para mim.

"Uma vez ou duas, perguntei-lhe como se transformara em bebedor de sangue, e ele disse que havia sido obra de um perverso bebedor de sangue proveniente do Alto Egito. 'São todos uns mentirosos, esses antigos', disse ele. 'Eu os chamo

de Bebedores de Sangue do Templo.' E essa foi toda a história que ele me transmitiu.

"Se eu o contrariasse em qualquer detalhe, ele me batia. Não era um golpe terrivelmente forte, mas era o suficiente para me impedir de um dia opor-me a ele por qualquer motivo.

"Quando eu tentava dar algum tipo de ordem à casa, ele olhava para mim, apático, sem nunca se oferecer para ajudar, mas também sem me bater. Desenrolei alguns dos tapetes da Babilônia. Arrumei algumas das estátuas de mármore ao longo da parede para que elas parecessem respeitáveis. Fiz uma boa limpeza no pátio.

"Ora, durante essa época, eu ouvia outros bebedores de sangue em Alexandria. Cheguei mesmo a vislumbrá-los, mas eles jamais se aproximavam muito.

"Quando falei com ele sobre esses outros, ele só deu de ombros e disse que não era para eu me preocupar. 'Sou forte demais para eles', contou-me, 'e além do mais eles não querem nenhum tipo de encrenca. Eles sabem que eu sei demais a respeito deles.' E não explicou mais nada, mas me disse que eu tinha muita sorte por ele ter me dado o sangue antigo.

"Não sei o que me mantinha tão feliz naquela época. Talvez fosse caçar em zonas diferentes de Alexandria, ou talvez só a leitura de novos livros, ou mesmo nadar no mar. Ele e eu saíamos juntos para nadar no mar.

"Não sei se vocês podem imaginar isso… o que o mar significava para mim, que eu pudesse me banhar nele, que eu pudesse caminhar pela praia. Uma dona-de-casa grega encarcerada nunca teria esse privilégio. E eu era uma bebedora de sangue. Era um rapaz. Saía à caça nos navios no porto. Andava com homens corajosos e perversos.

"Uma noite, meu Criador deixou de cortar meu cabelo, como era seu costume vespertino, e me levou a um lugar estranho. Ficava no bairro egípcio da cidade; e uma vez aberta a porta, tivemos de seguir por um longo túnel em declive, até chegar a um enorme salão coberto com a antiga escrita

pictórica do Egito. Imensas pilastras quadradas sustentavam o teto. Era um local que inspirava bastante reverência.

“Acho que ele me trouxe à lembrança um tempo mais requintado para mim, em que eu havia conhecido coisas belas e misteriosas, se bem que agora eu realmente não saiba dizer.

“Havia ali diversos bebedores de sangue. Eram pálidos e pareciam extremamente belos, mas nenhum tão branco quanto meu Criador, e eles deixavam transparecer o medo que sentiam dele. Eu estava perfeitamente perplexa de ver tudo aquilo. Mas então me lembrei da expressão ‘Bebedores de Sangue do Templo’, e pensei: Quer dizer que estamos com eles.

“Ele me empurrou para a frente como um pequeno milagre que eles não haviam contemplado. Houve então uma discussão no seu idioma, que eu mal conseguia entender.

“Parecia que lhe disseram que a Mãe tomaria a decisão; e então, e só então, suas atitudes lhe poderiam ser perdoadas. Quanto ao meu Criador, ele declarou que não se importava se fosse perdoado ou não, mas que estava indo embora e queria se ver livre de mim, e se eles me aceitariam, era só isso o que ele queria saber.

“Fiquei apavorada. Não estava gostando muito daquele lugar sombrio, por mais imponente que fosse. E nós havíamos passado alguns anos juntos. E agora ele ia embora?

“Tive vontade de lhe perguntar o que eu tinha feito. Imagino que eu tenha percebido naquele instante que o amava. Eu faria qualquer coisa se ele ao menos mudasse de idéia.

“Os outros abateram-se sobre mim. Seguraram-me pelos braços e me arrastaram com força desnecessária para outro salão gigantesco.

“A Mãe e o Pai estavam lá, resplandecentes e brilhantes, sentados num enorme trono de diorita negra, no alto de uma escadaria de mármore de uns seis ou sete degraus.

“Este era o recinto principal de um templo; todas as suas colunas e paredes estavam lindamente decoradas com escrita egípcia; e o teto era revestido de placas de ouro.

“Eu naturalmente pensei, como todos pensamos, que a Mãe e o Pai fossem estátuas; e, à medida que era arrastada mais para perto deles, enlouquecia de ressentimento por uma coisa dessas estar ocorrendo.

“Eu também estava me sentindo estranhamente envergonhada, envergonhada por estar usando sandálias e uma túnica suja adequada para um menino; e também por meu cabelo estar todo caído em torno de mim, pois exatamente nessa noite meu Criador tinha deixado de cortá-lo. Enfim, eu não estava de modo algum preparada para qualquer ritual que fosse realizado.

“Akasha e Enkil eram de um branco puríssimo, e estavam sentados como sempre estiveram desde que eu os conheci — como estão agora na sua capela subterrânea.”

Mael interrompeu a narração com uma pergunta cheia de raiva.

— Como você sabe qual é a aparência da Mãe e do Pai na nossa capela subterrânea?

Fiquei profundamente perturbado por ele ter feito isso. Eudoxia, entretanto, manteve perfeita calma.

— Você não tem nenhum poder de ver através das mentes de outros bebedores de sangue? — perguntou ela. Os olhos eram duros, talvez até um pouco cruéis.

Mael ficou confuso.

E eu tive a nítida percepção de que ele entregara um segredo a Eudoxia, sendo o segredo o de que ele não possuía esse poder, ou que não sabia que o possuía; e não tive muita certeza do que deveria fazer.

Entenda que ele sabia que poderia encontrar outros bebedores de sangue ao escutar seus pensamentos, mas não sabia usar esse poder para obter uma vantagem ainda maior, para ver o que eles estivessem vendo.

Na realidade, nenhum de nós três tinha perfeita segurança quanto a seus poderes. E eu me dei conta de como isso era ingênuo.

Nesse instante, em que Eudoxia não recebeu resposta à sua pergunta, eu me esforçava em vão para pensar em algum modo de distraí-la.

— Por favor — disse eu a ela —, não quer prosseguir? Conte-nos sua história. — Eu não ousava pedir desculpas pela grosseria de Mael porque isso poderia tê-lo deixado furioso.

— Muito bem — disse Eudoxia, olhando direto para mim como se estivesse desdenhando meus companheiros por serem impossíveis.

— Como eu estava lhe dizendo, meu Criador me empurrou para a frente e mandou que eu me ajoelhasse diante do Pai e da Mãe. E, como estava morta de pavor, obedeci.

"Ergui os olhos até o rosto deles, como os bebedores de sangue fazem desde tempos imemoriais, e não vi nenhuma vitalidade, nenhuma sutileza de expressão, apenas a descontração de animais sem inteligência, mais nada.

"Mas então ocorreu uma mudança na Mãe. Sua mão direita levantou-se de modo quase imperceptível do seu colo, girou e com isso fez para mim o mais simples dos gestos de chamado.

"Fiquei atordoada com esse gesto. Quer dizer que aquelas criaturas estavam vivas e respiravam? Ou será que havia algum truque, alguma espécie de magia? Eu não sabia.

"Meu Criador, grosseiro como sempre, até mesmo naquele momento sagrado, disse: 'Ah, vá até ela. Beba seu sangue. Ela é a Mãe de todos nós.' E, com o pé descalço, me deu um chute. 'Ela é a Primeira', disse ele. 'Beba.'

"Os outros bebedores de sangue começaram a brigar ferozes com ele, falando novamente no antigo idioma egípcio, dizendo que o gesto não era claro, que a Mãe poderia me destruir, e quem era ele para dar uma ordem daquelas? E como ousava vir àquele templo com uma lamentável bebedora de sangue que era tão imunda e sem instrução quanto ele?

"Mas ele os suplantou. 'Tome do sangue dela, e sua força será imensa', disse ele. Então ele me levantou para me

pôr em pé e praticamente me jogou para a frente, de tal modo que caí com as mãos nos degraus de mármore diante do trono.

"Os outros bebedores de sangue ficaram escandalizados com esse comportamento. Ouvi uma risada baixa do meu Criador. Mas meus olhos estavam no Rei e na Rainha.

"Vi que a Rainha mexia novamente a mão, abrindo os dedos; e, embora seus olhos nunca mudassem, o gesto de convite era inconfundível.

"'Beba do pescoço', disse meu Criador. 'Não tenha medo. Ela nunca destrói os que chama. Faça o que estou dizendo.' E eu fiz.

"Sorvi tanto dela quanto consegui agüentar. E preste bem atenção, Marius, isso foi mais de trezentos anos antes que o Ancião pusesse a Mãe e o Pai no Grande Fogo. E eu viria a beber dela mais de uma vez. Ouça o que estou dizendo, mais de uma vez, muito tempo antes de você chegar a vir a Alexandria, muito tempo antes de você levar nosso Rei e nossa Rainha."

Ela ergueu um pouquinho as sobrancelhas negras, escuras, enquanto olhava para mim, como se quisesse que eu entendesse perfeitamente a mensagem. Era muito, muito forte.

— Mas Eudoxia, quando de fato cheguei a Alexandria — respondi —, quando vim em busca da Mãe e do Pai, com o objetivo de descobrir quem os expusera ao sol, você não estava no templo. Não estava em Alexandria. Pelo menos, não se manifestou a mim.

— Não — disse ela. — Eu estava na cidade de Éfeso, aonde havia ido com outro bebedor de sangue que o Fogo destruiu. Ou eu deveria dizer que estava voltando para minha casa em Alexandria para descobrir a razão para o Fogo, e beber da fonte de cura, quando você levou embora a Mãe e o Pai.

Ela me lançou um sorriso delicado porém gélido.

— Você consegue imaginar minha angústia ao descobrir que o Ancião estava morto; e o templo, vazio? Quando os

poucos sobreviventes do templo me disseram que um romano chamado Marius viera roubar nosso Rei e nossa Rainha?

Eu não disse nada, mas seu ressentimento era óbvio. Seu rosto exibia as emoções humanas. Um cintilar de lágrimas de sangue surgiu nos seus olhos escuros e redondos.

— O tempo me curou, Marius — disse ela —, porque possuo muito do sangue da Rainha, e fui forte desde o momento da minha criação. Na realidade, o Grande Fogo somente me deixou de um marrom-escuro, com pouca dor. Mas, se você não tivesse levado Akasha embora de Alexandria, ela teria permitido que eu bebesse novamente do seu sangue, e eu teria me curado rapidamente. Não teria demorado tanto.

— E você gostaria de beber o sangue da Rainha agora, Eudoxia? — perguntei. — É isso o que pretende fazer? Pois sem dúvida você sabe por que eu fiz o que fiz. Sem dúvida você sabe que foi o Ancião que pôs a Mãe e o Pai ao sol.

Ela não respondeu. Eu não sabia dizer se essa informação a surpreendia ou não. Ela estava perfeitamente recolhida. E então falou.

— Será que eu preciso do sangue agora, Marius? Olhe para mim. O que está vendo?

Hesitei antes de responder. E então respondi.

— Não, você não precisa dele, Eudoxia — disse eu. — Só que um sangue desses sempre é uma bênção.

Ela olhou para mim por um bom tempo e depois abaixou a cabeça devagar, quase sonolenta, e as sobrancelhas escuras se uniram, franzindo-se um pouco.

— Sempre uma bênção? — perguntou ela, repetindo minhas palavras. — Não sei se é sempre uma bênção.

— Você quer me contar mais da sua história? O que aconteceu depois que bebeu de Akasha pela primeira vez? Depois que seu Criador seguiu sozinho? — Fiz essas perguntas com delicadeza. — Você residiu no templo depois que seu Criador se foi?

Isso pareceu dar-lhe o momento de recordação de que ela precisava.

— Não, não fiquei lá — disse ela. — Embora os sacerdotes procurassem me convencer, contando as loucas histórias do culto antigo, e dissessem que a Mãe era imperecível, exceto pela luz do sol. E, se algum dia ela fosse queimada, o mesmo aconteceria a todos nós. Havia um entre eles que fez muita questão de salientar essa advertência, como se a perspectiva lhe fosse sedutora.

— O Ancião que acabou querendo provar a teoria — disse eu.

— Ele mesmo — disse ela. — Mas para mim ele não era Ancião nenhum, e não dei atenção ao que disse.

"Saí, livre do meu Criador e, tendo ficado com sua casa e seu tesouro, decidi adotar outro estilo de vida. É claro que os sacerdotes do templo costumavam vir me procurar com repreensões por eu ser irreverente e estouvada, mas, como era só isso o que faziam, eu não lhes dava ouvidos.

"Naquela época, era fácil eu passar por humana, especialmente se untasse a pele com certos óleos." Ela suspirou. "E eu estava acostumada a me fingir de rapaz. Para mim, foi simples criar uma bela residência, adquirir boas roupas, passar de pobre a rica em questão de algumas noites.

"Espalhei nas escolas e na praça a informação de que sabia escrever cartas para as pessoas e de que sabia copiar livros; e tudo isso à noite, quando os outros copistas tinham encerrado o expediente para ir para casa. E, tendo arrumado um amplo escritório na minha casa, com uma boa iluminação, passei a fazer essas tarefas para seres humanos, e foi assim que vim a conhecê-los e a aprender o que os mestres ensinavam durante o dia.

"Que agonia eu sentia por não poder escutar os grandes filósofos que faziam suas palestras nas horas diurnas, mas eu me saí muito bem com essa ocupação noturna, e consegui o que queria, as vozes simpáticas de seres humanos a falar comigo. Eu fazia amizade com mortais. E em muitas noites minha casa ficava repleta de convidados para banquetes.

“Eu ouvia notícias do mundo dos estudantes, dos poetas, dos soldados. De madrugada, entrava às escondidas na imensa biblioteca de Alexandria, um lugar que você deveria ter visitado, Marius. E inacreditável que você tenha deixado passar tamanho tesouro em livros. Isso eu não deixei passar.”

Fez uma pausa. Sua expressão estava horrenda de tão vazia, e eu sabia que isso provinha de uma emoção excessiva. Não estava olhando para nenhum de nós.

— E, eu entendo — disse eu. — Compreendo muito bem. Sinto a mesma necessidade de vozes mortais ao meu redor, de que mortais sorriam para mim como se eu pertencesse ao seu mundo.

— Conheço sua solidão — disse ela, com a voz bastante dura. E pela primeira vez, tive a sensação de que as expressões passageiras no seu rosto também eram duras, de que seu rosto não passava de uma bela casca para uma alma perturbada no seu interior, alma sobre a qual eu podia saber pouquíssimo por suas palavras.

— Vivi bem e por muito tempo em Alexandria. Será que existia uma cidade mais admirável? E eu acreditava, como acreditam muitos bebedores de sangue, que o conhecimento em si me sustentaria pelas décadas à frente, que a informação poderia de algum modo afastar o desespero.

Fiquei bastante impressionado com essas palavras, mas não respondi.

— Eu deveria ter permanecido em Alexandria — disse ela, com o olhar ao longe, a voz baixa e de repente cheia de arrependimento. — Comecei a amar um mortal, um rapaz que se apaixonou perdidamente por mim. Uma noite, ele me declarou seu amor, disse que renunciaria a tudo por mim, o casamento marcado, a família, tudo, se eu ao menos fosse embora com ele para Éfeso, o lugar de onde sua família provinha, e para onde ele queria voltar.

Ela parou de falar como se não pretendesse prosseguir.

— O amor era tanto — disse ela, com as palavras mais pausadas —, e o tempo todo ele pensava que eu era um rapaz.

Eu não disse nada.

— Na noite em que ele se declarou, eu me revelei. Ele ficou profundamente horrorizado com o disfarce. E eu me vinguei. — Ela franziu o cenho como se não tivesse perfeita certeza da palavra. — É, eu me vinguei.

— Você o transformou em bebedor de sangue — disse eu, baixinho.

— Isso mesmo — disse ela, ainda com o olhar distante, como se estivesse de volta àquela época. — Foi o que eu fiz, e com a força mais deselegante e brutal. E, uma vez terminado, ele me viu com olhos francos e amorosos.

— Com olhos amorosos? — repeti.

Ela lançou um olhar certeiro na direção de Avicus e depois na minha direção. Em seguida voltou a olhar para Avicus.

Comecei a avaliá-lo. Eu sempre o considerara esplêndido, e supunha, por sua beleza, que os Deuses do Bosque fossem escolhidos pela beleza tanto quanto pela capacidade de resistência, mas tentei vê-lo como Eudoxia o via agora. Sua pele era agora dourada, mais que marrom, e seus densos cabelos negros compunham uma moldura nobre para o rosto extraordinariamente encantador.

Voltei a olhar para Eudoxia e vi, com um pequeno sobressalto, que ela me contemplava.

— Ele continuou a amá-la? — perguntei, conectando-me de imediato com o relato e seu significado. — Ele a amou mesmo quando o Sangue corria em suas veias?

Eu não podia nem tentar adivinhar seus pensamentos íntimos. Ela fez que sim, com ar sério.

— E, ele continuou a me amar. E tinha os novos olhos do Sangue; e eu era sua mestra. E todos nós conhecemos a sedução que reside nisso tudo. — Ela deu um sorriso amargo.

Abateu-se sobre mim uma sensação sinistra, uma sensação de que havia algo de muito errado com ela, de que

talvez fosse louca. Mas eu precisava esconder esse sentimento, e foi o que fiz.

— Lá fomos nós para Éfeso — disse ela — e, embora não se comparasse com Alexandria, ainda assim era uma grande cidade grega, com um forte comércio com o Oriente e uma contínua chegada de peregrinos que vinham para o culto à grande deusa Artemis, e ali vivemos até o Grande Fogo.

Sua voz enfraqueceu. Mortais talvez não conseguissem ouvi-la.

— O Grande Fogo destruiu-o totalmente — disse ela. — Ele estava naquela idade exata em que toda a carne humana havia desaparecido e somente restava o bebedor de sangue, mas o bebedor de sangue havia apenas começado a se fortalecer.

Parou de falar, como se não conseguisse continuar, e então prosseguiu:

— Dele só me restaram cinzas. Cinzas e nada mais. — Ela emudeceu, e eu não ousei instigá-la a falar.

— Eu deveria tê-lo levado à Rainha antes de pensar em partir de Alexandria — disse ela, então. — Mas, veja só, eu não tinha tempo para os bebedores de sangue do templo e, sempre que os procurava, era como uma rebelde, abrindo caminho orgulhosa, com relatos dos gestos da Rainha para mim, para poder levar flores a ela. E se eu tivesse trazido meu amado, e a Rainha não tivesse feito nenhum gesto semelhante ao que fizera para mim? E por isso não o levei à presença dela, estão me entendendo? E, lá em Éfeso, fiquei com as cinzas nas mãos.

Mantive-me em silêncio, por respeito a ela. Não pude deixar de olhar de relance para Avicus mais uma vez. Ele estava praticamente chorando. Ele pertencia a ela por inteiro.

— Por que voltei a Alexandria depois dessa perda terrível? — perguntou ela, exausta. — Porque os bebedores de sangue do templo me haviam dito que a Mãe era a Rainha de todos nós. Porque tinham falado do sol e de como arderíamos. E eu sabia que algo devia ter acontecido à nossa Mãe, algo

havia causado esse Grande Fogo, e que somente aqueles no templo saberiam o que era. E eu sentia uma dor na carne, de modo algum insuportável, mas algo que a Mãe poderia ter curado, se eu a tivesse encontrado lá.

Eu não disse nada.

Em todos os anos desde que eu levara Aqueles Que Devem Ser Preservados, nunca havia deparado com uma criatura como essa mulher. E eu deveria dizer também que nunca um bebedor de sangue semelhante a ela havia deparado comigo.

Nunca havia chegado ninguém provido de tanta eloqüência, história ou poesia antiga como essa.

— Durante séculos — disse eu, com a voz baixa e suave — mantive a Mãe e o Pai em Antioquia. Outros bebedores de sangue me encontraram: criaturas belicosas e violentas, criaturas gravemente queimadas e dispostas a roubar o sangue forte. Mas, você, você nunca veio.

Ela abanou a cabeça, num gesto de negação.

— Antioquia jamais me passou pela cabeça — confessou ela. — Acreditei que você tivesse levado a Mãe e o Pai para Roma. Marius, o romano, era assim que o chamavam. Marius, o romano, levou a Mãe e o Pai. E, por isso, cometi um grave erro ao ir até a Cidade Imperial e de lá para Creta. Eu nunca chegaria perto de você, nunca o descobriria com o Dom da Mente, nunca ouviria dizer onde você poderia estar.

“Mas nem sempre estive procurando pela Mãe e pelo Pai. Tive minhas paixões. Fiz bebedores de sangue que fossem meus companheiros. Os séculos me curaram, como vocês viram. Agora sou de longe muito mais forte que você, Marius. Sou infinitamente mais forte que seus companheiros. E embora comovida pelas suas maneiras refinadas de patrício, pelo seu latim antiquado e pela devoção do seu amigo, Avicus, preciso lhes impor algumas condições desagradáveis.

— Como assim, Eudoxia? — perguntei, calmo. Mael estava enraivecido.

Ela calou-se por um bom tempo, período durante o qual suas feições pequenas e delicadas não apresentavam nada além de uma expressão de ternura e bondade, e então falou em tom cortês.

— Entregue-me a Mãe e o Pai, Marius, ou eu o destruirei, bem como a seus companheiros. Não lhes será permitido nem ficar nem partir.

Pude ver o choque em Avicus. Quanto a Mael, graças aos deuses, ele estava estarrecido. E quanto a mim, mais uma vez eu me sentia atordoado. Esperei alguns instantes e então perguntei:

— Por que você quer a Mãe e o Pai, Eudoxia?

— Ora, Marius — ela abanou a cabeça, irritada. — Não se faça de tolo. Você sabe que o sangue da Mãe é o mais forte. Já lhe disse que, todas as vezes que cheguei a apelar a ela, ela me deu o gesto de acolhida e permitiu que eu bebesse. Quero a Mãe porque quero o poder que ela contém. E também porque não quero que esse Rei e essa Rainha, que podem ser queimados novamente ou expostos ao sol, sejam entregues a outros que poderiam tomar esse tipo de atitude impensada.

— E você já pensou bem nisso? — perguntei com frieza. — Como você manteria o santuário em segredo? Pelo que vi dos seus companheiros bebedores de sangue, eles são quase crianças, tanto na idade mortal que tinham quanto no Sangue. Você tem idéia do peso dessa responsabilidade?

— Já a conhecia antes de você existir — disse ela, o rosto impregnado de raiva. — Você está brincando comigo, Marius. E isso não vou tolerar. Sei o que passa pelo seu coração. Você não quer entregar a Mãe porque não quer renunciar ao sangue.

— Pode ser que sim, Eudoxia — disse eu, esforçando-me para manter a educação. — Preciso de tempo para refletir sobre o que foi dito aqui.

— Não, não lhe dou tempo nenhum — disse ela, em tom raivoso, com o sangue lhe subindo ao rosto. — Responda agora, ou eu o destruo.

Sua cólera foi tão súbita que me pegou desprevenido. No entanto, recuperei-me rapidamente.

— E como é que pretende fazer isso? — perguntei.

Mael pôs-se de pé de um salto e passou para trás da sua cadeira. Fiz um gesto para que ele não se movesse. Avicus continuava sentado em mudo desespero. As lágrimas de sangue haviam começado a escorrer, descendo pelo seu rosto. Ele estava muito mais decepcionado que temeroso. Na realidade, parecia de uma bravura bastante solene.

Eudoxia voltou-se para Avicus, e eu de imediato senti uma ameaça na sua postura. Seus membros se retesaram, e pareceu que seus olhos se tornavam extraordinariamente duros. Ela pretendia causar algum mal a Avicus, e não havia tempo para eu esperar e ver o que esse mal poderia ser.

Levantei-me e, investindo contra ela, agarrei-a pelos pulsos, fazendo com que se voltasse e que fosse inevitável que erguesse os olhos, furiosa, para olhar para mim.

Naturalmente essa força física poderia surtir pouco efeito no caso, mas que outra coisa eu poderia fazer? O que meus poderes se haviam tornado ao longo dos anos? Eu não sabia. Mas não havia tempo para avaliações ou experiências. Invoquei, das profundezas do meu ser, toda a força destrutiva de que eu pudesse dispor.

Senti uma dor no ventre e então na cabeça; e, embora Eudoxia desfalecesse de olhos fechados nas minhas mãos, eu senti um calor tremendo atingir com força total meu rosto e meu peito. Mas o calor não me queimou. Eu o rechacei e o devolvi para o lugar de onde viera.

Em suma, aquilo era uma batalha, e eu não fazia nenhuma idéia de quem poderia sair vencedor. Mais uma vez procurei pôr em ação todas as forças que pude reunir, e mais uma vez eu a vi enfraquecer, senti que ela enfraquecia, e mesmo assim novamente o calor veio contra mim, mas sem nenhum efeito.

Joguei-a sobre o piso de mármore e fiquei em pé ali, reunindo a força com toda a minha vontade para direcioná-la

contra ela. E Eudoxia se contorcia no mármore, de olhos fechados, as mãos trêmulas. Minha força a mantinha presa ao chão. Minha força não permitia que ela se levantasse.

Afinal ela parou de se mexer. Respirou fundo e então abriu os olhos, olhando lá de baixo para mim.

Com o canto do olho, vi seus acólitos Asphar e Rashid que vinham ajudá-la. Os dois brandiam enormes espadas cintilantes. Olhei em desespero para uma das lâmpadas de azeite na esperança de conseguir queimar um deles com o óleo em chamas, mas o que aconteceu foi que meu pensamento se adiantou a mim com toda a minha força e minha fúria total. *Ah, se eu pudesse queimá-lo!* E Rashid parou, deu um grito e explodiu em chamas.

Contemplei isso com total horror. Eu sabia que era o autor. Como sabiam todos os que estavam ali presentes. Os ossos do menino ficaram visíveis por um instante e então ruíram, enquanto as chamas saltavam e dançavam sobre o piso de mármore.

Não me restava escolha a não ser voltar-me para Asphar. Mas Eudoxia exclamou:

— Basta! — Ela lutou para se levantar, mas não conseguiu. Segurei suas mãos e a levantei até ficar em pé.

Cabisbaixa, ela se afastou de mim, recuando. Voltou-se então e olhou para os restos de Rashid.

— Você destruiu alguém que me era caro — disse ela, com a voz vacilante. — E nem mesmo sabia que possuía o poder do Fogo.

— E você pretendia destruir meu Avicus — disse eu — e pretendia destruir a mim. — Dei um suspiro enquanto olhava para ela. — Qual foi a escolha que você me deu? Você foi minha mestra no que diz respeito aos meus poderes. — Eu tremia de exaustão e fúria. — Poderíamos ter vivido aqui em harmonia.

Olhei para Asphar, que não ousava se aproximar mais. Olhei para Eudoxia, que estava sentada, fraca e abatida, na cadeira.

— Pretendo ir embora agora — disse eu — e levar meus dois companheiros comigo. Se você tentar nos ferir, voltarei todo o meu poder contra você. E, como você disse, eu nem mesmo sei qual é esse poder.

— Você ameaça por medo — disse ela, extenuada. — E não vão sair daqui sem me dar uma vida por uma vida. Você queimou Rashid. Dê-me Avicus. Quero que me dê Avicus agora por sua livre vontade.

— Isso não farei — disse eu, com frieza. Eu sentia meu poder acumulado dentro de mim. Olhei feroz para Asphar. O pobre menino bebedor de sangue tremia aterrorizado.

Eudoxia continuava entristecida na cadeira, com a cabeça ainda baixa.

— Que perda enorme houve aqui, Eudoxia — disse eu. — Nós poderíamos ter dado um ao outro tanta riqueza mental.

— Pare com essa conversa melosa, Marius — disse ela, erguendo com raiva os olhos cheios de lágrimas de sangue. — Você ainda me teme. Leve-me à Mãe e ao Pai, e deixe que a Mãe decida quem a guardará, você ou eu.

Respondi rápido:

— Não a quero debaixo do meu teto, Eudoxia. Mas levarei a questão à Mãe e ao Pai. E depois que falarem comigo, virei falar com você.

Voltei-me para Asphar.

— Acompanhe-nos até a saída agora — disse eu — ou eu o queimarei como queimei seu companheiro.

Ele obedeceu sem hesitação; e, uma vez que nos havia levado prontamente até a rua, fugimos dali.

CAPÍTULO 11



FUGIMOS.

Não há outro modo de descrever o que fizemos. Estávamos apavorados e fugimos. Assim que chegamos à nossa casa, fechamos todas as janelas e portas, com os postigos mais pesados.

Mas que diferença isso fazia diante de um poder como o que Eudoxia possuía?

Reunidos no pátio interno, fizemos uma avaliação da situação. Precisávamos descobrir nossos próprios poderes. Precisávamos saber o que nos havia sido concedido pelo tempo e pelo sangue.

Em poucas horas tínhamos algumas respostas.

Avicus e eu conseguíamos movimentar objetos com facilidade sem tocar neles. Podíamos fazê-los voar de um lado para o outro. Quanto ao Dom do Fogo, somente eu o possuía; e não conseguimos encontrar limitação para ele em termos do espaço da nossa casa. Isso queria dizer que eu conseguia fazer queimar a madeira por mais distante que ela estivesse de mim. E, com relação a seres vivos, decidi usar animais nocivos como vítimas e consegui incendiá-los de enorme distância sem dificuldade.

Quanto à nossa força física, ela era muitíssimo maior do que jamais havíamos suposto. Mais uma vez, revelei-me

superior nisso, como em tudo. Avicus estava em segundo lugar, e Mael, em terceiro.

Mas eu havia sentido alguma outra coisa quando estava com Eudoxia, e tentei explicar o que era a Avicus e Mael.

— Quando estávamos brigando, ela tentou me queimar com o Dom do Fogo. (E naquela época nós usávamos essas palavras de uma forma ou de outra.) Disso tenho certeza. Senti o calor. Mas eu a estava enfrentando com um poder diferente. Estava usando uma pressão contra ela. E isso é algo que preciso compreender.

Mais uma vez, escolhi os pobres ratos da nossa residência para meu exercício; e, segurando um deles, exerci a mesma força que havia utilizado quando lutava corpo a corpo com Eudoxia. A criatura praticamente explodiu, sem que houvesse o envolvimento de fogo.

Eu soube então que possuía um poder diferente do Dom do Fogo, que eu poderia chamar de Dom da Morte, e que o usara em minha defesa. Caso eu usasse essa pressão contra um mortal, e isso eu não pretendia fazer, os órgãos internos do mortal explodiriam e a pobre criatura morreria.

— Agora, Avicus — disse eu —, como você é o mais antigo de nós, veja se possui esse Dom da Morte, pois é bem possível que possua.

Tendo apanhado um rato, segurei-o enquanto Avicus direcionava o pensamento com toda a devida concentração; e, dentro de segundos, a pobre criatura sangrou pelas orelhas e pela boca e simplesmente morreu.

Isso fez com que Avicus ficasse pensativo.

Insisti com Mael para que tentasse a mesma força. Dessa vez, o rato contorceu-se enlouquecido, emitindo terríveis guinchos ou gritos, mas não morreu. Quando pus o bichinho no piso de mosaico do pátio, ele não conseguiu correr nem mesmo ficar em pé nas próprias patinhas; e eu, com pena, o sacrifiquei.

Olhei para Mael.

— O poder está crescendo em você — disse eu. — Os poderes estão aumentando em todos nós. Precisamos ser mais espertos, infinitamente mais espertos, quando enfrentarmos nossos inimigos aqui.

— Parece que eu poderia aleijar um mortal — disse Mael, fazendo que sim.

— Ou até fazê-lo cair — respondi. — Mas vamos voltar nossa atenção para o Dom da Mente. Todos nós o usamos para localizar um ao outro; e às vezes para comunicar um pensamento ou uma pergunta em silêncio, mas somente nos termos mais simples e mais presos à defesa própria.

Entramos na biblioteca e nos sentamos num pequeno triângulo; e procurei transmitir para a mente de Avicus imagens do que eu havia visto na imensa igreja de Santa Sofia, especificamente os mosaicos que eu mais havia apreciado.

De imediato ele foi capaz de descrevê-los para mim, até mesmo em detalhes.

Tornei-me então o destinatário dos seus pensamentos, que eram lembranças do ano remotíssimo em que ele fora levado do Egito para o norte, até a Bretanha, para assumir seu longo posto de serviço no Bosque dos Druidas. Na ocasião, estava acorrentado.

Fiquei abalado com essas imagens. Eu não só as via, mas também sentia uma profunda reação física. Precisei clarear minha visão e minha cabeça. Havia algo de uma intimidade esmagadora nas visões, embora houvesse ao mesmo tempo algo indefinível. Eu soube que nunca mais encararia Avicus como antes.

Agora era minha vez com Mael. Tentei enviar-lhe imagens da minha antiga casa em Antioquia, onde eu havia sido tão feliz — ou infeliz — com Pandora. E, mais uma vez, ele conseguiu descrever com palavras as imagens que eu transmitira.

Quando chegou sua vez de me enviar imagens, ele me permitiu ver a primeira noite na sua juventude em que teve permissão para se unir aos Fiéis da Floresta nas cerimônias do

Deus do Bosque. Essas cenas me desagradavam por motivos óbvios, e mais uma vez eu me senti chocado com elas. Senti também que eu agora o conhecia um pouco mais do que desejava.

Depois disso, tentamos escutar o pensamento uns dos outros às escondidas, técnica que sempre soubéramos possuir. E nos revelamos muito mais fortes nisso do que previámos. Quanto a ocultar nosso pensamento, todos nós conseguíamos esse intento quase com perfeição, até mesmo Mael.

Resolvemos então que fortaleceríamos nossos poderes na medida em que pudéssemos fazê-lo por nós mesmos. Usaríamos o Dom da Mente com mais freqüência. Faríamos tudo o que pudéssemos para nos preparar para Eudoxia e o que ela pretendesse fazer.

Afinal, tendo completado nossas lições e não tendo tido mais nenhuma notícia de Eudoxia ou dos seus agregados, resolvi descer ao santuário d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Avicus e Mael hesitaram em permanecer em cima sem mim. Por isso, permiti que descessem e esperassem junto ao portal, mas fiz questão de entrar sozinho no santuário.

Ajoelhei-me diante dos Pais Divinos e, em voz baixa, relatei o que havia ocorrido. Havia naturalmente algo de absurdo nisso, pois era provável que eles já soubessem.

Fosse qual fosse o caso, fui franco com Akasha e Enkil e relatei tudo o que Eudoxia me revelara, nossa luta terrível, e disse que eu não sabia o que fazer.

Aqui estava alguém que reivindicava o direito a eles, e eu não confiava em Eudoxia porque ela não demonstrava nenhum respeito por mim e por aqueles que eu amava. Disse-lhes que, se eles desejassem ser entregues a Eudoxia, eu só precisaria de um sinal, mas implorei que eu e meus companheiros fôssemos poupados.

Nada rompeu o silêncio da capela a não ser meus murmúrios. Nada mudou.

— Preciso do sangue, Mãe — disse a Akasha. — Nunca precisei mais do que agora. Se eu quiser me defender desta vez, vou precisar do sangue.

Levantei-me. Esperei. Desejei poder ver a mão de Akasha erguer-se como se havia erguido para Eudoxia. Pensei nas palavras do Criador dela: "Ela nunca destrói os que chama."

Mas não houve nenhum gesto carinhoso para mim. Havia somente minha coragem, quando eu mais uma vez abracei Akasha, e apertei meus lábios contra seu pescoço para então perfurar sua pele e sentir o sangue delicioso, indescritível.

O que vi no meu êxtase? O que vi nesse sublime prazer? Era o belo e exuberante jardim do palácio, cheio de árvores frutíferas tratadas com cuidado, o gramado macio e escuro, e o sol brilhando através dos galhos. Como eu poderia jamais me esquecer daquele sol fatal e de uma beleza suprema? Sob meu pé descalço, senti a pétala suave e amoldável de uma flor. No rosto, senti ramos delicados. Bebi sem parar, perdendo a noção do tempo, e o calor me paralisava.

É este o seu sinal, Mãe? Eu caminhava pelo jardim do palácio e tinha a impressão de estar segurando um pincel. E, quando levantei os olhos, estava pintando as próprias árvores que via lá em cima, criando o jardim na parede da minha casa, o jardim no qual eu estava caminhando. Eu entendia perfeitamente esse paradoxo. Aquele era um jardim que eu outrora pintara nas paredes do santuário. E agora ele era meu tanto na parede plana quanto em toda a minha volta, como se realmente existisse. E esse era o vaticínio. Preserve a Mãe e o Pai. Não tenha medo.

Recuei. Não conseguia sorver mais. Grudei-me a Akasha como uma criança. Eu me segurava no seu pescoço com a mão esquerda, a testa encostada nas pesadas tranças negras, e a beijava, repetidamente; eu a beijava como se esse e somente esse fosse o gesto mais eloqüente do mundo.

Enkil não se mexeu. Akasha não se mexeu. Dei um suspiro, e esse foi o único som.

Afastei-me então e me ajoelhei diante dos dois em agradecimento.

Como era total e completo meu amor por ela, minha cintilante deusa egípcia. Como eu acreditava que ela me pertencia.

E então por muito tempo refleti sobre esse problema com Eudoxia, e o entendi com um pouco mais de clareza.

Ocorreu-me que na ausência de um nítido sinal para Eudoxia, meu combate com ela seria até a morte. Ela jamais permitiria que eu permanecesse nessa cidade e pretendia tirar de mim Aqueles Que Devem Ser Preservados, de modo que eu precisaria usar o Dom do Fogo contra ela na medida do possível. O que acontecera mais cedo naquela noite era apenas o início da nossa guerrinha.

Era uma tristeza terrível para mim, porque eu admirava Eudoxia, mas sabia que ela havia sido por demais humilhada por nosso confronto para um dia vir a ceder.

Olhei para Akasha.

— Como vou lutar com essa criatura até a morte? — perguntei. — Essa criatura tem o seu sangue dentro dela. Eu tenho o seu sangue dentro de mim. Mas sem dúvida deve haver um sinal mais claro do que você quer que eu faça.

Fiquei ali por uma hora ou mais e então, finalmente, saí. Encontrei Avicus e Mael esperando onde eu os havia deixado.

— Ela me deu o sangue — disse eu. — Não estou me vangloriando. Só quero que vocês saibam. E acredito que esse seja seu sinal. Mas como posso saber? Acho que ela não quer ser entregue a Eudoxia, e acho que causará destruição se for provocada.

Avicus pareceu desesperado.

— Em todos os nossos anos em Roma — disse ele —, tivemos a sorte de ninguém de grande poder jamais ter-nos desafiado.

Concordei com ele.

— Os fortes entre os bebedores de sangue mantêm-se afastados de outros semelhantes a eles — disse eu. — Mas sem dúvida vocês devem entender que somos nós que a estamos desafiando. Poderíamos ir embora como Eudoxia nos pediu.

— Ela não tem o direito de nos pedir isso — disse Avicus. — Por que não pode tentar gostar de nós?

— Gostar de nós? — perguntei, repetindo suas palavras. — O que o leva a dizer algo tão estranho? Sei que está apaixonado por ela. Está claro. Já vi isso. Mas por que ela deveria gostar de nós?

— Exatamente por sermos fortes — respondeu ele. — Ela só tem à sua volta bebedores de sangue fraquíssimos, criaturas com não mais que meio século de idade. Nós podemos lhe passar informações, informações que ela pode desconhecer.

— E verdade, pensei a mesma coisa quando pus os olhos nela pela primeira vez. Mas com ela isso não vai acontecer.

— Por quê? — perguntou ele, novamente.

— Se ela quisesse seres fortes como nós, eles estariam aqui — disse eu. E então prossegui, desanimado. — Sempre podemos voltar para Roma.

Para isso, ele não teve resposta. Eu não sabia se pretendia isso mesmo. Enquanto subíamos a escada e passávamos pelos túneis até a superfície, segurei seu braço.

— Você está enlouquecido com pensamentos sobre ela — disse eu. — Precisa reconquistar seu eu espiritual. Não a ame. Faça disso um simples ato da vontade.

Ele fez que sim. Mas estava perturbado demais para ocultar essa perturbação.

Olhei de relance para Mael e achei que ele estava mais calmo a respeito de tudo isso do que eu havia imaginado. Veio então a pergunta inevitável.

— Será que ela teria destruído Avicus se você não a tivesse enfrentado? — perguntou Mael.

— Ela ia dar o melhor de si para tentar, sim — disse eu. — Mas Avicus é muito velho, mais velho que você e eu. E possivelmente mais velho que ela. E você viu a força dele hoje.

Inquietos, cheios de desconfiança e maus pressentimentos, seguimos para nosso sinistro repouso.

Na noite seguinte, assim que me levantei, soube que havia desconhecidos na casa. Fiquei furioso, mas mesmo naquela época eu já tinha alguma noção de que a raiva nos enfraquece.

Mael e Avicus vieram a mim de imediato, e nós três seguimos para descobrir Eudoxia e com ela o aterrorizado Asphar, além de mais dois jovens bebedores que não havíamos visto antes.

Estavam todos instalados na minha biblioteca como se fossem convidados. Eudoxia usava trajes orientais pesados e resplandecentes com longas mangas afuniladas e pantufas persas; e os densos cachos negros estavam presos acima das orelhas com pérolas e pedras preciosas.

O recinto não era tão requintado quanto a biblioteca na qual ela me havia recebido, pois eu não havia acabado de mobiliá-lo e providenciar outros acabamentos. Por isso, ela parecia ser o ornamento mais suntuoso à vista.

Mais uma vez, fiquei impressionado com a beleza do seu rosto pequeno, especialmente, creio eu, sua boca, muito embora seus olhos escuros e gélidos fossem tão hipnóticos quanto antes.

Tive pena do pobre Asphar, que sentia tanto medo de mim. E, quanto aos outros dois bebedores de sangue, os dois garotos na vida mortal e jovens na imortalidade, também tive bastante pena deles.

E preciso dizer que eram lindos? Haviam sido crianças crescidas quando foram transformados, seres esplêndidos com o corpo adulto e a boca e o rosto bochechudo de meninos.

— Por que vieram sem convite? — perguntei a Eudoxia. — Você está sentada na minha cadeira como se fosse minha

convidada.

— Perdoe-me — disse ela, com delicadeza. — Vim porque me senti forçada a vir. Já vasculhei sua casa inteira.

— E você se gaba disso? — perguntei.

Seus lábios estavam entreabertos como se ela pretendesse responder, mas então as lágrimas lhe subiram aos olhos.

— Onde estão os livros, Marius? — disse ela, baixinho. E olhou para mim. — Onde estão todos os livros antigos do Egito? Os livros que estavam no templo, os que você roubou?

Não respondi. Não me sentei.

— Vim porque esperava encontrá-los — disse ela, olhando para a frente, com as lágrimas escorrendo. — Vim aqui porque ontem à noite sonhei com os sacerdotes no templo e como eles costumavam me dizer que eu deveria ler os velhos textos.

Mesmo assim, não respondi.

Ela levantou os olhos e então, com as costas da mão, enxugou as lágrimas.

— Eu sentia as fragrâncias do templo, o cheiro do papiro — disse ela. — Vi o Ancião sentado à sua mesa.

— Ele expôs os Pais ao sol, Eudoxia — disse eu. — Não entre num delírio que o torne inocente. O Ancião era malévolo e culpado. O Ancião era egoísta e rancoroso. Você gostaria de saber seu destino final?

— No meu sonho, os sacerdotes me disseram que você levou os livros, Marius. Disseram que, sem nenhuma oposição, você entrou na biblioteca do templo e carregou todos os antigos rolos.

Eu não disse nada.

Mas seu pesar era de cortar o coração.

— Diga-me, Marius. Onde estão aqueles livros? Se você me permitir lê-los, se me permitir ler as antigas histórias do

Egito, então minha alma poderá encontrar alguma paz com você. Você pode fazer isso por mim?

Como respirei fundo com amargor.

— Eudoxia — disse eu, com delicadeza —, eles não existem mais, esses livros, e tudo o que resta deles está aqui, na minha cabeça. — Dei uma batidinha no lado da minha testa. — Em Roma, quando os selvagens do norte invadiram a cidade, minha casa foi queimada e minha biblioteca, destruída.

Ela abanou a cabeça e levou as mãos aos lados do rosto, como se não pudesse suportar a notícia.

Ajoelhei-me ao seu lado e tentei virá-la para mim, mas ela se recusou. Estava chorando em silêncio.

— Posso escrever tudo, tudo de que eu me lembre, e tenho tanto a lembrar — disse eu. — Ou você prefere que eu fale em voz alta para seus escribas? Você decide como quer receber o texto, e eu me disponho a dá-lo com carinho. Compreendo seu desejo.

Essa não era a hora de lhe dizer que grande parte do que procurava não representava nada, que os velhos textos eram cheios de superstições e tolices, até fórmulas de encantamentos que não tinham nenhum significado.

Até mesmo o Ancião perverso era dessa opinião. Mas eu havia lido esses rolos nos anos que passei em Antioquia. Eu me lembrava deles. Eles estavam dentro do meu coração e da minha alma.

Ela se voltou para mim lentamente. E, erguendo a mão, afagou meu cabelo.

— Por que você roubou aqueles livros?! — murmurou em desespero, ainda em lágrimas. — Por que você os tirou de um santuário onde eles se encontravam em segurança havia tanto tempo?!

— Eu queria saber o que estava neles — respondi com franqueza. — Por que você não os leu quando tinha uma vida inteira para isso? — perguntei, em tom delicado. — Por que não os copiou quando copiava para os gregos e os romanos? Como pode agora me culpar pelo que eu fiz?

— Culpá-lo? — disse ela, séria. — Eu o odeio por isso.

— O Ancião estava morto, Eudoxia — disse eu, baixinho. — Foi a Mãe quem matou o Ancião.

Apesar das lágrimas, seus olhos de repente se arregalaram.

— E você quer que eu acredite nisso? Que não foi você?

— Eu? Matar um bebedor de sangue que já tinha mil anos de idade quando eu acabava de nascer? — Dei um risinho. — Não. Foi a Mãe que o matou. E foi a Mãe que me pediu para tirá-la do Egito. Só fiz o que ela me pediu.

Encarei-a fixamente, com a determinação de que ela acreditasse em mim, de que ela ponderasse essa prova final e importantíssima antes de prosseguir no seu ódio contra mim.

— Examine minha mente, Eudoxia — disse eu. — Veja por si mesma as imagens disso tudo.

Por meu lado, revivi os momentos sinistros em que Akasha pisoteara o terrível Ancião, esmagando-o. Lembrei-me da lâmpada, transportada por magia do seu suporte, para derramar seu óleo em chamas sobre os restos. Como o sangue misterioso havia queimado!

— É — murmurou Eudoxia. — O fogo é nosso inimigo, sempre foi. Você está falando a verdade.

— Do fundo da minha alma — disse eu. — É verdade. E, tendo sido encarregado desse dever e tendo presenciado a morte do Ancião, como eu poderia deixar os livros para trás? Eu os queria da mesma forma que você. E os li quando estava em Antioquia. Estou disposto a lhe transmitir tudo o que continham.

Ela refletiu sobre isso por um bom tempo e depois fez que sim.

Pus-me de pé. Olhei para ela de cima. Estava sentada imóvel, cabisbaixa, e então tirou do interior de seus mantos um fino lenço e começou a enxugar as lágrimas de sangue.

Mais uma vez, reforcei minhas promessas.

— Escreverei tudo de que me lembrar — disse eu. — Escreverei tudo o que o Ancião me disse quando cheguei ao templo pela primeira vez. Dedicarei minhas noites a esse trabalho até que tudo esteja relatado.

Ela não me respondeu, e eu não conseguia ver seu rosto, a não ser que voltasse a me ajoelhar.

— Eudoxia — disse eu. — Temos muitos conhecimentos que podemos oferecer um ao outro. Em Roma, eu me enfastiei tanto que perdi o fio da vida por um século. Estou ansioso por ouvir tudo o que você sabe.

Ela estava avaliando essa oferta? Eu não saberia dizer. Então, sem levantar o rosto para mim, ela falou.

— Meu sono neste último dia foi agitado. Sonhei com Rashid pedindo-me socorro aos gritos.

O que eu poderia dizer? Estava desesperado.

— Não, não estou lhe pedindo palavras apaziguadoras — disse ela. — Só quero dizer que meu sono foi infernal. E então eu estava no templo e os sacerdotes estavam todos ao meu redor. Tive uma sensação horrível, a sensação mais pura, da morte e do tempo.

Ajoelhei-me diante dela.

— Isso nós podemos superar — disse eu. Ela me encarou nos olhos, como se tivesse suspeitas de mim e eu estivesse tentando enganá-la.

— Não — disse ela, baixinho. — Nós também morremos. Morremos quando chega a hora certa de morrermos.

— Eu não quero morrer — disse eu. — Dormir, sim, e às vezes dormir quase para sempre, mas morrer, não.

Ela sorriu.

— O que você gostaria de escrever para mim — perguntou ela —, se pudesse escrever absolutamente qualquer coisa? O que escolheria para pôr no pergaminho para eu ler e saber?

— Não o que estava naqueles antigos textos egípcios — disse eu, com eloqüência —, mas algo mais refinado, mais verdadeiramente universal, algo cheio de esperança e vitalidade que fala de desenvolvimento e vitória, que fala (como vou poder dizer isso de outro modo?) da vida.

Ela concordou, com uma expressão séria, e mais uma vez sorriu. Olhou para mim por um bom tempo, aparentemente com afeição.

— Leve-me lá embaixo ao santuário — disse ela, esticando-se para segurar minha mão.

— Pois bem — disse eu.

Quando me ergui, ela também o fez e então passou por mim para ir à minha frente. Isso poderia ter sido para me mostrar que conhecia o caminho; e, graças aos deuses, seu séquito ficou para trás, de modo que não precisei lhes dar essa ordem.

Desci com ela e, com o Dom da Mente, abri as numerosas portas sem tocar nelas.

Se isso lhe causou alguma impressão, ela não a manifestou. Mas eu não sabia se ainda estávamos em guerra. Não conseguia avaliar sua disposição de espírito.

Quando viu a Mãe e o Pai nos finos trajes de linho e com as jóias belíssimas, ela arquejou.

— Ó Pais Abençoados — murmurou. — Foi tão longo o caminho para chegar aqui.

Fiquei comovido com sua voz. Suas lágrimas voltaram a escorrer.

— Quem dera eu tivesse algo a lhe oferecer — disse ela, trêmula, contemplando a Rainha. — Quem dera eu tivesse algum sacrifício, alguma oferenda.

Eu não soube por que motivo, mas algo se agitou em mim quando ela pronunciou essas palavras. Olhei primeiro para a Mãe e depois para o Pai, e não detectei nada. No entanto, algo havia mudado no interior da capela, algo que talvez Eudoxia estivesse sentindo.

Inspirei a fragrância pesada que se erguia dos incensórios. Olhei para as flores tremulantes nos jarros. Contemplei os olhos vidrados da minha Rainha.

— Que presente posso lhe dar? — insistiu Eudoxia enquanto avançava passo a passo. — O que você poderia receber de mim que eu lhe entregaria do fundo da minha alma? — Ela se aproximava cada vez mais dos degraus, com os braços estendidos. — Sou sua escrava. Fui sua escrava em Alexandria quando você me deu o sangue pela primeira vez, e continuo sendo sua escrava agora.

— Dê um passo atrás — disse eu, de repente, embora não soubesse por que motivo. — Recue e cale-se — disse eu depressa.

Mas Eudoxia somente avançava, até subir o primeiro degrau do tablado.

— Você não entende que estou falando do fundo do coração? — disse-me ela, sem desviar o rosto do Rei e da Rainha. — Que eu seja sua vítima, Akasha santíssima, que eu seja seu sacrifício de sangue, Rainha santíssima.

Num abrir e fechar de olhos, o braço direito de Akasha ergueu-se e puxou Eudoxia para a frente num abraço apertado e brutal.

Veio de Eudoxia um grunhido apavorante.

Com apenas o menor movimento da cabeça, a boca avermelhada da Rainha abaixou-se, e eu vi os dentes afiados somente por um instante antes que se fincassem no pescoço de Eudoxia. Eudoxia estava indefesa, com a cabeça caída para um lado, enquanto Akasha bebia seu sangue; os braços de Eudoxia caídos sem forças como suas pernas, o rosto de Akasha inexpressivo como sempre, enquanto ela segurava com mais força e continuava a sugar.

Eu fiquei ali horrorizado, sem ousar desafiar nada do que estava vendo.

Não se passaram mais que alguns segundos, talvez meio minuto até Eudoxia dar um berro descontrolado e terrível. Ela tentava desesperadamente levantar os braços.

— Pare, Mãe, eu lhe imploro! — exclamei e, com toda a minha força, agarrei o corpo de Eudoxia. — Pare, eu lhe imploro, não tire sua vida! Poupe-a! — Tentei puxar o corpo. — Poupe-a, Mãe! — gritei. Senti o corpo mover-se nas minhas mãos e rapidamente o recolhi do braço encurvado que permanecia imóvel no ar.

Eudoxia ainda respirava, embora estivesse lívida e gemesse aflita. E nós dois caímos do tablado quando o braço de Akasha voltou à sua posição antiqüíssima, ao lado do corpo, com os dedos pousados sobre a coxa, como se nada tivesse ocorrido.

Eu estava jogado no chão com Eudoxia, que procurava recuperar o fôlego.

— Você queria morrer?! — perguntei.

— Não — disse ela em desespero. Estava ali deitada, arquejante, com as mãos trêmulas, incapaz de se pôr de pé.

Lancei um olhar perscrutador para o rosto da Rainha.

O sacrifício não conferira cor alguma às suas faces. E nos lábios não havia nenhum sangue vermelho.

Eu estava estupefato. Apanhei Eudoxia do chão e me apressei a retirá-la do santuário, pela escada acima, pelos vários túneis e finalmente para fora dos subterrâneos até a casa.

Ordenei a todos os outros que saíssem da biblioteca, batendo as portas com o Dom da Mente, e ali a deitei no divã para que ao menos recuperasse a respiração.

— Mas como — perguntou-me ela —, como você chegou a ter a coragem de me tomar das mãos dela? — Eudoxia agarrou-se ao meu pescoço. — Não me solte, Marius, não me solte por enquanto. Eu não posso… Eu não… Abrace-me forte. Aonde você foi buscar a coragem para se opor à sua própria Rainha?

— Ela estava prestes a destruí-la, Eudoxia — disse eu. — Ela estava prestes a responder à minha prece.

— E que prece foi essa? — perguntou ela.

Ela me soltou. Eu puxei uma cadeira para me sentar ao seu lado.

Seu rosto estava contraído e trágico; os olhos, brilhantes. Ela estendeu a mão e agarrou minha manga.

— Pedi um sinal do seu favor — disse eu. — Ela preferiria ser entregue a você ou permanecer comigo? Ela se manifestou. E você viu como foi.

Eudoxia abanou a cabeça, mas não foi em negação a nada que eu tivesse dito. Ela estava tentando recuperar sua clareza mental. Procurou levantar-se do divã e caiu para trás.

Por um bom tempo, ficou simplesmente deitada ali, com os olhos fixos no teto, e eu não conseguia decifrar seus pensamentos. Tentei segurar sua mão, mas ela a recolheu.

Então, com a voz grave, disse:

— Você bebeu do sangue dela. Você tem o Dom do Fogo e bebeu do sangue dela. E isso ela fez em resposta à sua prece.

— Diga-me, Eudoxia, o que a levou a se oferecer a ela? Por que você pronunciou aquelas palavras? Você alguma vez as havia pronunciado no Egito?

— Nunca — disse ela, num murmúrio emocionado. — Eu tinha me esquecido da beleza. — Ela parecia confusa, fraca. — Eu tinha me esquecido da atemporalidade. Eu tinha me esquecido do silêncio acumulado em torno deles como uma infinidade de véus.

Ela se voltou e olhou para mim, lânguida. Olhou ao redor. Percebi sua sede, sua fraqueza.

— É — disse ela, com um suspiro. — Traga-me meus escravos. Quero que eles saiam e consigam um sacrifício para mim porque estou muito fraca, por ter eu mesma sido o sacrifício.

Entrei no jardim do pátio e disse à sua pequena turma de lindos bebedores de sangue que fosse até ela. Ela poderia dar-lhes essa ordem desagradável sozinha.

Quando se foram para cumprir a lúgubre tarefa, voltei a ela. Estava sentada, o rosto ainda contraído, as mãos brancas

trêmulas.

— Talvez eu devesse ter morrido — disse-me ela. — Talvez estivesse escrito.

— O que significa escrito? — perguntei com desdém. — O que está escrito é que nós dois devemos morar em Constantinopla, você na sua casa com seus pequenos companheiros, e eu aqui, com os meus. E devemos de tempos em tempos ter uma aproximação entre as casas que seja agradável. Declaro que é isso o que está escrito.

Ela olhou pensativa para mim, como se estivesse avaliando minhas palavras tanto quanto poderia avaliar qualquer coisa depois do que lhe acontecera no santuário.

— Confie em mim — disse eu, desesperado, com a voz baixa. — Confie em mim pelo menos por um tempo. E depois, se formos nos separar, que a despedida seja amistosa.

— Como se fôssemos da Grécia Antiga? — perguntou ela, com um sorriso.

— Por que precisamos perder as boas maneiras? — disse eu. — Elas não foram nutridas no esplendor, como as artes que ainda nos cercam, a poesia que ainda nos consola e as comoventes histórias de heroísmo que nos distraem da cruel passagem do tempo?

— Nossas boas maneiras — repetiu ela, pensativa. — Como você é estranho!

Ela era minha inimiga ou minha amiga? Eu não sabia.

Rápido demais, seus escravos bebedores de sangue apareceram com uma vítima desgraçada e apavorada, um rico mercador que olhava para todos nós com olhos arregalados. Francamente ele nos ofereceu dinheiro em troca da vida.

Senti vontade de impedir aquela abominação. Quando eu havia feito uma vítima debaixo do meu teto? E isso deveria acontecer dentro da minha casa com uma pessoa que me implorava por misericórdia.

Dentro de segundos, porém, o homem foi forçado a se ajoelhar e Eudoxia se entregou a beber dele o sangue sem se

importar com minha presença ali a observar esse espetáculo. Dei meia-volta, saí da biblioteca e permaneci afastado até que o homem tivesse morrido e seu corpo ricamente trajado fosse levado embora.

Voltei finalmente à biblioteca, exausto, horrorizado e confuso.

Eudoxia estava muito melhor por ter se banqueteado com o pobre desgraçado e olhava para mim com determinação.

Sentei-me agora, pois não via motivo para permanecer em pé, indignado com algo que já estava acabado, e me senti imerso em pensamentos.

— Será que vamos poder conviver nesta cidade? — perguntei, com calma, olhando para ela. — Será que poderá haver paz nisso?

— Não sei a resposta para essas perguntas — disse ela. Havia algo de errado na sua voz, nos seus olhos, em toda a sua atitude. — Quero ir embora agora. Voltaremos a conversar.

Ela reuniu seu bando de seguidores, e todos saíram discretamente pela porta dos fundos da casa, a seu pedido.

Fiquei ali sentado muito quieto e extenuado com o que havia acontecido, e me perguntava se haveria alguma mudança em Akasha que se havia movimentado para beber o sangue de Eudoxia.

É claro que não haveria mudança alguma. Relembrei meus primeiros anos com Akasha, quando eu estava tão certo de poder trazê-la de volta à vida. E aqui, ela se mexera, sim, ela se mexera, mas como havia sido medonha a expressão no seu rosto liso e inocente, mais inexpressivo que o rosto dos mortais depois da morte.

Um terrível presságio abateu-se sobre mim, e nele a força sutil de Eudoxia parecia tanto um encanto quanto uma maldição.

E em meio a esse presságio conheci uma terrível tentação, um apavorante pensamento de rebeldia. Por que eu não entregara a Mãe e o Pai a Eudoxia? Eu teria me livrado deles, estaria livre dessa responsabilidade que tinha sobre os

ombros desde as primeiras noites da minha vida entre os Mortos-vivos. Por que não havia concordado?

Teria sido tão simples. E eu estaria livre.

E enquanto eu reconhecia esse desejo culposo no meu íntimo, enquanto eu o via crescer como um fogo alimentado por foles, percebi que durante aquelas longas noites no mar, na viagem até Constantinopla, eu havia em segredo desejado que nosso navio deparasse com alguma desgraça, que afundássemos e que Aqueles Que Devem Ser Preservados caíssem no fundo do oceano, para nunca mais voltar à superfície. Eu poderia ter sobrevivido a qualquer naufrágio. Mas eles teriam sido enterrados exatamente como o Ancião no Egito me dissera tanto tempo atrás, praguejando em forte crise de nervos enquanto dizia: "Por que eu não os afogo no mar?"

Ah, esses eram pensamentos terríveis. Eu não amava Akasha? Eu não lhe prometera minha alma?

Eu me deixava consumir pelo ódio a mim mesmo e pelo pavor de que a Rainha descobrisse meu segredo mesquinho — o de que eu queria me livrar dela, queria me livrar de todos eles… Avicus, Mael, Eudoxia com toda a certeza —, que eu desejava, pela primeira vez, perambular como um vagabundo como tantos outros, que eu desejava não ter nome, nem lugar, nem destino, mas apenas ficar só.

Eram pensamentos medonhos. Eles me isolavam de tudo o que eu valorizava. Eu precisava bani-los da minha cabeça.

Mas, antes que eu conseguisse me dominar, Mael e Avicus entraram correndo na biblioteca. Havia algum tipo de tumulto do lado de fora da casa.

— Você está ouvindo? — perguntou Avicus, nervosíssimo.

— Estou, pelos deuses — disse eu —, por que toda essa gente está gritando nas ruas?

Percebi que havia um enorme clamor, e que algumas daquelas pessoas estavam batendo com violência nas nossas janelas e portas. Estavam atirando pedras na casa. Os postigos de madeira estavam prestes a ser arrombados.

— O que está acontecendo? Qual é o motivo para tudo isso? — perguntou Mael, desatinado.

— Escutem! — disse eu, em desespero. — Estão dizendo que seduzimos um rico mercador a entrar na casa, que o assassinamos e deixamos seu corpo jogado na rua para apodrecer! Ah, maldita Eudoxia, vocês não entendem o que ela fez? Foi ela quem assassinou o mercador! E fez com que uma multidão se revoltasse contra nós. Só temos tempo de procurar abrigo no santuário.

Levei-os à entrada, ergui a pesada porta de mármore, e logo estávamos dentro do corredor, com plena consciência de que estávamos protegidos, mas que não tínhamos condição de defender nossa casa.

Então tudo o que pudemos fazer foi escutar, impotentes, enquanto a turba invadia e saqueava toda a nossa morada, destruindo minha biblioteca nova e tudo o que eu possuía. Não precisamos ouvir suas vozes para saber quando eles atearam fogo à casa.

Finalmente, quando tudo estava calmo lá em cima, quando apenas alguns saqueadores perambulavam em meio às vigas e escombros fumegantes, saímos do túnel e olhamos para as ruínas com uma profunda revolta.

Espantamos dali a gentalha. Depois, verificamos se a entrada do santuário estava de fato segura e disfarçada, o que na realidade estava, e finalmente nos dirigimos a uma taberna lotada, onde poderíamos conversar em torno de uma mesa, em meio a mortais.

Uma retirada dessas era, para nós, totalmente inacreditável, mas o que mais poderíamos fazer?

Contei a Avicus e a Mael o que havia acontecido no santuário, como quase todo o sangue de Eudoxia havia sido sugado pela Mãe e como eu havia interferido para salvar a vida dela. Expliquei então o que dizia respeito ao mercador mortal, pois eles o haviam visto quando fora trazido e depois quando fora levado embora, mas não sabiam de nada.

— Jogaram seu corpo num lugar onde seria encontrado — disse Avicus. — Ele foi uma isca para que a multidão se juntasse como se juntou.

— Nossa casa acabou — disse eu finalmente —, e o santuário estará perdido para nós até a hora em que eu tomar providências legais complexas e absurdas para adquirir, com um novo nome, o que já me pertence com o nome antigo; e a família do mercador exigirá justiça contra o infeliz indivíduo que eu era antes, se vocês estão me entendendo, de maneira que talvez eu não possa comprar a propriedade de modo algum.

— O que ela espera de nós? — perguntou Avicus.

— Isso foi um insulto a Aqueles Que Devem Ser Preservados — protestou Mael. — Ela sabe que o santuário fica por baixo da casa e mesmo assim instigou um tumulto para destruí-la.

Olhei fixamente para ele por um bom tempo. Estava muito disposto a censurá-lo pela raiva. Mas de repente senti que tinha uma confissão a fazer.

— Essa idéia não me havia ocorrido — disse eu. — Mas minha impressão é que você tem toda a razão. Foi um insulto a Aqueles Que Devem Ser Preservados.

— Ah, foi. O que ela fez foi uma afronta à Mãe — disse Avicus. — Sem dúvida, foi. Durante o dia, ladrões podem tentar arrancar o próprio piso que veda a passagem para o santuário subterrâneo.

Fui dominado por uma melancolia terrível. Uma raiva pura e juvenil fazia parte dela. A raiva nutria minha vontade.

— O que está acontecendo? — perguntou Avicus. — Toda a sua fisionomia está mudada. Diga-nos, neste instante, qual é seu pensamento, do fundo da alma.

— Não sei ao certo se posso verbalizar meus pensamentos — disse eu —, mas tenho consciência deles, e eles não são um bom prognóstico para Eudoxia ou para aqueles que ela diz amar. Vocês dois, tratem de fechar sua mente de todo para não dar nenhuma pista de onde se

encontram. Vão até o portão mais próximo da cidade e saiam dela. Escondam-se nas colinas durante o dia que chega. Amanhã, venham imediatamente encontrar-se comigo nesta taberna.

Caminhei com eles parte da distância até o portão e, vendo que prosseguiam em segurança, fui direto para a casa de Eudoxia.

Foi simples escutar lá dentro seus escravos bebedores de sangue, e com rispidez ordenei que abrissem a porta.

Eudoxia, sempre arrogante, ordenou-lhes que obedecessem ao meu pedido; e, uma vez que entrei na casa e vi os dois jovens bebedores de sangue, comecei a tremer de raiva, mas não podia hesitar e, com toda a minha força, queimei os dois ao mesmo tempo.

Era horrendo observar a violência desse fogo, que me deixou trêmulo e arquejante, mas eu não tinha tempo para observar nada. Asphar fugiu correndo de mim, e Eudoxia deu gritos ferozes para que eu parasse, mas queimei Asphar, encolhendo-me ao ouvir seus berros lastimáveis, e o tempo todo lutando contra os enormes poderes de Eudoxia com todas as forças que consegui reunir.

Na verdade, o fogo contra meu peito era tão quente que pensei que fosse morrer, mas endureci meu corpo inteiro e lancei meu próprio Dom do Fogo contra Eudoxia com força total.

Seus escravos mortais fugiam por todas as portas e janelas. Ela investiu contra mim, com os punhos cerrados, o rosto, a própria imagem da fúria.

— Por que está fazendo isso comigo?! — perguntou ela. Apanhei-a no colo enquanto ela lutava comigo, as ondas de calor passando por cima de mim, e a carreguei da casa e pelas ruas escuras até os escombros fumegantes acima do santuário.

— Quer dizer que você quis mandar uma multidão destruir minha casa — disse eu. — E quis fazer isso depois de eu salvá-la. Quis fazer isso enquanto me enganava com seus agradecimentos.

— Não lhe dei agradecimento algum — disse ela, contorcendo-se, girando, lutando contra mim, o calor me deixando exausto enquanto eu tentava controlá-la, suas mãos me empurrando com uma força espantosa.

— Você pediu minha morte em preces. Você pediu à Mãe que me destruísse — gritou ela. — Você mesmo me disse.

Cheguei afinal à pilha fumarenta de madeira e entulho e, encontrando a porta encoberta pelo mosaico, levantei-a com o Dom da Mente, o que permitiu a Eudoxia tempo suficiente para lançar no meu rosto um jato causticante.

Tive a sensação que um mortal poderia ter com água fervente. Mas a porta pesadíssima foi de fato aberta, e eu voltei a me proteger contra Eudoxia, enquanto puxava a pedra gigantesca para baixo às minhas costas com um braço e segurava Eudoxia com o outro. Comecei então a arrastá-la pelos complicados corredores que levavam ao santuário.

Repetidamente, o calor vinha me queimar, e eu sentia meu cabelo chamuscado e via a fumaça no ar ao meu redor, quando ela obtinha alguma vitória, por maior que fosse a minha força.

Mas consegui rechaçá-la e nunca a soltei. Mantendo-a presa com um braço, eu abria as portas, uma após a outra, repelindo seu poder, mesmo quando eu cambaleava. Continuei a arrastá-la na direção do santuário. Nada poderia me impedir, mas eu não podia feri-la com todas as minhas forças.

Não, esse privilégio estava reservado para alguém muito mais importante que eu. Finalmente, chegamos à capela, e eu a atirei no chão.

Isolando-me dela com todo o meu poder, voltei os olhos para a Mãe e o Pai, só para ver o mesmo quadro mudo que sempre me recebia.

E, não tendo mais nenhum sinal além desse e rechaçando mais uma onda de calor paralisante, apanhei Eudoxia do chão antes que pudesse se pôr de pé e, segurando-lhe os pulsos por trás das costas, eu a ofereci à Mãe, chegando

tão perto quanto minha ousadia permitiu, sem desarrumar os trajes da Mãe, sem cometer o que para mim era um sacrilégio em nome do que eu pretendia fazer.

O braço direito da Mãe estendeu-se para pegar Eudoxia, como que se desprendendo da tranqüilidade da Mãe; e, mais uma vez, a cabeça de Akasha fez aquele movimento leve, sutil e totalmente grotesco, com os lábios se entreabrindo, as presas expostas. Eudoxia dava berros quando eu soltei seu corpo e recuei.

Partiu de mim um suspiro enorme, desesperado. Ah, que assim seja!

E assisti, com horror mudo, enquanto Eudoxia se tornava a vítima da Mãe, com os braços golpeando o ar em vão, os joelhos fazendo força contra a Mãe, até que finalmente seu corpo flácido escorreu, liberado do abraço da Mãe.

Mais uma vez caída no piso de mármore, ela parecia uma belíssima boneca de cera branca. Não vinha dali nenhuma respiração audível. Os olhos escuros e redondos não se mexiam.

Mas ela não estava morta, não, de modo algum. Era o corpo de um bebedor de sangue com a alma de um bebedor de sangue. Somente o fogo poderia matá-lo. Esperei, refreando meus próprios poderes.

Muito tempo antes, em Antioquia, quando vampiros inconvenientes haviam atacado a Mãe, ela recorrera ao Dom da Mente para acender uma lâmpada e queimar seus restos com o azeite e o fogo. Do mesmo modo, ela havia agido com os restos do Ancião no Egito, como já descrevi. Era isso o que faria agora?

Aconteceu algo mais simples.

De repente, vi chamas se erguerem do peito de Eudoxia, e então chamas se espalharam por todas as suas veias. Seu rosto permaneceu terno e sem demonstrar sensação. Os olhos continuaram vazios. Seus membros se contorciam.

Não foi o meu Dom do Fogo que efetuou essa execução. Foi o poder de Akasha. O que mais poderia ter sido? Um novo

poder, latente nela por séculos a fio, agora revelado graças a Eudoxia e a mim?

Não ousei tentar adivinhar. Não ousei perguntar.

De imediato, as chamas que se erguiam do sangue altamente combustível do corpo sobrenatural inflamaram os trajes pesados e rebuscados; e toda a forma se incendiou.

Somente depois de um bom tempo o fogo se extinguiu, deixando um monte cintilante de cinzas.

A criatura inteligente e culta que Eudoxia havia sido não existia mais. A criatura deslumbrante e sedutora que vivera tanto e tão bem não existia mais. O ser que me dera tanta esperança quando pela primeira vez a vi e ouvi sua voz não existia mais.

Tirei meu manto e, ajoelhado como qualquer pobre faxineira, limpei essa poluição do santuário, para depois me sentar exausto no canto, com a cabeça encostada na parede. E, para minha surpresa, talvez para a surpresa da Mãe e do Pai, entreguei-me às lágrimas.

Chorei sem parar por Eudoxia, e também por mim mesmo por eu ter queimado com brutalidade aqueles jovens bebedores de sangue, aqueles imortais tolos, ignorantes e indisciplinados que haviam Nascido para as Trevas, como dizemos agora, só para serem peões numa briga.

Senti em mim uma crueldade que eu só podia abominar.

Finalmente, depois de me certificar completamente de que minha cripta subterrânea permanecia inexpugnável — pois agora os saqueadores formigavam nos escombros lá em cima — deitei-me para o sono do dia.

Eu sabia o que pretendia fazer na noite seguinte, e nada poderia me fazer mudar de idéia.

CAPÍTULO 12



NA NOITE SEGUINTE, encontrei-me com Avicus e Mael na taberna. Estavam dominados pelo medo, e escutaram perplexos enquanto eu lhes contava o que acontecera.

Avicus ficou arrasado ao receber a notícia, mas Mael não.

— Destruí-la — disse Avicus —, por que isso foi preciso? — Ele não sentia nenhuma falsa necessidade masculina de disfarçar sua dor e tristeza, e começou a chorar imediatamente.

— Você sabe por que motivo — disse Mael. — Não haveria como pôr um fim à sua inimizade. Marius sabia disso. Não o atormente agora com perguntas. Era o que tinha de ser feito.

Não consegui dizer nada, pois eu também tinha muitas dúvidas quanto ao que fizera. Tinha sido tão extremado e tão repentino. Eu sentia um aperto no coração e no peito quando pensava naquilo, uma espécie de pânico que reside no corpo mais que no cérebro.

Encostei-me para trás, observando meus dois companheiros e refletindo sobre o quanto seu afeto significava para mim. Tinha sido bom, e eu não queria deixá-los, mas era exatamente isso o que pretendia fazer.

Finalmente, depois que os dois tinham discutido discretamente por um tempo, fiz um gesto pedindo silêncio.

Sobre a questão de Eudoxia, eu tinha apenas algumas coisas a dizer.

— Foi minha raiva que assim exigiu — disse eu —, pois que outra parte de mim, além da raiva, tinha recebido o insulto do que ela nos fizera com a destruição da nossa casa? Não lamento que ela não exista mais, não, não posso lamentar. E, como lhes disse, isso ocorreu apenas por meio de uma oferenda à Mãe, e por que motivo a Mãe quis ou aceitou uma oferenda daquelas, não sei dizer.

"Há muito tempo em Antioquia, eu oferecia vítimas aos Pais Divinos: trazia os malfeitores, drogados e inconscientes, até o santuário. Mas nem a Mãe nem o Pai jamais aceitaram esse sangue.

"Não sei por que a Mãe bebeu o sangue de Eudoxia, a não ser que tenha sido porque Eudoxia se ofereceu e eu havia feito preces pedindo por um sinal. Agora está encerrada essa questão de Eudoxia. Ela não existe mais, com toda a sua beleza e seu encanto.

"Mas prestem bastante atenção ao que preciso lhes dizer agora. Vou deixá-los. Vou deixar esta cidade, que detesto, e naturalmente levarei a Mãe e o Pai comigo. Vou deixá-los e recomendo que vocês permaneçam juntos, como tenho certeza que pretendem fazer, pois seu amor um pelo outro é a fonte da sua força e resistência."

— Mas por que nos deixar?! — perguntou Avicus. Seu rosto expressivo estava carregado de emoção. — Como pode fazer uma coisa dessas? Fomos felizes aqui, nós três; caçamos juntos; encontramos malfeitores em quantidade. Por que você quer partir agora?

— Preciso ficar sozinho — disse eu. — Era assim antes e é assim agora.

— Marius, isso é uma loucura — disse Mael. — Você vai acabar de novo enfurnado na cripta com os Pais Divinos, dormindo até ficar fraco demais para despertar por si mesmo.

— Talvez, mas se uma coisa dessas acontecer — disse eu — vocês podem ter perfeita certeza de que Aqueles Que

Devem Ser Preservados estarão em segurança.

— Não consigo entendê-lo — disse Avicus, começando a chorar novamente. E chorou tanto por Eudoxia quanto por mim.

Não tentei impedi-lo. A taberna era mal iluminada e estava lotada. E ninguém prestou atenção a mais uma criatura, se bem que fosse uma esplêndida figura masculina, com a mão branca encobrindo o rosto, talvez bêbado, debruçado sobre a caneca de vinho, ao que qualquer um pudesse saber, chorando em cima do vinho e enxugando as lágrimas.

Mael aparentava uma tristeza terrível.

— Eu preciso ir — procurei explicar. — Vocês dois têm de perceber que o segredo da Mãe e do Pai precisa ser mantido. Enquanto eu permanecer com vocês, o segredo não estará em segurança. Qualquer um, mesmo alguém tão fraco quanto os escravos de Eudoxia, Asphar e Rashid, poderá captá-lo nos seus pensamentos.

— Mas como você sabe que eles o captaram?! — protestou Mael. Ai, aquilo era triste demais. Mas eu não podia ser dissuadido.

— Se eu estiver só — disse eu —, então somente eu possuirei o segredo de onde os Pais Divinos estão entronizados ou jazem adormecidos. — Fiz uma pausa, sentindo-me infelicíssimo e desejando que tudo isso pudesse ter sido feito com simplicidade; e me desprezando talvez mais do que nunca.

Mais uma vez eu me perguntava por que havia fugido de Pandora, e de repente pareceu-me que eu dera um fim a Eudoxia pelo mesmo motivo — o de que essas duas criaturas estavam associadas com maior certeza na minha mente do que eu me dispunha a admitir.

Mas não, não era a verdade. Eu realmente não sabia ao certo. O que eu sabia era que eu era um ser fraco, bem como um ser forte; e que poderia ter amado Eudoxia, talvez tanto quanto amara Pandora, se o tempo me houvesse dado a oportunidade.

— Fique conosco — disse Avicus. — Eu não o culpo pelo que fez. Você não pode ir embora por pensar que eu o culpo. Fui fascinado pelos encantos dela, sim, admito, mas não o menosprezo pelo que fez.

— Eu sei — disse eu, segurando sua mão e tentando tranqüilizá-lo. — Mas preciso estar só. — Não consegui consolá-lo. — Agora, prestem atenção, vocês dois. Vocês sabem como descobrir um esconderijo para si mesmos. É preciso que o façam. Eu por mim irei até a antiga casa de Eudoxia para fazer os planos para minha partida, já que não tenho mais nenhuma casa onde possa trabalhar. Vocês podem vir comigo, se quiserem, e ver que tipo de cripta talvez haja lá por baixo da estrutura, mas será um perigo fazer isso.

Nenhum dos dois queria chegar perto da casa de Eudoxia.

— Muito bem, então. Vocês são prudentes, sempre foram. Agora vou deixar que se arranjem sozinhos. Prometo não sair de Constantinopla por algumas noites. Há coisas que quero ver novamente, entre elas as grandes igrejas e até mesmo o Palácio Imperial. Venham me procurar na casa de Eudoxia, ou eu posso ir encontrá-los.

Beijei os dois, como os homens se beijam, sem delicadeza, com gestos ásperos e acalorados e abraços apertados; e então parti sozinho, pois era por estar sozinho que eu ansiava.

A casa de Eudoxia estava totalmente deserta. Mas algum escravo mortal estivera ali, pois havia lâmpadas acesas em quase todos os aposentos.

Vasculhei com o máximo cuidado aqueles aposentos palacianos e não descobri nenhum sinal de algum ocupante recente. Não havia nenhum outro bebedor de sangue a ser descoberto. Os suntuosos salões de estar e a espaçosa biblioteca estavam encobertos por um fino véu de silêncio, sendo o único som proveniente das diversas fontes em seu belo jardim interior, no qual o sol penetrava durante o dia.

Havia criptas no subsolo da casa, com pesados caixões de bronze, e eu contei esses para confirmar que havia de fato

destruído todos os seus escravos bebedores de sangue.

Então, sem dificuldade, encontrei a cripta onde ela costumava passar as horas do dia, com todos os seus tesouros e sua fortuna ali ocultos, e dois magníficos sarcófagos com pesada decoração em ouro, prata, rubis, esmeraldas e pérolas grandes, perfeitas.

Por que dois? Eu não sabia, a menos que talvez ela tivesse tido um companheiro no passado que agora não estava mais ali.

Enquanto eu examinava esse aposento esplêndido, fui presa de uma dor excruciante, uma dor tenebrosa muito semelhante ao pesar que sentira em Roma ao perceber que havia perdido Pandora totalmente e que nada poderia trazê-la de volta. Na realidade, era ainda pior, porque Pandora sem dúvida poderia existir em algum lugar, ao passo que Eudoxia não existia mais.

Ajoelhei-me ao lado de um dos sarcófagos, cruzei os braços para apoiar minha cabeça e, exausto, derramei lágrimas como havia feito na noite anterior.

Eu estava ali havia pouco mais de uma hora, desperdiçando a noite numa culpa mórbida e lamentável, quando de repente percebi passos na escada.

Não era um mortal. Isso eu soube de imediato, e soube também que não se tratava de nenhum bebedor de sangue que eu já tivesse visto.

Não me dei ao trabalho de me mexer. Quem quer que fosse, não era alguém forte. E na realidade a criatura era tão fraca e jovem ao ponto de me deixar ouvir seus pés descalços.

Tranqüila, surgiu à luz de um archote uma menina, uma menina talvez nem um pouco mais velha que Eudoxia na época em que fora levada para as Trevas, uma menina com cabelos negros repartidos ao meio e que lhe caíam em ondas sobre os ombros; com trajes tão belos quanto os que Eudoxia usara.

Seu rosto era impecável; os olhos perturbados, reluzentes; a boca, vermelha. Ela corava com o tecido humano

que ainda possuía. E a dolorosa seriedade da sua expressão tornava penetrantes todos os seus traços, bem como a linha forte dos seus lábios cheios.

É claro que eu devia ter visto em algum lugar alguém que fosse mais lindo que essa criança, mas não conseguia pensar em quem teria sido. Eu estava tão humilhado, na realidade, tão estupefato com essa beleza que me sentia um perfeito pateta.

Mesmo assim, num instante eu soube que essa menina havia sido amante de Eudoxia, que essa menina havia sido escolhida por sua beleza incomparável e por ser extremamente inteligente e instruída; e que, antes de nos convocar, Eudoxia havia encerrado essa menina oculta em algum canto.

O outro sarcófago naquele aposento pertencia a essa menina. O amor de Eudoxia por ela havia sido intenso.

É, tudo isso era lógico e evidente, e eu não precisava falar por enquanto. Eu só tinha de contemplar essa criança deslumbrante que estava parada à porta da cripta, com o archote aceso acima da sua cabeça, os olhos atormentados fixos em mim.

Afinal, num murmúrio contido, ela disse:

— Você a matou, não é mesmo? — disse ela. Era destemida, fosse pela simples juventude, fosse por uma coragem extraordinária. — Você a destruiu. Ela se foi.

Pus-me de pé como se tivesse recebido uma ordem da Rainha. Seus olhos me avaliaram. E então seu rosto tornou-se de uma tristeza completa.

Pareceu que ia cair ao chão. Consegui segurá-la um momento antes que isso acontecesse. Levantei-a então e a carreguei devagar pela escada de mármore acima.

Ela deixou a cabeça descansar no meu peito. E deu um suspiro profundo. Levei-a até o rebuscado quarto de dormir da casa e a deitei na cama imensa. No entanto, ela se recusou a ficar no travesseiro. Quis ficar sentada ali, e eu me sentei a seu lado.

Pensei que fosse me interrogar, que se tornasse violenta, que voltasse seu ódio contra mim, embora praticamente não tivesse nenhuma força. Não podia fazer dez anos que havia sido criada. E se estava com catorze anos quando isso aconteceu, eu não teria ficado surpreso.

— Onde você estava escondida? — perguntei.

— Numa casa velha — disse ela, baixinho. — Um lugar abandonado. Ela fez questão de que eu ficasse lá. Disse que mandaria me chamar.

— Quando? — perguntei.

— Quando tivesse acabado com você, quando você estivesse destruído ou tivesse sido expulso daqui. — Ela olhou para mim.

Não era mais do que uma linda mulherzinha! Eu queria tanto beijar seu rosto. Mas sua tristeza era tremenda.

— Ela disse que seria uma batalha, que você era um dos mais fortes que já haviam aparecido por aqui. Os outros foram fáceis. Mas com você ela não tinha certeza do resultado, e por isso precisava me esconder.

Fiz que sim. Eu não ousava tocá-la. Mas não sentia nada além de desejo de protegê-la, de envolvê-la nos braços, de dizer-lhe que, se ela quisesse dar socos no meu peito e me amaldiçoar, deveria fazê-lo; que, se quisesse chorar, poderia fazer isso também.

— Por que você não fala? — perguntou-me, com os olhos cheios de mágoa e perplexidade. — Por que está tão calado?

Abanei a cabeça.

— O que eu posso dizer? — perguntei. — Foi uma luta terrível. Eu não queria que acontecesse. Eu achava que todos poderíamos coexistir aqui em paz.

Com isso, ela sorriu.

— Ela nunca teria permitido isso — disse-me, rápido. — Se você soubesse quantos ela destruiu… A verdade é que eu mesma não sei.

Esse era um pequeno consolo para minha consciência, mas não me agarrei a ele. Deixei passar.

— Ela dizia que esta cidade lhe pertencia, e que era preciso o poder de uma imperatriz para protegê-la. Ela me tirou do palácio, onde eu era escrava. Trouxe-me aqui de noite, e eu estava apavorada. Mas depois comecei a amá-la. Eudoxia tinha tanta certeza de que eu a amaria. Ela me contava histórias de suas viagens. E então, quando vinham outros, ela costumava me esconder, e investia contra eles até que a cidade voltasse a ser dela.

Eu fazia que sim, enquanto escutava tudo isso, triste por ela e pela maneira sonolenta e tristonha com que falava. Não era mais do que eu havia suposto.

— Como você vai existir se eu a deixar aqui? — perguntei.

— Não vou poder existir! — respondeu ela, olhando nos meus olhos. — Você não pode me deixar aqui. Precisa cuidar de mim. Eu lhe imploro. Não sei o que significa existir sozinha.

Praguejei entre dentes. Ela ouviu, e eu vi a dor na sua expressão. Levantei-me e caminhei pelo quarto. Voltei a olhar para ela, essa mulher-criança, com a boca macia e o cabelo negro, comprido e solto.

— Como você se chama? — perguntei-lhe.

— Zenobia. Por que você não pode ler isso da minha cabeça? Ela sempre lia meus pensamentos.

— Eu poderia — disse eu —, se quisesse. Mas prefiro conversar com você. Sua beleza me confunde. Eu prefiro ouvir sua voz. Quem a transformou em vampiro?

— Um dos escravos — disse ela. — O que se chamava Asphar. Ele também se foi, não é mesmo? Todos se foram. Eu vi as cinzas. — Ela fez um gesto indefinido na direção dos outros aposentos. Murmurou uma série de nomes.

— E — disse eu —, todos morreram.

— Você teria me matado também se eu estivesse aqui — disse ela, com a mesma expressão de perplexidade e mágoa.

— Talvez — disse eu. — Mas agora acabou. Foi uma batalha. E quando uma batalha termina, tudo muda. Quem mais foi escondido fora daqui?

— Mais ninguém — respondeu ela, com sinceridade —, só eu, com um escravo mortal; e, quando acordei hoje à noite, ele não estava mais lá.

Devo ter parecido muito abatido, pois sem dúvida era assim que me sentia. Ela se voltou e, com a lentidão de uma pessoa atordoada, enfiou a mão por baixo dos pesados travesseiros na cabeceira da cama e tirou dali uma adaga.

Levantou-se então e veio na minha direção. Segurava a adaga no alto com as duas mãos, com a ponta voltada para meu peito. Olhava para a frente, mas não direto nos meus olhos. Os cabelos negros e longos caíam em ondas, emoldurando seu rosto.

— Eu deveria me vingar — disse ela, baixinho —, mas você só me impedirá se eu tentar.

— Não tente — disse eu com a mesma voz calma que havia usado com ela o tempo todo. Afastei a adaga com delicadeza. E, pondo um braço em torno dela, levei-a de volta para a cama.

— Por que ela não lhe deu o Sangue? — perguntei.

— O sangue dela era forte demais para nós. Foi o que ela nos disse. Todos os seus escravos bebedores de sangue eram roubados ou haviam sido criados uns pelos outros em obediência a ela. Ela dizia que seu sangue não era para ser compartilhado. Que ele viria com a força e o silêncio. Crie um bebedor de sangue, e você jamais ouvirá seus pensamentos depois. Era o que ela nos dizia. Por isso, Asphar me fez; e eu não o ouvia nem ele a mim. Ela precisava nos manter a todos em obediência, e isso não poderia fazer se fôssemos criados a partir do seu sangue poderoso.

Agora me doía que Eudoxia fosse a mestra, e que Eudoxia estivesse morta.

Essa aqui estava me estudando e então perguntou com a maior simplicidade na voz.

— Por que você não me quer? O que eu posso fazer para você me querer? — Ela continuou a falar, com ternura. — Você é lindo, com esse seu cabelo louro. Parece um deus, de verdade, alto desse jeito e de olhos azuis. Até ela o achava lindo. Foi ela quem me contou quem você era. Nunca tive permissão de vê-lo. Mas ela me disse que você era como os homens do norte. Ela descreveu como você andava por aí em seus mantos vermelhos…

— Não diga mais nada, por favor — disse eu. — Você não precisa me elogiar. Não vai fazer diferença. Não posso levá-la comigo.

— Por quê? — perguntou ela. — Só porque eu sei da existência da Mãe e do Pai?

Fiquei abalado.

Eu devia ler seus pensamentos, todos os seus pensamentos, saquear sua alma por tudo o que ela soubesse, pensei, mas não queria fazer isso. Não queria essa sensação de intimidade com ela. Sua beleza era excessiva, não havia como negar esse fato.

Diferentemente do meu modelo de perfeição, Pandora, nessa criatura adorável havia a promessa de uma virgem — a de que se poderia fazer dela o que se quisesse, sem perder nada — e eu acreditava que essa promessa continha uma mentira.

Respondi-lhe com um sussurro afetuoso, procurando não feri-la.

— E exatamente por isso que não posso levá-la. Por isso e porque preciso estar só.

Ela abaixou a cabeça.

— O que me resta fazer? — perguntou ela. — Diga-me. Virão homens aqui, mortais, exigindo os impostos desta casa ou qualquer outra banalidade, e eu serei descoberta, chamada de bruxa ou de herege e arrastada para as ruas. Ou então durante o dia eles poderão vir e, ao me encontrar dormindo

como os mortos no subsolo, com a esperança de me ressuscitar, me levarão para a morte certa à luz do sol.

— Pare, eu sei disso tudo — disse eu. — Você não percebe que estou tentando raciocinar?! Deixe-me sozinho por enquanto.

— Se eu o deixar sozinho, vou começar a chorar ou a berrar de tanta dor; e você não vai conseguir suportar. Você me abandonará.

— Não, eu não a abandonarei — disse eu. — Fique quieta.

Eu andava de um lado para o outro, com o coração consternado por ela, e a alma sofrendo por mim mesmo, por algo desse tipo ter acontecido a mim. Parecia uma terrível retaliação por eu ter exterminado Eudoxia. Na realidade, a criança parecia algum espectro surgido das cinzas de Eudoxia para me assombrar no momento em que eu planejava escapar do que havia feito.

Afinal, enviei meu chamado mudo a Avicus e Mael. Recorrendo ao meu fortíssimo Dom da Mente, insisti com eles, não, ordenei-lhes que viessem a mim na casa de Eudoxia e que não permitissem que nada os impedisse de vir. Disse-lhes que precisava deles e que esperaria até que chegassem.

Sentei-me então ao lado da minha jovem cativa e fiz o que tinha sentido vontade de fazer o tempo todo: afastei sua pesada cabeleira negra para trás dos ombros e beijei suas bochechas macias. Eram beijos vorazes, e eu sabia disso. Mas a textura da sua pele de bebê e da densa cabeleira ondulada estavam me levando a uma loucura muda, e eu não queria parar.

Ela ficou espantada com essa intimidade, mas nada fez para me rechaçar.

— Eudoxia sofreu? — perguntou-me ela.

— Muito pouco, se é que sofreu — respondi, parando de beijá-la. — Mas diga-me uma coisa. Por que ela simplesmente não tentou me destruir? Por que me convidou para vir aqui?

Por que conversou comigo? Por que me deu alguma esperança de que poderíamos chegar a um entendimento?

Ela refletiu sobre isso antes de responder.

— Você exercia um fascínio sobre ela — disse Zenobia — que outros não exerciam. Não era apenas a sua beleza, embora fosse uma boa parte do fascínio. Sempre foi para ela uma parte importante. Ela me disse que tinha ouvido falar de você de uma bebedora de sangue em Creta muito tempo atrás.

Não ousei interrompê-la! Eu a observava com olhos arregalados.

— Muitos anos antes — disse ela — essa bebedora de sangue romana viera à ilha de Creta, viajando a esmo, procurando por você e falando de você, Marius, o romano, patrício de nascimento, estudioso por vocação. A bebedora de sangue o amava. Ela não desafiou o suposto direito de Eudoxia a toda a ilha. Apenas procurou por você e, quando descobriu que você não estava mais lá, seguiu adiante.

Eu não conseguia falar! Estava me sentindo tão infeliz e tão empolgado que não conseguia dar uma resposta. Era Pandora! E aquela era a primeira informação que eu tinha sobre ela em trezentos anos.

— Não chore por isso — disse ela, com delicadeza. — Isso aconteceu há séculos. Sem dúvida, o tempo pode acabar com um amor desses. Que maldição se não puder.

— Não pode — disse eu, com a voz embargada e lágrimas nos olhos. — O que mais ela disse? Conte-me, por favor, os detalhes mais ínfimos de que você possa se lembrar. — Meu coração batia forte no peito. Na verdade, era como se eu tivesse me esquecido de que tinha um coração e agora precisasse descobrir.

— O que mais? Não há mais nada. Só que a mulher era poderosa e não se tratava de um inimigo fácil. Você sabe que Eudoxia sempre falava desse tipo de coisa. Era impossível destruir a mulher, e ela se recusava a esclarecer a origem da sua força descomunal. Isso era um mistério para Eudoxia… até que você chegasse a Constantinopla, e ela o visse, Marius, o

romano, nos brilhantes mantos vermelhos, atravessando a praça à noite, pálido como o mármore, no entanto com toda a convicção de um mortal.

Ela fez uma pausa. Ergueu a mão para tocar no lado do meu rosto.

— Não chore. Essas foram as palavras que ela usou: "com toda a convicção de um mortal."

— E como foi que você soube da Mãe e do Pai? — perguntei. — E o que essas palavras significam para você?

— Eudoxia falava deles com assombro — disse ela. — Dizia que você era imprudente, se não fosse louco. Mas veja bem, ela ia para um lado e depois para o outro. Essa sempre foi sua natureza. Ela o amaldiçoava pelo fato de que a Mãe e o Pai estavam nesta mesma cidade, e no entanto queria trazê-lo aqui, à casa dela. Por esse motivo, precisaram me esconder. Ela manteve os meninos, com os quais não se importava nem um pouco. E eu fui guardada em segurança.

— E a Mãe e o Pai? — perguntei. — Você sabe o que eles são? Ela abanou a cabeça.

— Só sei que você está com eles, ou que estava quando ela tocou no assunto. Eles são os Primeiros de nós?

Não respondi. Mas acreditei nela, que isso era tudo o que ela sabia, por extraordinário que fosse.

E agora realmente penetrei na sua mente, recorrendo a todo o meu poder para conhecer seu passado e seu presente, para conhecer seus pensamentos mais secretos e superficiais.

Ela olhou para mim com um olhar límpido, sem questionamento, como se estivesse sentindo o que eu estava fazendo, ou tentando fazer, com ela, e pareceu que não estava procurando ocultar nada.

Mas o que eu descobri? Apenas que ela me dissera a verdade. *Não sei mais nada sobre sua bela bebedora de sangue.* Ela foi paciente comigo, e depois veio uma onda de dor inquestionável. *Eu amava Eudoxia. Você a destruiu. E agora você não pode me deixar sozinha.*

Levantei-me e voltei a caminhar de um lado do quarto para o outro. Sua suntuosa decoração bizantina me sufocava. Os grossos cortinados estampados pareciam encher o ar de poeira. E de ponto algum daquele aposento eu conseguia enxergar o céu noturno, pois estávamos muito afastados do pátio interno.

Mas o que eu queria naquele exato momento? Somente me ver livre dessa criatura, não, livre de todo e qualquer conhecimento da sua existência, de toda e qualquer consciência dela, livre de um dia tê-la visto. E isso era perfeitamente impossível, não era?

De repente um ruído me interrompeu, e eu me dei conta de que finalmente Avicus e Mael estavam chegando.

Eles descobriram o caminho até o quarto de dormir pelos numerosos aposentos; e, quando os dois entraram, ficaram espantados de ver essa jovem deslumbrante sentada na lateral da imensa cama de cortinas pesadas.

Mantive-me em silêncio enquanto os dois absorviam o choque. De imediato, Avicus sentiu-se atraído por Zenobia, tão atraído por ela quanto havia sido por Eudoxia, e essa criaturinha ainda não havia proferido uma palavra sequer.

Em Mael, vi suspeita e um pouco de preocupação. Ele olhou para mim em busca de uma explicação. Não estava encantado pela beleza da jovem. Estava em pleno comando dos seus sentimentos.

Avicus aproximou-se de Zenobia; e enquanto eu o observava, enquanto eu via seus olhos se iluminarem com uma paixão por ela, percebi uma saída para mim. Percebi com nitidez e, ao fazê-lo, senti um remorso terrível. Senti que meu voto solene de me manter só era um enorme peso sobre mim, como se eu o houvesse feito em nome de algum deus, e talvez fosse isso mesmo. Eu o havia feito em nome d'Aqueles Que Devem Ser Preservados. No entanto, eu agora não deveria ter mais nenhum pensamento sobre eles, não na presença de Zenobia.

Quanto à menina-mulher, ela estava muito mais interessada em Avicus, talvez em virtude da sua devoção

imediata e evidente, do que no distante Mael, que demonstrava alguma suspeita.

— Obrigado por terem vindo — disse eu. — Sei que não era sua vontade pôr os pés nesta casa.

— O que houve? — perguntou Mael. — Quem é essa criatura?

— A companheira de Eudoxia, enviada para longe para sua própria proteção até que a batalha conosco terminasse. E, agora que está terminada, eis a criança.

— Criança? — perguntou Zenobia, com delicadeza. — Não sou nenhuma criança.

Tanto Avicus quanto Mael sorriram para ela, com indulgência, embora o ar de Zenobia fosse sério e cheio de censura.

— Eu tinha a idade de Eudoxia — disse ela — quando lhe deram o Sangue. "Nunca faça um bebedor de sangue maior de idade", dizia Eudoxia. "Pois uma idade avançada como mortal pode apenas levar à infelicidade posterior, decorrente de hábitos aprendidos na vida mortal." Todos os escravos de Eudoxia recebiam o Sangue com a minha idade, e portanto não eram mais crianças, mas bebedores de sangue preparados para a vida eterna no Sangue.

Eu não disse nada em resposta, mas jamais me esqueci dessas palavras. Preste atenção. Nunca me esqueci. Na verdade, chegou uma hora, mil anos depois, em que essas palavras tiveram um enorme significado para mim, e elas vinham atormentar minhas noites e me torturar. Mas logo chegaremos a esse ponto, pois pretendo cobrir esses mil anos com muita rapidez. Mas deixe-me voltar à minha história.

Esse pequeno discurso de Zenobia foi proferido com ternura, como todas as suas palavras até então; e, quando ela terminou, eu pude ver que Avicus estava encantado. Veja bem, isso não queria dizer que ele iria amá-la totalmente ou para sempre, disso eu sabia. Mas eu estava vendo que não havia nenhum obstáculo entre a criança e ele.

Ele se aproximou ainda mais e pareceu não saber como expressar seu respeito pela beleza dela. E então, para minha surpresa total, dirigiu-lhe a palavra:

— Eu me chamo Avicus — disse ele. — Sou amigo de Marius há muito tempo. — Olhou então para mim e de novo para Zenobia. E perguntou: — Você está sozinha?

— Estou totalmente só — disse Zenobia, se bem que lançasse um olhar na minha direção primeiro para ver se eu pretendia fazê-la calar-se. — E, se vocês todos, ou talvez apenas um de vocês, não me levarem daqui, ou não ficarem comigo nesta casa, estou perdida.

Fiz que sim para meus dois companheiros de longa data.

Mael lançou-me um olhar fulminante e abanou a cabeça em recusa. Olhou de relance para Avicus. Mas Avicus ainda estava contemplando nossa criança.

— Você não será deixada aqui desprotegida — disse Avicus. — Isso é inconcebível. Mas precisa nos deixar sozinhos agora para que possamos conversar. Não, você fica onde está. São muitos os aposentos desta casa. Marius, onde podemos nos reunir?

— Na biblioteca — disse eu de imediato. — Venham, vocês dois. Zenobia, não tenha medo e não tente escutar porque você pode ouvir somente partes do que estivermos dizendo; e o todo é o que importa. O todo é o que conterá os verdadeiros sentimentos do coração.

Fui à frente, e logo estávamos sentados na bela biblioteca de Eudoxia, da mesma forma que havíamos estado pouco tempo antes.

— Vocês precisam aceitá-la — disse eu. — Eu não posso. Estou partindo daqui e levando a Mãe e o Pai, exatamente como lhes disse. Acolham a menina para protegê-la.

— É impossível — protestou Mael. — Ela é fraca demais. E eu não a quero! Estou lhe dizendo sem rodeios, eu não quero essa menina!

Avicus estendeu o braço e cobriu a mão de Mael com a sua.

— Marius não pode levá-la — disse Avicus. — O que ele está dizendo é a pura verdade. Não se trata de uma escolha. Ele não pode ter uma criaturinha dessas a seu lado.

— Criaturinha — disse Mael, com repulsa. — Diga logo a verdade. Ela é uma criatura frágil, uma criatura sem nenhum conhecimento, e nos prejudicará.

— Imploro a vocês dois, aceitem a menina — disse eu. — Ensinem-lhe tudo o que sabem. Ensinem-lhe o que ela precisar para existir sozinha.

— Mas ela é mulher — disse Mael, revoltado. — Como seria possível que ela um dia vivesse sozinha?

— Mael, quando se é um bebedor de sangue esse aspecto não faz diferença — disse eu. — Uma vez que ela seja forte, uma vez que realmente saiba tudo, poderá viver como Eudoxia vivia, se assim decidir. Poderá viver da forma que bem entender.

— Não, eu não a quero — disse Mael. — Não vou aceitá-la. Por preço algum nem sob nenhuma condição.

Eu estava a ponto de falar, mas, quando vi a expressão no seu rosto, percebi que ele estava dizendo a verdade de uma forma ainda mais cabal do que ele mesmo sabia. Nunca aceitaria Zenobia; e, se realmente a deixasse com ele, eu a estaria deixando em perigo. Pois ele a abandonaria ou a deixaria desamparada; ou até mesmo algo pior. Seria apenas uma questão de tempo.

Olhei para Avicus somente para ver que ele estava desgraçadamente à mercê das palavras de Mael. Como sempre, estava sob o poder de Mael. Como sempre, não conseguia se livrar da raiva de Mael.

Avicus apelou para ele. Sem dúvida, isso não mudaria a vida tanto assim. Eles poderiam ensiná-la a caçar, não poderiam? Ora, sem dúvida, isso ela já sabia. Não era assim tão humana, essa menininha linda. Não era um caso perdido, e será que eles não deveriam fazer o que eu pedira?

— Quero que ela fique conosco — disse Avicus, com carinho. — Para mim, ela é linda. E eu vejo nela uma doçura que me comove.

— É. Existe isso — disse eu. — É bem real, essa doçura.

— E por que uma coisa dessas seria útil num bebedor de sangue? — perguntou a Mael. — Um bebedor de sangue deveria ser uma criatura doce?

Não pude falar. Pensava em Pandora. A dor em mim era simplesmente forte demais para que eu formasse palavras. Mas eu via Pandora. Eu a via, e sabia que ela sempre havia combinado a paixão e a doçura, e que tanto homens quanto mulheres podem ter essas características; e essa menina, Zenobia, poderia desenvolver os dois aspectos.

Desviei o olhar, sem conseguir falar com qualquer um deles enquanto discutiam, mas de repente percebi que Avicus tinha se encolerizado e que Mael estava fumegando de raiva.

Quando voltei a olhar para os dois, eles se calaram. E então Avicus olhou para mim como se estivesse em busca de alguma autoridade que eu sabia não possuir.

— Não posso determinar o futuro de vocês — disse eu. — Estou indo embora, como você sabe.

— Fique e mantenha a menina conosco — disse Avicus.

— Isso é inimaginável! — respondi.

— Você é teimoso, Marius — comentou Avicus, baixinho. — Suas próprias paixões mais fortes o apavoram. Poderíamos viver nós quatro nesta casa.

— Sou responsável pela morte da proprietária desta casa — respondi. — Não posso morar nela. É uma blasfêmia contra os deuses antigos eu me demorar tanto aqui. Os deuses antigos se encarregarão da vingança não tanto porque existem, mas porque eu um dia os respeitei. Quanto a esta cidade, já lhes disse, preciso deixá-la. E preciso levar Aqueles Que Devem Ser Preservados para um lugar onde estejam realmente em segurança e em segredo.

— A casa é sua por direito — disse Avicus. — E você sabe disso. Você a ofereceu a nós.

— Vocês não destruíram Eudoxia — disse eu. — Agora vamos voltar ao assunto em questão. Vocês vão aceitar essa menina?

— Não a aceitamos — respondeu Mael. Avicus não pôde dizer nada. Não tinha escolha.

Desviei meu olhar mais uma vez. Meus pensamentos estavam voltados por inteiro para Pandora na ilha de Creta, algo que não conseguia sequer visualizar. Pandora, a errante. E não disse nada por muitíssimo tempo.

Levantei-me então, sem me dirigir a nenhum dos dois, pois eles me haviam decepcionado, e voltei ao quarto onde a linda criaturinha estava deitada na cama.

Seus olhos estavam fechados. A luz da lâmpada era suave. Como parecia ser exuberante e passiva, com os cabelos em cascata sobre o travesseiro, a pele imaculada, a boca entreaberta.

Sentei-me a seu lado.

— Além da beleza, por que outros motivos Eudoxia a escolheu? — perguntei. — Ela chegou a dizer?

Ela abriu os olhos como se estivesse espantada, o que poderia ser o caso com alguém tão jovem, e então refletiu antes de acabar respondendo em voz baixa:

— Porque eu era espirituosa e conhecia livros inteiros de cor. Ela me fazia recitá-los. — Sem se levantar dos travesseiros, ergueu as mãos como se estivesse segurando um livro encadernado. — Bastava que eu olhasse de relance para uma página para me lembrar dela inteira. E eu não tinha nenhum mortal por quem me lamentar. Eu não passava de uma entre cem aias da imperatriz. Eu era virgem. E era escrava.

— Entendi. E mais alguma coisa?

Dei-me conta de que Avicus viera até a porta, mas não disse nada que acusasse sua presença.

Zenobia pensou por um instante e então respondeu:

— Ela disse que minha alma era incorruptível; que, apesar de eu ter visto perversidades no palácio imperial, ainda conseguia ouvir a música na chuva.

Fiz que sim.

— E você ainda a ouve? Essa música?

— Ouço — disse ela. — Mais do que nunca, creio eu. Mas, se você me abandonar aqui, não vai ser isso que vai me sustentar.

— Vou lhe dar algo antes de abandoná-la — disse eu.

— O que vai ser? O que pode ser? — Ela se sentou na cama, recuando entre os travesseiros. — O que você pode me dar que irá me ajudar?

— O que você acha? — perguntei, com delicadeza. — Meu sangue. Ouvi Avicus reprimir um grito junto à porta, mas não lhe dei atenção.

Na realidade, eu não estava prestando atenção a nada, a não ser a ela.

— Eu sou forte, minha pequena, muito forte. E, depois de beber de mim, por quanto tempo você quiser e o quanto você quiser, você será uma criatura diferente da que é agora.

Ela ficou atônita e atraída pela idéia. Ergueu tímida as mãos e as pousou nos meus ombros.

— E isso eu deveria fazer agora?

— Isso mesmo — disse eu. Eu estava ali sentado com firmeza e permiti que ela me segurasse; e, quando seus dentes penetraram no meu pescoço, dei um longo suspiro. — Beba, minha querida. Sugue tanto sangue de mim quanto puder.

Minha mente foi invadida por mil visões disparadas do palácio imperial, dos salões dourados, dos banquetes, de música e mágicos, da cidade ao sol com suas loucas corridas de bigas que se precipitavam ruidosas pelo Hipódromo, da multidão que aplaudia aos berros, do imperador que se levantava no camarote imperial e acenava para aqueles que o adoravam, das enormes procissões que passavam para entrar

em Santa Sofia, de velas e incenso, e mais uma vez de esplendor palaciano, desta vez debaixo daquele mesmo teto.

Comecei a me sentir fraco. Comecei a me sentir mal. Mas não importava. O que importava era que ela sorvesse tudo o que pudesse.

Afinal, caiu para trás nos travesseiros. Olhei para ela e vi as faces totalmente brancas com o Sangue.

Enquanto ela se esforçava para se sentar na cama, para olhar para mim, seus olhos estavam fixos como os de um bebedor de sangue recém-criado, como se antes nunca tivesse tido a verdadeira visão do Sangue.

Ela saltou da cama e caminhou pelo quarto. Deu uma grande volta, com a mão direita agarrando o tecido da túnica, o rosto refulgente na sua nova brancura, os olhos arregalados, vivos e marejados.

Ela olhava para mim como se nunca me houvesse visto antes. Parou, então, obviamente ouvindo sons distantes aos quais antes era surda. Cobriu as orelhas com as mãos. Seu rosto estava cheio de um assombro mudo e de doçura, é, doçura; e então focalizou os olhos em mim.

Tentei pôr-me de pé, mas estava fraco demais. Avicus veio em meu auxílio, mas eu o dispensei com um gesto.

— O que você fez com ela?! — exclamou ele.

— Vocês estão vendo o que eu fiz — respondi. — Vocês dois, que se recusaram a aceitá-la. Eu lhe dei meu sangue. *Eu lhe dei uma chance.*

Fui até Zenobia e fiz com que olhasse para mim.

— Preste atenção, Zenobia. Eudoxia lhe falou do início da vida dela?

— perguntei. — Sabe que pode sair à caça pelas ruas como um homem?

Ela me encarou com seus novos olhos, atônita, sem compreender.

— Você sabe que seu cabelo, se for cortado, volta a crescer ao longo do dia, e fica tão cheio e tão comprido quanto antes?

Ela abanou a cabeça, com os olhos passando por mim, pela infinidade de lâmpadas de bronze no quarto e pelos mosaicos nas paredes e no piso.

— Escute, minha linda, não tenho assim tanto tempo para lhe ensinar — disse eu. — Pretendo deixá-la armada com conhecimento além de força.

Garantindo-lhe mais uma vez que seu cabelo voltaria a crescer, cortei-o para ela, vendo-o cair ao chão; e então, levando-a aos aposentos dos rapazes bebedores de sangue, eu a vesti em trajes masculinos.

E então, dando severas ordens a Mael e Avicus para que nos deixassem, levei-a comigo pela cidade afora e tentei mostrar-lhe a maneira com que um homem caminharia, como ele poderia ser destemido, como era a vida das tabernas, que ela sequer havia imaginado, e como caçar sozinha.

O tempo todo eu a considerava encantadora como antes. Agora parecia ser sua própria irmã mais velha e mais experiente. E, enquanto ria debruçada sobre a costumeira caneca de vinho desperdiçada à mesa da taberna, eu me flagrava quase decidido a recomendar que viesse comigo, mas na realidade sabia que não podia fazer isso.

— Você realmente não parece mesmo um homem — disse-lhe eu, sorrindo —, com ou sem cabelo.

Ela riu.

— É claro que não. Eu sei. Mas estar num lugar como este, um lugar que eu nunca veria se não fosse você…

— Você pode fazer o que quiser agora. É só pensar. Você pode ser homem. Pode ser mulher. Pode não ser nenhum dos dois. Procure o Malfeitor, como eu faço, e nunca ficará engasgada com a morte. Mas sempre, quaisquer que sejam seus prazeres, quaisquer que sejam suas desgraças, não se exponha ao perigo do julgamento de outros. Meça suas forças e tome cuidado.

Ela fez que sim, com os olhos arregalados de fascinação. É claro que os homens na taberna lhe lançavam olhares. Achavam que eu tinha trazido meu menino bonito para beber comigo. Antes que as coisas fugissem ao controle, fui embora com ela, mas não antes que testasse seus poderes para ler o pensamento dos que estavam ao seu redor e para deixar atordoado o pobre menino escravo que trouxera nosso vinho.

Enquanto percorríamos as ruas, dei-lhe instruções aleatórias sobre como se comportar no mundo que achei que lhe pudessem ser úteis. Eu estava gostando demais dessa história.

Ela me descreveu todos os segredos do palácio imperial para que eu pudesse penetrar melhor ali e satisfazer minha curiosidade; e então nos encontramos de novo numa taberna.

— Você virá a me odiar pelo que fiz a Eudoxia — disse eu em tom de advertência — e pelo que fiz aos outros bebedores de sangue também.

— Não, isso não vai acontecer — disse ela, com simplicidade. — Você precisa entender que Eudoxia jamais me permitiu um momento de liberdade; e, quanto aos outros, eles sentiam por mim apenas desdém ou ciúme, eu nunca soube qual dos dois.

Fiz que sim, aceitando suas palavras, mas então fiz uma pergunta:

— Por que você acha que Eudoxia me contou a história da sua vida, de como ela própria um dia havia perambulado por Alexandria em trajes de rapaz, se nunca lhe contou essas coisas?

— Ela sentia alguma esperança de amá-lo — respondeu Zenobia. — Isso ela me confidenciou, não de modo direto, entenda bem, mas por meio das descrições que fazia de você, do seu entusiasmo por vê-lo. Mas essas emoções se misturavam na sua cabeça com uma atitude de cautela e astúcia. E eu acho que o medo que tinha de você saiu ganhando.

Fiquei calado, refletindo sobre o assunto, os ruídos da taberna como uma música.

Zenobia estava me observando e então falou:

— De mim, ela não queria nenhum conhecimento semelhante dela mesma, ou mesmo compreensão. Estava satisfeita por me possuir como um brinquedo. E, mesmo quando eu lia ou cantava para ela, na realidade ela não olhava para mim, nem se importava comigo. Mas você? A você, ela via como um ser digno dela. Quando falava em você, era como se ninguém estivesse ouvindo. Falava sem parar, fazendo o plano de chamá-lo à sua casa para conversar com você. Era uma obsessão, cheia de medo. Você não percebe?

— E deu tão errado — disse eu. — Mas, venha, há muitas coisas que preciso lhe ensinar. Não temos tantas horas até o amanhecer.

Saímos pela noite adentro, um segurando firme o outro. Como eu estava adorando treiná-la! Nisso havia um enorme encanto para mim.

Mostrei-lhe como poderia escalar muros sem esforço, como era fácil passar por mortal na penumbra e como poderia atrair para si vítimas mortais.

Entramos às escondidas em Santa Sofia, algo que ela acreditava ser impossível; e, pela primeira vez desde que havia recebido o Sangue, ela viu a enorme igreja que conhecera tão bem quando estava viva.

Finalmente, depois de cada um de nós ter feito sua vítima nas ruelas para matar a sede da noite, quando ela descobriu sua força nova e considerável, voltamos para a casa.

Lá encontrei os documentos oficiais referentes à sua propriedade e os examinei com ela, dando-lhe sugestões de como poderia manter a casa de Eudoxia como se fosse sua.

Avicus e Mael também estavam lá. E, como o amanhecer se aproximava, eles perguntaram se poderiam ficar.

— Isso vocês devem perguntar a Zenobia — disse eu. — Esta casa pertence a ela.

Imediatamente, com sua generosidade, ela lhes disse que ficassem. Poderiam usar os esconderijos que haviam pertencido a Asphar e Rashid.

Vi que ela considerava Avicus de uma beleza perfeita, com suas feições refinadas e seu corpo bem-feito. E também me pareceu que ela contemplava Mael com um ar por demais bondoso e ingênuo.

Eu não disse nada. Mas estava sentindo uma dor e confusão extraordinárias. Não queria me separar dela. Queria deitar-me na escuridão da cripta com ela. Mas estava na hora de me despedir.

Exausto, por melhor que houvesse sido a caça, e havia sido maravilhosa, voltei às cinzas da minha casa e desci até o santuário dos Pais Divinos para me deitar e dormir.

CAPÍTULO 13



CHEGUEI AGORA A UM PONTO importante na minha história, pois pretendo avançar no tempo cerca de mil anos na direção do presente.

Não sei dizer com exatidão quanto tempo se passou, pois não tenho certeza de quando deixei Constantinopla; só sei que foi bem depois do reinado do imperador Justiniano e de Teodora, e antes que os árabes se erguessem com a nova religião do islã e começassem sua veloz e notável conquista desde o Oriente até o Ocidente.

O que importa aqui, porém, é que não posso lhe contar toda a minha vida, e que decido agora saltar todos esses séculos que a história considerou adequado chamar de Idade das Trevas e durante os quais de fato passei por muitas pequenas aventuras que talvez confesse ou torne conhecidas em data futura.

Por enquanto, permita-me dizer apenas que, ao sair da casa de Zenobia naquela noite, eu estava extremamente inquieto pela segurança d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

O ataque da turba à nossa casa havia me deixado quase aterrorizado. Aqueles Que Devem Ser Preservados precisavam ser levados a um local seguro, distante de toda e qualquer cidade e de qualquer habitação minha no interior de uma cidade. Era necessário que chegar a eles fosse impossível a todos, menos a mim.

Aonde eu poderia levá-los, essa era a questão.

Não poderia ir para o Oriente em virtude do belicoso império persa, que já havia tirado dos gregos toda a Ásia Menor e até mesmo capturada a cidade de Alexandria.

Quanto à minha amada Itália, eu queria estar perto dela, mas não dentro dela, pois para mim era insuportável contemplar o tumulto por lá.

Mas eu sem dúvida tinha conhecimento de um lugar muito bom.

Os Alpes italianos, ou a cadeia de montanhas ao norte da península italiana, eram uma área que eu havia conhecido durante minha vida mortal. Os romanos haviam construído diversos passos através das montanhas. Eu mesmo, quando jovem e destemido, percorrera a Via Claudia Augusta e conhecia o perfil da região.

É claro que os bárbaros com freqüência devastavam os vales alpinos, quando desciam para atacar a Itália e quando recuavam. E agora havia também muito cristianismo naquelas terras, com igrejas, mosteiros e assemelhados.

Mas eu não estaria em busca de um vale fértil e populoso; e sem dúvida não queria um topo de montanha no qual um castelo, igreja ou mosteiro tivesse sido construído.

Precisava apenas do isolamento de um vale alto, pequeno e perfeitamente oculto, que somente eu poderia alcançar.

E eu me encarregaria da árdua tarefa de escalar, cavar, limpar e criar uma cripta, para depois trazer a Mãe e o Pai a esse local seguro. Somente uma criatura sobrenatural poderia fazer isso, e eu poderia. Eu precisava fazê-lo.

Realmente não havia nenhum outro caminho para mim.

O tempo todo, enquanto refletia sobre isso, enquanto contratava escravos e adquiria carroças para minha viagem, enquanto fazia os preparativos, Zenobia era minha companheira, se bem que Avicus e Mael teriam se unido a nós se eu houvesse permitido. Eu ainda estava muito revoltado com eles por sua recusa inicial a proteger Zenobia. E minha

raiva não se amenizava com o fato de que eles agora quisessem ficar com ela.

Zenobia ficava sentada comigo horas a fio nessa taberna ou naquela, enquanto eu criava meu plano. Eu me importava com a possibilidade de que ela lesse meus pensamentos sobre o local para onde estava indo? Nem um pouco, pois eu mesmo tinha dele apenas uma vaga noção. A localização final do santuário para Aqueles Que Devem Ser Preservados não seria conhecida por ninguém além de mim.

De um lugar seguro como esse, nas regiões alpinas, eu poderia sair para me alimentar da população de uma série de cidades diferentes. Na realidade, muita gente se havia instalado na terra dos francos, como eles se chamavam, e eu poderia até mesmo me aventurar a entrar na Itália se desejasse, pois agora estava muito claro para mim que Aqueles Que Devem Ser Preservados não necessitavam de modo algum da minha vigilância ou assistência diária.

Chegou afinal a última noite. As carroças já estavam carregadas com os preciosos sarcófagos; os escravos haviam sido hipnotizados, levemente ameaçados e subornados descaradamente com objetos de luxo e dinheiro; os guarda-costas estavam preparados para a viagem; e eu, pronto para partir.

Fui à casa de Zenobia e a encontrei chorando, amargurada.

— Marius, não quero que você vá — protestou ela.

Avicus e Mael estavam ali, olhando para mim, temerosos, como se não ousassem dizer o que estava no seu coração.

— Eu também não quero ir — disse a Zenobia, e então a abracei com mais carinho do que nunca e a beijei inteira como a havia beijado na primeira noite em que a encontrei. Sua pele macia de mulher-bebê sempre me fazia querer mais. — Preciso ir. Meu coração não aceita menos que isso.

Acabamos por nos separar, os dois exaustos de chorar, e sem nenhum alívio. Voltei-me então para os outros dois.

— Vocês vão cuidar dela — disse eu aos dois, em tom severo.

— É, pretendemos permanecer juntos — disse Avicus. — E não entendo por que você não pode ficar conosco.

Enquanto olhava para Avicus, um amor assombroso cresceu dentro de mim e eu disse, baixinho:

— Sei que não fui justo com você em tudo isso. Fui ríspido demais, mas não posso ficar.

Avicus então deu vazão às lágrimas, sem se importar com os olhares de censura de Mael.

— Você mal tinha começado a me ensinar tanta coisa — disse ele.

— Você poderá aprender com o mundo ao seu redor — respondi. — Poderá aprender com os livros nesta casa. Poderá aprender com… poderá aprender com aqueles que uma noite venha a transformar com o Sangue.

Ele fez que sim. O que mais havia a dizer?

Parecia o momento certo para eu dar meia-volta e ir, mas não consegui. Passei para outro quarto, e fiquei ali parado, cabisbaixo, sentindo talvez a pior dor que eu jamais conhecera.

Sentia uma vontade desesperada de ficar com eles! Disso não havia dúvida. E todos os meus planos agora não me davam força alguma. Levei minha mão à cintura e apalpei a dor dentro de mim como se fosse um fogo. Eu não conseguia falar. Não conseguia me mexer.

Zenobia veio a mim. Avicus também. Os dois me abraçaram, e então Avicus falou.

— Entendo que você precise ir. De verdade. Entendo, sim.

Não consegui responder. Mordi forte minha língua para fazer o sangue escorrer e, dando meia-volta, colei meus lábios aos dele, deixando o sangue passar para sua boca. Ele estremeceu com esse beijo, e sua mão me segurou mais forte.

Enchi então minha boca de sangue de novo, beijei Zenobia da mesma forma e ela me abraçou com força. Levantei seus cabelos longos, com um perfume suave, afundei meu rosto neles, ou melhor, puxei-os como um véu sobre meu rosto e mal conseguia respirar com a dor que sentia.

— Arno a vocês dois — murmurei. Perguntei-me se teriam me ouvido.

E então, sem mais nenhuma palavra, sem mais nenhum gesto, abaixei a cabeça e de algum modo achei o caminho para sair da casa.

Uma hora mais tarde, eu estava fora de Constantinopla, na rota movimentada até a Itália, sentado na frente da primeira carroça, onde poderia conversar com o chefe da minha guarda, que controlava as rédeas.

Eu estava bancando o mortal, cheio de conversa e riso, quando por dentro sofria; e continuaria a representar esse papel por muitas e muitas noites.

Não me lembro de quanto tempo viajamos, só que houve muitos lugarejos nos quais era possível parar e as estradas não eram tão desconfortáveis quanto eu havia temido. Eu vigiava de perto meus guarda-costas e era generoso na distribuição de ouro para comprar a lealdade; e assim prosseguíamos.

Depois de chegar aos Alpes, levei algum tempo para encontrar o ponto muito isolado em que construiria o santuário.

Finalmente, porém, numa noite em que o inverno não estava tão frio e o céu estava muito claro, avistei mais acima uma série de encostas íngremes desabitadas, pouco afastadas da estrada principal, que pareciam mais que perfeitas para meu plano.

Depois de levar minha caravana até o lugarejo mais próximo, voltei sozinho. Fiz uma escalada difícil que teria derrotado qualquer mortal e descobri o lugar exato, um vale minúsculo acima do qual eu poderia construir o santuário.

Voltando ao lugarejo, adquiri uma residência para mim e para Aqueles Que Devem Ser Preservados, e então mandei de

volta a Constantinopla meus guarda-costas e meus escravos, com recompensas vultosas pelo que haviam feito.

Houve muitas despedidas afetuosas dos meus companheiros mortais, confusos porém amistosos, e com excelente disposição eles partiram numa das carroças que lhes dei para a viagem de volta.

Como o lugarejo onde eu estava instalado não era imune a invasões, por mais satisfeitos que fossem seus moradores lombardos, dei início ao trabalho na noite seguinte.

Somente um bebedor de sangue poderia ter coberto com tamanha velocidade a distância que separava minha morada urbana do local definitivo do santuário. Somente um bebedor de sangue poderia ter escavado através da terra batida e da rocha para criar corredores que acabassem levando ao recinto quadrado da cripta, para então fazer a porta de pedra encouraçada que isolaria o Rei e a Rainha da luz do dia.

Somente um bebedor de sangue poderia ter pintado as paredes com os antigos deuses e deusas greco-romanos. Somente um bebedor de sangue poderia ter feito o trono de granito com tanto talento e em tempo tão curto.

Somente um bebedor de sangue poderia ter carregado a Mãe e o Pai um de cada vez montanha acima até o interior do local de repouso depois de pronto. Somente um bebedor de sangue poderia tê-los colocado lado a lado no trono de granito.

E quando tudo estava terminado, quem mais poderia ter se deitado no frio para chorar mais uma vez por sua costumeira solidão? Que outra pessoa poderia ter ficado ali jogado umas duas semanas em silêncio e exaustão, recusando-se a se mexer?

Não era de surpreender que naqueles primeiros meses eu tentasse despertar alguma vitalidade em Aqueles Que Devem Ser Preservados por meio de sacrifícios, como o de Eudoxia, mas para esses pobres mortais desgraçados — todos Malfeitores, posso lhe garantir — Akasha recusou-se a mexer seu poderosíssimo braço direito. E assim eu mesmo precisava dar fim a essas vítimas miseráveis e levar seus restos até o alto

das montanhas, onde os atirava sobre picos pontiagudos como nada mais que imolações a deuses cruéis.

Nos séculos seguintes, cacei com extremo cuidado nas cidadezinhas próximas, bebendo um pouquinho de muitos para nunca despertar suspeitas na população local, e às vezes viajava enormes distâncias para descobrir como estavam as coisas nas cidades que havia conhecido.

Visitei Pavia, Marselha e Lião. Lá freqüentava as tabernas, como sempre fora meu costume, ousando entabular conversa com mortais, adulando-os com vinho para que me contassem tudo o que se passava no mundo. De vez em quando, saía a explorar os próprios campos de batalha em que os guerreiros islâmicos obtinham suas vitórias. Ou acompanhava os francos ao combate, usando com facilidade a escuridão como meu escudo. E, durante esse período — pela primeira vez na minha existência imortal — fiz boas amizades com mortais.

Quer dizer, eu escolhia um mortal, um soldado por exemplo, e me encontrava com ele muitas vezes na taberna que ele freqüentava para conversar sobre sua visão do mundo, sobre sua vida. Essas amizades nunca foram muito longas ou muito profundas, pois eu não permitia que fossem; e, se em algum momento eu fosse acometido pela tentação de criar um bebedor de sangue, logo seguia adiante.

Cheguei, no entanto, a conhecer muitos mortais desse modo, até mesmo monges nos mosteiros, pois não sentia nenhum constrangimento em abordá-los, especialmente quando passavam por algum território perigoso, e acompanhá-los por um tempo enquanto lhes fazia perguntas corteses sobre como iam o papa, a Igreja e até as pequenas comunidades em que viviam.

Há histórias que poderia contar a respeito desses mortais, pois às vezes eu não conseguia resguardar meu coração tanto assim. Mas não tenho tempo para isso agora. Deixe-me apenas confessar que fiz amizades e que, quando recordo aquele tempo, peço a algum deus que possa estar disposto a me responder, que eu tenha com essas amizades proporcionado um lenitivo tão bom quanto o que recebi.

Quando sentia maior coragem no coração, eu descia à Itália e ia até Ravena para ver as igrejas maravilhosas que possuíam os mesmos mosaicos magníficos que eu havia visto em Constantinopla. Mas jamais ousei avançar mais que isso na minha terra natal. Era demasiado meu medo de ver a destruição de tudo o que um dia havia existido ali.

Quanto às notícias do mundo que eu ouvia daqueles com quem fazia amizade, em geral elas me deixavam arrasado.

Constantinopla havia abandonado a Itália, e somente o papa de Roma mantinha-se firme contra os invasores. Parecia que os árabes islâmicos haviam conquistado o mundo inteiro, até mesmo a Gália. E então Constantinopla viu-se envolvida numa terrível crise a respeito da validade de Imagens Sacras, condenando-as em princípio, o que significou a destruição em massa de mosaicos em igrejas bem como de ícones — uma horrenda guerra contra a arte que me atingiu a alma.

O papa de Roma não quis saber do assunto, graças aos céus; e, dando as costas oficialmente ao Império Oriental, tratou de fazer alianças com os francos.

Esse foi o fim do sonho do enorme império que incluiria o Oriente e o Ocidente. Foi o fim do meu sonho de que Bizâncio de algum modo preservaria a civilização que no passado Roma havia preservado.

Mas não significou o fim do mundo civilizado. Até mesmo eu, o amargurado patrício romano, tive de admitir isso.

Logo ergueu-se em meio aos francos um grande líder, que acabaria sendo chamado de Carlos Magno, e que obteve numerosas vitórias na manutenção de algum tipo de paz no Ocidente. Enquanto isso, reuniu-se ao seu redor uma corte em que alguma parte da antiga literatura latina era estimulada como uma chama debilitada.

Em geral, porém, era a Igreja que agora mantinha em atividade os aspectos da cultura que faziam parte do mundo romano no qual eu nascera. Ah, que ironia, que o cristianismo, essa religião de rebeldes, nascida do martírio durante a Pax Romana, agora preservasse os antigos textos, a língua, a poesia e a fala antigas.

À medida que os séculos se passavam, eu ficava mais forte. Cada dom que eu possuía era aperfeiçoado. Enquanto estava deitado na cripta com a Mãe e o Pai, eu conseguia ouvir a voz de pessoas em cidadezinhas distantes. Eu ouvia um eventual bebedor de sangue passar por perto. E ouvia pensamentos ou preces.

Finalmente veio a mim o Dom da Nuvem. Eu não precisava mais escalar a encosta até a cripta. Bastava que me decidisse a me erguer da estrada, e já me encontrava parado diante das portas ocultas que levavam ao corredor. Era assustador, mas mesmo assim eu adorava, pois conseguia transpor distâncias ainda maiores quando tinha disposição para isso, o que passou a ser menos freqüente com a passagem do tempo.

Enquanto isso, castelos e mosteiros foram surgindo naquela terra que outrora havia sido o território de belicosas tribos de bárbaros. Com o Dom da Nuvem, eu podia visitar os altos cumes sobre os quais essas estruturas maravilhosas foram construídas, e às vezes até entrar sorrateiro nos próprios aposentos.

Eu vagava a esmo pela eternidade; um espião em meio a outros corações. Era um ser de sangue que nada sabia sobre a morte e, no final das contas, nada sobre o tempo.

Às vezes, deixava-me levar pelos ventos. Sempre passei à deriva pelas vidas dos outros. E na cripta da montanha, eu me dedicava à costumeira pintura para Aqueles Que Devem Ser Preservados, cobrindo suas paredes, dessa vez com antigos egípcios vindo oferecer sacrifícios; e ali guardava meus poucos livros que me consolavam a alma.

Nos mosteiros, costumava espiar os monges, às escondidas. Adorava observá-los enquanto escreviam nos seus escritórios, e para mim era reconfortante ver que preservavam a antiga poesia grega e romana. De madrugada, eu entrava nas bibliotecas, e ali, figura encapuzada, debruçada sobre o atril, eu lia a antiga poesia e história do meu tempo.

Nunca fui descoberto. Era esperto demais. E muitas vezes permanecia do lado de fora da capela à noite, escutando

o cantochão dos monges, o que fazia brotar uma paz dentro de mim, muito semelhante ao efeito de caminhar pelos claustros ou ouvir os sinos do campanário.

Nesse meio tempo, a arte da Grécia e de Roma, que eu tanto amara, extinguiu-se totalmente. Foi substituída por uma austera arte religiosa. A proporção e o naturalismo não tinham mais importância. O que importava era que essas imagens representadas evocassem a devoção a Deus.

As figuras humanas em pinturas ou em pedra com freqüência eram macilentas a um grau impossível, com olhos fixos e desafiadores. Reinava um grotesco medonho. Não era por falta de conhecimento ou técnica, pois os manuscritos eram decorados com enorme paciência; e mosteiros e igrejas eram construídos a custos desmesurados. As pessoas que criavam essa arte poderiam ter feito o que quisessem. Era uma escolha. A arte não deveria ser sensual. A arte deveria demonstrar devoção. A arte deveria ser severa. E assim o mundo clássico se perdeu.

É claro que encontrei maravilhas nesse novo mundo, não posso negar. Recorrendo ao Dom da Nuvem, viajei às importantes catedrais góticas, cujos altos arcos superavam qualquer coisa que eu jamais tivesse visto. Fiquei estupefato com a beleza dessas catedrais. Assombravam-me as povoações dedicadas ao comércio que estavam surgindo por toda a Europa. Parecia que o comércio e os ofícios haviam colonizado a terra que a guerra sozinha não conseguira colonizar.

Falavam-se novos idiomas por toda parte. O francês era a língua da elite. Mas existiam também o inglês, o alemão e o italiano.

Vi tudo isso acontecer e no entanto não vi nada. Então, por fim, talvez no ano de 1200 — não sei ao certo — deitei-me na cripta para um longo sono.

Estava cansado do mundo e tinha uma força perfeitamente impossível. Confessei minhas intenções a Aqueles Que Devem Ser Preservados. As lâmpadas acabariam por se apagar, disse-lhes. E haveria somente a escuridão, mas

que eles por favor me perdoassem. Eu estava exausto. Queria dormir muito, muito tempo.

Enquanto dormia, eu recebia notícias. Minha audição sobrenatural era forte demais para eu dormir no silêncio. Eu não conseguia fugir da voz dos que clamavam, fossem eles bebedores de sangue, fossem eles humanos. Não conseguia escapar do desenrolar da história do mundo.

Era o que acontecia comigo no alto passo alpino onde estava escondido. Eu ouvia as preces da Itália. Ouvia as preces da Gália, que agora se tornara o país conhecido como França.

Ouvia as criaturas que estavam sofrendo com a terrível doença do século XIV, conhecida agora, com grande acerto, como a Peste Negra.

Abri os olhos na escuridão. Escutei. Talvez até mesmo tenha investigado. E então levantei-me, afinal, para descer até a Itália, receoso pelo destino do mundo. Precisava ver com meus próprios olhos a terra que amava. Precisava voltar.

A cidade que me atraiu foi uma que eu não havia conhecido antes. Era uma cidade nova, já que não existira nos antigos tempos dos Césares, e era agora um importante porto. Na realidade, era muito provável que fosse a maior cidade de toda a Europa. Chamava-se Veneza, e a Peste Negra lhe chegara por meio dos navios no seu porto. E milhares estavam doentes, sem esperanças.

Eu nunca a visitara antes. Teria sido muito penoso, e agora, quando entrei em Veneza, descobri que era uma cidade de palácios esplêndidos, construídos às margens de canais de um verde escuro. No entanto, a Peste Negra dominava a população, que morria diariamente em enorme quantidade, e barcaças levavam os corpos para que fossem enterrados nas profundezas do solo das ilhas na imensa laguna da cidade.

Por toda parte, havia pranto e desolação. As pessoas reuniam-se para morrer em enfermarias, o rosto coberto de suor, o corpo atormentado por tumefações incuráveis. O fedor dos mortos pairava por toda parte. Algumas pessoas tentavam fugir da cidade e da infestação. Outras permaneciam ao lado de seus entes queridos em sofrimento.

Eu jamais havia visto peste semelhante. E no entanto era em meio a uma cidade de um esplendor tão extraordinário que eu me descobria entorpecido de tristeza e fascinado pela beleza dos palácios, bem como pela fantástica igreja de São Marco, que prestava um belo tributo aos laços da cidade com Bizâncio, para onde enviava seus inúmeros navios mercantes.

Num lugar daqueles eu não podia fazer outra coisa senão chorar. Não era uma hora adequada para admirar à luz de archotes pinturas ou estátuas que me eram totalmente novas. Eu precisava partir, por respeito aos moribundos, não importava a criatura que eu fosse.

E assim segui na direção sul até outra cidade que não conhecera na minha vida mortal, a cidade de Florença, no coração da Toscana, uma região bela e fértil.

Veja bem, àquela altura eu estava evitando Roma. Não podia suportar a idéia de ver minha terra natal mais uma vez em ruínas e aflição. Não podia ver Roma atingida por essa peste.

Por isso escolhi Florença, como disse — uma cidade nova para mim e próspera, se bem que talvez não tão rica quanto Veneza, e não tão bela, embora fosse repleta de palácios enormes e ruas pavimentadas.

E o que encontrei além da mesma pestilência medonha? Valentões deploráveis exigiam pagamento para remover os corpos, muitas vezes espancando os moribundos ou aqueles que tentavam cuidar deles. Entre seis e oito corpos jaziam à porta de várias casas. Os padres iam e vinham à luz de archotes, tentando ministrar a extrema-unção. E por todos os cantos o mesmo fedor de Veneza, o fedor que diz que tudo está chegando ao fim.

Exausto e infeliz, entrei numa igreja, em algum ponto próximo do centro de Florença, embora eu não saiba dizer que igreja era; e me encostei na parede, contemplando o tabernáculo ao longe, iluminado por velas e me perguntando, como tantos mortais em oração se perguntavam: O que vai ser deste mundo?

Eu havia visto perseguições aos cristãos; bárbaros saqueando cidades; lutas entre o Oriente e o Ocidente até o rompimento final entre eles. Eu havia visto soldados do islã em sua guerra santa contra os infiéis; e agora eu via essa moléstia que estava cobrindo o mundo inteiro.

E que mundo! Pois ele sem dúvida havia mudado desde o ano em que eu fugira de Constantinopla. As cidades da Europa haviam crescido e se tornado belas como flores. As hordas de bárbaros se haviam tornado povos sedentários. Bizâncio ainda mantinha unidas as cidades do Oriente.

E agora esse terrível flagelo — essa peste.

Eu me perguntava por que continuava vivo. Por que eu precisava passar pela prova de presenciar todos esses acontecimentos trágicos e assombrosos? O que eu poderia depreender de tudo o que contemplava?

E entretanto, mesmo com toda a minha tristeza, vi que a igreja era linda com sua infinidade de velas acesas; e, avistando um pouco de cor muito adiante, numa das capelas à direita do altar-mor, encaminhei-me para lá na plena consciência de que encontraria belas pinturas por lá, pois já podia discernir alguma parte delas.

Nenhum dos que oravam com fervor na igreja prestou-me a menor atenção, uma criatura sozinha num manto de veludo vermelho provido de capuz, que passou rápido e em silêncio até a capela aberta para poder ver o que estava pintado ali dentro.

Ah, se as velas iluminassem mais. Se ao menos eu ousasse acender um facho. Mas eu tinha olhos de bebedor de sangue, não tinha? Por que me queixar? E nessa capela vi figuras pintadas diferentes de qualquer uma que já houvesse visto. Eram religiosas, sim; eram austeras, sim; e eram devotas, mas algo de diferente tivera início ali, algo que quase se poderia chamar de sublime.

Fora criada uma combinação de elementos. E senti uma enorme alegria mesmo no meio da minha dor, até ouvir uma voz grave atrás de mim, uma voz de mortal. Falava tão baixo que duvido que outro mortal sequer tivesse escutado.

— Esse morreu — disse o mortal. — Todos morreram, os pintores que fizeram essa obra.

Recebi um choque de dor.

— A peste os levou — disse o homem.

Era uma figura encapuzada, como eu, só que seu manto era de uma cor escura, e ele me olhava com olhos febris, brilhantes.

— Não tenha medo — disse ele. — Já sofri com ela, e ela não me matou. E não posso transmiti-la, sabia? Mas todos morreram, esses pintores. Eles se foram. A peste levou a eles e a tudo o que sabiam.

— E você? — perguntei. — Você é pintor? Ele fez que sim.

— Eram meus mestres — disse, fazendo um gesto na direção das paredes. — Esta *é* nossa obra, inacabada. Não posso terminá-la sozinho.

— Isso você precisa fazer — disse eu. Enfiei a mão na bolsa. Tirei algumas moedas de ouro e as entreguei a ele.

— Você acha que isso vai adiantar? — perguntou, abatido.

— É tudo o que tenho para dar — disse eu. — Talvez possa lhe proporcionar privacidade e tranqüilidade; e você possa começar a pintar de novo.

Voltei-me para ir embora.

— Não me deixe — disse ele, de repente.

Dei meia-volta e olhei para ele. Seu olhar estava no mesmo plano que o meu e era muito insistente.

— Todos estão morrendo, e você e eu não estamos. Não se vá. Venha comigo. Vamos tomar um copo de vinho. Fique comigo.

— Não posso — disse eu, tremendo. Eu estava muito encantado com ele, por demais. Estava tão prestes a matá-lo. — Eu ficaria com você se pudesse — respondi.

E então deixei a cidade de Florença, e retornei à cripta d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Deitei-me novamente para um longo sono, sentindo-me um covarde por não ter ido a Roma, e aliviado por não ter exaurido todo o sangue daquela criatura maravilhosa que me abordara na igreja.

Mas algo se transformara para sempre dentro de mim.

Na igreja em Florença eu havia vislumbrado novas pinturas. Eu havia visto de relance algo que me enchia de esperança.

Que a peste completasse seu curso, rezei, e fechei os olhos. E a peste finalmente extinguiu-se.

Todas as vozes da Europa cantavam.

Celebravam as novas cidades, importantes vitórias e derrotas terríveis. Tudo na Europa estava em transformação. O comércio e a prosperidade geravam arte e cultura, como as cortes reais, as catedrais e os mosteiros do passado recente haviam gerado.

Celebravam um homem chamado Gutenberg na cidade de Mainz, que havia inventado uma prensa que podia produzir livros baratos às centenas. A população em geral poderia possuir seus próprios exemplares da Sagrada

Escritura, livros dos tempos sagrados, livros de histórias cômicas e de belos poemas. Em toda a Europa novas prensas estavam sendo construídas.

Relatavam a tragédia da queda de Constantinopla diante do invencível exército turco. Mas as altivas cidades do Ocidente não dependiam mais do remoto Império Grego para sua proteção. O lamento por Constantinopla passou despercebido.

A Itália, a minha Itália, era iluminada pela glória de Veneza, Florença e Roma.

Agora estava na hora de eu deixar a cripta.

Despertei dos meus sonhos ansiosos.

Estava na hora de eu ver esse mundo que marcava seu tempo como o ano de 1482 depois de Cristo.

Por que escolhi esse ano, não tenho certeza; a não ser talvez porque nessa época as vozes de Veneza e Florença me chamassem com maior eloqüência, e por eu ter anteriormente visto essas cidades em sua aflição e dor. Eu queria desesperadamente vê-las em seu esplendor.

Mas antes precisava ir para casa, ir mais ao sul, até Roma.

Assim, acendendo as lâmpadas de azeite mais uma vez para meus Pais amados, espanando o pó dos seus adornos e dos seus trajes frágeis, orando para eles como sempre fazia, despedi-me para entrar numa das épocas mais empolgantes que o mundo ocidental já presenciara.

CAPÍTULO 14



FUI A ROMA. Nada menos que isso me contentaria.

O que encontrei por lá viria a ferir meu coração, mas também me deixaria surpreso. Era uma cidade enorme e movimentada, determinada a erguer-se a partir de camadas e mais camadas de ruínas, repleta de mercadores e artífices a trabalhar com afinco em majestosos palácios para o papa e seus cardeais, bem como para homens ricos.

O antigo Fórum e o Coliseu ainda estavam em pé. Na realidade, havia inúmeras ruínas reconhecíveis da Roma Imperial — o Arco de Constantino, inclusive —, mas blocos de pedra antiga eram constantemente surripiados para novas construções. Por toda parte, porém, havia estudiosos examinando essas ruínas; e muitos defendiam que elas fossem mantidas no estado em que se encontravam.

Com efeito, todo o impulso da época era na direção de preservar o que restava dos tempos antigos nos quais eu havia nascido, de realmente aprender com eles e imitar-lhes a arte e a poesia. E o vigor desse movimento superava meus sonhos mais arrebatados.

Como eu poderia dizer isso com mais lucidez? Essa próspera era, dedicada ao comércio e às finanças, na qual tantos milhares usavam trajes de veludo belos e suntuosos, estava apaixonada pela beleza da Grécia e da Roma Antiga!

Enquanto estava deitado na cripta durante os séculos de fastio, eu nunca havia pensado que uma mudança dessas

pudesse ocorrer; e de início estava enlevado demais por tudo o que via para fazer mais do que andar pelas ruas enlameadas, abordando mortais com a elegância que conseguisse reunir, para fazer-lhes perguntas sobre o que estava acontecendo ao redor e o que eles achavam dos tempos em que estavam vivendo.

É claro que eu falava o novo idioma, o italiano, que havia evoluído do antigo latim, e logo me acostumei a ele nos ouvidos e na língua. Não era um idioma assim tão ruim. Na verdade, era lindo, muito embora eu logo descobrisse que os estudiosos eram muito versados em latim e grego.

De uma enorme quantidade de respostas às minhas perguntas, também descobri que se considerava que Florença e Veneza estavam muito adiante de Roma em seu renascimento espiritual; mas, se o papa conseguisse o que pretendia, isso logo deveria mudar.

O papa não era mais apenas um governante cristão. Estava decidido a transformar Roma numa verdadeira capital cultural e artística; e ele não só estava completando as obras na nova Basílica de São Pedro, mas também trabalhava na Capela Sistina, uma fabulosa empreitada dentro dos muros do palácio.

Haviam trazido artistas de Florença para parte da pintura, e a cidade estava muito curiosa quanto aos méritos dos afrescos que haviam sido produzidos.

Passei o tempo que pude nas ruas e nas tabernas, escutando comentários sobre tudo isso, e então dirigi-me ao Palácio Papal, determinado a ver a Capela Sistina com meus próprios olhos.

Que noite decisiva seria para mim!

Em todos os séculos de escuridão, desde que eu deixara meus queridos Zenobia e Avicus, meu coração havia sido arrebatado por vários mortais e várias obras de arte, mas nada que eu vivenciara poderia ter me preparado para o que veria ao entrar na Capela Sistina.

Entenda bem, não estou falando de Miguelângelo, tão conhecido do mundo inteiro por sua obra ali, pois naquela

época Miguelângelo não passava de uma criança. E suas obras na Capela Sistina ainda estavam por vir.

Não, não foi o trabalho de Miguelângelo que eu vi naquela noite decisiva. Pode tirar Miguelângelo da sua cabeça.

Era o trabalho de outra pessoa.

Depois de passar com facilidade pelos guardas do palácio, logo me encontrei dentro do enorme retângulo dessa grandiosa capela, que, embora não estivesse aberta ao público em geral, estava destinada a ser usada para altas cerimônias quando estivesse terminada.

E o que atraiu meu olhar de imediato em meio à grande quantidade de afrescos foi um afresco enorme, cheio de figuras pintadas em cores vivas, todas envolvidas, aparentemente, com o mesmo senhor idoso e imponente com uma luz dourada que lhe emanava da cabeça em sua aparição em três grupos diferentes de pessoas que respondiam ao seu comando.

Nada me havia preparado para o naturalismo com que as numerosas figuras estavam pintadas, a expressão ao mesmo tempo nobre e cheia de vida no rosto das pessoas e o gracioso caimento dos trajes com que as criaturas estavam vestidas.

Havia grande inquietação entre esses três grupos de pessoas representadas com esmero, enquanto a figura de cabelos brancos com a luz dourada que irradiava da sua cabeça as instruía, repreendia ou corrigia, com o próprio rosto aparentemente severo e calmo.

Tudo coexistia numa harmonia como eu jamais poderia ter imaginado; e, embora sua criação por si só parecesse suficiente para garantir que essa pintura seria uma obra-prima, havia além das figuras uma maravilhosa representação de uma natureza exuberante e de um mundo indiferente.

Dois grandes navios daquele período estavam ancorados no porto distante, e mais além dos navios assomavam camadas de montanhas sob um belo céu azul; à direita estava o próprio Arco de Constantino, ainda incólume em Roma na época, meticulosamente detalhado em dourado como se nunca tivesse sido transformado em ruínas; e as colunas de outro prédio

romano, outrora esplêndido, agora um fragmento que se erguia em altura e altivez, embora o vulto de um castelo escuro assomasse mais atrás.

Ah, quanta complexidade, quantas combinações inexplicáveis, quantos temas estranhos e, no entanto, cada rosto humano era tão impressionante, cada mão trabalhada com tanto esmero.

Pensei que fosse enlouquecer só de olhar para aqueles rostos. Pensei que fosse enlouquecer só de olhar para as mãos.

Eu queria noites para guardar na memória aquela pintura. Queria naquele instante escutar à soleira de estudiosos que pudessem me dizer do que se tratava, pois eu mesmo não tinha nenhuma condição de decifrá-la! Para isso precisava de conhecimento. E mais do que qualquer outra coisa, sua pura beleza calava fundo em mim.

Todos os meus anos de melancolia desapareceram como se um milhão de velas tivessem sido acesas nessa capela.

— Ah, Pandora, se você pudesse ver isso! — murmurei. — Ah, Pandora, se ao menos você tivesse conhecimento disso!

Havia outras pinturas na Capela Sistina inacabada. Olhei de relance para elas até que meus olhos deram com mais duas de autoria do mesmo Mestre, e essas eram mágicas como a primeira.

Mais uma vez, havia uma multidão, todos com o mesmo rosto divino. Os trajes eram representados com uma profundidade escultural. E, se bem que reconhecesse o Cristo com seus anjos alados presente em mais de um local nesse afresco primoroso, eu não conseguia de modo algum interpretar essas imagens melhor do que conseguira interpretar as primeiras.

No final das contas, não fazia diferença o que essas pinturas significavam. Elas me preenchiam totalmente. E, numa delas, havia duas donzelas representadas com tanta sensibilidade e tanta sensualidade que fiquei perplexo.

A velha arte das igrejas e dos mosteiros jamais teria permitido algo semelhante. Na realidade, ela havia banido

totalmente esse tipo de carnalidade.

Entretanto, aqui na capela do papa estavam essas donzelas, uma de costas para nós, e a outra de frente, com uma expressão sonhadora nos olhos.

— Pandora — murmurei. — Eu a encontro aqui, e a encontro na sua juventude e beleza eterna. Pandora, você está aqui na parede.

Afastei-me desses afrescos. Andei de um lado para o outro. Depois retornei a eles, estudando-os com as mãos erguidas, com cuidado para não tocar neles, apenas passando as mãos por cima, como se tivesse de olhar através das mãos tanto quanto através dos olhos.

Eu precisava saber quem era esse pintor! Precisava ver sua obra. Eu estava apaixonado por ele. Precisava ver tudo que fosse de sua autoria. Seria jovem? Seria velho? Teria morrido? Eu precisava saber.

Saí da capela, sem saber a quem fazer perguntas sobre aquelas obras maravilhosas, pois decerto não poderia acordar o papa na cama para lhe perguntar. E, numa rua escura no alto de uma colina, encontrei um Malfeitor, um bêbado de pernas muito abertas com uma adaga pronta para mim, e bebi o sangue até me saciar numa onda de avidez que não sentia havia anos.

Pobre coitada dessa vítima. Eu me pergunto se, ao tirar-lhe a vida, lhe dei algum vislumbre daquelas pinturas.

Lembro-me tão bem do momento, pois estava no alto de uma escada estreita que descia pela colina até a *piazza* lá embaixo, e pensava apenas naquelas pinturas enquanto o sangue me aquecia. E quis voltar à capela de imediato.

Naquele instante algo me interrompeu. Ouvi o ruído nítido de um bebedor de sangue perto de mim, o passo desajeitado de alguém que era jovem. Cem anos? Não mais que isso, era meu cálculo. A criatura queria que eu soubesse da sua presença.

Virei-me e vi uma figura alta, musculosa e de cabelos escuros, trajada com o hábito negro de um monge. O rosto era

branco, e ele nada fazia para disfarçar. Em torno do pescoço, usava um cintilante crucifixo dourado, de cabeça para baixo.

— Marius! — murmurou ele.

— Maldito seja! — disse em resposta. Pelos deuses, como era possível que ele soubesse meu nome?! — Quem quer que você seja, deixe-me em paz. Afaste-se de mim. Estou avisando. Não permaneça na minha presença se quiser sobreviver.

— Marius! — disse ele mais uma vez e veio na minha direção. — Não tenho medo de você. Vim procurá-lo porque precisamos de você. Você sabe quem nós somos.

— Adoradores de Satã! — disse eu, revoltado. — Olhe para esse enfeite ridículo no seu pescoço. Se o Cristo existe, você acha que Ele presta alguma atenção a vocês? Quer dizer que vocês continuam com suas reuniõezinhas idiotas. Continuam com suas mentiras.

— Idiotas? — disse ele, calmamente. — Nunca fomos idiotas. Fazemos o trabalho de Deus quando servimos a Satã. Sem Satã, como poderia ter existido o Cristo?

Fiz um gesto desdenhoso.

— Afaste-se de mim — disse eu. — Não quero saber de vocês. — No meu coração estava trancado o segredo d'Aqueles Que Devem Ser Preservados. Pensei nas pinturas na Capela Sistina. Ah, aquelas lindas figuras, aquelas cores…

— Mas você não percebe — retrucou ele. — Se alguém tão antigo e poderoso quanto você quisesse ser nosso líder, poderíamos formar uma legião nas catacumbas desta cidade! Nas circunstâncias atuais, somos uns poucos desgraçados.

Seus grandes olhos negros estavam cheios do inevitável fanatismo. E a basta cabeleira negra tremeluzia na penumbra. Era uma criatura bem-apessoada, mesmo coberta de poeira e sujeira como estava. Eu sentia nos seus trajes o cheiro das catacumbas. Sentia nele o cheiro da morte, como se ele tivesse dormido com restos mortais. Mas era bonito, refinado de compleição e proporção como Avicus, não muito diferente de Avicus.

— Vocês querem ser uma legião? — perguntei. — Não está dizendo coisa com coisa! Eu estava vivo quando ninguém falava de Satã e ninguém falava de Cristo. Vocês são meros bebedores de sangue, e engendram histórias para si mesmos. Como poderiam imaginar que eu me disporia a vir até vocês para liderá-los?

Ele se aproximou para que eu pudesse ver melhor seu rosto. Era cheio de exuberância e honestidade. Sua postura era altiva.

— Venha a nós na nossa catacumba — disse ele —, venha nos ver e participar do nosso ritual. Cante conosco amanhã à noite antes de sairmos para caçar. — Falou com veemência e esperou em silêncio pela minha resposta. Não era uma criatura estúpida de modo algum, e também não parecia inexperiente como os outros seguidores de Satã que eu havia vislumbrado em séculos passados.

Abanei a cabeça. Mas ele insistiu.

— Eu me chamo Santino. Ouço falar de você há um século. Sonhei com o momento em que nos encontraríamos. Satã nos reuniu. Você deve nos liderar. Somente a você eu cederia minha liderança. Venha visitar meu covil com suas centenas de caveiras. — Sua voz era requintada, bem modulada. Falava um belo italiano. — Venha ver meus seguidores que adoram a Besta do fundo do coração. É o desejo da Besta que você nos lidere. É o desejo de Deus.

Como aquilo me enojava! Como eu desprezava a ele e a seus seguidores! E eu conseguia ver o intelecto nele. Conseguia ver a esperteza e a esperança de entendimento e perspicácia.

Quem dera que Avicus e Mael estivessem ali para exterminar a ele e a toda a sua gente.

— Seu covil com centenas de caveiras? — repeti. — Você acha que eu desejo ter o comando de um lugar desses? Hoje eu vi pinturas de uma beleza tal que não posso lhe descrever. Obras magníficas, ricas em cor e brilho. Nesta cidade, por toda parte, estou cercado de belíssimas atrações.

— Onde você viu essas pinturas? — perguntou ele.

— Na capela do papa — declarei.

— Mas como você teve a coragem de entrar lá?

— Para eu fazer uma coisa dessas não foi nada. Posso ensiná-lo a usar seus poderes…

— Mas nós somos criaturas das trevas — disse ele, com total simplicidade. — Não devemos nunca entrar em lugares de luz. Deus nos condenou às sombras.

— Que deus? — perguntei. — Vou aonde tenho vontade de ir. Bebo o sangue dos que são maus. E o mundo me pertence. E você vem me pedir para me enfurnar na terra com vocês? Numa catacumba cheia de caveiras? Você me pede para governar bebedores de sangue em nome de um demônio? Você é inteligente demais para essa sua crença, meu amigo. Renuncie a ela.

— Não — disse ele, abanando a cabeça e dando um passo atrás. — Nossa pureza *é* satânica! Você não vai conseguir me afastar dela com tentações, não com todo o seu poder e todos os seus ardis. E eu lhe dou as boas-vindas.

Eu havia atiçado alguma coisa nele. Dava para eu ver nos olhos negros. Ele sentia atração por mim, atração pelas minhas palavras, mas não conseguia admitir.

— Vocês nunca serão uma legião — disse eu. — O mundo jamais o permitirá. Vocês não são nada. Abandonem seus hábitos. Não criem outros bebedores de sangue para entrar nessa cruzada insensata.

Ele voltou a se aproximar como se eu fosse uma luz e ele quisesse estar exposto a ela. Encarou-me nos olhos, tentando sem dúvida ler meus pensamentos, dos quais não conseguiu obter nada a não ser o que eu dissera com palavras.

— Temos tantos dons — disse eu. — São tantas as coisas a serem observadas, a serem aprendidas. Deixe-me levá-lo comigo à capela do papa para ver as pinturas que acabei de mencionar.

Ele se aproximou ainda mais, e houve uma mudança no seu rosto.

— Aqueles Que Devem Ser Preservados — disse ele —, o que são? Foi como um golpe violento — que mais uma vez outro soubesse o segredo, um segredo que eu guardara tão bem por mil anos.

— Isso você jamais saberá — respondi.

— Não, preste atenção — disse ele. — Eles são profanos? Ou são sagrados?

Cerrei os dentes. Estendi a mão para agarrá-lo, mas, com uma ligeireza que me surpreendeu, ele me escapou.

Fui no seu encalço, segurei-o e, fazendo com que girasse, arrastei-o até o alto da escadaria estreita que descia pela colina.

— Nunca mais volte a se aproximar de mim, está me ouvindo? — disse-lhe eu. Ele lutava desesperadamente contra mim. — Posso matá-lo com o fogo da minha mente, se eu quiser. E por que eu não quero? Por que não me decido a exterminar todos vocês, suas pragas miseráveis? Por que não faço isso? Porque odeio a violência e a crueldade, muito embora vocês sejam mais maléficos que o mortal que matei para saciar minha sede hoje.

Ele lutava histérico para se livrar de mim, mas é claro que não tinha a menor chance.

Por que não o destruí? Será que minha mente estava muito ocupada com as lindas pinturas? Será que minha mente estava por demais sintonizada com o mundo mortal para ser arrastada a esse abismo de imundície?

Não sei.

O que sei *é* que o joguei pela escadaria de pedra abaixo de modo que ele foi rolando muitas vezes, desengonçado, desgraçado, até acabar conseguindo pôr-se de pé de qualquer jeito lá embaixo.

Lançou-me um olhar feroz, com a expressão cheia de ódio.

— Eu o amaldiçôo, Marius! — disse ele, com uma coragem extraordinária. Amaldiçôo a você e a seu segredo d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Fiquei pasmo com sua audácia.

— Estou lhe avisando, fique longe de mim, Santino! — disse eu, enquanto olhava para ele lá embaixo. — Sejam peregrinos pelo tempo afora. Sejam testemunhas de todas as coisas belas e esplêndidas criadas pelos humanos. Sejam verdadeiros imortais. Não adoradores de Satã! Não servos de um deus que os porá num inferno cristão. Mas, não importa o que façam, mantenham-se afastados de mim, para seu próprio bem.

Ele estava ali plantado, olhando enfurecido para mim aqui em cima.

Ocorreu-me então dar-lhe um pequeno aviso, se ao menos eu conseguisse. E pretendia tentar.

Acendi dentro de mim o Dom do Fogo, sentindo-o crescer em poder e o abrandei com extremo cuidado antes de enviá-lo lá para baixo na direção de Santino, com a determinação de que queimasse apenas a borda do seu hábito negro de monge.

De imediato o tecido em torno dos seus pés começou a fumegar e ele recuou horrorizado.

Interrompi o poder.

Ele deu voltas e mais voltas em pânico e arrancou o hábito chamuscado, ficando ali parado numa longa túnica branca, com os olhos fixos na roupa fumegante jogada no chão.

Mais uma vez, ele olhou para mim, destemido como antes, mas revoltado na sua impotência.

— Saiba o que eu poderia fazer com você e nunca mais volte a se aproximar de mim.

Dei-lhe então as costas. E fui embora.

Eu tremia só de pensar nele e nos seus seguidores. Estremecia de pensar que teria de usar o Dom do Fogo

novamente depois de todos esses anos. Estremecia ao me lembrar da chacina dos escravos de Eudoxia.

Ainda não era sequer meia-noite.

Eu queria o mundo novo e brilhante da Itália. Queria os artistas e intelectuais inteligentes daqueles tempos. Queria os enormes *palazzi* dos cardeais e dos outros habitantes poderosos da Cidade Eterna, que haviam sido erguidos depois de todos aqueles longos anos de desgraça.

Tirando da cabeça a criatura chamada Santino, aproximei-me de um dos novos *palazzi* no qual estava sendo realizada uma festa, um baile de máscaras com muita dança e mesas cobertas de iguarias.

Para mim não foi nenhum problema conseguir acesso. Eu estava provido dos belos trajes de veludo desse período; e, uma vez lá dentro, em meio aos convidados, fui bem recebido como todas as outras pessoas.

Eu não estava com máscara, só com meu rosto muito branco que era semelhante a uma; e minha habitual capa de veludo vermelho com capuz, que me distinguia dos outros convidados e ao mesmo tempo me tornava um deles.

A música era inebriante. As paredes refulgiam com belos quadros, embora nenhum fosse tão mágico quanto o que eu havia visto na Capela Sistina; e a multidão era numerosa e usava trajes suntuosos.

Rapidamente entabulei conversa com os intelectuais jovens, aqueles que estavam em acalorado debate sobre pintura e poesia, e fiz minha tola pergunta: Quem havia feito os afrescos magníficos na Capela Sistina que eu acabava de contemplar?

— Você viu essas pinturas? — disse-me um integrante do grupo. — Não acredito. Não nos permitiram entrar lá para vê-las. Descreva-me de novo o que viu.

Descrevi tudo, com muita simplicidade, como se eu fosse um menino em idade escolar.

— As figuras são de uma delicadeza suprema — disse eu —, com a expressão sensível; e cada ser, embora

representado com enorme naturalidade, é infimamente alongado.

As pessoas ao meu redor riram, simpáticas.

— Infimamente alongado — repetiu um dos mais velhos.

— Quem fez essas pinturas? — perguntei, implorando. — Preciso conhecer essa criatura.

— Terá de ir a Florença para conhecê-lo — disse o intelectual mais velho. — Você está falando de Botticelli, e ele já foi para casa.

— Botticelli — murmurei. Era um nome estranho, quase ridículo. Em italiano significa "barrilzinho". Mas para mim significava magnificência.

— Você tem certeza de que era Botticelli? — disse eu.

— Ah, tenho — disse o intelectual mais velho. — Os outros que estavam conosco concordaram com a cabeça. — Todos ficam assombrados com o que ele consegue fazer. É por isso que o papa mandou chamá-lo. Ele passou dois anos aqui trabalhando na Capela Sistina. Todo o mundo conhece Botticelli. E agora sem dúvida ele está tão ocupado em Florença quanto estava aqui.

— Só quero vê-lo com meus próprios olhos — disse eu.

— E quem é você? — perguntou um deles.

— Ninguém — murmurei. — Absolutamente ninguém.

A risada foi geral. Pareceu mesclar-se de um modo fascinante com a música à nossa volta e a luz de tantas velas.

Senti-me inebriado com o cheiro de mortais e com sonhos com Botticelli.

— Preciso encontrar Botticelli — murmurei. E, despedindo-me de todos, saí pela noite afora.

Mas o que eu iria fazer quando encontrasse Botticelli, essa era a questão. O que estava me impelindo? O que eu queria?

Ver todas as suas obras, sim, disso eu tinha certeza, mas o que mais minha alma exigia?

Minha solidão parecia tão desmesurada quanto minha idade; e me deixava assustado. Voltei à Capela Sistina.

Passei o resto da noite examinando os afrescos mais uma vez. Antes do amanhecer, um guarda deu comigo. Permiti que acontecesse. Com o Dom do Encantamento, convenci-o delicadamente de que eu estava no lugar certo.

— Quem é a figura aqui nessas pinturas? — perguntei. — O velho de barba e com a luz dourada irradiando da cabeça?

— Moisés — disse o guarda —, você sabe, Moisés, o profeta. Tudo isso está relacionado a Moisés, e a outra pintura está relacionada a Cristo. — Ele indicou. — Não está vendo a inscrição?

Eu não a havia visto, mas agora estava vendo. *A tentação de Moisés, portador da lei escrita.* Dei um suspiro.

— Gostaria de conhecer melhor essas histórias — disse eu. — Mas os afrescos são tão primorosos que a história não tem importância.

O guarda apenas deu de ombros.

— Você conheceu Botticelli quando ele estava pintando aqui? — perguntei. Mais uma vez, o homem apenas deu de ombros.

— Mas você não acha que suas pinturas são de uma beleza incomparável? — perguntei-lhe.

Ele olhou para mim com um ar ligeiramente obtuso.

Dei-me conta do ponto ao qual havia chegado minha solidão, para eu estar falando com aquela pobre criatura, tentando incutir nele alguma compreensão do que eu estava sentindo.

— Belas pinturas estão por toda parte agora — disse ele.

— É — disse eu. — É, eu sei que estão. Mas não são parecidas com estas. — Dei-lhe algumas moedas de ouro e saí

da capela.

Só me restava tempo suficiente para chegar à cripta d'Aqueles Que Devem Ser Preservados antes que amanhecesse.

Quando me deitei para dormir, sonhei com Botticelli, mas era a voz de Santino que me atormentava. E desejei que eu o tivesse destruído, o que, no final das contas, era um desejo bastante extraordinário para mim.

CAPÍTULO 15



NA NOITE SEGUINTE fui à cidade de Florença. É claro que foi magnífico vê-la recuperada da devastação da Peste Negra e, de fato, uma cidade de maior prosperidade, inventividade e energia que Roma.

Logo tive certeza do que havia suspeitado — que, tendo crescido em torno do comércio, a cidade não havia sofrido a ruína de uma era clássica, mas continuara se fortalecendo ao longo dos séculos visto que a família reinante, os Medici, mantinham o poder por meio de um grande banco internacional.

Por toda parte ao meu redor havia aspectos do lugar — seus monumentos arquitetônicos em expansão, suas pinturas de interiores, seus intelectuais perspicazes — que exerciam sobre mim forte atração, mas nada poderia realmente me impedir de descobrir a identidade de Botticelli, e de ver com meus próprios olhos não apenas suas obras, mas o homem em si.

Entretanto, atormentei-me um pouquinho. Instalei-me em aposentos de um *palazzo* perto da *piazza* principal da cidade, contratei um criado desajeitado e extraordinariamente crédulo para providenciar uma grande quantidade de roupas dispendiosas para mim, todas na cor vermelha, como eu preferia, e ainda prefiro a qualquer outra; e fui imediatamente a uma livraria. Não parei de bater até o homem abrir as portas para mim, aceitar meu ouro e me entregar os livros mais

recentes que “todo o mundo estava lendo” sobre poesia, arte, filosofia e temas semelhantes.

Então, recolhendo-me a meus aposentos, sentei-me à luz de uma lâmpada e devorei o que pude do pensamento do meu século. Afinal, deitei-me no piso, com os olhos fixos no teto, enlevado com o vigor da volta ao clássico, com o entusiasmo ardoroso pelos antigos poetas gregos e romanos e com a fé na sensualidade que essa era parecia ter.

Permita-me salientar aqui que alguns desses livros eram livros impressos, graças à milagrosa invenção da prensa tipográfica, e que fiquei totalmente pasmo com eles, muito embora eu preferisse a beleza dos antigos códices manuscritos, como preferiam muitos homens daquela época. Na realidade, é uma ironia que, mesmo depois que a prensa tipográfica estava bem estabelecida, houvesse pessoas que ainda se gabassem de possuir bibliotecas escritas a mão, mas estou divagando.

Eu estava falando do retorno dos antigos poetas gregos e romanos, da paixão daquela época pelos tempos do meu nascimento.

A Igreja romana era de um poder avassalador, como eu sugeri.

Mas aquela era uma época de fusão, bem como de expansão inconcebível — e era a fusão que eu vira na pintura de Botticelli — tão cheia de graça e beleza natural, embora tivesse sido criada para o interior da própria capela do papa em Roma.

Talvez fosse quase meia-noite quando saí cambaleante dos meus aposentos para encontrar a cidade sob toque de recolher, com as tabernas que o desafiavam e os inevitáveis valentões a perambular sem destino.

Eu estava atordoado quando entrei numa taberna imensa, cheia de jovens beberrões e alegres, onde um menino de bochechas rosadas cantava enquanto tocava alaúde. Sentei-me num canto pensando em controlar meus entusiasmos exacerbados, minhas paixões enlouquecidas. No entanto, eu precisava encontrar a casa de Botticelli. Precisava. Eu tinha de ver mais obras suas.

O que estava me impedindo? Do que eu tinha medo? O que estava acontecendo na minha cabeça? Os deuses decerto sabiam que eu era uma criatura de férreo controle. Eu não havia provado isso milhares de vezes?

Para a guarda de um Segredo Divino, eu não dera as costas a Zenobia? E eu não sofria rotineiramente e de modo justificado por ter abandonado minha incomparável Pandora, que eu poderia nunca voltar a encontrar?

Afinal não consegui suportar meus pensamentos confusos nem mais um instante. Aproximei-me de um dos homens mais velhos na taberna, que não estava cantando com os mais jovens.

— Vim aqui em busca de um grande pintor — disse-lhe eu. Ele deu de ombros e tomou um gole do vinho.

— Eu fui um grande pintor, mas não sou mais. Tudo o que faço é beber. Dei uma risada. Chamei a criada da taberna para servir-lhe mais uma caneca. Ele fez que sim em sinal de agradecimento.

— O homem que estou procurando chama-se Botticelli, ou foi o que me disseram. — Agora foi a sua vez de rir.

— Você está procurando o maior pintor de Florença. Não vai ter nenhuma dificuldade para encontrá-lo. Está sempre ocupado, não importa quantos vagabundos estejam no seu ateliê. Pode ser que esteja pintando agora.

— E onde fica o ateliê? — perguntei.

— Ele mora na Via Nuova, pouco antes da Via Paolino.

— Mas diga-me… — perguntei, hesitante. — Que tipo de homem ele é? Quer dizer, aos seus olhos?

Mais uma vez, o homem deu de ombros.

— Não é mau, não é bom, se bem que tenha senso de humor. Não é uma pessoa que deixe uma forte impressão na sua cabeça, a não ser através do que pinta. Você vai ver quando o conhecer. Mas não pense em contratá-lo. Ele já tem trabalho demais para fazer.

Agradeci ao homem, deixei dinheiro para mais vinho se ele quisesse e me esgueirei da taberna.

Com algumas perguntas, encontrei o caminho até a Via Nuova. Um vigia noturno mostrou-me como chegar à casa de Botticelli, indicando uma casa de bom tamanho, mas não um grande *palazzo,* onde o pintor morava com o irmão e a família do irmão.

Postei-me diante dessa casa simples como se estivesse diante de um santuário. Pude ver onde ficava sem dúvida o ateliê, pelas grandes portas que davam para a rua e ficavam inevitavelmente abertas durante o dia. E percebi que todos os aposentos, tanto do piso principal quanto do superior, estavam às escuras.

Como eu poderia entrar nesse ateliê? Como eu poderia ver que obra estava ali em andamento agora? Somente à noite eu poderia vir a esse local. Eu nunca amaldiçoara tanto a noite.

O ouro teria de conseguir isso para mim. O ouro e o Dom do Encantamento, embora eu não fizesse a menor idéia de como ousaria deixar atordoado o próprio Botticelli.

De repente, incapaz de me controlar mais um segundo, bati com força na porta da casa.

Como era natural, ninguém atendeu, e eu bati novamente. Afinal, uma luz clareou uma janela do andar superior, e eu ouvi passadas lá dentro.

Uma voz acabou por perguntar quem eu era e o que queria. Como eu deveria responder a uma pergunta dessas? Eu deveria mentir a alguém que idolatrava? Ah, mas eu precisava conseguir entrar ali.

— Marius de Romanus — respondi, criando o nome naquele mesmo instante. — Estou com uma bolsa de ouro para Botticelli. Vi suas pinturas em Roma e tenho imensa admiração por ele. Preciso pôr essa bolsa nas suas próprias mãos.

Houve um silêncio. Vozes atrás da porta. Dois homens consultando um ao outro quanto a quem eu poderia ser, ou por que motivo alguém contaria uma mentira dessas.

Um dizia para não atender. O outro dizia que valia uma olhadinha, e foi esse que puxou a tranca e abriu a porta. O outro segurava a lâmpada atrás dele, e eu vi apenas um rosto na sombra.

— Sou Sandro — disse ele, com simplicidade —, sou Botticelli. Por que você me traria uma bolsa de ouro?

Por um bom tempo, fiquei sem palavras. Mas em meio a essa mudez, tive a boa idéia de apresentar o ouro. Entreguei a bolsa ao homem e fiquei olhando em silêncio enquanto ele a abria, tirava os florins de ouro e os segurava.

— O que você quer? — perguntou ele. Sua voz era simples como suas maneiras. Era bastante alto. O cabelo era castanho-claro e já apresentava fios grisalhos, embora ele não fosse velho. Tinha olhos grandes, que pareciam capazes de compaixão, e o nariz e a boca bem desenhados. Ficou ali olhando para mim sem irritação ou suspeita, e obviamente pronto para devolver meu ouro. Acho que não devia ter quarenta anos.

Tentei falar e gaguejei. Pela primeira vez em toda a minha memória, gaguejei. Finalmente consegui deixar claro o que pretendia.

— Deixe-me entrar em seu ateliê agora à noite. Deixe-me ver seus quadros. É só o que quero.

— Pode vê-los de dia. — Ele deu de ombros. — Meu ateliê está sempre aberto. Ou você pode ir às igrejas nas quais já pintei. Minha obra está por toda parte em Florença. Você não precisa me pagar por isso. — Que voz sublime, que voz honesta. Havia algo de paciente e terno nela.

Contemplei-o como havia contemplado suas pinturas. Mas ele aguardava uma resposta. Eu precisava me dominar.

— Tenho meus motivos — disse eu. — Tenho minhas paixões. Gostaria de ver sua obra agora, se me permitir. Ofereço o ouro.

Ele sorriu e deu até um risinho sereno.

— Bem, você chega como se fosse um Rei Mago. Pois o pagamento sem dúvida vem a calhar. Entre.

Era a segunda vez em meus longos anos de vida que eu era comparado aos Magos das Escrituras, e adorei.

Entrei na casa, que não era de modo algum luxuosa; e, quando ele tomou a lâmpada da mão do outro homem, acompanhei-o por uma porta lateral para entrar no ateliê, onde ele pôs a lâmpada numa mesa cheia de tintas, pincéis e trapos.

Não conseguia tirar os olhos de cima dele. Esse era o homem que havia realizado as maravilhosas pinturas na Capela Sistina, esse homem comum.

A luz cresceu e encheu o recinto. Sandro, como ele se chamara, fez um gesto para sua esquerda; e, quando me voltei para a direita, achei que estava enlouquecendo.

Uma tela gigantesca cobria a parede; e, embora eu tivesse esperado ver uma pintura religiosa, por mais sensual que fosse, o que havia ali era outra coisa, era algo totalmente diferente, que me deixou mais uma vez emudecido.

O quadro era enorme, como indiquei, e era composto por algumas figuras; mas ao passo que as pinturas romanas me haviam confundido no que se referia ao seu tema, eu sabia muito bem qual era o tema daquela.

Pois não se tratava de santos e anjos, Cristos e profetas — não, longe disso.

Elevava-se diante de mim um enorme quadro da deusa Vênus em toda a sua nudez gloriosa, os pés pousados numa concha, os cabelos dourados desfeitos por leves brisas, firme o olhar sonhador; seus fiéis serviçais, o deus Zéfiro a soprar as brisas que a levavam na direção da terra e uma ninfa tão bela quanto a própria deusa, que lhe dava as boas-vindas à costa.

Respirei fundo e cobri o rosto com as mãos. E depois, quando descobri os olhos, encontrei de novo o quadro ali.

Um leve suspiro de impaciência veio de Sandro Botticelli. O que eu poderia, em nome dos deuses, dizer a esse homem sobre o brilho da sua obra? O que eu poderia lhe dizer para revelar a admiração que eu sentia?

Veio então sua voz, baixa e resignada.

— Se você vai me dizer que é abominável e pecaminoso, saiba que já ouvi isso milhares de vezes. Devolvo-lhe o ouro se quiser. Isso já ouvi milhares de vezes.

Voltei-me e caí de joelhos. Segurei suas mãos e as beijei com o máximo de intimidade que minha ousadia permitiu. Depois, levantei-me devagar, como um velho, primeiro um joelho e depois o outro, e recuei para contemplar a tela por um bom tempo.

Olhei novamente para a perfeita figura de Vênus, que cobria seu segredo mais íntimo com madeixas da cabeleira abundante. Olhei para a ninfa com a mão estendida e seus trajes volumosos. Olhei para o deus Zéfiro e a deusa com ele; e todos os ínfimos detalhes do quadro vieram a se instalar na minha mente.

— Como isso ocorreu? — perguntei. — Depois de tanto tempo de Cristos e Virgens, que um quadro desses pudesse finalmente ser pintado?

Da figura tranqüila do homem sem queixas, veio mais um risinho.

— Isso é da conta do freguês. Meu latim não *é* lá essas coisas. Eles lêem a poesia para mim. Pintei o que eles disseram que eu pintasse. — Fez uma pausa. Parecia perturbado. — Você acha que é pecado?

— Claro que não — respondi. — Quer saber o que eu acho? Acho que é um milagre. Fico surpreso por você sequer perguntar. — Olhei para o quadro. — Esta é uma deusa. Como o quadro poderia não ser sagrado?

Houve uma época em que milhões a adoravam do fundo do coração. Houve uma época em que as pessoas se consagravam a ela do fundo do coração.

— Bem, é verdade — disse ele, baixinho. — Mas ela é uma deusa pagã, e nem todo o mundo acredita que ela seja a padroeira do casamento como alguns dizem agora. Há quem diga que esse quadro é um pecado e que eu não o deveria estar fazendo. — Ele deu um suspiro de frustração. Queria dizer

mais, mas eu percebi que os argumentos estavam totalmente fora do seu alcance.

— Não dê ouvidos a esse tipo de coisa — disse eu. — Ele tem uma pureza que eu quase nunca vi na pintura. O rosto, seu modo de pintá-lo; ela é recém-nascida e no entanto sublime; mulher, porém divina. Não pense em pecado quando estiver trabalhando neste quadro. Ele tem muita vida, muita eloqüência. Tire da cabeça os tormentos do pecado.

Ele não respondeu, mas eu sabia que estava pensando. Voltei-me e tentei ler seus pensamentos. Pareciam caóticos, cheios de idéias vagas e culpa.

Era um pintor quase inteiramente à mercê dos que o contratavam, mas que se havia tornado excelente em virtude das particularidades que todos apreciavam na sua obra. Em nenhuma outra seus talentos se expressavam em mais plenitude que nesse quadro específico, e ele sabia disso, embora não conseguisse pôr a idéia em palavras. Pensou muito em como me falar do seu ofício e da sua originalidade, mas simplesmente não conseguiu. E eu não o pressionaria. Seria uma perversidade de minha parte.

— Não tenho as palavras que você tem — disse ele simplesmente. — Você realmente acredita que o quadro não é pecaminoso?

— Acredito, já lhe disse, ele não é pecaminoso. Se alguém lhe disser outra coisa, estará lhe mentindo. — Toda a ênfase que eu desse a esse ponto era pouca. — Contemple a inocência no rosto da deusa. Não pense em mais nada.

Ele parecia atormentado, e então fui dominado pela noção de como era frágil, apesar do seu imenso talento e da imensa energia que tinha para o trabalho. Os alicerces da sua arte poderiam ser totalmente arrasados pelos que o criticavam. E no entanto ele de algum modo prosseguia, a cada dia pintando os melhores quadros que sabia pintar.

— Não acredite neles — repeti, atraindo seu olhar de volta para mim. — Venha — disse ele —, você me pagou bem para apreciar minha obra.

Veja essa Virgem Maria com anjos. Diga-me o que acha.

Levou a lâmpada até a parede mais distante e a segurou de modo que eu pudesse ver a pintura circular ali suspensa.

Mais uma vez, fiquei por demais abalado com a sua beleza para conseguir falar. Mas era evidente que a Virgem era tão linda e pura quanto a deusa Vênus; e os anjos eram sensuais e encantadores como somente meninas e meninos muito pequenos conseguem ser.

— Eu sei — disse-me ele. — Você não precisa me dizer. Minha Vênus é parecida com a Virgem, e a Virgem é parecida com a Vênus, e é isso o que dizem de mim. Mas meus fregueses me pagam.

— Escute seus fregueses — disse eu. Queria tanto agarrar seus braços. Queria sacudi-lo delicadamente para que ele nunca se esquecesse das minhas palavras. — Faça o que eles disserem. Os dois quadros são magníficos. Os dois são os melhores que vi na minha vida.

Ele não tinha como saber o que eu queria dizer com essas palavras. Eu não podia lhe contar. Olhei firme para ele e, pela primeira vez, vi nele uma pequena apreensão. Ele havia começado a se dar conta da minha pele, e talvez das minhas mãos.

Estava na hora de ir embora antes que sua suspeita aumentasse ainda mais; e eu queria que ele tivesse boas lembranças de mim, não lembranças cheias de medo.

Apanhei outra bolsa que trazia comigo. Estava cheia de florins de ouro.

Ele fez um gesto de recusa. Na realidade, insistiu muito na recusa. Eu a coloquei sobre a mesa.

Por um instante, apenas nos olhamos.

— Até a vista, Sandro.

— Marius, não é? Vou me lembrar de você.

Dirigi-me à porta da frente e saí para a rua. Andei apressado por uns dois quarteirões e então parei com a respiração muito acelerada, e me pareceu um sonho que eu

tivesse estado com ele, que tivesse visto quadros semelhantes, que quadros semelhantes tivessem sido criados pela mão do homem.

Não voltei aos meus aposentos no *palazzo*.

Quando cheguei à cripta d'Aqueles Que Devem Ser Preservados, caí prostrado numa nova espécie de exaustão, abalado pelo que havia visto. Eu não conseguia tirar da cabeça a impressão que o homem me causou. Eu não conseguia parar de vê-lo com seu cabelo macio e sem brilho e seus olhos sinceros.

Quanto aos quadros, eles me assombravam; e eu sabia que meu tormento, minha obsessão, minha total entrega ao amor por Botticelli havia apenas começado.

CAPÍTULO 16



NOS MESES QUE SE SEGUIRAM, passei a visitar Florença com constância, entrando às escondidas em vários palácios e igrejas para ver a obra que Botticelli havia realizado.

Os que o elogiavam não haviam mentido. Ele era o pintor mais venerado de Florença; e os que se queixavam dele eram aqueles para quem ele não tinha tempo, pois era apenas um mortal.

Na igreja de San Paolino, encontrei um retábulo que me deixaria louco. Eu havia descoberto que o tema da pintura era comum, geralmente com o título de *A lamentação,* por tratar-se da cena dos que choram diante do corpo do Cristo que acaba de ser retirado da Cruz.

Era um milagre da sensualidade de Botticelli, especificamente na terna representação do próprio Cristo, que tinha o corpo fabuloso de um deus grego, e no total abandono da mulher que estava com o rosto encostado no dele; pois, embora Cristo estivesse com a cabeça caída para baixo, a mulher estava ajoelhada ereta, de modo que seus olhos estavam muito próximos da boca de Cristo.

Ah, ver esses dois rostos apostos um ao outro sem linha de união, e ver a delicadeza de cada rosto e cada forma ao redor, era mais do que eu podia suportar.

Por quanto tempo eu permitiria que isso me torturasse? Por quanto tempo eu precisaria passar por *esse* entusiasmo

extravagante, essa celebração enlouquecida, até me retirar para minha solidão e frieza na cripta? Eu sabia me punir, não sabia? Será que eu precisava me afastar tanto, até a cidade de Florença, para isso?

Havia motivos para eu ir embora.

Essa cidade era assombrada por mais dois bebedores de sangue que poderiam querer me expulsar dali, mas até o momento eles me haviam deixado em paz. Eram muito jovens e não muito espertos. Mesmo assim, eu não queria que dessem comigo e espalhassem a "lenda de Marius" ainda mais do que já se havia espalhado.

E ainda havia aquele monstro com que eu deparara em Roma, aquele terrível Santino, que poderia vir aqui tão longe para me acossar com seus pífios adoradores de Satã que eu abominava de modo tão irremediável.

Mas esses aspectos não tinham verdadeira importância.

Eu tinha tempo em Florença, e sabia disso. Aqui não havia adoradores de Satã, e isso era bom. Eu tinha tempo para sofrer tanto quanto quisesse.

E eu estava louco por esse mortal, Botticelli, esse pintor, esse gênio, e mal conseguia pensar em qualquer outra coisa.

Enquanto isso, do brilhante talento de Botticelli brotou mais uma imensa obra-prima pagã, que contemplei no *palazzo* para o qual foi enviada ao ser terminada — um local no qual entrei sorrateiro de madrugada para ver o quadro enquanto os proprietários dormiam.

Mais uma vez, Botticelli havia usado a mitologia romana, ou talvez a grega que lhe era subjacente, para criar um jardim — é, justamente um jardim —, um jardim de eterna primavera no qual figuras míticas desfilavam sublimes com gestos harmoniosos e expressão sonhadora, com uma atitude de uma delicadeza extrema e belíssima.

Num lado do jardim verdejante bailavam as Três Graças, jovens e inevitavelmente lindas, em trajes transparentes e enfunados, enquanto do outro lado chegava a deusa Flora, em trajes magníficos, a espalhar flores do seu vestido. A deusa

Vênus mais uma vez aparecia no centro, trajada como uma próspera florentina, a mão erguida num gesto de boas-vindas, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado.

A figura de Mercúrio na extrema esquerda de alguns outros seres míticos completava o grupo e me deixou tão fascinado que fiquei parado diante da obra-prima horas a fio, examinando todos os detalhes, às vezes sorrindo, às vezes chorando, enxugando o rosto, e até mesmo, de vez em quando, cobrindo os olhos para depois descobri-los de novo para ver as cores intensas e as atitudes e gestos delicados dessas criaturas — o conjunto tão rememorativo da glória perdida de Roma, e no entanto tão absolutamente novo e diferente que pensei que, por amar tudo isso, eu perderia o juízo.

Todo e qualquer jardim que eu um dia houvesse pintado ou imaginado era eclipsado por esse quadro. Como eu poderia um dia, mesmo em sonho, chegar aos pés de uma obra como essa?

Como seria perfeito morrer ali de felicidade depois de tanto tempo só e infeliz! Como era perfeito ver essa vitória da cor e da forma depois de ter estudado com enorme sacrifício tantas formas que eu não conseguia entender!

Não há mais desespero em mim. Há somente alegria, uma alegria contínua e irrequieta.

Isso *é* possível?

Somente com relutância deixei essa pintura do jardim primaveril. Somente com relutância deixei para trás sua grama escura, repleta de flores, à sombra das laranjeiras. Somente com relutância segui adiante para descobrir mais obras de Botticelli onde conseguisse.

Eu poderia ter seguido atordoado por toda a Florença noites a fio, inebriado com o que tinha visto nesse quadro. Mas havia mais, muito mais, para eu ver.

Veja bem, todo esse tempo, enquanto eu entrava sorrateiro em igrejas para ver mais obras do Mestre, enquanto eu penetrava furtivo num *palazzo* para ver uma célebre pintura do Mestre — do irresistível deus Marte, adormecido indefeso

na grama ao lado de uma Vênus paciente e vigilante; todo esse tempo em que eu levava as mãos à boca para não gritar enlouquecido, não voltei ao ateliê do gênio. Eu me refreava.

— Você não pode interferir na vida dele — dizia eu a mim mesmo. — Você não pode chegar cheio de ouro para afastá-lo da pintura. O destino dele é o destino de um mortal. Já a cidade inteira tem conhecimento dele. Roma tem conhecimento dele. Suas obras perdurarão. Ele não é alguém que você precise salvar da sarjeta. É o principal assunto em Florença. É o principal assunto no Palácio do papa em Roma. Deixe-o em paz.

E por isso eu não voltei lá, embora morresse de vontade de só olhar para ele, só conversar com ele, só lhe dizer que o maravilhoso quadro das Três Graças e das outras deusas no jardim da primavera era mais deslumbrante que qualquer outra obra sua.

Eu teria pago para ele simplesmente me permitir ficar sentado no seu ateliê à noite e observá-lo no trabalho. Mas era errado tudo aquilo.

Voltei à igreja de San Paolino, e lá permaneci muito tempo, com os olhos fixos em *A lamentação.*

Era muito mais rígida que suas pinturas "pagãs". Na realidade, ele raramente havia feito algo tão austero. E havia muita escuridão nessa pintura, nos trajes de cores escuras das várias figuras e nos recessos sombrios do túmulo aberto. Entretanto, mesmo nessa austeridade havia uma ternura, um encanto. E os dois rostos — o de Maria e o de Cristo que estavam encostados um no outro — me atraíam e não me deixavam afastar o olhar.

Ah, Botticelli. Como se explica seu talento? Suas figuras, embora perfeitas, eram sempre ligeiramente alongadas, até mesmo os rostos eram alongados; e a expressão nos rostos era sonolenta e talvez até mesmo levemente triste, é difícil dizer. Todas as figuras de qualquer pintura específica pareciam perdidas num sonho conjunto.

Quanto à tinta que ele usava — a tinta usada por tantos em Florença —, ela era muito superior a qualquer produto que

tínhamos nos antigos tempos de Roma, na medida em que combinava a simples gema do ovo com pigmentos moídos para obter as cores, e esmaltes e vernizes para proporcionar uma aplicação de luminosidade e resistência insuperáveis. Em outras palavras, as obras apresentavam um brilho que parecia milagroso aos meus olhos.

Fiquei tão fascinado com essa tinta que mandei meu criado mortal adquirir para mim todos os pigmentos disponíveis e os ovos. Além disso, à noite, ele deveria me trazer um velho aprendiz que pudesse misturar as cores para mim, até atingirem a textura exata, para que eu pintasse um pouco nos aposentos alugados.

Era apenas uma experiência fútil, mas eu me descobri trabalhando com furor e logo cobria cada pedacinho de madeira preparada e tela que meu aprendiz e meu criado haviam comprado.

É claro que os dois ficaram espantados com minha velocidade, o que me deu motivo para hesitar. Eu tinha de ser habilidoso, não fantástico. Isso eu não havia aprendido anos atrás quando pintava meu salão de banquetes enquanto os hóspedes me incentivavam?

Despachei-os com bastante ouro, dizendo-lhes que voltassem com mais materiais. E o que dizer do que eu havia pintado? Era uma pobre imitação de Botticelli, pois mesmo com meu sangue imortal eu não conseguia captar o que ele captara. Eu não conseguia fazer rostos como os que ele representava, não, nem de longe. Havia algo de frágil e inútil no que eu pintava. Eu não conseguia olhar para minha própria obra. Eu a detestava. Havia um ar categórico e acusador nos rostos que eu criava. Havia algo de ameaçador nas expressões que olhavam de volta para mim das paredes.

Saí pela noite, desassossegado, ouvindo aqueles outros bebedores de sangue, um jovem casal, temerosos de mim e com razão, e no entanto muito atentos ao que eu fazia, por que motivo eu não sabia ao certo. Enviei uma mensagem silenciosa a toda a ralé imortal que pudesse me perturbar. Não se aproximem de mim pois estou tomado de uma paixão avassaladora e não tolerarei ser interrompido agora.

Entrei sorrateiro na igreja de San Paolino e me ajoelhei enquanto apreciava *A lamentação.* Passei a língua pelos dentes afiados. Senti sede de sangue à medida que a beleza das imagens me preenchia. Eu poderia ter feito uma vítima ali, dentro da própria igreja.

Ocorreu-me então uma idéia da maior perversidade. Era o mal em sua essência, assim como a pintura era religiosa em sua essência. A idéia chegou a mim sem ser chamada, como se realmente existisse um Satã no mundo e esse Satã tivesse vindo se arrastando pelo piso de pedra na minha direção para pôr a idéia na minha cabeça.

— Você o ama, Marius — disse esse Satã. — Então, traga-o para perto de si. Dê a Botticelli o Sangue.

Estremeci mudo na igreja. Fui escorregando até me sentar encostado na parede de pedra. Senti novamente a sede. Eu estava horrorizado por ter sequer tido essa idéia e entretanto me via segurando Botticelli nos braços. Eu me via fincando os dentes no pescoço de Botticelli. O sangue de Botticelli. Pensei nele. E o meu sangue, meu sangue sendo dado a ele.

— Marius, pense em como esperou por isso — disse a voz malévola de Satã. — Em todos esses longos séculos, você nunca deu seu sangue a ninguém. Mas pode dá-lo a Botticelli! Você pode conquistar Botticelli agora.

Ele continuaria a pintar. Teria o Sangue, e sua pintura seria incomparável. Ele viveria para sempre com seu talento — esse homem humilde de seus quarenta anos que ficava grato por uma mera bolsa de ouro — esse homem humilde que havia feito o Cristo belíssimo para o qual eu estava olhando, com a cabeça jogada para trás na mão de Maria, cujos olhos estavam encostados na sua boca.

Não se tratava de algo que seria feito. Não, aquilo não deveria ocorrer nunca. Aquilo eu não poderia fazer. Aquilo eu não faria.

Mesmo assim, levantei-me devagar, saí da igreja e comecei a caminhar pela rua escura e estreita na direção da casa de Botticelli.

Eu estava ouvindo meu coração dentro de mim. E minha cabeça parecia estranhamente vazia; meu corpo, leve, predatório e cheio de maldade, uma maldade que eu admitia sem problemas e que compreendia plenamente. Dominou-me uma forte emoção. Segure Botticelli nos seus braços. Para sempre nos seus braços.

E embora eu ouvisse aqueles outros bebedores de sangue, os dois jovens que me seguiam, não lhes dei nenhuma atenção. Eles sentiam medo demais para chegar perto de mim. Segui em frente para o que eu decidisse fazer.

Não foram mais que alguns quarteirões, e eu me encontrei à porta da casa de Sandro. Luzes ardiam lá dentro, e eu estava com uma bolsa de ouro.

Em devaneio, em sonho, sedento, bati, como havia batido na primeira vez.

Não, eis algo que você não fará nunca, pensei. Você não tirará do mundo alguém tão importante. Você não perturbará o destino de alguém que deu aos outros tantas coisas para amar e apreciar.

Foi o irmão de Sandro que veio atender, mas dessa vez ele foi gentil comigo e me acompanhou ao ateliê, onde Botticelli estava só e ocupado com o trabalho.

Ele se voltou para me cumprimentar assim que entrei no aposento espaçoso. Erguia-se atrás dele um grande painel, com um aspecto impressionante, diferente de qualquer outra obra sua. Deixei que meus olhos passeassem por ele, pois achei que era isso o que Botticelli queria que eu fizesse, e acho que não conseguiria ocultar dele minha censura ou medo.

A fome de sangue aumentou em mim, mas eu a controlei e fiquei somente olhando para o quadro, sem pensar em nada, não em Sandro nem em sua morte e ressurreição através de mim, não, sem pensar em nada a não ser na pintura enquanto eu fingia ser humano para ele.

Era uma representação sinistra e arrepiante da Trindade, com Cristo na Cruz, a plena figura de Deus Pai atrás dele e uma pomba, representando o Espírito Santo, logo acima da

cabeça do Cristo. De um lado estava são João Batista abrindo o manto escarlate de Deus Pai; e do outro, a penitente Madalena, tendo como único traje os longos cabelos, enquanto olhava pesarosa para o Senhor crucificado.

Parecia um uso cruel para o talento de Botticelli! Era horrendo. Bem, havia sido feito com maestria, sim, mas como era implacável!

Somente agora eu percebia que em *A lamentação* eu tinha visto um perfeito equilíbrio de forças da luz e das trevas. Pois não via esse equilíbrio aqui. Pelo contrário, era espantoso que Botticelli pudesse ter criado algo tão absolutamente sombrio como aquilo. Era desarmonioso. Se eu o tivesse visto em outro lugar, não teria imaginado que fosse obra sua.

E parecia uma profunda crítica a mim que eu tivesse pensado por um instante em dar a Botticelli o Sangue Negro! Será que o Deus cristão realmente vivia? Será que ele poderia me intimidar? Poderia me julgar? Era por isso que eu me encontrava diante desse quadro, com Botticelli em pé ao lado, olhando no fundo dos meus olhos?

Botticelli estava esperando que eu falasse com ele acerca desse quadro. Esperava paciente para ser ferido pelo que eu pretendia dizer. E bem no fundo de mim havia um amor pelo talento de Botticelli que não tinha nada a ver com Deus, com o Demônio nem com meu próprio poder ou perversidade. Esse amor pelo talento de Botticelli respeitava Botticelli, e naquele instante nada tinha importância além disso.

Voltei a levantar os olhos até a pintura.

— Onde está a inocência, Sandro? — perguntei-lhe, tornando meu tom o mais brando possível.

Lutei novamente com a sede pelo sangue. Olhe como ele está velho. Se você não o transformar, Sandro Botticelli morrerá.

— Onde está a ternura no quadro? — perguntei. — Onde está a doçura sublime que nos faz esquecer tudo? Vejo apenas um pouco talvez no rosto de Deus Pai, mas o resto… ele é sombrio, Sandro. É tão atípica em você essa escuridão.

Não entendo por que você trabalha desse jeito quando pode fazer tantas outras coisas.

A fome de sangue estava feroz, mas eu a mantinha sob controle. Eu a estava empurrando de volta para dentro de mim. Meu amor por ele era grande demais para eu fazer aquilo. Eu não poderia. Eu não poderia suportar o resultado se aquilo tivesse de ser feito.

Quanto aos meus comentários, ele fez que sim. Estava muito infeliz. Um homem dividido, querendo por um lado pintar suas deusas, e pelo outro as imagens sacras também.

— Marius — disse ele —, não quero fazer o que seja pecado. Não quero fazer o que seja maléfico ou o que faça outra pessoa, só de olhar para um quadro, cometer um pecado.

— Você está muito longe de chegar a fazer isso, Sandro — disse eu. — Esta é minha opinião: que suas deusas são magníficas, assim como seus deuses. Em Roma, seus afrescos de Cristo eram cheios de luz e beleza. Por que enveredar pelas trevas como você fez aqui?

Apanhei a bolsa e a deixei sobre a mesa. Agora eu iria embora, e ele nunca teria conhecimento do verdadeiro mal que se aproximara dele. Nunca imaginaria o que eu era e o que eu havia talvez, talvez, pretendido fazer.

Ele veio a mim, apanhou a bolsa e tentou devolvê-la.

— Não, fique com ela — disse eu. — Você merece. Você faz o que acredita que deve fazer.

— Marius, preciso fazer o que é certo — disse simplesmente. — Agora veja o que eu quero lhe mostrar. — Levou-me a outra parte do ateliê, afastado dos quadros de grande tamanho.

Havia ali uma mesa, e sobre ela algumas páginas de pergaminho cobertas com desenhos minúsculos.

— São ilustrações para *O inferno* de Dante — disse-me ele. — Sem dúvida, você leu a obra. Quero fazer uma versão ilustrada do livro inteiro.

Fiquei entristecido ao ouvir isso, mas o que eu poderia dizer? Olhei para os desenhos dos corpos retorcidos, em sofrimento! Como seria possível defender uma empreitada dessas por parte do pintor que havia representado Vênus e a Virgem com uma habilidade extraordinária?

O inferno de Dante. Como eu desprezara a obra, mesmo reconhecendo seu brilho!

— Sandro, como é possível que você queira fazer isso? — perguntei. Eu tremia por inteiro. Não queria que ele visse meu rosto. — Encontro exaltação naquelas pinturas que estão repletas da luz do paraíso, seja cristão, seja pagão. Não encontro prazer algum nas ilustrações dos que sofrem no Inferno.

Era evidente que ele estava confuso e talvez sempre estivesse. Era seu destino. Eu apenas o havia invadido e talvez alimentado um fogo que já estava muito fraco para sobreviver.

Eu agora precisava ir. Precisava deixá-lo para sempre. Isso eu sabia. Não poderia voltar àquela casa. Não poderia confiar em mim na sua presença. Eu tinha de sair de Florença, ou minha determinação cairia por terra.

— Não vou voltar a vê-lo, Sandro — disse eu.

— Mas por quê? — perguntou ele. — Tenho esperado ansioso por sua vinda. Bem, não é por causa da bolsa, pode acreditar em mim.

— Eu sei, mas preciso ir. Lembre-se. Eu acredito nos seus deuses e deusas. Sempre acreditarei.

Saí de sua casa e fui somente até a igreja. Estava tão dominado pelo desejo por ele, pelo desejo de transformá-lo e de fazer com que conhecesse todos os segredos ocultos do Sangue, que mal consegui recuperar o fôlego, ver a rua à minha frente ou sequer sentir o ar nos meus pulmões.

Eu o queria. Queria seu talento. Tinha sonhos de nós dois — Sandro e eu — juntos num enorme *palazzo,* e de lá sairiam quadros com um toque da magia do Sangue.

Seria uma confirmação do Sangue.

Afinal de contas, pensei, ele está destruindo o próprio talento, não é mesmo, ao voltá-lo para o que é sombrio? Como se pode explicar que ele acabasse passando das suas deusas para um poema intitulado *O inferno?* Com o Sangue, eu não conseguiria fazê-lo voltar às visões celestiais?

Mas nada disso pôde ocorrer. Eu sabia até mesmo antes de ver sua cruel crucificação. Sabia antes de entrar na sua casa.

Preciso achar uma vítima agora. Preciso encontrar muitas. E assim, cacei com crueldade, até não conseguir tomar mais sangue algum das poucas criaturas condenadas com que deparei nas ruas de Florença.

Afinal, cerca de uma hora antes do amanhecer, eu me encontrava sentado junto à porta de uma igreja numa pequena *piazza,* parecendo um mendigo, se os mendigos se ataviassem com capas de cor carmim.

Aqueles dois jovens vampiros que eu ouvira quando me seguiam vieram na minha direção com passos temerosos.

Eu estava exausto e impaciente.

— Afastem-se de mim — disse eu. — Eu os destruirei, se não se afastarem.

Um jovem e uma jovem, cada um transformado na juventude, e os dois trêmulos. Não se dispunham a recuar. Afinal o rapaz falou pelos dois, com uma coragem vacilante porém real:

— Não faça mal a Botticelli! — disse, em tom autoritário. — Não o atinja! Fique à vontade para pegar a ralé, sim, mas não Botticelli, nunca Botticelli.

Ri entristecido. Minha cabeça caiu para trás e eu ri sem parar, bem baixinho.

— Não vou feri-lo. Eu o amo tanto quanto vocês. Agora sumam da minha frente. Ou podem acreditar que não haverá mais nenhuma noite para nenhum de vocês dois. Andem.

Ao voltar para a cripta nas montanhas, chorei por Botticelli.

Fechei os olhos e entrei no jardim em que Flora deixava cair rosas tenras sobre o tapete de grama e flores. Estendi a mão para tocar no cabelo de uma das jovens Graças.

— Pandora — murmurei. — Pandora, é o nosso jardim. Elas eram todas lindas como você.

CAPÍTULO 17



NAS SEMANAS QUE SE SEGUIRAM, enchi o santuário nos Alpes com muitos novos tesouros. Comprei novas lâmpadas de ouro, bem como incensários. Comprei tapetes requintados dos mercados em Veneza e sedas douradas da China também. Com as costureiras de Florença, encomendei novos trajes para meus Pais Imortais, e então vesti-os com cuidado, livrando-os de farrapos que deveriam ter sido incinerados havia muito tempo.

E o tempo todo eu lhes falava com uma voz reconfortante dos milagres que havia visto no mundo em transformação.

Expus diante deles livros bem impressos enquanto explicava a engenhosa invenção da prensa tipográfica. E pendurei sobre as portas que davam para o santuário uma nova tapeçaria flamenga, também comprada em Florença, que lhes descrevi em detalhes, para que pudessem decidir apreciá-la com seus olhos aparentemente cegos.

Fui então à cidade de Florença e, recolhendo todos os pigmentos, óleos e outros materiais que meu criado havia adquirido para mim, trouxe tudo para o santuário na montanha, e passei a pintar as paredes no novo estilo.

Agora eu não procurava imitar Botticelli. Mas voltei, sim, ao velho tema do jardim, que tanto havia adorado séculos atrás; e logo me descobri representando minha Vênus, minhas

Graças, minha Flora, infundindo na obra todos os detalhes da vida que somente um bebedor de sangue consegue enxergar.

Ali onde Botticelli pintara a grama escura ornada de flores variadas, eu revelava os pequenos insetos que inevitavelmente estavam ocultos; e então as criaturas mais belas e despreocupadas, as borboletas e mariposas multicoloridas. Com efeito, meu estilo chegava a detalhes espantosos sob todos os aspectos; e logo uma floresta mágica e inebriante cercava a Mãe e o Pai, com a têmpera de ovo emprestando ao todo um brilho que eu jamais conseguira obter no passado.

Quando examinei a pintura, fiquei ligeiramente atordoado, pensando no jardim de Botticelli, pensando até mesmo no jardim com que havia sonhado na antiga Roma, no jardim que havia pintado — e logo precisei me sacudir e me dominar porque não tinha noção de onde eu estava.

Os Pais Reais pareciam mais sólidos e distantes que nunca. Todo e qualquer traço do Grande Incêndio havia agora desaparecido, já que sua pele estava de uma alvura total.

Fazia tanto tempo que eles haviam se mexido que comecei a me perguntar se eu não havia sonhado com esses fatos que realmente ocorreram — se eu não havia imaginado o sacrifício de Eudoxia —, mas agora minha mente estava muito mais interessada em escapar do santuário por longos períodos.

Meu último presente aos Pais Divinos — depois que terminei toda a pintura, e depois que Akasha e Enkil estavam adornados com jóias novas — foi uma grande fileira de cem velas de cera de abelha, que acendi para eles, todas de uma única vez, com o poder da mente.

É claro que não vi nenhuma mudança nos olhos do Rei e da Rainha. Mesmo assim, senti enorme prazer em fazer-lhes essa oferenda; e passei minhas últimas horas com eles, deixando que as velas se consumissem enquanto eu lhes falava, baixinho, de todas as maravilhas das cidades de Florença e Veneza, que eu aprendera a amar.

Jurei que, todas as vezes que viesse vê-los, acenderia as cem velas. Seria uma pequena prova do meu amor

imperecível.

O que me levou a fazer uma coisa dessas? Realmente não faço idéia. Mas, daí em diante, sempre mantive um bom estoque de velas no santuário. Eu as guardava atrás das duas figuras; e, após a oferenda, costumava reabastecer o suporte de bronze e recolher toda a cera derretida.

Quando tudo isso tinha sido feito, voltei a Florença e Veneza, bem como à rica cidadezinha de altas muralhas de Siena, para estudar todos os tipos de pintura.

Na verdade, perambulei por palácios e igrejas da Itália inteira, totalmente inebriado com o que contemplava.

Como já descrevi, uma enorme fusão havia se processado entre os temas cristãos e o antigo estilo pagão, que estava em evolução por toda parte. E, embora ainda considerasse Botticelli o Mestre, eu ficava perplexo com a plasticidade e a maravilha de grande parte do que via.

As vozes nas tabernas e nas bodegas diziam que eu deveria também ir ao norte para ver quadros.

Ora, essa era uma novidade para mim, pois o norte sempre significara a terra dos menos civilizados, mas tamanha era minha sede pelos novos estilos que fiz o que me recomendaram.

Por todo o norte da Europa encontrei uma civilização profunda e complexa que eu sem dúvida havia subestimado, especificamente, creio eu, na França. Havia grandes cidades e cortes de reis que sustentavam a pintura. Havia muita coisa para eu estudar.

Mas não me apaixonei pela arte que vi.

Respeitei as obras de Jan van Eyck e Rogier van der Weyden; de Hugo van der Goes e de Hieronymus Bosch, além de muitos outros mestres anônimos que contemplei, mas sua obra não me agradava como a obra dos pintores italianos. O mundo do norte não era tão lírico. Não era tão terno. Ainda apresentava o traço grotesco da obra de arte puramente religiosa.

E assim logo voltei às cidades da Itália, onde era recompensado de modo extraordinário por minhas peregrinações sem fim.

Logo soube que Botticelli havia estudado com um grande mestre, Filippo Lippi, e que o filho desse mestre, Filippino Lippi, estava naquele momento trabalhando com Botticelli. Entre outros pintores que eu adorava, estavam Gozzoli e Signorelli, bem como Piero della Francesca. E, além desses, tantos outros que não tenho como mencionar seus nomes.

No entanto, durante todo o meu estudo da pintura, minhas pequenas viagens, minhas longas noites de adoração atenta diante dessa ou daquela parede, diante desse ou daquele retábulo, eu não me permitia sonhar em trazer Botticelli aos meus braços, e nunca permaneci muito tempo perto de algum lugar em que ele estivesse.

Eu sabia que ele estava prosperando. Sabia que estava pintando. E isso bastava para mim.

Mas uma idéia começava a fermentar dentro de mim — uma idéia tão forte quanto aquele sonho anterior de seduzir Botticelli.

E se eu voltasse ao mundo e morasse nele como pintor? Ora, não um pintor profissional que aceitasse encomendas, isso seria absurdo, mas um cavalheiro excêntrico que gostasse de pintar para seu próprio prazer, que acolhesse mortais em casa para jantar à sua mesa e beber seu vinho.

Não era isso o que eu havia feito com tanto despreparo naquelas noites antigas, antes do primeiro saque a Roma? É, eu havia pintado minhas próprias paredes com imagens toscas e apressadas e havia deixado que meus convidados bem-humorados rissem de mim.

Ah, sim, mil anos haviam se passado desde então, na realidade mais, e eu não podia mais passar facilmente por humano. Estava pálido demais e minha força excessiva era um perigo. Mas será que agora eu não estava mais esperto, mais prudente, com mais prática no uso do Dom da Mente e mais

disposto a disfarçar minha pele com qualquer emoliente que fosse necessário para abrandar seu brilho sobrenatural?

Eu estava louco para tentar!

É claro que não seria em Florença. Ficava perto demais de Botticelli. Eu atrairia sua atenção; e, se ele acabasse um dia entrando na minha casa, eu seria alvo de uma dor extrema. Estava apaixonado pelo homem. Não podia negar. Mas tinha outra escolha, simplesmente maravilhosa.

Era a fantástica e cintilante cidade de Veneza, que me atraía com seus palácios indescritivelmente majestosos, suas janelas abertas às brisas constantes do Adriático e seus canais escuros e sinuosos.

Parecia-me que eu deveria ter um início novo e espetacular ali, com a aquisição da mais bela casa disponível e a obtenção de um bando de aprendizes que preparassem para mim as tintas e as paredes da minha própria casa, que acabariam recebendo meus melhores esforços depois que eu tivesse trabalhado um pouco em painéis e telas para reaprender minha técnica.

Quanto à minha identidade, eu seria Marius de Romanus, homem misterioso e de fortuna incalculável. Em poucas palavras, eu subornaria quem precisasse subornar para obter o direito de permanecer em Veneza; daí em diante gastaria à vontade com aqueles que viessem a me conhecer do modo mais superficial que fosse; e seria generoso com meus aprendizes, que receberiam a instrução mais refinada que eu pudesse obter para eles.

Queira entender que naquela época as cidades de Florença e Veneza não faziam parte de um país. Longe disso. Cada uma era um país em si mesma. Portanto, estando eu em Veneza, estava totalmente distante de Botticelli, e deveria me sujeitar a leis muito importantes que os cidadãos de Veneza eram obrigados a cumprir.

Agora, quanto à questão da minha aparência, eu pretendia ter o máximo cuidado. Imagine o efeito sobre um coração mortal caso eu me revelasse em toda a minha frieza, um bebedor de sangue de cerca de mil e quinhentos anos de

idade, com a pele de uma brancura perfeita e os olhos azuis faiscantes. Por isso, a questão dos emolientes não era insignificante.

Tendo alugado aposentos na cidade, comprei nas perfumarias as melhores pomadas coloridas que pude encontrar. Apliquei então esses ungüentos na minha pele, inspecionando cuidadosamente os resultados nos melhores espelhos disponíveis. Logo preparei uma mistura de pomadas que era de extraordinária perfeição não só para escurecer minha compleição fria, mas para trazer de volta à visibilidade as ruguinhas ou linhas mais finas.

Eu mesmo não sabia que essas linhas de expressão humanas ainda permaneciam comigo e fiquei felicíssimo de descobri-las. E apreciei bastante a imagem que apresentava ao espelho. Quanto ao perfume, ele era agradável; e eu me dei conta de que, uma vez instalado na minha própria casa, poderia encomendar as pomadas corretas e tê-las sempre à mão.

Levei alguns meses para realizar meu plano inteiro.

E isso foi principalmente por eu ter me apaixonado por um *palazzo* específico, casa de enorme beleza, com a fachada revestida de lajes de mármore resplandecente, os arcos no estilo mourisco e os aposentos imensos mais luxuosos que quaisquer outros que eu já tivesse visto em todas as minhas noites, e até mesmo nos meus dias remotíssimos. O pé-direito muito alto causou-me espanto. Não conhecíamos nada semelhante na Roma antiga, pelo menos não numa residência particular. E sobre o enorme terraço havia um jardim suspenso, organizado com esmero, a partir do qual era possível avistar o mar.

Mal a tinta secou no pergaminho, passei a adquirir a melhor mobília imaginável — camas ornamentadas, escrivaninhas, cadeiras, mesas, todos os acessórios habituais, que incluíam cortinas entremeadas com fios de ouro para todas as janelas — e designei para a tarefa de administrar tudo isso um homem de idade, inteligente e simpático, chamado Vincenzo, criatura de excelente saúde, que eu havia comprado quase como se fosse escravo de uma família para a qual ele

não tinha mais utilidade e que o mantinha num constrangedor estado de abandono, porque no passado ele havia educado seus filhos.

Vi em Vincenzo o tipo exato do supervisor de que eu precisaria para todos os aprendizes que pretendia comprar de seus mestres, meninos que aportariam às tarefas que teriam de realizar para mim alguma técnica já aprendida. Também estava satisfeito com o fato de o homem já ter certa idade, o que significava que eu não precisaria me atormentar com o espetáculo da juventude fenecendo nele. Pelo contrário, poderia me orgulhar, talvez tolamente, por estar lhe proporcionando uma velhice bastante esplendorosa.

Como encontrei a criatura? Tratei de ler o pensamento dos outros até descobrir o que eu queria.

Eu agora estava mais poderoso que nunca. Conseguia encontrar o Malfeitor sem esforço. Ouvia os pensamentos secretos dos que tentavam me ludibriar ou dos que se apaixonavam pela minha mera aparência. E este último poder era perigoso.

Por que perigoso, você poderia perguntar. A resposta é que eu agora estava mais do que nunca suscetível ao amor; e, quando visto com olhos amorosos, eu sabia e desacelerava um pouco.

Como era estranha a disposição de espírito que se abatia sobre mim quando caminhava nas galerias ao longo de San Marco se alguém estivesse me olhando com admiração. Eu dava meia-volta, sem pressa, talvez voltasse atrás, e só me afastava com relutância, igual a uma ave em algum clima gelado apreciando o calor do sol nas asas.

Enquanto isso, munido de ouro, Vincenzo recebeu ordens de comprar bons trajes para si mesmo. Eu faria dele um cavalheiro na medida em que as leis suntuárias permitissem.

E, sentado à minha nova escrivaninha num espaçoso quarto com piso de mármore e janelas abertas para os ventos que vinham do canal, eu redigia listas daqueles luxos adicionais que desejava.

Queria que fosse instalada naquele quarto uma opulenta banheira no antigo estilo romano, para que eu pudesse aproveitar a água morna sempre que desejasse. Queria estantes para meus livros, e uma cadeira melhor para aquela escrivaninha. E claro que deveria haver outra biblioteca. O que era para mim uma casa se não possuísse uma biblioteca? Queria os trajes mais requintados, os chapéus da moda e sapatos de couro.

Eu fazia desenhos para orientar as pessoas que realizariam meus projetos. Eram tempos vertiginosos. Estava novamente participando da vida, e meu coração batia num compasso humano.

Tendo chamado uma gôndola ao cais, eu viajava pelos canais horas a fio, olhando para as espetaculares fachadas que margeavam as vias navegáveis de Veneza. Escutava as vozes por toda parte. Às vezes eu me reclinava apoiado no cotovelo e contemplava as estrelas lá no alto.

Em várias oficinas de ourives e ateliês de pintores, escolhi meu primeiro grupo de aprendizes, aproveitando toda oportunidade para selecionar os que fossem brilhantes e que, por diversos motivos, estivessem entre os injustiçados, negligenciados ou vítimas de violência. Eles me revelavam uma profunda lealdade e conhecimentos ainda não aproveitados; e eu os despachava para seu novo lar com moedas de ouro nas mãos.

É claro que eu arranjava auxiliares inteligentes porque eram necessários, mas eu sabia que teria muito sucesso com os pobrezinhos. Não era necessária a força.

Entrementes, era meu desejo que meus meninos fossem instruídos para a universidade, o que não era costumeiro para aprendizes de pintor — e por isso escolhi professores particulares para eles e determinei que esses homens viessem à minha casa durante o dia para as aulas que fossem necessárias.

Os meninos aprenderiam latim, grego, filosofia, os "clássicos" recém-descobertos e muito valorizados, um pouco de matemática e não importava o que fosse exigido para progredir na vida. Se sobressaíssem na pintura e escolhessem

essa carreira, poderiam naturalmente esquecer a universidade e seguir pela trilha da pintura.

Finalmente eu tinha uma casa cheia de atividades saudáveis e ruidosas. Havia cozinheiras na cozinha, bem como músicos para ensinar meus meninos a cantar e a tocar alaúde. Havia professores de dança e disputas de esgrima sobre os pisos de mármore dos enormes salões.

Mas não abri as portas para a população, como havia feito no passado remoto em Roma.

Eu estava muito desconfiado para fazer uma coisa dessas em Veneza, não me sentia seguro com meu disfarce, e tinha minhas suspeitas a respeito das perguntas que minha pintura enlouquecida poderia levantar.

Não, eu precisava apenas dos rapazes meus auxiliares, imaginava, tanto para me fazer companhia quanto para me ajudar, pois havia muito a fazer na preparação das paredes para meus afrescos e na cobertura de painéis e telas com os vernizes apropriados para meu trabalho.

O que acabou se revelando foi que não havia muitas tarefas para ninguém realizar por algumas semanas, pois, durante esse período, perambulei pelos ateliês locais e estudei os pintores de Veneza como havia estudado os pintores de Florença não muito antes.

Na minha cabeça não restava dúvida, após esse exame minucioso, de que pudesse imitar até certo ponto o trabalho mortal, mas não poderia ter esperanças de superá-lo. E eu temia o que conseguiria fazer. Resolvi, portanto, manter minha casa fechada a todos, menos aos meninos e seus professores, como combinado.

Recolhendo-me ao meu escritório no quarto de dormir, comecei um diário dos meus pensamentos, o primeiro que eu mantinha desde as noites na antiga Roma.

Escrevi sobre os confortos de que dispunha. E me censurei com mais clareza do que quando me censurava mentalmente.

"Você se tornou um tolo pelo amor dos mortais", escrevi,

muito mais do que jamais ocorreu nas noites de outrora. Pois sabe que escolheu esses meninos para poder instruí-los e moldá-los; e nisso haverá carinho e esperança, além da intenção de mandá-los para prosseguir sua formação em Pádua, como se fossem seus filhos mortais.

No entanto, e se eles descobrirem que você é uma fera no fundo da alma, e fugirem ao contato com você? O que você fará então? Vai matá-los em sua inocência? Você não está na antiga Roma com seus milhões de seres anônimos. É aqui, na rigorosa República de Veneza, que você vem fazer seu jogo, e por quê?

Pela cor do céu ao crepúsculo acima da *piazza,* que vê quando acaba de se levantar, pelas cúpulas da igreja ao luar? Pela cor dos canais que somente você pode perceber à luz das estrelas? Você é uma criatura perversa e voraz.

Será que a arte o satisfará? Você caça em outros lugares, nas cidadezinhas e povoados próximos ou até mesmo em cidades distantes, pois consegue locomover-se com a velocidade de um deus. Mas traz o mal a Veneza porque você é pernicioso; e no seu belo *palazzo,* contam-se mentiras, vivem-se mentiras, as mentiras podem acabar mal.

Larguei a pena. Reli minhas palavras, recordando-as para sempre, como se fossem uma voz estranha que se dirigisse a mim; e, só quando havia terminado, ergui os olhos e vi Vincenzo, tão cortês e humilde, e tão enobrecido nos novos trajes, esperando para falar comigo.

— O que foi? — perguntei com delicadeza para não fazê-lo pensar que eu não aprovasse sua entrada ali.

— Senhor, só queria lhe dizer… — começou ele. Estava perfeitamente elegante no seu traje novo de veludo, muito parecido com um príncipe na corte.

— Pois não, diga — disse eu.

— É só que os meninos estão tão felizes. Estão todos na cama agora, já dormindo. Mas o senhor sabe o que significa

para eles o fato de ter comida com fartura e roupas decentes, além de estar estudando suas lições com um objetivo? Eu poderia lhe contar muitas histórias, histórias demais, creio eu. Não há entre eles nenhum que seja bronco. É uma sorte enorme.

Dei um sorriso.

— Ótimo, Vincenzo — disse eu. — Vá jantar. Tome quanto vinho quiser.

Fiquei sentado naquele silêncio depois que ele saiu.

Parecia perfeitamente impossível que eu tivesse criado essa residência para mim, e que nada me houvesse impedido. Eu tinha horas antes do amanhecer durante as quais poderia descansar na minha cama, ou ler entre meus livros novos, antes de fazer o pequeno percurso a outro lugar dentro da cidade, onde um sarcófago havia sido escondido numa câmara revestida de ouro, no qual dormiria durante o dia.

Preferi, porém, ir ao grande aposento que havia designado para ser meu estúdio, e lá encontrei prontos para mim os pigmentos e outros materiais, entre eles diversos painéis de madeira, que meus jovens aprendizes, em obediência a instruções, haviam preparado para eu pintar.

Foi simples misturar a têmpera, e fiz isso rapidamente, de modo que logo tinha uma quantidade de cores à disposição; e então, olhando repetidas vezes para um espelho que trouxera ali para dentro, pintei meu próprio retrato em pinceladas rápidas e exatas com pouca ou nenhuma correção, até que ele estivesse acabado.

Assim que terminei, dei um passo atrás para me afastar um pouco da minha criação e me descobri olhando nos meus próprios olhos. Não se tratava do homem de outrora que havia morrido na floresta do norte, nem do frenético bebedor de sangue que havia tirado a Mãe e o Pai do Egito. Nem se tratava do peregrino faminto e obstinado que vinha percorrendo o tempo em silêncio havia tantos séculos.

Era um imortal audacioso e altivo que me fitava, um bebedor de sangue que exigia que o mundo afinal lhe desse

guarida, um ser anômalo de poder imenso que insistia na possibilidade de ter um lugar entre os seres humanos, espécie à qual havia pertencido em tempos remotos.

Com a passagem dos meses, descobri que meu plano estava funcionando perfeitamente. Na realidade, estava funcionando às mil maravilhas!

Tornei-me obsessivo quanto ao novo vestuário do período, túnicas de veludo e meias compridas, além de fantásticas pelerines orladas com peles raras. Na realidade, também os espelhos agora eram uma obsessão minha. Eu não conseguia parar de olhar para minha própria imagem. E aplicava as pomadas com extremo cuidado.

A cada noite, depois do pôr-do-sol, eu me levantava em trajes completos com o necessário disfarce na pele e chegava ao meu *palazzo,* onde era recebido com carinho por todas as minhas crianças. Então, dispensando a presença dos muitos mestres e professores, eu me sentava à cabeceira da mesa para um bom banquete com minhas crianças, durante o qual todos tinham o prazer de apreciar as deliciosas iguarias de príncipes, enquanto se ouvia música.

Então, com uma atitude afável, eu perguntava a todos os aprendizes o que haviam estudado naquele dia. Nossas conversas eram longas, complexas e repletas de revelações maravilhosas. Eu conseguia depreender com facilidade qual professor havia tido sucesso e qual não havia conseguido atingir os efeitos que eu desejava.

Quanto aos meninos em si, logo vi quais deles possuíam maior talento; quem deveria ir para a Universidade de Pádua, e quem deveria ser treinado para ourives ou pintor. Fracasso não tivemos nenhum.

Veja bem, essa era uma empreitada extraordinária. Repetindo, eu havia escolhido esses meninos por meio do Dom da Mente; e o que lhes ofereci nesses meses, que logo se tornaram anos, foi algo que eles jamais teriam tido se não fosse por minha interferência.

Eu me tornara um mago para eles, ajudando-os a realizar feitos com os quais eles sequer haviam sonhado.

E não havia nenhuma dúvida quanto à imensa satisfação que eu sentia nessa realização pois eu era um mestre para essas criaturas, exatamente como no passado distante havia querido ser mestre para Avicus e Zenobia; e todo esse tempo eu pensava em Avicus e Zenobia. Não conseguia deixar de pensar neles e me perguntar o que teria acontecido com eles.

Teriam sobrevivido?

Eu não tinha como saber.

Mas sabia do seguinte acerca de mim mesmo. Eu havia amado tanto Zenobia quanto Avicus porque eles me permitiam ser seu mestre. E havia lutado com Pandora porque ela me recusava esse direito. Pandora era muito inteligente e de alta instrução para ser qualquer coisa além de uma feroz adversária filosófica e verbal; e eu a deixara, como um tolo, por esse motivo.

No entanto, por maior que fosse meu autoconhecimento a esse respeito, isso não fazia com que eu não sentisse saudade da minha Zenobia, que eu havia perdido, e de Avicus, e que me perguntasse que caminhos eles teriam trilhado pelo mundo afora. A beleza de Zenobia calara mais fundo em mim que a beleza de Avicus, e eu não conseguia me livrar da simples recordação da maciez do cabelo de Zenobia.

Às vezes, quando estava sozinho no meu quarto em Veneza, quando estava sentado à escrivaninha, observando as cortinas saindo enfunadas pelas janelas, eu pensava no cabelo de Zenobia. Pensava naquele cabelo jogado no piso de mosaico em Constantinopla, depois que ela o cortara todo para poder andar pelas ruas comigo como se fosse um menino. Sentia vontade de voltar àqueles mais de mil anos e recolher o cabelo com as minhas mãos.

Quanto ao meu próprio cabelo louro, eu agora podia usá-lo comprido, pois esse era o estilo do período; isso me agradava bastante, escovando-o para limpá-lo sem ressentimento, e saindo para caminhar pela *piazza* enquanto o céu ainda estava arroxeado, com a consciência de que as pessoas estavam me olhando e se perguntando exatamente que tipo de homem eu era.

Quanto à pintura, dediquei-me a ela usando alguns dos painéis de madeira com apenas um punhado dos aprendizes no meu estúdio, isolados do mundo. Criei alguns quadros religiosos com sucesso — todos da Virgem Maria e do Anjo Gabriel que aparecia diante dela, porque esse tema — a Anunciação — me atraía. E fiquei bastante surpreso com minha competência em imitar o estilo da época.

E então voltei-me para um importante empreendimento que seria uma verdadeira prova para meu talento e capacidade de imortal.

CAPÍTULO 18



DEIXE-ME EXPLICAR o que viria a ser esse empreendimento.

Havia uma capela em Florença no interior de um *palazzo* pertencente aos Medici; e nas paredes dessa capela havia uma pintura admirável de autoria de um pintor chamado Gozzoli, *A procissão dos reis magos* — os três sábios da Escritura que vinham visitar o Menino Jesus, trazendo presentes preciosos.

Ora, era uma pintura assombrosa, repleta de detalhes exuberantes. E era mundana ao extremo, na medida em que os próprios Magos estavam vestidos como prósperos cidadãos florentinos e em que atrás deles vinha uma enorme multidão de homens e religiosos em trajes semelhantes, de tal modo que o conjunto era um tributo ao Menino Jesus e à época em que a pintura havia sido feita.

Essa pintura cobria as paredes da capela, bem como as paredes do nicho do local onde ficava o altar. E a capela em si era muito pequena.

Ora, eu estava atraído por essa obra por muitos motivos. Eu não me havia apaixonado por Gozzoli tanto quanto por Botticelli, mas sentia imensa admiração por ele, e os detalhes dessa obra eram extraordinariamente fantásticos.

Não era só que a Procissão fosse em si enorme, se *é* que de fato não fosse interminável, mas a paisagem por trás era deslumbrante, repleta de cidadezinhas e montanhas, com

homens caçando e animais em fuga, castelos representados com primor e árvores de formato delicado.

Pois bem, tendo escolhido um dos maiores aposentos no meu *palazzo,* dediquei-me a copiar essa obra num único plano sobre uma parede. O que isso significava era que eu precisava fazer constantes viagens de ida e volta entre Florença e Veneza, guardando de cor partes da pintura para então reproduzi-las com todo o meu talento sobrenatural.

Tive um sucesso bastante considerável nessa tarefa.

"Roubei" a Procissão dos Magos — essa fabulosa representação de uma procissão tão importante para os cristãos e, em especial, para os florentinos, e a apliquei em cores exatas e vivas na minha parede.

Nela nada havia de original. Mas eu havia passado num teste que me propusera; e, como ninguém deveria ter acesso àquele aposento, eu não imaginava ter realmente privado Gozzoli de algo que ele possuísse. De fato, se algum mortal tivesse por acaso entrado naquele aposento que era mantido trancado, eu teria explicado que o original daquela obra era de autoria de Gozzoli, e na verdade, quando chegou a hora de mostrá-la a meus aprendizes, em razão das lições que continha, foi essa a explicação que dei.

Permita-me, porém, voltar por um instante ao tema dessa obra de arte roubada. Por que ela me agradava? O que havia nela que fazia minha alma vibrar? Não sei. A não ser que estivesse relacionado com os três reis com seus presentes, e eu me imaginasse dando presentes às crianças que moravam na minha casa. Mas não tenho certeza se foi por esse motivo que escolhi aquela obra para minha primeira incursão num verdadeiro trabalho com o pincel. Não tenho certeza alguma.

Talvez tenha sido só porque todos os detalhes da obra eram tão fascinantes. Dava para a gente se apaixonar pelos cavalos na Procissão. Ou pelo rosto dos rapazes. Deixo esse assunto agora tão intrigado quanto me senti naquela época.

Imediatamente após confirmar meu sucesso com a cópia, abri um espaçoso estúdio de pintura no *palazzo* e comecei a trabalhar com grandes painéis até tarde da noite, enquanto os

meninos dormiam. Eu realmente não precisava de sua ajuda e não queria que eles vissem a velocidade ou a determinação com a qual eu trabalhava.

Minha primeira obra ambiciosa era dramática e estranha. Pintei um grupo dos meus aprendizes reunidos em belos trajes escutando um velho filósofo romano que usava apenas sua longa túnica, manto e sandálias. E isso tendo como pano de fundo as ruínas de Roma. Era cheio de cores fortes, e meus meninos estavam bem representados. Dou-me esse crédito. Mas eu não sabia se era um bom quadro. E não sabia se causaria horror.

Deixei aberta a porta do estúdio na esperança de que os professores ali entrassem durante o dia.

Revelou-se que eles eram tímidos demais para isso.

Passei à criação de outro quadro; e dessa vez escolhi a Crucificação — um tema aprovado para qualquer pintor — e a representei com cuidado e carinho, usando mais uma vez o pano de fundo das ruínas de Roma. Seria um sacrilégio? Eu não conseguia descobrir. Dessa vez, também, eu tinha certeza das minhas cores. De fato, dessa vez eu tinha certeza das proporções e da expressão cheia de compaixão no rosto de Cristo. Mas será que a composição em si não era de algum modo algo que não deveria ser?

Como eu poderia saber? Eu tinha todo esse conhecimento, todo esse aparente poder. E no entanto não sabia. Será que estava criando algo monstruoso, uma blasfêmia?

Voltei ao tema dos Magos. Eu conhecia as convenções. Três reis, o estábulo, Maria, José, o Menino Jesus; e dessa vez pintei-os livremente, atribuindo a Maria a beleza de Zenobia, e me deliciando com as cores como antes.

Logo meu estúdio gigantesco estava repleto de quadros. Alguns estavam devidamente pendurados. Outros, simplesmente encostados na parede.

Uma noite, então, durante o jantar, para o qual eu havia convidado os instrutores mais refinados dos meninos, um

deles, o professor de grego, por acaso mencionou que havia visto o interior do meu estúdio por uma porta aberta.

— Ai, por favor, diga-me o que achou das minhas pinturas.

— Extraordinárias! — disse ele, com franqueza. — Nunca vi nada parecido. Pois não é que todas as figuras no quadro dos Reis Magos… — Ele parou de repente, receoso.

— Pode falar — disse eu no mesmo instante. — Fale. Eu quero saber.

— Todas as figuras estão olhando na nossa direção, até mesmo Maria, José e os três reis. Nunca vi a cena representada desse modo.

— Mas está errado? — perguntei.

— Acho que não — respondeu ele, rápido. — Mas quem vai saber? O senhor pinta para si mesmo, não é?

— É verdade — respondi. — Mas sua opinião conta para mim. As vezes descubro que sou frágil como o vidro.

Rimos. Somente os meninos mais velhos estavam interessados nessa conversa; e percebi que o mais velho de todos, Piero, tinha algo a dizer. Ele também havia visto os quadros. Entrara no estúdio.

— Diga-me tudo, Piero — pedi, piscando um olho para ele com um sorriso. — Vamos. O que você acha?

— As cores, senhor, eram lindas! Quando vai chegar nossa vez de trabalhar com o senhor? Tenho mais técnica do que poderia imaginar.

— Eu me lembro, Piero — disse eu, referindo-me à oficina da qual ele viera. — Vou chamá-los logo, logo.

Na realidade, convoquei-os naquela mesma noite.

Tendo tido graves dúvidas quanto ao assunto, mais do que qualquer outra coisa, resolvi acompanhar Botticelli sob esse aspecto.

Escolhi a Lamentação para meu tema. E fiz meu Cristo tão terno e vulnerável quanto me foi concebível fazer,

cercando-o de uma infinidade de figuras que lamentavam sua morte. Pagão que eu era, não sabia quem deveria estar presente! E assim criei uma multidão imensa e variada de mortais que choravam — todos em trajes florentinos — para lamentar a morte de Jesus, e no céu, anjos dilacerados pela agonia, muito parecidos com os anjos do pintor Giotto cuja obra eu tinha visto em alguma cidade italiana, mas do nome dessa cidade eu não conseguia me lembrar.

Meus aprendizes ficaram totalmente perplexos com a obra, da mesma forma que seus professores, que convidei a entrar no enorme estúdio para a exibição inicial da obra. Mais uma vez, os rostos que pintei suscitaram comentário especial, mas o mesmo ocorreu com as qualidades inusitadas do quadro — a extraordinária quantidade de cor e de ouro, bem como pequenos toques que eu havia acrescentado, como, por exemplo, insetos aqui e ali.

Dei-me conta de uma coisa. Eu estava livre. Podia pintar o que quisesse. Ninguém ia perceber. Mas no fundo, pensei, talvez não fosse bem assim.

Para mim, era de uma importância desesperadora permanecer no seio de Veneza. Eu não queria perder minha base segura no mundo amável e receptivo.

Nas semanas seguintes perambulei por todas as igrejas mais uma vez em busca de inspiração para minhas obras e examinei muitos quadros grotescos e absurdos que me espantaram quase tanto quanto meu próprio trabalho.

Um artista chamado Carpaccio havia criado um quadro intitulado *Meditação sobre a Paixão,* que mostrava o corpo do Cristo morto entronizado, tendo como fundo uma paisagem fantástica, e ladeado por dois santos de cabelos brancos que fitavam quem estivesse olhando para o quadro como se Cristo não estivesse ali!

Na obra de um pintor chamado Crivelli, encontrei uma imagem genuinamente grotesca do Salvador morto, ladeado por dois anjos que pareciam monstros. E o mesmo pintor havia feito uma Madona quase tão bela e natural quanto as deusas e ninfas de Botticelli.

Eu me levantava uma noite após a outra, sedento não por sangue, embora me alimentasse quando precisava me alimentar, mas pelo tempo passado no estúdio; e logo meus quadros, todos eles em grandes painéis de madeira, estavam encostados nas paredes por toda a casa imensa.

Finalmente, como não conseguisse mais manter controle sobre todos eles e passasse a novas obras, em vez de aperfeiçoar as antigas, cedi ao desejo de Vincenzo de mandar emoldurar aquelas obras corretamente.

Nesse meio tempo, todo o nosso *palazzo,* se bem que houvesse se tornado famoso em Veneza como "um lugar estranho", permanecia de certo modo fechado ao mundo.

Sem dúvida meus professores contratados falavam dos seus dias e noites na companhia de Marius de Romanus; e todos os nossos criados faziam mexericos, isso era inegável; e eu não procurava impedir esse tipo de falatório.

No entanto, não acolhia os verdadeiros cidadãos de Veneza. Não preparava a mesa de banquete como havia feito nas noites remotas. Não abria as portas da casa.

O tempo todo, porém, ansiava por isso. Queria que a sociedade elegante da cidade fosse recebida sob meu teto.

Em vez de convidar as pessoas, o que eu fazia era aceitar os convites recebidos.

Com freqüência, no início da noite, quando não queria jantar com minhas crianças e muito antes de sentir necessidade de começar a pintar furiosamente, eu ia a outros palácios em que houvesse festas em andamento e entrava, murmurando meu nome, quando me perguntavam, mas na maior parte das vezes sendo recebido sem perguntas e descobrindo que os convidados estavam ansiosos pela minha companhia entre eles, tinham ouvido falar da minha pintura e da minha famosa escolinha em que os aprendizes praticamente não trabalhavam.

É claro que eu me mantinha nas sombras, falava com palavras vagas porém delicadas, lia o pensamento com competência suficiente para tornar a conversa mais interessante e, em geral, quase perdia o juízo, tão encantado eu

estava com esse amor, essa carinhosa receptividade a mim, que não era nada além do que o que a maioria dos nobres de Veneza considerava como líquido e certo todas as noites de sua vida.

Não sei quantos meses se passaram desse modo. Dois dos meus estudantes seguiram para Pádua. Saí pela cidade e encontrei mais quatro. Vincenzo não demonstrava nenhum sinal de falta de saúde. De quando em quando eu contratava professores novos e melhores. Pintava feito um louco. E o tempo ia passando.

Devo dizer que se havia passado um ano ou dois quando eu soube da existência de uma mulher jovem, brilhante e muito bonita que mantinha a casa sempre aberta a poetas, dramaturgos e filósofos inteligentes que fizessem sua presença valer a pena.

Entenda que o pagamento em questão não consistia em dinheiro. Era preciso que a pessoa fosse interessante para ser admitida no círculo dessa mulher. Os poemas tinham de ser líricos e significativos; era preciso haver espírito na conversa; somente quem soubesse tocar o virginal ou o alaúde tinha permissão para isso.

Senti uma terrível curiosidade quanto à identidade dessa criatura e à doçura geral dos comentários sobre ela.

E assim, passando por sua casa, prestei atenção e ouvi sua voz entremeada entre as vozes ao seu redor; e soube que não passava de uma criança, mas uma criança cheia de angústia e segredos, todos os quais ela ocultava com imensa habilidade por trás de modos graciosos e de um belo rosto.

O quanto era linda eu não sabia, até subir a escada, entrar audacioso nos seus aposentos e vê-la com meus próprios olhos.

Quando entrei na sala, ela estava de costas para mim e virou-se como se minha chegada houvesse provocado algum ruído, o que não havia sido o caso. Vi seu perfil e depois sua figura completa quando se levantou para me cumprimentar; e fiquei sem palavras por um instante, tão forte foi a impressão causada em mim por suas formas e seu rosto.

Que Botticelli não a houvesse pintado era por mero acaso. Na realidade, ele bem poderia tê-lo feito. Era tão parecida com as mulheres dele, que todos os outros pensamentos me abandonaram. Vi seu rosto oval, seus olhos ovais, sua densa cabeleira loura e ondulada, entremeada com longos cordões de pérolas minúsculas, e a bela forma do seu corpo, com braços e seios formosíssimos.

— É, como Botticelli — disse ela, sorrindo, como se eu tivesse dito o que pensara. Mais uma vez, fiquei mudo. Eu era o ser que lia o pensamento, e no entanto essa criança, essa mulher de dezenove ou vinte anos parecia ter lido o meu. Mas será que ela sabia o quanto eu amava Botticelli? Isso ela não teria como saber.

Ela prosseguiu, animada, estendendo as duas mãos para segurar a minha.

— É o que todo o mundo diz — explicou ela — e me sinto honrada. Há quem diga que arrumo o cabelo desse jeito por causa de Botticelli. Você sabe que nasci em Florença, mas não vale a pena falar nisso aqui em Veneza, certo? Você é Marius de Romanus. Estava me perguntando quanto tempo ainda demoraria para vir aqui.

— Obrigado por me receber — disse eu. — Infelizmente não lhe trago nada. — Eu ainda estava sob o impacto de sua beleza, sob o impacto do som da sua voz. — O que tenho a lhe oferecer? Não tenho poemas, nem histórias interessantes sobre o estado das coisas. Amanhã, mandarei meus criados trazerem o melhor vinho que eu tiver em casa. Mas que importância isso tem para você?

— Vinho? — repetiu ela. — Não quero vinho de presente de você, Marius. Pinte um quadro meu. Pinte as pérolas entremeadas no meu cabelo. Isso eu adoraria.

Um riso delicado percorreu toda a sala. Olhei pensativo para os outros. A luz de velas estava fraca até mesmo para mim. Como tudo parecia primoroso, esses estudiosos dos clássicos e poetas ingênuos, essa mulher de beleza indescritível, e a própria sala com todos os esplêndidos adereços de costume, enquanto o tempo passava lentamente

como se os momentos tivessem algum significado e não fossem uma sentença de pesar e penitência.

Eu estava no meu instante de glória. Disso dei-me conta de repente, e então ocorreu-me outra impressão.

Aquela jovem estava também no seu instante de glória.

Algo de sórdido e terrível estava por trás de seu recente destino ali; e no entanto ela não deixava transparecer nada do desespero que sem dúvida devia estar sentindo.

Tentei ler seu pensamento e em seguida preferi não fazê-lo! Não queria nada a não ser aquele momento.

Queria ver essa mulher como ela queria que eu a visse — jovem, de uma gentileza infinita, porém totalmente protegida —, uma companhia para as reuniões alegres da noite, senhora misteriosa da sua própria casa.

De fato, vi outra enorme sala de estar adjacente àquela; e, mais além, um quarto de dormir de decoração esplendorosa, com uma cama feita de cisnes dourados e seda entretecida com ouro.

Por que essa exibição se não para dizer a todos que naquela cama essa mulher dormia só? Ninguém jamais deveria ter a presunção de cruzar aquele limiar, mas todos podiam ver onde a donzela se recolhia por sua própria vontade.

— Por que está olhando assim para mim? — perguntou-me ela. — Por que olha ao seu redor como se esse fosse um lugar desconhecido para você, quando decerto não é?

— Tudo em Veneza é lindo para mim — respondi, tornando minha voz baixa e confidencial para que as palavras não se dirigissem à sala inteira.

— É mesmo, não é? — disse ela, com um sorriso encantador. — Eu também adoro Veneza. Nunca mais voltarei a Florença. Mas você vai querer pintar um retrato meu?

— Talvez eu pinte — respondi. — Nem sei seu nome.

— Você não está falando sério — disse ela, sorrindo novamente. E de súbito percebi como era sofisticada. — Você

não veio aqui sem saber meu nome. Como pode querer que eu acredite numa coisa dessas?

— Ah, mas não sei mesmo — respondi, porque nunca havia perguntado seu nome a ninguém, e tinha tido conhecimento dela por meio de vagas imagens e impressões, bem como fragmentos de conversas ouvidos por mim por ser um bebedor de sangue, e agora não sabia o que dizer porque não me dispunha a ler seu pensamento.

— Bianca — disse ela. — E meus salões estão sempre abertos para você. E, se pintar um quadro meu, eu é que lhe serei grata.

Estavam chegando mais convidados. Eu sabia que ela pretendia cumprimentá-los. Afastei-me e, por assim dizer, assumi um posto nas sombras, bem longe das velas. De lá eu a observava, observava seus movimentos infalivelmente graciosos e ouvia sua voz inteligente e vibrante.

Ao longo dos anos, eu tinha visto milhares de mortais que não significavam nada para mim; e agora, contemplando essa criatura única, eu sentia meu coração descompassado como quando entrara no ateliê de Botticelli, quando vira suas obras e vira a ele, Botticelli, o homem. Ah, isso mesmo, o homem.

Naquela noite fiquei pouco tempo na sua casa.

Na mesma semana, porém, voltei com um retrato dela. Eu o pintara num pequeno painel e mandara emoldurá-lo com ouro e pedras preciosas.

Vi seu assombro quando ela o recebeu. Não estava esperando algo tão exato. Mas então receei que ela pudesse ver algo de errado.

Quando olhou para mim, senti sua gratidão e afeto, além de algo maior que se acumulava no seu íntimo, uma emoção que ela negava ao lidar com outros.

— Quem é você… realmente? — perguntou ela, num murmúrio baixinho, melodioso.

— Quem é *você*... realmente? — repeti, com um sorriso.

Ela olhou para mim com ar solene. E então sorriu também, mas não respondeu, e todos os segredos se ocultaram dentro dela — os atos sórdidos, atos relacionados com sangue e ouro.

Por um instante, achei que fosse perder meu poderoso autocontrole. Eu a abraçaria, quer ela aceitasse quer não, e a levaria veloz pela força, do próprio centro dos seus salões aquecidos e seguros para os domínios gélidos e fatais da minha alma.

Eu a vi, decididamente eu a vi como se o Satã do cristianismo estivesse me dando visões mais uma vez — eu a vi transformada pelo Sangue Negro. Eu a vi como se fosse minha, e toda a sua juventude fosse imolada num sacrifício pela imortalidade; e o único calor ou a única fortuna que ela conhecesse viessem de mim.

Deixei seus salões. Não podia permanecer ali. Por noites, não, por meses não voltei lá. Nesse período chegou-me uma carta sua. Fiquei perplexo ao recebê-la; e a li e reli muitas vezes antes de guardá-la no bolso interno da minha túnica junto ao coração.

Meu caro Marius,

Por que me deixar somente com um quadro primoroso quando eu preferia ter também sua companhia? Estamos sempre em busca de diversão aqui, e todos falam muito bem de você. Faço questão de que volte a me visitar. Seu quadro ocupa uma posição de honra na parede do meu salão para eu poder compartilhar o prazer que ele me dá com todos os que vêm aqui.

Como isso havia acontecido, esse desejo louco de fazer de um mortal meu companheiro? Depois de tantos séculos, o que eu havia feito para provocar isso?

No caso de Botticelli, eu havia pensado que o desejo estava relacionado com seu talento extraordinário; e que eu, com olhos tão perspicazes e o coração tão esfaimado, havia querido associar o Sangue ao seu talento inexplicável.

Mas essa criança, Bianca, não era nenhum aparente milagre dessa natureza, por mais que eu a prezasse. Ah, é verdade, ela me agradava como se eu a tivesse criado — a filha de Pandora. Era como se Botticelli a tivesse criado, até mesmo com a expressão meio sonhadora do seu rosto. E ela realmente tinha em si uma fusão aparentemente impossível de paixão e equilíbrio.

Mas, nos meus longos anos de aflição, eu havia visto muitos humanos lindos, ricos e pobres, mais novos e mais velhos, sem sentir esse desejo penetrante, quase incontrolável, de trazê-la a mim, de levá-la comigo ao santuário, de revelar-lhe toda a sabedoria que eu possuía.

O que eu deveria fazer com essa dor? Como poderia me livrar dela? Quanto tempo ela me atormentaria ali mesmo na cidade de Veneza, onde eu havia resolvido procurar consolo entre os mortais e dar de volta ao mundo, como uma secreta retribuição, meus meninos talentosos e instruídos?

Ao me levantar, eu me descobria tentando afastar da mente tênues sonhos com Bianca, sonhos nos quais ela e eu estávamos sentados conversando no meu quarto, e eu lhe falava de todos os longos caminhos solitários que havia trilhado; e ela me falava de como havia extraído da dor comum e abominável sua força incomensurável.

E, mesmo durante o banquete com meus aprendizes, eu não conseguia me livrar desses sonhos. Eles se abatiam sobre mim como se eu fosse adormecer sobre o vinho e as carnes. Os meninos disputavam minha atenção. Achavam que tinham decepcionado o Mestre.

Quando segui para meus aposentos para pintar, estava confuso da mesma maneira. Pintei um grande quadro de Bianca como a Virgem Maria, com um rechonchudo Menino Jesus. Larguei os pincéis. Não estava satisfeito. Não podia me sentir satisfeito.

Saí de Veneza para o campo. Procurei o Malfeitor. Bebi sangue até me fartar. E então voltei para casa, deitei-me na cama e sonhei novamente com Bianca.

Afinal, antes do amanhecer, escrevi no meu diário advertências para mim mesmo:

Esse desejo de criar um companheiro imortal não se justifica aqui mais do que em Florença. Você sobreviveu todos esses longos anos sem jamais dar esse passo cruel, embora saiba muito bem como fazê-lo — lição aprendida com o sacerdote druida — e sem fazê-lo você continuará a sobreviver. Não pode transformar essa criança para trazê-la para você, não importa como visualize a situação. Imagine que ela é uma estátua. Imagine que sua crueldade é uma força que quer estilhaçar essa estátua. Veja-a agora em fragmentos. Saiba que é isso o que acabaria fazendo.

Voltei aos salões de Bianca.

Era como se nunca a tivesse visto antes, tão forte foi a impressão que causou em mim, tão delicada e irresistível sua voz, tão radiantes seu rosto e seus olhos experientes. Era uma agonia e um consolo imenso estar perto dela.

Durante meses, freqüentei seus salões, fingindo escutar os poemas recitados, às vezes sendo forçado a dar uma resposta nas discussões tranqüilas sobre as teorias da estética ou sobre filosofia, mas o tempo todo simplesmente querendo estar perto dela, estudando as minúcias da sua beleza, de vez em quando fechando meus olhos enquanto escutava a melodia da sua voz.

Era um entra-e-sai de visitas nas suas famosas reuniões. Ninguém ousava lhe questionar a supremacia no seu próprio território. Mas, enquanto eu estava ali sentado, enquanto observava, enquanto me deixava sonhar à luz de velas, chegou à minha percepção algo sutil e aterrador como jamais havia visto.

Certos homens que vinham àqueles salões estavam selecionados para um fim específico e sinistro. Certos homens, bem conhecidos da anfitriã divinamente sedutora, recebiam no vinho um veneno que os acompanhava quando deixavam a agradável companhia e que logo resultava em sua morte!

De início, quando eu, com meus sentidos sobrenaturais, tinha percebido o cheiro desse veneno sutil porém eficaz,

pensei ter imaginado uma coisa dessas. Mas então, com o Dom da Mente, penetrei no coração dessa feiticeira e vi como ela atraía aqueles que precisava envenenar, sabendo pouquíssimo ou nada dos motivos pelos quais eles haviam sido condenados à morte.

Essa era a mentira sórdida que eu havia detectado de início nela. Um parente, banqueiro florentino, mantinha Bianca aterrorizada. Na realida-

de, fora ele quem a trouxera ali, proporcionara a ela seu ninho de aposentos adoráveis e música ininterrupta. Era ele quem exigia dela que o veneno fosse posto na taça correta para eliminar quem ele determinasse.

Como seus olhos azuis passavam tranqüilos por aqueles que bebiam a poção fatal. Como observava com calma enquanto liam poesia para ela. Como sorria serena para mim quando seus olhos por acaso caíam sobre o homem louro e alto que a observava do canto. E como era profundo seu desespero!

Armado desse novo conhecimento, não, levado à insensatez por ele, saí pela noite, perambulando, pois agora eu tinha provas de sua culpa incomensurável! Isso não era suficiente para eu transformá-la? Para forçá-la a aceitar o Sangue Negro e então dizer: “Não, minha querida, não lhe tirei a vida. Dei-lhe a eternidade comigo”?

Tendo saído da cidade, caminhei pelas estradas rurais por horas, às vezes batendo na testa com a base da palma da mão.

Eu a quero! Eu a quero! Eu a quero! Mas não conseguia chegar ao ponto de agir. Afinal, voltei para casa para pintar seu retrato. E noite após noite pintei seu retrato repetidamente. Pintei-a como a Virgem da Anunciação e como a Virgem com o Menino. Pintei-a como a Virgem na Lamentação. Pintei-a como Vênus, como Flora, pintei-a em pequenos painéis que levei a ela. Pintei-a até não agüentar mais. Caí exausto no piso do ateliê; e, quando os aprendizes vieram a mim na escuridão da madrugada, acharam que eu estava mal e deram gritos.

Mas não consegui lhe fazer nenhum mal. Não consegui lhe transmitir meu Sangue Maligno. Não consegui trazê-la a

meus braços, e agora uma nova qualidade grotesca e fortíssima estava associada a ela aos meus olhos.

Ela era nociva como eu era nocivo; e, quando eu a observava do canto da sua sala, minha fantasia era que estava examinando uma criatura semelhante a mim mesmo.

Para viver, ela despachava suas vítimas. Para viver, eu bebia sangue humano.

E assim essa terna mocinha, com seus vestidos caríssimos, os longos cachos louros e a pele macia, adquiria uma sinistra majestade para mim, e eu me sentia mais fascinado por ela do que nunca.

Uma noite, tão forte era minha dor, tão excruciante minha necessidade de me isolar dessa jovem mulher, que segui sozinho na minha gôndola, pedindo ao remador que passasse de um lado para o outro pelos menores canais da cidade e que só me trouxesse de volta ao *palazzo* quando eu lhe desse ordem para isso.

O que eu estava procurando? O cheiro da morte e de ratos nas águas mais negras. Os ocasionais lampejos misericordiosos da lua.

Deitei-me no barco, com a cabeça no meu travesseiro. Escutei as vozes da cidade para não ouvir a minha própria.

E subitamente, quando estávamos voltando para os canais mais largos, quando estávamos entrando numa certa área de Veneza, surgiu uma voz totalmente diferente de todas as outras, pois ela vinha de uma mente desesperada e tresloucada.

De relance, vi uma imagem por trás do choro dessa voz, a imagem de um rosto pintado. Na verdade, vi a tinta aplicada em pinceladas maravilhosas. Eu conhecia o rosto pintado. Era o rosto de Cristo!

O que isso significava? Num silêncio solene, continuei a escutar. Nenhuma outra voz tinha importância para mim. Eliminei uma cidade repleta de sussurros.

Era um choro aflito. Era a voz de um menino por trás de paredes espessas que, em razão das recentes crueldades que

lhe haviam sido feitas, não conseguia se lembrar da sua língua materna ou mesmo do seu nome.

Entretanto, nesse idioma esquecido, ele rezava pedindo para livrar-se dos que o haviam lançado na escuridão, que o haviam atormentado e falado rápido com ele numa língua que ele não conhecia.

Mais uma vez surgiu a imagem, o Cristo pintado, com os olhos fixos à frente. O Cristo pintado num estilo grego, consagrado pelo tempo. Ai, como eu conhecia bem esse estilo de pintura. Ai, como eu conhecia bem essa expressão. Eu não a havia visto milhares de vezes em Bizâncio, e em todos aqueles lugares do Oriente e do Ocidente até onde seu poder se estendera?

O que aquilo significava, essa associação da voz com a imagem? O que significava? Que a criança pensava repetidamente no ícone e não sabia que estava rezando?

Mais uma vez veio o apelo de alguém que se imaginava em silêncio total.

E eu soube em que língua ele estava rezando. Para mim não foi problema decifrá-la, pôr as palavras em ordem, tendo como eu tinha um tamanho conhecimento das línguas do mundo inteiro. É, eu conhecia seu idioma e conhecia a oração: “Deus amado, livrai-me. Deus amado, permiti que eu morra.”

Uma criança fraca, uma criança faminta, uma criança que estava sozinha.

Sentando-me na gôndola, prestei mais atenção. Mergulhei em busca das imagens trancadas no interior dos pensamentos mais silenciosos da criança.

Ele havia sido pintor um dia, esse jovem ferido. O rosto de Cristo havia sido sua obra. No passado, ele havia misturado a gema do ovo e o pigmento, exatamente como eu os misturava. Ele havia pintado o rosto do Cristo inúmeras vezes!

De onde vinha essa voz? Eu precisava descobrir sua origem. Escutei com toda a capacidade que tinha.

Em algum lugar muito próximo, essa criança estava encarcerada. Em algum lugar muito próximo, ela fazia essa

prece com seu último alento.

Havia pintado seus ícones preciosos na remota Rússia, coberta pela neve. Na realidade, esse menino tinha um talento extraordinário para a pintura de ícones. Mas disso não se lembrava agora. Esse era o mistério. Essa era a complexidade! Ele sequer conseguia ver as imagens que eu estava vendo, tão alquebrado estava seu coração.

Eu estava entendendo o que ele próprio não conseguia entender. E ele estava implorando em silêncio aos céus, num dialeto russo, que o livrassem daqueles que o haviam escravizado em Veneza e que procuravam fazer com que ele servisse a outros num bordel com atos que para ele eram pecados da carne que ele não podia aceitar!

Disse ao remador que parasse.

Escutei até encontrar a origem exata. Ordenei que o barco voltasse apenas algumas portas até encontrar o lugar preciso.

Archotes ardiam luminosos diante da entrada. Ouvia-se a música lá dentro.

A voz da criança era insistente; e no entanto havia a nítida compreensão de minha parte de que a criança não reconhecia suas próprias preces, sua própria história, seu próprio idioma.

Fui recebido com grande alarde pelos donos da casa. Eles sabiam da minha existência. Eu precisava entrar. Poderia ter o que quisesse debaixo do seu teto. Logo, do outro lado da porta estava o paraíso. Ouça as risadas, e a cantoria.

— O que deseja, senhor? — perguntou-me um homem de voz agradável. — Pode falar. Aqui não temos segredos.

Fiquei parado, escutando. Como eu devia ter parecido reticente — esse homem alto e louro, com uma atitude tão fria, que inclinava a cabeça para um lado e olhava para longe com os olhos azuis, pensativos.

Tentei ver o menino, mas não consegui. Ele estava trancado em algum lugar onde ninguém o visse. Como eu deveria proceder? Pedir para ver todos os meninos da casa?

Isso não adiantaria, pois aquele menino estava num local de castigo, frio e totalmente só.

Então, de repente, ocorreu-me a resposta, como se anjos a tivessem sugerido, ou teria sido o Diabo? Ela veio veloz e completa.

— Desejo comprar, entenda bem — disse eu —, com ouro, naturalmente, e agora, um menino do qual vocês querem se livrar. Um recém-chegado e que se recusa a obedecer.

Num relance, vi o menino nos olhos do homem. Só que não podia ser verdade. Eu não podia ter tanta sorte. Pois esse menino tinha uma beleza tão exuberante quanto a de Bianca. Eu não contava com isso.

— Recém-chegado de Istambul — disse eu. — E, creio que é isso mesmo, pois o menino sem dúvida foi trazido dos climas russos.

Não precisei dizer mais nada. De repente todos pareciam apressados. Alguém pôs um cálice de vinho nas minhas mãos. Senti o delicioso perfume e o deixei sobre a mesa. Parecia que caía uma chuva de pétalas de rosa. Na realidade, por toda parte havia o perfume de flores. Trouxeram-me uma cadeira. Não me sentei. E subitamente o homem que me havia recebido voltou à sala.

— Aquele o senhor não vai querer — disse rapidamente. Estava presa de enorme agitação. E mais uma vez vi uma nítida imagem do menino jogado no piso de pedra.

E ouvi as preces do menino. “Livrai-me.” E vi o Rosto de Cristo em reluzente têmpera de ovo. Vi as pedras preciosas engastadas na auréola. Vi a mistura do ovo com o pigmento. “Livrai-me.”

— Será que você não conseguiu me entender? — perguntei. — Já lhe disse o que queria. Quero esse menino, o que se recusa a fazer o que vocês tentam forçá-lo a fazer.

E então percebi.

O dono do bordel achava que o menino estava morrendo. Estava com medo da lei. Ficou ali parado diante de mim, apavorado.

— Leve-me até ele — disse eu. Insisti com o Dom da Mente. — Agora. Sei que está aqui e não vou embora sem ele. Além do mais, vou pagar. Não me importa que ele esteja doente e a ponto de morrer. Está me ouvindo? Vou levá-lo embora daqui. Você nunca mais vai ter de se preocupar com ele.

Era um cubículo cruel o lugar onde o haviam trancado; e naquele cubículo a luz de uma lâmpada iluminou a criança.

E ali eu vi a beleza, a beleza que sempre foi minha ruína, beleza como a de Pandora, como a de Avicus, de Zenobia, de Bianca, a beleza numa forma nova e celestial.

Os céus haviam lançado sobre aquele piso de pedra um anjo abandonado, de cachos castanho-avermelhados e membros perfeitamente torneados, de rosto belo e misterioso.

Abaixei-me para segurá-lo pelos braços e o levantei, olhando nos seus olhos entreabertos. Os cabelos macios e ruivos estavam soltos e desgrenhados. A pele era alva, e os ossos do rosto apenas ligeiramente aguçados pelo sangue eslavo.

— Amadeo — disse eu, com o nome brotando nos meus lábios como que pela vontade dos anjos, aqueles mesmos anjos aos quais ele se assemelhava na sua pureza e aparente inocência, mesmo faminto como estava.

Seus olhos se arregalaram quando ele os fixou em mim. Em esplendor e luz dourada, voltei a ver no seu pensamento aqueles ícones que ele havia pintado. Desesperado, ele lutava para se lembrar. ícones. O Cristo que havia pintado. Com o cabelo comprido e os olhos ardentes, eu lembrava o Cristo.

Ele tentou falar, mas as palavras o haviam abandonado. Tentou procurar o nome do seu Senhor.

— Não sou o Cristo, meu menino — disse eu, falando àquela parte dele nas profundezas da mente, da qual ele nada conhecia. — Mas sou alguém que traz sua própria salvação. Amadeo, deixe-me abraçá-lo.

CAPÍTULO 19



SENTI POR ELE UM AMOR instantâneo e impossível. Estava no máximo com seus quinze anos quando o tirei do bordel naquela noite e o trouxe para morar no *palazzo* com meus meninos.

Na gôndola, enquanto o segurava bem junto de mim, soube com certeza que ele havia sido condenado, na realidade salvo no último momento de uma morte absurda.

Embora a firmeza dos meus braços o reconfortasse, as batidas do seu coração mal eram suficientes para gerar as imagens que eu recebia dele ali deitado, encostado no meu peito.

Ao chegar ao *palazzo,* recusei o auxílio de Vincenzo, mandando-o buscar alimento para a criança, e levei meu Amadeo para meu quarto sozinho.

Deitei-o na cama, uma criatura lívida e esfarrapada, em meio aos pesados adereços e travesseiros de veludo; e, quando afinal chegou a sopa, eu mesmo o forcei a tomá-la.

Vinho, sopa, um pouco de mel e limão, o que mais poderíamos lhe dar? Calma, alertou Vincenzo, para que ele não se alimente demais depois de tanta fome e seu estômago não acabe sofrendo por isso.

Finalmente, despachei Vincenzo e tranquei as portas do meu quarto.

Teria sido *esse o* momento fatídico? O momento em que conheci minha alma por inteiro, o momento em que reconheci que esse seria um filho do meu poder, da minha imortalidade, um pupilo de tudo o que eu sabia?

Quando olhei para a criança na cama, esqueci-me da linguagem da culpa e da recriminação. Eu era Marius, testemunha dos séculos, Marius, o escolhido d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Levando Amadeo para a banheira, eu mesmo o banhei, cobrindo-o de beijos. Consegui extrair dele uma intimidade tranqüila que ele havia negado a todos os que o haviam atormentado, tão deslumbrado e confuso ele estava com minhas simples gentilezas e as palavras que eu murmurava nos seus ouvidos tenros.

Rapidamente fiz com que conhecesse os prazeres que antes nunca se havia permitido. Estava atordoado e mudo, mas suas preces em busca de libertação não existiam mais.

Entretanto, mesmo ali na segurança daquele quarto, nos braços de alguém que ele considerava seu Salvador, nada da sua antiga memória conseguia sair dos recessos da sua mente para o santuário da razão.

Na verdade, talvez meus abraços francamente carnais reforçassem ainda mais a muralha que existia na sua cabeça entre o passado e o presente.

Quanto a mim, eu nunca havia experimentado uma intimidade tão total com um mortal, à exceção daqueles que eu pretendesse matar. Sentia calafrios ao abraçar esse menino, ao colar meus lábios no seu rosto, no seu queixo, na testa, nos doces olhos fechados.

E, a sede de sangue aumentava, mas eu sabia muito bem como controlá-la. Saturei as narinas com o perfume do seu corpo jovem.

Eu sabia que poderia fazer o que quisesse com ele. Não havia nenhuma força entre o Céu e o Inferno que pudesse me impedir. Eu não precisava de nenhum Satã para me dizer que

podia transformá-lo ao meu modo e educá-lo nos caminhos do Sangue.

Depois de secá-lo delicadamente com toalhas, levei-o de volta para a cama.

Sentei-me à escrivaninha, de onde, virando-me um pouco, eu pudesse olhar direto para ele. E recebi em sua plenitude a idéia do que estava por vir, tão opulenta quanto meu desejo de seduzir Botticelli, tão terrível quanto minha paixão pela bela Bianca.

Essa era uma criança enjeitada que poderia ser educada para o Sangue! Essa era uma criança totalmente perdida para a vida que poderia ser aproveitada especificamente para o Sangue.

Seu treinamento duraria uma noite, uma semana, um mês, um ano? Cabia somente a mim essa decisão.

Fosse ela qual fosse, eu faria dele um filho do Sangue.

Meu pensamento voltava veloz a Eudoxia e ao que ela havia falado sobre a idade perfeita para o Sangue ser recebido. Lembrei-me de Zenobia e da sua inteligência ágil e olhos argutos. Lembrei-me da minha própria reflexão, tanto tempo antes, sobre a promessa de uma virgem: que se poderia fazer de uma virgem o que se quisesse sem nenhum custo.

E essa criança, esse escravo libertado, havia sido pintor! Ele conhecia a magia do ovo e dos pigmentos, sim, conhecia a magia da cor aplicada sobre o painel de madeira. Ele se lembraria; haveria de lembrar-se de um tempo em que não se importava com mais nada.

Era verdade que havia sido na distante Rússia, onde os que trabalhavam em mosteiros se limitavam ao estilo dos bizantinos que, havia muito, eu rejeitara ao dar as costas ao império grego e vir instalar residência em meio às lutas do Ocidente.

Mas veja só o que havia acontecido: o Ocidente tivera suas guerras, sim, e na realidade parecia mesmo que os bárbaros haviam conquistado tudo. Mesmo assim, Roma erguia-se novamente através dos grandes pensadores e pintores

do século XV! Eu via isso na obra de Botticelli, Bellini e Filippo Lippi, bem como numa centena de outros.

Homero, Lucrécio, Virgílio, Ovídio, Plutarco — todos estavam sendo estudados novamente. Os estudiosos do "humanismo" cantavam louvores à "antigüidade".

Em suma, o Ocidente voltara a erguer-se com cidades novas e fabulosas, ao passo que Constantinopla, a velha e dourada Constantinopla, fora perdida aos turcos, que a transformaram em Istambul.

Entretanto, muito além de Istambul, ficava a Rússia, de onde esse menino havia sido levado como prisioneiro, a Rússia que havia adotado seu cristianismo de Constantinopla, de tal modo que esse menino somente conhecia os ícones de estilo austero, sombrio e de rígida beleza, uma arte que era tão diversa do que eu pintava quanto a noite e o dia.

Contudo, na cidade de Veneza os dois estilos coexistiam: o bizantino e o novo estilo dos tempos.

Como isso havia acontecido? Através do comércio, Veneza havia sido um porto marítimo desde seus primórdios. Sua enorme frota ia e vinha entre o Oriente e o Ocidente quando Roma era uma ruína. E muitas igrejas em Veneza conservavam o antigo estilo bizantino que enchia a mente torturada desse menino.

Essas igrejas bizantinas nunca tiveram muita importância para mim antes, devo admitir. Nem mesmo a capela do Doge, San Marco, significava muito para mim. Mas agora elas faziam diferença, porque me ajudavam a entender de novo e ainda melhor a arte que esse menino amara.

Eu olhava fixamente para ele enquanto dormia.

Muito bem. Eu entendia parte da sua natureza. Entendia seu sofrimento. Mas quem era ele realmente? Eu formulava a mesma pergunta que Bianca e eu havíamos feito um ao outro. A resposta, eu não tinha.

Antes de poder pensar em avançar com meu plano de prepará-lo para o Sangue, eu precisava saber.

Levaria uma noite ou cem noites? Qualquer que fosse o tempo, não seria para sempre.

Amadeo estava destinado para mim.

Voltei-me e escrevi no diário. Nunca me havia ocorrido um objetivo desses, o de educar um neófito para o Sangue! Descrevi todos os acontecimentos daquela noite para que eu nunca os perdesse por ter a memória sobrecarregada. Fiz esboços do rosto de Amadeo enquanto ele dormia.

Como posso descrevê-lo? Sua beleza não dependia da sua expressão facial. Já estava gravada no rosto. A beleza estava fundida nos ossos delicados, na boca serena e nos cachos castanho-avermelhados.

Escrevi com paixão no meu diário.

Essa criança vem de um mundo tão diferente do nosso que não consegue entender nada do que lhe ocorreu. Mas eu conheço as terras cobertas de neve da Rússia. Conheço a vida sombria e monótona dos mosteiros russos e gregos. E foi num desses, tenho plena convicção, que ele pintou os ícones sobre os quais não consegue falar agora.

Quanto ao nosso idioma, ele não teve nenhuma experiência dele a não ser na crueldade. Talvez, quando os meninos o tornarem um deles, ele se lembre do passado. Talvez queira usar o pincel. Talvez seu talento volte a brotar.

Deixei a pena de lado. Não podia confiar tudo ao meu diário. Não, não tudo, de modo algum. Grandes segredos eu às vezes escrevia em grego em vez de em latim, mas mesmo em grego eu não podia dizer tudo o que pensava.

Olhei para o menino. Apanhei o candelabro e me aproximei da cama. Contemplei-o ali embaixo, adormecido, tranqüilo afinal, respirando como se estivesse em segurança.

Aos poucos seus olhos se abriram. Ele olhou para mim. Não havia medo nele. Na realidade, parecia que ainda sonhava.

Entreguei-me ao Dom da Mente.

Diga-me, criança, conte-me tudo do fundo do coração.

Vi os cavaleiros das estepes se abaterem sobre ele e um grupo da sua gente. Vi uma trouxa cair das mãos ansiosas do menino. A embalagem de pano soltou-se do objeto. Era um ícone, e o menino deu um grito de terror, mas os bárbaros cruéis queriam apenas o menino. Eram os mesmos bárbaros inevitáveis que nunca haviam cessado de atacar as já esquecidas fronteiras ao norte e a leste do Império Romano. Será que o mundo nunca veria acabar essa espécie de gente?

Por esses homens cruéis, essa criança havia sido levada a alguma feira oriental. Teria sido em Istambul? E de lá para Veneza, onde caiu nas mãos de um dono de bordel que o comprou por alto preço em razão do seu rosto e das suas formas.

A crueldade disso tudo, o mistério, havia sido demais para ele. Nas mãos de outro, esse menino poderia nunca se curar.

Na sua expressão muda, eu via porém uma confiança pura.

— Senhor — disse ele no idioma russo.

Senti as penugens se arrepiarem no meu corpo inteiro. Eu queria tanto tocar nele mais uma vez com meus dedos gelados, mas não tive coragem. Ajoelhei-me ao lado da cama, debrucei-me e beijei seu rosto com carinho.

— Amadeo — disse-lhe eu para que ele soubesse seu novo nome. E então usando o próprio idioma russo que ele conhecia, mas não sabia, disse-lhe que ele era meu agora, que eu era seu senhor, exatamente como ele havia falado. Fiz com que soubesse que comigo tudo estava resolvido. Ele não precisava nunca mais se preocupar; nunca mais sentiria medo.

Já estava quase amanhecendo. Eu precisava ir embora.

Vincenzo bateu na porta. Os mais velhos entre os aprendizes estavam esperando do lado de fora. Tinham ouvido dizer que um novo menino fora trazido para a casa.

Deixei que entrassem no quarto. Disse-lhes que deviam cuidar de Amadeo. Deviam familiarizá-lo com todas as nossas maravilhas do dia-a-dia. Deviam deixá-lo descansar um pouco,

sem dúvida, mas podiam levá-lo a passear pela cidade. Talvez essa fosse a atividade perfeita.

— Riccardo — disse eu ao mais antigo. — Esse aqui está sob sua responsabilidade.

Que mentira! Fiquei ali pensando nisso. Era uma mentira entregá-lo à luz do sol, a uma companhia que não fosse a minha.

Mas o nascer do sol não me dava mais um minuto no *palazzo*. O que mais eu poderia fazer?

Segui para meu túmulo.

Deitei-me na escuridão sonhando com ele.

Eu havia encontrado uma forma de escapar do amor por Botticelli. Havia encontrado uma forma de escapar da minha obsessão por Bianca e sua culpa irresistível. Havia encontrado alguém que a morte e a crueldade já haviam marcado. O Sangue seria o preço. É, comigo tudo estava resolvido.

Ai, mas quem era ele? O que ele era? Eu conhecia as recordações, as imagens, os horrores, as preces, mas não a voz! E algo me atormentava terrivelmente, mesmo dentro da minha certeza confessa. Será que eu não amava essa criança demais para o que planejava fazer?

Na noite seguinte, aguardava-me uma surpresa deslumbrante.

No jantar, lá estava meu Amadeo primorosamente trajado em veludo azul, com roupas tão esplêndidas quanto as dos outros meninos!

Haviam se apressado para terminar suas roupas para me deixar feliz, e na realidade foi como me senti, quase ao ponto do atordoamento.

Quando ele se ajoelhou para beijar meu anel, fiquei perplexo; e com as duas mãos fiz com que se levantasse para abraçá-lo, dando-lhe beijos rápidos nos dois lados do rosto.

Ainda estava fraco de todas as provações, isso eu podia ver, mas os outros meninos e Vincenzo tinham feito um enorme esforço para dar alguma cor ao seu rosto.

Enquanto nos sentávamos para jantar, Riccardo explicou que Amadeo não sabia pintar. Na verdade, Amadeo tinha medo dos pincéis e dos potes de tinta. E não sabia nenhuma língua, mas estava aprendendo nosso idioma com uma velocidade espantosa.

O belo menino de cabelos castanho-avermelhados que era Amadeo olhava para mim, sereno, enquanto Riccardo falava. E mais uma vez disse na suave língua russa: Senhor, o que os outros meninos não ouviram.

Você é para mim. Essa foi minha resposta para ele. As delicadas palavras em russo que eu lhe transmiti através do Dom da Mente. *Lembre-se. Quem você era antes de vir para cá? Antes que o ferissem? Volte. Volte ao ícone. Volte ao Rosto de Cristo se for necessário.*

Um ar de medo passou por ele. Riccardo, sem imaginar por que motivo, segurou rápido sua mão. Riccardo começou a dizer o nome dos simples objetos da mesa de jantar para ele. E Amadeo, como se despertasse de um pesadelo, sorriu para Riccardo e repetiu as palavras.

Como era bela e nítida sua voz. Como era segura sua pronúncia. Como era alerta a expressão dos olhos castanhos.

— Ensinem-lhe tudo — disse eu a Riccardo e aos professores reunidos. — Certifiquem-se de que ele estude dança, esgrima e principalmente pintura. Mostrem-lhe todos os quadros da casa e todas as esculturas. Levem-no a toda parte. Encarreguem-se de que ele aprenda tudo o que há para saber sobre Veneza.

Recolhi-me, então, sozinho para a sala de pintura.

Misturei rapidamente a têmpera e fiz um pequeno retrato de Amadeo como eu o vira durante o jantar, em sua bela túnica de veludo azul, com o cabelo penteado e brilhante.

Eu me sentia fraco com o ardor dos meus próprios pensamentos desgraçados. O fato era que minha convicção me abandonara.

Como eu poderia tirar desse menino o cálice que ele mal havia provado? Ele era uma criatura morta, agora ressuscitada.

Eu roubara de mim mesmo meu próprio Filho do Sangue com meus esquemas grandiosos.

Daquele momento em diante, por meses a fio, Amadeo pertenceu ao dia. Sim, ele precisava ter todas as oportunidades, à luz do dia, para fazer de si mesmo o que bem entendesse!

Contudo, no íntimo, sem que fosse do conhecimento real de nenhum outro, Amadeo, por ordem minha, considerava que pertencia total e secretamente a mim.

Essa era para mim uma contradição enorme e terrível.

Desisti do meu direito sobre a criança. Não podia condená-lo ao Sangue Negro, por maior que fosse minha solidão ou por maiores que tivessem sido suas provações. Ele precisava ter sua oportunidade agora em meio aos aprendizes e estudiosos da minha residência; e caso se revelasse um principezinho, como eu esperava por sua inteligência ágil, deveria ter a chance de avançar para a Universidade de Pádua ou para a Universidade de Bolonha, para onde meus estudantes estavam agora indo, um após o outro, à medida que a infinidade dos meus planos dava frutos sob meu teto onisciente.

No entanto, tarde da noite, quando as aulas tinham terminado, os meninos menores tinham ido para a cama e os maiores estavam terminando tarefas no estúdio, eu não conseguia deixar de levar Amadeo ao meu quarto, onde lhe dava meus beijos carnais, meus beijos doces e desprovidos de sangue, meus beijos de carência; e ele se entregava a mim sem reservas.

Era minha beleza que o seduzia. Será orgulho dizer isso? Eu não tinha dúvidas. Não precisava recorrer ao Dom da Mente para deixá-lo enfeitiçado. Ele me adorava. E, embora meus quadros o deixassem apavorado, algo no fundo da sua alma permitia que ele idolatrasse meu aparente talento — a destreza da minha composição, minhas cores vibrantes, minha velocidade elegante.

É claro que ele nunca falava sobre isso com os outros. E eles, os meninos, que sem dúvida deviam saber que passávamos horas juntos no quarto, nunca ousaram imaginar o

que acontecia entre nós. Quanto a Vincenzo, ele sabia que o mais prudente era não admitir esse estranho relacionamento sob nenhum aspecto.

Enquanto isso, Amadeo não recuperou nada da sua memória. Não conseguia pintar. Não conseguia tocar nos pincéis. Era como se as cores, quando cruas, ferissem seus olhos.

Sua inteligência, porém, era mais afiada que a de qualquer outro dos meninos. Aprendeu grego e latim rapidamente; era um assombro na dança; e adorava as aulas com o florete. Absorvia prontamente as lições dos professores mais brilhantes. E logo estava escrevendo em latim com uma caligrafia clara e firme.

À noite, lia em voz alta seus poemas para mim. Cantava para mim, fazendo um acompanhamento delicado no alaúde.

Eu ficava sentado à escrivaninha, apoiado num cotovelo, escutando sua voz baixa e comedida.

Seu cabelo estava sempre primorosamente penteado, as roupas elegantes e imaculadas, os dedos, como os meus, cobertos de anéis.

Será que todo o mundo não sabia que ele era o garoto que eu mantinha? Meu queridinho, meu amante, meu tesouro secreto? Mesmo na antiga Roma, em meio a uma enorme quantidade de perversões, teria havido murmúrios, risos contidos, um pouco de zombaria.

Aqui em Veneza, para Marius de Romanus, não havia nada. Amadeo tinha porém suas suspeitas, não quanto aos beijos que estavam rapidamente se tornando castos demais para ele, mas quanto ao homem que parecia ser de mármore, que nunca se alimentava à própria mesa, não tomava uma gota de vinho de um cálice, nem aparecia debaixo do próprio teto durante o dia.

Associada a essas suspeitas, eu via em Amadeo uma crescente confusão à medida que as lembranças tentavam chegar ao seu conhecimento e ele as rejeitava, às vezes acordando ao meu lado quando cochilávamos juntos, e me

atormentando com beijos quando eu preferiria continuar sonhando.

Uma noite, nos belos meses do início do inverno, quando cheguei para cumprimentar meus dedicados estudantes, Riccardo disse-me que havia levado Amadeo junto em visita à adorável e graciosa Bianca Solderini, e que ela os recebera muito bem, deliciada com a poesia de Amadeo e com sua capacidade de compor tributos a ela de improviso.

Olhei no fundo dos olhos do meu Amadeo. Estava encantado com ela. Como eu entendia perfeitamente. E como foi estranho o estado de espírito que me dominou enquanto os rapazes falavam da sua companhia agradável e dos fascinantes cavalheiros ingleses que agora visitavam sua casa.

Bianca havia me enviado um pequeno bilhete.

"Marius, sinto sua falta. Venha logo e traga seus rapazes. Amadeo é tão inteligente quanto Riccardo. Seus retratos estão por toda parte. Todos sentem curiosidade por quem os pintou, mas eu não digo nada, pois a verdade é que não sei nada. Com amor, Bianca."

Quando ergui os olhos do bilhete, vi Amadeo a me observar, como que me sondando com seus olhos mudos.

— O senhor a conhece? — perguntou-me, sério, surpreendendo Riccardo, que não disse nada.

— Você sabe que sim, Amadeo. Ela lhe disse que eu havia ido visitá-la. Você viu os retratos pintados por mim nas paredes da casa dela.

Percebi nele um ciúme súbito e violento. Mas nada se alterou no seu rosto. *Não vá procurá-la.* Era isso o que sua alma me dizia. E eu soube que seu desejo era que Riccardo saísse agora e nós pudéssemos ter a cama sombreada, com suas discretas cortinas de veludo, só para nós dois.

Havia algo de obstinado nele, algo voltado totalmente para nosso amor. E como isso me tentava, como isso extraía de mim a mais completa devoção.

— Mas eu quero que você se lembre — disse-lhe eu de repente na sua língua russa.

Foi um choque para ele, mas ele não entendeu minhas palavras.

— Amadeo — disse eu no dialeto veneziano —, tente pensar no tempo anterior à sua chegada aqui. Tente lembrar-se, Amadeo. Como era seu mundo naquela época?

Um rubor subiu-lhe ao rosto. Ele se sentiu aflito. Era como se eu o houvesse espancado.

Riccardo estendeu-lhe a mão para reconfortá-lo.

— Senhor — disse. — É difícil demais para ele.

Amadeo parecia paralisado. Levantei-me da minha cadeira junto à escrivaninha, pus meu braço em volta dele, ali onde estava sentado, e lhe dei um beijo no alto da cabeça.

— Venham, vamos esquecer tudo isso. Vamos visitar Bianca. Essa é a hora da noite que ela prefere.

Riccardo ficou perplexo de ter permissão para sair àquela hora. Quanto a Amadeo, ele ainda estava atordoado.

Encontramos Bianca cercada por uma quantidade de convidados tagarelas. Entre eles havia florentinos e ingleses, como me haviam dito.

A expressão de Bianca iluminou-se quando me viu. Levou-me para longe dos outros, na direção do seu quarto, onde a rebuscada cama de cisnes estava primorosamente enfeitada como se estivesse num palco.

— Finalmente você veio — disse ela. — Estou tão feliz por vê-lo. Não sabe como senti sua falta. — Como eram carinhosas suas palavras. — Você é o único pintor que existe no meu mundo, Marius. — Ela quis me beijar, mas eu não podia correr esse risco. Inclinei-me para dar-lhe um rápido beijo no rosto e então a mantive afastada.

Ah, que meiguice radiante. Contemplando seus olhos ovalados, eu entrava nos quadros de Botticelli. Por motivos que nunca viria a descobrir, segurava nas mãos as escuras madeixas perfumadas de Zenobia, recolhidas como recordação do piso de uma casa do outro lado do mundo.

— Bianca, minha querida. Estou pronto para abrir as portas da minha casa, se você quiser receber para mim. — Que choque foi ouvir essas palavras saírem da minha própria boca. Eu não sabia o que pretendia dizer. E no entanto insisti no meu sonho. — Não tenho mulher nem filha. Venha, abra minha casa para o mundo.

A expressão de triunfo no seu rosto foi uma confirmação. Aquilo eu realizaria.

— Vou contar para todo o mundo — disse ela imediatamente. — É, serei a anfitriã para você. Farei isso com orgulho e com prazer, mas sem dúvida você mesmo estará lá.

— Podemos abrir as portas ao anoitecer? — perguntei-lhe. — E meu costume chegar à noitinha. Gosto mais da luz de velas que da luz do dia. Você determina a noite, Bianca, e eu ordeno aos meus criados que tenham tudo pronto. Os quadros estão por toda parte agora. Você bem sabe que não estou oferecendo nenhum a ninguém. O que pinto é para meu prazer. E para meus convidados terei comida e bebida, como você decidir.

Como Bianca estava feliz. Vi Amadeo, um pouco afastado, contemplando Bianca, com amor até certo ponto e com amor pela visão de nós dois juntos, se bem que isso lhe fosse doloroso.

Riccardo estava sendo atraído para conversar com homens que eram mais velhos que ele, que o elogiavam e adoravam seu rosto bonito.

— Diga-me o que servir nas mesas — disse eu a Bianca. — Quero saber que vinhos oferecer. Meus criados serão seus criados. Farei tudo o que você recomendar.

— É maravilhoso demais — respondeu ela. — Veneza inteira vai comparecer, eu lhe garanto. Você vai descobrir os convidados mais extraordinários. As pessoas sentem tanta curiosidade por você. Ai, como murmuram. Você não pode imaginar o supremo prazer que isso vai ser.

E acabou sendo como Bianca descreveu.

Naquele mesmo mês, abri o *palazzo* para a cidade inteira. Mas como era diferente daquelas noites de embriaguez na antiga Roma, quando os convidados se deitavam nos meus divãs e vomitavam nos jardins, enquanto eu pintava nas paredes feito louco.

Ah, sim, quando cheguei, como estavam comportados meus convidados venezianos em belos trajes. É claro que me fizeram mil perguntas. Deixei que meus olhos se toldassem. Eu ouvia as vozes mortais ao meu redor como se fossem beijos. E pensei: você está no meio deles. É realmente como se você fosse um deles. É realmente como se você estivesse vivo.

Que importância tinham suas pequenas críticas aos quadros? Eu me esforçaria para tornar minha obra excelente, sim, é verdade, mas o que contava era a vitalidade, o ímpeto!

E ali, em meio às minhas melhores obras, estava minha Bianca, loura e linda, livre, pelo menos por enquanto, daqueles que a forçavam a cometer crimes, reconhecida por todos como a senhora da minha casa.

Tudo isso Amadeo observava em silêncio e má vontade. As lembranças no seu íntimo o atormentavam como um câncer, mas ele não conseguia vê-las nem ter conhecimento direto delas.

Menos de um mês depois, ao pôr-do-sol, encontrei-o passando mal na imponente igreja na ilha de Torcello, que ficava nas proximidades, onde havia chegado depois de andar a esmo, aparentemente só. Apanhei-o do chão úmido e frio, e o levei para casa.

É claro que entendi a razão. Ali ele havia encontrado ícones no exato estilo em que outrora havia pintado. Ali havia encontrado antigos mosaicos de séculos passados, semelhantes àqueles que vira em igrejas russas quando criança. Ele não se recordara. Apenas topara com alguma verdade antiga nos seus passeios — as pinturas bizantinas frágeis e austeras — e agora o calor do lugar o havia deixado com uma febre, que eu conseguia provar nos seus lábios e ver nos seus olhos.

Ao nascer do sol ele não estava nem um pouco melhor, quando eu, meio enlouquecido, o deixei aos cuidados de

Vincenzo, só para me levantar novamente ao anoitecer e correr para sua cabeceira.

Era sua mente que alimentava a febre. Enrolei-o como a uma criança e o levei a uma igreja veneziana para ver as maravilhosas pinturas de figuras robustas e naturais que vinham sendo feitas naqueles últimos anos.

Agora, porém, eu podia ver que sua situação era irremediável. Sua mente nunca se abriria, nunca chegaria a se transformar. Levei-o de volta para casa e o deitei nos travesseiros novamente.

Procurei entender melhor o que fosse possível.

Sua experiência havia sido a de um universo punitivo, de devoção austera. Pintar havia sido para ele uma atividade desprovida de alegria. E na verdade toda a vida na remota Rússia havia sido tão rigorosa que ele não conseguia se entregar aos prazeres que agora o aguardavam a cada momento.

Acossado pelas lembranças, mas sem compreendê-las, ele seguia lentamente na direção da morte.

Isso eu não permitiria. Andava de um lado para o outro. Voltava-me aos que estavam cuidando dele. Caminhava mais, murmurando comigo mesmo, furioso. Isso eu não permitiria. Não deixaria que morresse.

Resoluto, mandei que todos saíssem do quarto.

Debrucei-me sobre ele e, mordendo a língua, enchi a boca de sangue para então deixar escorrer um fiozinho para o interior da sua boca.

Ele se reanimou, lambeu os lábios e então respirou com maior facilidade, enquanto a cor lhe voltava às faces. Apalpei-lhe a testa. Estava mais fresca. Ele abriu os olhos e olhou para mim, dizendo como dizia com tanta freqüência, “Senhor”, e então tranqüilo, sem recordações, sem sonhos terríveis, adormeceu.

Era o suficiente. Saí da cama. Escrevi no meu grosso diário, arranhando a pena ruidosa por estar escrevendo às pressas.

“Ele é irresistível, mas o que hei de fazer? Um dia eu o reivindiquei para mim, declarando-o meu; e agora trato sua aflição com o sangue que gostaria de lhe dar. Ao tratar sua agonia, no entanto, espero curá-lo não para mim, mas para o mundo lá fora.”

Fechei o livro, sentindo repulsa por mim mesmo pelo sangue que lhe dera. Mas o sangue o curara. Eu sabia. E, caso adoecesse outra vez, eu voltaria a lhe dar sangue.

O tempo passava muito veloz.

As coisas estavam acontecendo muito rápido. Minhas opiniões anteriores estavam abaladas, e a beleza de Amadeo aumentava a cada noite.

Os professores levaram os rapazes a Florença para que vissem as pinturas por lá. E todos voltaram para casa com uma inspiração mais verdadeira do que antes para o estudo.

É, eles haviam visto a obra de Botticelli, e como era esplêndida. O Mestre estava pintando? De fato, sim, mas sua obra havia se tornado quase totalmente religiosa. Resultado das pregações de Savonarola, um monge rigoroso que condenava os florentinos por sua frivolidade. Savonarola exercia enorme influência sobre o povo de Florença. Botticelli acreditava nele, e era considerado um dos seus seguidores.

Isso me entristeceu sobremaneira. Na realidade, quase me enlouqueceu. Mas a verdade era que eu sabia que qualquer obra que Botticelli pintasse seria magnífica. E na recuperação de Amadeo eu me sentia reconfortado, ou agradavelmente confuso como antes.

Amadeo era agora o aluno mais brilhante da minha pequena academia. Para ele foram necessários novos professores de filosofia e direito. Ele crescia, perdendo roupas num ritmo assombroso. Tornara-se espirituoso e encantador nas conversas e era adorado por todos os meninos mais novos.

Noite após noite, visitávamos Bianca. Acostumei-me à companhia de desconhecidos requintados, o eterno fluxo de europeus do norte que vinham à Itália descobrir seus encantos antigos e misteriosos.

Era só ocasionalmente que eu via Bianca entregar a taça envenenada a um dos seus convidados desgraçados. Só ocasionalmente eu sentia a pulsação do seu coração sinistro e via a sombra da culpa desesperada nas profundezas dos seus olhos. Como ela observava a vítima infeliz, como o acompanhava afinal à porta com um sorriso delicado.

Quanto a Amadeo, nossas horas de privacidade no meu quarto tornavam-se cada vez mais íntimas. E mais de uma vez, quando nos abraçávamos, dei-lhe o Beijo de Sangue, observando seu corpo estremecer e vendo o poder desse beijo nos seus olhos semicerrados.

O que era essa loucura? Ele era para o mundo ou para mim? Como eu mentia a mim mesmo a esse respeito. Dizia a mim mesmo que o rapaz ainda poderia se revelar e com isso conquistar sua liberdade para me deixar, rico e em segurança, para realizações fora da minha casa.

Mas eu já lhe dera tanto do Sangue Secreto que ele me importunava com perguntas. Que tipo de criatura eu era? Por que nunca aparecia durante o dia? Por que não comia nem bebia nada?

Ele envolvia o mistério com seus braços cálidos. Enterrava o rosto no pescoço do monstro.

Despachei-o para os melhores bordéis para aprender os prazeres das mulheres e os prazeres dos meninos. Ele me odiou por isso, e no entanto apreciou a experiência. Voltou para mim ansioso pelo Beijo de Sangue e por mais nada.

Ele me provocava quando eu pintava sozinho, a não ser pela sua presença, no meu estúdio, trabalhando com fúria na criação de alguma paisagem ou reunião de antigos heróis. E dormia ao meu lado quando eu caía exausto na cama para dormir as últimas horas antes do amanhecer.

Enquanto isso, abrimos o *palazzo* mais algumas vezes. Bianca, sempre inteligente e equilibrada, havia superado sua beleza inicial; e, conservando suas maneiras e rosto delicado, tinha agora o brilho de uma mulher em vez da promessa de uma menina.

Muitas vezes eu me flagrava com os olhos fixos nela, perguntando-me o que teria acontecido com ela se eu não tivesse voltado minha atenção para ele. Por que afinal de contas eu havia agido daquele modo? Eu não poderia tê-la cortejado e convencido? E então, com esses pensamentos, eu concluía, tolamente, que ainda poderia decidir fazer isso e descartar Amadeo, com fortuna e posição, entregando-o à mortalidade com todos os meus outros meninos.

Não, Bianca estava a salvo.

Era Amadeo que eu queria. Era Amadeo que eu estava educando, formando. Amadeo era o precioso estudante do Sangue.

As noites passavam velozes, como em sonho.

Alguns rapazes foram para a universidade. Um dos professores morreu. Vincenzo começou a andar mancando, mas eu contratei um auxiliar para ser seu leva-e-traz. Bianca reposicionou alguns dos quadros maiores. Fazia um calor agradável, e as janelas ficavam abertas. No jardim do terraço, nós nos reuníamos para um grande banquete. Os meninos cantavam.

Nem uma única vez em todo esse tempo eu deixei de aplicar na pele a pomada para escurecê-la e fazer com que eu parecesse humano. Nem uma única vez deixei de esfregá-la na pele das minhas mãos. Nem uma única vez deixei de usar belas jóias e usar anéis que perturbassem a atenção de todos. Nem uma única vez cheguei a me aproximar demais de um punhado de velas ou de um archote junto a um portal ou no cais.

Fui ao santuário d'Aqueles Que Devem Ser Preservados e lá permaneci em reflexão. Expus o caso a Akasha.

Eu queria essa criança — esse menino que agora estava dois anos mais velho do que quando eu o encontrara — e no entanto queria tudo o mais para ele. E minha alma estava dilacerada, exatamente como seu coração estava dilacerado.

Nunca antes eu quisera uma coisa dessas, criar um bebedor de sangue para ser meu próprio companheiro; na

realidade, educar esse jovem mortal para esse fim e cuidar dele com esmero para ele ser a melhor escolha.

Mas era o que eu queria agora. Isso ocupava meu pensamento durante todas as horas em que estava acordado; e não encontrei nenhum consolo em contemplar meus frios Pai e Mãe. Não ouvi nenhuma resposta à minha prece.

Deitei-me para dormir no santuário e só tive sonhos sinistros e perturbados.

Vi o jardim, o mesmo que eu eternamente pintara nas paredes; e eu caminhava nele como sempre. E havia frutos nas árvores de galhos baixos. Amadeo caminhava perto de mim e de repente brotou da sua boca uma risada cruel e apavorante.

— Um sacrifício? — perguntou ele. — Para Bianca? Como pode haver algo semelhante?

Acordei sobressaltado e me sentei, esfregando as costas dos braços e abanando a cabeça, no esforço de me livrar do sonho.

— Não sei a resposta — murmurei, como se ele estivesse ali comigo, como se seu espírito tivesse se transportado até o lugar onde eu estava.

— Só que ela já era uma jovem mulher quando a vi — respondi —, educada e forçada à vida, na realidade uma assassina; sim, uma assassina, uma mulher-criança culpada de crimes medonhos. E você, você era uma criança indefesa. Eu poderia moldá-lo e transformá-lo, o que fiz.

"É verdade que eu pensava que você pintasse", continuei. "Que possuísse talento para a pintura. E sei que isso ainda está em você; e sem dúvida isso me influenciou também. Mas, no final das contas, não sei por que você me abalou, só sei que aconteceu."

Deitei-me de novo para dormir, virando-me de lado sem nenhum cuidado, contemplando o olho cintilante de Akasha. As linhas duras do rosto de Enkil.

Voltei séculos atrás e pensei em Eudoxia. Lembrei-me da sua morte terrível. Lembrei-me do seu corpo em chamas no

piso do santuário no exato ponto em que eu me encontrava agora.

Pensei em Pandora. Onde estará minha Pandora? E acabei adormecendo.

Quando voltei ao *palazzo,* descendo do terraço como sempre foi meu costume, as coisas não estavam ao meu gosto, pois todos estavam ceando circunspectos, e Vincenzo me disse ansioso que um "homem estranho" viera me visitar e que estava na ante-sala, tendo se recusado a entrar.

Os meninos estavam terminando um dos meus murais na ante-sala e haviam saído apressados, deixando o "homem estranho" sozinho. Somente Amadeo ficara para trás, fazendo algum trabalho sem importância com pouco entusiasmo, com os olhos fixos nesse "homem estranho" de um modo que deixou Vincenzo preocupado.

Como se isso não bastasse, Bianca viera fazer uma visita, na verdade para trazer um presente de Florença, um pequeno quadro de Botticelli; e tivera uma conversa "contrafeita" com esse "homem estranho", tendo então dito a Vincenzo que o vigiasse. Bianca tinha ido embora. O "homem estranho" continuava lá.

Entrei imediatamente na ante-sala, mas havia sentido a presença dessa criatura antes de ver de quem se tratava.

Era Mael.

Nem por um único segundo deixei de reconhecê-lo. Ele estava inalterado, como eu estava inalterado, e não prestava muita atenção à moda da época, da mesma forma como não dera importância à moda de épocas passadas.

Estava na realidade com péssima aparência, num gibão de couro esfarrapado e perneiras cheias de furos; e suas botas estavam amarradas com corda.

O cabelo estava sujo e embaraçado, mas o rosto apresentava uma expressão espantosamente simpática. E, quando ele me viu, logo se aproximou para me abraçar.

— Você está aqui mesmo — disse ele em voz baixa, como se precisássemos murmurar debaixo do meu próprio

teto. Falava o latim antigo. — Ouvi falar mas não acreditei. Ah, que felicidade vê-lo. Estou feliz por você ainda…

— É, sei o que você quer dizer — disse eu. — Continuo a ser o observador dos anos que passam. Continuo a ser a testemunha que sobrevive no Sangue.

— Ah, seu modo de dizer as coisas é muito melhor que o meu — respondeu ele. — Mas deixe-me repetir, estou tão feliz por vê-lo, feliz por ouvir sua voz.

Vi que ele estava todo empoeirado. Olhou ao redor do aposento, para o teto enfeitado com pinturas, com sua roda de querubins e seu ouro em folha. Contemplou o mural inacabado. Perguntei-me se ele saberia que era obra minha.

— Mael, sempre assombrado — disse eu, afastando-o delicadamente da luz das velas. Ri, baixinho. — Você parece um vagabundo.

— E você me ofereceria roupas mais uma vez? — perguntou. — Você sabe que realmente não consigo dominar essas coisas. Estou passando necessidade, suponho. E você mora com tanto esplendor aqui como sempre morou. Será que nada jamais é mistério para você, Marius?

— Tudo é mistério, Mael — respondi. — Mas boas roupas eu sempre tenho. Se o mundo acabar, estarei bem vestido para a ocasião, seja à luz do dia, seja na escuridão da noite.

Segurei seu braço e o conduzi pelos vários aposentos imensos que nos separavam do meu quarto. Ele ficou devidamente impressionado com as pinturas por toda parte e permitiu que eu o guiasse.

— Quero que fique aqui, longe dos mortais que me fazem companhia — disse eu. — Você só vai deixá-los confusos.

— Ah, mas você resolveu tudo tão bem. Era mais fácil na antiga Roma, não era? Mas que palácio você tem aqui. E de dar inveja em reis, Marius.

— É, parece que sim — respondi, despreocupado.

Fui até os armários anexos, que eram na verdade pequenos quartos de vestir, e tirei roupas para ele, além de sapatos de couro. Ele dava a impressão de ser totalmente incapaz de se vestir sozinho, mas eu me recusei a fazer isso por ele. E, depois que eu havia disposto todas as peças sobre a cama de veludo na ordem certa, como se fosse para uma criança ou para um idiota, ele começou a examinar vários artigos como se tivesse condições de se virar sozinho.

— Quem lhe disse que eu estava aqui, Mael? — perguntei-lhe.

Ele olhou de relance para mim, e sua expressão por um instante tornou-se antipática, o velho nariz de falcão desagradável como sempre, os olhos fundos mais brilhantes do que eu me lembrava e a boca muito mais bem-feita do que eu me recordava. Talvez o tempo lhe houvesse abrandado o feitio dos lábios. Não sei ao certo se esse tipo de coisa pode acontecer. Mas ele sem dúvida parecia um imortal de aparência interessante.

— Você disse que tinha ouvido falar da minha presença aqui — disse eu, para ajudá-lo. — Quem lhe falou?

— Ai, foi um bebedor de sangue, um tonto — disse ele, estremecendo. — Um fanático adorador de Satã. Chamava-se Santino. Será que esses nunca vão acabar? Foi em Roma. Ele insistiu comigo para que eu me juntasse a eles. Dá para você imaginar?

— Por que você não o destruiu? — perguntei, desanimado. Como tudo isso era sinistro, como estava distante dos meninos à mesa, dos professores que falavam sobre as aulas do dia, da luz e da música para as quais eu ansiava por voltar. — Antigamente, quando você deparava com eles, sempre os destruía. O que o impediu de fazer isso agora?

Ele deu de ombros.

— Que me importa o que acontece em Roma? Não passei uma noite em Roma.

Abanei a cabeça.

— Como essa criatura descobriu que eu estava em Veneza? Nunca ouvi sequer um sussurro da nossa espécie aqui.

— Eu estou aqui — respondeu ele, com veemência —, e você não me ouviu, ouviu? Marius, você não é infalível. Você tem ao seu redor muitas distrações frívolas. Talvez não esteja prestando atenção como deveria.

— É, você tem razão, mas eu fico me perguntando. Como ele soube?

— Mortais vêm à sua casa. Mortais comentam sobre você. É possível que esses mortais sigam até Roma. Não é verdade que todas as estradas levam a Roma? — É claro que ele estava zombando de mim. Mas estava sendo bastante delicado, quase simpático. — Ele quer saber seu segredo, Marius, esse bebedor de sangue romano. Como me implorou que explicasse o mistério d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

— E você não o revelou, não é, Mael? — perguntei. Comecei a detestá-lo de novo, com fúria, como havia detestado nas noites do passado.

— Não, não o revelei — respondeu calmamente —, mas sem dúvida ri dele, e não neguei nada. Talvez devesse ter negado, mas quanto mais velho eu fico torna-se para mim mais difícil mentir por qualquer razão que seja.

— Isso eu entendo bastante bem — disse eu.

— Entende? Com todas essas lindas crianças mortais à sua volta? Ora, Marius, você deve mentir cada vez que respira. E, quanto às pinturas, como você ousa exibir suas obras em meio a mortais que não têm mais do que uma vida breve com a qual desafiá-lo? Essa me parece uma mentira terrível, se você quer saber.

Dei um suspiro.

Ele rasgou a frente do gibão e o tirou.

— Por que aceito sua hospitalidade? — perguntou ele. — Não sei dizer. Talvez eu sinta que, por ter aproveitado tantos prazeres mortais, você deva alguma ajuda a outro bebedor de sangue que está perdido no tempo como sempre,

perambulando de um país para outro, às vezes maravilhado, e às vezes só levando poeira nos olhos.

— Pode acreditar no que quiser — disse eu. — As roupas e o abrigo estão à sua disposição. Mas diga-me logo. O que aconteceu com Avicus e Zenobia? Estão viajando com você? Você sabe onde estão?

— Não faço a menor idéia de onde estejam e você sem dúvida percebeu isso antes de perguntar. Faz tanto tempo que vi um ou outro que não consigo calcular os anos ou os séculos. Foi Avicus quem a influenciou, e lá se foram os dois juntos. Deixaram-me em Constantinopla, e não posso dizer que foi para mim uma terrível surpresa. Antes da separação, era enorme a frieza entre nós. Avicus a amava. Ela o amava mais do que a mim. Bastou isso.

— Fico triste com isso.

— Por quê? — perguntou ele. — Foi você quem deixou a nós três. E o pior de tudo, você deixou Zenobia conosco. Éramos um par havia tanto tempo, e então você nos forçou a aceitar a companhia de Zenobia.

— Pelas chamas do Inferno, pare de me culpar por tudo — disse entre dentes. — Será que você nunca vai parar com suas acusações? Será que eu sou o criador de todos os males que um dia se abateram sobre você, Mael? O que eu preciso fazer para ser absolvido e para que possa haver silêncio? Foi você, Mael — murmurei —, foi você quem me arrancou à força da minha vida mortal e me levou, acorrentado e indefeso, até seu maldito bosque druida!

A raiva transbordava de mim, enquanto eu lutava para conter minha voz.

Ele pareceu totalmente perplexo com isso.

— Quer dizer que você realmente me despreza, Marius — disse, com um sorriso. — Eu o havia imaginado inteligente demais para um sentimento tão simples. É, eu o fiz prisioneiro; e você levou os segredos; e de uma forma ou de outra fui amaldiçoado desde então.

Eu precisava recuar dessa posição. Não queria aquilo. Fiquei ali parado calmamente até a raiva me deixar. Que se danasse a verdade.

Por algum motivo, isso fez brotar a bondade nele. Enquanto despia os farrapos e os chutava para longe, falou de Avicus e Zenobia.

— Aqueles dois estavam sempre entrando sorrateiros no palácio do imperador onde caçavam nas sombras. Zenobia raramente se vestia de rapaz, como você ensinou. Adorava roupas suntuosas. Você precisava ver os vestidos que usava. E o cabelo, acho que eu o adorava ainda mais do que ela própria.

— Não sei se isso é possível — disse eu, baixinho. Vi a imagem dela na mente de Mael e a confundi com a imagem dela na minha mente.

— Avicus continuou estudioso — disse ele com um leve desdém. — Aprendeu grego. Lia tudo o que conseguia encontrar. Você sempre foi a inspiração para ele. Ele o imitava. E comprava livros sem saber o que eram. Simplesmente não parava de ler.

— Talvez ele soubesse — sugeri. — Quem poderia dizer?

— Eu posso — respondeu Mael. — Conheço vocês dois, e ele era um pateta que acumulava poesia e história por nada. Nem mesmo estava em busca de algo. Adotava palavras e expressões em razão da impressão que lhe davam.

— E onde e como você passava suas horas, Mael? — perguntei, com a voz muito mais fria do que esperava.

— Eu caçava nas colinas sombrias fora da cidade — respondeu ele. — Caçava entre os soldados. Caçava em busca do Malfeitor brutal, como você sabe. Eu era o vagabundo, e eles se vestiam como se pertencessem à Corte Imperial.

— E eles chegaram a fazer outro? — perguntei.

— Não! — disse ele, zombeteiro. — Quem faria uma coisa dessas? Não respondi.

— E você, chegou a fazer outro? — perguntei.

— Não — respondeu ele, franzindo o cenho. — Como eu poderia encontrar alguém com força suficiente? — perguntou, aparentemente intrigado. — Como eu saberia que um ser humano teria a capacidade de resistência necessária para o Sangue?

— E assim você segue mundo afora sozinho.

— Vou encontrar outro bebedor de sangue para me fazer companhia — disse ele. — Eu não encontrei o maldito Santino em Roma? Talvez eu seduza algum dos adoradores de Satã. Não pode ser que todos eles gostem de levar uma vida miserável nas catacumbas, usando túnicas negras e cantando hinos em latim.

Concordei. Agora eu podia ver que ele estava pronto para o banho. Não queria retê-lo mais.

Quando falei, foi em tom simpático.

— A casa é enorme, como você está vendo — disse eu. — No primeiro andar, na extrema direita, há um quarto trancado, sem janelas. Se quiser, pode dormir lá durante o dia.

Ele riu, baixinho, desdenhoso.

— As roupas mais do que bastam, meu amigo, e talvez algumas horas para eu poder descansar.

— Não me importo. Fique aqui, para não ser visto pelos outros. Está vendo a banheira? Pode usá-la. Virei procurá-lo quando os meninos estiverem dormindo.

Quando o vi novamente, foi cedo demais.

Ele saiu do quarto para o grande salão onde eu estava me despedindo de Riccardo e Amadeo com a firme advertência de que eles poderiam ir naquela noite à casa de Bianca e a nenhum outro lugar.

Amadeo viu Mael. Mais uma vez, por alguns instantes fatais, Amadeo o viu. E eu soube que algo bem fundo no íntimo de Amadeo reconheceu Mael pela criatura que era. Mas, como tantas coisas na cabeça de Amadeo, isso não foi consciente; e os rapazes me deixaram com beijos apressados,

para ir até a casa de Bianca, onde entoariam suas canções e seriam elogiados por todos os presentes.

Fiquei impaciente com Mael por ter saído do quarto, mas não disse nada.

— Quer dizer que você gostaria de fazer daquele ali um bebedor de sangue — disse ele, indicando a porta por onde os meninos haviam saído. E deu um sorriso.

Senti uma fúria muda. Olhei com raiva para ele, como sempre acontece em situações semelhantes, incapaz de falar.

Ele ficou ali sorrindo para mim com um ar sinistro.

— Marius dos muitos nomes, das muitas casas e das muitas vidas — disse ele, então. — Quer dizer que você escolheu uma linda criança.

Com um gesto, descartei essa possibilidade. Como havia lido da minha cabeça meu desejo por Amadeo?

— Você se tornou descuidado — disse ele, baixinho. — Escute o que digo, Marius. Não estou falando para insultá-lo. Você caminha a passos pesados entre mortais. E esse menino é muito criança.

— Não me diga mais nenhuma palavra — respondi, puxando com força as rédeas para controlar minha raiva.

— Perdoe-me. Só disse o que estava pensando.

— Sei disso, mas não quero ouvir mais nada.

Examinei-o. Estava bastante bonito no seu novo traje, embora alguns pequenos detalhes estivessem absurdamente tortos e ajeitados não da forma devida, mas não seria eu quem os corrigiria. Ele me dava a impressão não só de um bárbaro, mas de um ser cômico. Mas eu sabia que qualquer outra pessoa o consideraria imponente.

Eu o odiava, mas não por inteiro. E enquanto estava ali com ele, quase me entreguei às lágrimas. De modo totalmente inesperado, para cercear essa emoção, falei.

— O que você aprendeu em todo esse tempo? — perguntei.

— Que pergunta arrogante! — comentou ele, em voz baixa. — O que você aprendeu?

Falei das minhas teorias, sobre como o Ocidente voltara a se erguer, mais uma vez recorrendo aos antigos clássicos que Roma adotara da Grécia. Falei sobre como a arte do antigo Império era agora recriada por toda a Itália; e falei das belas cidades do norte da Europa, prósperas como as do sul. E então expliquei como tinha a impressão de que o Império Oriental havia sido derrotado pelo islã e não mais existia. O mundo grego estava irrevogavelmente perdido.

— Nós temos de novo o Ocidente, você não percebe? — perguntei. Ele olhou para mim como se eu estivesse totalmente louco.

— E então? — retruquei.

Houve uma leve mudança no seu rosto.

— Testemunha no Sangue — disse ele, repetindo as palavras que eu pronunciara antes —, observador dos tempos.

Estendeu os braços como se fosse me abraçar. Seus olhos estavam límpidos, e eu não percebia nele maldade alguma.

— Você me deu coragem — disse ele.

— Coragem para o quê, posso perguntar?

— Para continuar a perambular — respondeu ele, deixando os braços cair.

Concordei. O que mais nos restava dizer?

— Você tem tudo de que precisa? — perguntei. — Tenho bastante dinheiro veneziano ou florentino. Você sabe que a fortuna não é nada para mim. Gosto de repartir o que tenho.

— Para mim também ela não é nada — disse ele. — Vou obter o que preciso da minha próxima vítima; e seu sangue e dinheiro me sustentarão até a vítima seguinte.

— Que assim seja — disse eu, o que significava que eu queria que ele me deixasse. Mas no momento em que ele se

deu conta, quando se virou para ir embora, estendi a mão e o segurei pelo braço. — Perdoe-me por ter sido frio com você. Fomos companheiros pelos tempos afora.

Foi um forte abraço.

E eu o acompanhei até a entrada da frente, onde os archotes nos iluminaram demais para meu gosto, e o vi praticamente desaparecer na escuridão.

Em questão de segundos, não ouvi mais sinal dele. Dei graças em silêncio.

Refleti. Como eu detestava Mael. Como sentia medo dele. E no entanto eu o amara no passado, eu o amara até mesmo quando éramos mortais e eu era seu prisioneiro, quando ele era o sacerdote druida que me ensinava os hinos dos Fiéis da Floresta, com que finalidade eu não sabia.

E eu sem dúvida o amara durante aquela longa viagem até Constantinopla, e também naquela cidade quando entregara Zenobia a ele e Avicus, desejando felicidade aos três.

Mas agora não o queria perto de mim! Queria minha casa, minhas crianças, Amadeo, Bianca. Queria minha Veneza. Queria meu mundo mortal.

Como eu não me dispunha a arriscar meu lar mortal mesmo por mais algumas horas com ele. Como eu queria que ele não soubesse meus segredos.

Mas cá estava eu, parado à luz do archote, perturbado, e havia algo de errado.

Vincenzo não estava muito longe, e eu me voltei para chamá-lo.

— Vou passar algumas noites longe — disse-lhe eu. — Você sabe o que fazer. Logo estarei de volta.

— Pois não, senhor — disse ele.

E pude me assegurar de que ele não percebera absolutamente nada de estranho em Mael. Estava, como sempre, pronto para cumprir minha vontade.

Mas então indicou algo com um dedo.

— Olhe lá, senhor, Amadeo, ele está esperando para falar com o senhor. Fiquei perplexo.

Do outro lado do canal, Amadeo estava em pé numa gôndola, a me observar, esperando, e sem dúvida me havia visto com Mael. Por que eu não o ouvira? Mael tinha razão. Eu estava descuidado. Estava enternecido demais com emoções humanas. Estava ávido demais por amor.

Amadeo ordenou ao remador que o trouxesse até junto da casa.

— E por que você não foi com Riccardo? — perguntei. — Esperava encontrá-lo na casa de Bianca. Você precisa me obedecer.

De imediato, Vincenzo desapareceu, e Amadeo, depois de passar para o cais, estava me abraçando, apertando com toda a força meu corpo rígido e irredutível.

— Para onde você vai? — perguntou ele, num sussurro apressado. — Por que vai me deixar de novo?

— Preciso ir — disse eu —, mas vai ser só por algumas noites. Você sabe que preciso ir. Tenho obrigações solenes a cumprir em outros lugares, e eu não volto sempre?

— Senhor, aquele homem, o que acabou de ir embora…

— Não me pergunte — respondi, sério. Como eu havia temido isso. — Volto para você dentro de algumas noites.

— Leve-me junto — implorou Amadeo.

Essas palavras me impressionaram. Senti algo ceder dentro de mim.

— Isso eu não posso fazer — respondi. E da minha boca saíram palavras que eu imaginava que nunca pronunciaria. — Vou ver Aqueles Que Devem Ser Preservados — disse, como se não pudesse guardar dentro de mim o segredo. — Vou ver se estão em paz. Vou fazer o que sempre fiz.

Que expressão de assombro dominou seu rosto.

— Aqueles Que Devem Ser Preservados — murmurou, num tom de prece.

Estremeci.

Senti um enorme alívio. E tive a impressão de que, após a passagem de Mael, eu trouxera Amadeo mais para perto de mim. Dera mais um passo fatal.

O archote me perturbava.

— Vamos entrar — disse eu. E avançamos juntos pela entrada sombria. Vincenzo, que nunca estava muito longe, foi embora.

Curvei-me para beijar Amadeo, e o calor do seu corpo me excitou.

— Senhor, dê-me o Sangue — sussurrou ele no meu ouvido. — Senhor, diga-me o que você é.

— O que eu sou, meu filho? Às vezes, acho que não sei. E às vezes acho que infelizmente sei muito bem. Estude durante minha ausência. Não perca nada. E eu estarei de volta antes que você perceba. E então vamos falar de Beijos de Sangue e segredos. E enquanto isso não diga a ninguém que você é meu.

— E eu alguma vez falei, senhor? — retrucou. Beijou-me no rosto e pôs a mão morna na minha face, como se quisesse saber até que ponto eu não era humano.

Colei meus lábios aos seus. Deixei que um pequeno filete de sangue escorresse para sua boca. Senti que ele estremecia.

Afastei-o de mim. Ele estava sem forças nos meus braços.

Chamei Vincenzo e lhe entreguei Amadeo. E saí pela noite afora.

Deixei a esplêndida cidade de Veneza com seus palácios cintilantes e me recolhi ao gélido santuário nas montanhas, consciente de que o destino de Amadeo estava selado.

CAPÍTULO 20



QUANTO TEMPO ESTIVE com Aqueles Que Devem Ser Preservados, não sei. Uma semana, talvez mais.

Entrei no santuário, confessando meu espanto por ter confiado a simples expressão "Aqueles Que Devem Ser Preservados" a um menino mortal. Mais uma vez admiti que o queria. Queria que ele compartilhasse minha solidão. Queria que ele compartilhasse tudo o que eu pudesse dar e ensinar.

Ai, que dor! Tudo o que eu pudesse dar e ensinar!

O que isso significava para os Pais Imortais? Nada. E enquanto eu aparava o pavio das lâmpadas, enquanto eu as enchia com azeite, enquanto deixava que a luz iluminasse tudo em torno das figuras egípcias em seu silêncio eterno, sofri a mesma penitência que sempre havia conhecido.

Duas vezes, com uma rajada do Dom do Fogo, acendi a longa fileira de cem círios altos. Duas vezes deixei que se consumissem.

Porém, enquanto eu orava, enquanto sonhava, ocorreu-me uma nítida conclusão. Eu desejava esse companheiro mortal exatamente por ter me inserido no mundo mortal.

Se eu nunca tivesse posto os pés no estúdio de Botticelli, essa louca solidão não teria se abatido sobre mim. Tudo estava associado ao meu amor por todas as artes, mas especialmente pela pintura, e ao meu desejo de me aproximar daqueles mortais que com tanta elegância se nutriam das criações

daquele período da mesma forma que eu me alimentava de sangue.

Também confessei que minha formação de Amadeo estava quase completa.

Ao acordar, tentava escutar os movimentos e pensamentos de Amadeo, que não estava a mais de algumas centenas de quilômetros dali. Ele era obediente às minhas instruções. No período da noite, ele se atinha a seus livros e não ia à casa de Bianca. Na realidade, ele permanecia no meu quarto de dormir, pois não conhecia mais a simples camaradagem com os outros meninos.

O que eu poderia dar a esse menino que o levasse a me abandonar?

O que eu poderia lhe dar para treiná-lo com ainda mais perfeição para ser o companheiro que eu desejava do fundo da minha alma?

As duas perguntas me atormentavam.

Ocorreu-me afinal um plano — ele precisaria passar por uma última prova e, caso não se saísse bem, eu o entregaria com fortuna e posição irresistíveis ao mundo mortal. Como isso poderia ser feito, eu não sabia, mas não me parecia ser difícil.

Minha intenção era revelar-lhe como eu me alimentava.

E claro que era mentira, essa história de prova, pois, uma vez que ele me houvesse visto no ato de me alimentar, em flagrante de assassinato, como poderia passar ileso para uma mortalidade produtiva, por maiores que fossem sua instrução, seu refinamento e sua fortuna?

Bastou que fizesse essa pergunta a mim mesmo para que eu me lembrasse da minha belíssima Bianca, que permanecia perfeitamente firme no leme do navio apesar das taças envenenadas que havia servido.

Tudo isso, o mal e a astúcia, compunha a substância das minhas preces. Será que eu estava pedindo permissão a Akasha e Enkil para transformar essa criança em bebedor de

sangue? Eu estava pedindo permissão para revelar a Amadeo os segredos desse santuário antigo e imutável?

Se realmente perguntei, não obtive resposta.

Akasha deu-me apenas sua serenidade espontânea; e Enkil, sua imponência. O único som foi o dos meus movimentos quando me levantei depois de me ajoelhar, quando deixei meus beijos aos pés de Akasha, quando recuei e fechei atrás de mim a porta imensa, trancando-a.

Naquela noite havia vento e neve nas montanhas. Tudo era branco, puro e penetrante.

Fiquei feliz por estar em casa, em Veneza, em questão de minutos, embora também fizesse frio na minha cidade querida.

Mal cheguei ao meu quarto, Amadeo veio me abraçar.

Cobri sua cabeça de beijos e então sua boca ardente, tirando-lhe o fôlego; e então, com uma mordida mínima, dei-lhe o Sangue.

— Você gostaria de ser o que eu sou, Amadeo? — perguntei. — Gostaria de ser imutável para sempre? Gostaria de viver um segredo por toda a eternidade?

— Gostaria, senhor — disse ele com um abandono febril, pondo as mãos calorosas nos lados do meu rosto. — Dê-me o sangue, senhor. Acha que não refleti sobre isso? Sei que o senhor lê nossos pensamentos. Senhor, eu quero. Senhor, como é que se faz? Senhor, eu me entrego.

— Procure a capa mais pesada para proteger-se do inverno — disse eu. — E depois venha me encontrar no terraço.

Pareceu que mal se havia passado um momento quando ele veio ao meu encontro. Olhei na direção do mar. O vento estava forte. Perguntei-me se o vento o machucava; sondei seus pensamentos; e avaliei sua paixão.

E, olhando no fundo dos seus olhos castanhos, soube que ele deixara o mundo mortal para trás talvez com muito menos esforço do que qualquer outro mortal que eu pudesse ter colhido no meu jardim, pois aquelas recordações ainda o

corroíam por dentro, se bem que ele estivesse disposto a acreditar totalmente em mim.

Envolvi-o nos braços e, cobrindo seu rosto, levei-o comigo até um bairro miserável de Veneza, no qual ladrões e mendigos dormiam onde conseguiam. Os canais fediam a lixo e peixe morto.

Ali encontrei uma vítima mortal em minutos. Para espanto de Amadeo, agarrei o desgraçado com uma velocidade sobrenatural, quando ele tentava me apunhalar, e o levantei até minha boca.

Deixei que Amadeo visse os dentes ocultos com os quais perfurei o pescoço do infeliz; e então meus olhos se fecharam e eu me tornei Marius, o bebedor de sangue, Marius, o justiceiro do Malfeitor, e o sangue fluiu para dentro de mim. E não me importava mais que Amadeo estivesse presenciando aquilo, que Amadeo estivesse ali.

Quando tudo terminou, deixei o corpo cair em silêncio na água imunda do canal.

Voltei-me, sentindo o sangue no rosto e no peito, e então passando lentamente até minhas mãos. Minha visão estava embaçada, e eu sabia que estava sorrindo — não um sorriso malévolo, sabe? Mas algo secreto e totalmente diferente de qualquer coisa que a criança tivesse visto um dia.

Quando afinal olhei para ele, vi apenas o espanto.

— Nenhuma lágrima pelo homem, Amadeo? — perguntei. — Nenhuma pergunta sobre o que será da sua alma? Ele morreu sem a extrema-unção. Morreu apenas para mim.

— Não, senhor — respondeu ele, e então um sorriso surgiu nos seus lábios como se fosse uma chama que tivesse saltado dos meus. — Foi maravilhoso o que vi, senhor. De que me importam o corpo ou a alma dele?

Fiquei furioso demais para responder. Não houve ali nenhum aprendizado! Ele era jovem demais, a noite muito escura, o homem muito desgraçado; e tudo o que eu havia previsto não deu em nada.

Mais uma vez, embrulhei-o na minha capa, cobrindo-lhe o rosto para que ele nada visse enquanto cruzávamos os ares em silêncio, passando por cima dos telhados e então arrombando com destreza e sem ruído uma janela alta que estava fechada como proteção contra o ar da noite.

Através dos aposentos dos fundos da casa, afastei-me desse ponto de arrombamento até nos encontrarmos na penumbra do quarto suntuoso de Bianca. E, através dos salões diante de nós, vi que ela dava as costas aos convidados. Vi que vinha na nossa direção.

— Por que estamos aqui, senhor? — perguntou Amadeo, olhando temeroso para as salas da frente.

— Você quer ver mais uma vez para entender — disse eu, com raiva. — Você quer ver aquilo acontecer entre aqueles que supostamente amamos.

— Mas como, senhor? — perguntou Amadeo. — O que está dizendo? O que pretende fazer?

— Eu caço o Malfeitor, meu filho — disse-lhe eu. — E você vai ver que aqui o mal é tão intenso quanto naquele desgraçado que entreguei às águas escuras, sem que se confessasse e sem que fosse pranteado.

Bianca estava diante de nós, perguntando-nos com a delicadeza possível como havíamos chegado aos seus aposentos particulares. Seus olhos claros me examinavam, penetrantes.

Rapidamente, acusei-a.

— Conte-lhe, minha bela amada — disse eu, com a voz abafada para que os convidados não se dessem conta —, conte-lhe os atos terríveis que se escondem por trás da sua atitude delicada. Conte-lhe que veneno alguns convidados beberam debaixo deste teto.

Como estava calma ao me responder:

— Você está me irritando, Marius. Chegou de maneira inconveniente. Está me acusando sem autoridade. Vá embora e só volte com o comportamento cortês com o qual veio aqui tantas vezes antes.

Amadeo tremia.

— Por favor, senhor, vamos embora. Não sentimos nada a não ser amor por Bianca.

— Ah, mas dela eu queria mais — disse-lhe eu. — Em vez de amor, eu preferia seu sangue.

— Não, senhor — murmurou Amadeo. — Senhor, eu lhe imploro.

— Sim, porque é um sangue maligno — disse eu — e por isso muito mais apetitoso para mim. Prefiro beber a essência dos assassinos. Conte a Amadeo, Bianca, do vinho misturado a poções e de vidas perdidas por ordem daqueles que a tornaram o instrumento dos seus planos mais iníquos.

— Vá embora — disse ela, sem o menor medo de mim, com os olhos em brasa. — Marius de Romanus, você não pode me julgar. Não você, com seus poderes de mago; não você, com seus meninos. Não digo mais nada além de que você deve sair desta casa.

Fiz menção de segurá-la nos braços. Eu não sabia quando pararia, mas só que revelaria a Amadeo o horror do ato, que ele visse, que ele presenciasse o sofrimento, que visse a dor.

— Senhor — murmurou ele, lutando para se interpor entre nós. — Eu desisto para sempre de tudo o que lhe pedi, desde que ela não seja ferida. Está entendendo? Senhor, não lhe implorarei mais nada. Solte-a.

Eu a segurava, olhando para ela, sentindo o doce perfume da sua juventude, do seu cabelo, do seu sangue.

— Mate-a, e eu morro com ela, senhor — disse Amadeo. Bastava. Já era mais que suficiente.

Afastei-me dela. Senti uma estranha confusão. A música nas salas tornou-se um ruído. Acho que me sentei na cama. A sede de sangue em mim era terrível. Eu poderia ter matado a todos eles, pensei, olhando para a multidão de convidados; e então acho que falei:

— Nós dois somos assassinos, Bianca, você e eu.

Vi que Amadeo estava chorando. Estava de costas para os convidados. Seu rosto reluzia de lágrimas.

E ela, ela, a beldade perfumada com seu cabelo louro trançado, veio sentar-se ao meu lado, com tanta coragem, e segurou minha mão, minha própria mão.

— Somos os dois assassinos, meu senhor — disse ela. — É, posso falar por mim, como exigiu. Mas entenda que recebo ordens de pessoas que com a mesma facilidade me mandariam para o inferno. São eles que preparam as poções para o vinho fatal. São eles que designam a quem ele deverá ser servido. E desconheço os motivos. Só sei que, se não obedecer, quem morre sou eu.

— Diga-me então, minha bela, quem são essas pessoas — disse eu. — Estou sedento por elas. Tenho tanta sede que você não pode imaginar.

— São meus parentes, senhor. Essa *é* a herança que me coube. Essa é a minha família. Desse tipo são meus tutores aqui.

Ela havia começado a chorar, mas estava grudada a mim, como se minha força de repente fosse a única verdade para ela; e na realidade dei-me conta de que era mesmo.

Minhas ameaças de momentos antes apenas a uniram a mim com maior firmeza; e Amadeo aproximou-se, insistindo para que eu matasse todos os que a mantinham sob seu poder, todos os que a desgraçavam, não importava quais fossem os laços de parentesco.

Eu a abraçava, enquanto ela mantinha a cabeça baixa. Dos seus pensamentos, com tanta freqüência confusos para mim, li os nomes como se estivessem escritos em letra legível.

Eu conhecia os homens, todos florentinos que costumavam visitá-la. Naquela noite, estavam num banquete numa casa próxima. Eram prestamistas. Haveria quem os chamasse de banqueiros, mas aqueles que eles assassinavam eram os que lhes emprestavam dinheiro que eles não queriam devolver.

— Você se verá livre deles, minha bela — disse eu. Toquei de leve nela com meus lábios.

Ela se voltou para mim e me deu uma infinidade de beijinhos violentos.

— E o que eu lhe deverei por isso? — perguntou ela, enquanto me beijava, enquanto estendia as mãos para afagar meu cabelo.

— Só que você não diga nada do que viu em mim hoje.

Ela me fitou com os olhos ovais, tranqüilos, e sua mente se fechou, como se nunca fosse me revelar seus pensamentos outra vez.

— Você tem minha palavra, meu senhor — murmurou ela. — E assim minha alma cada vez fica mais pesada.

— Não, eu vou livrá-la desse peso — disse eu quando íamos saindo. Como eram tristes suas lágrimas repentinas. Dei-lhe um beijo, sentindo seu gosto, desejando que fossem de sangue e renunciando para sempre ao sangue dentro dela.

— Não chore por aqueles que a usaram — murmurei. — Volte para a alegria e a música. Deixe comigo as missões sinistras.

Encontramos os florentinos embriagados no seu banquete, sem nos dar nenhuma atenção quando entramos sem apresentação nem explicação e ocupamos nossos lugares à mesa sobrecarregada. Um barulhento grupo de músicos tocava. O piso estava escorregadio com o vinho derramado.

Amadeo estava ansioso, dominado pela empolgação, atento à minha sedução lenta e metódica de cada um deles, à medida que eu bebia o sangue com voracidade e deixava os corpos cair para a frente sobre a mesa, que vergava com o peso. Os músicos fugiram correndo.

No prazo de uma hora, eu havia eliminado a todos eles, esses parentes de Bianca, e somente pelo último de todos, o que conversou mais tempo comigo, totalmente desatento para o que estava acontecendo ao redor — somente por ele Amadeo implorou e chorou. E eu iria ter misericórdia por esse quando seu coração tinha tanta culpa quanto todos os outros?

Ficamos ali sentados sozinhos na sala da ceia destruída, com os corpos à nossa volta, a comida fria em seus pratos e travessas de ouro e prata, o vinho escorrendo de cálices derrubados; e, pela primeira vez, enquanto Amadeo chorava sem parar, vi pavor nos seus olhos.

Olhei para minhas mãos. Eu havia bebido tanto sangue que elas pareciam humanas; e eu sabia que, se olhasse num espelho, veria um rosado rosto humano.

O calor em mim era delicioso e insuportável. E eu não queria nada mais que tomar Amadeo, trazê-lo para meu lado agora. No entanto, ali estava ele diante de mim, com as lágrimas escorrendo pelo rosto

— Todos se foram — disse eu. — Os que atormentavam Bianca. Você venha comigo. Vamos sair desta cena sangrenta. Gostaria de caminhar com você antes do nascer do sol, perto do mar.

Ele me acompanhou como uma criança acompanharia, com as lágrimas a lhe manchar o rosto enquanto continuavam a escorrer dos olhos.

— Enxugue as lágrimas — disse eu, com firmeza. — Vamos sair para a *piazza.* Está quase amanhecendo.

Ele pôs a mão na minha quando descíamos pela escadaria de pedra. Enlacei-o com o braço, abrigando-o do vento cortante.

— Senhor — suplicou ele —, todos eles eram homens cruéis, não eram? O senhor tinha certeza. O senhor sabia.

— Todos eles — respondi. — Mas às vezes os homens e as mulheres são tanto bons quanto maus — prossegui. — E quem hei de escolher para meus apetites nocivos? No entanto, escolho. E Bianca não é tanto boa quanto má?

— Se eu beber o sangue dos que são maus — perguntou ele —, eu me tornarei semelhante ao senhor?

Estávamos diante das portas fechadas de San Marco. O vento vinha impiedoso do mar. Envolvi-o ainda mais com minha capa, e ele encostou a cabeça no meu peito.

— Não, meu filho — disse eu —, a magia que há nisso é infinitamente maior.

— O senhor precisa me dar seu sangue, não é mesmo? — perguntou ele, erguendo os olhos para mim, as lágrimas claras e cintilantes no ar frio, o cabelo desfeito.

Não respondi.

— Senhor — disse ele, enquanto eu o segurava num abraço apertado —, há muitos e muitos anos, ou é o que me parece, em algum lugar distante, onde eu morava antes de chegar às suas mãos, eu era o que chamavam de Louco por Deus. Não me lembro com clareza e nunca me lembrarei, como nós dois bem sabemos.

"Mas um Louco por Deus era uma criatura que se entregava totalmente a Deus e não se importava com o que acontecesse, fosse a zombaria, a inanição, uma risadaria interminável, fosse um frio apavorante. Até aí eu me lembro: de que era Louco por Deus naquela época."

— Mas você pintava quadros, Amadeo, você pintava belos ícones…

— Mas ouça o que lhe digo, senhor — atalhou ele com firmeza, forçando-me ao silêncio. — Não importa o que eu fizesse, eu era um Louco por Deus, e agora eu gostaria de ser um Louco pelo senhor. — Ele fez uma pausa, aconchegando-se a mim, já que o vento ficara mais forte. A névoa vinha chegando, cobrindo as pedras. Ouviam-se ruídos dos navios.

Comecei a falar, mas ele estendeu a mão para me interromper. Como parecia obstinado e forte, como era sedutor, como era totalmente meu.

— Senhor — prosseguiu ele. — Faça quando quiser. Pode contar com meu sigilo. E com minha paciência. Faça quando e como quiser.

Pensei no que ele acabava de dizer.

— Volte para casa, Amadeo — respondi-lhe. — Você sabe que o dia está nascendo e que eu preciso deixá-lo com a chegada do sol.

Ele fez que sim, intrigado com isso como se pela primeira vez tivesse importância para ele, muito embora eu não soubesse como poderia não ter pensado naquilo antes.

— Vá para casa e estude com os outros, converse com eles e proteja os pequenos quando estiverem brincando. Se conseguir fazer isso, passar do sangrento salão de banquetes para o riso das crianças, quando eu chegar hoje à noite, eu o farei. Eu o trarei para meu lado.

Fiquei olhando enquanto ele se afastava no nevoeiro. Ia na direção do canal, onde encontraria a gôndola que o levaria de volta à nossa porta.

— Um Louco por Deus — murmurei em voz alta para minha mente ouvir o som —, é, um Louco por Deus, e em algum mosteiro miserável você pintava os quadros sagrados, na convicção de que sua vida não significaria nada a menos que fosse uma vida de sacrifício e dor. E agora, na minha magia, vê alguma causticante pureza similar. E dá as costas a todas as riquezas da vida em Veneza por essa pureza ardente; você dá as costas a tudo o que um ser humano pode ter.

Mas será que era isso mesmo? Ele sabia o suficiente para tomar uma decisão dessa natureza? Ele podia renunciar ao sol para sempre?

Eu não tinha resposta. O que importava agora não era a decisão dele. Pois eu tinha tomado a minha.

Quanto à minha deslumbrante Bianca, daí em diante seus pensamentos nunca mais se abriram para mim, como se ela conhecesse esse segredo como uma bruxa matreira. Quanto à sua dedicação, seu amor, sua amizade, essa era uma outra história.

CAPÍTULO 21



ORA, O LUGAR ONDE EU dormia em Veneza era num belo sarcófago de granito numa câmara oculta imediatamente acima do nível da água num *palazzo* desabitado que me pertencia.

O quarto em si era revestido de ouro, uma pequena cela perfeitamente maravilhosa, repleta de archotes, e uma escadaria subia dessa câmara até uma porta que somente eu conseguia abrir à força.

Ao sair do *palazzo,* era preciso descer um lance de escada até o canal — quer dizer, isso se aplicava às pessoas que estivessem andando, o que eu naturalmente não estava fazendo.

Havia alguns meses, eu providenciara a criação de outro sarcófago de mesma beleza e peso, para que dois bebedores de sangue pudessem se deitar juntos nessa câmara, e foi desse repouso dourado que me levantei na noite seguinte.

Soube de imediato que minha casa estava em alvoroço. Eu ouvia os gemidos distantes dos meninos menores, e as preces desesperadas de Bianca. Havia ocorrido alguma carnificina sob meu teto.

Achei, é claro, que estivesse relacionada com os florentinos que eu havia assassinado. E, enquanto seguia apressado até meu *palazzo,* eu me amaldiçoava por não ter tomado um cuidado maior com aquele feito espetacular.

No entanto, eu não poderia estar mais enganado.

Ninguém precisava me contar, enquanto eu descia correndo pela escada, vindo do terraço, que um violento lorde inglês invadira minha casa esbravejando, à procura de Amadeo, por quem nutria uma paixão proibida, que de algum modo havia sido atiçada pelo comportamento sedutor de Amadeo em noites fortuitas quando eu estava ausente.

E com a mesma percepção, rapidamente captei o horror de que lorde Harlech, o tal inglês, havia assassinado de modo cruel e injustificado crianças de não mais de sete anos, antes de entrar em combate com o próprio Amadeo.

Naturalmente, Amadeo sabia usar tanto a espada quanto a adaga e, com as duas nas mãos, enfrentara veloz esse homem perverso. Na realidade, ele havia matado lorde Harlech, mas não antes que lorde Harlech lhe fizesse cortes no rosto e nos braços com uma lâmina envenenada.

Entrei no quarto de dormir e encontrei Amadeo numa febre fatal, tendo perdido os sentidos, com a presença de padres; e Bianca a banhá-lo com um pano fresco.

Por toda parte havia velas. Amadeo jazia, nos trajes da noite anterior, com a manga cortada no lugar em que lorde Harlech havia ferido seu braço.

Riccardo estava chorando. Os professores estavam chorando. Os padres lhe haviam dado a extrema-unção. Não havia mais nada a fazer.

De imediato, Bianca voltou-se para me cumprimentar. Seu lindo vestido estava manchado de sangue. Ela veio ao meu encontro, com o rosto pálido, as mãos agarrando minhas mangas.

— Ele vem lutando há horas — disse-me ela. — Falou de visões. Atravessou um mar enorme e viu uma fantástica cidade celestial. Viu que todas as coisas são feitas de amor. Todas as coisas! Você está entendendo?

— Estou — respondi.

— Viu uma cidade de vidro, como a descreveu, feita de amor, como todas as coisas que crescem. Viu padres da sua

terra natal, e esses padres lhe disseram que não chegou sua hora de alcançar a cidade. E o mandaram de volta.

Ela apelou para mim.

— Eles têm razão, não têm? — perguntou ela. — Esses padres que ele viu? Não chegou sua hora de morrer.

Não lhe dei resposta.

Ela voltou para o lado dele, e eu me postei atrás dela. Fiquei olhando enquanto ela molhava sua testa mais uma vez.

— Amadeo — disse ela, com a voz forte e calma —, respire por mim, respire por seu senhor. Amadeo, respire por mim.

Pude ver que ele tentava obedecer à ordem dela.

Seus olhos estavam fechados e então se abriram, mas nada enxergavam. Sua pele era da cor de marfim antigo. O cabelo estava puxado para trás. Como era cruel o corte no rosto feito pela lâmina de lorde Harlech.

— Deixem-me com ele agora — disse eu, com delicadeza, a todos os presentes.

Ninguém protestou. Ouvi as portas se fechando.

Debrucei-me e, cortando minha língua como havia feito tantas vezes, deixei o sangue escorrer sobre o terrível corte no seu rosto. Assombrei-me em silêncio enquanto o ferimento se fechava.

Mais uma vez, seus olhos se abriram. Ele me viu e então falou:

— É Marius — disse, baixinho. Nem uma vez em todo o nosso tempo juntos ele me havia chamado pelo nome. — Marius chegou. Por que os padres não me contaram? Disseram só que não estava na minha hora de morrer.

Levantei sua mão direita. Ali também a lâmina de lorde Harlech havia feito um corte e eu agora a beijava com o sangue medicinal e presenciava o milagre mais uma vez.

Amadeo estremeceu. Estava sentindo dor, e seus lábios se contraíram por um instante antes de ele se acalmar, como se

caísse num sono profundo. O veneno o estava corroendo por dentro. Eu podia ver os sinais cruéis.

Estava morrendo, não importava o que suas visões lhe houvessem dito, e não seria nenhum terno beijinho de sangue que poderia salvá-lo agora.

— Você acreditou no que disseram? — perguntei-lhe. — Que não tinha chegado sua hora de morrer?

Com relutância, com sofrimento, seus olhos se abriram.

— Eles me devolveram ao senhor — respondeu. — Ai, quem dera eu pudesse me lembrar de tudo o que me disseram, mas eles me avisaram que eu me esqueceria. Por que fui um dia trazido para cá, senhor? — Seu esforço era enorme, mas ele não queria se calar. Continuava a falar.

— Por que fui levado de alguma terra distante e trazido para o senhor? Lembro-me de cavalgar pelas estepes. Lembro-me de meu pai. E nos meus braços, enquanto seguia a cavalo, eu segurava um ícone que havia pintado. E meu pai era um grande cavaleiro e grande guerreiro; e sobre nós se abateram os terríveis, os tártaros. E eles me apanharam, e o ícone, senhor, caiu no capim alto. Agora, eu sei, senhor. Acho que mataram meu pai quando me levaram embora.

— Você o viu, meu filho — perguntei —, quando sonhou com essas coisas?

— Não, senhor. Mas a verdade é que não me lembro. — Ele começou a tossir de repente; e então a tosse parou e ele respirou fundo como se essa fosse a única coisa que tivesse forças para fazer.

— Sei que pintei o ícone e que fomos despachados pelas estepes afora para pôr o ícone numa árvore. Era alguma obrigação sagrada. As estepes eram perigosas, senhor, mas meu pai sempre caçava ali. Nada assustava meu pai, e eu sabia cavalgar tão bem quanto ele. Senhor, agora conheço a história da minha vida. Eu a conheço e, mesmo assim, não consigo contá-la direito…

De repente sua voz calou-se e todo seu corpo estremeceu mais uma vez.

— Estou morrendo, senhor — murmurou ele. — E no entanto eles disseram que não estava na minha hora.

Eu sabia que agora lhe restavam apenas minutos de vida. Eu algum dia havia amado alguém mais do que o amava? Eu algum dia havia revelado mais da minha alma a qualquer pessoa do que revelara a ele? Se eu derramasse lágrimas agora, ele as veria. Se eu tremesse agora, ele saberia.

Muito tempo antes, eu havia sido capturado, exatamente como ele! Não era por esse motivo que eu o escolhera? Por ladrões o terem arrancado da sua vida como eu tinha sido arrancado da minha?

E por isso eu havia pensado em lhe dar esse presente maravilhoso que era a eternidade! Ele não era digno sob todos os aspectos? Sim, era jovem, mas de que modo poderia lhe ser prejudicial ser belo para sempre com as feições de um rapaz?

Não era Botticelli. Não era um homem de imenso talento e fama.

Era um menino que estava ali morrendo, de quem poucos se lembrariam além de mim.

— Como poderiam ter dito — murmurou ele — que não estava na minha hora?

— Eles o mandaram de volta para mim! — disse, arquejante. Não conseguia suportar mais aquilo. — Amadeo, você acreditou nesses padres que viu? Acreditou na cidade de vidro? Diga-me.

Ele sorriu. E, por mais belo que fosse, nunca era inocente seu sorriso.

— Não chore por mim, senhor — respondeu ele, esforçando-se para se levantar um pouco do travesseiro, com os olhos muito arregalados. — Quando o ícone caiu, meu destino estava traçado, senhor.

— Não, Amadeo, não acredito nisso — disse eu. Mas não havia mais tempo.

— Vá até eles, meu filho, chame-os! — disse eu. — Diga-lhes que o levem agora.

— Não, senhor. Eles podem ser seres insubstanciais. Podem ser sonhos da mente febril. Podem ser espectros envoltos nos trajes da memória. *Mas eu sei o que o senhor é, Mestre.* Eu quero o sangue. Já o provei. Quero ficar com o senhor. E se for me recusar isso, então deixe-me morrer com Bianca! Devolva-me minha enfermeira mortal, pois ela me consola muito mais que o senhor com sua frieza. Prefiro morrer a sós com ela.

Caiu de volta, exausto, no travesseiro.

Em desespero, cortei minha língua para encher minha boca. Dei-lhe o sangue. Mas o veneno estava agindo rápido demais.

Ele deu um sorriso enquanto o sangue o aquecia, e seus olhos se toldaram de lágrimas.

— Belo Marius — disse ele, como se fosse muito mais velho do que eu jamais conseguiria ser. — Belo Marius, que me deu Veneza. Belo Marius, dê-me o sangue.

Não tínhamos mais tempo. Eu chorava, desconsolado.

— Você realmente quer o Sangue, Amadeo? — perguntei. — Diga-me então que renuncia à luz do sol para sempre, e que para todo o sempre viverá do sangue do Malfeitor, como eu vivo.

— Eu juro, é o que eu quero — respondeu ele.

— Você viverá para sempre, imutável, alimentando-se de mortais que não poderão mais ser seus irmãos e irmãs? — perguntei.

— Sim, para sempre imutável — respondeu ele —, no meio deles, se bem que não sejam mais meus irmãos e irmãs.

Mais uma vez, dei-lhe o Beijo de Sangue. E então apanhei-o e o carreguei até a banheira.

Despi suas roupas grossas e sujas de veludo. E o coloquei na água morna. E ali, com o sangue da minha boca, fechei todos os cortes feitos por lorde Harlech na sua carne. Raspei para todo o sempre qualquer sinal de barba que ele pudesse ter.

Ele agora estava preparado para a magia como quem tivesse sido preparado para um sacrifício. Seu coração batia devagar, e seus olhos estavam pesados demais para se abrir outra vez.

E num longo camisão de seda simples eu o vesti e o levei do quarto.

Os outros estavam esperando, ansiosos. As mentiras que contei, não sei. Como eu estava enlouquecido naqueles instantes. A Bianca transmiti o solene encargo de confortar os outros e lhes agradecer. A vida de Amadeo estava a salvo nas minhas mãos.

— Deixe-nos agora, minha bela — disse-lhe eu. Mesmo abraçado a ele, eu a beijei. — Confie em mim, e eu me encarrego de que nunca lhe aconteça nenhum mal.

Pude ver que ela acreditava em mim. Todo o seu medo havia desaparecido. Em questão de momentos, Amadeo e eu estávamos a sós.

Levei-o então para meu salão pintado mais majestoso. Era a sala na qual eu havia copiado a magnífica pintura de Gozzoli, *A procissão dos reis magos,* roubada do original em Florença como um teste para minha memória e meu talento.

Mergulhei-o nesse mundo de cor e variação intensas, pondo-o de pé no mármore frio e lhe dando, por meio de um Beijo de Sangue, a maior dose de sangue que lhe dera até então.

Com o Dom do Fogo, acendi os candelabros de todo um lado do aposento e do outro. A pintura foi banhada em luz.

— Você pode ficar em pé agora, meu pupilo amado — disse-lhe eu. — Meu sangue corre em você atrás do veneno. Já começamos.

Ele tremia, com medo de me soltar, a cabeça pesando para a frente, encostando nas minhas mãos o cabelo abundante e macio.

— Amadeo — disse eu, beijando-o mais uma vez enquanto o sangue se derramava dos meus lábios para sua boca. — Como você se chamava naquela terra perdida? —

Voltei a encher minha boca com sangue, que dei a ele. — Volte no passado, meu filho, e torne-o parte do futuro.

Seus olhos se arregalaram.

Afastei-me dele. Deixei-o em pé. Desatei minha capa de veludo vermelho e a joguei para longe de mim.

— Venha até aqui — disse eu, abrindo os braços.

Ele deu os primeiros passos, inseguro, tão repleto do meu sangue que sem dúvida a própria luz deve tê-lo deixado espantado, mas seus olhos estavam passeando pela multidão de figuras pintadas na parede. Olhou então direto para mim.

Como sua expressão era inteligente, como era consciente! Como de repente ele parecia cheio de triunfo em seu silêncio e sua paciência. Como parecia absolutamente amaldiçoado.

— Venha, Amadeo, venha tomá-lo de mim — disse eu, com os olhos cheios de lágrimas. — Você saiu vitorioso. Tome o que eu tiver para dar.

Num instante ele estava nos meus braços, e eu o abraçava com carinho, murmurando no seu ouvido.

— Não tenha medo, meu filho, nem por um instante. Você vai morrer agora para viver para sempre, quando eu beber seu sangue e o devolver para você. Não vou deixar sua vida escapulir.

Finquei os dentes no seu pescoço e senti o gosto do veneno no seu sangue assim que ele penetrou em mim, com meu corpo destruindo o veneno, meu corpo consumindo seu sangue sem esforço, como poderia ter consumido o de uma dúzia de jovens daquela idade; e à minha cabeça vieram as visões da sua infância — do mosteiro russo onde ele havia pintado seus ícones impecáveis, dos frios aposentos onde havia vivido.

Vi monges como que emparedados vivos enquanto jejuavam, comendo apenas o que os sustentasse. Senti o cheiro de terra. Senti o cheiro de decomposição. Ai, como era medonho esse caminho para a salvação. E ele fizera parte daquilo, meio apaixonado pelas celas sacrificais e seus

moradores esfaimados, diferente apenas por seu dom: ele sabia pintar.

E então, por um instante, não vi nada além das suas pinturas, uma imagem se sucedendo à outra, rostos enlevados de Cristo, da Virgem — vi as auréolas cravejadas de pedras preciosas. Ah, tanta riqueza no mosteiro escuro e lúgubre. E então veio o riso generoso e vulgar do seu pai, que queria que o menino deixasse o mosteiro para sair a cavalo com ele pelas estepes onde os tártaros cavalgavam.

O príncipe Michael, seu governante, quis enviar o pai de Amadeo pelas estepes afora. Era uma missão inútil. Os monges protestaram contra aquilo, que o pai de Amadeo o expusesse a tamanho perigo. Os monges embrulharam o ícone e o deram a Amadeo. Das trevas e da terra cruel do mosteiro, Amadeo saiu para a luz.

Parei. Recuei do sangue e das visões. Eu o *conhecia.* Conhecia a escuridão implacável e sem esperanças dentro dele. Conhecia a vida que havia sido projetada para a fome e a disciplina rigorosa.

Cortei a carne do meu pescoço e segurei sua cabeça perto de mim.

— Beba — disse eu, empurrando sua cabeça para a frente. — Leve a boca ao ferimento. Beba.

Afinal, ele me obedeceu e de repente com toda a força sugou o sangue. Não o havia provado o suficiente para ansiar por ele? E agora o sangue vinha desmedido, e Amadeo estava louco por ele. Fechei os olhos e senti uma doçura deliciosa que não experimentava desde aquela noite remota em que dera meu sangue à minha querida Zenobia para torná-la ainda mais forte.

— Seja meu filho, Amadeo — murmurei em meio àquela doçura. — Seja meu filho para sempre. Eu algum dia amei alguém mais que a você?

Afastei-o do ferimento; e, quando ele gritou, finquei os dentes no seu pescoço mais uma vez. Dessa vez, era meu

sangue misturado ao dele que voltava para dentro de mim. O veneno não existia mais.

Novamente, vi os ícones. Vi os corredores sombrios do mosteiro; e então, na neve que caía, vi os dois a cavalo, Amadeo e o pai. Amadeo segurava o ícone, e o padre corria ao seu lado, dizendo-lhe que deveria pôr o ícone numa árvore, que os tártaros o encontrariam e o considerariam um milagre. E Amadeo, como parecia inocente para ser um cavaleiro tão arrojado, para ser escolhido para acompanhar o pai na missão do príncipe Michael, enquanto a neve caía pesada, enquanto o vento açoitava seu cabelo.

E essa foi sua desgraça. Dê-lhe as costas agora. Você a viu sem disfarces. Olhe para a fabulosa pintura na parede, Amadeo. Olhe para a fortuna que lhe dei. Olhe para a glória e a virtude que residem numa beleza tão variada e magnífica quanto a que você está vendo aqui.

Soltei-o. Ele contemplava a pintura. Forcei seus lábios contra meu pescoço novamente.

— Beba — eu lhe disse. Mas ele não precisava de recomendações. Grudou-se a mim. Ele conhecia o sangue, como eu conhecia a ele.

Quantas vezes repetimos isso, a passagem do sangue de um para o outro? Não sei. Só sei que, nunca tendo feito aquilo totalmente desde aquela noite distante no bosque dos druidas, não confiei em nada, e fiz dele a cria mais forte que pude.

E, enquanto ele bebia de mim, transmiti-lhe minhas lições, meus segredos. Falei dos dons que uma noite poderiam vir a se manifestar. Falei do antigo amor por Pandora. Falei de Zenobia, de Avicus, de Mael. Contei-lhe tudo, menos o segredo final. Isso não lhe revelei.

Ai, graças aos deuses, guardei o segredo. Guardei-o trancado no meu coração! E bem antes de amanhecer estava terminado. Sua pele estava maravilhosamente pálida; e os olhos escuros com um brilho feroz. Passei os dedos pelo seu cabelo castanho-avermelhado. Mais uma vez, ele sorriu para mim com uma expressão tão experiente, com um ar tão tranqüilo de triunfo.

— Agora está completo, senhor — disse ele, como se estivesse falando com uma criança.

E juntos voltamos ao quarto de dormir, onde ele vestiu seus belos veludos, e saímos para caçar.

Ensinei-o a encontrar suas vítimas, a usar o Dom da Mente para se certificar de que eram Malfeitores; e também permaneci com ele durante as poucas horas de sua Morte mortal.

Seus poderes eram simplesmente imensos. Não demoraria muito para ele conseguir usar o Dom da Nuvem; e eu não consegui encontrar um teste que superasse sua força. Ele conseguia não só ler o pensamento dos mortais, mas também lançava encantamentos.

Era perfeitamente natural que sua mente fosse fechada para mim, se bem que esse ponto fosse algo que eu não aceitava por inteiro. É claro que havia acontecido com Pandora. No entanto, eu esperava que não acontecesse com Amadeo e foi com relutância que cheguei a lhe explicar do que se tratava.

Agora eu precisava interpretar suas expressões faciais, seus gestos, a profundidade dos seus olhos castanhos misteriosos e ligeiramente cruéis.

E claro que ele nunca havia sido mais belo.

E depois de tudo isso, levei-o comigo até meu próprio jazigo, como se diz, ao quarto dourado com os dois sarcófagos de pedra que nos aguardavam, e lhe mostrei como deveria dormir durante o dia.

Não ficou assustado. Na realidade, nada o assustava.

— E os seus sonhos agora, Amadeo? — perguntei-lhe enquanto o segurava num abraço. — E os seus padres e a distante cidade de vidro?

— Senhor, cheguei ao paraíso — respondeu ele. — O que foi para mim Veneza com toda a sua beleza a não ser um prelúdio para o Sangue?

Como eu já fizera milhares de vezes, dei-lhe o Beijo de Sangue, e ele o recebeu e se afastou com um sorriso.

— Como ficou diferente agora — comentou.

— Doce ou amargo? — perguntei.

— Ah, doce, muito doce, pois você realizou os desejos do meu coração. Você não me puxa mais, insensível, por um fio de sangue. Esmaguei-o no meu abraço carinhoso.

— Amadeo, meu amor — murmurei, e pareceu que os longos séculos que eu havia suportado não haviam sido mais que uma preparação para esse momento. Antigas imagens me ocorreram, fragmentos de sonhos. Nada era substancial além de Amadeo. E Amadeo estava ali.

Seguimos, assim, para nosso sono separados. E, ao fechar os olhos, temi somente uma coisa no mundo inteiro: que essa felicidade acabasse.

CAPÍTULO 22



OS MESES SEGUINTES transcorreram em meio a uma liberdade e prazer como eu nunca havia imaginado.

Amadeo era um verdadeiro companheiro e também meu aluno, e eu o forcei com uma disciplina delicada a aprender tudo o que imaginava que ele devesse saber. Isso incluía aulas sobre direito e governo, história e filosofia, bem como as lições que lhe dava de como ser um bebedor de sangue, às quais ele se entregava com uma disposição entusiástica que superava meus sonhos.

Eu havia imaginado que, por ser jovem, ele pudesse querer se alimentar dos inocentes; mas, quando lhe expliquei como a culpa logo destruiria sua alma se ele agisse dessa forma, descobri que ele prestava atenção e aceitava minhas instruções sobre como se alimentar do mal sem permitir que ele tornasse sua alma sombria.

Também era um aluno dedicado nas aulas sobre como se comportar na presença de mortais; e logo se sentia forte o suficiente para conversar com os meninos mortais. Na realidade, logo tornou-se perito em enganá-los, exatamente como eu; e embora eles percebessem que alguma mudança havia ocorrido em Amadeo, não sabiam o que mudara, e não tinham como saber. Também não ousavam perturbar a paz da nossa casa maravilhosa, nem mesmo com suas dúvidas mais ínfimas.

Até Riccardo, o mais antigo dos aprendizes, no fundo não suspeitava de nada, além de que seu Mestre era de algum modo um poderoso mago e que a magia salvara a vida de Amadeo.

Agora, porém, precisávamos lidar com nossa querida Bianca, que não víamos desde a noite da terrível doença; e eu sabia que essa seria a prova mais árdua para Amadeo.

Como Bianca interpretaria a veloz recuperação de Amadeo do seu apavorante combate com lorde Harlech? E o que pensaria quando pusesse os olhos em Amadeo com sua pele luminosa e cabelos reluzentes? O que ele pensaria quando a encarasse nos olhos?

Não era segredo para mim que ele a adorava, na realidade que ele a amara como eu a amara. E assim precisávamos ir até ela. Na verdade, já estávamos adiando demais a visita.

De repente, uma noite, fomos visitá-la, tendo nos alimentado bem para poder dar uma impressão perfeitamente agradável ao tato e ao olhar.

Assim que entramos na sua sala, percebi de imediato a tensão em Amadeo, por ele não poder lhe contar o que lhe havia acontecido. E só nesse momento eu percebi como esse segredo era difícil para ele e como, apesar de toda a sua força, ele ainda era muito jovem e até mesmo fraco.

De fato, a disposição de espírito de Amadeo era para mim uma causa muito maior de preocupação que a de Bianca, que aparentava apenas felicidade por ver Amadeo recuperado.

Os dois eram como irmão e irmã juntos; e, pensando naturalmente no voto que havia extraído dele quando o criei, senti vontade de chamá-lo à parte para relembrá-lo agora. Mas estávamos na sala de visitas de Bianca, e havia muitos outros convidados, com toda a música e conversa habituais.

— Venham ao meu quarto — disse ela a nós dois. Seu lindo rosto oval estava radiante. — Estou tão feliz por vê-los. Por que não vieram antes? É claro que todo o mundo em Veneza sabia que Amadeo estava bem e que lorde Harlech

voltara à Inglaterra, mas vocês deveriam ter-me escrito se não podiam vir.

Inundei-a de desculpas. Era falta de consideração minha. E de fato eu deveria ter escrito uma carta. O que me deixara cego nesse sentido havia sido meu amor por Amadeo. Eu não conseguia me importar com mais nada.

— Ora, Marius, eu lhe perdôo — protestou ela. — Eu lhe perdoaria qualquer coisa, e olhe só para Amadeo. E como se ele não tivesse nunca sofrido mal algum.

Aceitei com gratidão seu abraço, mas eu podia ver como Amadeo sofria quando ela o beijava, quando segurava sua mão. Ele não conseguia suportar o abismo que os separava, mas precisava suportá-lo. Por isso, não fiz menção de ir embora.

— E como vão as coisas com você, minha bela enfermeira — disse-lhe eu. — Você que manteve Amadeo vivo por um fio até eu poder chegar. Você e seus parentes? Andam felizes?

Ela deu um risinho delicado.

— Ah, sim, meus parentes, alguns deles tiveram um fim terrível. Na realidade, ouvi dizer que o Grão-Conselho de Veneza acredita que eles foram assassinados por aqueles de quem extorquiam pesados pagamentos. Meus parentes nunca deveriam ter vindo a Veneza com seus propósitos nefastos. Mas eu não tenho culpa, como todo o mundo sabe. Foram integrantes do Grão-Conselho de Veneza que me disseram isso. E você não imaginaria, mas em decorrência disso tudo agora estou mais rica.

E claro que entendi de imediato. Os que deviam dinheiro aos seus parentes desgraçados, depois dos assassinatos, deram-lhe presentes dispendiosos. Ela estava mais rica do que nunca antes.

— Estou mais feliz — disse ela, baixinho, olhando para mim. — Na realidade, sou uma pessoa totalmente diferente, pois conheço uma liberdade que antes era para mim inconcebível.

Seus olhos passearam famintos por mim e por Amadeo. Senti que um desejo emanava dela. Enquanto ela olhava para nós dois, senti que desejava uma nova intimidade; e então ela veio a mim e, me abraçando, começou a me beijar.

Afastei-a rapidamente de mim, mas isso só a levou a abraçar Amadeo, e a beijá-lo no rosto e na boca.

Ela fez um gesto na direção da cama.

— Veneza inteira quer saber do meu mago e do seu aprendiz — disse ela, com carinho. — E eles vêm me ver, só a mim.

Com meu olhar, fiz com que ela soubesse do meu amor por ela, que eu não me conteria agora se ela não me proibisse com rigor e, passando por ela, sentei-me na sua cama.

Eu nunca havia tomado uma liberdade semelhante com ela, mas conhecia seus pensamentos. Nós a deslumbrávamos. Ela nos idolatrava.

E como era linda nas suas sedas e jóias luminosas. Ela veio e se sentou ao meu lado, aconchegando-se a mim, e sem medo de não importa o que fosse que estivesse vendo quando olhava nos meus olhos.

Amadeo estava perplexo e logo se sentou à direita dela. Embora ele tivesse se alimentado bem, dava para eu perceber sua sede de sangue e como era admirável seu esforço para contê-la.

— Deixe-me beijá-la, minha linda — disse eu. E foi o que fiz, contando com a penumbra e minhas palavras delicadas para ofuscá-la. E é claro que ela via apenas o que queria ver, não alguma criatura medonha totalmente fora do alcance da sua compreensão, mas um homem misterioso que lhe havia prestado um serviço inestimável, deixando-a rica e livre.

— Você estará em segurança para sempre, Bianca — disse-lhe eu. — Desde que eu esteja por perto. — Duas vezes e mais uma eu a beijei. — Ajude-me a receber em minha casa de novo, Bianca, com comidas e divertimentos ainda mais esplêndidos. Ajude-me a preparar uma festa maior talvez do que qualquer outra que Veneza tenha presenciado. Teremos

dança e representações dramáticas fantásticas. Ajude-me a encher meus muitos salões.

— Está bem, Marius, eu me encarrego — respondeu ela, entorpecida, com a cabeça encostada em mim. — Vou ficar tão feliz.

— Eu lhe darei todo o dinheiro que for necessário para isso. E Vincenzo cumprirá suas ordens. Basta que me diga quando gostaria que se realizasse.

Enquanto falava, eu olhava nos seus olhos, e depois a beijei. E, embora eu não ousasse lhe dar nem a menor provinha do meu sangue, penetrei-a com meu hálito gelado e invadi sua mente com meu desejo.

Enquanto isso, com a mão direita, tateei por baixo das suas saias e encontrei suas partes secretas doces e nuas. E com facilidade as excitei com os dedos, o que acendeu nela um desejo imediato e sem disfarces.

Amadeo estava confuso.

— Beije-a — murmurei. — Beije-a de novo.

Ele me obedeceu e logo ela estava extasiada com seus beijos. E, enquanto meus dedos se retesavam e a acariciavam, enquanto os beijos dele se tornavam mais ardentes, ela foi ficando muito vermelha com o auge da paixão e foi caindo devagar encostada no braço de Amadeo.

Recuei, beijando-lhe a testa como se ela tivesse voltado a ser casta.

— Descanse agora — disse eu. — E lembre-se de que está a salvo daqueles parentes nefastos; e de que terei para sempre uma dívida com você por ter mantido Amadeo vivo até eu chegar.

— E eu mantive, Marius? — perguntou-me ela. — Não teriam sido seus sonhos estranhos? — Ela se voltou para Amadeo. — Você não parava de falar em locais fantásticos, naquelas pessoas que lhe disseram que deveria voltar para nós.

— Aquelas não eram mais que lembranças presas pelo medo numa teia — disse Amadeo, baixinho. — Pois, muito

antes de nascer de novo em Veneza, conheci uma vida cruel e implacável. Foi você quem me trouxe de volta de alguma espessa borda da consciência que se situa muito próxima da morte.

Ela o contemplou, com assombro.

Como Amadeo sofria por não poder lhe contar o que era. Mas, tendo aceito essas palavras dele, Bianca permitiu que, como se fôssemos criados comuns, a ajudássemos com seu vestido amassado e com o penteado desfeito.

— Vamos deixá-la agora — disse eu — e, quanto à festa, começaremos nossos planos de imediato. Permita-me mandar Vincenzo procurá-la.

— Pode mandar, e nessa noite eu lhe prometo que sua casa terá mais esplendor até mesmo que o palácio do Doge, você verá.

— Minha princesa — disse eu quando a beijei.

Ela voltou aos convidados, e nós descemos a escada, apressados. Na gôndola, Amadeo começou suas súplicas.

— Marius, não consigo suportar essa situação, esse isolamento dela, o fato de não podermos contar a ela.

— Amadeo, não me diga mais nenhuma palavra a esse respeito! — adverti.

Quando chegamos ao quarto e trancamos a porta, ele se entregou a lágrimas terríveis.

— Senhor, não pude contar a ela nada do que me aconteceu! E a Bianca eu sempre contava tudo. Bem, não os segredos de nós dois nem dos Beijos de Sangue, não, mas de outras coisas. Como eu costumava sentar com ela e conversar. Eu ia tanto lá de dia, e o senhor não sabia. Ela era minha amiga. Não agüento essa situação. Senhor, ela era minha irmã. — Ele soluçava como um menininho.

— Eu o alertei para tudo isso, não foi? — respondi, furioso. — E agora você chora como uma criança?

Num acesso de raiva, dei-lhe um tapa.

E em choque ele recuou, afastando-se de mim, mas as lágrimas vinham ainda mais abundantes.

— Senhor, por que não podemos torná-la um de nós? Por que não podemos compartilhar o Sangue com ela?

Segurei-o pelos ombros com violência. Ele não teve medo das minhas mãos. Não se importava.

— Amadeo, preste atenção. Não podemos ceder a esse desejo. Vivo há mais de mil anos sem fazer um bebedor de sangue, e agora você, apenas meses depois da sua própria transformação, gostaria de transformar o primeiro mortal por quem sente um amor desmesurado?

Ele chorava amargamente. Tentou livrar-se de mim, mas não permiti.

— Eu queria tanto lhe falar das coisas que vejo com estes novos olhos! — murmurou, com as lágrimas de sangue derramando-se pelas bochechas de menino. — Eu queria tanto lhe dizer como o mundo inteiro está mudado.

— Amadeo, reconheça o valor do que você tem e o preço do que oferece. Durante dois anos eu o preparei para o Sangue, e mesmo assim a transmissão foi rápida demais, instigada pela lâmina envenenada de lorde Harlech. Agora você gostaria de infligir esse poder a Bianca? Por quê? Só porque gostaria que ela soubesse o que lhe aconteceu?

Soltei-o. Deixei que caísse de joelhos ao lado da cama, derramando as lágrimas enquanto chorava. Sentei-me à escrivaninha.

— Quanto tempo você acha que venho vagando por esta Terra? — perguntei. — Você sabe quantas vezes passou pela minha cabeça, por imprudência e irresponsabilidade, criar outro bebedor de sangue? Mas eu não o fiz, Amadeo. Não antes de botar os olhos em você. Eu lhe digo, Bianca não há de ser o que somos.

— Ela vai envelhecer e morrer! — murmurou ele. Seus ombros arfavam com os soluços. — E nós vamos ter de presenciar isso? Vamos observar isso acontecer? E ela, o que pensará de nós com o passar dos anos?

— Amadeo, pare com isso. Não se pode transformar todos eles no que nós somos. Não se pode fazer um atrás do outro sem consciência ou imaginação. Não se pode! Para todos, deve haver preparação, aprendizado, disciplina. Para todos deve haver cuidado.

Ele afinal enxugou as lágrimas. Levantou-se e se voltou para me encarar. Parecia haver nele uma calma terrível, uma calma infeliz e sinistra.

E então dos seus lábios veio uma pergunta solene.

— Por que o senhor me escolheu?

Assustei-me com essa pergunta, e acho que ele percebeu antes que eu conseguisse disfarçar. E me assombrei por estar tão despreparado para dar resposta a uma pergunta daquelas.

De repente não senti nenhuma ternura por ele, pois me parecia tão forte, ali parado, tão seguro de si e da pergunta que acabava de me fazer.

— Você não me pediu o Sangue, Amadeo? — respondi, com frieza na voz. Eu tremia. Como era profundo meu amor por ele, e como eu não queria que ele soubesse.

— Pedi, sim, senhor — retrucou ele, com a voz baixa e calma. — Eu de fato pedi, mas isso foi depois de eu provar muitas vezes seu poder, não foi? — Ele fez uma pausa e depois continuou. — Por que o senhor me escolheu para aqueles beijos? Por que me escolheu para a dádiva final?

— Eu o amava — disse eu, sem mais rodeios. Ele abanou a cabeça.

— Acho que não pára por aí — retrucou ele.

— Então me esclareça — respondi.

Ele se aproximou mais de mim e me olhou de cima, já que eu continuava sentado à escrivaninha.

— Há em mim um frio cortante — disse ele —, um frio que vem de uma terra remota. E nada jamais consegue realmente aquecê-lo. Nem mesmo o Sangue conseguiu aquecê-lo. O senhor sabia desse frio. Tentou milhares de vezes derretê-lo e transformá-lo em algo mais brilhante, mas nunca

teve êxito. E então, na noite em que cheguei perto da morte, não, na noite em que eu de fato estava morrendo, o senhor confiou que esse gelo me desse a energia necessária para o Sangue.

Fiz que sim. Desviei o olhar, mas ele pôs a mão no meu ombro.

— Olhe para mim, por favor, senhor. Não *é* verdade? — Sua expressão era serena.

— É — disse eu. — É isso mesmo.

— Por que o senhor se retrai quando lhe faço essa pergunta? — insistiu ele.

— Amadeo — disse eu, falando com firmeza. — E uma maldição, esse Sangue?

— Não — respondeu ele, rápido.

— Pense bem antes de responder. É uma maldição? — perguntei.

— Não — disse ele, mais uma vez.

— Pare então com suas perguntas. Não procure me irritar nem me amargurar. Deixe que eu lhe ensine o que tenho a ensinar.

Ele havia perdido essa pequena batalha e foi se afastando de mim, parecendo mais uma vez uma criança, se bem que seus dezessete anos completos como mortal o tivessem tornado mais que isso.

Subiu na cama e se sentou sobre as pernas dobradas, permanecendo imóvel na alcova de tafetá e fulgor vermelho.

— Leve-me de volta à minha casa, senhor — disse ele. — Leve-me de volta à Rússia, onde nasci. Sei que o senhor pode me levar lá. O senhor tem esse poder. Pode descobrir o lugar.

— Por quê, Amadeo?

— Preciso ver para poder esquecer. Preciso saber com certeza que era… o que era.

Pensei muito tempo nisso antes de responder.

— Muito bem. Você me contará tudo o que conseguir lembrar; e eu o levarei aonde você quer ir. E nas mãos de sua família humana você poderá entregar a fortuna que quiser.

A essas palavras ele nada respondeu.

— No entanto, nossos segredos não lhes serão revelados, da mesma forma que os protegemos de todo o mundo.

Ele fez que sim.

— E depois voltaremos. Mais uma vez ele assentiu.

— Tudo isso acontecerá depois do grande banquete que Bianca vai começar a preparar. Nessa noite, aqui nesta casa, dançaremos com nossos convidados. Você dançará com Bianca repetidas vezes. Usaremos nossa melhor técnica para passar por humanos diante dos convidados. Eu contarei com você tanto quanto conto com Bianca ou Vincenzo. E a festa deixará Veneza inteira assombrada.

Um leve sorriso passou por seu rosto. Mais uma vez, ele fez que sim.

— Agora você sabe o que eu quero de você — afirmei. — Quero que seja amigo dos meninos de modo ainda mais amoroso. E quero que vá até Bianca, com freqüência ainda maior, naturalmente depois de ter-se alimentado, e de sua pele estar corada; e que não lhe diga nada, nada sobre a magia por meio da qual você foi salvo.

Ele concordou.

— Eu pensava… — murmurou ele.

— Pensava o quê? — perguntei.

— Pensava que, se tivesse o Sangue, teria tudo — disse ele. — E agora sei que não é assim.

CAPÍTULO 23



POR MAIS LONGA que seja nossa existência, temos nossas lembranças — pontos no tempo que o próprio tempo não consegue apagar. O sofrimento pode deturpar meus vislumbres do passado; mas, mesmo diante do sofrimento, algumas lembranças se recusam a perder seja o que for da sua beleza ou do seu esplendor. Pelo contrário, elas permanecem sólidas como pedras preciosas.

É o que acontece comigo e com a noite da festa suprema de Bianca. E de fato chamo-a desse modo por ter sido Bianca quem a criou, apenas usando a riqueza e os aposentos do *meu palazzo* para sua maior realização, na qual todos os aprendizes tomaram parte e na qual até mesmo o modesto Vincenzo recebeu um papel dramático.

Toda a Veneza veio participar do nosso banquete longuíssimo e se deliciar com a música e a dança, enquanto os meninos se apresentavam em numerosos quadros vivos encenados com aparato.

Cada sala parecia ter seus próprios cantores ou divinas representações. A música do alaúde, do virginal e de uma dúzia de outros instrumentos se mesclava na criação de lindas canções que acalentavam e encantavam a todos, enquanto os meninos mais novos, em trajes luxuosíssimos, iam de um lado a outro abastecendo taças com jarros dourados de vinho.

E Amadeo e eu realmente dançamos sem parar, pisando com cuidado e elegância como era a moda na época — na

realidade, caminhava-se ao som da música —, segurando as mãos de muitas beldades venezianas, bem como da nossa querida criadora de tudo aquilo.

Muitas vezes, eu a levei para longe da iluminação das velas e lhe disse como a adorava por ter realizado algo tão mágico. E implorei que me prometesse repetir o feito inúmeras vezes.

Mas o que se poderia comparar a essa noite em que dancei e perambulei entre convidados mortais corteses e embriagados que teciam comentários sobre minhas pinturas, às vezes me perguntando por que eu havia pintado isso ou aquilo? Como no passado, nenhuma palavra crítica me atingia profundamente. Eu sentia apenas o calor amoroso dos olhos mortais.

Quanto a Amadeo, eu o observava constantemente e via apenas que ele estava numa felicidade incrível, por ver todo esse esplendor como bebedor de sangue, que estava empolgadíssimo pelas representações dramáticas nas quais os meninos desempenhavam papéis planejados de modo maravilhoso.

Ele havia seguido meu conselho e continuava a amá-los. E agora, em meio aos candelabros acesos e à música agradável, estava radiante de felicidade e, quando pôde, murmurou no meu ouvido que não poderia desejar nada melhor que essa noite.

Tendo nos alimentado cedo e em local distante, estávamos aquecidos pelo sangue e tínhamos a visão aguçada. E assim a noite nos pertencia em nossa força e nossa felicidade. E a magnífica Bianca era nossa; só nossa, como todos os homens pareciam saber.

Apenas quando se aproximava a aurora, os convidados começaram a despedir-se, com as gôndolas dispostas em fila diante das portas da frente; e nós precisamos nos afastar do dever de aceitar as despedidas para seguir caminho até a segurança do nosso túmulo revestido de ouro.

Amadeo abraçou-me antes de nos separarmos para deitar cada um em seu caixão.

— Você ainda quer fazer a viagem até sua terra natal? — perguntei-lhe.

— Quero, quero ir até lá — respondeu ele, rápido. Olhou-me com ar triste. — Quem dera eu pudesse dizer que não. Justo nesta noite, eu gostaria de poder dizer que não. — Ele estava deprimido, e eu não ia permitir isso.

— Vou levá-lo.

— Mas eu não sei o nome do lugar. Não consigo…

— Não precisa se torturar por esse motivo — disse eu. — Por tudo o que você me disse, eu já sei. Trata-se da cidade de Kiev, e vou levá-lo até lá muito em breve.

Surgiu no seu rosto uma luminosa expressão de reconhecimento.

— Kiev — disse ele e então repetiu em russo. Agora sabia que se tratava da sua terra natal.

Na noite seguinte, contei-lhe a história da sua cidade natal.

Outrora Kiev havia sido magnífica, tendo sua catedral sido construída para rivalizar com a de Santa Sofia em Constantinopla, de onde seu cristianismo era proveniente. O cristianismo grego havia moldado suas crenças e sua arte. E os dois aspectos haviam vicejado de modo admirável num lugar maravilhoso. No entanto, séculos atrás, os mongóis saquearam essa cidade imponente e massacraram sua população, destruindo para sempre seu poder e deixando para trás alguns sobreviventes aleatórios, entre eles monges que se mantinham isolados.

O que restava de Kiev? Um local miserável ao longo das margens do rio Dnieper, onde a catedral ainda estava de pé; e os monges ainda existiam no famoso Mosteiro das Grutas.

Em silêncio, Amadeo escutou essas informações, e pude ver a pura aflição no seu rosto.

— Vi esse tipo de destruição durante toda a minha longa vida — disse eu. — Cidades magníficas são criadas por homens e mulheres com sonhos. E então chegam os cavaleiros

do norte ou do oriente e pisoteiam e destroem a magnificência. Tudo o que homens e mulheres criaram deixa de existir. O medo e a desgraça acompanham essa destruição. E em nenhum lugar isso é mais evidente que nas ruínas da sua cidade natal: Kiev Rus.

Pude ver que ele estava prestando atenção. Percebi que queria que eu continuasse minha explicação.

— Na nossa bela Itália, existe agora uma terra que não será saqueada por esses guerreiros, pois eles não ameaçam mais as fronteiras setentrionais e orientais da Europa. Pelo contrário, há muito tempo eles se instalaram no continente e se tornaram a própria população atual da França, da Bretanha e da Alemanha. Os que ainda gostariam de pilhar e estuprar foram rechaçados para sempre. Agora em toda a Europa está sendo novamente descoberto o que homens e mulheres podem fazer em cidades.

"Mas na sua terra? Ainda há tristeza, e uma pobreza cruel. As férteis estepes são inúteis: milhares de quilômetros delas sem utilidade! A não ser para o eventual caçador, louco como seu pai deve ter sido. Esse é o legado de Gêngis Khan, um monstro." Fiz uma pausa. Eu estava ficando muito acalorado. "O Celeiro Dourado, é como chamam essa terra, e é uma imensidão de lindas pradarias."

Ele fez que sim. Compreendia o alcance daquilo tudo. Isso percebi pelo seu olhar solene.

— Você ainda gostaria de ir? — insisti. — Ainda quer voltar ao lugar onde sofreu tanto?

— Quero — murmurou ele. — Embora eu não me lembre dela, eu tinha mãe. E, sem meu pai, talvez ela não tenha nada de seu. Ele sem dúvida morreu no dia em que saímos a cavalo. Sem dúvida morreu com a chuva de flechas. Eu me lembro das flechas. Preciso procurá-la. — Parou de falar como se estivesse se esforçando por se lembrar. De repente gemeu, como que atingido por alguma forte dor física. — Como o mundo deles é lúgubre e sem cor.

— É mesmo — disse eu.

— Deixe-me levar para eles um pequeno valor…

— Pode deixá-los ricos, se for esse o seu desejo.

Por um bom tempo, ele ficou calado e então fez uma pequena confissão, sussurrando como se estivesse falando consigo mesmo.

— Preciso ver o mosteiro onde pintei os ícones. Preciso ver o lugar onde às vezes orei pedindo forças para ser emparedado vivo. O senhor sabe que esse era o costume de lá, não sabe?

— Sei muito bem — respondi. — Tudo isso eu vi quando lhe dei o Sangue. Eu o vi passando por corredores, dando o sustento àqueles que ainda viviam nas celas, semi-emparedados à espera de que a vontade de Deus os levasse enquanto jejuavam. Eles lhe perguntavam quando você teria a coragem para esse sacrifício, e no entanto você sabia pintar ícones que eram magníficos.

— Sabia — disse ele.

— E seu pai os odiava porque eles não permitiam que você pintasse, porque queriam fazer de você um monge acima de tudo.

Ele olhou para mim como se não tivesse entendido isso de verdade até aquele instante, e talvez não tivesse mesmo. E então seus lábios proferiram uma declaração mais forte.

— É assim em qualquer mosteiro, e o senhor sabe disso — retrucou ele. — É a vontade de Deus em primeiro lugar.

Fiquei ligeiramente impressionado com a expressão no seu rosto. Ele estava falando com o pai ou comigo?

Levamos quatro noites para chegar a Kiev.

Eu poderia ter feito a viagem com rapidez muito maior se estivesse sozinho, mas estava carregando Amadeo junto a mim, com a cabeça baixa, os olhos fechados, enrolado na minha capa forrada de pele para abrigá-lo do vento da melhor forma possível.

Finalmente, no pôr-do-sol da quinta noite, chegamos às ruínas da cidade que outrora havia sido Kiev Rus. Nossas

roupas estavam cobertas de sujeira e nossas capas de pele eram escuras e ordinárias, o que ajudava a não chamar a atenção dos olhos mortais para nós.

Uma espessa camada de neve cobria as altas ameias abandonadas e os telhados do palácio de madeira do príncipe; e, abaixo das ameias, simples casas de madeira que desciam até o rio Dnieper — a cidadezinha de Podil. Nunca vi lugar mais desolado.

Assim que Amadeo penetrou na morada de madeira do governante europeu, e observou à vontade esse lituano que pagava tributo ao Khan por seu poder, ele quis seguir adiante para o mosteiro.

E ali entrou sorrateiro, usando seu imenso talento de bebedor de sangue para se aproveitar das sombras e confundir aqueles que o poderiam ter visto enquanto se grudava às paredes de taipa.

Eu sempre estava por perto, mas não me cabia interferir nem instruir. Na realidade, eu estava tomado de horror, pois o lugar me parecia infinitamente pior do que eu jamais poderia imaginar a partir das sondagens de sua mente febril.

Sofrendo em silêncio, ele viu a sala em que havia pintado ícones, com suas mesas e potes de tinta. Viu os longos corredores de taipa pelos quais havia caminhado como jovem monge, dando de comer e beber àqueles que estavam meio enterrados vivos.

Afinal, saiu dali, trêmulo, e se grudou a mim.

— Eu teria morrido numa cela de taipa — murmurou ele, enquanto com os olhos me implorava que entendesse o significado disso. Seu rosto estava contorcido de dor.

E então, afastando-se veloz, ele desceu na direção do rio parcialmente congelado, em busca da casa na qual havia nascido.

Encontrou-a sem nenhuma dificuldade e nela entrou — o esplêndido veneziano, deslumbrando e confundindo a família ali reunida.

Mais uma vez, mantive-me a certa distância, contentando-me com o silêncio e o vento, além das vozes que conseguia ouvir com meus ouvidos sobrenaturais. Dentro de instantes, deixando-lhes uma fortuna em moedas de ouro, ele saía de novo para a neve que caía.

Estendi a mão para segurar seu braço e reconfortá-lo, mas ele me deu as costas. Não queria olhar para mim. Estava presa de alguma obsessão.

— Minha mãe estava lá — sussurrou, enquanto olhava mais uma vez na direção do rio lá embaixo. — Ela não me conheceu. Tanto faz. Dei-lhe o que eu tinha para dar.

Mais uma vez tentei abraçá-lo, mas ele se livrou de mim.

— Então qual é o problema? — perguntei. — Qual *é* o motivo do olhar feroz? Por que fica olhando desse jeito na direção do rio? O que pretende fazer?

Como desejei poder ler seus pensamentos! Sua mente, e somente a sua, estava fechada para mim! E como parecia irritado e determinado!

— Meu pai não morreu nas estepes — disse ele, com a voz hesitante, o vento açoitando seu cabelo ruivo. — Meu pai está vivo. Está na taberna lá embaixo.

— E você quer vê-lo?

— Preciso vê-lo. Preciso dizer-lhe que não morri! Você não escutou a conversa das pessoas comigo na minha casa?

— Não — disse eu. — Dei-lhe o tempo necessário com eles. Agi mal?

— Disseram que ele se tornou um bêbado por não ter conseguido salvar o filho. — Amadeo lançou-me um olhar feroz, como se eu lhe houvesse feito algum mal terrível. — Meu pai, Ivan, o bravo, o caçador. Ivan, o guerreiro, o que cantava canções amadas por todos, Ivan agora é o bêbado porque não conseguiu salvar seu filho!

— Acalme-se. Iremos à taberna. Você poderá lhe contar a verdade ao seu próprio modo.

Ele me rejeitou com um gesto, como se eu o estivesse irritando, e partiu rua abaixo com passos de mortal.

Entramos juntos na taberna. O ambiente era escuro e impregnado do cheiro de óleo queimando. Pescadores, mercadores, assassinos, bebiam ali juntos. Todos perceberam nossa chegada por um instante e depois nos ignoraram, mas Amadeo logo avistou um homem jogado num banco nos fundos da sala retangular que constituía o estabelecimento.

Novamente, quis deixá-lo à vontade para fazer o que quisesse, mas eu temia por ele e fiquei escutando quando ele se sentou junto ao homem adormecido.

Era o homem das lembranças e o homem das visões, isso eu soube assim que o examinei. Reconheci-o pelos cabelos, pela barba e bigode ruivos. O pai de Amadeo, o caçador que o havia tirado do mosteiro naquele dia para uma missão perigosa, para cavalgar em busca de uma fortaleza que os mongóis já haviam destruído.

Recolhi-me às sombras. Fiquei observando quando a criança luminosa tirou a luva esquerda e pôs a fria mão sobrenatural na testa do pai adormecido. Vi o homem barbudo acordar. Ouvi a conversa dos dois.

Numa desconexa confissão de bêbado, o pai expôs totalmente sua culpa, como se ela pertencesse a qualquer um que o despertasse.

Havia disparado uma flecha atrás da outra. Havia perseguido os ferozes tártaros com a espada. Metade dos homens do bando morreram. E seu filho, meu Amadeo, havia sido roubado; e ele agora era Ivan, o Bêbado, sim, admitia isso. Mal conseguia caçar o suficiente para pagar a bebida. Não era mais um guerreiro.

Com paciência, devagar, Amadeo falou com ele, procurando arrancá-lo das divagações, revelando-lhe a verdade com palavras cuidadosamente escolhidas.

— Sou seu filho, senhor. Não morri naquele dia. É verdade, eles me levaram. Mas estou vivo.

Eu nunca havia visto Amadeo tão absorto, fosse com amor, fosse com sofrimento; com felicidade ou pesar. Mas o homem era teimoso. O homem estava embriagado. E o homem queria apenas uma coisa desse desconhecido que o estava atormentando: mais vinho.

Do taberneiro comprei uma garrafa de vinho seco para esse homem que se recusava a escutar, que não queria olhar para esse belo jovem que agora estava tentando atrair sua atenção.

Entreguei a Amadeo a garrafa de vinho.

Mudei então de posição ao longo da parede para poder ver melhor o rosto de Amadeo, e tudo o que vi ali foi obsessão. Ele precisava fazer com que esse homem compreendesse.

Falou com paciência até suas palavras conseguirem penetrar na confusão alcoolizada da qual o homem o olhava fixamente.

— Pai, vim aqui lhe dizer. Eles me levaram para um lugar distante, para a cidade de Veneza, e fui parar nas mãos de alguém que me tornou rico. Pai, rico, e que me deu instrução. Estou vivo, senhor. Estou como o senhor me vê agora.

Ai, como era estranha essa fala vindo de alguém tão imbuído do Sangue. Vivo? Como assim, vivo, Amadeo?

Mas eu estava só com meus próprios pensamentos na escuridão. Não havia papel para mim nessa reunião.

Finalmente, sentando-se para encarar o filho, o homem começou a compreender.

Amadeo tremia, com os olhos fixos nos do pai.

— Esqueça-se de mim agora, por favor, pai — implorou ele. — Mas lembre-se disso, pelo amor de Deus. Eu nunca vou ser enterrado nas grutas enlameadas do mosteiro. Não. Outras coisas podem me acontecer, mas isso não me disponho a tolerar. Por sua causa, porque você não aceitou, porque você veio naquele dia e exigiu que eu saísse a cavalgar com você, porque exigiu que eu fosse seu filho!

Afinal o que era que Amadeo estava dizendo? Qual era o significado dessas palavras? Ele estava a ponto de chorar as terríveis lágrimas de sangue que nós no fundo jamais conseguimos ocultar. Mas, quando se levantou do banco onde o pai estava sentado, o velho segurou-o firme pela mão.

Ele reconheceu o filho! Andrei, foi como o chamou. Agora o reconhecia por quem era realmente.

— Pai, preciso ir — disse Amadeo —, mas você não deve nunca se esquecer de que me viu. Não deve nunca se esquecer do que eu disse, que você me salvou daquelas cavernas escuras e enlameadas. Pai, você me deu a vida, não a morte. Não seja mais o bêbado, Pai. Volte a ser o caçador. Traga carne ao príncipe para a mesa. Seja o cantor de canções. Lembre-se de que vim lhe dizer isso em pessoa.

— Eu o quero, meu filho. Fique comigo — disse o homem. Sua languidez de bêbado já o deixara, e ele agarrava firme a mão de Amadeo. — Quem vai um dia acreditar que eu o vi?

As lágrimas de Amadeo subiram-lhe aos olhos. Será que o homem estava vendo o sangue? Amadeo recuou afinal e, descalçando a luva, retirou seus anéis, colocando-os nas mãos do pai.

— Lembre-se de mim com esses anéis — disse ele — e diga à minha mãe que eu era o homem que foi vê-la hoje à noite. Ela não me reconheceu. Diga-lhe que o ouro é de boa qualidade.

— Fique comigo, Andrei — disse o pai. — Esta é a sua terra. Quem é que o está levando embora agora?

Era mais do que Amadeo poderia suportar.

— Moro na cidade de Veneza, pai — disse ele. — É o que conheço agora. Preciso ir.

Saiu tão depressa da taberna que seu pai não conseguiu ver; e eu, uma vez que percebi o que ele pretendia fazer, adiantei-me a ele. E agora estávamos juntos na rua enlameada, coberta de neve.

— Está na hora de deixarmos este lugar, senhor — disse-me ele. Estava sem luvas, e o frio era terrível. — Quem dera eu nunca tivesse vindo aqui, nunca tivesse visto meu pai, nunca tivesse sabido que ele sofria por ter me perdido.

— Mas veja — disse eu. — Lá vem sua mãe. Tenho certeza. Ela o reconheceu e está vindo. — Indiquei a pequena figura que se aproximava com uma trouxinha nos braços.

— Andrei — disse ela, quando chegou mais perto. — Este é o último que você pintou. Andrei, eu sabia que era você. Quem mais teria vindo? Andrei, este é o ícone que seu pai trouxe de volta no dia em que o perdemos.

Por que ele não o recebia das mãos da mãe?

— Deve guardá-lo, mãe — disse ele a respeito desse ícone que no passado havia associado ao seu destino. Estava chorando. — Guarde-o para os pequenos. Não vou levá-lo, não.

Paciente, ela aceitou essa decisão.

E então ela lhe confiou mais um pequeno presente, um ovo pintado, um daqueles tesouros de Kiev que têm tanto significado para as pessoas que os decoram com desenhos intrincados.

Com rapidez e delicadeza, ele recebeu o presente dela e a abraçou, garantindo-lhe num sussurro fervoroso que não havia feito nada de perverso para adquirir sua fortuna e que poderia numa noite qualquer voltar outra vez. Ai, belas mentiras!

Pude ver, porém, que, embora amasse essa mulher, ela não tinha importância para ele. É, ele lhe daria ouro, pois isso não significava nada. Mas era o homem que importava. O homem fazia diferença como os monges haviam feito. Era o homem que havia extraído dele as emoções fortes. Era o homem que produzira nele palavras corajosas.

Eu estava atordoado com aquilo tudo. Mas será que o próprio Amadeo não estava atordoado também? Ele imaginava que o homem tivesse morrido, e eu também.

No entanto, ao encontrá-lo vivo, Amadeo revelara a obsessão — o homem lutara com os monges pela própria alma de Amadeo.

E, enquanto fazíamos a viagem de volta a Veneza, eu soube que o amor de Amadeo pelo pai era muito maior que qualquer amor que ele um dia tivesse sentido por mim.

Não falamos sobre isso, entenda bem, mas eu sabia que era a figura do pai que reinava no coração de Amadeo. Era a figura daquele homem barbudo e poderoso, que lutara com tanto vigor pela vida em vez da morte no mosteiro, que detinha a supremacia sobre todos os conflitos que um dia Amadeo viria a conhecer.

Eu presenciara com meus próprios olhos essa obsessão. Eu a vira numa questão de momentos numa taberna à beira-rio, mas já sabia do que se tratava.

Antes dessa viagem à Rússia, eu sempre havia considerado que a mente de Amadeo se dividia entre a arte variada e rica de Veneza e a arte restrita e estilizada da antiga Rússia.

Mas agora eu sabia que não era assim.

A divisão nele era entre o mosteiro com seus ícones e sua penitência de um lado; e o pai, o caçador robusto que o arrastara do mosteiro naquele dia fatídico.

Nunca mais Amadeo falou no pai e na mãe. Nunca mais mencionou Kiev. O lindo ovo pintado ele colocou dentro do seu sarcófago, sem jamais me explicar seu significado.

E, em certas noites, quando eu pintava no meu estúdio, trabalhando loucamente numa tela ou noutra, ele viria me fazer companhia e parecia que examinava meu trabalho com novos olhos.

Quando acabaria por apanhar os pincéis e as tintas? Eu não sabia, mas uma pergunta dessas não tinha mais importância. Ele era meu, e meu para sempre. Podia fazer o que bem entendesse.

Contudo, em silêncio, no segredo da minha alma, eu suspeitava que Amadeo me desprezava. Tudo o que eu

ensinava sobre arte, história, beleza, civilização — tudo isso era sem sentido para ele.

Quando os tártaros o capturaram, quando o ícone caiu dos seus braços no meio do capim, não foi seu destino que ficou selado, foi sua cabeça.

Sim, eu poderia vesti-lo em trajes luxuosos e ensinar-lhe línguas diferentes, e ele poderia amar Bianca e dançar com ela com elegância ao som de música lenta e ritmada. Ele poderia aprender a discutir filosofia e escrever poesia também.

No entanto, sua alma não considerava nada sagrado a não ser aquela arte antiga e aquele homem que passava seus dias e noites bebendo às margens do Dnieper em Kiev. E eu, com todo o meu poder, e todos os meus agrados, não conseguia substituir o pai de Amadeo na mente de Amadeo.

Por que eu sentia tanto ciúme? Por que ter esse conhecimento me feria tanto? Eu amava Amadeo como havia amado Pandora. Eu o amava como havia amado Botticelli. Amadeo estava entre eles, os grandes amores da minha vida longuíssima.

Tentei esquecer meu ciúme ou ignorá-lo. Afinal de contas, o que se poderia fazer a respeito? Deveria fazê-lo recordar a viagem e atormentá-lo com perguntas? Eu não poderia fazer uma coisa dessas.

Mas eu percebia que essas preocupações eram perigosas para mim na qualidade de imortal; e que, nunca antes, nada dessa natureza me havia torturado ou enfraquecido. Minha expectativa havia sido de que Amadeo, o bebedor de sangue, encarasse sua família com distanciamento, e nada de semelhante havia ocorrido!

Tive de admitir que meu amor por Amadeo estava todo enredado com meu envolvimento com mortais, que eu mergulhara na companhia de mortais e que ele próprio ainda estava tão irremediavelmente próximo a eles que seriam necessários séculos para que conquistasse a distância dos mortais que eu havia experimentado na mesma noite em que recebi o sangue pela primeira vez.

Para Amadeo, não houvera nenhum bosque de druidas. Não houvera nenhuma traiçoeira viagem ao Egito. Não houvera nenhum salvamento do Rei e da Rainha.

De fato, enquanto eu remoía esse assunto, resolvi rapidamente que não lhe confiaria o mistério d'Aqueles Que Devem Ser Preservados, muito embora tivesse proferido essas palavras uma vez ou duas.

Talvez, antes de transformá-lo, eu tivesse tido o pensamento frívolo de levá-lo ao santuário de imediato. Eu imploraria a Akasha que o recebesse, como outrora ela havia acolhido Pandora.

Agora, porém, eu era de outra opinião. Que ele se aprimore, que se aperfeiçoe mais. Que se torne mais sábio.

E ele não era para mim agora uma companhia e um consolo maior do que eu jamais imaginara? Mesmo se um humor desagradável o dominasse, ele continuava comigo. Mesmo que seus olhos continuassem indiferentes como se ele não se importasse com as cores deslumbrantes dos meus quadros, ele não estava sempre ali por perto?

É verdade que ele esteve calado por um tempo depois da viagem à Rússia. Mas eu sabia que esse estado de espírito passaria. E na realidade passou.

Dentro de poucos meses, ele já não estava distante e ensimesmado, mas voltara a ser meu companheiro; e mais uma vez comparecia aos vários banquetes e bailes dos cidadãos importantes que eu freqüentava com regularidade; escrevia poemas curtos para Bianca e discutia com ela sobre vários quadros que eu havia pintado.

Ah, Bianca, como nós a adorávamos. E com que freqüência eu lhe esquadrinhava a mente para me assegurar de que ela não fazia a menor idéia, nem mesmo agora, de que não éramos humanos.

Bianca era a única criatura mortal que eu permitia entrar no meu estúdio; mas naturalmente eu não podia trabalhar a plena velocidade e força quando ela estava lá. Precisava erguer um braço mortal para segurar o pincel, mas bem que valia a

pena ouvir seus comentários simpáticos com Amadeo, que também percebia nas minhas obras algum projeto maior que simplesmente não existia.

Tudo ia bem quando uma noite, quando pousei no terraço do *palazzo,* totalmente só, pois havia deixado Amadeo na companhia de Bianca, percebi que um mortal muito jovem estava me observando do terraço do *palazzo* do outro lado do canal.

Ora, eu havia descido tão ligeiro que nem mesmo Amadeo poderia ter visto se tivesse estado observando. E no entanto esse mortal distante notou minha presença; e, quando me dei conta, percebi muito mais também.

Ali estava um espião mortal que suspeitava que eu não fosse humano. Ali estava um espião mortal que estivera me observando havia algum tempo.

Nunca em todos os meus anos eu havia deparado com tamanha ameaça ao meu segredo. E naturalmente senti-me tentado a concluir que minha vida em Veneza havia fracassado. Exatamente quando imaginava que havia enganado uma cidade inteira, eu acabaria sendo apanhado como o que realmente era.

No entanto, esse jovem mortal não tinha nenhuma relação com a alta sociedade na qual eu circulava. Isso eu soube no instante em que penetrei no seu pensamento. Não era nenhum veneziano de importância, nem pintor, religioso, nem alquimista. E decerto não pertencia ao Grão-Conselho de Veneza. Pelo contrário, era um tipo de ser estranhíssimo, um estudioso do sobrenatural, alguém que espionava criaturas como eu.

O que isso poderia significar? O que isso poderia ser?

Àquela altura, pretendendo enfrentá-lo e apavorá-lo, cheguei à própria borda do jardim suspenso e olhei para ele, do outro lado do canal. E ali discerni sua forma furtiva, como ele pretendia se ocultar e como estava sentindo medo e ao mesmo tempo fascínio.

Sim, ele sabia que eu era um bebedor de sangue. Na verdade, ele dispunha de um nome para mim: *vampiro*. E vinha me observando havia alguns anos! Havia de fato me avistado em majestosos salões e bailes, de modo que eu bem poderia atribuir isso ao meu descuido. E na noite em que abri minha casa pela primeira vez aos cidadãos de Veneza, ele havia comparecido.

Tudo isso sua mente me transmitiu com bastante facilidade sem que o jovem se desse conta, obviamente; e então, usando o Dom da Mente, enviei-lhe uma mensagem bem direta.

Isso é uma loucura. Interfira comigo, e sem dúvida morrerá. Não lhe darei um segundo aviso. Afaste-se da minha casa. Saia de Veneza. Será que vale entregar a vida para saber o que você quer saber de mim?

Vi que ele se surpreendeu visivelmente com a mensagem. E então, para meu espanto total, recebi uma nítida mensagem mental dele.

Nossa intenção não é o mal. Somos estudiosos. Oferecemos compreensão. Oferecemos abrigo. Observamos e estamos sempre presentes.

Ele então se entregou ao puro medo e fugiu do terraço.

Com pouca dificuldade, eu o ouvi descendo pela escada através do *palazzo* e depois o vi sair para o canal e chamar uma gôndola, que o levou embora. Consegui dar uma boa olhada nele quando ele entrou no barco. Era um homem alto, esguio e de pele clara, um inglês, e usava roupas austeras, negras. Estava muito assustado. Nem mesmo olhou para cima quando o barco o levou.

Fiquei um bom tempo no terraço, sentindo o vento abençoado e me perguntando naquele silêncio o que eu deveria fazer a respeito dessa estranha descoberta. Refleti sobre sua nítida mensagem e o poder mental com o qual ele a transmitira para mim.

Estudiosos? Que tipo de estudiosos? E as outras palavras… Como aquilo tudo era realmente extraordinário.

Era realmente estranhíssimo, sem nenhum exagero.

Ocorreu-me com impacto que na minha longa vida houve momentos em que eu teria considerado sua mensagem irresistível, tamanha era minha solidão, tamanho era meu anseio por ser compreendido.

Mas agora, com Veneza inteira me recebendo na sua sociedade mais refinada, eu não sentia nada semelhante. Eu tinha Bianca quando queria divagar sobre a obra de Bellini ou do meu amado Botticelli. Eu tinha Amadeo, com quem compartilhava meu túmulo dourado.

Na verdade, eu estava passando por uma Época Perfeita. E me perguntava se para cada imortal havia uma Época Perfeita. Gostaria de saber se ela correspondia à plenitude da vida nos mortais — aqueles anos em que se é mais forte e se pode ver com mais clareza, aqueles anos em que se pode confiar mais abertamente nos outros e em que se procura realizar uma felicidade pessoal perfeita.

Botticelli, Bianca, Amadeo — esses foram os amores da minha Época Perfeita.

Mesmo assim, era uma promessa surpreendente, a que o jovem inglês me fizera. "Oferecemos compreensão. Oferecemos abrigo. Observamos e estamos sempre presentes."

Resolvi ignorar isso, ver no que daria, sem permitir que me prejudicasse de modo algum enquanto eu gozava minha vida.

No entanto, nas semanas que se seguiram, eu procurava escutar essa estranha criatura, esse estudioso inglês, e de fato mantive-me extremamente alerta para ele enquanto circulávamos pelos costumeiros acontecimentos sociais luxuosos e deslumbrantes.

Cheguei ao ponto de fazer perguntas a Bianca sobre tal pessoa, e a avisar a Vincenzo que um homem daquele tipo poderia tentar entabular conversa com ele, e que ele deveria ser muito prudente sob esse aspecto.

Vincenzo conseguiu me chocar.

O próprio camarada — um inglês alto e magro, jovem mas com o cabelo de um cinza claro — já havia vindo ali. Ele perguntara a Vincenzo se seu senhor desejaria adquirir certos livros raros.

— Eram livros de magia — disse Vincenzo, receoso de que eu me zangasse. — Eu lhe disse que ele deveria trazer os livros se pretendia oferecê-los ao senhor, deixando-os aqui para que o senhor os visse.

— Pense bem. O que mais foi dito entre vocês dois?

— Eu disse a ele que o senhor já tinha muitos, muitos livros, que o senhor visitava os livreiros. Ele… ele viu as pinturas no pórtico. Perguntou se eram de sua autoria.

Tentei dar à minha voz um tom tranqüilizador.

— E você lhe disse que as pinturas haviam sido feitas por mim, não é mesmo?

— Disse, sim, senhor. Desculpe, peço muitas desculpas se isso foi mais do que eu deveria ter dito. Ele queria comprar um quadro. Eu lhe disse que nada estava à venda.

— Não faz diferença. Quero apenas que tenha muito cuidado com relação a esse homem. Não lhe conte mais nada. E, quando o vir, avise-me de imediato.

Acabava de me virar para ir embora quando me ocorreu uma pergunta, e dei meia-volta para ver meu querido Vincenzo chorando. É claro que o tranqüilizei de imediato, garantindo que me havia servido perfeitamente, e lhe disse que não se preocupasse com nada. Mas então fiz-lhe a pergunta.

— Dê-me suas impressões desse homem. Ele era bom ou mau?

— Acho que era bom — disse ele —, embora eu não saiba que tipo de magia pretendia lhe vender. É, bom, eu diria que sim, muito bom, se bem que eu não saiba por que digo isso. Havia uma bondade nele. E ele gostou das pinturas. Fez elogios. Era extremamente cortês e bastante sério para alguém tão jovem. Muito atencioso.

— Isso é suficiente — disse eu. E na realidade era.

Não encontrei o homem por mais que esquadrinhasse a cidade. E não senti medo. Então, dois meses depois, encontrei-me com ele mesmo em circunstâncias extremamente favoráveis.

Foi num banquete luxuoso, e eu estava sentado à mesa, em meio a uma enorme quantidade de venezianos embriagados apreciando os jovens diante de nós em sua dança cadenciada e pausada.

A música era comovente, e as lâmpadas tinham o brilho exato para dar ao amplo salão uma iluminação difusa e encantadora.

Antes, alguns belos espetáculos haviam sido apresentados, com acrobatas e cantores; e eu acho que estava um tanto atordoado.

Sei que eu mais uma vez estava pensando que essa era a Época Perfeita da minha vida. Pretendia fazer esse registro no meu diário quando voltasse para casa.

Quando me sentei à mesa, repousei sobre meu cotovelo direito, passando a mão esquerda à toa pela borda de uma taça da qual eu de vez em quando fingia beber.

E naquele instante surgiu esse inglês, esse estudioso, à minha esquerda.

— Marius — disse ele, baixinho e com perfeito domínio do latim clássico. — Considere-me um amigo, não um intruso, eu lhe peço. Já o observo de longe há muito tempo.

Tive um profundo arrepio. Eu estava assustado no sentido mais puro da palavra. Voltei-me para olhar para ele e vi seus olhos claros e penetrantes fixos em mim sem medo.

Mais uma vez, chegou-me aquela mensagem mental, sem palavras, emitida com total confiança da sua mente para a minha.

Oferecemos abrigo. Oferecemos compreensão. Somos estudiosos. Observamos e estamos sempre presentes.

Mais uma vez um forte arrepio percorreu todo meu corpo. Todos ao meu redor estavam cegos para mim, mas

aquele ali enxergava. Aquele ali sabia.

E agora ele me passava uma moeda redonda de ouro. Nela estava gravada uma palavra:

Talamasca

Examinei-a, ocultando meu complexo espanto, e então perguntei, com cortesia, no mesmo latim clássico.

— O que significa?

— Somos uma Ordem — disse ele, no seu latim fluente e encantador. — Esse é nosso nome. Nós somos a Talamasca. Somos tão antigos que não conhecemos nossas origens nem por que temos esse nome. — Ele falava com calma. — Mas nosso objetivo em cada geração é nítido. Temos nossas normas e nossas tradições. Observamos aqueles que outros desprezam e perseguem. Conhecemos segredos nos quais até mesmo os homens mais supersticiosos se recusam a acreditar.

Sua voz e suas maneiras eram muito elegantes, mas o poder da mente por trás das palavras era fortíssimo. Seu autocontrole era espantoso. Ele não poderia ter mais de vinte anos.

— Como você me encontrou? — perguntei.

— Nós observamos o tempo todo — disse ele, baixinho —, e vimos quando você como que ergueu sua capa vermelha e saiu para a luz dos archotes e de salões como este aqui.

— Ah, quer dizer que começou para vocês em Veneza — disse eu. — Meti os pés pelas mãos.

— E, aqui em Veneza — disse ele. — Um de nós o viu e escreveu uma carta à nossa Casa-Matriz na Inglaterra, e eu fui enviado para me certificar de quem e o que você era. Assim que o avistei na sua própria casa, soube que era verdade.

Recostei-me na cadeira e avaliei o rapaz. Estava trajado num belo veludo de cor castor e usava uma pelerine forrada com arminho. Nas mãos, havia anéis simples de prata. Seu cabelo de um louro cinza-pálido era comprido e estava penteado sem aparato. Os olhos eram cinzentos como o

cabelo. A testa era alta e desprovida de rugas. Parecia brilhar de tão puro.

— E que verdade é essa de que você fala? — perguntei com a maior delicadeza possível. — O que é que você sabe ser a verdade a meu respeito?

— Você é um vampiro, um bebedor de sangue — disse ele, sem titubear, com a voz cortês como sempre, com ar controlado. — Você está vivo há séculos. Eu não tenho como saber sua idade. Não me atrevo a pensar que sei. Gostaria que você me contasse. Você não meteu os pés pelas mãos. Fui eu que vim cumprimentá-lo.

Era uma delícia estar falando no velho latim. E os olhos dele, refletindo a luz das lâmpadas, estavam cheios de uma franca empolgação, moderada apenas por sua dignidade.

— Entrei na sua casa quando ela esteve aberta — disse ele. — Aceitei sua hospitalidade. Ai, o que eu não daria para saber há quanto tempo você vive e o que você viu.

— E o que você faria com essas informações? — perguntei-lhe. — Na hipótese de eu realmente lhe passar esses fatos?

— Eu as confiaria às nossas bibliotecas. Aumentaria o conhecimento. Faria com que se soubesse que o que alguns dizem ser lenda é de fato verdade. — Ele fez uma pausa e então disse: — Uma verdade magnífica.

— Ah, mas você já tem algo a registrar mesmo agora, não tem? — perguntei. — Você pode relatar que me viu aqui.

Deliberadamente, afastei meu olhar dele na direção dos que dançavam diante de nós. Olhei então de novo para ele para ver que ele havia acompanhado, obediente, a trajetória do meu olhar.

Ele observava Bianca dar sua volta na dança cuidadosamente modulada, com a mão na de Amadeo, que sorria para ela, a luz refulgindo no rosto do rapaz. Bianca voltava a parecer uma menina quando a música era assim tão doce e quando Amadeo a contemplava com tanta aprovação no olhar.

— E o que mais você está vendo aqui, meu caro estudioso da Talamasca?

— Vejo outro — respondeu ele, com os olhos voltados para mim sem medo. — Um belo rapazola, que era humano quando o vi pela primeira vez, e agora está dançando com uma jovem que em breve poderá ser transformada também.

Meu coração bateu com violência quando ouvi isso. Meu coração bateu na minha garganta e nos meus ouvidos.

Mas ele não estava fazendo nenhum julgamento. Pelo contrário, era totalmente desprovido de censura; e por um momento não pude fazer nada além de perscrutar sua mente para me certificar de que era isso mesmo.

Ele abanou a cabeça, discretamente.

— Perdoe-me — disse ele. — Nunca estive tão perto de alguém como você. — De repente, ficou alvoroçado. — Nunca falei com ninguém como você. Espero ter tempo de confiar ao pergaminho o que vi nesta noite, embora eu lhe jure por minha honra e pela honra da Ordem que, se você me permitir sair daqui vivo, eu não escreverei nada enquanto não chegar à Inglaterra, e as palavras que escrever nunca lhe serão prejudiciais.

Excluí dos meus ouvidos a música suave e sedutora. Pensei apenas na sua mente, esquadrinhei-a e não encontrei nela nada além do que ele acabara de me dizer. E, por trás dela, uma Ordem de estudiosos como ele havia descrito, um aparente prodígio de homens e mulheres que queriam apenas conhecer e não destruir.

Na realidade, uma série de maravilhas se apresentava: do abrigo dado àqueles que de fato liam o pensamento, a outros que, a partir das cartas, conseguiam de algum modo e com uma precisão perturbadora prever a sorte e a alguns que poderiam ter sido queimados por bruxaria; e por trás de tudo isso bibliotecas nas quais estavam guardados veneráveis livros de magia.

Parecia totalmente impossível que, naquela era cristã, pudesse existir tamanho poderio secular.

Estendi a mão e apanhei a moeda de ouro com a palavra gravada, Talamasca. Guardei-a num bolso e depois segurei sua mão.

Ele agora sentia um medo tremendo.

— Você acha que pretendo matá-lo? — perguntei, em voz baixa. — Não, acho que não fará isso — disse ele.— Mas, veja bem, eu o venho estudando há tanto tempo e com tanto amor que não tenho como saber.

— Amor, será que é? Há quanto tempo sua Ordem tem conhecimento de criaturas como nós? — perguntei, segurando sua mão com firmeza.

Sua testa alta e limpa de repente apresentou uma pequena ruga de expressão.

— Desde sempre, e eu já lhe disse que somos antiqüíssimos. Refleti sobre isso por um bom tempo, sem soltar sua mão. Investiguei sua mente de novo e não encontrei mentira nela. Olhei para os jovens dançarinos que se movimentavam com decoro, e deixei que a música voltasse a me invadir como se essa estranha perturbação nunca tivesse ocorrido.

Então larguei sua mão devagar.

— Pode ir — disse eu. — Saia de Veneza. Concedo-lhe um dia e uma noite para isso. Pois não gostaria de tê-lo aqui comigo.

— Compreendo — disse ele, com gratidão.

— Você já me vigiou demais — disse eu, em tom de reprovação. Mas a reprimenda era de fato dirigida a mim mesmo. — Sei que você já escreveu cartas para sua Casa-Matriz com minha descrição. Sei porque é o que eu teria feito no seu lugar.

— É — repetiu ele. — Eu o estudei. Mas só o fiz para aqueles que gostariam de conhecer melhor o mundo e todas as suas criaturas. Não perseguimos ninguém. E nossos segredos são bem guardados daqueles que os usariam para o mal.

— Escreva o que quiser — disse eu —, mas vá e nunca mais permita que membros da sua Ordem voltem a esta cidade.

Ele estava prestes a se levantar da mesa quando eu perguntei seu nome. Como acontece comigo tantas vezes, eu não havia conseguido extraí-lo da sua mente.

— Raymond Gallant — respondeu ele, baixinho. — Caso você queira um dia entrar em contato comigo…

— Nunca — disse eu, em tom áspero, entre dentes.

Ele concordou, mas então, recusando-se a ir embora com aquela censura, manteve sua posição, dizendo:

— Escreva para o castelo cujo nome está gravado no verso da moeda. Observei enquanto ele deixava o salão de baile. Não era uma figura que atraísse atenção; e na realidade era fácil imaginá-lo trabalhando com muda dedicação em alguma biblioteca onde tudo estava salpicado de tinta.

Mas ele sem dúvida tinha um rosto assombrosamente atraente.

Permaneci sentado, meditando, à mesa, apenas de vez em quando falando com outros quando era necessário, refletindo sobre o assunto, sobre esse mortal ter chegado tão perto de mim.

Será que eu estava agora muito descuidado? Será que eu estava apaixonado demais por Amadeo e Bianca para prestar atenção às coisas mais simples que deveriam ter acionado um alarme? Será que a esplêndida pintura de Botticelli me havia separado demais da minha imortalidade?

Eu não sabia, mas na verdade o que Raymond Gallant havia feito poderia ser explicado razoavelmente bem.

Eu estava numa sala repleta de mortais, e ele era apenas um deles. E talvez ele tivesse um método de disciplinar a mente de modo que seus pensamentos não se adiantassem a ele. E nele não havia nenhuma ameaça, fosse nos gestos, fosse na expressão.

É, tudo era simples; e, quando estava de volta ao meu quarto de dormir, senti-me muito mais despreocupado com aquilo, até mesmo ao ponto de escrever algumas páginas no meu diário enquanto Amadeo dormia como um Anjo Caído no meu leito de tafetá vermelho.

Eu deveria temer esse rapaz que sabia onde eu morava? Achei que não. Eu não sentia absolutamente nenhum perigo nele. Acreditava no que ele dizia.

E de modo totalmente inesperado, um par de horas antes do amanhecer, passou-me pela cabeça uma idéia trágica.

Eu precisava ver Raymond Gallant mais uma vez! Precisava falar com ele! Como eu havia sido tolo!

Saí noite afora, deixando para trás Amadeo adormecido. E por toda a Veneza procurei por esse estudioso inglês, esquadrinhando este ou aquele *palazzo* com o poder da minha mente.

Afinal, dei com ele em acomodações modestas muito distantes dos enormes palácios do Grande Canal. Desci pela escada que vinha do telhado e bati na sua porta.

— Abra para mim, Raymond Gallant — disse eu. — É Marius, e eu não venho lhe fazer mal algum.

Nenhuma resposta. Mas eu sabia que lhe havia provocado um terrível sobressalto.

— Raymond Gallant, posso arrombar a porta, mas não tenho nenhum direito de fazer isso. Peço-lhe que me atenda. Abra a porta para mim.

Ele finalmente destrancou a porta, e eu entrei, descobrindo-me num aposento minúsculo com paredes extraordinariamente úmidas, no qual ele tinha uma mísera escrivaninha, uma mala e uma pilha de roupas. Ali, encostado na parede, havia um pequeno quadro que eu havia pintado meses antes e que eu havia admitidamente descartado.

O lugar estava, no entanto, superlotado de velas, o que significou que ele pôde dar uma boa olhada em mim.

Ele recuou diante de mim como um menino assustado.

— Raymond Gallant, você precisa me dizer uma coisa — disse eu de imediato, tanto para me satisfazer quanto para tranqüilizá-lo.

— Farei o possível para atendê-lo, Marius — respondeu, com a voz trêmula. — Mas, afinal, o que você pode querer saber de mim?

— Ah, sem dúvida não *é* tão difícil de imaginar — respondi. Olhei ao redor. Não havia onde eu me sentar. Não tinha importância. — Você me disse que vocês sempre tiveram conhecimento da nossa espécie.

— Disse — respondeu ele, com tremores violentos. — Eu estava… eu estava me preparando para deixar Veneza — acrescentou rapidamente. — Como você recomendou.

— Estou vendo, e lhe agradeço. Mas vamos à minha pergunta. — Fui falando bem devagar enquanto prosseguia.

— Em todos os seus estudos, você alguma vez ouviu falar de uma bebedora de sangue, uma vampiresa, como vocês a chamam, uma mulher de cabelos castanhos, longos e ondulados… bastante alta e de belas formas, uma mulher transformada no pleno viço da vida, não na flor em botão da juventude… uma mulher de olhos argutos, uma mulher que caminha só pelas ruas à noite?

Tudo isso muito o impressionou e, por um instante, ele desviou o olhar de mim, registrando as palavras, para então voltar a mim.

— Pandora — disse ele.

Estremeci. Não pude evitar. Não poderia fazer o papel do homem inatingível com ele. Senti aquilo como um golpe no peito.

Fiquei tão descontrolado que me afastei alguns passos dele e lhe voltei as costas para que ele não visse a expressão no meu rosto.

Ele sabia até mesmo seu nome!

Finalmente voltei-me para ele.

— O que você sabe sobre ela? — perguntei, esquadrinhando sua mente enquanto ele falava para me certificar da verdade de cada palavra.

— Na antiga Antioquia, entalhadas na pedra, as palavras: "Pandora e Marius, bebedores de sangue, um dia moraram juntos e felizes nesta casa."

Não consegui responder. Mas isso era apenas o passado, o passado triste e amargo no qual eu a havia abandonado. E ela, magoadíssima, devia ter inscrito essas palavras na pedra.

Que ele e seus pesquisadores tivessem encontrado um resquício desses deixou-me impressionado e me inspirou respeito pelo que eles eram.

— Mas, agora — protestei —, você tem notícia dela agora? Quando soube da sua existência? Você precisa me contar tudo.

— Atualmente, no norte da Europa, há quem diga que a viu. — Sua voz estava ficando mais forte, mas ele ainda sentia muito medo. — E uma vez um jovem vampiro, um jovem bebedor de sangue, veio nos procurar, um daqueles que não conseguem suportar a transformação…

— Sim, prossiga — disse eu. — Eu sei. Você não está dizendo nada que represente uma ofensa para mim. Continue, por favor.

— O jovem veio, com a esperança de que possuíssemos alguma magia por meio da qual ele pudesse reverter o Sangue, recebendo de volta sua vida mortal e sua alma imortal…

— E ele lhe falou dela? É isso o que você está querendo dizer?

— Isso mesmo. Ele sabia tudo a respeito dela. Disse-nos seu nome. Considerava que ela era uma deusa entre os vampiros. Não foi ela quem o transformou. Pelo contrário, tendo deparado com ele, ela se compadeceu e com freqüência escutava seus desvarios. Mas ele a descreveu da mesma forma que você. E nos falou das ruínas em Antioquia onde encontraríamos as palavras que ela havia escrito na pedra.

“Foi ela quem lhe falou a respeito de Marius. E assim o nome veio a ser conhecido por nós. Marius, o alto de olhos azuis; Marius, cuja mãe era da Gália e cujo pai era romano.”

Ele parou, com evidente medo de mim.

— Ora, por favor, continue, eu lhe imploro — disse eu.

— Esse jovem vampiro está morto agora, destruído por sua própria vontade e sem nossa aquiescência. Ele saiu e se expôs ao sol da manhã.

— Onde foi que ele a encontrou? — perguntei. — Onde ela escutou seus desvarios? Quando isso ocorreu?

— Durante a minha vida — disse ele. — Se bem que eu mesmo não tenha visto esse bebedor de sangue. Por favor, não me pressione demais. Estou tentando lhe dizer tudo o que sei. O jovem vampiro disse que ela estava sempre viajando pelos países setentrionais, como lhe contei, mas sob o disfarce de uma mulher rica, e com um companheiro asiático, um bebedor de sangue de imensa beleza e rompantes de crueldade que parecia oprimi-la todas as noites, além de forçá-la a fazer o que não queria.

— Não consigo suportar isso! — protestei. — Ande, diga-me em que países setentrionais? Não consigo ler seus pensamentos mais rápido do que ouço o que diz. Conte-me tudo o que o vampiro jovem disse.

— Não sei em que países ela viajava — respondeu ele. Minha atitude apaixonada o estava perturbando.

— Esse jovem, ele a amava. Imaginava que ela fosse rejeitar o asiático. Mas ela se recusou. Isso o deixou enlouquecido, esse fracasso. E assim, alimentando-se entre a população de uma pequena cidade alemã, o jovem logo cometeu um erro e caiu nos nossos braços.

Ele fez uma pausa, para ganhar coragem e para tornar a voz firme enquanto prosseguia.

— Dentro da nossa Casa-Matriz, ele falava incessantemente sobre ela; mas era sempre o mesmo tema: sua doçura, sua bondade e a crueldade do asiático de quem ela se recusava a se separar.

— Diga-me os nomes com os quais eles viajavam — disse eu. — Deve ter havido nomes, nomes que usavam como mortais, pois de que outro modo poderiam ter vivido como mortais ricos? Dê-me os nomes.

— Eu os desconheço — disse ele. Agora, reunia toda a sua reserva. — Dê-me algum tempo e talvez eu possa obtê-los. Mas, para dizer a verdade, não creio que a Ordem me entregará esse tipo de informação para que eu a transmita a você.

Mais uma vez, dei-lhe as costas. Ergui a mão direita para ocultar meus olhos. Que gestos um homem mortal faz numa situação dessas? Fechei minha mão direita num punho e segurei firme meu braço direito com a mão esquerda.

Ela estava viva. Eu não estava satisfeito com isso? Ela vivia! Os séculos não a haviam destruído. Isso não bastava?

Virei-me e o vi ali parado, tão corajoso, muito embora suas mãos tremessem ao lado do corpo.

— Por que você não sente pavor de mim? — murmurei. — Pavor de que eu vá até sua Casa-Matriz para descobrir sozinho essa informação.

— Talvez não seja necessário nada de semelhante — respondeu ele, com rapidez. — Talvez eu possa obtê-la para você, se você realmente precisar dessa informação, pois isso não seria uma desobediência a nenhum voto que prestamos. Não foi a própria Pandora quem procurou abrigo conosco.

— Ah, é verdade, você está fazendo uma distinção digna de um advogado — retruquei. — E o que mais pode me dizer? O que mais Pandora disse a meu respeito a esse jovem vampiro?

— Nada mais — respondeu ele.

— De Marius, esse jovem falou, tendo ouvido esse nome de Pandora… — repeti.

— Foi, e depois nós o descobrimos aqui em Veneza. Já lhe contei tudo! Recuei mais uma vez. Ele estava exausto com minha insistência e com tanto medo de mim que sua mente estava quase no ponto em que poderia entrar em colapso.

— Já lhe contei tudo — voltou ele a dizer, em tom grave.

— Sei que contou — disse eu. — Percebo que você *é capaz* de guardar um segredo, mas é totalmente incapaz de mentir.

Ele não disse nada.

Apanhei do bolso a moeda de ouro, a que ele me dera. Li a palavra: *Talamasca.* Virei-a.

Ali, gravada no verso, havia a imagem de um castelo alto e fortificado e logo abaixo o nome: Lorwich, East Anglia. Voltei a olhar para ele.

— Raymond Gallant — disse eu. — Eu lhe agradeço. Ele fez que sim.

— Marius — disse ele, de repente, como se estivesse reunindo coragem —, você não pode mandar para ela algum tipo de mensagem que atravesse a distância?

Abanei a cabeça.

— Eu a tornei bebedora de sangue, e seus pensamentos me são inacessíveis desde o início. O mesmo ocorre com essa linda criança que você viu dançando esta noite. O criador e a criatura não conseguem ler os pensamentos um do outro.

Ele refletiu bem sobre isso, como se estivéssemos falando de assuntos humanos, com perfeita calma, e então disse:

— Mas sem dúvida você pode enviar a mensagem com sua mente poderosa a outros que possam vê-la e lhe dizer que você a está procurando e onde você se encontra.

Passou entre nós um estranho momento.

Como eu poderia lhe confessar que não tinha como implorar a Pandora que viesse a mim? Como eu poderia confessar a mim mesmo que precisava encontrá-la, abraçá-la e forçá-la a olhar para mim, que uma raiva antiga me separava dela? Eu nem conseguia confessar essas coisas a mim mesmo.

Olhei para ele. Ele estava me observando, acalmando-se cada vez mais, mas sem dúvida fascinado.

— Por favor, saia de Veneza, como lhe pedi que saísse. — Desamarrei minha bolsa e pus uma boa quantidade de florins de ouro na sua escrivaninha, exatamente como havia feito duas vezes com Botticelli. — Aceite isso por toda a sua atenção — disse eu. — Saia daqui e escreva para mim quando puder.

Ele mais uma vez fez que sim, com os olhos claros muito límpidos e determinados; o rosto, com uma calma intencional.

— Será uma carta comum — disse eu —, chegada a Veneza pelos canais comuns, mas conterá a informação mais maravilhosa, pois nela poderei encontrar notícias de uma criatura que não abraço há mais de mil anos.

Isso o deixou impressionado, embora eu não entendesse por que motivo. Decerto conhecia a idade das pedras em Antioquia. Mas percebi o choque penetrá-lo e percorrer seu corpo.

— O que eu fiz? — disse eu em voz alta, apesar de não estar falando com ele. — Deixarei Veneza em breve, por sua causa e por muitos motivos. Porque não envelheço e, portanto, não consigo fazer o papel de mortal por muito tempo. Vou embora logo por causa da jovem que você viu dançando esta noite com meu aprendiz, pois jurei que ela não será transformada. Mas, ai, foi aqui que meu papel foi mais esplêndido. Escreva isso nos seus livros de história. Descreva minha casa como você a viu, cheia de pinturas e lâmpadas, cheia de música e riso, cheia de alegria e calor humano.

Sua expressão mudou. Ele ficou triste, agitado, sem que mexesse um músculo sequer, e as lágrimas subiram aos seus olhos. Como parecia sábio para sua idade. Como era estranha sua compaixão.

— O que foi, Raymond Gallant? — perguntei. — Como você pode chorar por mim? Explique-me.

— Marius — disse ele. — Ensinaram-me na Talamasca que você seria lindo e que falaria com a língua de um anjo e de um demônio.

— Onde está o demônio, Raymond Gallant?

— Aí você me pegou. Não ouvi o demônio. Esforcei-me para acreditar nele. Mas não o ouvi. Você tem razão.

— Você viu o demônio nos meus quadros, Raymond Gallant?

— Não, não vi, Marius.

— Diga-me o que viu.

— Um talento espantoso e um assombroso colorido — respondeu ele, sem hesitar um momento sequer, como se tivesse preparado essa resposta. — Figuras maravilhosas e enorme criatividade, que proporcionavam a todos um perfeito prazer.

— Ah, mas será que eu sou melhor que o florentino Botticelli? — perguntei.

Seu rosto tornou-se sombrio e ele franziu levemente o cenho.

— Deixe-me responder em seu lugar — disse eu. — Eu não sou. Ele fez que sim.

— Pense bem, eu sou imortal e Botticelli é um mero ser humano. No entanto, que prodígios Botticelli não gerou?

Era doloroso demais permanecer ali mais um instante.

Estendi as duas mãos e delicadamente segurei sua cabeça antes que ele pudesse me impedir. Suas mãos se ergueram e agarraram as minhas, mas é claro que não conseguiram fazer nada para que eu o soltasse.

Aproximei-me dele e falei num sussurro.

— Deixe-me dar-lhe um presente, Raymond. Agora preste atenção. Não vou matá-lo. Não vou feri-lo. Só quero lhe mostrar os dentes e o Sangue, e se você permitir, veja bem, estou pedindo sua permissão, eu lhe darei uma gota do Sangue na sua língua.

Abri a boca para que as presas ficassem visíveis e senti seu corpo se enrijecer. Ele fez uma prece desesperada em latim.

Então cortei minha língua com os dentes, como fizera centenas de vezes com Amadeo.

— Você quer este sangue? — perguntei. Ele fechou os olhos.

— Não tomarei essa decisão por você, meu caro intelectual. Você quer aprender essa lição?

— Quero! — murmurou ele, quando de fato sua mente dizia não. Grudei minha boca à sua num beijo ardente. O sangue passou para ele.

E ele teve um espasmo violento.

Quando o soltei, ele mal conseguia permanecer em pé. Mas não era nenhum covarde esse homem. E ele baixou a cabeça apenas por um instante, para depois olhar para mim com os olhos toldados.

Esteve encantado por alguns curtos momentos; e, com paciência, deixei que passassem.

— *Sou-lhe muito grato, Raymond — disse eu, preparando-me para* sair pela janela. — Escreva-me tudo o que souber de Pandora; e se não puder, entenderei.

— Nunca veja em nós um inimigo, Marius — disse ele, apressado.

— Disso não tenha receio — disse eu. — Eu realmente nunca me esqueço de nada que acontece. E sempre me lembrarei de que você me falou sobre ela.

E então fui embora.

Voltei ao meu quarto de dormir, onde Amadeo ainda dormia como se estivesse drogado pelo vinho, quando havia sido apenas por sangue mortal.

Escrevi um pouco no meu diário. Tentei descrever de modo racional a conversa que acabara de ocorrer. Tentei

descrever a Talamasca a partir de tudo o que Raymond Gallant me revelara.

Mas acabei me entregando a escrever o nome de Pandora repetidas vezes, à toa, e então baixei a cabeça nos braços cruzados e sonhei com ela, dirigindo-lhe murmúrios nos meus sonhos.

Pandora nos países setentrionais, que países, o que isso poderia significar?

Ah, se eu pudesse encontrar seu companheiro asiático, como acabaria com ele! Como eu a livraria dessa opressão depressa e com brutalidade! Pandora! Como você pôde deixar uma coisa dessas acontecer? E mal eu havia feito essa pergunta, dei-me conta de que estava brigando com ela como tantas vezes havia feito no passado distante.

Quando chegou a hora de deixar a casa naquela noite para ir ao nosso local de descanso, encontrei Bianca dormindo no meu ateliê num longo divã de seda.

— Ai, mas você é linda demais — disse-lhe eu, beijando seus cabelos com ternura e apertando seu braço de belo formato.

— Adoro você — murmurou ela e voltou aos sonhos, a minha menina linda e maravilhosa.

Seguimos para o aposento dourado no qual nossos caixões nos aguardavam. Ajudei Amadeo a erguer a tampa do dele, antes de abrir o meu.

Amadeo estava cansado. A dança o deixara exausto. Mas ele me sussurrou alguma coisa, sonolento.

— O que foi? — perguntei.

— Quando chegar a hora, você o fará, você dará a Bianca o Sangue.

— Não — disse eu. — Pare de falar nesse assunto. Você está me deixando furioso. — Ele riu seu risinho frio e insensível. — Sei que você o fará. Você a ama demais para vê-la começar a fenecer.

Disse-lhe que não.

E então fui descansar, sem jamais imaginar que essa era a última noite da nossa vida juntos, a última noite do meu poder supremo, a última noite de Marius de Romanus, cidadão de Veneza, pintor e mago, a última noite da minha Época Perfeita.

CAPÍTULO 24



NA NOITE SEGUINTE, acordei como de costume e esperei por volta de uma hora que Amadeo abrisse os olhos. Por ser jovem, ele não acompanhava o pôr-do-sol com tanta rapidez quanto eu; e a hora de despertar difere entre os sugadores de sangue, mesmo quando não se considera a idade.

Fiquei ali sentado na câmara revestida de ouro, imerso em meus pensamentos sobre o estudioso chamado Raymond Gallant, e me perguntei se ele havia saído de Veneza como eu lhe havia recomendado. Que perigo ele poderia me causar, pensei, mesmo que pretendesse fazê-lo, pois quem ele instigaria contra mim e sob que acusação?

Eu era forte demais para ser dominado ou detido. Uma idéia dessas era ridícula. O pior que poderia acontecer era que, se esse homem me indicasse como algum tipo de alquimista perigoso, ou mesmo como algum tipo de demônio, eu precisaria apanhar Amadeo e partir.

No entanto, esses pensamentos não me agradavam, e por isso, nesses momentos tranqüilos, preferi acreditar em Raymond Gallant, gostar dele e nele confiar, além de deixar que minha mente esquadrinhasse a cidade ao meu redor para ver se descobria algum indício da sua presença, o que me desagradaria demais.

Eu acabava de iniciar essa busca quando algo totalmente medonho ofuscou minha razão.

Ouvi gritos provenientes da minha própria casa. E ouvi o brado de sugadores de sangue! Ouvi o clamor de adoradores de Satã — o cantochão das condenações — e com o olhar da minha mente vi meus aposentos tomados por um incêndio que se espalhava.

Avistei o rosto de Bianca na mente dos outros. Ouvi os gritos dos meus meninos.

Abri rápido a tampa do caixão de Amadeo.

— Venha, Amadeo, preciso de você — gritei nesse instante de nervosismo e falta de reflexão. — Estão queimando a casa. Bianca corre perigo. Venha.

— Quem é, senhor? — perguntou ele, voando escada acima ao meu lado. — Aqueles Que Devem Ser Preservados?

— Não, Amadeo — disse eu, segurando-o debaixo do braço para voar até o terraço do *palazzo*. — E um bando de sugadores de sangue adoradores do demônio. São fracos. Vão se queimar com seus próprios archotes! Precisamos salvar Bianca. Precisamos salvar os meninos.

Assim que cheguei à casa, percebi que a estavam atacando em números inimagináveis. Santino conseguira realizar seus sonhos enlouquecidos. Em cada aposento havia um invasor fervoroso incendiando tudo o que conseguisse.

A casa inteira estava tomada pelo fogo.

Quando me apressei a chegar ao alto da escadaria principal, vi Bianca muito abaixo de mim, cercada pelas criaturas malignas em suas capas negras, que a atormentavam com archotes enquanto ela berrava. Vincenzo jazia morto diante das portas da frente abertas.

Eu ouvia os gritos dos gondoleiros que imploravam aos que estavam dentro da casa que saíssem.

Desci à parte mais baixa da escadaria e, com o Dom do Fogo, queimei os agressores de Bianca, que eram jovens e desajeitados e praticamente tropeçavam nas túnicas negras enquanto eram consumidos pelas chamas. Alguns eu somente pude afastar à força de golpes físicos, porque não tinha tempo para direcionar meus poderosos dons.

Carreguei Bianca às pressas através da densa fumaça até o cais lá fora. Larguei-a nos braços de um barqueiro, que de imediato partiu para levá-la dali.

Assim que me voltei para salvar os meninos que berravam, uma turma de monstros trajados de negro cercou-me e mais uma vez eu os queimei com o Dom do Fogo, com isso, derrubando seus archotes descuidadamente.

O caos reinava na casa inteira. Estátuas caíam por cima das balaustradas. Tapeçarias eram incendiadas e quadros ardiam, mas os meninos, o que eu poderia fazer para proteger os meninos?

Assim que eu queimava um círculo de monstros, vinha outro; e de todos os lados, as condenações:

— Herege, blasfemo, Marius, o idólatra, Marius, o pagão. Santino o condena a morrer queimado.

Repetidamente eu derrubava os archotes. Repetidamente queimava os intrusos. Repetidamente ouvia seus gritos agonizantes.

A fumaça deixava-me cego, como teria deixado um mortal. Os meninos berravam em pânico enquanto eram carregados da casa e por cima dos telhados.

— Amadeo! — chamei.

Do alto, ouvi-o responder, em desespero.

Subi. No entanto, em cada patamar, eles me atacavam e eu me descobria golpeando a esmo e continuando a recorrer à força e ao Dom do Fogo com a máxima rapidez possível.

— Amadeo, use sua força — gritei para ele, pois não conseguia vê-lo. — Use os dons que lhe dei. — Eu somente ouvia seus gritos.

Incendiei os que me cercavam de perto. Não conseguia ver nada além das criaturas que ardiam, e depois mais archotes lançados na minha direção à medida que eu os atirava de volta.

— Vocês querem morrer queimados?! — avisei, procurando ameaçá-los, mas nenhuma lição de poder conseguia detê-los.

Continuavam a avançar, fervorosos.

— Santino envia seu fogo sagrado. Santino envia sua justiça. Santino quer seus aprendizes. Santino quer suas crias. Agora é a sua vez de ser queimado.

De repente — e de fato foi de repente — formou-se a roda fatal de cerca de sete ou oito deles, rápidos o suficiente para lançar o fogo na minha direção, de modo que atingisse todas as minhas vestes e meu cabelo.

Contra meu próprio corpo, esse fogo ardeu, engolindo minha cabeça, bem como meus braços e pernas.

Por um átimo, pensei que sobreviveria, aquilo não era nada. Eu sou Marius, o Imortal, e então num acesso ocorreu-me a horrenda lembrança do sangue do Ancião no Egito, incendiado por uma lâmpada, queimando com uma fumaça colorida no piso do meu quarto.

Ocorreu-me a recordação do sangue de Eudoxia em Constantinopla, explodindo em chamas no piso do santuário.

Veio-me a memória do deus do bosque dos druidas, com sua pele negra, carbonizada.

E eu soube no instante seguinte, sem memória ou pensamento, que meu sangue havia sido fatalmente inflamado — que por mais fortes que fossem minha pele, meus ossos ou minha vontade, eu agora estava queimando, sendo consumido com tanta dor e tanta velocidade que nada poderia impedir que eu fosse destruído.

— Marius — gritou Amadeo, apavorado. — Marius. — Eu ouvia sua voz como um sino.

Não posso dizer que a razão tenha me levado em qualquer direção. Eu sabia que havia chegado ao alto do terraço e que os gritos de Amadeo e dos meninos estavam se afastando.

— Marius — gritou Amadeo mais uma vez.

Eu estava cego a todos os que ainda me atormentavam. Estava cego para o céu. Nos meus ouvidos, ouvia o antigo Deus do Bosque na noite da minha transformação, a me dizer

que eu era imortal, que somente poderia ser destruído pelo sol ou pelo fogo.

Pela vida, esforcei-me com todo o poder que me restava. E nesse estado, determinei-me a alcançar a balaustrada certa do jardim suspenso e a saltar para um mergulho no canal.

— É, cair, cair dentro d'água, debaixo d'água — disse eu em voz alta, forçando-me a ouvir as palavras, e então através das águas fétidas nadei com a máxima velocidade possível, mantendo-me no fundo, refrescado, aliviado e salvo pela água imunda, deixando para trás o *palazzo* em chamas do qual minhas crianças haviam sido raptadas, no qual minhas pinturas haviam sido destruídas.

Uma hora, talvez mais, permaneci no canal.

O fogo nas minhas veias havia sido apagado quase imediatamente, mas a dor em carne viva era quase insuportável; e quando eu afinal vim à superfície, foi para procurar a câmara revestida de ouro onde estava meu caixão.

Não consegui andar até lá.

Temeroso, de quatro, procurei a entrada dos fundos da casa e, tanto com os dedos quanto com o Dom da Mente, consegui destrancar a porta.

Então, movendo-me devagar pelos muitos cômodos, cheguei afinal à pesada barreira que havia criado no acesso ao meu túmulo. Quanto tempo lutei com ela, não sei; só sei que foi o Dom da Mente que acabou por destrancá-la, não a força das minhas mãos queimadas.

Desci afinal pela escada até a escura tranqüilidade do quarto dourado. Pareceu um milagre quando finalmente me deitei ao lado do meu caixão. Estava exausto demais para seguir adiante; e, a cada respiração, eu sentia dor.

A visão das minhas pernas e braços queimados era aterradora. E quando estendi a mão para tocar no meu cabelo, percebi que a maior parte dele havia desaparecido. Apalpei as costelas por baixo da carne negra e adensada do meu tórax. Eu não precisava de nenhum espelho para me dizer que eu me tornara um horror, que meu rosto não existia mais.

Mas o que me doía mais que tudo era que, quando eu me encostava no caixão e escutava, ouvia os gemidos dos meninos, gemidos enquanto um navio os levava a algum porto distante, e ouvia Amadeo implorar aos seus captores que lhe dessem algum tipo de explicação. Mas não lhe ofereciam nenhuma. Somente as cantilenas dos adoradores de Satã eram entoadas para minhas pobres crianças. E eu sabia que esses adoradores de Satã estavam levando minhas crianças para o sul, até Roma, para o sul, até Santino, que eu como um tolo havia censurado e descartado.

Amadeo era mais uma vez prisioneiro, mais uma vez estava nas mãos de quem queria usá-lo para seus objetivos malignos. Amadeo novamente havia sido arrancado de um estilo de vida para ser levado para mais outro lugar inexplicável.

Ai, como eu me odiava por não ter destruído Santino! Por que eu havia permitido que ele continuasse vivo?!

E até mesmo agora, quando estou lhe contando essa história, eu o desprezo! Ah, como o desprezo do fundo do coração e para sempre porque, em nome de Satã, ele destruiu tudo o que eu considerava precioso; porque afastou de mim meu Amadeo; porque levou aqueles que eu protegia; porque queimou o *palazzo* que continha os frutos dos meus sonhos.

É, eu estou me repetindo, não estou? Você precisa me perdoar. Sem dúvida você deve entender a pura arrogância e total crueldade do que Santino me fez. Sem dúvida você deve entender a pura força destrutiva com a qual ele mudou o curso da viagem de Amadeo…

E eu sabia que essa viagem seria alterada.

Sabia, ali deitado ao lado do meu caixão. Sabia porque estava fraco demais para recuperar meu pupilo, fraco demais para salvar os pobres meninos mortais que sofreriam crueldades inomináveis, fraco demais até para caçar para mim mesmo.

E, se eu não pudesse caçar, como ganharia o sangue para me curar? Deitei-me de novo no chão do quarto e tentei

abrandar a dor na minha carne queimada. Tentei apenas pensar e respirar.

Estava ouvindo Bianca. Bianca havia sobrevivido. Bianca estava viva. Na realidade, Bianca trouxera outros para salvar nossa casa, mas ela estava muito além de qualquer possibilidade de salvação. E mais uma vez, como em guerras e em saques, eu havia perdido os belos objetos que amava; havia perdido meus livros; havia perdido meus escritos, por imperfeitos que fossem.

Quantas horas fiquei ali deitado, não sei. Mas, quando me levantei para tirar a tampa do caixão, descobri que ainda não conseguia ficar em pé. Na verdade, não consegui remover a tampa com meus braços queimados. Foi só com o Dom da Mente que pude empurrá-la, e mesmo assim não muito.

Voltei a me acomodar no chão.

Por um bom tempo senti dor demais para me mexer de novo.

Eu poderia ter esperança de percorrer a distância que me separava dos Pais Divinos? Não sabia. E não podia me arriscar a sair daquele aposento para descobrir.

Mesmo assim, imaginei Aqueles Que Devem Ser Preservados. Fiz preces para eles. Visualizei Akasha, com profundidade, com nitidez.

— Ajude-me, minha Rainha — disse eu, baixinho. — Ajude-me. Oriente-me. Lembre-se de quando falou comigo no Egito. Lembre-se. Fale comigo agora. Nunca sofri como estou sofrendo agora.

E então voltou a me ocorrer uma antiga provocação, uma provocação antiga como as próprias preces.

— Quem irá cuidar do seu santuário se eu não me recuperar? — perguntei, trêmulo na minha aflição. — Akasha, minha amada — murmurei. — Quem há de adorá-la se eu for destruído? Ajude-me, oriente-me, pois em alguma noite nesses séculos que passam você poderá ter necessidade de mim! Quem cuidou de você esse tempo todo?

Mas de que adianta espicaçar os deuses e as deusas? Enviei o Dom da Mente com toda a sua potência até os Alpes cobertos de neve, nos quais eu havia construído e ocultado a capela.

— Minha Rainha, diga-me como posso chegar até onde você está. Será que algo tão apavorante como essa situação poderia arrancá-la da solidão, ou será que estou pedindo demais? Sonho com milagres, mas não consigo imaginá-los. Minhas orações pedem misericórdia, e no entanto não consigo vislumbrar como ela se daria.

Eu sabia que era em vão, se não era uma blasfêmia, implorar que ela se erguesse do trono por mim. Mas será que ela era tão poderosa que conseguiria me transmitir alguma força milagrosa a uma distância de tantos quilômetros?

— Como retornarei a vocês? — implorei. — Como poderei um dia cumprir meus deveres se não me curar?

Respondeu-me o silêncio do quarto dourado. Era tão frio quanto o santuário nas montanhas. Imaginei estar sentindo a neve dos Alpes na minha carne queimada.

Lentamente, porém, captei o horror.

Acho que dei um risinho triste, baixinho.

— Não posso alcançá-la — disse eu —, não sem sua ajuda. E como poderei obter essa ajuda a não ser renunciando ao segredo daquilo que sou? A não ser que renuncie ao segredo da capela d'Aqueles Que Devem Ser Preservados?

Afinal consegui me ajoelhar e me esforcei a subir a escadaria de pedra, muito devagar e com muita dor. Dei um jeito de ficar em pé e, com o Dom da Mente, trancar a porta de bronze.

Segurança, isso era importante, muito importante. Eu preciso sobreviver a isso, pensei. Não posso me desesperar.

Então, deixando-me cair novamente e arrastando-me escada abaixo para o quarto dourado, à maneira de alguma criatura abominável e lúgubre, fiquei empurrando com insistência a tampa do caixão até que ela se abrisse o suficiente para eu entrar para descansar.

Eu nunca havia experimentado um ferimento daqueles, nunca havia sentido tanta dor. Com a tortura vinha mesclada uma humilhação monstruosa. Ai, tanta coisa que eu desconhecia sobre a existência; tanta coisa que eu não compreendia a respeito da vida.

Logo os gritos dos meninos sumiram, por mais que eu tentasse escutar. O navio já os levara pelas águas afora.

Mas eu ainda ouvia Bianca.

Bianca chorava.

Cheia de aflição e dor, minha mente esquadrinhava Veneza.

— Raymond Gallant, membro da Talamasca — murmurei. — Preciso de você agora. Raymond Gallant, tomara que você não tenha deixado Veneza. Raymond Gallant da Talamasca, por favor ouça minhas preces.

Não consegui encontrar sinal dele, mas quem sabia o que havia acontecido com meus poderes? Talvez tudo estivesse enfraquecido. Eu nem mesmo me lembrava com clareza do seu quarto ou de onde ele se localizava.

Mas por que eu esperava encontrá-lo? Eu não lhe dissera que deixasse a região do Veneto? Eu não havia insistido com ele que fosse embora? É claro que ele havia feito o que eu determinara. Sem dúvida estava muitos quilômetros adiante do ponto onde poderia ouvir meu chamado.

Mesmo assim, continuei a repetir seu nome sem parar, como se fosse uma oração.

— Raymond Gallant da Talamasca, preciso de você. Preciso de você agora. — Finalmente, a aurora que se aproximava trouxe-me um gélido alívio. A dor enlouquecedora foi cedendo devagar e meus sonhos começaram, como costuma acontecer se adormeço antes do nascer do sol.

Nos meus sonhos, vi Bianca. Estava cercada pelos seus criados, que a consolavam.

— Morreram, eles dois, eu sei — dizia ela. — Morreram no incêndio.

— Não, meu amorzinho — disse eu. Com todo o poder do Dom da Mente, procurei chamá-la.

Bianca, Amadeo se foi, mas eu estou vivo. Não tenha medo de mim quando me enxergar porque estou terrivelmente queimado. Mas estou vivo.

Nos olhos dos outros, vi sua imagem quando ela parou e lhes deu as costas. Vi-a levantar-se da cadeira e ir na direção da janela. Vi-a abri-la e espiar o nevoeiro lá fora, à luz do dia que se aproximava.

Hoje, ao pôr-do-sol, vou chamá-la, Bianca. Sou agora um monstro aos meus próprios olhos e serei um monstro aos seus olhos. Mas vou suportar esse sofrimento. Eu a chamarei. Não tenha medo.

— Marius — disse ela. Os mortais que estavam ao seu redor ouviram quando ela pronunciou meu nome.

Mas o sono da manhã já me dominava. Eu não tinha como resistir. A dor afinal desapareceu.

CAPÍTULO 25



QUANDO ACORDEI, a dor era excruciante. Fiquei deitado uma hora ou mais sem me mexer. Procurei escutar as vozes de Veneza. Escutei os movimentos das águas abaixo da minha casa e em toda a sua volta, através dos canais e mar adentro.

Procurei escutar os torpes enviados de Santino, num pavor mudo e altivo de que eles ainda estivessem à solta em busca de mim. Mas eles haviam desaparecido totalmente, pelo menos por enquanto.

Tentei erguer a tampa de mármore do sarcófago e não consegui. Mais uma vez, empurrei-a com o Dom da Mente, e então, com o auxílio das minhas mãos fraquíssimas, fui capaz de afastá-las.

Extraordinariamente maravilhoso e estranho, pensei, que o poder da mente fosse maior que o poder das mãos.

Lentamente, consegui levantar-me dessa bela e fria sepultura que havia criado para mim mesmo, e afinal, depois de um esforço enorme, sentei-me no gélido chão de mármore, vendo o cintilar das paredes de ouro através de um pouco de luz que penetrava na câmara em torno das bordas da porta superior.

Senti uma terrível agonia e cansaço. Fui dominado por uma sensação de vergonha. Eu me havia imaginado invulnerável; e, ai, como eu havia sido humilhado, como havia

sido arremessado de encontro às pedras do meu próprio orgulho.

As provocações dos adoradores de Satã voltaram a me ocorrer. Lembrei-me dos gritos de Amadeo.

Onde estaria ele agora, meu belo pupilo? Eu procurava escutar, mas não ouvia nada.

Chamei por Raymond Gallant mais uma vez, apesar de saber que era em vão. Eu o imaginava viajando por terra para a Inglaterra. Chamei seu nome em voz alta de tal modo que ele reverberou nas paredes da câmara dourada, mas não pude encontrá-lo. Eu sabia que não o encontraria. Só o chamei para ter certeza de que ele estava muito distante, fora do meu alcance.

E então pensei na minha cara e bela Bianca. Procurei vê-la como a vira na noite anterior, através da mente dos que a cercavam. Lancei o Dom da Mente a perambular pelos seus salões elegantes.

Entrou nos meus ouvidos o som de música alegre; e de imediato vi seus muitos hóspedes regulares. Eles bebiam e conversavam como se minha casa não tivesse sido destruída, ou melhor, como se não soubessem nada a respeito e eu nunca tivesse sido um deles. Continuavam sua vida, como os vivos costumam fazer depois que um mortal se vai.

Mas, Bianca, onde estava?

— Mostre-me seu rosto — murmurei, direcionando o misterioso Dom da Mente pela mera simplicidade da minha voz.

Não me ocorreu nenhuma imagem.

Fechei os olhos, o que me causou uma dor intensa, e tentei escutar, ouvindo o burburinho da cidade inteira, para então implorar, implorar ao Dom da Mente que me desse sua voz, seus pensamentos.

Nada, e então finalmente entendi. Onde quer que estivesse, ela estava só. Estava esperando por mim; e não havia ninguém à sua volta para contemplá-la ou conversar com

ela. Por isso, eu precisava encontrá-la no seu silêncio ou solidão; e afinal enviei meu chamado até ela.

Bianca, estou vivo. As queimaduras me deixaram monstruoso, como eu lhe disse. Da mesma forma que um dia cuidou de Amadeo, você poderia me conceder sua enorme generosidade?

Mal se havia passado um instante e eu ouvia seu sussurro com clareza.

— Marius, eu o estou ouvindo. Basta me dizer para onde ir. Nada me assustará. Tratarei com ataduras sua pele queimada. Curarei seus ferimentos.

Ai, esse era um consolo fantástico; mas o que eu estava planejando nesse caso? O que eu pretendia fazer?

Ela viria, sim, e me traria roupas novas com as quais eu poderia ocultar minha carne desgraçada; e talvez até mesmo uma capa com capuz para eu esconder a cabeça, e ainda uma máscara de carnaval para o rosto.

É, tudo isso era a mais pura verdade, ela o faria; mas o que aconteceria quando eu descobrisse que não conseguia caçar nesse mísero estado? E se, ao caçar, eu de algum modo descobrisse que o sangue de um mortal ou dois não representava nada para mim, que meus ferimentos haviam sido excessivamente graves?

De que modo então eu deveria contar com essa terna criaturinha para alguma ajuda? Até que ponto eu deveria permitir que ela mergulhasse nos horrores do meu enfraquecimento?

Ouvi sua voz mais uma vez.

— Marius — ela me implorava. — Diga-me onde você está. Estou na sua casa, Marius. Ela está muito destruída, mas não totalmente. Estou esperando no seu antigo quarto de dormir. Há roupas aqui que reuni para você. Você pode vir?

Por um bom tempo, não lhe dei resposta, nem mesmo para tranqüilizá-la. Estava refletindo tanto quanto pode refletir alguém que sente tanta dor. Minha mente não era minha mente. Disso, eu tinha certeza.

E pareceu-me que nessa terrível aflição eu poderia trair Bianca. Eu poderia traí-la totalmente, se ela permitisse. Ou eu poderia apenas aceitar dela alguma misericórdia, acabando por deixá-la com um mistério que ela jamais compreenderia.

A traição seria o mais simples, era evidente. A alternativa, receber sua misericórdia e deixá-la com um mistério, isso exigiria um autocontrole imenso.

Eu não sabia se tinha ou não tanto autocontrole. Na minha aflição, eu não sabia de nada sobre mim mesmo. Lembrei-me do voto que lhe havia feito tempos atrás, de que ela estaria sempre em segurança enquanto eu permanecesse em Veneza, e estremeci de agonia ao visualizar a criatura forte que eu havia sido naquela noite. É, eu havia jurado protegê-la para sempre pelos cuidados que prestara a Amadeo, porque ela o havia salvado da morte até eu poder chegar com o crepúsculo para tirá-lo dos seus braços.

O que tudo aquilo significava agora? Será que eu devia desrespeitar aquele juramento como se não fosse nada?

E repetidamente vinham seus chamados, como preces. Ela me chamava como eu havia chamado Akasha.

— Marius, onde é que você está? Sem dúvida, consegue me ouvir. Marius, tenho comigo roupas delicadas que não vão feri-lo. Tenho linho para ataduras. Tenho botas macias para seus pés. — Ela chorava enquanto falava. — Marius, tenho uma túnica de veludo macio para você. Tenho comigo uma das suas inúmeras capas vermelhas. Permita que eu leve isso tudo e vá onde você está. Farei os curativos e o ajudarei. Você não é nenhum horror para mim.

Continuei ali deitado, escutando seus lamentos e então, finalmente, tomei uma decisão.

Caríssima, você precisa vir onde estou. Não posso sair daqui. Traga as roupas que descreveu, mas traga também uma máscara, e dessas você encontrará muitas nos meus armários. Traga uma que seja de couro escuro decorado com ouro.

— Marius, já tenho isso tudo — respondeu ela. — Diga-me aonde devo ir.

Enviei-lhe então mais uma mensagem vigorosa, identificando de modo inconfundível a casa na qual eu estava; e lhe disse como deveria entrar, encontrar a porta feita de chapa de bronze e então bater.

A comunicação entre nós deixou-me exausto. E, mais uma vez, escutei num pânico mudo para ver se ouvia o som dos monstros de Santino, perguntando-me se retornariam e quando.

No entanto, nos olhos do barqueiro de Bianca, logo captei uma imagem da sua saída dos escombros queimados da minha casa. A gôndola estava a caminho.

Afinal veio a inevitável batida na porta de bronze. Com toda a minha força, comecei a subir lentamente pela escada de pedra. Toquei na porta com as mãos.

— Bianca, você está me ouvindo?

— Marius! — ela exclamou, começando a soluçar. — Marius, eu sabia que era você. Não era nenhuma trapaça da minha mente. Você está vivo mesmo, Marius. E está aqui.

Eu estava excitado com o cheiro do seu sangue.

— Preste atenção, minha querida. Estou queimado como você não tem condições de imaginar. Quando eu abrir apenas uma fresta dessa porta, você deve me entregar a roupa e a máscara. Não tente olhar para mim, por maior que seja sua curiosidade.

— Não, Marius — respondeu ela, com um tom resoluto. — Amo você, Marius. Farei o que você mandar.

Como eram queixosos seus soluços quando de repente a dominavam. E como era forte o cheiro de sangue nas suas veias. Como eu estava com fome.

Com toda a minha força, meus dedos carbonizados conseguiram soltar a tranca; e então abri a porta só um pouco.

O perfume do seu sangue causava tanta dor quanto tudo o mais que eu estava sofrendo. Por um instante, pensei que não conseguiria continuar.

Contudo, as roupas de que eu tanto necessitava foram jogadas na minha direção; e eu soube que precisava aceitá-las. Precisava de algum modo dar um passo pela minha recuperação. Eu não podia voltar a afundar na agonia, pois isso somente geraria mais agonia. Eu precisava seguir em frente. Ali estava a máscara de couro negro, decorada com ouro. Acessórios para um baile em Veneza, não para alguém tão desamparado e medonho como eu.

Deixei a porta quase fechada, até que consegui me vestir bem.

Bianca trouxera uma túnica longa em vez de uma curta, o que foi previdente, pois era possível que eu não tivesse conseguido de modo algum calçar as meias. Quanto às botas, consegui enfiar os pés nelas, por mais que me doessem. E a máscara amarrei para esconder o rosto.

A pelerine era de proporções generosas e provida de capuz, o que me agradou muito. Eu logo estava coberto da cabeça aos pés.

Mas o que eu deveria fazer agora? O que deveria dizer a esse anjo de mulher que estava ali fora no corredor escuro e gelado?

— Quem veio com você? — perguntei-lhe.

— Somente o barqueiro — disse ela. — Você não recomendou que eu viesse sozinha?

— Pode ser que tenha recomendado — respondi. — Minha mente está perturbada pela dor. — Ouvi-a chorar.

Eu lutava para pensar. Dava-me conta de uma verdade dura e terrível. Eu não podia caçar sozinho porque não tinha força suficiente para me arriscar a sair daquele lugar com qualquer um dos meus antigos dons de velocidade ou de subida e descida.

Não podia contar com a força de Bianca para me ajudar na caçada porque ela simplesmente era fraca demais para isso; e recorrer ao barqueiro era loucura, se não fosse categoricamente impossível. O homem testemunharia o que eu fazia, e ele sabia que eu residia naquela casa!

Ai, que loucura aquilo tudo. Como eu estava fraco. Como era grande a possibilidade de que os monstros de Santino retornassem. Como era importante que eu saísse de Veneza e buscasse o santuário d'Aqueles Que Devem Ser Preservados. Mas como isso poderia ser feito?

— Marius, por favor, deixe-me entrar — disse ela, baixinho. — Não estou com medo de vê-lo. Por favor, Marius. Deixe-me entrar.

— Pois bem — disse eu. — Tenha certeza de que não vou lhe fazer mal. Desça a escada. Pise com cuidado. Confie em mim, pois tudo o que eu lhe disser é verdade.

Com um esforço excruciante, empurrei a porta o suficiente para ela poder entrar. Uma luz fraca inundou a escada e a câmara logo abaixo. Bastava para meus olhos. Mas não para os dela.

Com a mão pálida e delicada, ela veio tateando atrás de mim, e não via como eu me arrastava, com as mãos pousando pesadas repetidamente na parede.

Afinal chegamos ao início da escada; e ali ela se esforçou para enxergar, mas não conseguiu.

— Marius, fale comigo — disse ela.

— Estou aqui, Bianca — respondi.

Ajoelhei-me e me sentei nos calcanhares. Então, contemplando os archotes que estavam suspensos das paredes, tentei acender um deles com o Dom do Fogo.

Direcionei o poder com todas as minhas forças.

Ouvi um leve crepitar quando o archote se acendeu e a luz explodiu, ferindo meus olhos. O fogo fez com que eu estremecesse, mas não conseguíamos suportar sua falta. A escuridão havia sido pior.

Ela ergueu as mãos tenras para abrigar os olhos da claridade. E então olhou para mim.

E o que viu?

Encobriu a boca e abafou um grito.

— O que fizeram com você? — perguntou ela. —Ai, meu belo Marius. Diga-me como remediar isso, que eu o farei.

Eu me vi no seu olhar, um ser encapuzado, com gravetos carbonizados no lugar do pescoço e dos pulsos, com luvas no lugar das mãos e um rosto que era uma máscara negra suspensa no ar.

— E como você acha que se pode fazer isso, minha bela Bianca? Que poção mágica pode me trazer de volta daqui onde estou agora?

Sua mente estava confusa. Captei um emaranhado de imagens e lembranças, de aflição e esperança.

Ela olhou ao redor para as cintilantes paredes douradas. Deteve o olhar nos sarcófagos de mármore reluzente. E então seus olhos voltaram para mim. Ela estava estupefata, mas sem medo.

— Marius, posso ser sua seguidora tanto quanto Amadeo foi. Basta que me diga como.

Ao ouvir a menção ao nome de Amadeo, meus olhos encheram-se de lágrimas. Ah, pensar que esse corpo queimado tinha no interior o sangue das lágrimas.

Ela ajoelhou-se para poder olhar direto nos meus olhos. Sua capa abriu-se, e eu vi as pérolas esplêndidas em torno do seu pescoço e seus seios alvos. Para essa empreitada, ela estava usando um vestido requintado, sem se importar com a lama ou a umidade na sua bainha.

— Ai, minha linda flor — disse-lhe eu. — Como a amei, tanto na inocência como na culpa. Você não sabe quanto a desejei, como monstro e como homem. Você não sabe como afastei de você minha fome, quando ela era algo que eu mal conseguia controlar.

— Ah, mas eu sei, sim. Você não se lembra daquela noite em que veio me procurar, com acusações pelos crimes que eu havia cometido? Não se lembra de como confessou sua sede por meu sangue? Decerto eu não me tornei desde então a pura e simples donzela de uma história da carochinha.

— Talvez tenha se tornado, sim, minha linda — disse eu. — Talvez, sim. Ai, ele se foi, não é? Todo o meu mundo. Foi-se. Penso nos banquetes, nos bailes de máscaras, na dança, tudo acabado. Todos os meus quadros foram queimados.

Ela começou a chorar.

— Não, não chore. Deixe que eu chore. Foi tudo minha culpa. Por não ter eliminado aquele que me desprezava. E levaram Amadeo prisioneiro. A mim queimaram por ser forte demais para o que eles querem, mas Amadeo eles levaram!

— Pare com isso, Marius, você está delirando — disse ela, temerosa. Estendeu a mão e tocou nos meus dedos cobertos pelas luvas.

— Ai, mas você precisa me deixar delirar só um pouco. Eles o levaram, e eu o ouvia implorando explicações. E os meninos, levaram os meninos também. Por que fizeram isso?

Eu a contemplava através da máscara, sem conseguir imaginar o que ela estava vendo ou lendo nessa estranha fisionomia artificial, com sua mente perturbada. O aroma do seu sangue era quase irresistível, e sua doçura parecia parte de outro mundo.

— Por que a deixaram viver, Bianca, pois eu com certeza não cheguei a tempo?

— Seus pupilos, era só isso o que eles queriam — respondeu ela. — Eram capturados com redes. Eu vi as redes. Eu berrava sem parar no portal da entrada da casa. Eu não tinha importância para eles, a não ser como isca para atraí-lo. E o que eu poderia fazer ao vê-lo senão gritar pedindo sua ajuda contra eles? Agi mal? É condenável eu estar viva?

— Não, não pense uma coisa dessas. Não. — Estendi a mão enluvada com o maior cuidado possível e apertei a dela com meus dedos. — Você precisa me dizer se eu apertar com força demais.

— Sua força nunca é demais, Marius — disse ela. — Ai, confie em mim como você me pede para confiar em você.

Abanei a cabeça. A dor era tão terrível que por um instante não pude falar. Tanto minha mente quanto meu corpo

eram só dor. Eu não conseguia suportar o que me acontecera. Não conseguia suportar a escalada sem esperanças que se apresentava entre mim mesmo e meu futuro eu.

— Nós continuamos aqui, você e eu — disse ela —, quando sem dúvida há muito o que fazer para curá-lo. Deixe-me servir à sua magia. Já lhe disse que estou disposta.

— Mas o que você sabe de verdade, Bianca? Você realmente entendeu do que se trata?

— E não *é* de sangue, meu senhor? — perguntou ela. — Você acha que eu não me lembro de quando tomou Amadeo, moribundo nos braços? Nada poderia tê-lo salvado como essa transformação que dali em diante sempre vi nele. Você sabe que percebi. Que eu sabia. Você sabe que eu sabia.

Fechei os olhos. Eu respirava devagar. A dor era terrível. Suas palavras estavam me embalando e fazendo com que eu acreditasse que não estava em desgraça, mas onde esse caminho levaria?

Tentei ler seus pensamentos, mas, exausto como estava, não consegui. Senti tanta vontade de tocar seu rosto; e então, confiante na maciez da luva, toquei, afaguei-lhe a face. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Para onde Amadeo foi? — disse ela, em desespero.

— Para o sul, pelo mar — confessei. — E para Roma, na minha opinião, mas não me pergunte por que motivo. Deixe-me dizer apenas que foi um inimigo meu que investiu contra a minha casa e contra aqueles que amo. E Roma é onde ele mora. E os que enviou para ferir a mim e a Amadeo vieram de Roma.

"Eu deveria tê-lo destruído. Deveria ter previsto isso. Mas, na minha vaidade, exibi meus poderes diante dele e o desprezei. E assim ele enviou seus seguidores num grande contingente para que eu não conseguisse dominá-los. Ai, como fui tolo de não adivinhar o que ele faria. Mas de que adianta dizer isso agora? Estou fraco, Bianca. Não tenho como resgatar Amadeo. Preciso de algum modo recuperar minhas forças."

— É, Marius — disse ela. — Eu o entendo.

— Peço do fundo do meu coração que Amadeo use os poderes que lhe dei, pois eram imensos, e ele é fortíssimo.

— E, Marius — disse ela. — Entendo o que você está dizendo.

— É de Marius que vou cuidar agora — disse eu, cheio de culpa e tristeza. — E de Marius que cuido, porque preciso.

Caiu um silêncio entre nós. Não se ouvia nada a não ser o crepitar do archote no seu suporte bem alto na parede.

Mais uma vez tentei ler seus pensamentos, sem conseguir. Não era só minha fraqueza. Era algo de resoluto nela naquele instante. Pois, embora me amasse, havia pensamentos conflitantes nela; e um muro havia sido erguido para impedir que eu soubesse quais eram esses pensamentos.

— Bianca — disse eu em voz baixa —, você viu a transformação em Amadeo, mas será que entendeu mesmo?

— Entendi, meu senhor — disse ela.

— Você consegue adivinhar a fonte da força que ele passou a ter depois daquela noite?

— Eu sei qual é, meu senhor — respondeu ela.

— Não acredito em você — disse eu, com delicadeza. — Você está se iludindo quando afirma saber.

— Mas a verdade é que eu sei, Marius. Como acabei de lhe relembrar, eu me recordo muito bem de como você entrou no meu próprio quarto, sedento pelo meu sangue.

Ela estendeu as mãos para tocar os lados do meu rosto, numa atitude de consolação. Ergui minha mão para impedi-la.

— Naquela hora eu soube que você de algum modo se alimenta dos mortos. Que você lhes suga a alma, ou talvez somente o sangue. Naquela época eu soube que ou era uma coisa ou a outra. E os músicos que fugiram do banquete no qual você matou meus parentes… eles falaram de como você deu aos meus primos desgraçados o beijo da morte.

Dei um risinho discreto.

— Como fui descuidado; eu que me acreditava tão exemplar. Como é estranho. E não surpreende que minha queda tenha sido tão grande.

Respirei fundo novamente, sentindo a dor me percorrer por inteiro, e a sede insuportável. Eu algum dia havia sido essa criatura poderosa que tanto deslumbrava a multidão que podia eliminar um grupo de mortais sem que ninguém ousasse acusá-la a não ser em murmúrios? Será que eu algum dia havia sido…? Mas havia muito a lembrar; e por quanto tempo eu apenas me lembraria até que uma parcela ínfima do meu poder fosse restaurada?

Mas ela me olhava fixamente com olhos brilhantes, indagadores. Então saiu da minha boca a verdade que eu não podia mais esconder.

— Era o sangue dos vivos, minha linda, sempre o sangue dos vivos — disse eu, em desespero. É o sangue dos vivos e somente o sangue dos vivos; e tem de ser o sangue dos vivos, você está entendendo? E assim que eu existo e sempre existi desde que fui arrancado da vida mortal por mãos nocivas e disciplinadas.

Ela franziu de leve o cenho enquanto me encarava, mas não afastou o olhar. Depois, fez que sim, como se quisesse me dizer que eu podia prosseguir.

— Chegue mais perto de mim, Bianca — murmurei. — Acredite em mim quando eu lhe digo que já existia quando Veneza não era nada. Quando Florença não havia surgido, eu já vivia. E não posso me demorar aqui nesse sofrimento. Preciso encontrar sangue para me refazer. Preciso de sangue. Preciso o mais rápido possível.

Ela mais uma vez fez que sim. Continuava me encarando com a mesma firmeza. Tremia, e tirou do interior da roupa um lenço de linho para enxugar as lágrimas.

O que essas palavras poderiam significar para ela? Deviam parecer poesia antiga. Como eu poderia imaginar que ela captasse o que eu dissera?

Seus olhos não hesitavam.

— O Malfeitor — confessou ela, de repente. — Meu senhor, Amadeo me contou — murmurou. — Não posso continuar mais a fingir que não sei. Vocês se alimentam do Malfeitor. Não se enfureça. Amadeo confiou-me esse segredo há muito tempo.

Fiquei furioso. Totalmente e no mesmo instante eu me enfureci, mas que diferença fazia? Essa terrível catástrofe não tinha varrido tudo por onde tinha passado?

Quer dizer que Amadeo contara o segredo à nossa bela Bianca, mesmo depois de todas as lágrimas e promessas feitas a mim! Quer dizer que eu fiz papel de bobo ao confiar numa simples criança. Quer dizer que tinha sido loucura minha deixar Santino vivo! Que importância tinha isso tudo agora?

Ela se acalmara e ainda me encarava fixamente, os olhos cheios do fogo do archote, o lábio inferior trêmulo, e deu um suspiro como se estivesse a ponto de chorar de novo.

— Posso trazer o Malfeitor a este aposento — disse ela, com a expressão ganhando ânimo. — Posso trazer o Malfeitor por essa mesma escada.

— E imagine que tal criatura a domine antes de você chegar aqui — disse eu, baixinho —; de que modo eu poderia então fazer justiça ou me vingar? Não, você não pode se arriscar tanto assim.

— Mas estou disposta a isso. Confie em mim. — Seus olhos ficaram mais brilhantes, e parecia que ela olhava ao redor, como se estivesse absorvendo a beleza das paredes. — Há quanto tempo guardo seu segredo? Não sei, só sei que nada conseguiria arrancá-lo de mim. E não importava quais fossem as suspeitas dos outros, eu jamais o traí com uma palavra sequer.

— Minha querida, meu tesouro — murmurei. — Você não vai se arriscar dessa forma por mim. Deixe-me pensar, deixe-me usar os poderes da mente que ainda me restem. Vamos ficar aqui sentados, em silêncio.

Ela pareceu perturbada e então endureceu a expressão.

— Dê-me o sangue, meu senhor — disse, de repente, com a voz baixa e acelerada. — Dê-me o sangue. Faça de mim o que fez de Amadeo. Faça de mim uma sugadora de sangue, e assim eu terei a força necessária para trazer-lhe o Malfeitor. Você sabe que *é* a solução.

Ela me apanhou totalmente desprevenido.

Não posso dizer que na minha alma calcinada eu não tivesse pensado exatamente nisso — tinha pensado nisso imediatamente quando a ouvi chorando —, mas ouvir a proposta da sua própria boca, e com tanta disposição, isso era mais do que eu um dia havia imaginado. E eu sabia, como soubera desde o início, que esse era o plano perfeito.

Mas eu precisava pensar sobre o assunto. Não só por ela, mas por mim mesmo. Uma vez que a magia tivesse surtido efeito nela — supondo-se que eu tivesse a força para a transferência — como era que nós, dois bebedores de sangue fracos, sairíamos pela cidade de Veneza à caça do sangue de que precisávamos para então empreender a longa viagem ao norte?

Como mortal, ela poderia ter me levado ao passo d'Aqueles Que Devem Ser Preservados nos Alpes por meio de uma carroça e guardas armados, que eu poderia deixar de madrugada para visitar a capela sozinho.

Como sugadora de sangue, ela teria de dormir de dia comigo; e assim nós dois estaríamos à mercê daqueles que estivessem transportando os sarcófagos.

Na minha dor, eu não conseguia imaginar a solução.

Eu não podia tomar as providências necessárias. Na realidade, de repente parecia que eu não conseguia pensar em nada. E, abanando a cabeça, procurei impedi-la de me abraçar, de se assustar ainda mais ao me abraçar e sentir a criatura rígida e ressecada que eu me tornara.

— Dê-me o sangue — disse ela novamente, com insistência. — Você tem a força para isso, não tem, meu senhor? E então vou poder trazer-lhe as vítimas de que você precisa! Eu vi a mudança em Amadeo depois. Ele não precisou

me mostrar. Vou ter a mesma força que ele, não vou? Responda-me, Marius. Ou me diga, diga de que outra forma posso curá-lo, recuperá-lo ou lhe trazer alívio nesse sofrimento que estou presenciando.

Não pude dizer nada. Eu tremia de desejo por ela, de raiva da sua juventude — do conluio dela e Amadeo contra mim, por ele ter-lhe contado — e me sentia consumido pelo desejo por ela aqui e agora.

Ela nunca me parecera mais viva, mais estritamente humana, mais perfeitamente natural na sua beleza rosada — algo a não ser profanado.

Ela se recostou como se soubesse que tinha me forçado um pouco demais. Sua voz veio mais delicada, embora ainda insistente.

— Conte-me de novo a história dos seus anos de vida — disse ela, com os olhos ardentes. — Fale-me de novo sobre como Veneza não existia, nem Florença tampouco, quando você já era Marius. Conte-me essa história mais uma vez.

Investi contra ela.

Ela não teve como escapar.

Na realidade, acho que tentou. Sem dúvida, deu um grito. Ninguém lá fora a ouviu. Eu a dominei rápido demais para isso, e nós estávamos muito fundo na câmara dourada.

Afastando a máscara e cobrindo seus olhos com minha mão esquerda, finquei os dentes no seu pescoço, e o sangue penetrou em mim veloz. Seu coração batia cada vez mais acelerado. E no instante em que ele ia parar, eu me afastei dela, sacudindo-a com violência, gritando alto no seu ouvido.

— Bianca, acorde!

De imediato, rasguei meu pulso ressequido até ver o filete de sangue; e esse eu forcei a tocar na sua língua pela boca aberta.

Ouvi sua respiração sibilante, e então ela grudou a boca no meu braço, só para gemer faminta. Afastei a carne queimada e dura e a cortei mais uma vez para ela.

Ai, não era suficiente para ela. Eu estava queimado demais, fraco demais — e todo esse tempo seu sangue continuava a me invadir com violência, abrindo caminho à força até as células queimadas e destruídas que um dia estiveram vivas.

Repetidamente, rasguei meu pulso ossudo e retorcido para forçá-lo contra sua boca, mas foi inútil.

Ela estava morrendo! E todo o sangue que me dera havia sido devorado.

Ai, era uma monstruosidade. Eu não podia suportar — não, não podia suportar ver a vida da minha Bianca apagar-se como uma vela de pequeno tamanho. Eu me tornaria um louco furioso.

De imediato, subi cambaleante a escada de pedra, sem me importar com dor ou fraqueza, reunindo num só minha mente e meu coração; e, chegando lá em cima, abri a porta de bronze.

Uma vez no alto da escada acima do cais, chamei seu barqueiro.

— Depressa — gritei e voltei para dentro para que ele me seguisse, que foi o que ele fez.

Nem um segundo depois de ele ter entrado na casa, abati-me sobre o pobre infeliz e inocente e suguei todo o seu sangue. E então, quase sem conseguir respirar pelo alívio e pelo doce prazer que ele me deu, voltei para a câmara dourada para encontrá-la onde a havia deixado, ainda moribunda, ao pé da escadaria.

— Pronto, Bianca, beba, pois agora tenho mais sangue a dar — disse-lhe no ouvido, levando meu pulso rasgado novamente à sua língua. Dessa vez, o sangue jorrou, não em enorme abundância, mas o que ela precisava receber. E ela fechou a boca sobre a fonte e começou a puxar do meu coração.

— Beba, sim, minha Bianca, minha doce Bianca — disse eu, e ela com seus suspiros me respondia.

O sangue já havia aprisionado seu doce coração.

A sinistra jornada da noite estava apenas começando. Eu não poderia mandá-la em busca de vítimas! A magia mal estava completa nela.

Encurvado como um corcunda na minha fraqueza, carreguei-a para fora da casa e para dentro da gôndola, cada passo de uma dor excruciante, meus movimentos lentos e cautelosos.

E, uma vez que a pus sentada nas almofadas, meio sonolenta e me respondendo, seu rosto nunca tão belo, nunca tão pálido, assumi o remo solitário.

Dirigi-me às regiões mais sombrias de Veneza, com o nevoeiro denso sobre os canais, na direção daqueles locais mal iluminados infestados de facínoras.

— Acorde, princesa — disse-lhe eu. — Estamos no campo da batalha em silêncio; e em breve veremos nosso inimigo. E o pequeno combate que tanto apreciamos irá começar.

Na minha dor, eu mal conseguia me manter em pé, mas, como sempre acontece nesse tipo de situação, aqueles que procurávamos vieram nos atacar.

Percebendo na minha postura e na sua beleza a própria forma da fraqueza, eles renunciaram de imediato à sua força.

Para os braços de Bianca, atraí com facilidade uma vítima jovem e altiva, “que daria prazer à senhora, se era isso o que queríamos”; e dele ela sem esforço extraiu uma dose fatal, com sua adaga caindo no fundo do barco.

A vítima seguinte, um bêbado fanfarrão que acenou para nós com promessas de um banquete próximo, ao qual todos teríamos acesso, caiu no meu abraço fatal.

Eu mal tive forças para ele; e mais uma vez o sangue me inundou descontrolado, curando-me com uma magia tão violenta que era quase como um agravamento da dor.

O terceiro que veio parar nos nossos braços era um vagabundo, que seduzi com uma moeda que eu não tinha comigo. Bianca tomou-o, com a fala enrolada, decepcionada por ele ser tão frágil.

E tudo isso sob o véu da noite negra e muito longe das luzes de casas como as nossas.

E continuamos sem parar. O Dom da Mente crescia em mim cada vez mais a cada morto. Minha dor era mitigada a cada morto. Minha carne ficava mais restaurada a cada morto.

Mas eu precisaria de uma infinidade de mortos para me recuperar, uma inconcebível infinidade de vítimas para me devolver o vigor que eu havia possuído antes.

Eu sabia que por baixo da roupa minha aparência era a de uma criatura feita de cordas mergulhadas em piche, e eu nem conseguia imaginar o horror em que meu rosto se transformara.

Enquanto isso, Bianca despertou do entorpecimento e sofreu as dores da sua morte como mortal. Ela agora ansiava por voltar aos seus aposentos em busca de roupas limpas para que pudesse voltar comigo para a câmara revestida de ouro em trajes condizentes para ser minha noiva.

Ela consumira sangue demais das vítimas e precisava de mais do meu, mas não sabia disso, e eu também não lhe contei.

Foi somente com relutância que lhe concedi seu pedido, levando-a de volta ao *palazzo,* e esperando inquieto na gôndola até ela voltar, em trajes maravilhosos, para vir comigo, a pele como as suas pérolas mais perfeitas.

Abandonando para sempre seus muitos salões, ela trouxe consigo uma quantidade de trouxas, na realidade todas as roupas que teve vontade de trazer, todas as jóias e muitas velas, para que pudéssemos ficar juntos no nosso esconderijo sem o ruído dos archotes.

Afinal estávamos a sós na câmara dourada, e ela, radiante de felicidade, olhava para mim, seu noivo mascarado, mudo e reservado.

E apenas uma única vela fornecia sua luz esguia para nós dois. Bianca havia disposto no chão uma capa de veludo verde para que nos sentássemos nela, e foi o que fizemos.

Fiquei de pernas cruzadas, e ela se sentou ajoelhada. A dor em mim estava calma, porém terrível. Calma por não saltar

violenta a cada respiração, mas permanecia constante e me permitia respirar à vontade.

Das suas muitas trouxas, ela tirou um espelho polido, com cabo de osso.

— Pronto, tire a máscara, se quiser — disse ela, os olhos ovalados cheios de coragem e firmeza. — Você não vai me assustar!

Olhei para ela por um bom tempo, apreciando sua beleza, examinando todas as mudanças sutis que o sangue havia operado nela — como ele a transformara numa réplica tão extraordinária e primorosa do seu eu de antes.

— Você me considera atraente, não é mesmo? — perguntou ela.

— Sempre considerei — disse eu. — Houve uma época em que eu queria tanto lhe dar o sangue que não conseguia olhar para você. Houve uma época em que eu me recusava a freqüentar sua casa por temer seduzi-la para o sangue com todos os meus encantos, quaisquer que fossem.

Bianca estava pasma.

— Nunca imaginei uma coisa dessas — disse ela.

Olhei no espelho. Vi a máscara. Pensei no nome da Ordem. Talamasca. Pensei em Raymond Gallant.

— Você não consegue ler nenhum pensamento meu agora, consegue? — perguntei-lhe.

— Não — disse ela. — Nada. — Estava intrigadíssima.

— É assim mesmo — disse eu. — Porque eu a criei. Dos outros, sim, você consegue ler o pensamento…

— …*é* — respondeu ela. — O pensamento das nossas vítimas, sim, consigo. E, quando o sangue vem, vejo coisas…

— …*é.* E você sempre verá coisas, mas jamais, com essa ferramenta, deixe-se encantar pela sedução dos inocentes, ou o sangue que beber de repente aparecerá nas suas mãos.

— Eu entendo — respondeu ela, rápido demais. — Foi assim que Amadeo me contou tudo o que você lhe ensinava.

Somente o Malfeitor. Nunca o inocente, eu sei.

Mais uma vez, senti uma raiva terrível por esses dois, essas duas benditas crianças, terem me deixado de fora. Gostaria de saber quando e como Amadeo lhe contara esses segredos.

Mas eu sabia que deveria afastar esse ciúme.

A tristeza terrível, terrível, era que eu havia perdido Amadeo. Perdido. E eu não tinha meios para trazê-lo de volta. Amadeo estava nas mãos de quem pretendia fazer coisas indescritíveis. Eu não podia pensar nisso. Não podia. Iria enlouquecer.

— Olhe no espelho — repetiu ela. Abanei a cabeça.

Retirei a luva esquerda e olhei fixamente para meus dedos ossudos. Ela deu um gritinho medonho e então ficou envergonhada.

— Você ainda quer ver meu rosto? — perguntei.

— Não, não, para o bem de nós dois — disse ela. — Só quando você tiver caçado mais; e eu tiver andado mais com você e estiver mais forte, para poder ser sua seguidora, como lhe prometi, como serei.

Ela fazia que sim enquanto falava, com a voz muito determinada.

— Minha linda Bianca — disse eu, baixinho —, destinada a atos tão fortes e desagradáveis.

— É, e eu os empreenderei. Sempre estarei ao seu lado. Com o tempo, você chegará a me amar como o amou.

Não respondi. A agonia de perdê-lo era monstruosa. Como eu poderia negá-la com uma única sílaba?

— E o que está acontecendo a Amadeo? — perguntei. — Ou será que eles apenas o destruíram de algum modo medonho, pois naturalmente você sabe que nós podemos morrer pela luz do sol ou pelo calor de um fogo tremendo.

— Não, morrer não, só sofrer — disse ela, rápido, olhando para mim com expressão indagadora. — Você não é a

prova viva disso?

— Não, morrer — respondi. — Comigo, *é* como eu lhe disse, que estou vivo há mais de mil anos. Mas com Amadeo? Poderia ser a morte sem grande esforço. Torça para que eles não inventem crueldades, mas apenas horrores; não importa o que façam, que seja rápido ou que não façam nada.

Ela foi dominada pelo medo, e seus olhos me observavam como se houvesse alguma expressão verdadeira na máscara de couro que eu estava usando.

— Agora, venha, você precisa aprender a abrir esse caixão — disse-lhe eu. — E antes disso eu preciso lhe dar mais do meu sangue. Fiz tantas vítimas que agora tenho mais a dar. E você precisa aceitar ou não será de modo algum tão forte quanto Amadeo.

— Mas… eu mudei de roupa — disse ela. — Não quero que elas fiquem sujas de sangue.

Eu ri. Ri sem parar. Toda a câmara dourada reverberou com meu riso. Ela olhava para mim sem entender.

— Bianca — disse eu, baixinho. — Eu lhe prometo não derramar uma gota.

CAPÍTULO 26



QUANDO ACORDEI, fiquei ali deitado imóvel por uma hora, fraco e com uma dor intensa. A dor era na verdade tão forte que adormecer parecia preferível a despertar; e sonhei com fatos remotos, dos tempos em que Pandora e eu estávamos juntos e em que não parecia possível que um dia nos separaríamos.

O que finalmente me arrancou do sono inquieto foi o som de Bianca aos berros.

Ela berrava repetidamente, apavorada.

Levantei-me, um pouco mais forte que na noite anterior, e depois de me certificar de que minhas luvas e máscara estavam no lugar, agachei-me ao lado do caixão e chamei para que ela me ouvisse.

De início, tão altos eram seus gritos nervosos que ela não me ouvia. Mas afinal acalmou-se no seu desespero.

— Você tem a força necessária para abrir o caixão — disse eu. — Isso eu lhe revelei ontem à noite. Encoste as mãos na tampa para empurrá-la.

— Solte-me daqui, Marius — ela implorou, soluçando.

— Não, isso você tem de fazer sozinha.

Ouvi soluços mais fracos, mas ela seguiu minhas instruções. Houve o rangido do mármore, e a tampa moveu-se

para um lado. Bianca então levantou-se, afastando a tampa do caminho, e saiu totalmente livre do caixão.

— Venha cá — disse eu, com delicadeza.

Ela obedeceu, tremendo com os soluços; e eu, com luvas nas mãos, afaguei seu cabelo despenteado.

— Você sabia que tinha a força, Bianca. Eu lhe mostrei que mesmo com a mente poderia movê-la.

— Por favor, acenda a vela — implorou ela. — Preciso da luz. Fiz o que ela me pediu.

— Você precisa acalmar sua alma — disse eu. Respirei bem fundo. — Você agora está forte e, depois que caçarmos esta noite, estará ainda mais forte. E, à medida que me fortalecer cada vez mais, eu lhe darei mais do meu sangue.

— Perdoe-me esse meu medo — murmurou ela.

Eu mesmo tinha pouca força para consolá-la, mas sabia que ela precisava de qualquer força que eu tivesse. Eu estava agora de novo me dando conta, como se fosse por meio de golpes violentos, de que meu mundo estava arrasado, minha casa destruída, Amadeo roubado de mim.

E então, quase desfalecendo, vi a Pandora de tempos atrás, sorrindo para mim, não me recriminando nem me atormentando, mas apenas conversando comigo, como se estivéssemos juntos no jardim, à mesa de pedra, conversando sobre tantas coisas, como era nosso costume.

Mas isso não existia mais. Tudo se fora. Amadeo desaparecera. Meus quadros desapareceram.

E veio de novo o desespero, o amargor, a humilhação. Jamais imaginei que esse tipo de coisa pudesse me atingir. Jamais imaginei que pudesse me sentir tão infeliz. Eu me acreditava tão poderoso, tão esperto, tão fora do alcance dessa dor abjeta.

— Vamos, Bianca. Precisamos sair, precisamos procurar sangue. Venha. — Eu a consolava enquanto consolava a mim mesmo. — Pronto, onde está seu espelho? E seu pente? Deixe-

me pentear seu lindo cabelo. Olhe-se no espelho. Será que Botticelli algum dia pintou uma mulher mais bela?

Ela enxugou as lágrimas vermelhas.

— Está feliz de novo? — perguntei. — Procure nas profundezas da sua alma. Diga a si mesma que você é imortal. Diga a si mesma que a morte não tem poder algum sobre você. Algo de maravilhoso aconteceu-lhe aqui na escuridão, Bianca. Você se tornou jovem para sempre, linda para sempre.

Estava com tanta vontade de beijá-la, mas não podia fazer isso. Por esse motivo, eu me esforçava para transformar minhas palavras em beijos.

Ela concordou; e, quando olhou para mim, um belo sorriso iluminou seu rosto. E, por um instante, ela caiu num estado sonhador que trouxe de volta minhas lembranças da genialidade de Botticelli e até mesmo lembranças do próprio homem em tanta segurança, afastado de todos esses horrores, levando sua vida em Florença fora do alcance de qualquer coisa que eu um dia pudesse fazer.

Apanhei o pente da trouxa. Passei-o pelo seu cabelo. Fiquei olhando enquanto ela mantinha o olhar fixo na máscara que era meu rosto.

— O que foi? — perguntei-lhe, com delicadeza.

— Quero ver com que gravidade…

— Não quer, não — respondi. Ela começou a chorar de novo.

— Mas como você vai chegar a se curar? Vai demorar quantas noites?

Toda a sua felicidade da noite anterior estava destruída.

— Venha — disse eu. — Vamos caçar. Agora ponha sua capa e me acompanhe escada acima. Vamos fazer o que fizemos antes. Nem por um momento duvide da sua força. E sempre me obedeça.

Ela se recusava a fazer o que eu lhe pedia. Não saía de perto do caixão, com o cotovelo pousado na tampa, a expressão ferida.

Acomodei-me afinal perto dela e comecei a pronunciar palavras que jamais pensei que um dia ouviria da minha própria boca.

— Você terá de ser o lado forte, Bianca, você terá de liderar. Neste momento eu não tenho forças para nós dois; e é isso o que você está exigindo de mim. Estou destroçado por dentro. Estou destruído. Não, espere, não interrompa o que eu quero dizer. E não derrame lágrimas. Preste atenção. Você terá de me dar sua pequena reserva de força porque eu preciso dela. Tenho poderes que estão muito além da sua imaginação. Mas a esses poderes não estou conseguindo ter acesso neste instante. E enquanto eu não tiver acesso a eles, você terá de nos levar adiante. Guie-nos com sua sede e guie-nos com seu assombro, pois sem dúvida nesse estado atual você vê as coisas como nunca antes e está cheia de assombro.

Ela fez que sim. Seus olhos ficaram mais frios e mais belos com a tranqüilidade.

— Você não entende? — perguntei. — Que, se ao menos conseguir atravessar comigo essas poucas noites, você de fato terá a imortalidade?

Ela fechou os olhos e gemeu.

— Ai, eu amo o simples som da sua voz — disse ela —, mas estou com medo. No caixão, no escuro, quando acordei, tudo parecia um sonho venenoso. E tenho medo do que eles possam nos fazer se descobrirem o que somos, se cairmos nas suas mãos e se… se…

— Se o quê?

— Se você não puder me proteger.

— Ah, entendi, se eu não puder protegê-la. — Calei-me, ali sentado. Mais uma vez, não parecia possível que aquilo tivesse acontecido comigo. Minha alma estava crestada. Meu espírito estava crestado. Minha vontade, arranhada; minha felicidade, destruída.

Lembrei-me do primeiro baile, o baile que Bianca tinha organizado na nossa casa. E me lembrei da dança e das mesas com suas travessas douradas com frutas e carnes temperadas, o

perfume do vinho, o som da música, as muitas salas tão repletas de criaturas contentes, as pinturas que sobressaíam acima de tudo, e não parecia possível que alguém pudesse me derrubar dali quando eu estava enraizado com tanta firmeza no universo de mortais que de nada desconfiavam.

Ai, Santino, pensei, como eu o odeio. Como eu o desprezo.

Imaginei-o novamente como ele havia a mim aparecido em Roma. Imaginei-o nas vestes negras, cheirando a terra, os cabelos pretos compridos e limpos em vão, e o rosto tão expressivo com os olhos grandes e escuros, e o odiei.

Será que um dia, pensei, eu teria a oportunidade de destruí-lo? Ah, sem dúvida, chegaria uma hora em que ele não estaria cercado de tanta gente, em que eu poderia segurá-lo firme nas minhas mãos e, com o Dom do Fogo, fazê-lo pagar pelo que me havia feito.

E Amadeo, onde estava meu Amadeo, e onde estavam meus meninos que haviam sido levados com tanta brutalidade e ao mesmo tempo com tanto cuidado? Vi de novo meu pobre Vincenzo no chão, assassinado.

— Marius, meu Marius — disse Bianca, de repente. — Por favor, não fique sentado assim tão calado. — Ela estendeu a mão, pálida e alvoroçada, sem ousar tocar em mim. — Lamento por ser tão fraca. Acredite que lamento. O que o está deixando tão calado?

— Nada, minha querida, só pensamentos sobre meu inimigo, o que trouxe aqueles que brandiam o fogo, os que me destruíram.

— Mas você não foi destruído — disse ela. — E eu de algum modo vou adquirir forças.

— Não, fique aqui por enquanto — disse eu. — Você já fez muita coisa. E o coitado do seu gondoleiro deu a vida por mim na noite de ontem. Você fica aqui agora até eu voltar.

Ela estremeceu e estendeu os braços como se quisesse me abraçar. Forcei-a a manter-se afastada.

— Você ainda não pode abraçar isso que eu sou neste momento. Mas vou sair e caçar até estar forte o suficiente para tirá-la deste lugar para um que seja seguro e onde eu me recupere totalmente.

Fechei os olhos, embora ela naturalmente não pudesse perceber por causa da máscara, e pensei em Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Minha Rainha, eu lhe rogo, eu vou chegar aí. E, quando chegar, você me dará o Sangue, pensei, mas será que eu não podia ter recebido uma visãozinha de aviso?

Ai, eu nem havia pensado nisso antes, e agora a idéia explodia na minha cabeça. É, do seu trono distante, ela poderia tê-lo feito, poderia ter me avisado, não poderia?

Mas como eu poderia pedir uma coisa dessas a alguém que não se mexia nem falava havia mil anos? Será que eu nunca ia aprender?

E Bianca, que estava trêmula e me implorava que prestasse atenção a ela agora? Despertei do meu sono.

— Não, vamos fazer como você queria. Eu vou com você — disse ela, num tom de dar pena. — Desculpe se fui fraca. Eu lhe prometi que seria tão forte quanto Amadeo. E quero ser. Agora estou pronta para ir com você.

— Não, não está — respondi. — Você só está com mais medo de ficar aqui sozinha do que de ir comigo. Está com medo de que, se ficar aqui, eu nunca volte para você.

Ela fez que sim, como se eu a tivesse forçado a admitir isso, quando eu não tinha.

— Estou com sede — disse ela, baixinho. Pronunciou as palavras com elegância. E depois com assombro. — Estou com sede de sangue. Preciso ir com você.

— Muito bem, então — respondi. — Minha doce e linda companheira. A força lhe virá. A força irá se instalar no seu coração. Não tenha medo. Tenho muito a ensinar. E, à medida que forem passando as noites em que você e eu nos consolaremos, eu lhe falarei dos outros que conheci, da sua força e da sua beleza.

Ela voltou a concordar, arregalando os olhos.

— É de mim que você gosta mais? — perguntou ela. — É só isso o que eu quero saber agora, e você pode mentir para mim. — Ela sorriu, mesmo com as lágrimas lhe manchando as faces.

— E claro que sim — disse eu. — Eu a amo mais do que a qualquer outra pessoa. Você está aqui, não está? E, ao me encontrar arrasado, você deu sua força para me salvar.

Foi uma resposta fria, carente de lisonja ou de cortesia, no entanto me pareceu que lhe bastava perfeitamente. E me dei conta de como Bianca era diferente dos que eu havia amado antes, de Pandora com sua sabedoria, ou de Amadeo com sua astúcia. Bianca parecia dotada de doçura e intelecto em doses equivalentes.

Levei-a escada acima comigo. Deixamos a pequena vela para trás, como um sinalizador para nossa volta.

Antes de abrir a porta, escutei com cuidado para ver se ouvia o som de alguma das crias de Santino. Não ouvi nada.

Seguimos em silêncio através dos canais mais estreitos das partes mais perigosas da cidade. E ali encontramos nossas vítimas mais uma vez, lutando pouco, bebendo muito. Depois, nós as largávamos nas águas imundas.

Muito depois que ela estava perfumada e aquecida graças às suas numerosas vítimas, observadora arguta das paredes escuras e cintilantes, eu ainda ardia, crestado. Ai, como era terrível a dor. Como era sedativo o sangue à medida que inundava meus braços e pernas.

Perto do amanhecer, voltamos. Não havíamos encontrado perigo algum. Eu estava muito recuperado, mas meus braços e pernas ainda eram como varetas; e, quando passei a mão por baixo da máscara, senti um rosto que parecia ter cicatrizes irreparáveis.

Quanto tempo isso levaria? Eu não tinha como dizer a Bianca. Não tinha como dizer a mim mesmo.

Sabíamos que em Veneza não poderíamos contar com muitas noites semelhantes. Logo ficaríamos conhecidos.

Ladrões e assassinos começariam a ficar alerta para nós — a beldade de rosto alvo, o homem com a máscara de couro negro.

Eu precisava testar o Dom da Nuvem. Será que conseguiria carregar Bianca até o santuário? Será que conseguiria fazer a viagem inteira numa única noite, ou fracassaria, o que nos deixaria procurando em desespero por algum esconderijo antes que o sol nascesse?

Ela foi dormir tranqüila, sem nenhum medo do caixão. Parecia que queria me mostrar sua força para me reconfortar; e, embora não pudesse beijar meu rosto, ela deu um beijo nos dedos esguios e o soprou na minha direção.

Eu tinha uma hora antes que o sol nascesse e, saindo sorrateiro do quarto dourado, subi, saí para o telhado e levantei os braços. Em instantes estava bem alto acima da cidade, movimentando-me sem esforço, como se o Dom da Nuvem nunca tivesse sido prejudicado em mim. E então eu me encontrei fora de Veneza, muito além de Veneza, olhando de volta para a cidade, com suas muitas luzes douradas e o brilho acetinado do mar.

Minha volta foi rápida e precisa, e desci sem ruído ao quarto dourado com tempo bastante para ir descansar.

O vento me havia ferido a pele queimada. Mas não fazia diferença. Eu estava exultante com a descoberta, de poder alçar vôo como sempre havia feito. Agora eu sabia que em breve poderia tentar a viagem até Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Na noite seguinte, minha beleza não acordou aos gritos como havia acordado antes.

Estava muito mais perspicaz e pronta para a caça, além de estar cheia de perguntas.

Enquanto seguíamos pelos canais, contei-lhe a antiga história do bosque dos druidas e de como havia sido levado lá. Como a magia me havia sido dada no carvalho. Falei-lhe de Mael e de como ainda o desprezava. Como um dia viera me

visitar em Veneza, e como tudo me havia parecido estranhíssimo.

— Mas esse eu conheci — disse ela, com a voz contida, e seu sussurro mesmo assim ecoou pelas paredes. — Lembro-me da noite em que ele veio procurá-lo. Foi a noite em que voltei de Florença.

Eu não conseguia pensar com clareza nessas coisas. E era um conforto para mim ouvi-la falar delas.

— Eu lhe trouxera um quadro de Botticelli — disse ela. — Era pequeno, muito bonito, e mais tarde você me agradeceu o presente. Esse homem alto e louro estava esperando por você quando você chegou; e ele estava sujo e esfarrapado.

Esses detalhes ficaram claros para mim à medida que ela falava. As lembranças me reanimavam.

Veio então a caça, o jorro do sangue, a morte, o corpo jogado no canal e, mais uma vez, a dor crescendo aguda acima da doçura da cura; e eu me jogando de novo na gôndola, enfraquecido com aquele prazer.

— Preciso fazer isso mais uma vez — disse-lhe eu. Ela estava satisfeita, mas seguimos em frente. E de mais uma casa atraí mais uma vítima para os meus braços, quebrando-lhe o pescoço no meu atabalhoamento. Fiz uma vítima atrás da outra e afinal foi somente a exaustão que me impediu de prosseguir, pois não havia sangue que chegasse para as lesões dentro de mim.

Finalmente quando a gôndola estava atracada, segurei Bianca nos braços e, envolvendo-a bem junto ao peito, como tantas vezes havia feito com Amadeo, ergui-me acima da cidade com ela e saí voando bem alto até não conseguir ver mais nada de Veneza.

Eu ouvia seus gritinhos desesperados junto a mim, mas disse num sussurro que se calasse e confiasse em mim. E então, trazendo-a de volta, postei-a na escada de pedra acima do cais.

— Estávamos com as nuvens, minha princesinha — disse-lhe eu. — Estávamos com os ventos, e com o que há de

mais puro nos céus.

Ela tremia de frio.

Trouxe-a comigo até o interior do quarto dourado. O vento tinha deixado seu cabelo totalmente desgrenhado. Seu rosto estava enrubescido e os lábios, vermelhos como sangue.

— Mas o que você fez? — perguntou ela. — Abriu asas como um pássaro para me carregar?

— Não tive necessidade de asas — disse eu, enquanto acendia as velas uma a uma até que tínhamos muitas acesas e o aposento parecia acolhedor.

Ergui a mão por baixo da minha máscara. Tirei-a então e me virei para olhar para Bianca.

Ela ficou chocada, mas apenas por um momento. Depois veio até onde eu estava, olhando nos meus olhos, e me beijou os lábios.

— Marius, eu o estou vendo de novo — disse ela. — Você está aí. Sorri. Passei por ela e levantei o espelho.

Não conseguia me ver naquela monstruosidade. Mas meus lábios finalmente encobriam meus dentes; meu nariz tinha assumido alguma forma; e meus olhos novamente tinham pálpebras. Meu cabelo era denso, branco e cheio como havia sido antes; e me caía até os ombros. Fazia com que meu rosto parecesse ainda mais negro. Pus de lado o espelho.

— Para onde vamos quando sairmos daqui? — perguntou-me. Como parecia firme, destemida.

— A um lugar mágico, um lugar no qual você não acreditaria se eu lhe contasse — respondi. — Princesa dos céus.

— E eu vou poder fazer isso? — perguntou ela. — Voar pelos céus?

— Não, querida — disse eu. — Não por uns séculos. Leva tempo e sangue para criar essa força. Uma noite, porém, ela lhe ocorrerá, e você sentirá a estranheza, a solidão desse poder.

— Deixe-me abraçá-lo — disse ela. Fiz que não.

— Fale comigo, conte-me histórias — disse ela. — Fale-me de Mael. — Arrumamos um lugar para sentar encostados na parede e nos aconchegamos. Comecei a falar, bem devagar, creio eu, desfiando velhos relatos.

Falei-lhe novamente do bosque dos druidas, de como eu havia sido o deus lá e de como fugi dos que pretendiam me encarcerar; e vi seus olhos se arregalarem. Falei-lhe de Avicus e Zenobia, de como caçávamos na cidade de Constantinopla. Contei como cortei os belos cabelos negros de Zenobia.

E, ao fazer esses relatos, eu me senti mais calmo, menos triste e alquebrado, capaz de fazer o que eu precisava fazer.

Nunca em todo o meu tempo com Amadeo eu havia contado essas histórias. Com Pandora nunca havia sido tão simples. Mas com essa criatura parecia nada mais que natural conversar e encontrar conforto na conversa.

E eu me lembrei de que, na primeira vez em que pus os olhos em Bianca, eu havia sonhado exatamente com isso, que ela estaria comigo no sangue e que falaríamos um com o outro sem nenhum esforço.

— Mas deixe-me contar-lhe histórias mais bonitas — disse eu, e falei de quando morava na antiga Roma, pintava nas paredes e meus convidados riam, bebiam vinho e rolavam na grama do jardim.

Fiz com que ela risse, e com isso minha dor pareceu passar por um instante, passar com o som da sua voz.

— Houve alguém que amei muito — disse eu.

— Fale-me dele.

— Não, era uma mulher — retruquei. Eu estava pasmo por estar tocando num assunto desses. Mesmo assim, continuei a falar. — Eu a conheci quando nós dois éramos mortais. Eu era um rapaz, e ela, uma menina. Naquela época, os casamentos eram combinados quando as mulheres não passavam de crianças, mas seu pai me rejeitou. Eu nunca me esqueci dela.

“E então, mais tarde, depois que o Sangue estava em mim, nós nos reunimos, ela e eu…”

— Continue, você tem de me contar. Onde vocês se reuniram?

— E o Sangue entrou nela — disse eu — e nós dois nos unimos. Ficamos juntos uns duzentos anos.

— Puxa, quanto tempo — disse ela.

— E, foi muito tempo, embora na época não parecesse. Todas as noites eram diferentes. Eu a amava, e ela me amava, é claro, e nós discutíamos tanto…

— Mas era uma discussão positiva? — perguntou ela.

— Era, sim, como é acertado você fazer essa pergunta — disse eu. — Foram discussões positivas até a última.

— Qual foi a última? — perguntou ela, com carinho.

— Eu lhe fiz algo cruel e equivocado. Agi mal. Deixei-a sem aviso e sem que tivesse a quem recorrer. E agora não consigo encontrá-la.

— Você quer dizer que procura por ela até mesmo agora?

— Não procuro porque não sei onde procurar — disse eu, mentindo só um pouquinho —, mas sempre espero…

— Por que fez o que fez? Por que você a deixou da forma que descreveu?

— Por amor e raiva — disse eu. — E foi a primeira vez que os adoradores de Satã surgiram, sabe? Criaturas da mesma índole dos que queimaram minha casa e levaram Amadeo. Só que foi há séculos, dá para você entender? Eles chegaram. Ai, não com meu inimigo, Santino. Naquela época Santino não existia. Santino não é dos antigos. Mas era a mesma tribo, os mesmos que acreditam que foram postos na Terra como sugadores de sangue para servir ao Deus cristão.

Pude sentir seu choque, embora por um instante ela nada dissesse. Depois falou.

— Quer dizer que era por isso que protestavam contra a blasfêmia — disse ela.

— Isso mesmo, e há muito, muito tempo, diziam coisas semelhantes quando vieram nos procurar. Eles nos ameaçaram e queriam, queriam o que nós sabíamos.

— Mas como isso pôde separá-lo dessa mulher?

— Nós os destruímos. Tivemos de fazer isso. E ela sabia que tínhamos de agir desse modo. E depois, quando eu me senti deprimido e desanimado, sem querer dizer nada, ela ficou furiosa comigo, e eu com ela.

— Estou entendendo — respondeu ela.

— Essa briga não precisava ter ocorrido. Eu a deixei. Deixei-a porque ela era forte e decidida, e sabia que os adoradores de Satã tinham de ser destruídos. E eu não sabia; e mesmo agora, depois de todos esses séculos, incorri no mesmo erro.

"Em Roma, eu sabia que eles existiam, essas criaturas. Em Roma, esse Santino me procurou. Em Roma, eu deveria ter destruído a ele e a seus seguidores. Mas eu me recusei a isso, sabe, e agora ele veio atrás de mim, incendiou minha casa e tudo o que eu adorava."

Bianca estava escandalizada e, por um bom tempo, nada disse.

— Você ainda a ama, a essa mulher? — perguntou.

— Amo, mas entenda bem, eu nunca deixo de amar ninguém. Nunca deixarei meu amor por você.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondi. — Eu a amei quando a vi pela primeira vez. Não lhe disse isso?

— Em todos esses anos, você nunca parou de pensar nela?

— Não, nunca parei de amá-la. É impossível parar de pensar nela ou de sentir amor por ela. Até mesmo os detalhes dela permanecem comigo. O isolamento e a solidão gravaram

sua lembrança ainda mais forte na minha mente. Eu a vejo. Ouço sua voz. Pandora tinha uma voz clara e bonita. — Eu devaneava. E continuei:

— Ela era alta, de olhos castanhos, com cílios densos e escuros. O cabelo era comprido, cascateante e de um castanho escuro. Ela o usava solto quando perambulava. É claro que me lembro dela nos trajes delicadamente drapeados daqueles tempos antigos; e não consigo imaginá-la como poderia se apresentar nos nossos dias. E assim ela me parece alguma deusa ou santa, não sei bem qual…

Bianca nada disse. Então, afinal, ela falou.

— Você me deixaria por ela, se pudesse?

— Não, se eu a encontrasse, nós todos ficaríamos juntos.

— Ah, isso seria lindo — disse ela.

— Sei que pode ser assim. Sei que pode e que será, nós três juntos, você, ela e eu. Ela está viva, está bem, vagueia, e chegará o dia em que você e eu estaremos com ela.

— Como você sabe que ela está viva? E se… mas não quero que minhas palavras o magoem.

— Tenho esperança de que esteja viva — disse eu.

— Mael, o louro, foi quem lhe disse.

— Não. Mael nada sabe a respeito dela. Nada. Creio que nunca pronunciei uma palavra sequer sobre ela para Mael. Não sinto amor algum por Mael. Não chamei por ele nessas terríveis noites de sofrimento, para que nos ajudasse. Não gostaria que ele me visse como estou agora.

— Não se zangue — disse ela, em tom tranqüilizador. — Não sinta essa dor. Eu entendo. Você estava falando da mulher com ternura…

— Está bem — disse eu. — Talvez eu saiba que ela está viva porque sei que ela nunca se destruiria sem primeiro me encontrar e ter certeza de se despedir de mim. E, como não me encontrou e não tem nenhuma prova de que desapareci, ela não pode se destruir. Você está me entendendo?

— Estou — disse ela. Chegou mais perto de mim, mas entendeu quando, com a mão enluvada, toquei delicadamente nela, fazendo com que se afastasse.

— Como se chamava a mulher? — perguntou.

— Pandora — respondi.

— Nunca sentirei ciúme dela — disse ela, baixinho.

— Não, isso você não deve nunca sentir, mas como pode fazer uma afirmação dessas tão rápido? Como é que você sabe?

Ela respondeu com calma, com ternura.

— Você fala dela com muita veneração para eu sentir ciúme — disse ela —, e eu sei que você pode amar a nós duas porque amava a Amadeo e a mim. Isso eu vi com meus próprios olhos.

— Ah, sim, você tem toda a razão — disse eu. Eu estava quase chorando. No fundo do coração, pensava em Botticelli, ele mesmo, parado no seu estúdio, olhando fixamente para mim, querendo em vão saber que tipo de estranho mecenas eu era, sem jamais sonhar que minha fome e adoração se confundiam, sem jamais sonhar com o perigo que havia chegado tão perto.

— Está quase amanhecendo — disse ela. — Estou com frio agora. E nada importa. Você tem essa mesma sensação?

— Logo sairemos daqui — respondi eu. — E teremos lâmpadas douradas à nossa volta. E cem velas elegantes. Isso mesmo, uma centena de velas brancas. E estaremos aquecidos num lugar onde há neve.

— Ai, meu amor — disse ela, baixinho. — Acredito em você do fundo da minha alma.

Na noite seguinte, caçamos novamente, e dessa vez como se fosse nossa última noite em Veneza. Parecia não ter fim minha capacidade para sorver sangue.

E sem confessar isso a Bianca, eu estava sempre alerta para qualquer som dos bandidos de Santino, com total certeza de que a qualquer instante eles poderiam voltar.

Muito depois de eu tê-la trazido de volta para a segurança do quarto dourado e de tê-la visto aninhada entre suas trouxas de roupas e velas de luz suave, saí para caçar de novo, passando veloz pelos telhados para apanhar os piores e mais fortes assassinos da cidade.

Eu me perguntava se minha fome não traria algum tipo de reinado da paz a Veneza, tão selvagem era minha sanha de eliminar os que se dedicavam ao mal. E, quando eu estava saciado de sangue, fui aos locais secretos no meu *palazzo* incendiado e recolhi o ouro que outros não haviam conseguido encontrar.

Finalmente, subi ao telhado mais alto que pude descobrir, olhei dali para toda a Veneza e me despedi dela. Meu coração estava despedaçado, e eu não sabia o que o curaria.

Minha Época Perfeita havia terminado para mim em agonia. Havia terminado para Amadeo em desastre. E talvez tivesse terminado também para minha bela Bianca.

Afinal eu sabia por meus membros enegrecidos e ossudos — tão pouco recuperados com tantas mortes — que eu precisava seguir até Aqueles Que Devem Ser Preservados, e eu precisaria compartilhar o segredo com Bianca, pois, por mais jovem que ela fosse, eu realmente não tinha escolha.

Na minha aflição desesperadora, eu sentia uma leve empolgação por poder afinal revelar o segredo. Ai, como era terrível pôr um peso daqueles sobre ombros tão delicados, mas eu estava cansado da dor e da solidão. Eu havia sido derrotado. E só queria chegar ao santuário com Bianca nos braços.

CAPÍTULO 27



AFINAL CHEGOU A HORA DA VIAGEM. Era perigoso demais permanecer em Veneza, e eu sabia que tinha condições de nos transportar até o santuário.

Levando conosco apenas uma trouxa de roupas e o máximo do meu ouro que pude carregar, envolvi Bianca bem junto ao meu corpo e, em menos de metade de uma noite, atravessei as montanhas, em meio a neve e ventos implacáveis.

Àquela altura, Bianca estava acostumada a certos prodígios, e pousar num passo de montanha coberto de neve não a alarmou.

No entanto, dentro de instantes nós dois chegamos à dolorosa constatação de que eu cometera um gravíssimo erro de avaliação. No meu estado, eu não tinha força suficiente para abrir a porta do santuário.

Naturalmente era eu quem havia criado aquela porta de pedra encouraçada de ferro destinada a impedir qualquer invasão por humanos. E, depois de algumas tentativas patéticas para abri-la, tive de admitir que esse feito estava fora do meu alcance e que precisaríamos encontrar algum outro abrigo antes do amanhecer.

Bianca começou a chorar, e eu me irritei com ela. Só para mortificá-la, investi mais uma vez contra a porta, e então recuei e, com todo o poder da minha mente, ordenei à porta que se abrisse.

De nada adiantou. O vento e a neve nos açoitavam forte, e as lágrimas de Bianca me enfureceram a um ponto em que pronunciei palavras que não eram verdadeiras.

— Eu fiz esta porta e hei de abri-la — clamei. — Basta que eu tenha tempo para pensar no que devo fazer.

Ela me deu as costas, visivelmente magoada com minha raiva; e então, numa voz aflita, porém respeitosa, me perguntou:

— O que está aí dentro? Ouço um barulho apavorante do outro lado da porta, muito parecido com as batidas de um coração. Por que viemos para cá? Para onde iremos se não pudermos nos abrigar aqui?

Todas essas perguntas me irritaram; mas, quando olhei para Bianca, quando a vi sentada na pedra em que eu a havia posto, com a neve lhe caindo sobre os ombros e a cabeça, cabisbaixa, as lágrimas cintilantes e vermelhas como sempre, senti vergonha de, na minha fraqueza, tê-la usado tanto e agora precisar me enfurecer tanto com ela.

— Acalme-se, e eu hei de abrir a porta — disse-lhe. — Você não tem idéia alguma do que está aí dentro. Mas com o tempo saberá.

Dei um forte suspiro, afastei-me um pouco e, com a mão queimada ainda firme na maçaneta de ferro, puxei com toda a minha força, mas não consegui mover a porta.

A total insensatez daquilo tudo tomou conta de mim. Eu não conseguiria ter acesso ao santuário. Estava fraco demais, e quanto tempo continuaria fraco demais eu não sabia. E, no entanto, fazia uma tentativa atrás da outra, só para que Bianca acreditasse que eu podia protegê-la, que eu conseguiria entrar naquele lugar estranho.

Finalmente, dei as costas ao mais sagrado dos locais, fui até ela, abracei-a junto ao meu corpo, cobri sua cabeça e tentei aquecê-la da melhor forma possível.

— Eu logo vou lhe contar tudo — disse eu. — E vou encontrar um abrigo para esta noite. Não duvide disso. Por enquanto, posso lhe dizer que este é um lugar que eu construí,

do qual só eu tenho conhecimento e no qual estou agora fraco demais para entrar, como você está vendo.

— Perdoe-me por ter chorado — disse ela, baixinho. — Você não voltará a ver lágrimas em mim. Mas que ruído é esse que estou ouvindo? Os humanos não ouvem?

— Não, não ouvem — respondi. — Por favor, fique em silêncio por enquanto. Como você é corajosa, minha querida.

Naquele instante, naquele exato momento, um som novo e totalmente diferente chegou aos meus ouvidos, um som que qualquer um poderia ter escutado.

Era o ruído da porta de pedra que se abria às minhas costas. Reconheci o som inconfundível e dei meia-volta, sem acreditar e sentindo tanto medo quanto surpresa.

Abracei Bianca depressa, e juntos ficamos diante da porta que se escancarava.

Meu coração estava disparado. Eu mal conseguia encher os pulmões de ar. Sabia que somente Akasha poderia ter feito aquilo; e, à medida que a porta se abria totalmente, percebi outro milagre de beleza e bondade no mesmo grau, que eu nunca havia imaginado.

Da porta do corredor de pedra derramava-se uma luz forte e calorosa.

Por um momento, fiquei atordoado demais para me mexer. E então uma pura felicidade abateu-se sobre mim enquanto eu contemplava a beleza daquele jorro de luz. E parecia que eu não tinha condição de temer essa luz ou duvidar de seu significado.

— Venha, Bianca — disse-lhe eu, enquanto a conduzia ao meu lado. Ela trazia agarrada ao peito a trouxa, como se fosse morrer se a soltasse, e eu a segurava como se, sem ela como testemunha e companhia, eu fosse cair.

Entramos no corredor de pedra e seguimos devagar até a luz forte e bruxuleante da capela. Todas as muitas lâmpadas de bronze refulgiam. Suas cem velas estavam primorosamente acesas. E eu mal me dera conta disso tudo, em meio a um esplendor comedido que me enchia de alegria, quando a porta

de pedra se fechou atrás de nós com um forte rangido de rocha contra rocha.

Descobri-me olhando fixamente, acima do renque de cem velas, para o rosto do Pai e da Mãe Divina, vendo-os talvez como Bianca os veria, e sem dúvida com olhos renovados e gratos.

Ajoelhei-me, e Bianca se ajoelhou ao meu lado. Eu tremia. Na realidade, meu choque era tamanho que por um instante não consegui encher os pulmões. Para mim não havia como explicar a Bianca o pleno significado do que havia ocorrido. Se tentasse, eu só a assustaria. E palavras descuidadas pronunciadas diante da minha Rainha seriam imperdoáveis.

— Não fale — sussurrei eu, afinal. — São nossos Pais. Eles abriram a porta quando eu não pude. Acenderam as lâmpadas para nós. Acenderam as velas. Você não pode imaginar o valor dessa bênção. Eles nos acolheram aqui dentro. Só podemos responder com preces.

Bianca fez que sim, com o rosto tomado de devoção e assombro. Será que Akasha se importava por eu trazer aos seus pés uma bela bebedora de sangue?

Em voz baixa e cheia de reverência, relatei a história dos Pais Divinos, mas somente nos termos mais simples e grandiosos. Contei a Bianca de que modo eles se haviam tornado os primeiríssimos bebedores de sangue milhares de anos atrás no Egito, e que agora não sentiam mais fome de sangue, nem mesmo chegavam a falar ou a se mexer. Eu era seu guardião e protetor; era isso o que havia sido durante toda a minha vida de bebedor de sangue e era o que seria para sempre.

Disse isso de modo que nada deixasse Bianca alarmada e que ela não sentisse pavor das duas figuras imóveis que olhavam para a frente num silêncio apavorante e que não pareciam sequer piscar os olhos. E foi assim que a delicada Bianca foi apresentada a esses poderosos mistérios com enorme cuidado e os considerou belos e nada mais.

— Era a essa capela que eu procurava quando saía de Veneza — expliquei. — Eu costumava acender as lâmpadas para o Rei e a Rainha, e trazer flores frescas. Está vendo? Agora não há nenhuma. Mas, quando puder, vou trazer algumas.

Mais uma vez dei-me conta de que, apesar do meu entusiasmo e gratidão, eu realmente não tinha como fazer com que ela soubesse o milagre que havia sido o fato de Akasha ter aberto a porta para nós, ou ter acendido as lâmpadas. Na verdade, não ousei tentar; e agora que terminava essa narração respeitosa, fechei os olhos e em silêncio agradeci tanto a Akasha quanto a Enkil minha admissão ao santuário, e o fato de terem nos acolhido com a dádiva da luz.

Repetidas vezes, proferi minhas orações, talvez sem conseguir eu mesmo captar o fato de me darem semelhantes boas-vindas, e não muito seguro quanto ao verdadeiro significado daquilo tudo. Eu era amado? Precisavam de mim? Parecia que eu devia aceitar sem qualquer presunção. Parecia que eu devia ser grato sem imaginar nada que não fosse real.

Ajoelhei-me em silêncio por um bom tempo, e Bianca sem dúvida deve ter me observado, pois também ela estava calada. E então não consegui suportar mais a sede. Olhei firme para Akasha. Eu desejava o Sangue. Não conseguia pensar em nada a não ser no Sangue. Todas as minhas lesões eqüivaliam a uma enorme quantidade de feridas abertas em mim. E minhas feridas sangravam pelo Sangue. Eu precisava tentar tomar da Rainha o Sangue todo-poderoso.

— Minha bela — disse eu, colocando a mão coberta pela luva no braço delicado de Bianca. — Quero que você vá ali para aquele canto e fique sentada em silêncio, sem dizer nada sobre o que vir.

— Mas o que vai acontecer? — murmurou ela. Pela primeira vez, parecia estar com medo. Olhava ao redor para as chamas trêmulas das lâmpadas, para as velas acesas, as paredes pintadas.

— Faça o que estou dizendo — recomendei. Precisei dizer isso, e ela precisava obedecer, pois de que outra maneira

eu poderia jamais saber se a Rainha me deixaria beber?

Assim que Bianca estava no canto envolta na capa pesada e à maior distância possível, mesmo que isso de nada adiantasse, fiz uma prece muda pedindo o Sangue.

— Você está me vendo e vendo como estou — disse eu em silêncio. — Você sabe que fui queimado. Foi por isso que abriu a porta para mim e me permitiu entrar, por eu não ter conseguido sozinho, e sem dúvida está vendo o monstro que me tornei. Tenha piedade de mim e deixe-me beber de você como permitiu no passado. Preciso do Sangue. Preciso mais do que nunca precisei. E por isso venho procurá-la com respeito.

Tirei minha máscara de couro e a deixei de lado. Eu estava agora tão medonho quanto aqueles velhos deuses queimados que Akasha outrora havia esmagado quando a procuravam. Será que ela me rejeitaria da mesma forma? Ou será que ela o tempo todo tinha sabido o que me acontecera? Teria ela tido total compreensão de tudo antes mesmo de abrir a porta?

Fui subindo devagar até me ajoelhar aos seus pés e conseguir levar minha mão ao seu pescoço, tenso todo o tempo com a ameaça do braço de Enkil, mas ele não se manifestou.

Beijei seu pescoço, sentindo o toque do seu cabelo trançado, olhando para sua pele branca diante de mim e ouvindo as lágrimas abafadas de Bianca.

— Não chore, Bianca — murmurei.

Então finquei os dentes de repente, com voracidade, como havia feito tantas vezes, e o sangue espesso fluiu para dentro de mim, brilhante e quente como a luz das lâmpadas e das velas, derramando-se em mim como se seu coração o estivesse bombeando com vontade para dentro de mim, acelerando as pulsações do meu próprio coração. Minha cabeça ficou leve. Meu corpo ficou leve.

Muito ao longe, Bianca chorava. Por que estava com medo?

Vi o jardim. Vi o jardim que havia pintado depois de me apaixonar por Botticelli, e o jardim estava cheio das laranjeiras

dele, das flores dele, e no entanto era meu jardim, o jardim da casa de meu pai na periferia de Roma muito, muito tempo atrás. Como eu poderia chegar a me esquecer do meu próprio jardim? Como eu poderia um dia me esquecer do jardim em que havia brincado pela primeira vez quando criança?

Na memória, voltei àqueles dias em Roma quando eu era mortal, e lá estava meu jardim, o jardim da vila do meu pai, e eu caminhava na grama macia enquanto ouvia o som da fonte. E então pareceu que, ao longo dos tempos, o jardim mudava mas nunca mudava, e que sempre estava ali à minha disposição.

Deitei-me na grama, e os ramos das árvores se mexiam lá em cima. Ouvi uma voz que falava comigo, rápida e carinhosa, mas eu não sabia o que ela estava dizendo. E então eu soube que Amadeo estava ferido, que estava nas mãos daqueles que lhe trariam dor e desgraça; e que eu não poderia ir até ele agora. Eu apenas cairia nas armadilhas deles se agisse assim, e precisava permanecer aqui.

Eu era o Guardião do Rei e da Rainha, como dissera a Bianca, isso mesmo, o Guardião do Rei e da Rainha, e devia deixar Amadeo seguir no Tempo. E talvez, se eu agisse como devia, talvez Pandora me fosse devolvida, Pandora, que agora viajava pelas cidades setentrionais da Europa, Pandora que havia sido vista.

O jardim era verdejante e perfumado, e eu via Pandora com clareza. Eu a via em seu delicado vestido branco, com o cabelo solto, como eu havia descrito a Bianca. Pandora sorriu. Caminhou na minha direção. Falou comigo. *A Rainha quer que fiquemos juntos,* disse ela. Seus olhos estavam bem abertos e cheios de assombro, e eu soube que ela estava muito perto de mim, muito perto, tão perto que eu quase conseguia tocar sua mão.

Não posso estar imaginando isso; não, não posso. E voltou a me ocorrer com nitidez o som da voz de Pandora, quando discutia comigo na nossa primeira noite como noivo e noiva: *Mesmo enquanto este novo sangue me percorre acelerado, me devora e me transforma, eu não me agarro nem à razão nem à superstição para minha segurança. Posso*

atravessar um mito e sair do outro lado! Você tem medo de mim porque não sabe o que eu sou. Minha aparência ê de mulher; minha fala é de homem; e sua razão lhe diz que o resultado dessa soma é impossível.

Eu estava olhando fundo nos olhos de Pandora. Ela estava sentada no banco de jardim, tirando as pétalas de flores do cabelo castanho, novamente menina no Sangue, menina-mulher para sempre, como Bianca seria uma mulher jovem para sempre.

Estendi as mãos de cada lado de mim e senti a grama sob as mãos.

De repente, caí para trás, caí para fora do jardim de sonhos, para fora da ilusão, e me descobri deitado imóvel no piso da capela, entre o alto renque de velas perfeitas e os degraus do tablado, onde o casal entronizado ocupava seu antigo lugar.

Nada parecia ter mudado ao meu redor. Até mesmo o choro de Bianca era igual ao de antes.

— Acalme-se agora, minha querida — disse-lhe eu. Mas meus olhos estavam fixos no rosto de Akasha ali acima, e nos seus seios por baixo da seda dourada do traje egípcio.

Parecia que Pandora estivera comigo, que havia estado na própria capela. E a beleza de Pandora parecia associada à beleza e à presença de Akasha em termos de alguma intimidade que eu não conseguia compreender.

— O que são esses presságios? — murmurei. Sentei-me e depois me ajoelhei no chão. — Diga-me, minha Rainha amada. O que são esses presságios? Você no passado me trouxe Pandora por querer que nos uníssemos? Você se lembra de quando Pandora me disse aquelas palavras?

Calei-me. Mas minha mente falava com Akasha. Minha mente lhe implorava. Onde está Pandora? Você trará Pandora de volta para mim? Passou-se um longo intervalo, e eu então me pus de pé.

Dei a volta pela fileira de velas e encontrei minha querida companheira totalmente abalada com o simples

assombro de ter me visto beber da Rainha imóvel.

— E então você caiu para trás, como se estivesse sem vida — relatou ela. — E não ousei ir até você porque você tinha dito para eu não me mexer.

Eu a consolei.

— E então finalmente você acordou e falou de Pandora; e eu vi que você estava tão… tão recuperado.

Era verdade. Eu estava mais robusto por inteiro, os braços e pernas mais grossos, mais pesados; e meu rosto apresentava mais do seu contorno natural. De fato, ainda estava gravemente queimado, mas agora era um homem de alguma estatura e aparente força; e na realidade podia sentir mais da antiga força nos meus membros.

Mas agora faltavam apenas duas horas para o amanhecer. E, totalmente incapaz de abrir a porta, e de modo algum disposto a implorar a Akasha que fizesse milagres comuns para quem quer que fosse, eu soube que precisava dar meu sangue a Bianca, e foi isso o que fiz.

Será que a Rainha se ofenderia por eu, após ter bebido dela, oferecer esse sangue poderoso a uma cria? Não havia o que fazer a não ser descobrir.

Não assustei Bianca com nenhuma advertência ou dúvida quanto a essa questão. Acenei para que ela viesse até onde eu estava e se deitasse nos meus braços.

Cortei meu pulso para ela e mandei que bebesse. Ouvi-a arfar com o choque do sangue poderoso, e seus dedos delicados se enrijeceram, transformando-lhe as mãos em garras.

Finalmente, por sua própria vontade, ela se afastou e foi se sentando devagar ao meu lado, com os olhos vagos, cheios de reflexos de luz.

Beijei sua testa.

— O que você viu no Sangue, minha bela? — perguntei. Ela abanou a cabeça como se não tivesse palavras com que descrever, e então encostou a cabeça no meu peito.

Havia apenas serenidade e paz na capela; e, quando nos deitávamos para dormir juntos, as lâmpadas foram se apagando devagar.

Afinal as velas estavam reduzidas a algumas apenas, e eu podia sentir a aproximação do amanhecer. A temperatura na capela era agradável, como eu havia prometido, e ela cintilava com seus tesouros, mas acima de tudo com seu solene Rei e Rainha.

Bianca havia perdido a consciência. Eu talvez tivesse uns quarenta e cinco minutos antes que o sono do dia chegasse para mim também.

Olhei para Akasha, enlevado com os reflexos nos seus olhos do tremeluzir das velas que estavam se extinguindo.

— Você sabe o mentiroso que eu sou, não sabe? — perguntei-lhe. — Sabe como fui diabólico. E está me acompanhando nesse jogo, não é mesmo, minha Soberana?

Será que ouvi uma risada?

Talvez eu estivesse enlouquecendo. Tinha havido sofrimento e magia suficiente para isso; tinha havido fome e sangue suficientes.

Voltei a olhar para Bianca, repousando tão confiante no meu braço.

— Plantei na sua cabeça a imagem de Pandora, não foi? — murmurei. — E assim, aonde quer que vá comigo, ela irá procurar. E, da sua mente de anjo, Pandora não poderá deixar de colher minha imagem. Com isso, poderemos nos encontrar, Pandora e eu, através dela. Nem em sonho ela imagina o que fiz. Pensa apenas em me confortar como ouvinte atenta; e, embora a ame, eu a levo para o norte comigo, para as terras em que Raymond Gallant me disse que Pandora foi vista pela última vez.

“Ah, muito diabólico, mas o que é preciso para sustentar a vida quando a vida está ferida e queimada com tanta gravidade quanto a minha está? Para mim, trata-se de uma ambição tênue e extravagante; e por ela eu abandono Amadeo, a quem deveria salvar assim que recuperasse minhas forças.”

Houve um som na capela. O que foi? O som da cera da última vela?

Uma voz parecia estar falando comigo, muda.

Você não pode salvar Amadeo. Você é o guardião da Mãe e do Pai.

— É, estou ficando com sono — murmurei, fechando os olhos. — Sei dessas coisas, sempre soube.

Você deve prosseguir. Deve procurar Raymond Gallant. Precisa se lembrar. Volte a contemplar seu rosto.

— É, a Talamasca — disse eu. — E o castelo chamado Lorwich em East Anglia. O lugar que ele chamou de Casa-Matriz. É. Eu me lembro dos dois lados da moeda dourada.

Sonhador, pensei naquela ceia na qual ele me abordara de modo tão furtivo, olhando fixamente para mim com olhos tão inocentes e indagadores.

Pensei na música e em como Amadeo sorria para Bianca, enquanto os dois dançavam. Pensei em tudo.

E então vi na minha mão a moeda dourada e a imagem gravada do castelo, e pensei: Será que não estou sonhando? Mas parecia que Raymond Gallant estava falando comigo, falando com muita nitidez.

— Preste atenção, Marius, lembre-se de mim, Marius. Nós temos conhecimento dela, Marius. Nós observamos e estamos sempre presentes.

— É, ir para o norte — murmurei.

E a Rainha do Silêncio pareceu dizer sem palavras que estava satisfeita.

CAPÍTULO 28



AGORA, EM RETROSPECTIVA, não tenho dúvidas de que Akasha me afastou da idéia de salvar Amadeo; e quando reflito sobre tudo o que revelei aqui, tenho certeza de sua interferência na minha vida em outros períodos.

Se tivesse tentado ir ao sul, até Roma, eu teria caído nas mãos de Santino e acabaria sendo destruído. E que chamariz melhor do que a promessa de que em breve eu poderia me encontrar com Pandora?

É claro que minha conversa com Raymond Gallant foi perfeitamente real, e os detalhes dela estavam nítidos na minha cabeça. Sem dúvida, Akasha extraiu esses detalhes graças ao seu imenso poder.

A descrição de Pandora que confiei a Bianca era também perfeitamente verídica, e isso também poderia ter sido do conhecimento da Rainha, se ela estivesse de ouvidos abertos para escutar minhas preces lá da distante Veneza.

Fosse como fosse, desde a noite em que chegamos ao santuário eu estava determinado a me recuperar e a procurar por Pandora.

Se me houvessem dito que eu demoraria duzentos anos para alcançar os dois objetivos, poderia ter me desesperado, mas isso eu não sabia. Sabia apenas que estava em segurança no santuário, que tinha Akasha para me proteger, e Bianca para me agradar.

Por bem mais de um ano, bebi da fonte da Mãe. E por seis meses desse tempo, dei meu sangue poderoso a Bianca.

Durante aquelas noites em que não tinha condições de abrir a porta de pedra, eu me via adquirindo uma aparência mais robusta a cada banquete divino e passava as longas horas conversando com Bianca em sussurros respeitosos.

Começamos a poupar o azeite das lâmpadas, bem como as belas velas que eu havia armazenado por trás dos Pais Divinos, pois não fazíamos a menor idéia de quanto tempo passaria até que eu pudesse abrir a porta e nos levar à caça nas distantes cidades ou lugarejos dos Alpes.

Afinal chegou uma noite em que me ocorreu o desejo intenso de me aventurar a sair, e eu tive a inteligência de perceber que esse pensamento não me viera por acaso. Ele me havia sido sugerido por uma série de imagens. Eu agora conseguiria abrir a porta. Poderia sair. E poderia levar Bianca comigo.

Quanto à minha aparência para o mundo mortal, minha pele estava negra como carvão e em alguns locais apresentava fortes cicatrizes como se tivesse sido riscada com um ferro quente. Mas o rosto que eu via no espelho de Bianca estava perfeitamente formado, com a expressão serena que sempre me havia sido tão familiar. Meu corpo estava forte mais uma vez; e as mãos, das quais me orgulho tanto, eram as mãos de um intelectual, com dedos longos e hábeis.

Por mais um ano não ousei mandar uma carta a Raymond Gallant.

Levando Bianca comigo a cidades remotas, eu procurava pelo Malfeitor de modo apressado e estabanado. Como essas criaturas costumam andar em bandos, nós nos banqueteávamos, vorazes; e então eu tirava dos mortos as roupas e o ouro de que necessitasse, e partíamos para o santuário bem antes do amanhecer.

Quando procuro me lembrar, acho que se passaram dez anos dessa maneira. Mas para nós o tempo é tão estranho. Como posso ter certeza?

O que me lembro era de que existia entre mim e Bianca um laço fortíssimo que parecia absolutamente inabalável. Com a passagem dos anos, ela me fazia companhia tanto no silêncio quanto sempre havia feito em conversas.

Avançávamos como um ser único, sem discussões nem consultas.

Bianca era caçadora altiva e implacável, dedicada à majestade d'Aqueles Que Devem Ser Preservados, e sempre bebia de mais de uma vítima humana quando isso era possível. Na realidade, a quantidade de sangue que conseguia consumir parecia não ter limites. Ela queria força, tanto de mim quanto do Malfeitor, a quem eliminava com uma frieza cheia de retidão.

Voando com o vento, nos meus braços, ela voltava os olhos para as estrelas, sem medo. E com freqüência falava, delicada e descontraída, da sua vida mortal em Florença, contando-me as histórias da sua juventude, e de como amava os irmãos que tanto haviam admirado Lorenzo, o Magnífico. É, ela havia visto meu amado Botticelli muitas vezes e me falou em detalhe de quadros que eu não conhecia. De vez em quando cantava para mim canções que ela mesma compunha. Falava com tristeza da morte dos irmãos e de como se tornara vítima do poder dos seus parentes diabólicos.

Eu adorava ouvi-la falar tanto quanto gostava de conversar com ela. Na realidade, entre nós tudo fluía tão bem que ainda me pergunto como era possível.

E, embora em muitas manhãs soltasse o lindo cabelo para penteá-lo e refazer as tranças com os cordões de pequenas pérolas, ela nunca se queixava do nosso quinhão e, como eu, usava as túnicas e capas sem serventia dos homens que matávamos.

De quando em quando, escondendo-se discretamente atrás do Rei e da Rainha, tirava da sua trouxa preciosa um belíssimo vestido de seda e se vestia com esmero, isso para dormir nos meus braços, depois que eu a cobrisse de elogios e beijos carinhosos.

Eu nunca havia conhecido tanta paz com Pandora. Nunca havia experimentado tanta simplicidade afetuosa.

No entanto, era Pandora quem me preenchia a mente — Pandora a viajar pelas cidades do norte com seu companheiro asiático.

Chegou finalmente uma noite em que, depois de uma caçada feroz, Bianca, exausta e saciada, pediu para voltar cedo para o santuário, e eu me descobri de posse de inestimáveis três horas antes que amanhecesse.

Também me descobri de posse de uma força renovada que eu talvez tivesse sem querer ocultado dela.

Dirigi-me a um distante mosteiro alpino, um que muito havia sofrido em decorrência da recente ascensão do que os estudiosos chamam de Reforma Protestante. Ali eu sabia que encontraria monges assustados que aceitariam meu ouro e me ajudariam a enviar uma carta à Inglaterra.

Entrando primeiro na capela, recolhi todas as velas de cera em perfeito estado que encontrei, para reabastecer o santuário, e as guardei todas num saco que trouxera comigo.

Fui então ao escritório do convento, onde encontrei um velho monge que estava escrevendo rápido à luz de uma única vela.

Ele ergueu os olhos assim que me percebeu parado diante dele.

— Sim — disse eu de imediato, falando no seu dialeto alemão. — Sou um homem estranho que lhe chega de modo estranho, mas creia em mim quando lhe digo que não sou do mal.

Ele era grisalho e tonsurado; usava um hábito marrom; e sentia um pouco de frio no escritório vazio. Não sentia absolutamente medo algum enquanto me contemplava.

Mas eu me dizia que nunca havia parecido mais humano. Minha pele estava negra como a de um mouro, e eu estava usando os trajes cinzentos e encardidos que havia roubado de algum vilão de má sorte.

Agora, enquanto ele continuava a me olhar, demonstrando obviamente não estar com nenhuma disposição de dar alarme, recorri ao meu velho estratagema de pôr diante dele uma bolsa de moedas de ouro em doação ao mosteiro que estava tão necessitado.

— Preciso escrever uma carta — disse eu — e me certificar de que ela chegue a um lugar na Inglaterra.

— Um lugar católico? — perguntou ele, olhando para mim, as sobrancelhas grisalhas, densas e arqueadas com sua expressão de espanto.

— Imagino que sim — disse eu, dando de ombros. E claro que eu não podia lhe descrever a natureza secular da Talamasca.

— Então pense de novo — disse ele. — Pois a Inglaterra não é mais católica.

— O que é que o senhor está querendo dizer? — perguntei. — Sem dúvida a Reforma não chegou a um lugar como a Inglaterra.

Ele riu.

— Não, não exatamente a Reforma. Mas a vaidade de um rei, que quis se divorciar da esposa espanhola e católica, e que nega o poder do papa de dar ordens contrárias à sua vontade.

Fiquei tão abatido que me sentei num banco próximo, se bem que não tivesse recebido convite algum para isso.

— O que você é? — perguntou o velho monge. Ele largou a pena de escrever e ficou me olhando com ar extremamente sério.

— Não faz diferença — respondi, cansado. — O senhor acha que não há chance de uma carta daqui chegar a um castelo chamado Lorwich em East Anglia?

— Não sei — disse o monge. — Pode bem ser que chegue. Pois há quem se opõe ao rei Henrique VIII e há outros que não se opõem a ele. Mas em geral ele destruiu os mosteiros da Inglaterra. Por isso, qualquer carta que você

escreva por meu intermédio não poderá ir a um dos mosteiros, mas apenas direto ao castelo. E como isso se dará? Temos de refletir sobre isso. Sempre posso tentar.

— É, por favor, vamos tentar.

— Mas antes diga-me o que você é — pediu ele mais uma vez. — Não escreverei a carta a não ser que você me conte. Quero também saber por que roubou todas as velas boas da capela e deixou as que não serviam mais.

— Como sabe que eu fiz isso? — perguntei. Eu estava ficando perturbadíssimo. Achava que tinha sido silencioso como um camundongo.

— Não sou um homem comum — disse ele. — Ouço coisas e vejo coisas que as pessoas não vêem. Sei que você não é humano. O que você é?

— Não posso lhe dizer — respondi. — Diga-me o que acha que eu sou. Diga-me se consegue encontrar alguma maldade real no meu coração. Diga-me o que vê em mim.

Ele me examinou por um bom tempo. Seus olhos eram de um cinza profundo; e, enquanto eu olhava para o rosto idoso, pude com facilidade reconstruir o jovem que ele havia sido, bastante resoluto, se bem que sua força de caráter pessoal fosse muito maior agora, apesar de sofrer com os achaques da velhice humana.

Afinal ele se virou e olhou para a vela como se tivesse terminado seu exame de mim.

— Leio livros estranhos — disse ele com uma voz contida porém clara. — Estudei alguns daqueles textos provenientes da Itália que tratam de magia e astrologia, bem como de assuntos que costumam ser chamados de proibidos.

Meu pulso acelerou-se. Aquilo me parecia uma sorte extraordinária. Não interrompi.

— Tenho a crença de que existem anjos expulsos do Paraíso — disse ele. — E que eles não sabem mais o que são. Vagueiam em estado de confusão. Você me parece uma dessas criaturas, embora não possa me confirmar isso, caso eu esteja certo.

Fiquei tão impressionado com a estranheza desse conceito que não consegui dizer nada. Afinal, precisei responder.

— Não, não sou desses. Disso tenho certeza. Mas gostaria de ser. Permita-me confiar-lhe um segredo terrível.

— Pois bem — disse ele. — Você pode me fazer uma Confissão se quiser, pois sou sacerdote ordenado, não um simples monge, mas duvido que eu possa lhe conceder a Absolvição.

— É o seguinte o meu segredo. Existo desde a época em que Cristo caminhava nesta Terra, embora nunca tivesse conhecimento dele.

Ele meditou sobre isso por um bom tempo, com calma, olhando nos meus olhos e depois para a vela, como se esse fosse um pequeno ritual seu. E então falou.

— Na verdade, não acredito em você. Mas você me deixa desorientado, com a pele negra, os olhos azuis, o cabelo louro e com seu ouro, que põe diante de mim com tanta generosidade. Vou aceitá-lo, é claro. Precisamos dele.

Dei um sorriso. Eu o amava. É claro que não ia lhe dizer uma coisa dessas. Que significado teria para ele?

— Está bem. Escrevo a carta para você.

— Posso escrevê-la eu mesmo se o senhor me der o pergaminho e a pena. Preciso que a envie e que indique este lugar como endereço de resposta. E a resposta que é da máxima importância.

Ele me obedeceu de imediato, e eu me encarreguei da tarefa, aceitando com prazer a pena que me deu. Eu sabia que ele estava me observando enquanto escrevia, mas não fazia diferença.

Raymond Gallant,

Sofri uma terrível catástrofe, em seguida àquela mesma noite em que me encontrei e conversei com você. Meu *palazzo* em Veneza foi destruído por um incêndio, e eu mesmo fui

ferido além do que poderia ter chegado a imaginar. Queira ter certeza de que não se tratou de obra de mortais; e, uma noite, caso nos encontremos, estarei ao seu inteiro dispor para explicar-lhe o que aconteceu. Na verdade, eu teria imensa satisfação em descrever-lhe em detalhes a identidade de quem enviou seus emissários para me destruir. Por enquanto, estou muito debilitado para empreender uma vingança em palavras ou obras.

Estou também fraco demais para viajar até Lorwich em East Anglia e, graças a forças que não posso descrever, disponho de abrigo semelhante ao que você me ofereceu.

Imploro-lhe, porém, que me diga se teve alguma informação recente sobre minha Pandora. Imploro-lhe que me diga se ela se apresentou a vocês. Imploro-lhe que me diga se pode me ajudar a entrar em contato com ela por carta.

Marius.

Tendo terminado a carta, entreguei-a ao padre, que prontamente acrescentou o endereço correto do mosteiro, dobrou o pergaminho e o selou. Ficamos sentados em silêncio por um bom tempo.

— Como vou encontrá-lo quando chegar uma resposta aqui? — perguntou ele.

— Vou saber — disse eu —, exatamente como o senhor soube quando apanhei as velas. Perdoe-me por roubá-las. Eu deveria ter ido a uma cidade para comprá-las devidamente de um comerciante. Mas tornei-me um peregrino da noite sonolenta. O que faço é muito a esmo.

— E o que percebo — respondeu ele —, pois embora tenha começado comigo em alemão, agora está falando latim, língua na qual escreveu sua carta. Ah, não se zangue. Não li uma palavra sequer, mas sei que era latim. Um latim perfeito. Um latim que ninguém fala atualmente.

— Meu ouro basta como pagamento? — perguntei. Levantei-me do banco. Já estava na hora de me ir dali.

— Basta, sim, e espero que volte logo. Tratarei de enviar a carta amanhã. Se o senhor de Lorwich em East Anglia tiver jurado lealdade a Henrique VIII, você sem dúvida receberá uma resposta.

Parti com tanta velocidade que meu novo amigo deve ter tido a impressão de que desapareci.

E, quando voltava ao santuário, observei pela primeira vez o início de um povoado humano próximo demais de nós.

Naturalmente estávamos escondidos num vale minúsculo muito alto, acima de um penhasco ameaçador. Mesmo assim, um pequeno amontoado de cabanas atraíra meu olhar lá embaixo, na base do penhasco, e eu sabia o que ia acontecer.

Quando entrei no santuário, encontrei Bianca dormindo. Dela não veio nenhuma pergunta sobre onde eu havia estado; e dei-me conta de todo o esforço que tinha feito para evitar que ela tomasse conhecimento da minha carta.

Eu me perguntava se conseguiria chegar à Inglaterra se cruzasse os céus sozinho. Mas o que lhe diria? Nunca a havia deixado sozinha e me parecia errado um dia vir a fazer isso.

Transcorreu pouco menos que um ano, período durante o qual passei todas as noites a uma distância de onde pudesse ouvir o padre a quem confiara minha carta.

Àquela altura, Bianca e eu com freqüência caçávamos nas ruas de pequenas cidades alpinas sob um disfarce enquanto fazíamos compras dos comerciantes com outra aparência.

De vez em quando, alugávamos aposentos para podermos apreciar coisas comuns, mas ao amanhecer sentíamos medo demais para permanecer em qualquer lugar que não fosse o santuário.

Todo esse tempo, continuei a abordar a Rainha de quando em quando. Como escolhia esses momentos, não sei. Tudo o que posso dizer é que eu sabia quando poderia beber dela e o fazia. E sempre ocorria uma rápida recuperação em seguida, a renovação do vigor e o desejo de compartilhar meus dons refeitos com Bianca.

Afinal, uma noite, tendo deixado Bianca exausta no santuário mais uma vez, quando me aproximei do mosteiro alpino, vi meu monge em pé no jardim de braços abertos para os céus num gesto tão dramático e cheio de devoção que quase chorei ao vê-lo.

De mansinho, sem um ruído sequer, entrei no claustro atrás dele. De imediato, ele se voltou para me encarar, como se seus poderes fossem tão fortes quanto os meus. O vento enfunava seu hábito marrom enquanto ele vinha na minha direção.

— Marius — sussurrou ele, fazendo um gesto para que eu me mantivesse calado, e me conduziu até o escritório.

Quando vi a espessura da carta que ele tirou da escrivaninha, fiquei atônito. O fato de estar aberta, de o lacre ter sido violado, fez com que eu hesitasse.

Olhei para ele.

— E, eu a li. Você achava que eu a entregaria a você sem ler antes? Eu não podia perder mais tempo algum. Precisava ler o que a carta dizia. Sentei-me e imediatamente desdobrei as folhas.

Marius,

Que estas palavras não o levem à raiva nem a decisões precipitadas. O que sei sobre Pandora é o seguinte. Ela foi vista por aqueles de nós que têm experiência nesse tipo de assunto nas cidades de Nuremberg, Viena, Praga e Gutenberg. Ela viaja pela Polônia. Viaja pela Baviera.

Ela e o companheiro são espertíssimos e raramente perturbam a população humana por onde passam, mas de vez em quando chegam a freqüentar a corte de certos reinos. Aqueles que os viram acreditam que eles extraem algum prazer do perigo.

Nossos arquivos estão cheios de relatos de uma carruagem negra que viaja à luz do dia e leva no seu interior dois enormes baús esmaltados nos quais se supõe que essas criaturas durmam, protegidas por uma pequena guarnição de

humanos de pele lívida, guardas que são reservados, impiedosos e dedicados.

Até mesmo a abordagem mais inocente ou astuta a esses guardas humanos resulta em morte certa, como alguns dos nossos membros aprenderam por si mesmos quando procuraram desvendar o mistério desses viajantes sinistros.

É opinião de alguns de nós que os guardas teriam recebido uma pequena porção do poder de que seu senhor e senhora dispõem com tanta abundância, estando portanto irrevogavelmente presos a Pandora e a seu companheiro.

Nosso último registro de ter o casal sido avistado foi na Polônia. No entanto, essas criaturas viajam com enorme velocidade e não permanecem em nenhum lugar por tempo algum, parecendo na realidade ter maior satisfação em percorrer a Europa de um canto a outro, em todas as direções, incessantemente.

Sabe-se que cruzaram a Espanha de um lado a outro e que viajaram por toda a França, mas nunca ficaram em Paris. Quanto a esta última cidade, eu me pergunto se você sabe por que motivo Pandora e seu par não ficam lá muito tempo, ou se vou ter de ser eu a lhe esclarecer esse ponto.

Vou dizer-lhe o que sei. Em Paris, agora, existe um enorme grupo de devotos da espécie de que nós dois temos conhecimento. Com efeito, é tão numeroso o grupo que é de se duvidar de que até mesmo

Paris consiga satisfazê-los. E, tendo acolhido um dissidente desesperado desse grupo, recebemos muitas informações sobre como essas extraordinárias criaturas parisienses se classificam.

Não posso confiar ao pergaminho o que sei a respeito deles. Permita-me dizer apenas que são providos de um fanatismo surpreendente, por acreditarem estar servindo ao próprio Deus com seu apetite desenfreado. E, se outros da mesma natureza se arriscarem a entrar no seu território, eles não hesitam em destruí-los, declarando-os hereges.

Esse infiel do qual estou falando afiançou-me mais de uma vez que seus irmãos e irmãs estavam entre os que colaboraram para causar a enorme perda e desgraça que se abateu sobre você. Somente você pode me confirmar isso, pois não sei discernir o que aqui é desvario ou fanfarronice, ou talvez uma combinação dos dois; e você bem pode imaginar como estamos desnorteados com a presença debaixo do nosso teto de alguém tão loquaz e agressivo, tão disposto a responder a perguntas e com tanto pavor de ser deixado desacompanhado.

Permita-me também acrescentar uma informação que pode ser tão importante para você agora quanto qualquer outra que eu tenha referente à sua desaparecida Pandora.

Quem lidera o bando voraz e misterioso de criaturas em Paris é nada mais nada menos que seu jovem companheiro de Veneza.

Conquistado pela disciplina, jejuns, penitências e pela perda do antigo senhor — na opinião desse jovem infiel — seu ex-companheiro revelou-se um líder de força imensurável e perfeitamente capaz de expulsar qualquer um da sua espécie que procure se firmar em Paris.

Quem dera eu pudesse lhe falar mais sobre essas criaturas. Permita-me repetir o que sugeri acima. Eles se acreditam a serviço de Deus Todo-poderoso. E a partir desse princípio, segue-se uma quantidade considerável de normas.

Marius, não posso imaginar como essa informação irá afetá-lo. Estou escrevendo aqui somente aquilo de que tenho certeza absoluta.

Agora, permita-me assumir um papel raro, considerando-se nossa diferença de idade.

Qualquer que seja sua reação a minhas revelações nesta carta, em nenhuma circunstância viaje por terra até o norte para me ver. Em nenhuma hipótese viaje por terra até o norte para procurar por Pandora. De modo algum viaje por terra até o norte em busca de seu jovem companheiro.

Dou-lhe todos esses conselhos por dois motivos. Como você sem dúvida sabe, estão ocorrendo atualmente guerras em toda a Europa.

Martinho Lutero instigou muita inquietação. E na Inglaterra, nosso soberano, Henrique VIII, declarou-se independente de Roma, apesar de grande resistência.

Naturalmente nós, em Lorwich, somos leais ao nosso rei, e suas decisões inspiram apenas nosso respeito e reverência.

No entanto, esta não é uma boa ocasião para viajar pela Europa.

E permita-me adverti-lo quanto a outro ponto que pode surpreendê-lo. Por toda a Europa há agora aqueles que se dispõem a perseguir os outros por bruxaria por motivos impalpáveis; ou seja, reina nos vilarejos e povoados uma superstição acerca de bruxas, que até mesmo cem anos atrás teria sido descartada por ser ridícula.

Você não pode se permitir passar por terra por esses locais. Textos sobre magos, sabás e culto ao demônio toldam a filosofia humana.

E realmente temo por Pandora. Receio que ela e seu companheiro não se dêem conta desses perigos, mas já nos foi comunicado muitas vezes que, embora viaje por terra, isso ela faz com enorme velocidade. Sabe-se que seus criados já adquiriram cavalos novos duas ou três vezes no mesmo dia, exigindo apenas que os animais fossem da melhor qualidade.

Marius, envio-lhe meus melhores votos do fundo do coração. Por favor, escreva novamente assim que possível. São tantas as perguntas que gostaria de lhe fazer. Não tenho coragem para isso nesta carta. Não sei se chegarei a ousar fazê-las. Permita-me somente expressar meu desejo e esperança de um convite seu.

Devo confessar que sou alvo da inveja dos meus irmãos e irmãs por ter recebido essa comunicação sua. Não deixarei que isso me suba à cabeça. Você me infunde enorme temor e respeito, e não sem fundamento.

Seu na Talamasca,

Raymond Gallant.

Recostei-me afinal no banco, com as numerosas folhas de pergaminho tremendo na mão esquerda; e abanei a cabeça, mal sabendo o que dizer a mim mesmo, pois meus pensamentos estavam em total confusão.

Na verdade, desde a noite da tragédia em Veneza, com freqüência me faltavam palavras a dizer a mim mesmo, e nunca eu havia sentido essa falta com tanta intensidade como agora.

Olhei para as folhas. Com os dedos da mão direita, toquei em várias palavras e depois recuei, voltando a abanar a cabeça.

Pandora, percorrendo toda a Europa, ao meu alcance, mas talvez para sempre fora dele.

E Amadeo, atraído para a doutrina de Santino e enviado para fundá-la em Paris! Ah, sim, isso eu podia visualizar.

Voltou-me de imediato a nítida imagem de Santino naquela noite em Roma, no seu hábito negro, os cabelos limpos com tanta vaidade, enquanto se aproximava de mim e insistia comigo para que eu o acompanhasse até sua catacumba desgraçada.

E aqui estava agora a prova de que ele não havia destruído minha linda cria. Pelo contrário, havia tornado Amadeo sua vítima. Ele o havia conquistado, havia tomado Amadeo para si! Havia me imposto uma derrota mais cabal do que eu jamais imaginara.

E Amadeo, meu belo e abençoado pupilo, havia passado da minha tutela incerta para aquelas trevas perpétuas. E era verdade, ai, era verdade que eu podia imaginar a situação. Cinzas. O gosto de cinzas na boca.

Estremeci com um calafrio.

Esmaguei as folhas junto ao corpo.

E então de repente tomei consciência de que ao meu lado estava sentado o padre grisalho, que olhava para mim,

muito calmo, apoiado no cotovelo esquerdo.

Mais uma vez, abanei a cabeça. Dobrei as folhas da carta para dar-lhes uma forma que eu pudesse levar comigo.

Olhei fundo nos olhos cinzentos.

— Por que o senhor não foge de mim? — perguntei. Eu estava amargurado e sentia vontade de chorar, mas aquele não era o lugar adequado.

— Você tem uma dívida comigo — disse ele, baixinho. — Diga-me o que você é, pelo menos para que eu saiba se perdi minha alma ao servi-lo.

— O senhor não perdeu sua alma — disse eu rapidamente, com a aflição por demais evidente na minha voz. — Sua alma não tem nada a ver comigo. — Respirei fundo. — Qual foi sua interpretação do que leu na minha carta?

— Você está sofrendo, igualzinho a um mortal, mas não é mortal. E esse homem na Inglaterra é mortal, mas não tem medo de você.

— É verdade — disse eu. — Estou sofrendo, e sofro em razão de alguém que me afrontou, e não tenho como me vingar nem fazer justiça. Mas não falemos desses assuntos. Agora eu preferiria ficar sozinho.

Caiu um silêncio entre nós. Estava na minha hora de ir embora, mas eu ainda não tinha forças para isso.

Será que eu lhe dera a bolsa habitual? Isso eu precisava fazer agora. Enfiei a mão na túnica e a saquei. Coloquei a bolsa sobre a mesa e deixei que as moedas de ouro caíssem dela para que eu as pudesse ver à luz da vela.

Formaram-se na minha mente alguns pensamentos vagos e inflamados referentes a Amadeo e ao brilho desse ouro, a como eu estava enfurecido e a como ansiava por me vingar de Santino. Vi ícones com suas auréolas de ouro; vi a moeda da Talamasca feita de ouro. Vi os dourados florins de Florença.

Vi os braceletes dourados que um dia Pandora usara nos belos braços nus. Vi os braceletes dourados que eu pusera nos braços de Akasha.

Ouro, ouro e mais ouro.

E Amadeo havia escolhido as cinzas!

Bem, encontrarei Pandora mais uma vez, pensei. Hei de encontrá-la! E somente se ela me amaldiçoar eu a deixarei ir, somente assim eu a deixarei com seu companheiro misterioso. Ai, eu tremia enquanto pensava nisso, enquanto fazia esse juramento, enquanto murmurava esses pensamentos mudos.

Pandora, sim! E alguma noite, por Amadeo, eu me entenderia com Santino!

Seguiu-se um longo silêncio.

O padre ao meu lado não estava assustado. Eu me perguntava se ele poderia de algum modo imaginar como me sentia grato por ele ter permitido que eu permanecesse num silêncio tão precioso.

Afinal, passei os dedos da mão esquerda pelas moedas douradas.

— Isto aqui é suficiente para flores? — perguntei. — Flores, árvores e lindas plantas para seu jardim?

— É suficiente para prover nossos jardins eternamente — respondeu ele.

— Ah, eternamente! — disse eu. — Como adoro essa palavra, eternamente.

— É, é uma palavra atemporal — disse ele, erguendo as bastas sobrancelhas enquanto olhava para mim. — O tempo é nosso, mas a eternidade a Deus pertence, você não acha?

— Acho, sim — disse eu, voltando-me para encará-lo. Sorri para ele e vi a impressão agradável que isso lhe causou, exatamente como se eu lhe tivesse dito palavras bondosas. Ele não pôde disfarçar.

— O senhor foi bom para mim — disse eu.

— E você quer escrever de novo para seu amigo? — perguntou ele.

— Não daqui — respondi. — É perigoso demais para mim. De algum outro lugar. E eu lhe imploro, esqueça esse

assunto.

Ele riu com a maior franqueza e simplicidade.

— Esquecer! — exclamou. Levantei-me para ir embora.

— O senhor não deveria ter lido a carta — disse eu. — Ela só lhe causará preocupação.

— Eu tinha de ler — respondeu ele. — Antes de entregá-la a você.

— Não consigo imaginar por que motivo — respondi e fui andando em silêncio na direção da porta do escritório.

Ele veio ao meu lado.

— Quer dizer que você vai embora, Marius? — perguntou ele. Dei meia-volta. Ergui a mão para me despedir.

— E, nem anjo, nem demônio, eu me vou. Nem bom nem mau. E lhe sou grato.

Como havia feito antes, afastei-me dali com tanta velocidade que ele não conseguiu ver; e em seguida estava só com as estrelas, olhando para aquele vale próximo demais da capela, onde uma cidade estava se formando no sopé do meu alto penhasco que havia sido deixado de lado pela humanidade por mais de um milênio.

CAPÍTULO 29



ESPEREI MUITO TEMPO antes de mostrar a carta a Bianca.

Na verdade, nunca a ocultei dela, pois considerava desonesta semelhante atitude. Mas, como Bianca não me perguntou o que significavam as folhas que eu guardava com meus poucos pertences pessoais, não lhe expliquei do que se tratava.

Para mim, era doloroso demais compartilhar minha tristeza com relação a Amadeo. E, quanto à existência da Talamasca, a história era absurda demais e por demais enredada com meu amor por Pandora.

No entanto, com freqüência cada vez maior eu deixava Bianca sozinha no santuário. Naturalmente, eu nunca a abandonava ali no início da noite, quando ela dependia totalmente de mim para chegar àqueles locais onde poderíamos caçar. Pelo contrário, eu sempre a levava comigo.

Era mais tarde na noite — depois que nos tínhamos alimentado — que eu a devolvia à segurança e partia sozinho, para testar os limites dos meus poderes.

Todo esse tempo estava me acontecendo algo estranho. À medida que eu bebia da Mãe, meu vigor aumentava. Mas eu também estava aprendendo o que todos os bebedores de sangue feridos aprendem — que com a cura estava me tornando mais forte do que jamais havia sido antes da lesão.

É claro que eu dava a Bianca meu próprio sangue; mas, quanto mais forte eu ficava, mais imensa se tornava a distância entre nós, e eu percebia que estava aumentando.

Naturalmente, houve ocasiões em que, nas minhas preces, perguntei a Akasha se ela receberia Bianca. Mas, como me parecia que a resposta era negativa, eu por medo não ousava fazer um teste.

Eu me lembrava muito bem da morte de Eudoxia, e também me lembrava do momento em que Enkil erguera o braço contra Mael. Não podia expor Bianca a possíveis ferimentos.

Em pouco tempo, eu conseguia sem esforço levar Bianca comigo pela noite afora até as cidades de Praga e Genebra, que ficavam próximas. E lá nós nos deleitávamos com alguma visão da civilização que um dia havíamos conhecido em Veneza.

Quanto àquela belíssima capital, eu me recusava a voltar lá, por mais que Bianca me implorasse. É claro que ela própria nada possuía do Dom da Nuvem, e dependia de mim de uma forma que nunca havia ocorrido com Amadeo nem com Pandora.

— É doloroso demais para mim — protestava eu. — Eu me recuso a ir lá. Você já vive aqui há tanto tempo como minha linda monja. O que é que você quer?

— Quero a Itália — disse ela, numa voz baixa, abatida. E infelizmente eu sabia muito bem o que ela queria dizer, mas não lhe dei resposta.

— Se eu não puder ter a Itália, Marius — disse ela, afinal —, preciso ter algum lugar.

Ela estava no canto da frente do santuário quando proferiu essas palavras tão carregadas de significado; e foi com uma voz contida, como se pressentisse algum perigo.

Sempre agíamos com reverência no santuário. Mas não murmurávamos por trás dos Pais Divinos. Considerávamos falta de educação, se não fosse positivamente um desrespeito.

Quando penso nisso, vejo como era estranho. Mas nós não podíamos supor que Akasha e Enkil não nos escutassem. Por isso, costumávamos conversar no canto da frente, em especial o da esquerda, preferido de Bianca, que ali se sentava com freqüência, enrolada na sua capa mais quente.

Quando me disse essas palavras, ela olhou para a Rainha ali em cima, como se reconhecesse a interpretação.

— Que seja o desejo dela — disse Bianca — que não poluamos seu santuário com nosso ócio.

Fiz que sim. Que outra coisa eu poderia fazer? Contudo, tantos anos se haviam passado dessa maneira que eu me acostumara àquele lugar mais que a qualquer outro. E a muda lealdade de Bianca a mim era algo que eu considerava líquido e certo.

Sentei-me então ao seu lado.

Segurei sua mão e percebi talvez pela primeira vez, já havia algum tempo, que minha pele agora estava de um bronzeado escuro em vez de negra, e que a maioria das rugas havia desaparecido.

— Deixe-me fazer-lhe uma confissão, Bianca. Não podemos morar numa simples casa, como em Veneza.

Ela me escutava, com o olhar tranqüilo.

Prossegui:

— Tenho medo daquelas criaturas, Santino e sua prole demoníaca. Décadas já se passaram desde o incêndio, mas eles ainda ameaçam a partir de seus esconderijos.

— E isso como você sabe? — perguntou ela. Parecia que tinha muito mais a me dizer. Mas pedi que tivesse paciência.

Fui aonde estavam meus pertences e tirei dali a carta de Raymond Gallant.

— Leia esta carta. Ela lhe dirá, entre outras coisas, que eles disseminaram seus costumes abomináveis até a distante cidade de Paris.

Permaneci calado um bom tempo enquanto ela lia, e então seus soluços imediatos me espantaram. Quantas vezes eu havia visto Bianca chorar? Por que estava tão despreparado para aquilo? Ela balbuciava o nome de Amadeo. Não conseguia realmente chegar a pronunciá-lo.

— O que isso significa? — perguntou. — Como é que eles vivem? Explique-me o que está aqui. O que fizeram a ele?

Sentei-me ao seu lado, implorando-lhe que se acalmasse. E então contei-lhe como viviam esses diabólicos adoradores de Satã, como monges ou eremitas, provando o sabor da terra e da morte, e como imaginavam que o Deus cristão reservara algum lugar para eles no Seu Reino.

— Eles fizeram nosso Amadeo passar fome — disse eu. — Eles o torturaram. Isso está claro. E, quando desistiu de toda e qualquer esperança, na crença de que eu tivesse morrido, e acreditando que a devoção deles era justa, Amadeo tornou-se um deles.

Ela olhou para mim com ar solene, as lágrimas paradas nos olhos.

— Ai, quantas vezes eu a vi chorar — disse eu. — Mas não ultimamente, e não com tanto amargor como quando chora por ele. Tenha certeza de que também não o esqueci.

Ela abanou a cabeça como se seus pensamentos não estivessem em harmonia com os meus, mas ela não tivesse condições de revelá-los.

— Precisamos ser espertos, meu tesouro — disse eu. — Qualquer que seja a residência que escolhamos para nós mesmos, vamos precisar estar protegidos contra eles, sempre.

Quase desdenhosa, ela falou então:

— Nós podemos encontrar um local seguro. Você sabe que podemos. Precisamos. Não podemos continuar para sempre como estamos. Não é da nossa natureza. Se aprendi alguma coisa com as suas histórias, foi que você perambulou pela Terra em busca de beleza tanto quanto em busca de sangue.

Não me agradava seu tom sério.

— Somos só nós dois — prosseguiu ela — e se esses demônios voltarem a aparecer com suas tochas acesas, vai ser fácil você me retirar para algum local elevado, onde eles não possam me atingir.

— Se eu estiver lá, meu amor, se estiver presente. E se não estiver? Todos esses anos, desde que deixamos para trás nossa linda Veneza, você morou entre estas paredes, onde eles não podem feri-la. Agora, se formos residir em outro lugar, eu terei de estar de vigia sempre. Isso *é* natural?

Era horrível para mim essa conversa. Com ela, eu nunca havia passado por nada tão difícil. Não me agradava a expressão inescrutável no seu rosto, nem o tremor na sua mão.

— Talvez seja cedo demais — disse ela. — Mas preciso lhe dizer algo importantíssimo, que não posso esconder de você.

Hesitei antes de responder.

— O que *é,* Bianca? — perguntei. Eu estava ficando aflito rapidamente. Totalmente aflito.

— Acho que você cometeu um erro gravíssimo — disse ela.

Isso me deixou atordoado e mudo. Ela não disse mais nada. Esperei. Ainda assim, vinha esse silêncio associado à sua postura sentada, encostada na parede, com os olhos fixos nos Pais Divinos ali em cima.

— Vai querer me dizer que erro foi? — perguntei. — Seja como for, você precisa me contar! Amo você, Bianca. Preciso saber o que é.

Ela nada dizia. Olhava para o Rei e a Rainha. Não parecia estar orando. Apanhei as folhas de pergaminho da carta. Passei os olhos por elas e então olhei de novo para ela.

Suas lágrimas haviam secado, e sua boca estava descontraída, mas seus olhos estavam tomados de uma expressão estranha que eu não conseguia explicar para mim mesmo.

— E a Talamasca que lhe causa medo? — perguntei. — Posso lhe explicar tudo isso. Mas veja bem que escrevi para eles de um mosteiro distante. Deixei poucas pegadas por lá, minha bela. Viajei com o vento enquanto você dormia aqui.

Seguiu-se nada a não ser seu silêncio. Não parecia sombrio nem gélido, apenas reservado e pensativo. Mas, quando ela voltou os olhos para mim, a mudança no seu rosto foi lenta e ameaçadora.

Com palavras tranqüilas, apressei-me a explicar-lhe meu estranho encontro com Raymond Gallant na minha última noite de verdadeira felicidade em Veneza. Expliquei, da maneira mais simples, como ele procurava conhecimento sobre nós, e como soubera dele que Pandora havia sido vista no norte da Europa.

Falei de todos os assuntos contidos na carta. Mais uma vez falei em Amadeo. Comentei meu ódio por Santino, por ter ele me roubado tudo o que eu amava à exceção dela; e como por esse motivo ela me era caríssima, acima de tudo.

Acabei por não sentir vontade de dizer mais nada. Eu estava me irritando. Sentia-me injustiçado e não conseguia entendê-la. Seu silêncio me feria cada vez mais, e eu sabia que isso ela podia ver no meu rosto.

Finalmente, vi alguma mudança nela. Ela aguçou o olhar e então falou.

— Você não consegue ver o erro gravíssimo que cometeu? — perguntou ela. — Você não o percebe nas lições que me transmitiu? Há séculos, os jovens adoradores de Satã vieram procurá-lo pelo que você poderia oferecer quando morava com Pandora. Você lhes negou seu precioso conhecimento. Deveria ter revelado a eles o mistério da Mãe e do Pai!

— Meu Deus, como você poderia acreditar numa coisa dessas?

— E quando Santino lhe perguntou em Roma, você deveria tê-lo trazido a este mesmo santuário! Deveria ter-lhe

mostrado os mistérios que me revelou. Se tivesse agido assim, Marius, ele jamais teria se tornado seu inimigo.

Eu estava furioso quando olhei para ela. Essa era a minha brilhante Bianca?

— Você não percebe? — prosseguiu ela. — Repetidas vezes esses fanáticos incontroláveis criaram uma seita a partir do nada! Você poderia ter-lhes mostrado algo! — Ela fez um gesto de desprezo na minha direção como se eu lhe fosse repulsivo. — Há quantas décadas estamos aqui? Até que ponto eu sou forte? Ai, não precisa responder. Conheço minha própria resistência. Conheço meu temperamento.

"Mas você não vê que toda a minha compreensão dos nossos poderes é reforçada pela beleza e pela majestade deles! Eu sei de onde viemos! Já o vi beber da Rainha. Já o vi acordar do desfalecimento. Vi a cura da sua pele.

"Mas o que Amadeo chegou a ver? O que Santino chegou a ver? E você se assombra com a magnitude da heresia deles."

— Não chame o que eles fazem de heresia — protestei, de repente, com as palavras saindo violentas dos meus lábios. — Não fale disso como se fosse um culto! Já lhe disse que existem, sim, segredos, e coisas que ninguém consegue explicar! Mas não cultuamos nada!

— Foi uma verdade que você me revelou — disse ela —, no paradoxo deles, na presença deles! — Sua voz elevou-se, irritada e totalmente estranha ao seu natural. — Você poderia ter esmagado a cruzada equivocada de Santino com um mero relance dos Pais Divinos.

Lancei-lhe um olhar furioso. Dominou-me uma loucura.

Pus-me de pé. Encolerizado, olhei ao redor do santuário.

— Apanhe tudo o que for seu — disse eu, de repente. — Vou expulsá-la daqui.

Ela continuou sentada, imóvel, como antes, olhando para mim com frieza e desafio.

— Você ouviu o que eu disse. Recolha suas benditas roupas, seu espelho, suas pérolas, suas jóias, seus livros, o que quiser. Vou levá-la daqui.

Por um bom tempo, ela ficou me olhando, com a expressão carrancuda, devo dizer, como se não acreditasse em mim.

E então de repente mexeu-se, obediente, numa série de gestos rápidos. E dentro de instantes, estava parada diante de mim, com a capa nos ombros, segurando a trouxa junto ao peito, com a mesma aparência de inúmeros anos atrás, quando eu a trouxera para ali pela primeira vez.

Não sei se olhou de volta para o rosto da Mãe e do Pai. Eu não olhei. Nem por um instante acreditei que qualquer um deles fosse impedir essa terrível expulsão.

Dentro de poucos momentos, eu estava seguindo com o vento, e não sabia aonde a levaria.

Voei mais alto e mais veloz do que havia ousado antes e descobri que ainda estava dentro dos limites do meu poder. De fato, minha própria velocidade me espantava. A terra diante de mim havia sido queimada em guerras recentes, e eu sabia que ela era salpicada aqui e ali de castelos em ruínas.

Foi para um desses que a levei, certificando-me de que a cidadezinha ao redor tivesse sido saqueada e estivesse deserta. Deixei-a então num quarto de pedra no interior da fortaleza derrotada e fui à procura de um lugar onde ela pudesse dormir de dia no cemitério destruído.

Não demorei muito para ter certeza de que ela poderia sobreviver ali. Na capela calcinada havia criptas por baixo do piso. Esconderijos por toda parte.

Voltei aonde ela estava. Estava em pé como eu a deixara, a expressão solene como antes, os olhos ovais, brilhantes, fixos em mim.

— Não quero saber de você — disse eu, trêmulo. — Não quero mais saber de você, por ter podido dizer uma coisa dessas, por ter podido me culpar por Santino ter-me tirado minha cria! Não posso mais querer saber de você. Você não

faz idéia do peso que venho carregando pelos tempos afora ou mesmo de quantas vezes me queixei dele! O que você acha que seu querido Santino iria fazer, se estivesse de posse da Mãe e do Pai? Quantos demônios ele poderia levar para beber deles? E quem sabe o que a Mãe e o Pai poderiam permitir no seu silêncio? Quem sabe o que eles quiseram um dia?

— Você é um irmão negligente e malévolo para mim — disse ela, com frieza, olhando ao redor. — Por que não me deixou à mercê dos lobos na floresta? Mas vá embora. Eu também não quero mais saber de você. Conte aos seus estudiosos na Talamasca onde me deixou, e talvez eles me ofereçam seu generoso abrigo. Mas desapareça! Seja como for, desapareça! Não quero sua presença aqui!

Embora até aquele segundo eu estivesse me agarrando a cada palavra sua, abandonei-a ali.

Passaram-se horas. Viajei pelos céus, sem saber aonde ia, assombrando-me com a paisagem indistinta lá embaixo.

Meu poder estava muito maior do que jamais havia sido! Se me dispusesse a tentar, conseguiria chegar à Inglaterra com facilidade.

Vi as montanhas e então o mar; e então de repente minha alma doeu tanto que não pude fazer outra coisa a não ser me forçar a voltar para ela.

Bianca, o que foi que eu fiz?

Bianca, tomara que você tenha esperado por mim!

Da profunda escuridão dos céus, voltei a ela. Encontrei-a no aposento de pedra, sentada no canto, comedida e imóvel, exatamente como se estivesse no santuário. E, quando me ajoelhei à sua frente, ela estendeu os braços e me abraçou.

Eu soluçava enquanto a abraçava.

— Minha bela Bianca, minha linda, desculpe, desculpe-me, meu amor — disse eu.

— Marius, amo você do fundo do coração para sempre. — Ela chorava tanto e com tanta liberdade quanto eu. — Meu

querido Marius. Nunca amei ninguém como amo você. Perdoe-me.

Não pudemos fazer nada a não ser chorar por um tempo enorme, e então eu a levei de volta ao santuário, e ali eu a consolei, penteando seu cabelo como tanto adorava fazer e o adornando com seus finos cordões de pérolas até que ela estivesse linda e perfeita.

— O que estava na minha cabeça? — lamentou-se ela. — Não sei. É claro que você não poderia ter confiado em nenhum deles. E, se você lhes tivesse mostrado a Rainha e o Rei, o resultado bem poderia ter sido alguma horrenda anarquia!

— É, você disse bem — respondi —, alguma horrenda anarquia. — Lancei um rápido olhar de relance aos rostos tranqüilos e impassíveis. E prossegui: — Você precisa entender, por favor, se realmente me ama, entenda o poder que existe neles. — Parei de repente. — Ai, você não entende? Por mais que eu lamente o silêncio deles, talvez para eles seja uma forma de paz que tenham escolhido para o bem de todos.

Essa era a própria essência do caso, e acho que nós dois o sabíamos. Eu temia o que poderia acontecer se Akasha um dia se erguesse do trono, se um dia ela quisesse falar ou se movimentar. Isso eu temia com toda a minha razão.

Contudo, naquela noite e todas as noites eu acreditava que, se e quando Akasha chegasse a despertar, a partir dela se derramaria uma doçura divina.

Uma vez que Bianca havia adormecido, ajoelhei-me diante da Rainha naquela atitude abjeta que agora me era tão comum e que eu nunca teria revelado a Pandora.

— Mãe, anseio por você — murmurei. Abri as mãos. — Permita que eu a toque com amor. Diga-me se errei. Eu deveria ter trazido os adoradores de Satã ao seu santuário? Eu deveria tê-la revelado, em toda a sua beleza, a Santino?

Fechei os olhos. Abri-os de novo.

— Ó Imutáveis — disse eu, baixinho. — Falem comigo. — Aproximei-me dela e colei os lábios no seu pescoço.

Perfurei a pele branca e quebradiça com meus dentes, e o sangue espesso entrou em mim lentamente.

O jardim me cercou. Ah, sim, *é* isso o que adoro acima de tudo. E era o jardim do mosteiro na primavera, que fantástico, e meu padre estava lá. Eu caminhava com ele no claustro limpo e varrido. Esse era o sonho supremo, pois as cores eram esplêndidas e eu via todas as montanhas à nossa volta. *Sou imortal,* disse eu.

O jardim dissolveu-se. Eu podia ver cores desbotando numa parede. Então, eu estava parado numa floresta à meia-noite. Ao luar, avistei uma carruagem negra que vinha pela estrada, puxada por muitos cavalos escuros. Ela passou por mim, com as rodas enormes levantando a poeira. Atrás vinha uma equipe de guardas, todos em libré negra.

Pandora.

Quando acordei, estava encostado no peito de Akasha, com a testa no seu pescoço, minha mão esquerda agarrando seu ombro direito. Era tão bom que não quis me mexer, e toda a luz do santuário se tornara um bruxuleio dourado aos meus olhos, bem do mesmo jeito que a luz costumava ser naqueles longos salões de banquete de Veneza.

Beijei-a afinal com ternura, afastei-me e então me deitei com os braços em torno de Bianca.

Meus pensamentos eram estranhos e perturbados. Eu sabia que estava na hora de encontrar outra morada que não fosse o próprio santuário, e sabia também que desconhecidos estavam penetrando nas nossas montanhas.

A pequena cidade no sopé do nosso penhasco estava em franco crescimento. Mas a revelação mais terrível dessa noite foi a de que Bianca e eu podíamos brigar, que a sólida paz entre nós podia ser desfeita com violência e dor. E que eu, diante das primeiras palavras duras da minha querida, podia desabar num colapso mental.

Por que isso me havia surpreendido tanto? Será que eu não me lembrava das minhas brigas acirradas com Pandora?

Eu precisava saber que, com raiva, Marius não é Marius. Eu precisava ter consciência disso e nunca me esquecer.

CAPÍTULO 30



NA NOITE SEGUINTE, abatemos um par de salteadores que percorriam os passos inferiores das nossas montanhas. O sangue estava ótimo, e desse pequeno banquete seguimos até uma cidadezinha alemã onde pudéssemos encontrar uma taberna.

Ali nos sentamos, marido e mulher, outros poderiam imaginar, e conversamos horas a fio diante do nosso vinho quente.

Contei a Bianca tudo o que um dia aprendera sobre Aqueles Que Devem Ser Preservados. Falei-lhe das lendas do Egito — de como a Mãe e o Pai séculos atrás haviam sido amarrados e submetidos a violência por aqueles que desejavam roubar seu Sangue Precioso. Contei-lhe como a própria Akasha me procurara numa visão em que me implorava para tirá-la do Egito.

Falei sobre as poucas vezes em que Akasha chegou a falar comigo no Sangue. E finalmente, finalmente mencionei o puro milagre que havia sido o fato de terem os Pais Divinos aberto a porta do santuário alpino quando cheguei ali fraco demais para conseguir movê-la.

— Eles precisam de mim? — perguntei, olhando nos olhos de Bianca. — Não tenho como saber. Isso é que é horrível. Eles querem ser vistos por outros? Ignoro.

“Mas permita que eu faça minha confissão final. Ontem à noite, o motivo para eu ficar com tanta raiva foi porque

séculos atrás, quando Pandora bebeu pela primeira vez o Sangue da Mãe, ela foi dominada por sonhos de devolver aos Pais Divinos o antigo culto. Com isso, estou falando de um culto que incluía os Deuses do Bosque dos druidas, uma antiga religião que remontava aos templos do Egito.

"Enfureci-me com Pandora por conseguir acreditar numa coisa daquelas; e na mesma noite em que Pandora foi transformada arrasei seus sonhos com minha lógica poderosa. Fui além disso. Soquei com meu punho o próprio peito da Mãe exigindo que ela falasse conosco."

Bianca ficou pasma.

— Você consegue adivinhar o que aconteceu? — perguntei.

— Nada. A Mãe não deu resposta alguma. Fiz que sim.

— Também não houve nenhuma repreensão, nem punição. Talvez a Mãe tivesse trazido Pandora a mim. Nunca pudemos saber. Mas entenda por favor como me apavora a própria idéia de que os Pais Divinos possam um dia ser alvo de culto.

"Bianca, nós somos imortais, sim, e possuímos nosso Rei e nossa Rainha, mas nem por um momento podemos acreditar que os compreendamos."

A tudo isso ela assentiu. Refletiu por um bom tempo e então falou:

— Eu estava simplesmente equivocada no que lhe disse.

— Não em tudo — respondi. — Talvez, se Amadeo tivesse visto o Rei e a Rainha, ele teria fugido dos bebedores de sangue romanos e voltado para nós. Contudo, existe ainda outra forma de encarar a questão.

— Fale.

— Se ele tivesse conhecimento do segredo da Mãe e do Pai, poderia ter sido forçado a revelá-lo a Santino, e os demônios teriam voltado a Veneza, à minha procura. Poderiam ter encontrado a nós dois.

— É mesmo, tudo isso é verdade — disse ela. — Estou começando a entender o todo.

Estávamos descontraídos ali um com o outro na taberna. Os mortais à nossa volta não nos prestavam atenção. Continuei a falar em voz baixa, contando-lhe a história de como Mael um dia, com minha permissão, havia tentado beber o sangue de Akasha, e de como Enkil se movimentara para impedi-lo.

Contei-lhe a horrenda história de Eudoxia. Falei sobre como havia deixado Constantinopla.

— Não sei o que é que acontece com você, meu amor — disse eu. — Mas de algum modo parece que posso lhe contar tudo. Nunca foi assim com Pandora. Nunca foi assim com Amadeo.

Ela estendeu o braço e tocou meu rosto com a mão esquerda.

— Marius, fique sempre à vontade para falar de Pandora. Nunca imagine que eu possa deixar de entender seu amor por Pandora.

Passei um bom tempo refletindo sobre isso. Segurei sua mão direita e beijei seus dedos.

— Preste atenção, meu amor — disse eu. — A cada prece, pergunto à Rainha se você poderia beber. Mas não obtenho nenhuma resposta clara. E, depois do que presenciei com Eudoxia e Mael, não posso levá-la à Rainha. E por isso continuarei a lhe dar meu sangue para que você se fortaleça, mas…

— Eu entendo — disse ela. Debrucei-me sobre a mesa e lhe dei um beijo.

— Ontem à noite, com aquela raiva, aprendi muitas coisas. Que não posso viver sem você foi uma. Mas aprendi outra também. Posso agora cobrir enormes distâncias com facilidade. E suspeito que meus outros poderes também tenham aumentado de modo desmesurado. Preciso testar esses poderes. Preciso saber com que facilidade poderei derrotar aqueles demônios se um dia eles se aproximarem de mim. E

nesta noite, mais que qualquer outro, quero testar meu poder de voar.

— O que você está me dizendo é que quer me levar agora de volta ao santuário para poder ir até a Inglaterra.

Fiz que sim. Hoje é noite de lua cheia, Bianca. Preciso ver a ilha da Bretanha ao luar. Preciso descobrir a Ordem da Talamasca com meus próprios olhos. É praticamente impossível acreditar em tanta pureza.

— Por que não me leva junto?

— Preciso ser ágil — respondi. — E, se houver perigo, vou precisar ser ainda mais ágil para escapar. Afinal de contas, trata-se de mortais. E Raymond Gallant é apenas um deles.

— Tenha então muito cuidado, meu amor — disse ela. — Você, agora mais do que nunca, sabe que eu simplesmente o adoro.

Naquela hora pareceu que nunca mais voltaríamos a brigar, que uma coisa dessas era impossível. E pareceu imperioso que eu nunca a perdesse.

Ao sairmos pela escuridão adentro, quando a envolvi na minha capa, dei-lhe um beijo na testa e a transportei até as nuvens para irmos para casa.

Quando a deixei, faltavam duas horas para a meia-noite, e eu pretendia ver Raymond Gallant antes do amanhecer.

Ora, haviam se passado muitos anos desde meu encontro com ele em Veneza. Na época, ele era um rapaz; e talvez fosse um homem de meia-idade quando lhe escrevi a carta.

Por isso, quando parti na viagem, ocorreu-me que ele pudesse não estar mais vivo.

Na realidade, foi um pensamento terrível.

Mas eu acreditava em tudo o que ele me dissera sobre a Talamasca e estava determinado a abordá-los.

Quando me erguia na direção das estrelas, o prazer do Dom da Nuvem era tão divino que quase me perdi no enlevo dos céus, sonhando acima da ilha da Bretanha, mergulhando

para onde pudesse ver a terra em nítido contraste com o mar, sem querer tocar na solidez da Terra tão cedo nem percorrê-la de modo tão canhestro.

No entanto, nos anos anteriores eu havia consultado muitos mapas para descobrir a localização de East Anglia, e logo vi lá embaixo um enorme castelo com dez torres arredondadas que acreditei ser exatamente aquele gravado na moeda de ouro que Raymond Gallant me dera tanto tempo antes.

O simples tamanho do castelo despertou, porém, dúvidas em mim, mas eu me dispus a me postar na encosta íngreme bem perto dele. Algum instinto sobrenatural me dizia que eu havia chegado ao local certo.

O ar estava frio quando comecei a andar, na verdade tão frio quanto nas montanhas que eu deixara para trás. Parte dos bosques que sem dúvida haviam sido derrubados no passado remoto para garantir a segurança do castelo crescera novamente, e eu gostei bastante do terreno e de caminhar por ali.

Estava usando uma capa inteira, forrada de peles, que tirara de uma das minhas vítimas. Portava minhas armas costumeiras, uma espada curta de lâmina larga e uma adaga. Minha túnica de veludo era mais comprida do que a moda da época, mas isso não me incomodava. Meus sapatos eram novos, e eu os havia comprado de um sapateiro em Genebra.

Quanto ao estilo do castelo, imaginei que tivesse uns quinhentos anos, tendo sido construído na época de Guilherme, o Conquistador. Imaginei que no passado tivesse tido um fosso e ponte levadiça. Mas esses elementos haviam sido abandonados muito tempo antes, e eu podia ver uma enorme porta diante de mim, ladeada por archotes.

Finalmente, cheguei a essa porta e acionei o sino, ouvindo um forte clangor lá dentro, nas profundezas do pátio.

Não demorou muito para que alguém viesse, e só então me dei conta da peculiaridade do que eu havia feito. Na minha reverência por essa Ordem de estudiosos, eu não “havia

escutado" do lado de fora para descobrir quem eles eram. Não havia pairado junto às janelas iluminadas das torres.

E agora eu me flagrava, eu, uma figura sem dúvida estranha, com meus olhos azuis e a pele escura, parado diante do porteiro.

Esse rapaz não poderia ter mais de dezessete anos, e parecia tanto sonolento quanto apático, como se meu toque do sino o tivesse despertado.

— Estou à procura de Lorwich — disse eu — em East Anglia. Cheguei ao lugar certo?

— Chegou — disse o rapaz, limpando os olhos e se apoiando na porta. — Posso lhe perguntar por que motivo?

— Procuro a Talamasca — respondi.

O rapaz fez que sim. Abriu bem a porta, e logo me encontrei num enorme pátio. Ali havia carroças e carruagens estacionadas. Dava para ouvir o som distante dos cavalos nas estrebarias.

— Procuro por Raymond Gallant — disse ao rapaz.

— Ah — respondeu ele, como se aquelas fossem as palavras mágicas que precisava que eu dissesse. E então levou-me mais para dentro e fechou a gigantesca porta de madeira atrás de nós. — Vou levá-lo a um lugar onde possa esperar. Creio que Raymond Gallant está dormindo.

Mas está vivo, pensei. É o que importa. Captei o cheiro de muitos mortais naquele local. Senti o aroma de comida que acabava de ser preparada. Senti o perfume de lenha de carvalho nas lareiras; e, quando olhei para cima, vi em contraste com o céu a leve fumaça das chaminés que não havia percebido antes.

Sem mais nenhuma pergunta, fui levado a subir à luz de um archote por uma escada de pedra em espiral numa das muitas torres. Repetidamente olhei por pequenas janelas para a fria paisagem lá fora. Vi os vagos contornos de uma cidadezinha próxima. Vi a colcha de retalhos dos campos de lavoura. Tudo parecia tão tranqüilo.

Afinal o rapaz pôs o archote num suporte e, acendendo nele uma vela, abriu duas portas adornadas com pesados entalhes, para revelar um aposento enorme com poucas porém belíssimas peças de mobília.

Fazia muito tempo que eu não via mesas e cadeiras profundamente entalhadas e belas tapeçarias. Fazia muito tempo que eu não via primorosos castiçais de ouro e elegantes arcas com cortinas de veludo.

Tudo parecia uma festa para os olhos, e eu estava a ponto de me sentar quando entrou ali apressado um senhor idoso muito ágil, com longos cabelos grisalhos num pesado camisão branco, que me contemplou com olhos vivazes e exclamou:

— Marius!

Era Raymond Gallant, era Raymond nos últimos anos de sua vida, e eu senti um terrível choque de prazer e dor ao olhar para ele.

— Raymond — disse eu, abrindo os braços para abraçá-lo com delicadeza. Como me parecia frágil. Beijei-o nos dois lados do rosto. Segurei-o afastado, com ternura, para poder olhar para ele.

A cabeleira ainda era densa; e a testa, lisa como tantos anos atrás. E, quando ele sorria, a boca parecia ser a do rapaz de que me lembrava.

— Marius, que maravilha vê-lo! — exclamou. — Por que nunca mais me escreveu?

— Raymond, eu vim. Não posso dar conta do tempo e do que ele representa para nós. Vim, estou aqui e me sinto feliz por estar com você.

Raymond parou, voltando-se de repente para a direita e para a esquerda e então inclinou a cabeça. Parecia ágil e esperto como sempre. Estava escutando, atento.

— Todos perceberam que você está aqui — disse ele —, mas não se preocupe. Não ousarão entrar neste aposento. São disciplinados demais para isso. Sabem que não permitirei.

Escutei por um instante e confirmei o que ele dissera. Mortais por todo o castelo imenso e espraiado haviam pressentido minha presença. Entre esses mortais havia quem lesse o pensamento. Outros pareciam possuir algum tipo de audição aguçada.

Não discerni porém nenhuma presença sobrenatural ali. Não captei nenhuma pista do "infiel" que ele havia descrito na carta.

Também não captei nenhuma ameaça de pessoa alguma. Mesmo assim, observei a janela próxima e notei que possuía grades pesadas, embora estivesse aberta para o ar da noite. Perguntei-me se conseguiria arrombá-la com facilidade e concluí que sim. Não senti medo. Na verdade, não sentia nenhum medo dessa Talamasca, porque ela parecia não sentir nenhum medo de mim e me havia permitido acesso com tanta falta de desconfiança.

— Venha, Marius, sente-se comigo — disse Raymond. Ele me levou para perto de uma lareira enorme. Procurei não olhar com preocupação para suas mãos finas e trêmulas, ou para seus ombros magros. Agradeci aos deuses ter vindo naquela noite e ele ainda estar ali para me receber.

Chamou o garoto sonolento que permanecia à porta.

— Edgar, arrume a lareira e acenda o fogo, por favor. Marius, quero que me perdoe. Estou com muito frio. Você se importa? Sei o que lhe aconteceu.

— Não, de modo algum, Raymond — disse eu. — Não posso temer o fogo para sempre por aquele motivo. Eu agora não só estou curado, como estou muito mais forte do que jamais fui. É um perfeito mistério. E você, está com quantos anos? Diga-me, Raymond. Não consigo adivinhar.

— Oitenta, Marius — disse ele, sorrindo. — Você não sabe como sonhei com sua vinda. Eu tinha muito mais a lhe contar. Mas não tive coragem de pôr por escrito numa carta.

— E com razão — disse eu —, pois a carta foi lida; e quem sabe o que poderia ter acontecido? O que houve foi que

o padre que a recebeu para mim não conseguiu extrair muito significado dela. Já eu entendi tudo.

Ele fez um gesto na direção da porta. Dois rapazes entraram de imediato na sala, e eu concluí que eles eram do tipo simplório, como Edgar, que estava ocupado empilhando a lenha de carvalho na lareira. Acima da lareira, havia gárgulas de pedra ricamente esculpidas. Gostei muito delas.

— Duas cadeiras — disse Raymond aos rapazes. — Vamos conversar. Vou lhe contar tudo o que puder.

— Por que você é tão generoso comigo, Raymond? — perguntei. Estava com tanta vontade de confortá-lo, de acabar com sua agitação. Mas, quando ele sorriu para mim, como se quisesse me tranqüilizar, quando pôs a mão com delicadeza no meu braço e me direcionou para as duas cadeiras de madeira que os rapazes haviam disposto junto à lareira, percebi que ele não precisava de nenhuma ajuda minha.

— Estou só muito empolgado, meu velho amigo — disse ele. — Não precisa se preocupar comigo. Pronto, sente-se. Está bastante confortável para você?

As cadeiras eram entalhadas de modo tão rebuscado quanto qualquer outra ornamentação da sala; e os braços eram patas de leão. Considerei-as tanto bonitas quanto confortáveis. Olhei ao redor para as numerosas estantes, e refleti, como costumo fazer, sobre como todas as bibliotecas me subjugam e me seduzem. Pensei em livros queimados e em livros perdidos.

Que este seja um lugar seguro para os livros, pensei, essa Talamasca.

— Estou há décadas numa câmara de pedra — disse eu, com a voz contida. — O conforto aqui está perfeito para mim. Você não quer dispensar os rapazes agora?

— Quero, claro. Só deixe que me tragam um pouco de vinho quente — respondeu. — Estou precisando.

— Sem dúvida! Como pude ter tanta falta de consideração? — retruquei.

Estávamos agora um de frente para o outro, e o fogo havia começado com uma profusão de perfume forte e agradável emanando do carvalho em chamas, bem como um calor que, tive de admitir, até apreciei.

Um dos rapazes trouxe para Raymond um robe de veludo vermelho; e, uma vez que ele o havia vestido e que estava acomodado na cadeira, não parecia mais tão frágil. Seu rosto estava radiante, afinal de contas, com as faces realmente rosadas e eu podia ver facilmente nele o rapaz que eu havia conhecido.

— Meu amigo, se acontecer algo que nos separe, permita que eu lhe informe que *ela* ainda viaja no mesmo estilo antigo, passando veloz por muitas cidades européias. Jamais vem à Inglaterra, pois acho que não querem cruzar a água, embora sem dúvida tenham essa capacidade, ao contrário do que diz o folclore.

Dei uma risada.

— E isso o que diz o folclore? Que não podemos cruzar a água? Bobagem — disse eu. Teria dito mais, mas me perguntei se seria prudente.

Ele pareceu não prestar atenção à minha hesitação. E prosseguiu:

— Durante as últimas décadas, ela viaja usando o nome de Marquisa De Malvrier, e seu companheiro o de Marquis do mesmo nome, embora seja ela quem freqüente a corte com maior freqüência que ele. São vistos na Rússia, na Baviera, na Saxônia, em países nos quais se reverencia a antiga formalidade, e parecem de vez em quando precisar dos bailes elegantes e das imensas cerimônias da Igreja católica romana. Mas, entenda bem, recolhi esse meu relato de muitas fontes diferentes. Não tenho certeza de nada.

O vinho quente estava sendo disposto num pequeno aparador ao seu lado. Ele apanhou a taça. Suas mãos eram trêmulas. Ele tomou do vinho.

— Mas como é que esse tipo de relato chega até vocês? — perguntei. Eu estava fascinado. Não havia nenhuma dúvida

de que ele me estava contando a verdade. Quanto ao resto da casa, eu podia ouvir seus numerosos moradores em toda a nossa volta, aparentemente aguardando em silêncio por algum tipo de convocação.

— Não lhes dê atenção — disse ele. — O que podem aprender com essa escuta? Todos são fiéis membros da Ordem. E para responder às suas perguntas, às vezes saímos disfarçados como padres em busca de informações sobre aqueles a quem chamamos de vampiros. Indagamos sobre mortes misteriosas. E é assim que colhemos informações que são significativas para nós quando podem não ser significativas para outros.

— Ah, é claro. E vocês prestam atenção ao nome quando é mencionado na Rússia, na Saxônia ou na Baviera.

— Exato. Garanto-lhe que é De Malvrier. Eles têm uma preferência por ele. E vou lhe dizer mais uma coisa.

— Diga, por favor.

— Algumas vezes encontramos na parede de alguma igreja um nome inscrito, Pandora.

— Ah, ela faz isso — comentei, tentando loucamente esconder minha emoção. — Ela quer que eu a encontre. — Fiz uma pausa. — Como isso me dói. Eu me pergunto se quem viaja com ela sequer a conhece por esse nome. Ai, como me dói, mas por que você me ajuda?

— Juro pela minha própria vida que não sei — disse ele —, a não ser que seja porque de algum modo acredito em você.

— Como assim, acredita? Acredita que sou um assombro? Que sou um demônio? Acredita no quê, Raymond? Diga-me. Ai, não importa, não faz diferença, ou faz? O que fazemos é o que nosso coração nos leva a fazer.

— Marius, meu amigo — disse ele, debruçando-se um pouco e tocando no meu joelho com a mão direita —, muito tempo atrás, em Veneza, quando o espionava, sabe que lhe falei com toda a pureza da minha mente. Também li seus

pensamentos. Soube que você matava somente os que eram assassinos depravados dos nossos próprios irmãos ou irmãs.

— É verdade, Raymond, e era assim com Pandora. Mas será que ainda *é* agora?

—- É, creio que sim — respondeu ele. — Pois, cada crime horrendo imputado aos vampiros que essas criaturas podem de fato ser, está associado a alguém que era sabidamente culpado de muitos assassinatos. Logo, você pode ver que não me é difícil ajudá-lo.

— Ah, então ela é fiel ao nosso juramento — murmurei. — Imaginei que não, quando ouvi falar do companheiro violento.

Olhei atento para Raymond e, a cada momento que passava, via mais do rapaz que eu havia conhecido por tão pouco tempo. Era entristecedor. Era medonho. E quanto mais eu tinha essa sensação, mais eu procurava ocultá-la.

O que era todo o meu sofrimento diante disso, o lento triunfo da velhice? Nada.

— Onde ela foi vista pela última vez? — perguntei.

— Quanto a isso, Marius, permita-me dar-lhe minha interpretação do comportamento dela. Ela e o companheiro seguem um padrão nas suas constantes viagens. Eles mais ou menos descrevem círculos, sempre voltando a uma cidade. Uma vez que tenham permanecido algum tempo nessa cidade, começam novamente suas voltas, chegando a locais tão distantes quanto a Rússia. A cidade central da qual falo é Dresden.

— Dresden! — disse eu. — Não conheço o lugar. Nunca estive lá.

— Bem, ela não tem como se comparar com suas maravilhosas cidades italianas. Não chega aos pés de Paris ou Londres. Mas é a capital da Saxônia e fica às margens do rio Elba. Foi muito embelezada pelos vários duques que a governaram. E invariavelmente, digo invariavelmente, essas criaturas, Pandora e seu companheiro, voltam a Dresden. Pode ser que demore mais de vinte anos, mas eles voltam a Dresden.

Emudeci de emoção. Será que esse padrão tinha a intenção de que eu o interpretasse? Será que esse padrão tinha o objetivo de que eu o descobrisse? Será que era como uma gigantesca teia de aranha circular destinada a mais cedo ou mais tarde me apanhar?

Por que outro motivo Pandora e seu companheiro levariam uma vida daquelas? Eu não conseguia imaginar. Mas como ousava acreditar que Pandora sequer se lembrasse de mim? Ela havia escrito na pedra da parede da igreja o próprio nome, não o meu.

Afinal, dei um forte suspiro.

— Como posso lhe dizer o que tudo isso representa para mim? — perguntei. — Você me passou uma informação maravilhosa. Vou encontrá-la.

— Agora — disse ele, com extrema confiança —, vamos tocar no outro assunto que mencionei na minha carta?

— Amadeo — murmurei. — O que aconteceu ao dissidente? Não percebo nenhum bebedor de sangue neste lugar. Estou enganado? Ou a criatura está muito distante daqui ou os abandonou.

— O monstro deixou-nos pouco depois que eu lhe escrevi. Quando se deu conta de que podia caçar suas vítimas por toda essa região rural, ele se foi. Nada pudemos fazer para controlá-lo. Nossos apelos para que se alimentasse somente de homens malévolos não significaram nada para ele. Nem mesmo sei se ele ainda existe.

— Vocês devem se proteger desse indivíduo — disse eu. Olhei ao redor de mim, para o espaçoso aposento de pedra. — Este castelo parece ser de tamanho e força notáveis. Mesmo assim, estamos falando de um bebedor de sangue.

Ele fez que sim.

— Aqui estamos bem protegidos, Marius. Não permitimos a entrada de todo o mundo como permitimos a você, pode acreditar em mim. Mas você agora gostaria de ouvir o que ele nos contou?

Abaixei a cabeça. Eu sabia o que Raymond ia me dizer.

— Os adoradores de Satã — disse eu, usando os termos mais específicos —, aqueles mesmos que incendiaram minha casa em Veneza, eles atacam seres humanos em Paris. E meu brilhante aprendiz de cabelos ruivos, Amadeo, ainda é seu líder?

— Ao que saibamos, sim. Eles são muito espertos. Caçam entre os pobres, os enfermos, os marginalizados. O renegado que nos disse isso explicou que eles temem "lugares da luz", como os chamam. Adotaram a crença de que não é a vontade de Deus que eles se vistam bem ou que entrem em igrejas. E o seu Amadeo agora atende pelo nome de Armand. O renegado contou que Armand tem o fanatismo dos convertidos.

Eu estava por demais consternado para dizer alguma coisa.

Fechei os olhos e, quando os abri, estava olhando para o fogo que ardia muito bem na lareira funda.

E então lentamente voltei-me para Raymond Gallant, que tinha os olhos fixos atentamente em mim.

— Já lhe contei tudo, na verdade — disse ele. Dei-lhe um sorriso triste, fraco, e fiz que sim.

— Você foi realmente generoso. E muitas vezes no passado, quando alguém era generoso comigo, eu tirava da túnica uma bolsa de ouro. Mas algo dessa ordem é necessário aqui?

— Não — respondeu ele, simpático, abanando a cabeça. — Não precisamos de ouro, Marius. Ouro, nós sempre tivemos em quantidade. O que é a vida sem o ouro? Mas nós o temos.

— Então o que posso fazer por você? — perguntei. — Devo-lhe algo. Estou lhe devendo desde a noite em que nos falamos em Veneza.

— Converse com alguns dos nossos membros — respondeu ele. — Permita que entrem na sala. Permita que o vejam. Que lhe façam perguntas. É isso o que você pode fazer por mim. Diga-lhes apenas o que quiser dizer. Mas crie para

eles uma verdade que possa ser registrada para estudo por outros.

— Pois não. Disponho-me a fazer isso, mas não nesta biblioteca, Raymond, por bela que seja. Precisamos estar num lugar aberto. Tenho um medo instintivo de mortais que sabem o que eu sou. — Fiz uma pausa. — Na realidade, acho que nunca estive cercado de mortais desse tipo.

Ele refletiu por um instante. E então falou.

— Nosso pátio é muito barulhento, muito perto das estrebarias. Que seja numa das torres, então. Vai ser frio, mas direi a todos que devem se agasalhar bem.

— Vamos escolher a Torre Sul para essa finalidade? — sugeri. — Não tragam archotes. A noite está clara e de lua cheia. Todos terão condição de me enxergar.

Saí então da sala, sorrateiro, desci apressado a escada e passei com facilidade por uma das estreitas janelas na parede de pedra. Com uma velocidade sobrenatural, segui até as ameias da Torre Sul, e ali esperei no vento agradável até que todos estivessem reunidos ao meu redor.

É claro que parecia que eu me havia transportado por meio de magia, mas o fato de não ter sido por esse meio era uma das coisas que eu pretendia lhes revelar.

Dentro de um quarto de hora, todos estavam ali reunidos, uns vinte homens bem vestidos, tanto jovens como velhos, e duas mulheres vistosas. E eu me encontrava no centro de uma roda.

Nada de archotes, não. Eu não estava me expondo a nenhum perigo concebível.

Por um bom tempo, deixei que olhassem para mim e formassem de mim o conceito que quisessem. Só então, falei.

— Vocês precisam me dizer o que querem saber. Por mim, posso afirmar simplesmente que sou um bebedor de sangue. Estou vivo há centenas de anos e me lembro com nitidez de quando era mortal. Isso foi na época do Império Romano. Podem registrar isso. Nunca separei minha alma daquela época mortal. Recuso-me a fazê-lo.

Por um instante, seguiu-se apenas o silêncio, mas então Raymond começou com as perguntas.

Tivemos, sim, um "início", expliquei, mas não podia dizer nada a respeito. Sim, nós nos tornávamos cada vez mais fortes com o tempo. Sim, nossa tendência era a de ser criaturas solitárias ou de escolher nossos companheiros com muito cuidado. Sim, podíamos criar outros. Não, não éramos instintivamente malignos, e sentíamos um profundo amor por mortais, o que costumava ser nossa desgraça em termos espirituais.

Houve inúmeras outras perguntas sem importância. E eu respondi na medida da minha capacidade. Recusei-me a dizer o que quer que fosse sobre nossa vulnerabilidade ao sol ou ao fogo. Quanto ao "bando de vampiros" em Paris e Roma, eu pouco sabia.

— Chegou a hora de eu ir embora — disse eu, finalmente. — Viajarei centenas de quilômetros antes do amanhecer. Resido em outro país.

— Mas de que modo você viaja? — perguntou um deles.

— Com o vento — disse eu. — É um dom que me veio com a passagem dos séculos.

Fui até Raymond e o abracei mais uma vez. Depois, voltando-me para alguns dos outros, convidei-os a vir me tocar para que pudessem ver que eu era um ser real.

Afastei-me, apanhei minha faca, cortei minha mão com ela e estendi a mão para que todos vissem o ferimento se fechar.

Houve gritos abafados.

— Agora preciso ir. Raymond, minha gratidão e meu amor — disse eu.

— Mas espere — disse um dos mais idosos dos homens. O tempo todo havia ficado mais para trás, apoiado numa bengala, escutando com tanta atenção quanto todos os outros. — Tenho uma última pergunta a lhe fazer, Marius.

— Pergunte — respondi de imediato.

— Você tem algum conhecimento a respeito das nossas origens? Por um instante, fiquei intrigado. Não conseguia entender direito o que ele pretendia saber com aquela pergunta. Então Raymond manifestou-se:

— Você tem algum conhecimento de como a Talamasca surgiu? É isso o que estamos lhe perguntando.

— Não — disse eu, em mudo espanto.

Um silêncio caiu sobre todos eles, e eu logo me dei conta de que eles mesmos estavam confusos sobre como a Talamasca havia surgido. E então voltou a me ocorrer que Raymond me dissera algo dessa ordem quando o conheci.

— Espero que encontrem suas respostas — disse eu. E então parti pela escuridão afora.

Mas não me afastei de todo. Fiz o que deixara de fazer ao chegar. Pairei ali bem perto, mas fora do alcance da sua visão e audição. E, com meus poderosos dons, escutei-os enquanto percorriam suas muitas torres e suas muitas bibliotecas.

Como eram misteriosos, como eram dedicados, como eram estudiosos.

Alguma noite no futuro remoto, eu voltaria a procurá-los, só para aprender mais sobre eles. Mas naquele momento eu precisava retornar ao santuário e a Bianca.

Ela ainda estava acordada quando entrei no recinto abençoado. E vi que havia acendido as cem velas. Era uma cerimônia que eu às vezes deixava de cumprir, e que me agradou muito.

— E gostou da sua visita à Talamasca? — perguntou ela, com a voz franca. Tinha no rosto a sedutora expressão de simplicidade que sempre me levava a contar-lhe tudo.

— Adorei. Descobri que são os estudiosos honestos que afirmavam ser. Transmiti-lhes o conhecimento que pude, mas de modo algum tudo o que poderia, pois isso teria sido uma insensatez. Mas tudo o que eles buscam é conhecimento, e eu os deixei mais que satisfeitos.

Ela contraiu os olhos como se não conseguisse imaginar direito o que a Talamasca era, e eu a compreendi.

Sentei-me ao seu lado, abracei-a junto ao meu corpo e enrolei a capa de peles em volta de nós dois.

— Você está com o cheiro bom do vento frio — disse ela. — Talvez nós estejamos destinados a ser criaturas do santuário apenas, criaturas dos céus gelados e das montanhas inóspitas.

Eu não disse nada, mas no íntimo só tinha um pensamento: a distante cidade de Dresden. Pandora mais cedo ou mais tarde sempre voltava a Dresden.

CAPÍTULO 31



UNS CEM ANOS SE PASSARIAM antes que eu encontrasse Pandora.

Durante esse período meus poderes cresceram enormemente. Na noite após meu retorno da visita à Talamasca na Inglaterra, testei todos eles e me certifiquei de que nunca mais eu ficaria à mercê dos facínoras de Santino. Por muitas noites, deixei Bianca sozinha enquanto me assegurava da minha superioridade.

E, quando senti total confiança na minha velocidade, no Dom do Fogo e de um poder incomensurável para a destruição por meio da força invisível, fui a Paris sem nenhuma outra intenção além de espiar o bando de Amadeo.

Antes de sair nessa pequena aventura, confessei a Bianca meus objetivos e ela de imediato me implorou que não me expusesse a um perigo desses.

— Não, deixe-me ir — respondi. — Eu agora talvez conseguisse ouvir a voz dele através dos quilômetros se a isso me dispusesse. Mas preciso ter certeza do que ouvir e do que ver. E vou lhe dizer mais. Não tenho desejo algum de resgatá-lo.

Ela se entristeceu com isso, mas pareceu compreender. Mantinha-se no seu lugar de costume no canto do santuário e apenas fez que sim e extraiu de mim a promessa de que eu teria o máximo cuidado.

Assim que cheguei a Paris, alimentei-me de um de diversos assassinos, com o poderoso Dom do Encantamento, atraindo-o do local em que se encontrava numa estalagem confortável. E então procurei refúgio num alto campanário da própria Notre Dame de Paris para tentar escutar os canalhas.

De fato, tratava-se de um enorme ninho dos seres mais odiosos e desprezíveis; e eles haviam descoberto uma catacumba para sua morada em Paris, exatamente como haviam feito na antiga Roma, séculos antes.

Essa catacumba ficava por baixo do cemitério chamado de Les Innocents, e esse nome parecia tragicamente adequado quando se ouviam seus votos e cantilenas apatetadas antes que se espalhassem pela noite adentro para trazer tanto a crueldade quanto a morte ao povo de Paris.

"Todos por Satã, todos pela Besta, todos a serviço de Deus; e depois de volta à nossa existência de penitências."

Através de muitas mentes diferentes, não foi para mim difícil encontrar onde estava meu Amadeo, e em cerca de uma hora da minha chegada a Paris, eu o seguia enquanto ele caminhava por uma estreita rua medieval, sem jamais imaginar que eu o estivesse observando do alto num silêncio amargurado.

Vestia farrapos, o cabelo estava todo grudado de sujeira; e, quando encontrou sua primeira vítima, deu-lhe uma morte dolorosa que me deixou estarrecido.

Por uma hora ou mais, meus olhos o acompanharam enquanto ele avançava, alimentando-se de mais uma criatura infeliz, para depois dar a volta para retornar ao enorme cemitério.

Encostado na pedra fria do quarto da torre, ouvi-o nas profundezas da sua cela reunir seu "bando", como agora chamava seu grupo, exigindo de cada um ou de cada uma que relatasse como havia atormentado, pelo amor a Deus, a população local.

— Filhos das Trevas, está quase amanhecendo. Cada um de vocês deverá agora abrir a alma para mim.

Como era firme, como era clara sua voz. Como tinha certeza do que estava dizendo. Como era rápido em censurar qualquer Filho de Satã que não tivesse abatido mortais de modo impiedoso. Era a voz de um homem que eu ouvia saindo dos lábios do menino que havia conhecido outrora. Dava-me arrepios.

— Por que você recebeu a Dádiva Negra? — perguntou ele a um molengão. — Amanhã à noite terá de atacar duas vezes. E, se todos vocês não me derem uma devoção maior, eu os punirei pelos seus pecados e providenciarei a entrada de outros no bando.

Finalmente, não consegui escutar mais. Sentia repugnância.

Imaginei que descia até seu mundo subterrâneo; que o arrastava de lá enquanto incendiava seus seguidores e o forçava a vir à luz; que o levava comigo ao santuário d'Aqueles Que Devem Ser Preservados e lhe implorava que repudiasse sua vocação.

Mas não agi assim. Não podia agir assim.

Havia muitos e muitos anos, ele era um deles. Sua mente, sua alma, seu corpo pertenciam àqueles que comandava; e nada que eu lhe havia ensinado lhe dera a força para se opor a eles.

Ele não era mais o meu Amadeo. Era isso o que eu tinha vindo a Paris para descobrir; e agora conhecia a verdade.

Senti tristeza. Senti desespero. Mas talvez tivessem sido a raiva e a repulsa que me fizeram deixar Paris naquela noite, dizendo a mim mesmo no fundo que ele precisaria se libertar espontaneamente da sinistra mentalidade do bando. Isso eu não poderia fazer por ele.

Enorme e prolongado havia sido meu esforço em Veneza para apagar da sua lembrança o Mosteiro das Grutas. E agora ele encontrava outro lugar de rígido ritual e renúncia. E os anos que passara comigo não o haviam protegido dessa influência. Na realidade, havia muito tempo um círculo voltara a fechar-se para ele. Ele mais uma vez era o padre. Era o

Louco por Satã, como no passado havia sido o Louco por Deus na remota Rússia. E seu breve período comigo em Veneza não havia sido nada.

Quando contei tudo isso a Bianca, quando dei as melhores explicações que pude, ela ficou triste mas não insistiu comigo.

Tudo estava tranqüilo entre nós, como sempre, com Bianca me escutando para então dar sua própria resposta, sem raiva.

— Talvez com o tempo, você mude de idéia — disse ela. — É você quem tem o poder para ir lá, para lutar com aqueles que reteriam Amadeo se você tentasse levá-lo. E creio que é isso o que seria necessário: que você o apanhasse à força, que insistisse com ele para que viesse aqui para estar com você e ver os Pais Divinos. Eu não tenho o poder para isso. Peço apenas que pense no assunto, que não tome uma férrea decisão contrária a ele.

— Dou-lhe minha palavra, Bianca. Não tomei uma decisão dessas. Mas não creio que a visão dos Pais Divinos mude o coração de Amadeo. — Fiz uma pausa.

Pensei em tudo isso por um bom tempo e então fui mais direto com ela.

— Faz pouco tempo que você compartilha desse conhecimento comigo — disse eu. — E nos Pais Divinos nós dois vemos enorme beleza. Mas Amadeo bem poderia ver algo diferente. Lembre-se do que eu lhe disse dos longos séculos que deixei para trás. Os Pais Divinos não falam. Os Pais Divinos não redimem. Os Pais Divinos nada pedem.

— Entendo — disse ela.

Mas ela não entendia. Não havia passado tempo suficiente com o Rei e a Rainha. Não tinha nenhuma condição de compreender o total efeito da sua passividade. Mas prossegui em tom ameno:

— Amadeo possui uma crença e um aparente lugar nos projetos de Deus — disse eu. — Ele bem poderia ver nossa Mãe e Pai como um enigma que pertencia a uma era pagã. Isso

não lhe animaria o coração. Isso não lhe daria a força que ele extrai do seu rebanho. E pode acreditar em mim, Bianca, ele é o líder lá. Nosso menino de tanto tempo atrás está velho agora. E um sábio para os Filhos das Trevas, como eles se intitulam. — Dei um suspiro.

Um pequeno lampejo de memória rancorosa voltou a mim: de Santino me perguntando quando nos conhecemos em Roma se Aqueles Que Devem Ser Preservados eram sagrados ou profanos.

Contei isso a Bianca.

— Ah, quer dizer que você falou com essa criatura. Isso você nunca me contou.

— Ah, sim, falei com ele, desprezei-o e o insultei. Fiz todas essas coisas tolas quando o que o momento exigia era algo mais feroz. Na realidade, quando as meras palavras "Aqueles Que Devem Ser Preservados" saíram da sua boca, eu deveria ter acabado com ele.

Ela concordou.

— Cada vez mais eu compreendo. E ainda assim espero que com o tempo você volte a Paris, que você pelo menos se revele a Amadeo. São fracos os outros, não são? E você poderia aparecer a ele em algum local aberto onde pudesse…

— Sei muito bem o que você quer dizer — respondi. — Eu jamais me permitiria ser cercado por archotes. Talvez eu faça o que você sugere. Mas ouvi a voz de Amadeo e não creio que ele possa mudar agora. E há ainda mais um ponto digno de ser mencionado. Amadeo sabe como se livrar do bando.

— Você tem certeza?

— Tenho. Amadeo sabe viver no mundo iluminado e, graças ao meu sangue antigo, ele é dez vezes mais forte que os que dão ouvidos às suas ordens. Ele poderia escapar. É que prefere não fazê-lo.

— Marius — disse ela em tom queixoso —, você conhece meu amor por você e sabe como detesto me opor às suas opiniões.

— Não, diga o que deve dizer — insisti de imediato.

— Pense no que ele sofreu — disse ela. — Ele não passava de uma criança quando aconteceu.

Concordei com isso tudo. Então falei novamente:

— Bem, agora ele não é mais uma criança, Bianca. Pode ser tão lindo quanto era quando o criei por meio do Sangue, mas é um patriarca na poeira. E Paris inteira, a fantástica cidade de Paris, o cerca. Eu o observei enquanto percorria sozinho as ruas da cidade. Não havia ninguém que o impedisse. Poderia ter procurado o Malfeitor como nós procuramos. Mas não procurou. Bebeu à vontade do sangue de inocentes, não uma vez, mas duas.

— Ah, estou entendendo. Foi isso o que o amargurou tanto. Pensei um pouco.

— É, você tem razão. Foi isso o que me fez dar-lhe as costas, se bem que eu nem mesmo me desse conta. Achei que fosse seu modo de falar ao rebanho. Mas você tem razão. Foram aquelas duas mortes, das quais ele extraiu seu banquete de cor e calor, quando Paris fervilhava de mortais imersos em assassinatos que poderiam facilmente ter sido mortos por ele. Ela pousou a mão na minha.

— Se eu decidir arrancar algum desses Filhos das Trevas do seu covil — disse eu —, será Santino.

— Não, mas você não deve ir a Roma. Não sabe se existe algum antigo em meio ao bando.

— Uma noite — disse eu —, uma noite irei lá. Quando estiver mais seguro do poder imenso e quando estiver mais seguro da ira impiedosa que é necessária para destruir muitos outros.

— Acalme-se agora — disse ela. — Perdoe-me. Calei-me por um instante.

Ela sabia quantas noites eu havia perambulado sozinho. Agora eu precisava confessar o que andara fazendo naquelas noites. Agora precisava dar início ao meu plano secreto. Pela primeira vez em todos os nossos anos juntos, eu precisava

forçar uma cunha entre nós dois, ao mesmo tempo em que lhe dava exatamente o que ela queria.

— Mas vamos deixar Amadeo de lado — disse eu. — Meu pensamento está voltado para assuntos mais alegres.

Ela se interessou imediatamente. Estendeu a mão e afagou meu rosto e cabelo, como era seu costume.

— Fale.

— Há quanto tempo você me perguntou se poderíamos ter nossa própria morada?

— Ai, Marius, não brinque comigo. É possível?!

— Minha querida, é mais que possível — disse eu, animado pelo seu sorriso radiante. — Descobri um lugar esplêndido, uma linda cidadezinha às margens do rio Elba, na Saxônia.

Por isso, recebi um beijo carinhosíssimo.

— Bem, nessas noites em que saí sozinho, tomei a liberdade de adquirir um castelo perto da cidade, um lugar em péssimo estado de conservação, e espero que você me perdoe…

— Marius, essa é uma notícia fantástica!

— Já gastei um valor considerável na reforma: novos pisos e escadas de madeira, janelas de vidro e mobília em quantidade.

— Ai, mas isso é maravilhoso — disse ela, enlaçando-me com os braços.

— Que alívio saber que você não está com raiva de mim — disse eu — por eu ter me decidido tão rápido sem você. Pode-se dizer que me apaixonei pelo lugar e, tendo levado lá alguns carpinteiros e negociantes de tecidos, falei dos meus sonhos e agora tudo está sendo feito de acordo com minhas instruções.

— Ai, como eu poderia sentir raiva? — disse ela. — E o que mais quero neste mundo.

— Esse castelo tem mais um aspecto que devo revelar — disse eu. — Embora o prédio mais moderno por cima seja mais parecido com um palácio que com um castelo, suas fundações são bem antigas. Na realidade, uma boa parte das fundações foi construída em tempos remotos. E há criptas enormes no subterrâneo, além de um verdadeiro calabouço.

— Você está pretendendo transferir os Pais Divinos? — perguntou ela.

— Estou. Acho que está na hora. Você sabe tanto quanto eu que estão surgindo novas cidades e povoados por toda parte à nossa volta. Não estamos isolados aqui. É, quero transferir os Pais Divinos.

— Se você está dizendo, *é* claro que concordo com você. — Ela estava feliz demais para disfarçar. — Mas será que é seguro lá? Você não os trouxe para este lugar remoto para nunca precisar temer que fossem descobertos?

Pensei algum tempo nisso antes de responder.

— Lá *é* seguro — disse eu, afinal. — E, com o passar dos séculos, o mundo dos não-mortos muda em redor de nós. E não consigo suportar mais este lugar. Por isso, vou levá-los para um lugar novo. E não há nenhum bebedor de sangue por lá. Procurei por eles por toda parte. Eles não estão lá. Não ouço nenhum jovem. Não ouço nenhum antigo. Creio que é seguro. E talvez a resposta mais verdadeira a essa lógica seja a seguinte: eu quero levá-los para lá. Quero um lugar novo. Quero novas montanhas e novas florestas.

— Entendo — disse ela. — Ai, entendo, sim — repetiu. — E mais que nunca, acredito que podem se defender. Ah, eles precisam de você, disso não tenho dúvida, e foi por isso que naquela noite abriram a porta para você e acenderam as lâmpadas. Ainda me lembro com perfeita nitidez. Mas passo longas horas aqui apenas a contemplá-los. E tenho muitos pensamentos durante essas horas. E creio que eles se defenderiam de qualquer um que procurasse feri-los.

Não discuti com ela. Não me dei ao trabalho de lhe relembrar que séculos atrás eles haviam permitido que os expusessem ao sol. Qual era o objetivo? E ao que me fosse

dado saber, ela estava certa. Eles esmagariam qualquer um que tentasse sujeitá-los a um mal semelhante.

— Ora, vamos — disse ela, vendo que eu estava ensimesmado. — Estou feliz demais com essa boa notícia. Compartilhe da minha felicidade.

Ela me deu um beijo como se não conseguisse se controlar. Como era inocente naqueles momentos.

E eu, eu estava mentindo para ela, realmente mentindo para ela pela primeira vez em todos os nossos anos juntos.

Estava mentindo porque não lhe dissera uma palavra sequer a respeito de Pandora. Estava mentindo por não acreditar que ela não nutrisse nenhum ciúme de Pandora. E porque não podia lhe dizer que meu amor por Pandora estava no próprio cerne do que eu estava fazendo. Que criatura iria querer revelar um plano daqueles a uma amante?

Eu pretendia que residíssemos em Dresden. Pretendia permanecer em Dresden. Pretendia estar perto de Dresden a cada anoitecer da minha existência, até a hora em que Pandora voltasse. E isso eu não podia contar a Bianca.

Por esse motivo, fingi que era por ela que eu havia escolhido aquela bela morada, e de fato era para ela, sem a menor dúvida. Era para deixá-la feliz, sim. Mas essa não era toda a história.

Naquele mesmo mês, começamos as obras do novo santuário, transformando totalmente o calabouço do castelo na Saxônia num local digno do Rei e da Rainha.

Douradores, pintores e pedreiros foram levados pela escadaria de pedra abaixo para embelezar o calabouço até ele se transformar na mais maravilhosa das capelas particulares.

O trono foi folheado a ouro, da mesma forma que o tablado.

E mais uma vez adquiriram-se as lâmpadas de bronze adequadas, novas em folha. Havia também primorosos candelabros de ouro e prata.

Sozinho, trabalhei nas pesadas portas de ferro e suas complexas trancas.

Quanto ao castelo, ele era mais um palácio que um castelo, como já disse, tendo sido reconstruído algumas vezes. E era encantadora sua localização acima das margens do Elba, cercado por uma linda floresta de faias, carvalhos e bétulas. Havia um terraço do qual se podia contemplar o rio lá embaixo, e das muitas janelas de bom tamanho, via-se ao longe a cidade de Dresden.

É claro que nunca iríamos à caça em Dresden ou nos povoados circunvizinhos. Iríamos longe, como sempre havia sido nosso costume. E tocaiaríamos os salteadores da floresta, atividade que se tornara um esporte habitual para nós.

Bianca tinha algumas preocupações. E foi só com relutância que ela me confessou ter medo de morar num local onde não pudesse caçar sozinha sem mim.

— Dresden tem tamanho suficiente para satisfazer seu apetite — disse eu —, caso eu não possa levá-la a outros locais. Você vai ver. É uma bela cidade, uma cidade jovem, devo dizer, mas sob o comando do duque da Saxônia ela está progredindo de modo esplêndido.

— E você tem certeza disso? — perguntou ela.

— Ah, tenho certeza, sim. E, como lhe disse, também tenho certeza de que as florestas da Saxônia e da região vizinha, da Turíngia, contêm uma quantidade de ladrões assassinos que sempre foram um repasto especial para nós.

Ela pensou sobre tudo isso.

— Deixe-me relembrar-lhe, minha querida, que em qualquer noite você pode cortar sua linda cabeleira loura com a total confiança de que ela cresça durante o dia, e você poderá sair vestida de homem, viajando com sua força e velocidade sobrenatural para caçar suas vítimas. Talvez devêssemos ensaiar isso logo depois da nossa chegada.

— É, você me permitiria isso? — perguntou ela.

— Claro que permito. — Eu estava perplexo com sua gratidão. Mais uma vez ela me cobriu de beijos de

agradecimento.

— Mas preciso alertá-la para um ponto — disse eu. — A área para a qual estamos nos mudando tem muitos lugarejos pequenos, e neles a crença em bruxaria e em vampiros é bem forte.

— Vampiros — disse ela. — Essa *é* a palavra usada pelo seu amigo da Talamasca.

— É — respondi. — Precisamos sempre encobrir os sinais do nosso banquete para que não nos tornemos de imediato uma lenda.

Ela riu.

Finalmente o castelo ou *schloss,* como eram chamados naquela parte do mundo, ficou pronto, e chegou a hora de fazermos nossos preparativos.

No entanto, havia mais uma preocupação na minha cabeça, e eu era atormentado por ela. Afinal, uma noite, quando Bianca dormia no seu canto, decidi-me a tratar do assunto.

Ajoelhei-me no mármore nu em oração à minha Akasha, bela e imóvel, e lhe perguntei de modo totalmente específico se permitiria que Bianca bebesse dela.

— Essa terna criatura é sua companheira há tantos anos — disse eu. — E seu amor por você não tem limites. Dou-lhe meu sangue fortíssimo repetidamente. Mas o que *é* o meu sangue em comparação com o seu? Temo por ela, se algum dia viermos a nos separar. Imploro que lhe permita beber. Que lhe dê sua preciosa força.

Seguiu-se apenas o doce silêncio, com o bruxuleio de tantas chamas minúsculas, com o perfume da cera e do azeite, com o cintilar da luz nos olhos da Rainha.

Vi, porém, uma imagem em resposta à minha prece. Vi mentalmente minha linda Bianca com a cabeça encostada no peito da Rainha. E por um instante divino não estávamos no santuário, mas num jardim imenso. Senti a brisa que passava pelas árvores. Senti o perfume das flores.

E então eu estava novamente no santuário, ajoelhado, de braços abertos. No mesmo instante, com sussurros e gestos, chamei Bianca para junto de mim. Ela obedeceu, não fazendo a menor idéia do que eu tinha em mente, e eu a conduzi até perto do pescoço da Rainha, enquanto a encobria para sentir se Enkil quisesse erguer o braço.

— Beije-a no pescoço — murmurei.

Bianca tremia. Acho que agora estava a ponto de cair chorando, mas fez o que mandei. E então vi que fincava as pequenas presas na pele da Rainha, e senti seu corpo enrijecer nos meus braços.

Estava acontecendo.

Por um bom tempo, ela bebeu, e eu parecia ouvir as pulsações dos dois corações em luta, um grande, o outro pequeno. Bianca então caiu para trás, e eu a recolhi nos meus braços, vendo que os dois ferimentos minúsculos no pescoço de Akasha se fechavam.

Estava acabado.

Retirando-me para o canto, segurei Bianca junto a mim. Ela deu alguns suspiros, ondulou o corpo, voltou-se na minha direção e se aconchegou a mim. Estendeu então a mão e olhou para ela. E nós dois pudemos ver que estava mais branca agora, se bem que ainda tivesse a cor da carne humana.

Foi um assombro como minha alma se tranqüilizou com esse acontecimento. Só agora estou confessando o que significou para mim. Pois, tendo mentido a Bianca, eu convivia com uma culpa insuportável, e agora, depois de lhe dar esse presente do Sangue da Mãe, senti um alívio enorme.

Era minha esperança que a Mãe permitisse a Bianca beber novamente; e na realidade isso veio mesmo a acontecer. Aconteceu com freqüência. E, a cada dose do Sangue Divino, Bianca ficava imensamente mais forte.

Mas deixe-me prosseguir com a história na ordem.

A viagem a partir do santuário foi trabalhosa. Como no passado, precisei confiar em mortais para o transporte dos Pais Divinos em pesados caixões de pedra, e isso me causou

alguma preocupação. Mas não tanto quanto em épocas anteriores. Acho que eu estava convencido de que Akasha e Enkil podiam se proteger.

Não sei o que me deu essa impressão. Talvez o fato de terem aberto o santuário para mim e acendido as lâmpadas quando eu estava tão fraco e angustiado.

Fosse qual fosse o caso, eles foram levados para nosso novo lar sem dificuldade; e enquanto Bianca observava em total reverência, tirei-os dos caixões e os sentei juntos no trono.

Seus movimentos lentos e obedientes, sua apática maleabilidade — esses aspectos pareciam deixá-la levemente horrorizada.

No entanto, como agora havia bebido do Sangue da Mãe, prontamente uniu-se a mim para ajeitar seu vestido de tecido fino, bem como o saiote de Enkil. Ela me ajudou a arrumar o cabelo trançado. Ajudou-me a pôr no lugar os braceletes da Rainha.

Quando terminamos, eu mesmo cuidei das lâmpadas e das velas. Depois, nós dois nos ajoelhamos em prece, pedindo que o Rei e a Rainha estivessem satisfeitos naquele seu novo lugar.

E depois disso partimos para descobrir os salteadores na floresta. Já tínhamos ouvido a voz deles. Logo rastreamos seu cheiro e em seguida estávamos fazendo um belo banquete no bosque, com um tesouro escondido de ouro roubado para tornar tudo ainda mais esplêndido.

Estamos de novo no mundo, exclamou Bianca. Dançava dando voltas no grande saguão do castelo. Estava maravilhada com toda a mobília e adereços que enchiam nossos novos aposentos. Adorava nossas luxuosas camas artesonadas e todas as cortinas coloridas.

Eu também estava me deliciando com aquilo.

No entanto, estávamos de pleno acordo quanto a não querermos viver no mundo como eu havia vivido em Veneza. Isso era simplesmente por demais perigoso. E assim, com

poucos criados, nós nos mantínhamos totalmente isolados; e os rumores em Dresden eram de que nossa casa pertencia a um senhor e uma senhora que moravam em outra parte.

Quando nos interessava visitar catedrais importantes — e delas havia muitas — ou imponentes cortes de reis, íamos a alguma distância da nossa casa — a outras cidades como Weimar, Eisenbach ou Leipzig; e nos envolvíamos em extraordinária fortuna e mistério. Era tudo muito reconfortante depois da nossa vida árida nos Alpes. E nós nos comprazíamos imensamente com aquilo tudo.

No entanto, a cada pôr-do-sol meus olhos se fixavam em Dresden. A cada pôr-do-sol, eu tentava escutar o som de um poderoso bebedor de sangue — em Dresden.

E assim os anos foram passando.

Com eles, chegaram mudanças radicais nos trajes que nos causavam enorme divertimento. Logo estávamos usando perucas sofisticadas que considerávamos ridículas. E como eu desprezava as calças que logo entraram na moda, bem como os sapatos de salto alto e as meias brancas que as acompanhavam.

Na nossa tranqüila reclusão, não podíamos ter criadas suficientes para Bianca, e por isso era eu quem amarrava seu espartilho justo. Mas que visão maravilhosa ela era com seus corpetes decotados e as anquinhas largas e ondulantes.

Durante essa época, escrevi muitas vezes para a Talamasca. Raymond morreu aos oitenta e nove anos de idade, mas eu logo criei uma ligação lá com uma jovem chamada Elizabeth Nollis que estava encarregada pessoalmente de examinar minhas cartas a Raymond.

Ela confirmou para mim que Pandora ainda era vista com seu companheiro asiático. Implorou que eu lhe transmitisse o que pudesse informar a respeito dos meus próprios poderes e hábitos; mas quanto a esse ponto não quis revelar muito. Falei da leitura de pensamentos e do desafio à gravidade. Mas deixei-a enlouquecida com minha falta de detalhes específicos.

O resultado mais importante e mais misterioso dessas cartas foi que ela muito me falou da Talamasca. Disse que era difícil imaginar o quanto a Ordem era rica e que essa era a fonte da sua imensa liberdade. Eles haviam recentemente instalado uma Casa-Matriz em Amsterdã e também na cidade de Roma.

Isso foi para mim uma surpresa total, e eu a advertia a respeito do bando de Santino.

Ela então me enviou uma resposta que me espantou.

"Parece que esses estranhos senhores e senhoras sobre os quais escrevemos no passado não estão mais na cidade na qual residiram com prazer tão evidente. Na realidade, é muito difícil para nossa Casa-Matriz naquela cidade encontrar relatos das atividades que se poderiam esperar desse tipo de gente."

O que isso queria dizer? Teria Santino abandonado seu bando? Teriam eles se transferido para Paris em massa? E em caso positivo, por quê?

Sem dar explicações à minha tranqüila Bianca — que cada vez mais caçava sozinha — fui explorar eu mesmo a Cidade Santa, chegando a ela pela primeira vez em duzentos anos.

Eu estava desconfiado, na realidade, estava muito mais desconfiado do que me disporia a admitir a quem quer que fosse. De fato, o medo do fogo me dominou com uma intensidade tão terrível que, quando cheguei, não pude fazer nada além de me manter bem no alto da Basílica de São Pedro e contemplar Roma de cima com olhos frios e envergonhados, incapaz por um bom tempo de escutar com meus ouvidos de bebedor de sangue, por mais que lutasse para me controlar.

Logo porém, através do Dom da Mente, soube que havia apenas alguns bebedores de sangue a encontrar em Roma, e que esses eram caçadores solitários desprovidos do consolo de companheiros. Eram também fracos.

E, enquanto eu violava sua mente, dei-me conta de que pouco sabiam de Santino!

Como isso podia ter acontecido? Como esse ser que destruíra tanto da minha vida tinha se libertado da sua própria existência desgraçada?

Furioso, aproximei-me de um desses bebedores de sangue solitários e logo o abordei, o que o aterrorizou, e com razão.

— O que me diz de Santino e do bando de Roma? — perguntei.

— Sumiram, sumiram todos — disse ele — há anos. Quem é você para ter conhecimento desses assuntos?

— Santino! — disse eu. — Para onde foi? Diga-me!

— Mas ninguém sabe a resposta — disse ele. — Jamais cheguei a vê-lo.

— Mas alguém o criou — disse eu. — Quem foi?

— Quem me criou ainda mora nas catacumbas onde o bando costumava se reunir. E louco. Ele não terá como ajudá-lo.

— Prepare-se para encontrar Deus ou o Diabo — disse eu. E com a mesma rapidez acabei com ele. Isso eu fiz com o menor sofrimento possível. E em seguida ele não era mais que uma mancha de gordura na terra, e nessa mancha esfreguei meu pé antes de me dirigir às catacumbas.

Ele falara a verdade.

Havia apenas um bebedor de sangue naquele lugar, mas eu o encontrei repleto de caveiras exatamente como havia sido mil anos antes.

O bebedor de sangue era um apatetado e, quando me viu nos meus belos trajes de cavalheiro, olhou fixo para mim e me apontou o dedo.

— O Diabo chega com classe — disse ele.

— Não, é a morte que chega — disse eu. — Por que você fez aquele outro que eu destruí esta noite?

Minha confissão não lhe causou nenhuma impressão.

— Faço outros para serem meus companheiros. Mas de que adianta? Eles se voltam contra mim.

— Onde está Santino? — perguntei.

— Já se foi há muito. E quem iria um dia imaginar? — Tentei ler sua mente, mas ele era por demais desequilibrado e cheio de pensamentos perturbados. Era como caçar camundongos em debandada.

— Olhe para mim, quando você o viu pela última vez?

— Ah, décadas atrás — disse ele. — Não sei em que ano. O que os anos representam aqui?

Dele não consegui obter mais nada. Olhei ao redor do local lúgubre com suas poucas velas gotejando cera sobre caveiras amareladas; e então, voltando-me para a criatura, eu a destruí com o Dom do Fogo, com a mesma compaixão que tivera ao destruir o outro. E creio que se tratou realmente de um gesto de misericórdia.

Restava apenas um, e esse levava uma vida muito melhor que a dos outros dois. Encontrei-o numa residência elegante, uma hora antes do amanhecer. Com pouca dificuldade, soube que ele mantinha um esconderijo no subterrâneo da casa, mas que passava suas horas de ócio lendo nos aposentos pouco numerosos e bem decorados. E até que se vestia com um apuro sofrível.

Também descobri que ele não conseguia detectar minha presença. Tinha a aparência de um mortal dos seus trinta anos, e estava no Sangue havia uns trezentos.

Abri afinal sua porta, quebrando a tranca, e apareci diante dele quando ele, com horror, se levantava da sua escrivaninha.

— Santino — disse eu —, o que houve com Santino?

Embora tivesse se alimentado fartamente, ele era emaciado, com ossos enormes e o cabelo negro e comprido. E apesar de estar vestido com elegância no estilo do século XVII, sua renda estava encardida e empoeirada.

— Com mil demônios — disse ele, entre dentes —, quem é você? De onde veio?

Novamente, veio aquela incrível confusão mental que derrotava minha capacidade de extrair pensamentos ou informações.

— Vou lhe dar uma resposta a essas perguntas — disse eu —, mas você primeiro tem de me responder. Santino. O que aconteceu a Santino?

Dei alguns passos determinados na direção dele, o que o lançou num paroxismo de terror.

— Acalme-se agora — disse eu. Tentei novamente ler seu pensamento, mas sem êxito. — Não tente fugir. Você não vai conseguir. Responda às minhas perguntas.

— Direi o que eu souber — respondeu ele, amedrontado.

— Isso deveria bastar. Ele abanou a cabeça.

— Cheguei aqui vindo de Paris — disse ele, trêmulo. — Quem me enviou foi um vampiro chamado Armand, que é o líder daquele bando.

Fiz que sim como se tudo isso me fosse perfeitamente inteligível, e como se não estivesse sofrendo uma agonia.

— Isso foi há um século, talvez mais. Armand não tinha notícias de Roma havia muito tempo. Vim ver quais eram os motivos para isso. Encontrei o bando de Roma em total confusão.

Ele parou, recuperando o fôlego e se afastando de mim.

— Fale rápido e conte-me mais — disse eu. — Estou impaciente.

— Somente se você me der sua palavra de honra de que não me fará mal. Afinal de contas, eu não lhe fiz mal algum. Não sou cria de Santino.

— O que o faz pensar que eu tenha honra? — perguntei.

— Sei que tem. Tenho um faro para esse tipo de coisa. Dê-me sua palavra de honra, e eu lhe contarei tudo.

— Muito bem, eu juro. Vou deixá-lo com vida, o que é mais do que fiz nesta noite pelos outros dois que assombravam as ruas de Roma como fantasmas. Agora, fale.

— Vim de Paris, como lhe disse. O bando romano estava fraco. Todas as cerimônias tinham sido esquecidas. Um ou dois dos mais velhos tinham entrado no fogo pela própria vontade. Outros simplesmente fugiram, e Santino nada fez para apanhá-los e puni-los. Uma vez que se soube que esse tipo de fuga era possível, muitos outros escaparam, e o bando estava num estado catastrófico.

— E Santino, você o viu?

— Vi, sim. Ele havia passado a vestir-se em trajes finos e a usar jóias; e me recebeu num *palazzo* muito maior que este. Disse-me coisas estranhas. Não consigo realmente me lembrar de tudo.

— Mas precisa se lembrar.

— Ele disse que havia visto os antigos, uma quantidade demasiada dos antigos, e que sua fé em Satã havia sido abalada. Falou de criaturas que pareciam feitas de mármore, muito embora soubesse que elas podiam ser queimadas. Disse que não podia mais ser o líder. Disse-me que não voltasse a Paris, que fizesse o que eu bem entendesse, e foi o que fiz.

— Antigos — disse eu, repetindo suas palavras. — Ele não lhe contou nada desses antigos?

— Falou do grande Marius, e de uma criatura chamada Mael. Falou também de belas mulheres.

— Qual era o nome dessas mulheres?

— Ele não me disse o nome delas. Disse apenas que uma tinha procurado o bando na noite da sua dança cerimonial, uma mulher que parecia uma estátua viva, que ela caminhara no meio do fogo para demonstrar que o fogo de nada adiantava contra ela. Ela destruiu muitos dos novatos que a atacaram.

“Quando Santino revelou atenção e paciência, ela conversou com ele noites seguidas, contando-lhe suas peregrinações. Depois disso, ele perdeu o gosto pelo bando…

"…Mas foi a outra mulher que realmente o destruiu."

— E quem era essa? — perguntei. — Por mais rápido que você fale, ainda está devagar para mim.

— A outra mulher era do mundo, vestida com a máxima elegância, e viajando de carruagem na companhia de um asiático de pele morena.

Fiquei emudecido, e com muita raiva por ele não dizer mais nada.

— O que aconteceu a essa outra mulher? — acabei perguntando, embora milhares de outras palavras me inundassem o pensamento.

— Santino desejava desesperadamente o seu amor. E claro que o asiático o ameaçou de total destruição se não desistisse do seu intento, mas foram as censuras da mulher que acabaram com ele.

— Que censuras, o que ela disse e por quê? — perguntei.

— Não tenho certeza. Santino falou com ela sobre sua antiga devoção e seu fervor na liderança do bando. Ela o condenou. Disse que o tempo o puniria pelo que ele havia feito de mal à sua própria espécie. Ela lhe deu as costas, sentindo repulsa por ele.

Sorri, um sorriso amargo.

— Você entende essas coisas? — perguntou ele. — Era isso o que queria saber?

— Ah, eu as entendo, sim — disse eu.

Voltei-me e fui até a janela. Abri o postigo de madeira e fiquei olhando para a rua lá embaixo.

Não vi nada, mas não conseguia raciocinar.

— O que aconteceu com a mulher e o companheiro asiático? — perguntei.

— Não sei. Desde então, já os vi em Roma. Talvez tenha sido há uns cinqüenta anos. É fácil reconhecê-los porque ela é muitíssimo pálida e seu companheiro tem a pele lisa de um

marrom claro; e embora ela sempre se vista como uma grande dama, ele tem a tendência para o exótico.

Respirei fundo, tranqüilo.

— E Santino? Para onde foi? — perguntei.

— Isso eu não sei lhe dizer, só que ele não tinha ânimo para nada quando conversei com ele. Queria o amor da tal mulher e nada mais. Disse que os antigos haviam destruído a imortalidade para ele e ao mesmo tempo o deixaram com pavor da morte. Não lhe restava nada.

Respirei fundo mais uma vez. Depois dei meia-volta e fixei meu olhar nesse vampiro com todos os seus detalhes consideráveis.

— Escute bem — disse eu. — Se um dia você vir essa criatura novamente, a grande dama que viaja de carruagem, deve dizer-lhe uma coisa em meu nome, e somente isso.

— Pois não.

— Que Marius está vivo e que Marius procura por ela.

— Marius! — disse ele, abafando um grito. Olhou para mim com respeito, embora seus olhos me avaliassem da cabeça aos pés, e então prosseguiu, hesitante. — Mas Santino acredita que você está morto. Acho que foi isso o que ele contou à mulher, que tinha enviado os membros do bando até o norte para atacá-lo.

— Também acho que foi o que ele lhe disse. Agora você trate de se lembrar de ter me visto vivo e de que estou procurando por ela.

— Mas onde ela poderá encontrá-lo?

— Essa informação não lhe posso confiar — disse eu. — Seria loucura minha fazer isso. Mas lembre-se do que eu lhe disse. Se chegar a vê-la, fale com ela.

— Muito bem — respondeu ele. — Espero que a encontre. Sem mais nenhuma palavra, eu o deixei.

Saí então pela noite e por muito tempo perambulei pelas ruas de Roma, avaliando como a cidade havia mudado com os

séculos e como uma parte tão grande continuava igual.

Assombraram-me as relíquias da minha época que ainda estavam de pé. Como apreciei as poucas horas que tinha para percorrer as ruínas do Coliseu e do Fórum. Subi a colina onde havia morado. Encontrei alguns blocos de pedra ainda das antigas paredes da minha casa. Perambulei atordoado, olhando assustado para as coisas porque meu cérebro estava febril.

Na verdade, eu mal conseguia conter minha empolgação decorrente do que ouvira, e no entanto estava agoniado por Santino me haver escapado.

Mas, ai, que ironia maravilhosa que ele tivesse se apaixonado por ela! Que ela o tivesse rejeitado! E imaginar que ele lhe confessara todos os seus atos assassinos, como isso era odioso. Será que ele estava se vangloriando enquanto falava com ela?

Afinal meu coração estava sob meu controle. Eu podia conviver com o que o jovem vampiro me havia informado. Eu logo depararia com Pandora, isso eu sabia.

Quanto à outra antiga, a que tinha andado no meio do fogo, naquela época eu não conseguia imaginar quem era, se bem que agora eu acredite saber de quem se tratava. Na realidade, tenho quase certeza disso. E me pergunto o que a arrancou do seu estilo de vida secreto para ir conceder uma libertação misericordiosa aos seguidores de Santino.

Afinal a noite quase toda se passara, e eu voltei para casa para estar com minha Bianca, a sempre paciente.

Quando desci a escada de pedra do subterrâneo, encontrei-a adormecida, encostada no caixão, como se tivesse estado à minha espera. Usava uma camisola longa de seda branca transparente, com laços nos pulsos, e seu cabelo estava solto e brilhante.

Levantei-a, beijei-lhe os olhos que se fechavam e a pus para dormir, beijando-a de novo ali deitada.

— Você encontrou Santino? — perguntou ela, com a voz sonolenta. — Você o castigou?

— Não — disse eu. — Mas é o que farei uma noite dessas, nos anos que estão por vir. Só o próprio tempo pode me roubar esse prazer especial.

CAPÍTULO 32



FOI BIANCA QUEM ME DEU A NOTÍCIA.

A noite estava começando, e eu escrevia uma carta que mais tarde enviaria à minha mais nova confidente na Talamasca. As janelas estavam abertas para a brisa que vinha do Elba.

Bianca entrou correndo no quarto e falou sem rodeios.

— É Pandora. Eu sei. Eu a vi. Levantei-me da escrivaninha. Acolhi-a nos meus braços.

— Como você sabe? — perguntei.

— Estão dançando no Baile da Corte, ela e o amante asiático. Todos estão murmurando a seu respeito, como são bonitos. O Marquis e a Marquisa De Malvrier. Ouvi a pulsação do coração deles assim que entrei no salão de baile. Captei seu estranho cheiro de vampiro. Como se pode descrevê-lo?

— E ela viu você?

— Viu, e eu pus na minha cabeça uma imagem sua, meu amor — disse ela. — Nós nos encaramos, ela e eu. Vá procurá-la. Sei como você quer vê-la.

Contemplei Bianca por um bom tempo. Olhei nos seus lindos olhos ovais e então dei-lhe um beijo. Estava trajada com requinte, num encantador vestido de baile de seda roxa e nunca estivera mais esplêndida. Beijei-a com mais carinho que nunca.

Depois, fui direto aos meus armários e me vesti para o baile, usando minha melhor sobrecasaca de cor carmim e toda a renda necessária, além da grande peruca crespa que era a moda na época.

Corri escada abaixo até minha carruagem. Quando olhei para trás, vi Bianca no pavilhão lá em cima, olhando para mim. Ela levou a mão aos lábios e me soprou um beijo.

Assim que entrei no Palácio Ducal, percebi a presença do asiático. E, de fato, antes que eu chegasse às portas do salão de baile, ele surgiu da penumbra de uma ante-sala e pôs a mão no meu braço.

Ah, havia quanto tempo eu ouvia falar desse ser cruel, e agora eu o enfrentava. Da índia, sim, e belíssimo com olhos negros, grandes e cristalinos, e uma pele morena e acetinada que era impecável. Sorriu para mim com a boca lisa e sedutora.

Sua sobrecasaca de cetim era de um azul escuro, e a renda era trabalhada e extravagante. Ele parecia estar cravejado de diamantes imensos, diamantes da Índia, onde os diamantes são objeto de culto. Nas mãos tinha uma fortuna em anéis. E usava uma fortuna em fivelas e botões.

— Marius — disse ele, fazendo-me uma pequena reverência formal como se estivesse tirando o chapéu, quando na realidade não estava usando nenhum. — Naturalmente, você veio ver Pandora.

— Você pretende me impedir? — perguntei.

— Não — disse ele, dando de ombros, descontraído. — Como você poderia imaginar uma coisa dessas? — Seu tom era cortês. — Marius, eu lhe garanto, ela rejeitou muitos outros. — Parecia perfeitamente sincero.

— Foi o que ouvi dizer — disse eu. — Preciso vê-la. Você e eu podemos nos falar mais tarde. Agora preciso vê-la.

— Pois bem. Sou paciente. — Ele deu de ombros mais uma vez. — Eu sempre sou paciente. Chamo-me Arjun. Fico feliz por afinal nos reunirmos. Mesmo com o moleque romano, Santino, que afirmou tê-lo aniquilado, eu fui paciente.

Ela ficou tão desconsolada naquela época e eu quis castigá-lo. Mas não o castiguei. Cumpri os desejos dela e o deixei incólume. Como ele ficou arrasado! Como a adorava! Cumpri os desejos dela, como já disse. E cumprirei seus desejos hoje, como sempre faço.

— É muita bondade sua — respondi, com a garganta tão tensa que mal pude pronunciar as palavras. — Deixe-me ir agora. Estou esperando por este momento há mais tempo do que você pode imaginar. Não posso ficar aqui conversando com você como se ela não estivesse a alguns passos de mim.

— Posso imaginar quanto tempo você esperou — disse ele. — Sou mais velho do que pensa.

Fiz que sim e me afastei dele lentamente.

Eu não conseguia agüentar mais.

Entrei imediatamente no imenso salão de baile.

A orquestra estava tocando uma daquelas danças delicadas e harmoniosas tão populares naquela época, nada tão animado quanto a música se tornaria mais tarde, e o salão suntuoso estava repleto de rostos radiantes, silhuetas entretidas na dança e miríades de cores.

Procurei em meio à multidão feliz, passando devagar ao longo de uma parede e depois outra.

E de repente eu a vi. Ela não sabia que eu estava ali. Seu companheiro não lhe mandara nenhum aviso mental.

Estava sentada sozinha, vestida com esmero em trajes da moda, o corpete de cetim muito apertado e gracioso, as saias enfeitadas enormes, e o lindo rosto branco emoldurado pelos cabelos castanhos naturais, puxados para trás e para cima num penteado elegante adornado com rubis e diamantes.

Encostei-me no clavicórdio, sorrindo com benevolência para o músico que o tocava com tanto talento, e então me voltei para olhar para ela.

Como era triste sua expressão, como era distante, como era indescritivelmente bela. Estaria observando as cores do salão como eu as observava? Será que sentia o mesmo amor

delicado que eu sentia pelos mortais? O que ela faria quando percebesse que eu a estava observando?

Eu não sabia. E estava com medo. Não tinha como saber enquanto não ouvisse o som da sua voz. Eu continuava a olhar. Continuava a saborear esse momento de felicidade e segurança.

De repente, ela me viu. Captou meu rosto em meio a centenas de outros. Seus olhos fixaram-se em mim, e eu vi o sangue subir ao seu lindo semblante. E sua boca se abriu para pronunciar o nome Marius.

Eu o ouvi mais alto que a música aguda e delicada.

Levei os dedos aos lábios e, exatamente como Bianca fizera pouco antes, soprei um beijo na sua direção.

Como aparentava estar ao mesmo tempo feliz e triste, com a boca entreaberta num sorriso contido enquanto olhava para mim. Parecia estar paralisada no lugar, como eu.

Mas aquilo era intolerável. O que significavam esses volumes de silêncio que nos separavam?!

Atravessei rápido a pista de dança e me inclinei diante dela. Ergui sua mão branca e fria e a conduzi para o meio da dança, sem querer aceitar nenhuma resistência da sua parte.

— Não, você é minha, minha, está me ouvindo? — murmurei. — Não tente se afastar.

— Marius, tenho medo dele, e ele é forte — sussurrou ela no meu ouvido. — Preciso explicar a ele que nós nos encontramos.

— Eu não tenho medo dele. Além do mais, ele sabe. Que diferença faz? — Estávamos dançando como se não estivéssemos dizendo esse tipo de coisas um ao outro. Abracei-a firme e beijei seu rosto. Não me importava o que os mortais à nossa volta pudessem pensar dessa conduta inadequada. Como era absurda toda essa idéia.

— Pandora, meu amor abençoado, se você ao menos pudesse saber há quanto tempo estou esperando. De que adianta eu agora lhe dizer que desde o início sinto sua falta

numa agonia total? Pandora, preste atenção, não feche os olhos, não olhe para outro lado. No prazo de um ano, no mesmo ano, eu soube que havia cometido um erro terrível!

Dei-me conta de que a estava girando com excesso de violência. Estava apertando sua mão com força demais. Eu tinha perdido a cadência da dança. A música era um ruído estranho e estridente nos meus ouvidos. Tinha perdido o controle de tudo.

Ela afastou o corpo para me encarar nos olhos.

— Leve-me para o pavilhão lá fora — disse ela. — Podemos conversar à brisa do rio. A música está me deixando tonta.

Saímos prontamente por uma enorme porta dupla e nos encontramos num banco de pedra com vista para o rio.

Nunca me esquecerei de como aquela noite estava clara, como as estrelas pareciam estar a meu favor e como era brilhante o luar sobre o Elba. Estávamos cercados por todos os lados de vasos de flores, bem como de outros casais ou grupos de mortais que haviam saído para respirar um pouco de ar puro antes de voltar para o salão de baile.

Mas ficamos com as sombras para nós, e me entreguei a beijá-la. Senti a pele perfeita da sua face sob meus lábios. Beijei seu pescoço. Apalpei seu cabelo castanho de ondas apertadas, que eu tantas vezes pintara nas ninfas silvestres que corriam por meus densos jardins. Tive vontade de soltá-lo.

— Não me deixe outra vez — disse eu. — Não importa o que seja dito entre nós nesta noite, não me deixe.

— Marius, foi você quem me deixou — disse ela, e eu ouvi na sua voz um tremor que me assustou. — Marius, isso foi há tanto tempo — disse, entristecida. — Marius, vaguei tanto e tão longe procurando por você.

— E, é, admito tudo isso — disse eu. — Assumo cada erro. Como eu poderia imaginar o que significava romper o vínculo? Pandora, eu não sabia! Pelos deuses, eu não sabia! Acredite em mim, eu não sabia. Diga-me que vai deixar essa criatura, voltar para mim. Pandora, não quero nada menos que

isso! Não posso criar palavras bonitas. Não posso recitar antigos poemas. Pandora, olhe para mim.

— Eu estou olhando para você! — protestou ela. — Você não percebe que me ofusca! Marius, não pense que não sonhei com este encontro. E agora você me vê nesta vergonha, nesta fraqueza.

— O quê? Não me importo! Que vergonha? Que fraqueza?

A de ser escrava do meu companheiro, Arjun, de deixar que ele me leve de um lado a outro do mundo, de eu mesma não ter nenhuma vontade, nenhum ímpeto. Marius, agora eu não sou nada.

— Não, isso não é verdade; e além do mais não faz diferença. Vou libertá-la de Arjun. Não tenho absolutamente nenhum medo dele, e depois você ficará comigo e todo o seu antigo alento lhe voltará.

— Você está sonhando — disse ela, e a primeira frieza invadiu seu rosto e sua voz. Estava nos seus olhos castanhos, uma frieza que vinha da mágoa.

— Está querendo me dizer que pretende me abandonar mais uma vez, e para ficar com essa criatura? — perguntei. — Você acha que eu vou concordar?

— E o que você está me dizendo, Marius, que irá me forçar? — Sua voz estava baixa, distante.

— Mas você me disse que era fraca, me disse que era uma escrava. Isso não é o mesmo que me pedir para usar a força?

Ela fez que não. Estava a ponto de chorar. Mais uma vez tive vontade de desmanchar seu penteado, de ver seu cabelo solto, de tirar as pedras preciosas dele. Tive vontade de segurar seu rosto nas mãos.

Foi o que fiz. Segurei seu rosto com um pouco de força demais.

— Pandora, preste atenção — disse eu. — Há uns cem anos, ouvi de um estranho mortal que, nas suas viagens com

essa criatura, você repetidamente fazia um círculo em torno da cidade de Dresden. E, sabendo disso, eu me mudei para esta cidade para esperar por você. Não se passou uma noite em que eu não tenha acordado para vasculhar Dresden à sua procura.

"Agora que estou com você nos meus braços, não tenho nenhuma intenção de abandoná-la."

Ela abanou a cabeça. Por um instante, pareceu que não conseguiria falar. Tive a impressão de que estava aprisionada nos estranhos trajes da moda e perdida em algum devaneio doloroso.

— Mas o que eu posso lhe dar, Marius, além do que o que você já descobriu? A informação de que ainda estou viva, de que sobrevivo, de que vagueio? Com ou sem Arjun, que diferença faz?

Ela voltou os olhos para mim, cheia de dúvidas.

— E o que eu aprendo a seu respeito além de que você continua e perdura, que aqueles demônios de Roma não o destruíram como afirmaram, que eles o queimaram, sim, isso eu posso ver na cor da sua pele, mas você sobrevive. Marius, o que mais pode haver?

— O que é que você está dizendo?! — perguntei, de repente furioso. — Pandora, nós temos um ao outro! Meu Deus. Temos o tempo. Agora, quando nos unirmos, o tempo começa de novo para nós!

— Começa mesmo, Marius? Não sei — retrucou ela. — Marius, não tenho a força necessária.

— Pandora, isso é loucura! — disse eu.

— Ai, você está com tanta raiva, e isso está tão parecido com nossas brigas de antigamente.

— Não, não está! — protestei. — Não tem nada de parecido com nossas brigas de antigamente porque essa aqui não é a respeito de nada. Agora vou levá-la daqui. Vou levá-la para meu palácio e depois me encarrego de lidar com Arjun da melhor forma possível.

— Você não pode fazer uma coisa dessas — disse ela, ríspida. — Marius, estou com ele há centenas de anos. Você acha que pode simplesmente chegar e nos separar?

— Quero você, Pandora. Não faço por menos. E se chegar uma hora em que você queira me abandonar…

— É, e se chegar mesmo essa hora — disse ela com raiva —, então, o que eu vou fazer quando não houver nenhum Arjun por perto só por sua causa!

Calei-me. Eu estava furioso. Ela olhava atenta para mim. Sua expressão estava cheia de emoção. O peito arfava por baixo do cetim apertado.

— Você me ama? — perguntei.

— Com todo o coração — disse ela, com a voz cheia de raiva.

— Então você vem comigo! Segurei-a pela mão.

Ninguém fez menção de nos deter quando saímos do palácio. Assim que a instalei na carruagem, beijei-a com abandono, como os mortais beijam, e quis fincar os dentes no seu pescoço, mas ela me proibiu.

— Conceda-me essa intimidade! — implorei. — Pelo amor de Deus, Pandora, é Marius que está falando com você. Escute o que lhe digo. Vamos compartilhar sangue com sangue.

— Você acha que eu não quero ? — perguntou ela. — Estou com medo.

— Com medo de quê? — perguntei. — Diga-me do que você tem medo, e eu faço com que desapareça.

A carruagem saía de Dresden e atravessava a floresta na direção do meu palácio.

— Ai, mas não faz, não — retrucou ela. — Não tem como. Será que você não entende, Marius, que você é a mesma criatura que era naquela época em que vivemos juntos. Você é forte e impetuoso como era então, e eu não. Marius, ele cuida de mim.

— Cuida de você? Pandora, é isso o que você quer? Eu o farei. Cuidarei de cada detalhe ínfimo de toda a sua existência como se você fosse minha filha! Basta que me dê a oportunidade. Dê-me a oportunidade de restaurar no amor o que se perdeu para nós.

Havíamos chegado aos meus portões, e meus criados os estavam abrindo. Estávamos a ponto de entrar quando ela fez um gesto para que eu parasse a carruagem. Estava olhando pela janela. Estava olhando para o alto, para as janelas do palácio. Talvez estivesse vendo o pavilhão.

Fiz o que ela pediu. Percebi que estava paralisada de medo. Não havia como disfarçar. Fitava o palácio como se ele estivesse cheio de um perigo ameaçador.

— O que pode ser, afinal de contas? — perguntei. — Não importa o que seja que a assuste, diga-me. Pandora, não há nada que não se possa mudar. Diga o que é.

— Ai, como seu temperamento *é* violento — disse ela, baixinho. — Você não consegue adivinhar o que me reduz a essa fraqueza abominável?

— Não — disse eu. — Só sei que amo você com todo o meu coração. Que voltei a encontrá-la e que farei qualquer coisa para que fique comigo.

Seus olhos continuavam fixos no palácio.

— Até mesmo repudiar sua companheira que está dentro dessa casa, à sua espera?

Não respondi.

— Eu a vi no baile — disse ela, com os olhos vidrados, a voz trêmula. — Eu a vi e soube o que era, muito poderosa, muito graciosa. Nunca imaginei que fosse sua amante. Mas agora sei que *é*. Eu a ouço aí dentro. Ouço suas esperanças e sonhos; e como eles giram em torno de você.

— Pare com isso, Pandora. Não *é* necessário que eu a repudie. Não somos mortais! Podemos viver juntos.

Segurei-a pelos braços. Sacudi-a. Seu cabelo acabou se soltando e eu o puxei com violência e crueldade para depois

mergulhar meu rosto nele.

— Pandora, se você exigir isso de mim, é o que farei. Peço-lhe somente tempo, dê-me tempo para me assegurar de que Bianca esteja num lugar onde possa sobreviver bem e feliz. Isso eu me disponho a fazer por você, está me entendendo, se ao menos você se dispuser a parar de brigar comigo!

Recuei. Ela parecia atordoada e fria. A linda cabeleira se derramava sobre os ombros.

— O que foi? — perguntou ela numa voz baixa e apática. — Por que está olhando para mim desse jeito?

Eu estava à beira das lágrimas, mas me contive.

— É que eu imaginava que este encontro seria muito diferente. E imaginava, sim, que você viria comigo por sua própria vontade. Pensava também que nós dois poderíamos viver em harmonia com Bianca. Eu acreditava nisso tudo. Acreditei nessas coisas por muito tempo. E agora estou aqui sentado com você, e é só discórdia e tormento.

— Mas sempre foi só isso, Marius — respondeu ela, naquele tom baixo e triste. — Foi por esse motivo que você me deixou.

— Não — disse eu. — Não é verdade. Pandora, nosso amor foi um grande amor. Você precisa reconhecer isso. E verdade que houve uma terrível separação, mas tivemos um grande amor, e podemos tê-lo de novo se fizermos o esforço necessário.

Ela contemplou a casa e voltou a olhar para mim com um ar quase furtivo. Algo agitou-se nela, e de repente ela agarrou meu braço com as articulações dos dedos lívidas. Voltou a manifestar-se aquele ar de um medo pavoroso.

— Entre na casa comigo — disse eu. — Venha conhecer Bianca. Segure as mãos dela. Pandora, preste atenção. Fique na casa enquanto vou acertar as coisas com Arjun. Não vou me demorar. Prometo.

— Não — ela exclamou. — Será que você não entende? Não posso entrar nessa casa. Não tem nada a ver com sua

Bianca.

— E o que é, então? O quê, agora? Mais o quê? — perguntei.

— É o som que ouço, o som da pulsação do coração deles!

— O Rei e a Rainha! E, eles estão aí dentro. Estão nas profundezas, debaixo da terra, Pandora. Estão imóveis e mudos como sempre. Você nem mesmo precisa vê-los.

Um ar de puro terror permeou suas feições. Pus os braços em torno dela, mas ela só olhou para longe.

— Imóveis e mudos como sempre — disse ela, recuperando o fôlego. — Sem dúvida, isso não é possível. Não depois de todo esse tempo, Marius!

— Ai, mas é possível — disse eu. — E para você não deveria representar nada. Você não precisa descer a escada até o santuário. É meu dever. Pandora, pare de olhar para longe.

— Não me machuque, Marius — avisou ela. — Você está sendo grosseiro comigo como se eu fosse uma concubina. Trate-me com elegância. — Seus lábios tremiam. — Trate-me com clemência — disse, entristecida.

Comecei a chorar.

— Fique comigo — disse eu. — Entre. Converse com Bianca. Venha a amar a nós dois. Deixe que o tempo comece a partir deste instante.

— Não, Marius, leve-me embora desse som horrendo. Leve-me de volta ao lugar onde resido. Leve-me de volta, ou irei a pé. Não posso suportar isso.

Obedeci às suas ordens. Mantivemos silêncio enquanto ela se dirigia a uma casa elegante e de bom tamanho em Dresden, cujas muitas janelas estavam escuras; e ali eu a abracei, beijando-a, recusando-me a soltá-la.

Finalmente, apanhei meu lenço e enxuguei o rosto. Respirei fundo e procurei falar com calma.

— Você está assustada — disse eu — e eu preciso compreender isso e ter paciência.

Ela estava com aquela expressão atordoada e fria nos olhos, uma expressão que eu nunca havia visto nos tempos remotos, uma expressão que agora me horrorizava.

— Amanhã à noite, vamos nos encontrar de novo — disse eu —, talvez aqui nesta casa onde você reside, onde está a salvo do som da Mãe e do Pai. Onde você quiser. Mas onde quer que você possa se acostumar comigo.

Ela concordou. Ergueu a mão e afagou meu rosto com os dedos.

— Como você finge bem — murmurou ela. — Como é e sempre foi requintado. E imaginar que aqueles demônios em Roma achavam que haviam apagado sua luz brilhante. Eu deveria ter rido deles.

— Deveria, e minha luz brilha só para você. E era com você que eu sonhava quando fui carbonizado pelo fogo enviado por aquele bebedor de sangue demoníaco, Santino. Era com você que eu sonhava quando bebia da Mãe para recuperar minhas forças, quando procurava por você por todos os países da Europa.

— Ai, meu amor — murmurou ela. — Meu grande amor. Se ao menos eu pudesse ser de novo aquela criatura forte da qual você se lembra.

— Mas você será — insisti eu. — Você é. Vou cuidar de você, sim, exatamente como é seu desejo. E você, Bianca e eu, nós três vamos nos amar. Amanhã à noite, conversaremos. Faremos planos. Falaremos de todas as estupendas catedrais que precisamos ver, as janelas de vidro colorido. Falaremos dos pintores cujo belo trabalho ainda precisamos estudar. Falaremos do Novo Mundo, das suas florestas e rios. Pandora, conversaremos sobre tudo.

Eu não parava de falar.

— E você virá a amar Bianca — disse eu. — Você virá a estimá-la. Conheço Bianca de coração e alma como um dia conheci você, eu lhe juro. Viveremos juntos em paz, pode

acreditar em mim. Você não faz nenhuma idéia da felicidade que está à sua espera.

— Felicidade? — perguntou ela, olhando para mim como se mal compreendesse as palavras que eu dissera. E então falou:

— Marius, deixo esta cidade hoje à noite. Nada poderá me impedir.

— Não, não, você não pode me dizer isso! — protestei. Agarrei-a pelos braços mais uma vez.

— Não me machuque, Marius. Parto desta cidade nesta noite. Já lhe disse, Marius, você esperou cem anos para ver uma coisa e somente isso: que estou viva. Agora deixe que eu continue na existência da minha escolha.

— Não quero. Não posso aceitar isso.

— Mas vai ter de aceitar — murmurou ela. — Marius, você não entende o que estou tentando lhe dizer. Não tenho coragem de abandonar Arjun. Não tenho coragem de ver a Mãe e o Pai. Marius, não tenho mais a coragem necessária para amá-lo. O mero som da sua voz com raiva me apavora. Não tenho a coragem necessária para conhecer sua Bianca. A própria idéia de que você possa amá-la mais que a mim me assusta. Tenho medo de tudo, você não percebe? E, neste exato instante, anseio desesperada por Arjun, para que ele me leve embora de tudo isso. Com Arjun, existe para mim uma enorme simplicidade! Marius, por favor, deixe-me ir com seu perdão.

— Não acredito em você — respondi. — Já lhe disse que desisto de Bianca por você. Por Deus, Pandora, o que mais eu posso fazer? Você não pode estar me deixando.

Dei-lhe as costas. A expressão no seu rosto era por demais estranha. Eu não conseguia suportar.

E, enquanto eu estava ali sentado na escuridão, ouvi a porta da carruagem se abrir. Ouvi seu passo acelerado nas pedras, e ela havia me abandonado.

Minha Pandora, totalmente fora do meu alcance.

Não sei quanto tempo esperei. Não foi uma hora inteira.

Eu estava muito consternado, numa agonia total. Não queria ver seu companheiro; e, quando pensei em socar as portas da sua casa, achei que seria uma humilhação extrema.

E na realidade, a pura verdade era que ela me convencera. Não queria ficar comigo.

Estava prestes a dizer ao cocheiro que fôssemos para casa quando ouvi um ruído. Eram seus gritos e uivos, além de objetos sendo quebrados dentro da casa.

Era o que eu precisava para me obrigar a entrar em ação. Saí da carruagem e corri até sua porta. Lancei um olhar malévolo na direção dos seus criados mortais, o que os deixou praticamente paralisados, e escancarei as portas sozinho.

Subi correndo a escada de mármore. Encontrei-a enlouquecida, seguindo pelas paredes, socando os espelhos com os punhos. Encontrei-a derramando lágrimas de sangue e tremendo. Havia vidro quebrado em toda a sua volta.

Segurei seus pulsos. Segurei-os com ternura.

— Fique comigo — disse eu. — Fique comigo!

De súbito ouvi atrás de mim a presença de Arjun. Ouvi seu passo sem pressa, e então ele entrou no aposento.

Ela estava jogada contra meu peito, trêmula.

— Não se preocupe — disse Arjun, no mesmo tom paciente que usara comigo no palácio do duque. — Podemos falar sobre todos esses assuntos com civilidade. Não sou um selvagem propenso a atos de destruição.

Ele parecia o perfeito cavalheiro, com seu lenço de renda e sapatos de salto alto. Olhou para os estilhaços de espelho caídos no fino tapete e abanou a cabeça.

— Então deixe-me a sós com ela — disse eu.

— É isso o que você quer, Pandora? — perguntou ele. Ela fez que sim.

— Por pouco tempo, meu querido — disse-lhe ela.

Assim que ele saiu do aposento e fechou atrás de si as altas portas duplas, afaguei o cabelo de Pandora, e a beijei de

novo.

— Não posso abandoná-lo — confessou ela.

— E por que não? — perguntei.

— Porque eu o fiz — respondeu ela. — Ele é meu filho, meu cônjuge, meu guardião.

Fiquei chocado.

Nunca havia suposto algo semelhante!

Em todos aqueles anos, eu o havia imaginado algum tipo de criatura dominadora que a mantivesse sob seu poder.

— Eu o criei para que ele cuidasse de mim — disse ela. — Tirei-o da Índia, onde eu era adorada como uma perfeita deusa pelos poucos que haviam posto os olhos em mim. Ensinei-lhe maneiras européias. Dei-lhe a incumbência de cuidar de mim para que, quando eu estivesse fraca e em desespero, ele me controlasse. E é sua fome de vida que nos impele a ambos. Sem isso, eu poderia ter definhado em algum túmulo profundo pelos séculos afora.

— Muito bem — disse eu —, ele é seu filho. Isso eu entendo, mas Pandora, você é minha! O que me diz disso? Você é minha e eu tomo posse de você novamente! Ai, me perdoe, perdoe por eu falar com tanta irreflexão, por usar termos como "posse". O que estou querendo dizer? Quero dizer que não posso perdê-la.

— Sei o que você quer dizer — disse ela —, mas veja só, eu não posso dar as costas a ele. Arjun saiu-se bem demais naquilo que lhe pedi, e ele me ama. E não poderia viver sob seu teto, Marius. Você, eu conheço bem demais. Onde Marius mora, Marius governa. Você jamais tolerará que uma criatura masculina como Arjun more com você por minha causa ou pelo motivo que seja.

Fiquei tão magoado que por um instante não pude lhe responder. Abanei a cabeça como se quisesse negar o que ela dissera, mas na realidade eu não sabia se ela estava errada ou não. Eu sempre, sempre, só havia pensado em destruir Arjun.

— Isso você não pode negar — disse ela, baixinho. — Arjun é forte demais, voluntarioso demais e faz muito tempo que é dono do próprio nariz.

— Deve haver alguma forma — implorei.

— Sem dúvida virá uma noite, Marius, em que chegará a hora de Arjun se separar de mim. O mesmo pode acontecer com você e sua Bianca. Mas essa hora ainda não chegou. Por isso, eu lhe imploro que me solte, Marius, que se despeça de mim e prometa que persistirá para sempre e eu lhe farei a mesma promessa.

— Essa é a sua vingança, não é mesmo? — perguntei, em voz baixa. — Você era minha cria e, dentro de duzentos anos, eu a deixei. E assim agora você me diz que não quer fazer o mesmo com ele.

— Não, meu belo Marius, não *é* vingança, é só a verdade. Agora, vá embora. — Ela deu um sorriso amargo. — Ai, que bênção para mim foi esta noite, por eu tê-lo visto vivo, por saber que Santino, o bebedor de sangue romano, estava enganado. Esta noite me bastará por séculos.

— Ela bastará para afastá-la de mim — disse eu, fazendo que sim. Mas então seus lábios me pegaram de surpresa. Foi ela quem me deu um beijo apaixonado, e depois senti seus dentinhos afiados perfurarem meu pescoço.

Fiquei rígido, de olhos fechados, deixando que ela bebesse, sentindo o inevitável puxão no coração, minha cabeça de repente cheia de visões da floresta escura através da qual ela e seu companheiro costumavam passar e não pude saber se essas visões eram suas ou minhas.

Ela bebia sem parar como se estivesse faminta, e eu de propósito criei para ela o exuberante jardim dos meus sonhos mais preciosos, e nele visualizei a nós dois juntos. Meu corpo não era nada além de desejo por ela. Em cada tendão eu sentia sua força sugadora, e não lhe oferecia resistência. Eu era sua vítima. Não me agarrei a nenhuma precaução.

Parecia que eu não estava mais em pé. Devia ter caído. Não me importava. Depois, senti suas mãos nos meus braços e

soube que estava em pé.

Ela se afastou; e, com os olhos nublados, vi que ela me contemplava. Todo o seu cabelo estava derramado sobre seus ombros.

— Um sangue tão forte — murmurou ela. — Meu Filho dos Milênios. Foi a primeira vez que ouvi esse nome usado para aqueles de nós que viveram tanto tempo e fiquei levemente encantado com ele.

Eu estava zonzo, por ela ter sido tão violenta, mas de que importava? Eu teria lhe dado qualquer coisa. Procurei me firmar. Tentei clarear a visão. Ela estava longe, do outro lado do aposento.

— O que você viu no sangue? — perguntei, baixinho.

— Seu amor total — respondeu ela.

— E havia alguma dúvida? — perguntei. Eu estava ficando mais forte a cada momento. Seu rosto estava radiante com a cor do sangue, e os olhos, ferozes, como sempre ficavam quando brigávamos.

— Não, nenhuma dúvida — disse ela. — Mas agora você precisa ir embora.

Eu não disse nada.

— Ande, Marius. Se você não for, não vou conseguir suportar. Olhei para ela como se estivesse olhando com espanto para uma criatura selvagem dos bosques; e era isso o que ela parecia ser, essa criatura a quem eu havia amado com todo o meu coração.

E mais uma vez eu soube que estava acabado.

Saí do aposento.

No imponente Vestíbulo da casa, permaneci atordoado; e ali estava Arjun parado no canto, a me observar.

— Sinto muito, Marius — disse ele, como se realmente sentisse. Olhei para ele, perguntando-me se havia algo que pudesse provocar em mim uma fúria tal que eu o destruísse. Caso eu fizesse isso, ela teria de ficar comigo. E, ai, como essa

idéia ardia na minha cabeça. No entanto, eu sabia que ela me devotaria o ódio mais cabal e completo por isso. E eu mesmo me odiaria. Pois o que eu tinha contra essa criatura que não era o tirano abjeto que eu sempre havia suposto, mas sua cria! — um vampiro novato de cerca de quinhentos anos ou menos, jovem no Sangue e cheio de amor por ela. Uma possibilidade dessas me era muito remota. E como ele era um ser sublime, pois decerto lia esses pensamentos na minha mente desesperada e descoberta; e mesmo assim mantinha-se firme, com tanta serenidade, apenas olhando para mim.

— Por que precisamos nos separar? — murmurei.

Ele deu de ombros e fez gestos eloqüentes com as mãos.

— Não sei — disse ele. — Só sei que *é* o que ela quer. É ela quem tem vontade de estar sempre em movimento. É ela quem traça desenhos sobre o mapa. É ela quem cria os círculos nos quais viajamos, de vez em quando fazendo de Dresden o centro dos nossos itinerários, de vez em quando escolhendo alguma outra cidade, como por exemplo Paris ou Roma. É ela quem diz que precisamos seguir sempre adiante. É ela. E o que eu posso dizer, Marius, além de que isso me dá enorme prazer?

Fui na sua direção. Por um instante ele achou que eu pretendia feri-lo, e ficou tenso.

Segurei seu pulso antes que ele pudesse se mexer. Examinei-o. Como era majestoso, com a imponente peruca branca em contraste com a pele morena, lustrosa, os olhos negros olhando fixos para mim com tanta seriedade e aparente compreensão.

— Fiquem aqui comigo — disse eu. — Vocês dois. Fiquem comigo e com minha companheira, Bianca.

Ele sorriu e abanou a cabeça. Não havia desdém nos seus olhos. Era um homem encarando outro, e não havia desdém. Ele só me disse “não”.

— Isso ela não vai querer — disse ele, com a voz muito calma e apaziguadora. — Eu a conheço. Conheço seus hábitos. Ela me atraiu porque eu a adorava. E, uma vez que recebi seu sangue, nunca deixei de adorá-la.

Fiquei ali parado, ainda segurando firme o pulso dele e olhando ao meu redor como se estivesse pronto para clamar aos deuses. E pareceu que meu grito destruiria as próprias paredes da casa se eu o soltasse.

— Como isso é possível! — murmurei. — Que eu a encontre e a conheça por apenas uma noite, uma bendita noite de discussões.

— Você e ela são iguais — disse ele. — Eu não passo de um instrumento.

Fechei os olhos.

De repente, ouvi o choro de Pandora. E, quando esse som chegou aos meus ouvidos, Arjun soltou-se de mim com delicadeza e disse na sua voz baixa e suave que precisava ir vê-la.

Saí devagar do Vestíbulo, desci a escadaria de mármore e me embrenhei na noite, ignorando minha carruagem.

Voltei para casa a pé, atravessando a floresta.

Quando cheguei em casa, entrei na biblioteca, tirei a peruca que havia usado para o baile, joguei-a do outro lado do aposento e me sentei numa cadeira diante da minha escrivaninha.

Abaixei a cabeça entre os braços cruzados e chorei em silêncio como não chorava desde a morte de Eudoxia. Chorei. E as horas se passaram, até que afinal percebi que Bianca estava parada ao meu lado.

Ela afagou meu cabelo e então ouvi seu sussurro.

— Hora de descer a escada até nosso túmulo frio, Marius. É cedo para você, mas eu preciso ir e não posso deixá-lo nesse estado.

Pus-me de pé. Abracei-me a ela e me entreguei ao pranto mais terrível; e ela o tempo todo me segurava, carinhosa e em silêncio. E então descemos juntos cada um ao seu caixão.

Na noite seguinte, fui imediatamente à casa onde havia deixado Pandora.

Encontrei-a deserta e saí a procurar por toda a Dresden, bem como pelos muitos palácios ou *schlosses* nos arredores.

Ela e Arjun tinham desaparecido, disso não havia nenhuma dúvida. E, subindo ao Palácio Ducal, onde estava se realizando um pequeno concerto, logo soube a notícia "oficial": de como o Marquis e a Marquisa De Malvrier haviam seguido viagem para a Rússia antes do amanhecer.

A Rússia.

Sem nenhuma disposição para a música, logo pedi desculpas aos que estavam reunidos no salão e voltei para casa, arrasado como nunca havia estado em toda a minha existência. Com o coração despedaçado.

Sentei-me à escrivaninha e fiquei olhando para o rio lá fora. Senti a brisa morna da primavera.

Pensei em tudo o que ela e eu deveríamos ter dito um ao outro, em todas as inúmeras coisas que eu, num estado de espírito mais calmo, poderia ter dito para convencê-la. Disse a mim mesmo que ela não estava fora do meu alcance. Disse a mim mesmo que ela sabia onde eu estava, e que poderia me escrever. Disse a mim mesmo não importa o que fosse necessário para manter minha sanidade.

E não ouvi quando Bianca entrou no aposento. Não ouvi quando se sentou numa grande poltrona de tapeçaria bem perto de mim.

Eu a vi como se fosse uma aparição, quando levantei os olhos — um perfeito rapazinho, com bochechas de porcelana, o cabelo louro puxado para trás numa fita preta, a sobrecasaca bordada em ouro, as pernas bem-feitas numa malha branca imaculada, os pés em sapatos com fivelas de rubis.

Ai, que disfarce divino esse de Bianca como jovem da nobreza, que os poucos mortais que importavam conheciam como seu próprio irmão. E como estavam tristes seus olhos de um azul sem par, enquanto ela olhava para mim.

— Estou com pena de você — disse ela, baixinho.

— Está? — perguntei. E disse essas palavras com o coração partido. — Espero que esteja, minha caríssima, porque

amo você. Amo mais do que nunca, e preciso de você.

— Mas *é* exatamente essa a questão — disse ela, com a voz baixa, cheia de compaixão. — Eu ouvi o que você disse a ela. E vou deixá-lo.

CAPÍTULO 33



POR TRÊS LONGAS NOITES, implorei que não se fosse, enquanto ela fazia seus preparativos. Prostrei-me de joelhos. Jurei-lhe que dissera apenas o que precisava ser dito para fazer com que Pandora ficasse comigo.

Disse-lhe de todas as formas que conhecia que eu a amava e que nunca a teria abandonado.

Disse-lhe que ela jamais conseguiria sobreviver sozinha e que eu temia por ela.

Mas nada conseguia afastá-la de sua decisão.

Somente no início da terceira noite percebi que ela realmente ia partir. Até aquele momento, eu imaginava que isso era absolutamente inconcebível. Eu não poderia perdê-la. Algo semelhante não poderia acontecer.

Finalmente, roguei-lhe que se sentasse e me escutasse enquanto eu abria meu coração para ela, confessando cada palavra indevida que eu dissera, cada desprezível negação do meu amor por ela que havia saído dos meus lábios, cada argumento desesperado que eu usara com Pandora.

— Mas o que eu quero agora *é* falar de você e de mim; e de como as coisas sempre foram entre nós.

— Isso você pode fazer, se quiser — disse ela —, se amenizar sua dor, mas Marius, eu vou embora.

— Você sabe como era comigo e Amadeo — disse eu. — Abriguei-o na minha casa quando ele era muito novo, e lhe dei o Sangue quando a mortalidade me acuou sem piedade. Sempre fomos o Mestre e o pupilo, e havia zombaria e uma diferença sinistra entre nós. Talvez você nunca a tenha visto, mas ela existia, eu lhe garanto.

— Percebi, Marius. Mas eu sabia que seu amor era maior.

— E era mesmo — disse eu. — Mas ele era uma criança, e meu coração de homem sempre soube que havia algo maior e melhor. Por mais que eu o adorasse, por mais que o simples fato de vê-lo me deixasse deliciado, eu não podia lhe confiar meus piores temores ou mágoas. Eu não podia lhe contar as histórias da minha vida. Eram grandes demais para ele.

— Eu o entendo, Marius — disse ela, com delicadeza. — Sempre entendi.

— E Pandora. Você viu com seus próprios olhos. Novamente a discussão acirrada, exatamente como havia sido tantos séculos atrás, a briga encarniçada na qual não se consegue descobrir nenhuma verdade real.

— Eu vi — disse ela, no seu jeito calmo. — Entendo o que você quer dizer.

— Você viu o medo que ela tem da Mãe e do Pai — argumentei. — Você a ouviu dizer que não poderia entrar na casa. Você a ouviu falar do seu medo de tudo.

— Ouvi — respondeu ela.

— E o que foi essa noite entre mim e Pandora além de tormento, como havia sido outrora, tormento e desavenças.

— Eu sei, Marius — respondeu ela.

— Mas Bianca, como foi sempre entre nós dois a não ser harmonia? Pense em quantos anos moramos no santuário, e saíamos nos ventos da noite até onde eu pudesse nos levar. Pense na tranqüilidade entre nós, nas longas conversas em que eu falava de tantas coisas enquanto você escutava. Será que dois seres poderiam ser mais amigos que nós dois?

Ela abaixou a cabeça. E não deu resposta.

— E nestes últimos anos — prossegui. — Pense em todos os prazeres que compartilhamos: nossas caçadas secretas nas florestas, nossas visitas às festividades rurais, nossa muda presença nas grandes catedrais quando as velas ardem e os coros cantam, nossa dança nos Bailes das Cortes. Pense em tudo isso.

— Eu sei, Marius — disse ela. — Mas você mentiu para mim. Você não me disse por que viemos para Dresden.

— Confesso que é verdade. Diga-me, o que posso fazer para compensar esse erro?

— Nada, Marius — respondeu ela. — Eu vou embora.

— Mas como você vai viver? Você não conseguirá viver sem mim. Isso é loucura.

— Não, eu vou viver perfeitamente bem — disse ela. — E agora preciso ir. Tenho de viajar muitos quilômetros antes do amanhecer.

— E onde você vai dormir?

— Isso agora é problema meu.

Eu estava a ponto de perder o controle.

— Não me acompanhe, Marius — disse ela, como se conseguisse ler meu pensamento, o que não conseguia.

— Não posso aceitar isso — respondi.

Caiu um silêncio entre nós, e eu me dei conta de que ela estava olhando para mim. Olhei para ela sem conseguir esconder um mínimo da minha infelicidade.

— Bianca, não faça isso — implorei.

— Vi sua paixão por Pandora — murmurou ela — e soube que num instante você me desprezaria. Ai, não negue. Eu vi. E algo dentro de mim foi esmagado. Não consegui proteger o que era. Não consegui impedir sua destruição. Éramos íntimos demais, você e eu. E, embora eu o tivesse amado com toda a minha alma, e por isso acreditasse conhecê-

lo por inteiro, eu não conhecia a criatura que você era com ela. Eu não conhecia o ser que vi nos olhos de Pandora.

Levantou-se da poltrona e se afastou de mim. Olhou lá para fora pela janela.

— Quem dera eu não tivesse ouvido todas aquelas palavras — disse ela. — Mas nós, bebedores de sangue, temos esses dons. E você acha que eu não tenho consciência de que você nunca teria me tornado sua cria, se não fosse pelo fato de precisar de mim? Se você não tivesse sido queimado e não estivesse indefeso, jamais teria me dado o Sangue.

— Você não quer me dar ouvidos quando eu lhe digo que não é verdade? Quando a vi pela primeira vez, eu a amei. Foi somente por respeito pela sua vida mortal que não compartilhei com você esses dons amaldiçoados. Era você quem me preenchia os olhos e o coração antes que eu sequer tivesse encontrado Amadeo. Isso eu lhe juro. Você não se lembra dos seus retratos pintados por mim? Você se lembra das horas que passei na sua residência? Pense agora em tudo o que demos um ao outro.

— Você me enganou — disse ela.

— Enganei, sim, admito. E juro que nunca mais isso vai acontecer. Nem por Pandora nem por mais ninguém.

Eu implorava sem parar.

— Não posso ficar com você — disse ela. — Agora preciso ir.

Deu meia-volta e olhou para mim. Parecia envolta em tranqüilidade e determinação.

— Eu lhe suplico — repeti mais uma vez. — Sem orgulho, sem reserva, estou lhe suplicando que não me deixe.

— Tenho de ir — disse ela. — E agora deixe-me, por favor, descer para me despedir da Mãe e do Pai. Eu preferiria fazer isso sozinha, se você permitir.

Concordei.

Passou um bom tempo até ela voltar do santuário. Disse-me, tranqüila, que partiria ao anoitecer do dia seguinte.

E foi o que fez, com sua carruagem puxada por quatro cavalos saindo pelos portões no início da sua viagem.

Eu estava no alto da escadaria, observando sua partida. Fiquei escutando até a carruagem estar embrenhada na floresta. Fiquei ali sem conseguir acreditar e sem conseguir aceitar que ela me houvesse abandonado.

Como essa catástrofe horrenda podia ter acontecido — que eu perdesse tanto Pandora quanto Bianca? Que eu tivesse de ficar só? E eu não tinha nenhum poder para impedi-la.

Por muitos meses, mal pude acreditar no que se havia abatido sobre mim.

Disse a mim mesmo que logo chegaria uma carta de Pandora, ou que ela própria voltaria com Arjun, que Pandora tomaria essa decisão.

Dizia a mim mesmo que Bianca perceberia que não podia existir sem mim. Voltaria para casa, disposta a me perdoar, ou mandaria alguma carta apressada pedindo-me que fosse até ela.

Mas nada disso aconteceu.

Passou-se um ano, e nada disso aconteceu.

E outro ano, e mais cinqüenta. E nada disso aconteceu. E esse tempo todo, embora eu me mudasse mais para o meio dos bosques em torno de Dresden, para outro castelo mais fortificado, permaneci ali por perto, na esperança de que um dos meus dois amores voltasse para mim, talvez as duas.

Meio século permaneci à espera, sem acreditar e acabrunhado por uma mágoa que não conseguia compartilhar com ninguém.

Creio que parei de fazer preces no santuário, embora cuidasse dele conscienciosamente. E comecei a conversar com Akasha num tom de confidência. Comecei a contar-lhe minhas mágoas com informalidade maior do que antes, a contar-lhe como eu havia agido mal com aquelas que eu amava.

— Mas nunca agirei mal com você, minha Rainha — dizia eu, e repetia com freqüência.

E então quando tinha início o século XVIII, tomei as providências para uma audaciosa mudança para uma ilha no mar Egeu, na qual eu governaria supremo, cercado de mortais que me aceitariam facilmente como seu senhor, numa casa de pedra que mandei preparar para mim por um exército de criados mortais.

Todos os que leram a autobiografia do Vampiro Lestat têm conhecimento desse local imenso e extraordinário graças à vigorosa descrição que ele fez. Em imponência, ele excedia de longe qualquer outro palácio em que eu tivesse morado um dia, e sua localização remota era um desafio à minha engenhosidade.

Mas agora minha solidão era mais absoluta: eu estava tão só quanto sempre havia estado antes do amor de Amadeo, ou de Bianca, e não tinha mais esperanças de ter um companheiro imortal. E talvez na realidade não quisesse companheiro algum.

Havia séculos que eu não tinha notícias de Mael. Não tinha notícia alguma de Avicus nem de Zenobia. Nada de nenhum outro Filho dos Milênios.

Eu queria apenas um santuário esplêndido e maravilhoso para a Mãe e o Pai; e, como já disse, falava constantemente com Akasha.

Mas antes que eu passe a descrever esta última e mais importante de todas as minhas moradas européias, devo incluir um último detalhe trágico na história daquelas que perdi.

Quando meus inúmeros tesouros foram transportados para esse palácio no mar Egeu, quando meus livros, minhas esculturas, minhas finas tapeçarias e outras peças semelhantes foram despachados e desembalados por mortais crédulos, veio à luz um trecho final da história da minha amada Pandora.

No fundo de um caixote, um dos trabalhadores descobriu uma carta, escrita em pergaminho e dobrada ao meio, endereçada simplesmente a Marius.

Eu estava no terraço dessa nova casa, contemplando o mar e as muitas ilhotas que me cercavam, quando me

trouxeram a carta.

A folha de pergaminho estava grossa de poeira; e, assim que a abri, li uma data inscrita em tinta antiga que indicava ter a carta sido escrita na noite em que me despedi de Pandora.

Foi como se os cinqüenta anos que me separavam daquela dor não representassem nada.

Meu amado Marius,

Está quase amanhecendo, e tenho apenas alguns instantes para escrever-lhe. Como lhe disse, nossa carruagem parte daqui a uma hora, levando-nos para longe, tendo Moscou como destino final.

Marius, não quero mais nada a não ser ir procurá-lo agora, mas não posso fazer isso. Não posso procurar abrigo na mesma casa em que estão os Antigos.

Rogo-lhe, porém, meu amado, venha por favor a Moscou. Por favor, venha e me ajude a me libertar de Arjun. Mais tarde, você poderá me julgar e me condenar.

Preciso de você, Marius. Permanecerei nas proximidades do palácio do czar e da grande catedral até você chegar.

Marius, sei que estou lhe pedindo que faça uma longa viagem, mas venha, por favor.

Não importa o que eu tenha dito sobre meu amor por Arjun, agora sou escrava dele além do que deveria, e preferiria voltar a ser sua.

Pandora.

Fiquei sentado horas com a carta na mão; e então levantei-me devagar, fui até os criados e lhes pedi que me dissessem onde haviam encontrado a carta.

Ela estava numa caixa de livros da minha antiga biblioteca.

Como eu havia deixado de recebê-la? Teria Bianca escondido essa carta de mim? Isso eu não podia acreditar. Parecia que havia ocorrido alguma crueldade mais simples, do acaso — que um criado a teria posto na minha escrivaninha de

madrugada, e eu mesmo a teria deixado cair numa pilha de livros sem jamais me dar conta dela.

Mas que diferença fazia?

O terrível mal já estava feito.

Ela me havia escrito, e eu não tive conhecimento. Ela havia me implorado que fosse a Moscou, e eu, sem saber de nada, não fui. E eu não sabia onde encontrá-la. Tinha a confissão do seu amor, mas era tarde demais.

Nos meses que se seguiram, vasculhei a capital russa. Procurei na esperança de que ela e Arjun por algum motivo tivessem fixado residência lá.

No entanto, não encontrei sinal dela. O vasto mundo havia engolido Pandora, como havia engolido minha Bianca.

O que mais posso dizer para revelar a angústia dessas duas perdas — a de Pandora, a quem eu procurava havia tanto tempo, e a da minha doce e linda Bianca?

Com essas duas perdas, minha história chega ao fim. Ou melhor, eu deveria dizer que voltamos ao ponto de partida.

Retornamos agora à história da Rainha dos Condenados e do Vampiro Lestat que a despertou. E serei breve no meu novo relato dessa história. Pois acho que percebo com perfeita clareza o que é que curaria minha alma aflita mais que qualquer outra coisa. Mas, antes de poder passar a isso, precisamos retomar as travessuras de Lestat e a história de como perdi meu último amor, Akasha.

CAPÍTULO 34



O VAMPIRO LESTAT

COMO SABEM TODOS OS que acompanham nossas Crônicas, eu estava na ilha no mar Egeu, no comando de um pacífico mundo de mortais, quando Lestat, um jovem vampiro que não tinha mais que dez anos no Sangue, começou a me chamar.

Ora, eu defendia minha solidão com unhas e dentes. E nem mesmo a recente aparição de Amadeo, egresso do antigo bando de Paris, para tornar-se o Senhor do novo e absurdo Théâtre des Vampires, conseguiu me tirar da minha solidão.

É que, embora eu houvesse observado Amadeo às escondidas mais de uma vez, nele eu não via nada além da mesma tristeza confrangedora que havia conhecido em Veneza. Eu preferia a solidão a cortejá-lo.

No entanto, quando ouvi o chamado de Lestat, percebi nele uma inteligência poderosa e sem peias, e fui atendê-lo de imediato, salvando-o do seu primeiro retiro verdadeiro como bebedor de sangue, para trazê-lo à minha casa, o que lhe revelou sua localização.

Senti uma enorme efusão de amor por Lestat e, talvez de modo impetuoso, levei-o imediatamente ao santuário. Fiquei olhando petrificado enquanto ele se aproximava da Mãe; e depois, estupefato, quando a beijou.

Não sei se foi sua audácia ou a imobilidade dela o que tanto me assombrou. Mas pode ter certeza de que eu estava pronto para intervir se Enkil tentasse feri-lo.

Quando Lestat se afastou e me disse que a Mãe lhe confidenciara seu nome, fui apanhado desprevenido e dominado por uma súbita onda de um ciúme tremendo.

Mas rejeitei esse sentimento. Eu estava apaixonado demais por Lestat e disse a mim mesmo que esse aparente milagre no santuário trazia apenas boas perspectivas — que esse jovem bebedor de sangue poderia de algum modo acender a vida nos dois Pais.

Por isso, levei-o à minha sala de estar, como já descrevi e como ele mesmo descreveu, e lhe contei a longa história dos meus primórdios. Contei-lhe a história da Mãe e do Pai, e de sua quietude interminável.

Ele me parecia um aluno esplêndido durante todas as horas em que conversamos. Na realidade, acho que nunca me senti mais próximo de ninguém na minha vida do que me sentia de Lestat. Nem mesmo com Bianca isso havia ocorrido. Em seus dez anos no Sangue, Lestat percorrera o mundo, devorara a grande literatura de muitas nações, e trazia à nossa conversa um vigor que nunca havia visto de verdade em ninguém que eu houvesse amado, nem mesmo em Pandora.

Na noite seguinte, porém, quando eu estava tratando de assuntos com meus súditos mortais, que eram numerosos, Lestat desceu ao santuário, levando consigo um violino que no passado havia pertencido ao seu amigo e companheiro como bebedor de sangue, Nicolas.

E imitando a técnica do amigo perdido, Lestat tocou violino com paixão e de modo assombroso para os Pais Divinos.

Através da curta distância de alguns quilômetros, ouvi a música. E então ouvi uma nota aguda, como a que nenhum mortal poderia jamais emitir. Na realidade, parecia o canto das Sereias da mitologia grega; e enquanto fiquei ali me perguntando o que aquele som poderia ser, ele se extinguiu até restar apenas o silêncio.

Tentei cobrir a distância que me separava de casa; e o que eu via através da mente sem véus de Lestat desafiava minha capacidade de acreditar.

Akasha havia se levantado do trono e segurava Lestat nos braços. E, enquanto ele bebia de Akasha, Akasha bebia de Lestat.

Virei-me e voltei a toda a velocidade na direção da minha casa e do santuário. Mas, no exato instante em que fazia isso, a cena mudou de modo fatal.

Enkil ergueu-se e arrancou Lestat do abraço da Mãe, e ela ficou ali berrando por Lestat em tons que poderiam ensurdecer qualquer mortal.

Descendo às pressas a escadaria de pedra, encontrei as portas do santuário deliberadamente fechadas para impedir minha entrada. Comecei a socá-las com toda a minha força. E o tempo todo eu enxergava o que acontecia lá dentro, através dos olhos de Lestat: vi que Enkil forçava Lestat a ficar deitado no chão e, apesar dos berros de Akasha, pretendia esmagar Lestat.

Ai, como eram queixosos seus berros, apesar de todo o seu volume.

Em desespero, gritei para ele.

— Enkil, se você ferir Lestat, se você o matar, eu a levarei para longe de você para sempre, e ela me ajudará. Meu Rei, é isso o que ela quer!

Eu mal podia acreditar que havia gritado essas palavras, mas elas surgiram na minha cabeça imediatamente e não havia tempo para eu refletir sobre elas.

As portas do santuário foram abertas de imediato. Que cena impossível e apavorante: as duas criaturas brancas e rígidas ali paradas, em seus trajes egípcios, ela com sangue gotejando da boca; e Enkil, ali em pé, porém como se estivesse em sono profundo.

Horrorizado, vi que o pé de Enkil estava pousado no peito de Lestat. Mas Lestat ainda estava vivo. Lestat estava ileso. Ao seu lado, o violino, destroçado. Akasha olhava para a

frente como se nunca tivesse despertado, olhava através de mim.

Agi com rapidez e pus as mãos nos ombros de Enkil.

— Volte, meu Rei — disse eu. — Volte. Você já realizou seu intento. Por favor, faça o que lhe imploro. Você sabe como eu respeito seu poder.

Aos poucos ele retirou o pé do tórax de Lestat, com o rosto sem expressão, os movimentos lentos como sempre. E aos poucos eu consegui levá-lo até os degraus do tablado. Devagar ele se voltou para subir os dois degraus e devagar ele se sentou no trono. E eu com mãos apressadas arrumei seus trajes com cuidado.

— Lestat, corra — disse eu, com firmeza. — Não me questione nem por um instante. Fuja correndo daqui.

E enquanto Lestat me obedecia, voltei-me para Akasha. Estava parada como que perdida num sonho, e eu pus as mãos com muito cuidado nos seus braços.

— Minha bela — murmurei. — Minha soberana. Permita que eu a leve de volta ao trono.

Como sempre fizera no passado, ela me obedeceu.

Em alguns instantes, eles estavam como sempre haviam estado, como se tivesse sido uma ilusão a vinda de Lestat, uma ilusão que sua música a houvesse acordado.

Mas eu sabia que não se tratava de ilusão. E enquanto olhava fixo para ela, enquanto falava com ela com meu jeito cheio de intimidade, fui dominado por um novo medo que não lhe relatei.

— Você é bela e imutável — disse eu —, e o mundo é indigno de você. Ele é indigno do seu poder. Você dá ouvidos a tantas preces, não é? E foi assim que escutou essa música linda, que a deixou encantada. Talvez eu possa lhe trazer música… trazer quem saiba tocar e acredite que você e o Rei não são mais que estátuas…

Interrompi essa fala tresloucada. O que eu estava tentando fazer?

A verdade é que eu estava apavorado. Lestat havia cometido uma violação da ordem que eu jamais imaginara; e eu me perguntava o que o futuro poderia reservar se alguém mais tentasse algo semelhante!

Mas a questão principal, à qual eu me agarrava na minha raiva, era o seguinte: eu havia restaurado a ordem. Por meio de ameaças a Sua Majestade Real, eu o havia forçado a voltar ao trono; e ela, minha amada Rainha, o acompanhara.

Lestat havia feito o impensável. Mas Marius havia conseguido remediar a situação.

Afinal, quando meu medo e minha fúria atenuavam-se, desci até as rochas à beira-mar para me encontrar com Lestat e repreendê-lo; mas descobri que eu estava mais descontrolado do que imaginava.

Quem, a não ser Marius, sabia havia quanto tempo esses Pais se mantinham em silêncio? E agora esse novato que eu tanto queria amar, que eu tanto queria instruir, que eu tanto queria envolver — esse novato havia extraído deles um movimento que só o estimulava a ser mais audacioso.

Lestat queria libertar a Rainha. Lestat achava que devíamos aprisionar Enkil. Creio que devo ter rido. Sem dúvida, eu não conseguia pôr em palavras o quanto eu temia os dois.

Mais tarde naquela noite, enquanto Lestat caçava nas ilhas distantes, ouvi ruídos estranhos provenientes do santuário.

Desci e descobri que vários objetos estavam espatifados. Jarros, lâmpadas, jaziam caídos ou quebrados. Velas haviam sido atiradas aqui e ali. Qual dos dois Pais fez isso? Nenhum dos dois se mexia. Eu não tinha como saber, e mais uma vez o medo aumentou dentro de mim.

Por um desesperado instante de egoísmo, olhei para Akasha e pensei, vou entregá-la a Lestat se for isso o que você deseja! Basta que me diga como fazê-lo. Revolte-se comigo contra Enkil! Mas essas palavras não chegaram a se formar na minha cabeça.

Na minha alma, eu sentia um ciúme frio. Sentia uma mágoa de chumbo. Mas a verdade era que eu podia dizer a mim mesmo que foi a magia do violino, não é mesmo? Pois quando, nos tempos antigos, um instrumento semelhante havia sido ouvido? E ele, um bebedor de sangue, havia se apresentado diante dela para tocar, com grande probabilidade deturpando e deformando a música de modo enlouquecedor.

Nisso, entretanto, não havia consolo algum para mim. Ela havia despertado para ele!

E enquanto eu estava parado no silêncio do santuário, com o olhar fixo em todos aqueles objetos quebrados, ocorreu-me um pensamento como se ela o tivesse posto na minha cabeça.

Eu o amei como você o amou, e gostaria de tê-lo aqui como você gostaria. Mas isso não é possível.

Fiquei paralisado.

E então fui me aproximando dela como fizera centenas de vezes, avançando devagar para que ela pudesse me rejeitar, se quisesse; para que ele pudesse me negar o acesso com até mesmo a mais ínfima demonstração de poder. E afinal bebi do seu sangue, talvez da mesmíssima veia no pescoço branco, não sei, e recuei, com os olhos a observar o rosto de Enkil.

As frias feições de Enkil não indicavam nada a não ser indiferença.

Quando acordei na noite seguinte, ouvi ruídos provenientes do santuário. Encontrei quebrados outros dos muitos objetos de valor.

Senti que não tinha escolha senão mandar Lestat embora. Não tinha conhecimento de nenhuma outra solução.

Foi mais uma despedida amarga e terrível — tão angustiante quanto minha despedida de Pandora, ou de Bianca.

Nunca me esquecerei de como ele estava atraente, com o célebre cabelo louro e os insondáveis olhos azuis, como sua juventude era eterna, como estava tomado de esperanças frenéticas e sonhos fantásticos, e como ficou ferido e abalado por ter de ser mandado embora. Como doía meu coração por

eu ter de fazer isso. Meu único desejo era mantê-lo junto a mim — meu pupilo, meu amante, meu rebelde. Eu adorava tanto sua fala agitada, as perguntas francas, as audaciosas súplicas pelo coração e pela liberdade da Rainha. Nós não teríamos algum meio de salvá-la de Enkil? Não poderíamos de algum modo reanimá-la? Mas ai, era tão perigoso até mesmo falar nesses assuntos, e Lestat não conseguia compreender isso.

E foi assim que tive de renunciar a esse novato, esse jovem que tanto amei, por mais que isso me partisse o coração, por mais solitária que minha alma ficasse, por mais que meu intelecto e espírito ficassem abalados.

Só que agora eu estava realmente com medo do que Akasha e Enkil poderiam fazer se fossem despertados mais uma vez. E eu não podia compartilhar meu temor com Lestat, para não assustá-lo nem chegar a instigá-lo ainda mais.

Veja bem, já naquela época eu compreendia como ele era inquieto, como se sentia infeliz no Sangue, e como ansiava por um objetivo no mundo mortal, com a nítida consciência de que não possuía nenhum.

E eu, sozinho no meu paraíso no mar Egeu, depois que ele se foi, realmente cogitei se deveria destruir a Mãe e o Pai.

Todos os que leram nossas Crônicas sabem que o ano em que isso aconteceu foi o de 1794, e o mundo tinha maravilhas em profusão.

Como eu poderia continuar a abrigar esses seres que poderiam ser uma ameaça a ele? No entanto, eu não queria morrer. Não, eu na verdade jamais quis morrer. E por isso não destruí o Rei e a Rainha. Continuei a cuidar deles, a cumulá-los de símbolos de adoração.

E, enquanto íamos mergulhando nos inúmeros assombros do mundo moderno, eu temia a morte mais do que nunca.

CAPÍTULO 35



A ASCENSÃO E QUEDA DE AKASHA

TALVEZ TENHA SIDO há uns vinte anos que atravessei o oceano trazendo a Mãe e o Pai para a América e para os desertos gelados no norte, onde criei por baixo do gelo minha bela casa de esplêndida tecnologia, descrita por Lestat em *A rainha dos condenados,* casa da qual a Rainha se ergueu.

Permita-me repassar rapidamente o que já foi mencionado aqui antes: que construí um admirável santuário moderno para o Rei e a Rainha, com uma tela de televisão que lhes trouxesse música e outras formas de diversão, bem como "notícias" de todo o planeta.

Quanto a mim, eu estava morando sozinho nessa casa, usufruindo de toda uma série de bibliotecas e aposentos bem aquecidos enquanto me dedicava à minha eterna leitura e escrita, enquanto assistia a filmes e documentários que me despertavam forte curiosidade.

Eu entrara no mundo mortal uma vez ou duas como cineasta, mas em geral levava uma vida solitária e sabia pouquíssimo ou nada dos outros Filhos dos Milênios.

Enquanto não chegasse a hora em que Bianca ou Pandora quisessem voltar a se unir a mim, de que me importavam os outros? E, quanto ao Vampiro Lestat, quando ele surgiu com seu *rock* vigoroso, achei engraçadíssimo. Que

disfarce mais perfeito para um vampiro, pensei, que o de um roqueiro?

Porém, à medida que seus inúmeros clipes de *rock* foram aparecendo, dei-me conta de que ele estava apresentando naquele formato toda a história que eu lhe revelara. E percebi também que bebedores de sangue do mundo inteiro estavam assestando sua artilharia contra ele.

Tratava-se de seres jovens cuja existência eu não percebera, e fiquei totalmente perplexo ao ouvir, com o Dom da Mente, o clamor de suas vozes, diligentes em busca de outros.

Mesmo assim, não dei nenhuma importância. Eu não imaginava que sua música pudesse afetar o mundo — nem o mundo dos mortais, nem o nosso — até a própria noite em que desci ao santuário subterrâneo e descobri meu Rei, Enkil, um ser oco, uma simples casca, uma criatura cujo sangue havia sido totalmente esgotado, sentado em posição tão periclitante no trono que, quando o toquei com os dedos, ele caiu no piso de mármore, com o cabelo negro trançado quebrando-se em pequenos estilhaços.

Estarrecido, fiquei olhando para a cena! Quem poderia ter feito uma coisa daquelas? Quem poderia ter lhe esgotado a última gota de sangue? Quem poderia tê-lo destruído?!

E onde estava minha Rainha, será que tivera o mesmo destino? Será que toda a lenda d'Aqueles Que Devem Ser Preservados havia sido um engodo desde o início?

Eu sabia que ela não era uma mentira, e sabia quem era o único ser capaz de infligir um destino daqueles a Enkil, o único ser em todo o mundo que tinha tamanha astúcia, intimidade, conhecimento e tamanho poder.

Em segundos, dei as costas ao invólucro caído de Enkil para descobrir que ela estava em pé a menos de dez centímetros de mim. Seus olhos negros estavam contraídos e animados com vida. Seus trajes reais eram a roupa que eu havia posto no seu corpo. Os lábios vermelhos mostravam um sorriso de zombaria; e então dela veio um riso perverso.

Como a odiei por essa risada.

Estava com medo dela e a odiava por rir de mim.

Toda a minha sensação de posse aflorou: o fato de ela ser minha e agora ousar voltar-se contra mim.

Onde estava a doçura com a qual eu havia sonhado? Eu vivia um pesadelo.

— Meu caro servo — disse ela —, você nunca teve o poder de me impedir de nada!

Era inconcebível que essa criatura que eu tanto protegera pelos tempos afora agora se voltasse contra mim. Era inconcebível que essa criatura que eu adorara com tanto abandono agora escarnecesse de mim.

Veio-me aos lábios algo irrefletido e digno de dó.

— Mas o que você quer? — perguntei, como se estivesse tentando compreender o que estava acontecendo. — O que você pretende fazer?

Foi um assombro que ela chegasse a me dar até mesmo uma resposta debochada.

Ela se perdeu no ruído da explosão da tela da televisão, no som de metal sendo rasgado e no fragor do gelo que caía.

Com uma força incalculável, ela se ergueu das profundezas da casa, fazendo com que as paredes, os tetos e todo o gelo em volta desabassem por cima de mim.

Descobri-me soterrado, pedindo socorro.

E assim teve início o reinado da Rainha dos Condenados, muito embora ela jamais tivesse adotado esse nome para si mesma.

Você a viu enquanto ela percorria o mundo. Você a viu quando ela eliminou bebedores de sangue em toda a sua volta. Você a viu quando ela destruiu os bebedores de sangue que não serviam aos seus propósitos.

Você a viu quando ela conquistou Lestat para ser seu amante? Você a viu quando ela tentou apavorar mortais com exibições mesquinhas de poderes antiquados?

E aquele tempo todo, eu jazia esmagado por baixo do gelo — poupado, sem conseguir imaginar por que motivo — e enviava meu aviso a Lestat, de que ele corria perigo; enviava meu aviso a todos, de que também eles estavam em perigo. E também suplicava a qualquer Filho dos Milênios que viesse me ajudar a me erguer da fissura na geleira, onde eu havia sido soterrado.

E no mesmo instante em que chamava com minha voz poderosa, eu ia me curando. Comecei a movimentar o gelo à minha volta.

Afinal, porém, dois bebedores de sangue vieram me ajudar. Captei a imagem de um na mente do outro. E aquilo me parecia impossível, mas quem eu via com tanto brilho na visão do outro era nada mais nada menos que a minha Pandora.

Afinal, com a ajuda deles, rompi o gelo que me impedia de chegar à superfície, e saí livre sob os céus árticos. Segurei a mão de Pandora e depois a envolvi num abraço, recusando-me a pensar por um instante sequer em qualquer outra coisa, fosse na selvageria da minha Rainha, fosse na sua campanha mortífera.

Agora não havia palavra alguma, nem votos, nem rejeição. Abracei Pandora com amor, e ela sabia disso. E, quando olhei para o alto, quando desanuviei os olhos da dor, do amor e do medo, percebi que o bebedor de sangue que viera ao norte com ela, o que havia atendido ao meu chamado, era nada mais nada menos que Santino.

Por um momento, fui dominado por um ódio tal que senti vontade de destruí-lo de uma vez.

— Não — disse Pandora. — Marius, você não pode fazer isso. Agora todos nós somos necessários. E por que você acha que ele veio, se não como uma compensação pelo que lhe fez?

Ele estava ali parado na neve, em belos trajes negros, com o vento açoitando os cabelos negros; e pude ver que o medo o consumia, mas ele se recusava a confessá-lo.

— Isso não compensa de modo algum o que você me fez — disse-lhe eu. — Mas sei que Pandora tem razão: todos nós somos necessários. E é por esse motivo que vou poupá-lo.

Olhei para minha querida Pandora.

— Há um conselho que se está formando agora — disse eu. — E numa casa enorme na floresta litorânea, um lugar de paredes de vidro. Vamos juntos para lá.

Você sabe o que aconteceu nessa ocasião. Nós nos reunimos em torno da grande mesa em meio às sequóias — como se fôssemos um grupo novo e fervoroso de Fiéis da Floresta — e quando a Rainha veio até nós com seu plano para levar o mal ao mundo inteiro, todos nós procuramos argumentar com ela.

Era seu sonho ser a Rainha dos Céus para a humanidade, matar crianças do sexo masculino aos bilhões e tornar o mundo um "jardim" de mulheres de disposição terna. Era uma idéia horrenda e impossível.

Ninguém lutou com mais afinco que a ruiva sua Criadora, Maharet, para desviar Akasha dos seus objetivos, censurando-a por ousar mudar o curso da história humana.

Eu mesmo, pensando com ironia nos belos jardins que via quando sorvia seu sangue, arrisquei-me repetidamente a ser alvo do seu poder fatal ao suplicar que desse ao mundo o tempo para cumprir seu próprio destino.

Ai, era de arrepiar ver essa estátua viva agora falar comigo com tanta frieza e no entanto com uma determinação tão forte e um temperamento tão desdenhoso. Como eram grandiosos e malignos seus planos, de matar crianças do sexo masculino, de unir as mulheres num culto supersticioso.

O que nos deu coragem para enfrentá-la? Não sei. Só que sabíamos que precisávamos agir daquela forma. E, o tempo todo, enquanto ela nos ameaçava repetidamente de morte, eu só imaginava que poderia ter impedido tudo aquilo, que eu poderia ter evitado que aquilo chegasse um dia a acontecer se tivesse acabado com ela e com todos nós.

Nas circunstâncias, ela nos destruirá e seguirá em frente, pensei. E quem irá impedir?

A certa altura, ela me derrubou para trás com um braço, tão veloz foi sua ira diante das minhas palavras. E foi Santino quem veio em meu auxílio. Odiei-o por isso, mas não havia mais tempo para sentir ódio por ele nem por ninguém.

Afinal ela lançou sua condenação sobre todos nós. Já que não queríamos apoiá-la, seríamos destruídos, um a um. Começaria por Lestat, pois considerava seu insulto a ela o mais grave de todos. E ele lhe oferecera resistência. Com bravura, havia ficado do nosso lado, suplicando-lhe que usasse a razão.

Nesse momento terrível, levantaram-se os anciãos, aqueles da Primeira Leva que haviam sido transformados em bebedores de sangue durante o próprio período da vida mortal dela, e aqueles Filhos dos Milênios, como Pandora, eu mesmo e Mael, entre outros.

No entanto, antes que a pequena luta assassina pudesse começar, chegou ao nosso meio outra, que se aproximou com ruído, subindo pela escada de ferro do condomínio da floresta onde estávamos reunidos, até que no portal vimos a gêmea de Maharet, sua irmã muda, a irmã de quem Akasha havia arrancado a língua: Mekare.

Foi ela que, agarrando os longos cabelos negros da Rainha, bateu com sua cabeça na parede de vidro, quebrando-a, e separando a cabeça do corpo. Foi ela que, junto com a irmã, se ajoelhou no chão para recuperar da Rainha decapitada o Cerne Sagrado de todos os vampiros.

Se esse Cerne Sagrado — essa raiz fatal — estava impregnado no coração ou no cérebro, eu não sei. Só sei que Mekare, a muda, tornou-se seu novo tabernáculo.

E depois de alguns momentos de trevas confusas, durante os quais todos nós nos perguntávamos se a morte iria nos levar naquele instante ou não, recuperamos nossas forças e levantamos os olhos para ver as gêmeas em pé diante de nós.

Maharet enlaçava Mekare pela cintura; e Mekare, vinda de um isolamento brutal em local que ignoro, apenas mantinha o olhar fixo no vazio, como se estivesse experimentando alguma paz serena, mas nada mais que isso. E dos lábios de Maharet vieram as palavras:

— Olhem. A Rainha dos Condenados.

Estava terminado.

O reinado da minha amada Akasha — com todos os seus sonhos e esperanças — tinha abruptamente chegado ao fim.

E eu não carregava mais nos ombros pelo mundo afora o peso d'Aqueles Que Devem Ser Preservados.

Fim da história de Marius

CAPÍTULO 36



O OUVINTE

MARIUS ESTAVA EM PÉ junto à janela de vidro, olhando para a neve lá fora. Thorne, sentado junto ao fogo que se apagava, apenas olhava para Marius.

— E assim você me contou uma história longa e bela — disse Thorne —, e eu me descobri maravilhosamente enredado nela.

— Você? — disse Marius, baixinho. — E talvez eu agora me encontre enredado no meu ódio por Santino.

— Mas Pandora estava com você — disse Thorne. — Vocês se reconciliaram. Por que ela não está com você agora? O que houve?

— Eu me reuni a Pandora e Amadeo — disse Marius. — Tudo aconteceu naquelas noites. E desde então eu os vejo com freqüência. Mas sou uma criatura ferida. E fui eu quem desistiu da companhia deles. Agora poderia procurar Lestat e os que estão com ele. Mas não procuro.

"Minha alma ainda dói pelas perdas que sofri. Não sei o que me causa a dor mais forte: a perda da minha deusa ou meu ódio por Santino. Ela está para sempre fora do meu alcance. Mas Santino continua vivo."

— Por que você não acaba com ele? — perguntou Thorne. — Eu o ajudo a encontrá-lo.

— Tenho como encontrá-lo — disse Marius. — Mas, sem a permissão dela, não posso fazer nada.

— De Maharet? — perguntou Thorne. — Mas por quê?

— Porque ela é a mais velha de nós agora, ela e a irmã gêmea, muda. E nós precisamos ter um líder. Mekare não pode falar e talvez não tenha tino suficiente para falar mesmo que pudesse. Por isso, é com Maharet. E mesmo que ela se recuse a permitir ou a julgar, é meu dever apresentar a pergunta a ela.

— Entendo — disse Thorne. — Na minha época, nós nos reuníamos para resolver esse tipo de questão, e um homem poderia exigir pagamento de outro que o tivesse prejudicado.

Marius concordou.

— Acho que preciso buscar a morte de Santino — murmurou. — Estou em paz com todos os outros, mas a ele eu gostaria de usar de violência.

— E deveria mesmo — disse Thorne — por tudo o que me contou.

— Andei chamando por Maharet — disse Marius. — Fiz com que ela soubesse que você está aqui e que está à procura dela. Fiz com que ela soubesse que preciso consultá-la sobre Santino. Anseio por suas palavras sábias. Talvez eu queira ver seus olhos mortais exaustos a me contemplar com compaixão.

"Lembro-me da sua brilhante resistência à Rainha. Lembro-me da sua força, e *talvez* eu agora precise dela… Talvez a esta altura ela tenha encontrado para si os olhos de algum bebedor de sangue e não precise mais sofrer com os olhos das suas vítimas humanas."

Thorne continuou sentado por um bom tempo, pensando. Depois, levantou-se do sofá. Aproximou-se da vidraça ao lado de Marius.

— Você consegue ouvir sua resposta? — perguntou ele, sem conseguir disfarçar a emoção. — Quero ir até ela. Preciso ir até ela.

— Será que não lhe ensinei nada? — perguntou Marius. E voltou-se para Thorne. — Eu não o ensinei a lembrar-se

dessas criaturas tenras e complexas com amor? Talvez não. Achei que essa fosse a lição das minhas histórias.

— Ah, é verdade, isso você me ensinou — disse Thorne — e eu realmente a amo, na medida em que ela é tenra e complexa, como você disse com tanta delicadeza. Mas, veja bem, eu sou um guerreiro e nunca fui talhado para a eternidade. E o ódio que você nutre por Santino é igual à paixão que eu nutro por ela. E a paixão pode ser para o mal ou para o bem. Não tenho como me controlar.

Marius abanou a cabeça.

— Se ela vier a nós — disse ele — eu só vou perder você. Como já lhe disse antes, você não tem nenhuma possibilidade de fazer mal a ela.

— Talvez sim, talvez não — disse Thorne. — Mas qualquer que seja a verdade, preciso vê-la. Ela sabe por que eu vim, e nessa questão sua vontade prevalecerá.

— Agora vamos — disse Marius —, está na hora de irmos descansar. Ouço vozes estranhas no ar da manhã. E estou sentindo a necessidade desesperada de dormir.

QUANDO THORNE ACORDOU, descobriu-se num caixão de madeira lisa.

Sem medo, levantou a tampa com facilidade e a abriu para um lado antes de se sentar para poder ver o lugar à sua volta.

Era uma espécie de gruta, e mais além ele ouvia o coro estridente de uma floresta tropical.

Todas as fragrâncias da selva verde invadiram suas narinas. Ele achou estranho e delicioso, e soube que aquilo só podia significar uma coisa: que Maharet o trouxera ao seu esconderijo.

Saiu do caixão, com a dignidade possível, para um recinto espaçoso com muitos bancos de pedra espalhados. Em três lados a selva crescia densa e cheia de vida contra uma fina

tela de arame, e através da tela, no alto, caía um chuvisco fino que o refrescou.

Olhando para a direita e para a esquerda, viu entradas para outros lugares abertos de natureza semelhante. E, acompanhando os sons e cheiros como qualquer bebedor de sangue poderia acompanhar, seguiu para a direita até entrar num aposento enorme, onde sua Criadora estava sentada como a havia visto no próprio início da sua longuíssima vida, num gracioso vestido de lã roxa, arrancando os cabelos ruivos da cabeça para tecê-los com a roca e o fuso.

Por muitos longos minutos, apenas ficou olhando para ela, como se não conseguisse acreditar nessa visão.

E ela, de perfil, sem dúvida sabendo que ele estava ali, continuou com o trabalho, sem lhe dirigir a palavra.

Do outro lado da sala, Thorne viu Marius sentado num banco e então percebeu que uma mulher linda e majestosa estava sentada ao seu lado. Era sem dúvida Pandora. Na realidade, ele a reconheceu pelo cabelo castanho. E lá do outro lado de Marius estava o menino de cabelos castanho-avermelhados que ele descrevera: Amadeo.

No entanto havia também outra criatura no local; e essa era sem dúvida Santino, o de cabelos negros. Estava sentado não longe de Maharet e, quando Thorne entrou, pareceu encolher-se. Olhou então de relance para Marius e também recuou, voltando-se afinal para Maharet, como que em desespero.

Covarde, pensou Thorne, mas não disse nada.

Maharet virou a cabeça devagar até poder ver Thorne e até ele poder ver seus olhos — olhos humanos — tristes e cheios de sangue, como sempre.

— O que eu posso lhe dar, Thorne — perguntou ela —, para devolver a serenidade à sua alma?

Ele abanou a cabeça. Fez um gesto pedindo silêncio, não para forçá-la, mas apenas como súplica.

E nesse meio tempo, Marius pôs-se de pé, e no mesmo instante Pandora e Amadeo se postaram de cada lado seu.

— Pensei muito e com muito cuidado — disse Marius, com os olhos em Santino. — E não posso destruí-lo se você me proibir. Não quero destruir a paz com um ato desses. É forte demais minha crença em que precisamos nos ater a normas, ou todos nós pereceremos.

— Então está encerrado — disse Maharet, com a voz familiar provocando calafrios em Thorne —, pois eu jamais lhe concederei o direito de destruir Santino. E verdade, ele o feriu, e foi terrível. E eu o ouvi à noite descrevendo seu sofrimento a Thorne. Escutei entristecida suas palavras. Mas agora você não pode destruí-lo. Eu o proíbo. E se você se voltar contra mim, não haverá ninguém que possa controlar ninguém mais.

— Isso não pode ser — disse Marius, com a expressão sombria e consternada. Olhou com raiva para Santino. — É preciso que haja alguém que contenha os outros. Mesmo assim, não posso tolerar que ele viva depois do que me fez.

Para espanto de Thorne, o rosto juvenil de Amadeo demonstrava apenas perplexidade.

Quanto a Pandora, ela parecia triste e ansiosa, como se temesse que Marius não cumprisse a palavra dada.

Mas Thorne sabia que não era assim.

E enquanto avaliava agora essa criatura de cabelos negros, Santino levantou-se do banco e recuou, afastando-se de Thorne, apavorado, com o dedo apontado para ele.

Mas não foi rápido o bastante.

Thorne enviou toda a sua força contra Santino, e tudo o que Santino pôde fazer enquanto caía de joelhos foi gritar "Thorne" repetidamente, com o corpo explodindo, o sangue escorrendo de cada orifício, o fogo afinal brotando do seu peito e da cabeça enquanto ele se contorcia e caía no piso de pedra, com as chamas acabando por consumi-lo.

Maharet deu um terrível uivo de tristeza, e sua irmã veio até o amplo recinto, com os olhos azuis procurando a fonte da dor na irmã.

Maharet pôs-se de pé. Contemplou a gordura e as cinzas que estavam ali no chão diante dela.

Thorne olhou para Marius. Viu um pequeno sorriso amargo na boca de Marius, que então voltou o olhar para ele, abaixando a cabeça em reconhecimento.

— Não é preciso agradecer — disse Thorne.

Olhou então para Maharet, que estava chorando com a irmã agora segurando seus braços com firmeza e implorando em silêncio que lhe desse uma explicação.

— Compensação, minha Criadora — disse Thorne. — Como se fazia na minha época, estou cobrando a compensação ou pagamento pela minha própria vida que você roubou quando me fez bebedor de sangue. Eu a cobro através da vida de Santino, que destruo debaixo do seu teto.

— É verdade, e contra minha vontade — exclamou Maharet. — Você cometeu esse ato terrível! E Marius, seu próprio amigo, disse que sou eu quem deve mandar aqui.

— Se quiser mandar aqui, faça-o por si mesma — respondeu Thorne. — Não recorra a Marius para lhe dizer como fazê-lo. Ah, veja seus queridos instrumentos, a roca e o fuso. Como irá proteger o Cerne Sagrado se não tem força para combater os que se opõem a você?

Ela não conseguiu responder; e Thorne via que Marius estava com raiva e que Mekare o encarava com ar ameaçador.

Foi na direção de Maharet, olhando atentamente para ela, para seu rosto liso que agora não apresentava traço algum de vida humana, com os olhos vermelhos aparentemente engastados numa escultura.

— Quem dera eu tivesse uma faca — disse ele —, uma espada. Quem dera eu tivesse qualquer arma que pudesse usar contra você. — E então ele tomou a única atitude que podia tomar. Segurou-a pelo pescoço com as duas mãos e tentou derrubá-la.

Era como estar agarrando uma peça de mármore.

No mesmo instante, veio dela um grito histérico. Thorne não conseguiu entender as palavras, mas, quando a irmã o afastou com delicadeza, ele soube que havia sido uma advertência para seu próprio bem. Ele ainda estendeu as mãos, lutando para se libertar, mas foi em vão.

Essas duas eram invencíveis, juntas ou separadas, não fazia diferença.

— Ponha um ponto final nisso — exclamou Marius. — Já chega. Ela sabe o que está no seu coração. Você não pode querer mais que isso.

Maharet deixou-se cair no banco e ali ficou sentada, chorando, com a irmã ao lado. Os olhos de Mekare, fixos em Thorne, cheios de desconfiança.

Thorne podia ver que todos sentiam medo de Mekare, mas não ele; e, quando voltou a pensar em Santino, quando olhou para a mancha negra nas pedras, sentiu um prazer forte e profundo.

Depois, movimentando-se com rapidez, ele abordou a gêmea muda e murmurou apressado algo no seu ouvido, algo que era só para ela ouvir, perguntando-se se ela captaria o sentido.

Um segundo depois, soube que ela havia captado, sim. Enquanto Maharet observava assombrada, Mekare forçou-o a cair de joelhos. Agarrou-lhe o rosto e o virou para cima. E então ele sentiu que ela enfiava os dedos nas suas órbitas para retirar-lhe os olhos.

— Isso, isso mesmo, essas trevas abençoadas — disse ele — e depois as correntes, eu lhe suplico, as correntes. Se não for assim, acabem comigo.

Através da mente de Marius, viu a imagem de si mesmo tateando às cegas. Viu o sangue escorrendo pelo rosto. Viu Maharet quando Mekare punha os olhos na sua cabeça. Viu essas duas mulheres altas e delicadas com os braços enredados: uma lutando, mas não o suficiente, e a outra insistindo para que o ato se cumprisse.

Sentiu então outros reunidos ao seu redor. Sentiu o tecido dos seus trajes, sentiu as mãos lisas.

E somente ao longe ouvia o choro de Maharet. Ele estava sendo acorrentado. Sentiu os grossos elos das correntes e soube que não teria como se soltar delas. E, ao ser arrastado ainda para mais longe, não disse nada.

O sangue escorria das suas órbitas. Ele sabia. E em algum lugar vazio e silencioso ele agora estava preso exatamente como havia sonhado. Só que ela não estava por perto. Não estava nem um pouco perto. Ele ouvia os sons da selva. E sentia saudade do frio do inverno. Aquele lugar era quente demais e por demais impregnado com o perfume de flores.

Mas ele se acostumaria ao calor. E se acostumaria às fragrâncias variadas.

— Maharet — murmurou.

Via de novo o que eles estavam vendo, em outro aposento, enquanto olhavam uns para os outros, todos eles falando com a voz contida sobre o destino de Thorne, e ninguém conseguia compreender plenamente. Soube que Marius estava intercedendo por ele, e soube que Maharet, que ele via perfeitamente através dos olhos deles, continuava tão linda quanto era quando o transformou.

De repente, ela desapareceu do grupo. E, sem ela, eles conversavam na penumbra.

Sentiu então a mão dela no seu rosto. Ele sabia. Reconhecia a lã macia do seu vestido. Reconheceu seus lábios quando ela o beijou.

— Você está mesmo com meus olhos — disse ele.

— Ah, estou, sim. Enxergo perfeitamente com eles.

— E essas correntes, elas são feitas do seu cabelo?

— São — respondeu ela. — Do cabelo ao fio, do fio à corda, da corda aos elos, foi como as teci.

— Minha tecelã — disse ele, sorrindo. — E quando for tecê-las agora, vai me manter perto de você?

— Vou — disse ela. — Sempre.

21:20h

19 de março de 2000



ANNE RICE nasceu em Nova Orleans, cenário principal de suas obras, onde vive atualmente em uma casa centenária no Garden District, próxima ao cemitério Lafayette, com o marido, o poeta Stan Rice, e o filho, o também escritor Christopher. Formada em Artes e Criação Literária por Berkeley, publicou seu primeiro livro, o clássico *Entrevista com o vampiro,* em 1976. Escreve também sob os pseudônimos de Anne Rampling e A. N. Roquelaure.

Da autora, a Rocco publicou *Entrevista com o vampiro,* O *vampiro Lestat, A rainha dos condenados, A história do ladrão de corpos, Memnoch, O vampiro Armand, Pandora, Vittorio, Merrick, A hora das bruxas, Lasher, Taltos, A múmia, Chore para o céu, O servo dos ossos* e *Violino.*

Capa: *Vênus e Marte* - Botticelli (detalhe). National Gallery, Londres/Superstock